

CENTAUR

JÚLIO VERNE

Os Exploradores do Século XIX

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Júlio Verne

OS EXPLORADORES DO SÉCULO XIX

Título original: *Les Voyageurs du XIXe Siècle* (1880)
Tradução: Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895)
2014 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

Índice

CAPÍTULO 1 — A AURORA DE UM SONHO DE DESCOBERTAS

CAPÍTULO 2 — EXPLORAÇÃO E COLONIZAÇÃO DA ÁFRICA

I
II

CAPÍTULO 3 — O MOVIMENTO CIENTÍFICO ORIENTAL E AS EXPLORAÇÕES AMERICANAS

CAPÍTULO 4 — OS CIRCUM-NAVEGADORES ESTRANGEIROS

CAPÍTULO 5 — OS CIRCUM-NAVEGADORES FRANCESES

I
II

CAPÍTULO 6 — AS EXPEDIÇÕES POLARES

I — O Pólo Sul
II — O Pólo Norte

Capítulo 1 — A Aurora de Um Sonho de Descobertas

O fim do século XVIII e o princípio do século XIX distinguem-se por um sensível esmorecimento na sequência das grandes descobertas geográficas.

Vimos a República francesa organizar a expedição de La Pérouse e o importante cruzeiro do capitão Baudin nas costas da Austrália. São essas as únicas provas de interesse que as paixões desencadeadas e as lutas fratricidas permitiram que o Governo desse a essa ciência, tão francesa contudo, a geografia.

Depois, no Egito, Bonaparte rodeou-se de um estado-maior de sábios e de artistas distintos. Então reuniram-se os elementos dessa grande e bela obra, que foi a primeira a dar uma ideia exata, ainda que incompleta, da antiga civilização da terra dos Faraós. Mas quando Napoleão, segundo a frase de Vítor Hugo, completamente transpareceu por baixo de Bonaparte, o soberano egoísta, sacrificando tudo à sua detestável paixão, a guerra, não quis ouvir falar mais em explorações, em viagens ou descobertas a fazer. Eram homens e dinheiro que lhe roubavam. O consumo que ele fazia desses dois géneros era tamanho que lhe não permitia tão fútil desperdício. Percebeu-se isso perfeitamente quando cedeu, por alguns milhões, aos Estados Unidos, a última relíquia do nosso império colonial na América.

Felizmente, os outros povos não estavam oprimidos por essa mão de ferro. Apesar de absorvidos pela sua luta contra a França, acharam ainda voluntários que ampliavam o campo dos conhecimentos geográficos, constituíam a arqueologia em bases verdadeiramente científicas e procediam às primeiras investigações linguísticas e etnográficas.

O sábio geógrafo Malte-Brun, num artigo que publicou em 1817 no princípio dos *Novos Anais de Viagens,* indica minuciosamente e com extrema

precisão o estado dos nossos conhecimentos geográficos no princípio do século XIX e os numerosos objetivos da ciência. Põe em relevo os progressos já realizados da navegação, da astronomia, da linguística. Muito longe de esconder as suas descobertas, como fizera, por ciúme, a Companhia da Baía de Hudson, a Companhia das Índias funda academias, publica memórias, anima os viajantes. Até a guerra se utiliza, e o exército francês colhe no Egito os materiais de uma obra imensa. Como em breve se vai ver, apoderou-se uma nobre emulação de todos esses povos.

Há contudo um país que preludia, logo no princípio deste século, as grandes descobertas que os seus viajantes tinham de fazer: é a Alemanha. Os seus primeiros exploradores procedem com tanto cuidado, são dotados de uma vontade tão firme e de um instinto tão seguro, que não deixam aos seus sucessores senão o cuidado de verificar e de completar as suas descobertas. O primeiro, pela data, é Ulrico Jasper Seetzen. Tendo nascido em 1767, em Ostfrisia, Seetzen, depois de ter acabado os seus estudos em Goettingen, começou por publicar alguns ensaios sobre estatística e sobre ciências naturais, para as quais sentia grande inclinação. Estas publicações chamaram para ele a atenção do Governo, que o nomeou conselheiro áulico da província de Tver.

O sonho de Seetzen, como foi depois também o sonho de Burckhardt, era uma viagem na África Central; mas quis preludiar essa viagem por uma exploração da Palestina e da Síria, países para os quais a Palestine Association, fundada em Londres em 1805, ia chamar a atenção pública. Seetzen não esperou essa época, e, munido de numerosas recomendações, partiu em 1802 para Constantinopla.

Apesar de se terem seguido, uns aos outros, na Terra Santa e na Síria, um grande número de viajantes, ainda se possuíam apenas noções extremamente vagas acerca destes países. A sua geografia física não estava suficientemente estabelecida, faltavam as observações, e certas regiões, tais como o Líbano e o mar Morto, nunca tinham sido exploradas. Quanto à geografia comparada, pode-se dizer realmente que ainda não existia. Foram necessários os estudos assíduos

da associação inglesa e a ciência dos seus viajantes para a constituir. Seetzen, que dirigia os seus estudos para diversos lados, achava-se pois admiravelmente preparado para explorar esse país, que, apesar de ter sido visitado tantas vezes, era realmente um país novo.

Depois de ter atravessado toda a Anatólia, Seetzen chegou a Alepo no mês de maio de 1804. Demorou-se ali perto de um ano, entregando-se ao estudo prático da língua árabe, fazendo extratos dos historiadores e dos geógrafos do Oriente, verificando a posição astronómica de Alepo e entregando-se a investigações de história natural, juntando manuscritos, traduzindo uma imensidade desses cantos populares e dessas lendas que são tão precisas para o conhecimento íntimo de uma nação.

De Alepo, Seetzen partiu, no mês de abril de 1805, para Damasco. A sua primeira viagem levou-o através dos territórios de Haurão e de Djolan, situados a sueste desta cidade. Até então nenhum viajante visitara essas duas províncias, que representam durante o domínio romano um papel muito importante na história dos judeus, com os nomes de Auranitis e de Gaulonitis. Seetzen foi o primeiro que deu uma ideia da sua geografia.

O Líbano e Balbek foram reconhecidos pelo ousado viajante; levou as excursões ao sul da Damascena, desceu à Judeia, explorou a parte oriental do Hermon, do Jordão e do mar Morto. Era a sede desses povos muito conhecidos na história judaica, os Amonitas, os Moabitas, os Galaditas, os Bataneus, etc. A parte meridional desta região tinha, no tempo da conquista romana, o nome de Peréa, e era ali que se encontrava a célebre Decápolis, ou Liga das Dez Cidades. Nenhum viajante moderno visitara essa região. Foi isso para Seetzen motivo de começar por aí as suas investigações.

Os seus amigos de Damasco tentaram dissuadi-lo dessa viagem, pintando-lhe as dificuldades e os perigos de uma estrada frequentada pelos beduínos, mas nada o podia fazer parar. Contudo, antes de visitar a Decápolis e de examinar o estado das suas ruínas, Seetzen percorreu uma pequena região, a Ladscha, que tinha muito má fama em Damasco, por causa dos beduínos que a ocupam, mas

que passava por encerrar antiguidades notáveis.

Tendo partido de Damasco a 12 de dezembro de 1805, com um guia arménio que errou o caminho logo no primeiro dia, Seetzen, prudentemente munido de um passaporte do paxá, fez-se acompanhar de aldeia em aldeia por um cavaleiro armado.

«A parte de Ladscha que vi», diz o viajante numa relação reproduzida nos *Antigos Anais das Viagens*, «não oferece, como Haurão, senão basalto muitas vezes porosíssimo e que forma em bastantes sítios vastos desertos de pedras. As aldeias, pela maior parte destruídas, estão situadas nos flancos dos rochedos. A cor negra dos basaltos, as casas, igrejas e torres desmoronadas, a falta total de árvores e de verdura, tudo dá a essas regiões um aspeto sombrio e melancólico, que enche a alma de um certo terror. Quase todas as aldeias oferecem, ou inscrições gregas, ou colunas, ou alguns outros restos da Antiguidade. (Copiei, entre outras, uma inscrição do imperador Marco Aurélio.) Os batentes das portas são, tanto aqui como no Haurão, de basalto.»

Apenas Seetzen chegara à aldeia de Gérata e gozara alguns instantes de descanso, uns dez homens a cavalo lhe anunciavam que tinham vindo, em nome do vice-governador do Haurão, para o prender. O seu amo, Omar-Agá, tendo sabido que o viajante já por ali fora visto no ano precedente e supondo que os seus passaportes eram falsos, ordenara-lhes que lho levassem.

A resistência era impossível. Sem se afligir com este incidente, que considerava como um simples contratempo, Seetzen entrou pelo Haurão, durante dia e meio, até que encontrou Omar-Agá no caminho da caravana de Meca.

Muito bem acolhido, o viajante no dia seguinte tornou a partir; mas o encontro que teve com muitos bandos de árabes, a quem impôs respeito pela sua atitude, deixou-lhe a certeza de que Omar-Agá quisera mandá-lo roubar.

De volta a Damasco, a muito custo encontrou um guia que consentisse em acompanhá-lo na sua viagem ao longo da margem oriental do Jordão e à roda do mar Morto. Todavia, um certo Yusuf-al-Malky, de religião grega, que comerciara, durante uns trinta anos, com as tribos árabes e percorrera os

territórios que Seetzen queria visitar, consentiu em acompanhá-lo.

Foi no dia 19 de janeiro de 1806 que os dois viajantes deixaram Damasco. Seetzen não levava outra bagagem que não fosse algumas roupas, os livros indispensáveis, papel para secar as plantas, e o sortimento de drogas necessárias para sustentar o seu papel de médico. Revestiu o trajo de um xeque de segunda classe.

Os dois distritos de Rascheia e de Hasbeia, situados no sopé do monte Hermon, cujo cimo desaparecia então debaixo de uma camada de neve, foram os que Seetzen explorou primeiro, porque eram os menos conhecidos da Síria.

Do outro lado da montanha o viajante visitou sucessivamente Aseha, aldeia habitada por drusos, Rascheia, residência do emir, Hasbeia, onde se hospedou em casa do sábio grego de Azur ou de Azeida, para quem levava uma carta de recomendação. O objeto que mais particularmente chamou a atenção do viajante nesse país montanhoso foi uma mina de asfalto, matéria «que se emprega aqui para se preservar as vinhas dos insetos».

De Hasbeia, Seetzen partiu em seguida para Baniass, a antiga Cesarea Philippi, hoje totalmente desaparecida. Se se podiam ainda encontrar os vestígios do seu muro de circunvalação, não sucedia o mesmo aos restos do templo magnífico que foi erigido por Herodes em honra de Augusto.

O rio de Baniass passava, na opinião dos antigos, por ser a origem de Jordão, mas é o rio de Hasbeny que, formando o braço mais comprido do Jordão, deve merecer esse nome. Seetzen reconheceu-o, assim como o lago Méron ou Samachonitis da antiguidade.

Nesse sítio, foi abandonado pelos seus arrieiros, que por nada deste mundo o quiseram acompanhar até à ponte Dschir-Behat-Jakub, e pelo seu guia Yusuf, que teve de mandar pela estrada real esperá-lo em Tiberíade, enquanto ele ia a pé por essa ponte tão temida, seguido por um só árabe.

Mas, em Dschir-Behat-Jakub, Seetzen não podia achar ninguém que quisesse acompanhá-lo pela margem oriental do Jordão, quando um indígena, sabendo a sua profissão de médico, lhe pediu que fosse visitar o seu xeque,

atacado de oftalmia, que residia na margem oriental do lago de Tiberíade.

Seetzen não deixou de aproveitar essa ocasião e fez bem, porque observou com vagar o mar de Tiberíade e o rio Wady-Szemmak, não sem se ter arriscado a ser roubado e assassinado pelo seu guia. Pôde enfim chegar a Tiberíade, ou a Tabaria dos Árabes, onde Yusuf o esperava havia já muitos dias.

«A cidade de Tiberíade», diz Seetzen, «está situada nas margens do lago deste nome, e do lado da terra é cercada de um bom muro de pedras de basalto; apesar disso, quase que nem merece o nome de vila. Não se encontra nela nenhum vestígio do seu antigo esplendor, mas reconhecem-se as ruínas da antiga cidade, que se estendem até aos banhos quentes situados a uma légua para leste. O famoso Djzzezar-Paxá mandou construir uma sala de banhos por cima da nascente principal. Se estes banhos estivessem situados na Europa, obteriam provavelmente a preferência sobre todos os banhos conhecidos. O vale em que se encontra o lago favorece, pela concentração do calor, a vegetação dos tamarindos, dos limoeiros, das laranjeiras e do anil, ao passo que o terreno mais elevado poderia fornecer as produções dos climas temperados.

A oeste da ponta meridional do lago jazem os restos da antiga cidade de Tariqueia. É ali que principia a bela planície El-ghor entre duas cordilheiras, planície pouco cultivada, que árabes nómadas percorrem.

Seetzen continuou sem incidente notável a sua viagem através da Decápolis, a não ser quando teve de se disfarçar em mendigo para escapar à rapacidade dos indígenas.

«Enfiei por cima da camisa», diz ele, «um velho *kambar* ou roupão e uma velha camisa de mulher, azul e rasgada, cobri a cabeça com alguns farrapos e os pés com tamancos. Um velho *abuffé*, em frangalhos, atirado para cima dos ombros, garantia-me contra o frio e contra a chuva, e um ramo de árvore serviu-me de bordão. O meu guia, cristão grego, adotou quase o mesmo disfarce, e foi nesse estado que percorremos o país durante dez dias, muitas vezes demorados por chuvas frigidíssimas, que nos molharam até aos ossos. Fui até obrigado a andar um dia inteiro, de pés descalços, na lama, porque me era impossível servir-

me dos meus tamancos nessa terra toda ensopado em água.»

A rua, que se encontra um pouco mais adiante, não é já senão um montão de ruínas desertas, e não se encontra ali nem o mínimo resto dos monumentos que a tornavam célebre outrora.

O distrito de El-Bolthin, que se segue, encerra muitos milhares de cavernas, cavadas na rocha, que os seus antigos habitantes ocupavam. Ainda sucede pouco mais ou menos o mesmo na ocasião da passagem de Seetzen.

Mkês era outrora uma cidade rica e importante, como o provam as suas ruínas, muito abundantes em colunas, e os seus sarcófagos. Seetzen identifica-a com Gadara, uma das cidades secundárias da Decapolitana.

A algumas léguas dali estão situadas as ruínas de Abil, a Abila dos antigos. Seetzen não pôde resolver o seu guia Aoser a lá ir, assustado como estava com boatos que corriam a respeito dos árabes Beni-Szahar. Teve pois de ir sozinho.

«Está totalmente arruinada e abandonada», diz o viajante; «já não há um só edifício de pé, mas as ruínas e os destroços atestam o seu passado esplendor. Encontram-se ali belos restos do antigo recinto e uma grande quantidade de abóbadas e de colunas de mármore, de basalto e de granito cinzento. Para lá deste recinto encontrei um grande número de colunas, duas das quais eram de uma grandeza extraordinária. Concluí por isso que havia ali um templo considerável.»

Saindo do distrito de El-Bolthin, Seetzen entrou no de Edschlun. Não tardou a descobrir as ruínas importantes de Dsoherrasch, que podem ser comparadas com as de Palmira e as de Balbek.

«Não se poderia explicar», diz Seetzen, «como esta cidade, outrora tão célebre, pôde escapar até hoje à atenção dos amadores da antiguidade. Está situada numa planície descoberta, muito fértil e atravessada por um rio. Antes de lá entrar, encontrei muitos sarcófagos com belíssimos baixos-relevos, entre os quais, à borda da estrada, notei uma inscrição grega. Os muros da cidade estão absolutamente desmoronados, mas ainda se reconhece toda a sua extensão, que pode ter sido de três quartos de légua ou mesmo de uma. Esses muros eram

inteiramente construídos de pedra mármore. O espaço interior é desigual e abaixa-se para o rio. Nenhuma casa particular se conservou; em paga, notei muitos edifícios públicos, que se distinguiam pela sua magnífica arquitetura. Encontrei ali dois belíssimos anfiteatros, construídos solidamente de mármore, com colunas, nichos, etc., tudo bem conservado; alguns palácios e três templos, um dos quais tinha um peristilo de doze grandes colunas de ordem coríntia, onze das quais estão ainda de pé. Noutro desses templos vi umas colunas derribadas, do mais belo granito polido do Egito. Ainda encontrei uma bela porta de cidade, bem conservada, formada de três arcadas e ornada de pilastras. O mais belo monumento que ali achei era uma rua comprida, cruzada por outra e guarnecida de ambos os lados de colunas de mármore da ordem coríntia, e uma das extremidades da qual terminava numa praça semicircular, cercada de colunas da ordem jónica. No ponto em que as duas ruas se cruzam, vê-se, em cada um dos quatro ângulos, um grande pedestal de pedra de cantaria, que outrora provavelmente sustentava estátuas. Ainda se reconhece uma parte do lajedo, feito de grandes pedras de cantaria. Em geral, contei perto de duzentas colunas, que ainda suportam em parte o seu entablamento, mas o número das que estão derribadas é infinitamente mais considerável, porque não vi senão metade da extensão da cidade, e encontrar-se-á, provavelmente, na outra, para além do rio, ainda uma grande quantidade de curiosidades notáveis.»

Na opinião de Seetzen, Dscherrasch não pode ser senão a antiga Gerasa, cidade que fora até então colocada de um modo muito defeituoso em todos os mapas.

O viajante atravessou logo depois a Serka, o Jabok dos historiadores hebreus, que formava o limite setentrional do país dos Amonitas, penetrou no distrito de El-Belka, país outrora florescente, mas então absolutamente inculto e deserto, onde apenas se encontra uma só vila, Szalt, a antiga Amatusa. Seetzen visitou depois Amã, célebre, com o nome de Filadélfia, entre as cidades decapolitanas, onde se encontram ainda belas antiguidades; Eléala, antiga cidade dos Amonitas; Madaba, que tinha o nome de Madba no tempo de Moisés; o

monte Nebo, Diban, país de Karrak, pátria dos Moabitas, as ruínas de Robba (Robbath), residência dos antigos reis do país, e chegou, depois de numerosas fadigas, através de sítios montuosos, à região situada na extremidade meridional do mar Morto e chamada Gor-es-Szophia.

O calor era fortíssimo e tornou-se necessário atravessar grandes planícies de sal, que não são banhadas pela mínima corrente de água. Foi no dia 6 de abril que Seetzen chegou a Belém e, pouco depois, a Jerusalém, não sem ter padecido terrivelmente da sede, mas depois de haver atravessado regiões infinitamente curiosas, que nenhum viajante moderno até então percorrera.

Ao mesmo tempo colhera preciosas informações acerca da natureza das águas do mar Morto, refutara muitas fábulas grosseiras, emendara bastantes erros dos mapas mais rigorosos, contribuíra para a identificação de muitas cidades antigas da Feraea, e reconhecera a existência de ruínas numerosas, que demonstravam o grau de prosperidade a que essa região chegara debaixo do domínio romano. A 25 de junho de 1806, Seetzen deixava Jerusalém e voltava por mar para S. João de Acre.

«Esta travessia fora uma verdadeira viagem de descobertas», diz o Sr. Vivien de Saint-Martin num artigo da *Revista Germânica* de 1858.

Mas Seetzen não quis deixar ficar incompletas essas descobertas. Dez meses depois fazia pela segunda vez o circuito do lago Asfaltite, e com esta nova viagem acrescentava muito as suas primeiras observações.

O viajante partiu depois para o Cairo, onde residiu dois anos inteiros. Ali, comprou a maior parte dos manuscritos orientais, que são a riqueza da Biblioteca de Gota, obteve todas as informações possíveis sobre os países do interior, mas guiado por um instinto seguríssimo e não acolhendo senão aquelas que pareciam revestir todos os carateres de uma certeza quase absoluta.

Esse descanso relativo, ainda que tão afastado da ociosidade, não podia convir por muito tempo à insaciável sede de descobertas de Seetzen. No mês de abril de 1809 deixava definitivamente a capital do Egito, dirigindo-se para Suez e para a península do Sinai, que contava visitar antes de penetrar na Arábia. País

muito pouco conhecido, a Arábia não fora visitada senão por negociantes maloínos vindos à própria localidade para comprar «fava moca». Até Niebuhr, nenhuma expedição científica fora organizada para estudar a geografia do país e os costumes dos habitantes.

Foi ao professor Miohalis, a quem faltavam certos indícios para esclarecer algumas passagens da Bíblia, que se deveu a partida dessa expedição, sustentada pela munificência do rei da Dinamarca, Frederico V.

Composta do matemático Von Haven, do naturalista Forskaal, do médico Cramer, do pintor Braurenteind e do oficial de engenharia Niebuhr, esta reunião de homens sérios e sábios correspondeu admiravelmente ao que dela se esperava.

De 1762 a 1764 visitaram o Egito, o monte Sinai, Djedda, desembarcaram em Loheia e penetraram no interior da Arábia Feliz, explorando o país cada um segundo a sua especialidade. Mas as fadigas e as doenças venceram esses intrépidos viajantes, e em breve Niebuhr ficou só para utilizar as observações obtidas por ele e por seus companheiros. A sua obra é uma mina inesgotável, que se pode ainda hoje consultar com provento.

Vê-se que Seetzen tinha muito a fazer para pôr em esquecimento a viagem do seu antecessor. Para alcançar esse fim, não recuou diante de meio algum. A 31 de julho, depois de ter feito profissão pública do islamismo, embarcava em Suez para Meca, e contava penetrar nesta cidade disfarçado em peregrino. Tor e Djedda foram as duas escalas que precederam a entrada de Seetzen na cidade santa. Demais, ficou singularmente impressionado pela afluência dos fiéis e pelo caráter tão estranhamente peculiar desta cidade, que vive do culto e pelo culto.

«Todo este conjunto», diz o viajante, «fez nascer em mim uma comoção viva, que não experimentei em mais nenhuma parte ainda.»

É inútil insistir nem nesta parte da viagem, nem na excursão a Medina. É da narração tão exata e tão verídica de Burckhardt que será tirada a descrição desses lugares santos. Além disto, não possuímos por muito tempo trabalhos de Seetzen, a não ser os extratos publicados nos *Anais das Viagens* e na

Correspondência do barão de Zach. Só em 1858 é que foram editados em alemão, de uma maneira muito incompleta ainda assim, os diários da viagem de Seetzen.

De Medina, o viajante voltou a Meca, onde se entregou ao estudo secreto da cidade, das cerimónias do culto e a algumas observações astronómicas, que serviram para determinar a posição dessa capital do islamismo.

A 23 de março de 1810, Seetzen estava de volta em Djedda, depois embarcava, com o árabe que lhe servira de professor em Meca, para Hodeida, um dos principais portos do Iémen. Depois de ter passado por Beith-el-Fakih, território montanhoso onde se cultiva o café, depois de ter sido retido perto de um mês em Doran por doença, Seetzen entrou a 2 de junho em Saana, capital do Iémen, a que ele chama a mais bela cidade do Oriente. A *22* de julho descia até Adém, e, em novembro, estava em Meca, de onde são datadas as últimas cartas que se receberam dele. Entrando outra vez no Iémen, foi, como Niebuhr, despojado das suas coleções e das suas bagagens, debaixo do pretexto de que ajuntava animais para compor com eles um filtro destinado a envenenar as fontes.

Mas Seetzen não se quis deixar despojar sem dizer coisa alguma. Partiu imediatamente para Saana, onde tencionava expor ao *irman* as suas reclamações. Estava-se no mês de dezembro de 1811. Alguns dias depois espalhou-se a notícia da sua morte, que não tardou a chegar aos ouvidos dos europeus que frequentavam os portos árabes.

A quem se deve atribuir a responsabilidade dessa morte? Ao *irman* ou aos que tinham roubado o explorador? Isso hoje importa-nos pouco; mas é permitido lamentar que um viajante tão bem organizado, já ao facto dos hábitos e dos costumes árabes, não pudesse levar mais longe as suas explorações, e que a maior parte dos seus diários e das suas observações para sempre se perdesse.

Seetzen, diz o Sr. Vivien de Saint-Martin, era depois de Ludovico Barthema (1503) o primeiro viajante que estivera em Meca, e nenhum viajante europeu vira antes dele a cidade santa de Medina, consagrada pelo túmulo do

Profeta.

Por aqui se vê o imenso valor que teria tido a relação desse viajante desinteressado, bem informado e verídico.

No momento em que uma inopinada morte punha termo à missão que Seetzen a si próprio traçara, Burckhardt seguia as suas pisadas e, da mesma forma que Seetzen fizera, preludiava com excursões na Síria uma longa e minuciosa exploração da Arábia.

«É uma coisa pouco vulgar na história da ciência», diz o Sr. Vivien de Saint-Martin, «ver dois homens de tão alto valor sucederem-se ou, antes, continuarem-se assim na mesma carreira. Burckhardt, efetivamente, ia seguir em muitos pontos o caminho que Seetzen abrira, e, auxiliado muito tempo por circunstâncias favoráveis, que lhe permitiram multiplicar as suas excursões exploradoras, pôde acrescentar consideravelmente as descobertas conhecidas do seu predecessor.»

Apesar de João Luís Burckhardt não ser inglês, visto haver nascido em Lausanne, nem por isso deve deixar de ser classificado entre os viajantes da Grã-Bretanha. Foi, efetivamente, graças às suas relações com Sir Joseph Banks, o naturalista companheiro de Cook, com Hamilton, secretário da Associação Africana, e ao zeloso concurso que eles lhe prestaram, que Burckhardt se achou habilitado a viajar utilmente.

De uma instrução extensa, instrução cujos primeiros elementos colhera nas Universidades de Leipzig, de Goettingen, onde seguiu os cursos de Blumenbach, e depois de Cambridge, onde aprendeu o árabe, Burckhardt embarcou em 1809 para o Oriente. A fim de se preparar para as misérias da vida de viajante, obrigara-se voluntariamente a longos jejuns, condenara-se ao suplício da sede e escolhera para travesseiro as pedras das ruas de Londres, ou para leito o pó das estradas.

Mas o que eram essas pueris tentativas de entusiasmo comparadas com a miséria do apostolado científico?

Partindo de Londres para a Síria, onde devia aperfeiçoar-se na língua

árabe, Burckhardt formara o projeto de se dirigir depois ao Cairo e de alcançar o Fezzan pelo caminho outrora iniciado por Hornemann. Quando chegasse a esse país as circunstâncias lhe prescreveriam o caminho que lhe conviria seguir.

Depois de ter tomado o nome de Ibrahim-Ibn-Abdallah, Burckhardt fez-se passar por um hindu muçulmano. Para fazer aceitar esse disfarce, o viajante viu-se obrigado a recorrer a mais de uma fraude. Uma notícia necrológica, que apareceu nos *Anais das Viagens,* conta que, quando lhe pediam que falasse hindu, Burckhardt imediatamente enunciava o seu pensamento em alemão. Um drogomano italiano, que desconfiava que ele era *giaour,* chegou até a puxar-lhe pela barba, que é o insulto mais grave que se pode fazer a um muçulmano. Burckhardt possuíra-se por tal forma do seu papel que imediatamente retorquiu com um murro magistral, que, atirando com o pobre drogomano a dez passos de distância, fez com que todos se rissem à custa do indiscreto e ficassem convencidos da sinceridade do viajante.

De setembro de 1809 a fevereiro de 1812, Burckhardt residiu em Alepo, não interrompendo os seus estudos acerca da língua e dos costumes sírios senão para uma excursão de seis meses a Damasco, a Palmira e ao Haurão, país que só Seetzen visitara antes dele.

Conta-se que, durante uma excursão que fez a Zor, país situado ao nordeste de Alepo, nas margens do Eufrates, Burckhardt foi despojado da sua bagagem e do seu fato por uma quadrilha de ladrões.

Só lhe restavam os seus calções, quando a mulher de um chefe, que não tivera quinhão nos despojos, lhe quis tirar essa vestimenta indispensável.

«Essas excursões», diz a *Revista Germânica,* «renderam-nos um considerável volume de informações acerca de países de que até então só se tinha alguma notícia pelas comunicações ainda incompletas de Seetzen. Mesmo nas comarcas já frequentemente visitadas, o espírito observador de Burckhardt sabia colher um grande número de factos interessantes que o vulgo dos viajantes desprezara... Esses preciosos materiais tiveram por editor o coronel Martinho William Leake, também viajante distinto, sábio geógrafo e profundo erudito.»

Burckhardt vira Palmira e Balbek, as encostas do Líbano e o vale do Oronte, o lago Houleh e as fontes do Jordão. Designara pela primeira vez um grande número de sítios antigos. As suas indicações, especialmente, conduzem-nos com certeza ao local da célebre Apameia, apesar de ele mesmo e o seu sábio editor se terem enganado na aplicação desses dados. Enfim, as suas excursões ao Auranitis são igualmente ricas, mesmo depois das de Seetzen, em esclarecimentos geográficos e arqueológicos, qe fazem conhecer o país no seu estado atual e lançam vivas luzes sobre a geografia comparada de todas as épocas.

Em 1812, Burckhardt deixa Damasco, visita o mar Morto, o vale de Acaba e o velho porto de Aziongaber, regiões hoje sulcadas por bandos de ingleses, com o *Murray,* o *Cook* ou o *Baedeker* na mão, mas que então só se poderiam percorrer com perigo de vida. Foi num vale lateral que o viajante encontrou as ruínas imponentes de Petra, a antiga capital da Arábia Petreia.

No fim do ano, Burckhardt entrou no Cairo. Não julgando acertado juntar-se à caravana que partia para o Fezzan, sentiu-se especialmente atraído pela Núbia, país muito mais curioso para o historiador, o geógrafo e o arqueólogo. Berço da civilização egípcia, ainda não fora visitado, desde o português Álvares, senão pelos franceses Poncet e Lenoir Duroule, no fim do século XVII e princípio do século XVIII, por Bruce, cuja narrativa fora tantas vezes posta em dúvida, e por Norden, que não passara para diante de Derr.

Em 1813, Burckhardt explora o Nouba propriamente dito, o país de Kennour e o Mohass. Essa excursão só lhe custou apenas quarenta e dois francos, soma bem módica, comparada com os preços que hoje atingem as mais leves tentativas de viagem na África. É verdade que Burckhardt sabia contentar-se para o seu jantar com um punhado de *dourrah* (milho) e que todo o seu cortejo se compunha de dois dromedários.

Ao mesmo tempo que ele, dois ingleses, os Srs. Legh e Smelt, percorriam o país, semeando o ouro e os presentes por onde passavam, e tornando assim bem custosa a tarefa dos seus sucessores.

Burckhardt atravessou as cataratas do Nilo.

«Um pouco mais adiante», diz a relação, «perto de um sítio chamado Djebel-Lamoule, os guias árabes têm o costume de exigir um presente extraordinário daquele que conduzem. Eis o modo como procedem: fazem alto, apeiam-se e formam um montinho de areia e de pedras semelhante ao que os Núbios põem em cima dos seus túmulos. Chamam a isto *cavar a sepultura do viajante.* Esta demonstração é seguida de um pedido imperioso.

O Sr. Burckhardt, tendo visto o seu guia principiar essa operação, pôs-se tranquilamente a imitá-lo; depois disse-lhe: “Aqui está o teu túmulo, porque, visto sermos irmãos, é justo que sejamos enterrados juntos.” O árabe não pôde deixar de rir; destruíram-se reciprocamente os trabalhos sinistros e tornaram a montar nos camelos, tão bons amigos como antes. O árabe citou o versículo do Alcorão que diz: “Nenhum mortal conhece o canto da terra onde se cavará a sua sepultura”.»

Burckhardt bem desejaria penetrar no Dongolah, mas teve de se limitar a colher informações, aliás interessantes, acerca do país e dos mamelucos, que ali se tinham refugiado depois da matança dessa poderosa milícia, ordenada pelo paxá do Egito, executada pelos seus arnautas.

As ruínas de templos e de cidades antigas fazem parar a cada instante o viajante; não as há mais curiosas que as de Ibsamboul.

«O templo», diz a relação, «colocado imediatamente nas margens do rio (o Nilo), é precedido por seis figuras colossais de pé, tendo, desde o solo até aos joelhos, seis pés e meio; reproduzem Ísis e Osíris em diversas situações... Todas as muralhas e os capitéis das colunas estão cobertos de pinturas e de esculturas hieroglíficas, em que Burckhardt julgou reconhecer o estilo de uma alta antiguidade. Tudo isto é cortado nas rochas vivas. As figuras parecem ter sido pintadas de amarelo e os cabelos de preto. A duzentas jardas desse templo avistam-se os restos de um monumento ainda mais colossal: são quatro figuras imensas, quase sepultadas nas areias, de modo que se não pode determinar se estão de pé, se sentadas...»

Mas para que nos havemos de demorar com a descrição de monumentos hoje conhecidos, medidos, desenhados, fotografados? As narrativas dos viajantes dessa época não têm outro interesse senão indicar-nos o estado das ruínas e fazer-nos ver as mudanças que as depredações dos Árabes ali produziram desde então.

O espaço percorrido por Burckhardt nessa primeira excursão somente compreende as margens do Nilo, orla extremamente estreita, série de pequenos vales que vêm dar ao rio. Avalia a população do país em cem mil indivíduos, disseminados por uma faixa de terra cultivável de quatrocentas e cinquenta milhas de comprimento e um quarto de milha de largura.

«Os homens são em geral bem feitos, fortes e musculosos, um pouco abaixo dos Egípcios em estatura, com pouca barba e sem bigode, mas só uns pelos por baixo do queixo. São dotados de uma fisionomia agradável e excedem os Egípcios tanto em coragem como em inteligência. Curiosos e perguntadores, são estranhos ao hábito do roubo. Vão às vezes juntar no Egito, à força de trabalhos, umas pequenas riquezas, mas não têm o espírito do comércio. As mulheres partilham os mesmos predicados físicos; há algumas bonitas, e todas são bem feitas; pinta-se nas suas feições a meiguice e juntam a isso um grande sentimento de pudor. O Sr. Denon depreciou demasiadamente os Núbios, mas deve dizer-se que o seu físico varia de região para região; onde o terreno cultivável tem muita largura, são bem feitos; nos sítios em que o terreno fértil é apenas uma fímbria estreita, os habitantes parecem também diminuir de força e às vezes assemelham-se a esqueletos ambulantes.»

O país gemia debaixo do jugo despótico dos Kachefs, descendentes do comandante dos Bosníacos, que só pagavam um fraco tributo anual ao Egito. Pois esse tributo nem por isso deixava de ser para eles um pretexto para espremer o desgraçado felá. Burckhardt dá um exemplo muito curioso da sem-cerimónia insolente com que os Kachefs procediam às suas razias.

«Hassan-Kachef», diz ele, «precisava de cevada para os seus cavalos; vai passear para os campos, seguido de um grande número de escravos; encontra ao

pé de um belo campo de cevada o seu pobre possuidor. “Você cultiva mal as suas terras — exclamou ele —; semeia cevada neste campo onde podia colher excelentes melões, que valiam o dobro. Vá, aqui tem você pevides de melão (deu-lhe um punhado), semeie o campo, e vocês, escravos, arranquem-me essa cevada toda e levem-na para a minha casa”.»

No mês de março de 1814, Burckhardt, depois de haver descansado alguns dias, empreendeu uma nova exploração, não já desta vez nas margens do Nilo, mas sim no deserto da Núbia. Julgando que a salvaguarda mais eficaz é a pobreza, o prudente viajante despediu o seu criado, vendeu o seu camelo e, contentando-se com um burro, juntou-se a uma caravana de negociantes pobres.

A caravana partiu de Daraou, aldeia habitada meio por felás, meio por ababdés. O viajante teve muito que se queixar dos primeiros, não porque vissem nele um europeu, mas, pelo contrário, porque o tomaram por um turco sírio, vindo com intenção de se apoderar de uma parte do comércio dos escravos, de que eles tinham o monopólio.

É inútil rememorar aqui o nome dos poços, das colinas ou dos vales deste deserto. Preferimos resumir, segundo o viajante, o aspeto físico do país.

Bruce, que o percorrera, pinta-o com cores demasiadamente sombrias, e exagera, para exaltar mais o próprio merecimento, as dificuldades do caminho. Se dermos crédito a Burckhardt, é menos árido que o caminho de Alepo a Bagdade ou de Damasco a Medina. O deserto núbio não é uma planície de areias sem limites, cuja desoladora monotonia nenhum acidente vem romper. É semeado de rochedos, alguns dos quais não têm menos de duzentos a trezentos pés de altura, e que são assombreados de quando em quando por enormes moitas de *doums* ou de acácias. A vegetação tão enfezada destas árvores é apenas um abrigo enganador contra os raios verticais do Sol. Por isso o provérbio árabe não se esquece de dizer: «Conta com a proteção de um grande e com a sombra da acácia.»

Foi em Ankheyre ou Ouadi-Berber que a caravana alcançou o N ilo, depois de ter passado por Schiggre, onde se acha uma das melhores nascentes no

meio das montanhas. Em resumo, o único perigo que apresenta a travessia deste deserto é adiar seco o poço de Nedjeym, e, a não se afastar o viajante do caminho, o que não é fácil com bons guias, não se encontram obstáculos sérios.

A descrição dos padecimentos experimentados por Bruce neste sítio deve, por conseguinte, ser singularmente atenuada, apesar de a narrativa do viajante escocês ser a maior parte das vezes respeitadora da verdade.

Os habitantes do país de Berber parecem ser os barbarinos de Bruce, os barabras de D'Anville, e os barauras de Poncet. As suas formas são belas, as suas feições inteiramente diferentes das dos negros. Conservam essa pureza de sangue, não tomando por mulheres legítimas senão raparigas da sua tribo ou de alguma outra povoação árabe.

A pintura que Burckhardt faz do caráter e dos costumes desta tribo é muito curiosa, mas nada edificante. Seria difícil dar uma ideia da corrupção e do aviltamento dos habitantes de Berber. Empório de comércio, ponto de encontro de caravanas, depósito de escravos, esta pequena cidade tem tudo o que é necessário para ser um verdadeiro covil de bandidos.

Os comerciantes de Daraou, com a proteção dos quais Burckhardt até então contara, muito sem razão, porque procuravam todos os meios de o explorar, expulsaram-no da sua companhia ao sair de Berber, e o viajante teve de procurar proteção entre os guias e os arrieiros, que o acolheram de bom grado.

A 10 de abril, a caravana foi posta a resgate pelo *mek* de Damer, um pouco ao sul do confluente do Mogren (o Mareb de Bruce). É uma aldeia de faquires, asseada e bem organizada, que contrasta agradavelmente com a porcaria e as ruínas de Berber. Esses faquires entregam-se a todas as práticas de feitiçaria, de magia e ao charlatanismo mais descarado. Um deles, dizem, até fizera balir um cordeiro no estômago do homem que o furtara e o comera. Essas populações ignorantes têm inteira fé nesses prodígios e com pesar devemos confessar que isso contribui singularmente para a boa ordem, para a tranquilidade da cidade, e, enfim, para a grande prosperidade do país.

De Damer, Burckhardt passou para Schendy, onde residiu um mês inteiro,

sem que ninguém suspeitasse a sua qualidade de infiel. Pouco importante no tempo da viagem de Bruce, Schendy possuía então um milhar de casas. Faz-se ali um comércio considerável em que o *dourrah,* os escravos e os camelos substituem o numerário. Os artigos de que há maior oferta são goma, marfim, ouro em barras e penas de avestruz.

O número de escravos vendidos anualmente em Schendy eleva-se, no dizer de Burckhardt, a cinco mil, sendo dois mil e quinhentos para a Arábia, quinhentos para o Egito, mil para Dongola e litoral do mar Vermelho.

O viajante aproveitou-se da sua estada na fronteira do Sennaar para colher algumas informações acerca deste reino. Contaram-lhe, entre outras particularidades curiosas que, tendo o rei um dia convidado o embaixador de Mehemet-Ali para uma revista da sua cavalaria, que julgava formidável, o enviado pediu-lhe licença para o fazer assistir ao exercício da artilharia turca. À primeira descarga de duas pequenas peças de campanha montadas em camelos, a cavalaria, a infantaria, os curiosos, a corte e o próprio rei tudo fugiu aterrado.

Burckhardt vendeu a sua pequena pacotilha; depois, cansado das perseguições dos mercadores egípcios, seus companheiros de caminho, juntou-se à caravana de Souakim, a fim de percorrer o país absolutamente desconhecido que separa esta cidade de Schendy. Em Souakim tencionava o viajante embarcar para Meca, com a esperança de que o Hadji lhe seria muitíssimo útil para a realização dos seus projetos ulteriores.

«Os Hadjis», diz ele, «formam um corpo, e ninguém ousa atacar um dos seus membros, receando ter de se haver com todos.»

A caravana a que Burckhardt se juntou compunha-se de cento e cinquenta mercadores e de trezentos escravos. Duzentos camelos levavam pesadas cargas de tabaco e de *dammour,* fazenda fabricada no Sennaar.

O primeiro motivo interessante que impressionou o nosso viajante foi o Atbara, cujas margens, franjadas de grandes árvores, descansavam agradavelmente os olhos dos desertos áridos até então atravessados.

Seguiu-se a corrente do rio até ao fértil país de Taka. A pele branca do

xeque Ibrahim (como sabem, era este o nome adotado por Burckhardt) excitava em mais de uma aldeia os gritos de horror da turba feminina, pouco habituada a ver gente diversa dos Árabes.

«Um dia», conta o viajante, «uma rapariga do campo, a quem eu comprara cebolas, disse-me que me daria mais se eu quisesse mostrar-lhe a minha cabeça. Exigi oito, que me entregou imediatamente. Quando viu, depois de eu tirar o turbante, o meu rosto branco e inteiramente barbeado, recuou horrorizada; tendo-lhe eu perguntado por brincadeira se queria um marido que tivesse uma cabeça semelhante à minha, exprimiu o maior tédio e jurou que preferiria o mais feio de todos os escravos trazidos de Darfur.»

Um pouco antes de Goz-Radjeb, Burckhardt avistou um monumento que lhe disseram que era uma igreja ou um templo, porque a palavra de que se serviram tem ambas as aceções. Precipitava-se para esse lado quando os seus companheiros o chamaram, gritando-lhe:

«Está tudo cheio de bandidos nos arredores; não podes dar um passo sem ser atacado.»

Era um templo egípcio? Não seria antes um monumento do império de Axoum? Foi o que o viajante não pôde decidir.

A caravana chegou finalmente ao país de Taka ou de El-Gasch, grande planície inundada, de junho a julho, pela cheia de pequenos rios, cujo limo é de uma fertilidade maravilhosa. Por isso, procura-se o *dourrah,* que ali nasce e se vende em Djedda vinte por cento mais caro do que o melhor milho do Egito.

Os habitantes, chamados Hadendoa, são traidores, ladrões, sanguinários, e as suas mulheres são quase tão corruptas como as de Schendy e de Berber.

Quando se deixa Taka para se ir a Souakim e às praias do mar Vermelho, é preciso atravessar uma cordilheira de serras de calcário, onde se não encontra granito senão em Schinterab. Essa cordilheira não apresenta dificuldade alguma. Por isso o viajante chegou sem transtorno a Souakim a 26 de maio.

Mas as misérias que Burckhardt tinha de padecer ainda não estavam acabadas. O emir e o agá tinham-se entendido para o despojar, e era tratado

como o último dos escravos, quando à vista dos firmões que recebera de Mehemet-Ali e de Ibrahim-Paxá mudou completamente a cena. Longe de ir para a prisão, conforme a ameaça que lhe tinham feito, o viajante foi levado para casa do agá, que o quis hospedar e fazer-lhe presente de uma jovem escrava.

«Esta viagem de vinte a vinte e cinco dias», diz o Sr. Vivien de Saint-Martin, «entre o Nilo e o mar Vermelho, era a primeira que um europeu efetuara. Rendeu à Europa as primeiras informações exatas que se obtiveram acerca das tribos, em parte nómadas, em parte sedentárias, destas regiões. As observações de Burckhardt são de um interesse continuado. Conhecemos poucas leituras mais substancialmente instrutivas e, ao mesmo tempo, mais atraentes.»

Burckhardt pôde embarcar, a 7 de julho, num barco do país, e chegar onze dias depois a Djedda, que é como o porto de Meca.

Djedda está construída à beira-mar e é rodeada de muros impotentes contra a artilharia, mas que bastavam perfeitamente para a defender contra os Wahabitas. Estes, que foram qualificados de «puritanos do islamismo», formam uma seita dissidente, cuja pretensão era fazer voltar o maometismo à sua simplicidade primitiva.

«Uma bataria», diz Burckhardt, «guarda a entrada do lado do mar e domina todo o porto. Ali se vê no seu respetivo reparo uma enorme peça de artilharia, que dispara um balázio de quinhentos arráteis e que é tão célebre em todo o golfo arábico que só a sua fama é uma proteção para Djedda.»

Um dos grandes inconvenientes desta cidade é a sua falta de água doce, que tem de se ir tirar de poços situados a perto de duas milhas de distância. Sem jardins, sem vegetais, sem tamarindos, Djedda, apesar da sua população de doze a quinze mil almas, algarismo que a estação da romaria vem duplicar, apresenta um aspeto absolutamente original. A sua população está longe de ser autóctone; compõe-se de indígenas de Hadramazt, do Iémen, ou de hindus de Surrate e de Bombaim, de malaios que, vindo em romaria, se estabeleceram na cidade.

No meio de pormenores muito minuciosos acerca dos costumes, do modo de viver, do preço das fazendas, encontra-se na narrativa de Burckhardt mais de

uma anedota muito interessante.

Falando dos costumes singulares dos habitantes de Djedda, o viajante diz: «Quase toda a gente tem o hábito de beber todas as manhãs uma chávena cheia de *ghi* ou manteiga derretida. Em seguida bebe-se o café, que se considera como um tónico poderoso, e esta gente por tal forma se habitua a isto desde a sua mais tenra mocidade que se sentiriam muito incomodados se interrompessem este uso. Os das classes superiores limitam-se a beber a chávena de manteiga, mas os das classes inferiores acrescentam-lhe mais meia chávena, que aspiram pelas ventas, supondo que assim impedirão o mau ar de lhes entrar no corpo por essas aberturas.»

A 24 de agosto o viajante saiu de Djedda para ir para Taif. O caminho atravessa uma cordilheira, vales de paisagens românticas e de uma verdura luxuriante, que se fica completamente surpreendido de se encontrar. Burckhardt foi aí tomado por espião inglês e estreitamente vigiado. Apesar do bom acolhimento aparente do paxá, não teve liberdade alguma de movimentos e não pôde dar largas às suas predileções de observador.

Taif é afamada, ao que parece, pela beleza dos seus jardins; as suas rosas e as suas uvas são transportadas para todas as regiões do Hedjaz. Esta cidade fazia um comércio considerável e atingira uma grande prosperidade antes de ser saqueada pelos Wahabitas.

A vigilância de que Burckhardt era objeto apressou a sua partida, e, a 7 de setembro, saía para Meca. Muito versado no estudo do Alcorão, conhecendo perfeitamente as práticas do islamismo, Burckhardt era capaz de representar muito seriamente o seu papel de peregrino. A primeira precaução que tomou foi a de revestir, como a lei prescreve para todo o fiel que entra em Meca, o *ihran*, peças de fustão sem costura, uma envolvendo os rins, outra lançada ao pescoço e aos ombros. O primeiro dever do peregrino é ir ao Templo, antes de pensar em procurar um alojamento para si. Burckhardt não faltou a essa prescrição, nem à observação dos ritos e das cerimónias ordenadas em tal caso, tudo coisas de interesse especial, mas, por isso mesmo, tão restrito que não vale a pena narrá-

las.

«Meca», diz Burckhardt, «pode dizer-se que é uma linda cidade. As suas ruas são em geral mais largas que as das outras cidades do Oriente. As casas são altas e construídas de cantaria, e as janelas numerosas, deitando para as ruas, dão-lhe um ar mais alegre e mais europeu que as do Egito ou da Síria, cujas habitações não apresentam no exterior senão um número pequeno de janelas... Cada casa tem o seu terraço, cujo chão caiado é ligeiramente inclinado, de forma que a água corre por meio de biqueiras para a rua. Essas plataformas são escondidas por pequenos muros em forma de parapeitos, porque em todo o Oriente parece mal que um homem se mostre à janela e acusá-lo-iam de espiar as mulheres, quie passam uma grande parte do seu tempo no terraço da sua casa a secar o trigo, a estender a roupa e noutras ocupações domésticas. A única praça pública da cidade é o vasto pátio da Grande Mesquita. Poucas árvores; nenhum jardim recreia a vista e a cena não é animada senão, durante a peregrinação, por uma imensidade de lojas bem fornecidas, que se encontram por toda a parte. Excetuando quatro ou cinco casas espaçosas, pertencentes ao xerife, dois *médressés* ou colégios, agora convertidos em armazéns de trigo, e a mesquita com algumas edificações e escolas que lhe estão adjuntas, Meca não ostenta edifício algum público e, a este respeito talvez, é inferior às outras cidades do Oriente da mesma extensão.»

As ruas não são calçadas, e, como os canos são desconhecidos, formam-se nelas charcos de água e uma lama de que nada pode dar ideia.

Quanto à água, não se deve contar senão com a do céu, que se ajunta nas cisternas, porque a que dão os poços é tão salobra que é impossível utilizá-la.

«No sítio onde o vale se alarga mais, no interior da cidade, eleva-se a mesquita chamada Beithou’llah ou El-Haran, edifício notável somente por causa da Caaba que encerra, porque, noutras cidades do Oriente, há mesquitas quase do mesmo tamanho e muito mais bonitas.»

Esta mesquita está situada numa praça oblonga, rodeada a leste por uma colunata de quatro filas, e nas outras três; as colunas estão unidas entre si por

arcadas em forma de ogiva, de quatro em quatro, e sustentam uma pequena cúpula cimentada e branqueada por fora. Algumas destas colunas são de mármore branco, de granito ou de pórfiro, mas a maior parte são de pedra ordinária das montanhas de Meca.

Quanto à Caaba, foi tantas vezes arruinada e reparada que já lá se não encontra vestígio de remota antiguidade. Existia antes da mesquita que hoje a encerra.

«A Caaba está colocada», diz o viajante, «numa base da altura de dois pés e apresentando um plano fortemente inclinado. Como o teto é chato, oferece a certa distância o aspeto de um perfeito cubo. A única porta pela qual se entra, e que apenas se abre duas ou três vezes por ano, está do lado norte e a pouco mais ou menos a sete pés acima do solo. É por isso que se não pode penetrar na Caaba senão por uma escada de madeira... No ângulo nordeste da Caaba, perto da porta, está engastada a famosa «pedra negra», que forma uma porção do ângulo do edifício, a quatro ou cinco pés do solo do pátio... É muito difícil determinar com exatidão a natureza desta pedra, cuja superfície foi desgastada e reduzida ao seu estado atual pelos beijos e atritos de muitos milhões de peregrinos. A Caaba está inteiramente coberta por fora de um grande pedaço de seda preta que lhe envolve os lados e deixa o teto descoberto. Esse véu ou cortina chama-se *kesoua* e é renovado todos os anos no tempo da peregrinação e vem do Cairo, onde é fabricado à custa do Grão-Senhor.»

Até então não se fizera descrição tão minuciosa de Meca e do seu santuário. Foi essa a razão que fez com que déssemos aqui alguns extratos da relação original, extratos que poderíamos multiplicar, porque a relação encerra as informações mais circunstanciadas do poço sagrado, chamado Zemzem, cuja água é considerada como um remédio infalível para todas as doenças, informações da *Porta da Salvação* do Makam Ibrahim, monumento que contém a pedra onde se assentava Abraão quando estava construindo a Caaba e que conserva o sinal dos seus joelhos, assim como notícia de todos os edifícios encerrados no recinto do templo.

Desde a descrição tão exata e tão completa de Burckhardt esses lugares têm conservado a mesma fisionomia. A mesma afluência de peregrinos ali entoa os seus cantos. Só os homens é que mudaram.

A descrição das festas da romaria e do santo entusiasmo dos fiéis é seguida, nas relações de Burckhardt, de uma pintura que nos faz ver com as cores mais sombrias as consequências dessas grandes reuniões de homens vindos de todas as partes do mundo.

«O fim da romaria», diz ele, «dá um aspeto muito diferente à mesquita: as doenças e a mortalidade que sucedem às fadigas suportadas durante a viagem são produzidas pelo pouco abrigo que dá o Ibram, os alojamentos insalubres de Meca, a má alimentação e algumas vezes a falta absoluta de víveres, e enchem o templo de cadáveres, que se levam para aí para que recebam as orações do imã; ou então são doentes que se fazem levar para o templo, e muitos, quando a sua última hora se aproxima, fazem-se transportar para a colunata a fim de serem curados pela vista da Caaba, ou pelo menos de ter a consolação de expirar no sagrado recinto. Veem-se pobres peregrinos, acabrunhados pelas doenças e pela fome, arrastar o seu corpo enfraquecido ao longo da colunata, e, quando já não têm forças para estender a mão e pedir esmola aos transeuntes, colocam perto da esteira onde estão estendidos uma bilha para receber o que a piedade lhes conceder. Quando já sentem próximos os seus últimos instantes, cobrem-se com as suas vestes esfarrapadas, e muitas vezes passa-se um dia inteiro primeiro que se descubra que estão mortos.»

Terminemos as citações que temos feito da narrativa de Burckhardt acerca de Meca pelo juízo que faz dos seus habitantes.

«Se os Mekkaouis têm grandes qualidades, se são afáveis, hospitaleiros, alegres e altivos, transgridem publicamente as prescrições do Alcorão, bebendo, jogando ou fumando. As traições e os perjúrios deixaram de ser crimes entre os Mekkaouis; não ignoram o escândalo que esses vícios ocasionam; cada um deles revolta-se contra a corrupção dos costumes, mas nenhum dá o exemplo da reforma...»

No dia 15 de janeiro de 1815, Burckhardt partiu de Meca com uma pequena caravana de peregrinos que iam visitar o túmulo do Profeta. A viagem até Medina, tal qual como entre Meca e Djedda, faz-se de noite, o que a torna menos proveitosa para o observador, e, no inverno, menos cómoda do que se fizesse em pleno dia. É preciso atravessar um vale, coberto de moitas e de tamarindos, cuja extremidade oriental é bem cultivada, que tem o nome de Ouadi-Fatmé, mas que é mais conhecido pelo simples nome de El-Ouadi. Um pouco mais longe está o vale de Es-Ssafra, afamado pelas suas grandes plantações de tamarindos e mercado de todas as tribos vizinhas.

«Os bosques de tamarindos», diz o viajante, «têm uma extensão de quatro milhas pouco mais ou menos, pertencem aos habitantes de Ssafra, assim como aos beduínos dos arredores, que pagam a jornaleiros escolhidos de entre eles para regar a terra, e vêm aqui quando as tâmaras estão maduras. Os tamarindos passam de uma pessoa para outra no curso do comércio, vendem-se isoladamente... O preço pago ao pai de uma rapariga, que se vai desposar, consiste muitas vezes em três tamarindos. São todos plantados numa areia profunda, que se apanha no meio do vale e que se amontoa à roda das suas raízes; deve ser renovada todos os anos e ordinariamente as correntes impetuosas de água levam-na. Cada pequeno pomar é rodeado de um muro de terra ou de pedra; os cultivadores habitam muitos casais ou casas isoladas, espalhadas entre as árvores. O principal regato corre num pequeno bosque ao pé do mercado; fica junto a uma pequena mesquita. Alguns castanheiros grandes sombreiam-na. Não vi mais nenhuns no Hedjaz...»

Burckhardt levou treze dias para chegar a Medina. Esta viagem, bastante longa, não foi inútil para ele: colheu numerosos documentos sobre os Árabes e sobre os Wahabitas. Da mesma forma que em Meca, o primeiro dever do peregrino é ir visitar o túmulo e a mesquita de Maomé. Contudo, as cerimónias são muito mais fáceis e mais curtas, e não é necessário senão um quarto de hora ao viajante para cumprir as suas obrigações.

Já a residência em Meca fora muito prejudicial a Burckhardt. Foi atacado

em Medina por febres intermitentes, que logo se tornaram quotidianas; depois, foi uma terçã, acompanhada de vómitos; viu-se em breve reduzido a não se poder levantar da cama sem auxílio do seu escravo, «pobre diabo, que, por natureza e por hábito, sabia tratar melhor o seu camelo do que cuidar do seu senhor, fraco e abatido».

Retido durante mais de três meses em Medina por uma febre devida ao mau clima, à qualidade detestável da água e ao grande número de doenças então reinantes, Burckhardt teve de renunciar ao projeto que formara de atravessar o deserto até Acaba, a fim de chegar o mais depressa possível a Yambo, onde poderia embarcar para o Egito.

«Medina é depois de Alepo», diz ele, «a cidade mais bem construída que vi no Oriente. É toda de pedras; as casas têm geralmente dois andares e tetos chatos. Como não são caiadas e como a pedra é escura, as ruas têm um aspeto sombrio e são pela maior parte muito estreitas, não tendo muitas vezes senão dois a três passos de largura. Agora Medina tem um aspeto triste; deixam-se estragar as casas. Os seus proprietários, que dantes tiravam grande lucro da afluência dos peregrinos, veem as suas rendas diminuir (por causa da proibição feita pelos Wahabitas de visitar o túmulo de Maomé, que consideram como um simples mortal). A preciosa joia de Medina, que coloca esta cidade ao nível de Meca, é a Grande Mesquita, onde está o túmulo de Maomé... É mais pequena que a de Meca... mas está construída num plano semelhante: é um grande pátio quadrado, rodeado por todos os lados de galerias cobertas e tendo ao centro um pequeno edifício... Perto do ângulo de sudoeste é que está o famoso túmulo... Uma grade de ferro pintada de verde rodeia a campa. É de um bom acabamento, imitando a filigrana, e entrelaçada de inscrições em cobre. Entra-se nesse recinto por quatro portas, das quais três estão constantemente fechadas. A licença de entrar é concedida grátis a gente de distinção, os outros podem comprá-la aos eunucos principais pelo preço de umas quinze piastras. Distingue-se no interior uma cortina que cerca o túmulo, de que só está afastada alguns passos.»

Segundo o historiador de Medina, essa cortina cobre um edifício quadrado,

de pedras negras, sustentado por duas colunas, e no interior do qual estão as sepulturas cie Maomé e dos seus dois mais antigos discípulos, Abu-Bekr e Omar. Diz também que esses sepulcros são buracos profundos e que o esquife que encerra as cinzas de Maomé é revestido de prata e tem por cima uma laje de mármore com esta inscrição: «Em nome de Deus, concede-lhe a tua misericórdia.»

Os contos, outrora espalhados pela Europa sobre o túmulo do Profeta, que estava, dizia-se, suspenso no ar, são desconhecidos no Hedjaz.

O tesouro da Mesquita foi, em grande parte, saqueado pelos Wahabitas, mas há razões para crer que estes tinham sido precedidos muitas vezes pelos guardas sucessivos do túmulo.

Encontram-se ainda na relação de Burckhardt muitas outras particularidades interessantes sobre Medina e seus habitantes, sobre os arredores e lugares correntes da romaria. Extraímos tantos trechos tão importantes à narrativa de Burckhardt, que o leitor desejoso de conhecer mais intimamente os costumes e os usos dos Árabes, que não mudaram, tem decerto vontade de recorrer ao texto original.

A 21 de abril de 1815, Burckhardt juntou-se a uma caravana que o conduziu ao porto de Yambo, onde reinava a peste. O viajante não tardou a cair doente. Enfraqueceu tanto que lhe foi impossível refugiar-se no campo. Quanto a embarcar, nem pensar nisso, porque todos os navios prontos a sair estavam atulhados de soldados doentes. Foi pois forçado a ficar dezoito dias nesta cidade insalubre, antes de poder tomar passagem num pequeno navio, que o levou a Cosseir e daí ao Egito.

Voltando ao Cairo, Burckhardt soube da morte de seu pi. A constituição do viajante fora profundamente abalada pela doença. Por isso não pôde fazer a ascensão do monte Sinai senão em 1816. Os estudos de história natural, a redação dos seus diários de viagem, o cuidado da sua correspondência ocuparam-mo até ao fim de 1817, época em que tencionava juntar-se à caravana do Fezzan. Mas, atacado de repente por uma febre violenta, sucumbiu ao fim de

alguns dias, dizendo: «Digam a minha mãe que o meu último pensamento foi para ela.»

Burckhardt era um viajante completo. Instruído, exato até à minúcia, corajoso e paciente, dotado de um caráter reto e enérgico, deixou escritos infinitamente preciosos. A relação da sua viagem à Arábia, cujo interior infelizmente não pôde visitar, é tão completa, tão exata, que, graças a ele, conhecia-se melhor então esse país do que certas regiões da Europa.

«Nunca», escrevia ele numa carta dirigida do Cairo a seu pai, a 13 de março de 1817, «nunca disse sobre o que vi e encontrei uma palavra que a minha consciência não justifique plenamente, porque não foi para escrever um romance que me expus a tantos perigos...»

Os exploradores que sucederam uns aos outros nos países visitados por Burckhardt são unânimes em certificar a exatidão destas palavras e louvar a sua fidelidade, os seus conhecimentos, a sua sagacidade.

«Poucos viajantes», diz a *Revista Germânica*, «tiveram no mesmo grau essa faculdade de observação fina e rápida, que é um dom da natureza, raro como todas as qualidades eminentes. Há nele como que uma espécie de intuição, que lhes faz discernir o verdadeiro, mesmo fora da sua observação pessoal; por isso as suas informações orais têm em geral um valor que este género de notícias apresenta só raras vezes. O seu espírito sólido, sazonado muito antes da idade própria pela reflexão e pelo estudo (Burckhardt, quando morreu, tinha só trinta e três anos), vai direito ao seu fim e para no ponto exato; a sua narração, sempre sóbria, encerra, pode-se dizer, mais coisas que palavras, e contudo as suas narrações leem-se com um encanto infinito e fazem-nos amar o homem tanto como o sábio e o excelente observador.»

Enquanto as terras bíblicas eram objeto das explorações de Seetzen e de Burckhardt, a Índia, a pátria original da maior parte das línguas europeias, ia tornar-se o centro de estudos múltiplos, abraçando a linguística, a literatura, a religião, da mesma forma que a geografia. Não nos ocuparemos por agora senão das explorações que dizem respeito aos numerosos problemas de geografia

física, de que as conquistas e os estudos da Companhia das Índias deviam assegurar pouco a pouco a completa revolução.

Contámos, num volume precedente, como o domínio português se estabelecera nas Índias. A união de Portugal com a Espanha em 1599 trouxera a perda das colónias portuguesas, que caíram nas mãos da Holanda e da Inglaterra. Esta última não tardou a conceder o monopólio do comércio das Índias a uma Companhia que devia representar um papel histórico importante.

Nesse momento, o grande imperador mongol Akbar, sétimo descendente de Timour-Leng, estabelecera um vasto império no Indostão e no Bengala, sobre as ruínas dos estados Radjipouts. Este império, graças às qualidades pessoais de Akbar, que o fizeram cognominar o «Benfeitor dos homens», estava em todo o seu esplendor. Shah-Djahan continuou a tradição paternal, mas Aureng-Zeb, neto de Akbar, dotado de uma ambição insaciável, assassinou os seus irmãos, fez prisioneiro seu pai e assenhoreou-se do poder. Enquanto o império mogol gozava uma paz profunda, um aventureiro de génio, Sewadji, lançava os alicerces do império marata. A intolerância religiosa de Aureng-Zeb, a sua política astuciosa, trouxeram a revolução dos Radjpouts e uma luta que, devorando os recursos mais importantes do império, abalou o seu poder. Por isso a decadência seguiu à morte desse grande usurpador.

Até então a Companhia das Índias não pudera aumentar a pequena porção de território que possuía à roda dos seus portos, mas ia habilmente aproveitar-se das discórdias dos nababos e dos rajás do Indostão. Não foi, todavia, senão depois da tomada de Madrasta por La Bourdonnais em 1746 e durante a luta contra Dupleix que a influência e o domínio da Companhia Inglesa se estenderam consideravelmente.

Graças à política astuciosa, desleal e cínica dos governadores ingleses Clive e Hastings, que, empregando alternadamente a força, a perfídia ou a corrupção, fundaram sobre as ruínas da sua honra a grandeza da sua pátria, a Companhia possuía, no fim do século passado, um imenso território, povoado de sessenta milhões de habitantes. Eram o Bengala, o Behar, as províncias de

Benares, de Madrasta e dos Circars do norte. Só, o sultão de Mysore, Tippoo-Saéb, luta com energia contra os ingleses, mas não pode fazer frente à coligação que o coronel Wellesley soube reunir contra ele. Não tendo já um só inimigo temível, a Companhia suprime algumas veleidades de resistência a troco de pensões e, debaixo do pretexto de proteção, impõe aos últimos rajás independentes uma guarnição inglesa, que devem sustentar à sua custa.

Poder-se-ia julgar que o domínio inglês não soubera senão fazer-se odiar. Não sucedeu assim. A Companhia, respeitadora dos direitos dos indivíduos, não tocara na religião, nas leis nem nos costumes.

Por isso não nos espanta que os viajantes, mesmo quando se aventuravam em regiões que não pertenciam propriamente à Grã-Bretanha, só poucos perigos corressem. Efetivamente, logo que pudera dar tréguas às suas ocupações políticas, a Companhia das Índias animara os exploradores dos seus vastos domínios. Ao mesmo tempo dirigia para os países limítrofes viajantes encarregados de a informar. São essas diferentes explorações que vamos rapidamente passar em revista.

Uma das mais curiosas e das mais antigas é a de Webb às nascentes do Ganges.

As noções que até então se possuíam sobre este rio eram das mais incertas e das mais contraditórias. Por isso o Governo de Bengala, compreendendo a importância que tinha para o desenvolvimento do comércio o reconhecimento desta grande artéria, organizou, em 1807, uma expedição composta dos Srs. Webb, Rapper e Hearsay, que iam ser acompanhados por sipaios, intérpretes e criados indígenas.

A expedição chegou, no dia 1 de abril de 1808, a Herdouar, cidade pouco considerável, na margem esquerda do rio, mas que se tornou, pela sua situação, à entrada da rica planície do Indostão, um sítio de romaria frequentadíssimo. Ali é que se fazem, durante a estação calmosa, as purificações no rio sagrado.

Como não há romaria sem exposição e venda de relíquias, Herdouar é sede de um mercado importante, onde se encontram cavalos, camelos, antimónio,

assa-fétida, frutas secas, xales, frechas, musselinas e tecidos de algodão ou de pano, produções de Pendjab, de Cabulistão e de Caxemira. Devemos acrescentar que se vendiam ali escravos de três a trinta anos, desde dez até cento e cinquenta rupias. É um curioso espetáculo esta feira, onde se encontram tantas fisionomias, tantas línguas, tantos trajos diversos.

A 12 de abril, a missão inglesa, que partira para Gangautri, seguiu um caminho plantado de amoreiras brancas e de figueiras até Gouroudouar. Um pouco mais adiante giravam azenhas de uma construção muito simples, como que escarranchadas em regatos orlados de salgueiros e de árvores carregadas de framboesas. O solo era fértil, mas a tirania do governo impedia os habitantes de tirarem dele o proveito que podiam obter. O país tornou-se em breve montuoso, sem deixar de criar pessegueiros, damasqueiros, nogueiras e outros arbustos europeus. Depois, tiveram de se internar em cordilheiras, que pareciam ligar-se com o Himalaia.

Em breve, ao fundo de uma garganta, se viu o Baghirati, que mais adiante toma o nome de Ganges. À sua esquerda o rio estava orlado de altas montanhas, bastante áridas; à direita estendia-se um vale fértil. Na aldeia de Tchivali cultiva-se em ponto grande a papoila destinada a produzir ópio; os camponeses desses sítios tinham todos papeiras, decerto pela má qualidade da água.

Em Djosvara passou-se uma ponte de corda, que se chama *djoula*, construção singular e perigosa.

«Enterram-se no chão de cada lado do rio», diz Webb, «duas estacas fortíssimas a três pés de distância uma da outra, e coloca-se atravessada outra peça de madeira; atam-se-lhes uma dúzia ou mais de cordas grossas, que se fixam no chão com grandes pilhas de madeira. Dividem-se em dois pacotes, separados entre si por um espaço de um pé; por baixo estende-se uma escada de corda atada às primeiras, que fazem às vezes de parapeito. Pequenos ramos de árvores, colocados a dois pés e meio de distância e às vezes a três pés uns dos outros, formam o tabuleiro da ponte. Em geral muito delgados, parecem estar a cada instante a ponto de se quebrar, o que leva, naturalmente, o viajante a contar

com o auxílio das cordas que formam o parapeito e a tê-las constantemente debaixo do braço. O primeiro passo que se arrisca em tão vacilante máquina não pode deixar de causar tonturas, porque, andando-se, imprime-se-lhe um movimento que a faz balouçar para ambos os lados, e o estrondo da torrente por cima da qual se está suspenso não tranquiliza muito. Demais, a passagem é tão estreita que, se duas pessoas se encontrarem, uma tem de se encostar completamente para um lado para deixar passar a outra.»

A missão atravessou depois a cidade de Baharat, cujas casas, pela maior parte, não tinham sido reconstruídas desde o terramoto de 1803. O mercado que se faz nesta cidade, a dificuldade de arranjar víveres nas aldeias mais elevadas, a sua posição central — ali vão ter as estradas de Djemauhi, Kedar-Nath e Srinagar — contribuíram decerto para dar, em todo o tempo, uma certa importância a esta localidade. De Batheri por diante a estrada começou a ser tão má que não houve remédio senão abandonar as bagagens.

Como o caminho daí a pouco passou a ser apenas uma vereda que costeava um precipício, no meio de desmoronamentos de calhaus e de rochedos, teve de se renunciar a seguir mais para diante.

Dcvaprayaga está situada na confluência do Baghirati e do Alcananda. O primeiro destes rios, que vem do norte, corre com estrondo e impetuosidade; o segundo, mais sereno, mais fundo e mais largo, não deixa por isso de subir quarenta e seis pés acima do seu nível ordinário, durante a estação das chuvas.

A junção destes dois rios é que forma o Ganges.

Ali existe um lugar santo e venerável de que os brâmanes souberam tirar excelente partido, estabelecendo uma espécie de piscinas onde, mediante uma espórtula, os peregrinos podem fazer as suas abluções, sem se arriscarem a ser arrastados pela corrente.

O Alcananda foi passado numa ponte de corredoura ou *dindla*.

«Essa ponte consiste», diz a relação, «em três ou quatro cordas grossas, presas às duas margens, e de que se pendura, por meio de uns arcos colocados em cada uma das suas extremidades, um pequeno cofre de dezoito polegadas

quadradas. O viajante senta-se nesse cofre e fazem-no passar de uma margem para a outra por meio de uma corda que é puxada por um homem colocado na margem oposta.»

A 13 de maio a expedição entrava em Srinagar. A curiosidade dos habitantes estava de tal modo sobre-excitada, que os magistrados enviaram uma mensagem aos ingleses a pedir-lhes que passeassem na cidade.

Já visitada em 1796 pelo coronel Hardwick, Srinagar fora demolida quase inteiramente pelo tremor de terra de 1803, e, além disso, conquistada no mesmo ano pelos Gorkhalis. Foi nesta cidade que a Webb se juntaram os emissários que enviara a Gangautri pela estrada que ele mesmo não pudera seguir. Tinha visitado a nascente do Ganges.

«Um grande rochedo», diz ele, «de ambos os lados do qual a água corria e era muito pouco profunda, oferecia semelhança grosseira com o corpo e a boca de uma vaca. Foi a uma concavidade que se acha numa extremidade da sua superfície que a imaginação ligou a ideia do objeto que julgava ver, denominando-o *Gaoumokhi,* ou Boca da Vaca, que, segundo a tradição popular, vomita água do rio sagrado. Um pouco mais longe é impossível andar; os hindus tinham em frente uma montanha escarpada como um muro; o Ganges parecia sair debaixo da neve que estava ao pé; o vale terminava nesse lugar... Nunca ninguém passou para diante.»

Para voltar, a missão não seguiu o mesmo itinerário. Viu os confluentes do Ganges e do Keli-Ganga ou Mandacni, grande rio saído das montanhas do Kerdar, encontrou no seu caminho imensos rebanhos de cabras e de carneiros carregados de cereais, atravessou um grande número de desfiladeiros, passou pelas cidades de Badrinath e Manah, e enfim chegou, debaixo de um frio rigoroso e de uma neve intensa, à cascata de Barsou.

«É aqui», diz Webb, «o termo das devoções dos peregrinos. Alguns vêm para que os reguem com a chuva de água santa da cascata. Distingue-se, nesse lugar, o curso do Alcananda até à extremidade do vale, a sudoeste, mas o seu leito está inteiramente escondido debaixo de montes de neve, que aí estão

provavelmente acumulados há muitos séculos.»

Webb dá-nos também algumas particularidades acerca das mulheres de Manah. Tinham no pescoço, nas orelhas, no nariz, colares de enfeites de ouro e prata, que não concordavam de modo algum com o seu trajo grosseiro. Algumas crianças tinham nos braços e no pescoço anéis e colares de prata no valor de seiscentas rupias.

No inverno, esta cidade, que faz um grande comércio com o Tibete, está completamente enterrada na neve. Por isso os habitantes refugiam-se nas cidades vizinhas.

Em Badrinath, a missão visitou o templo, afamado, ao longe, pela sua santidade. A sua estrutura e a sua aparência, tanto exterior como interior, não dão ideia alguma das somas imensas que custa a sua conservação. É um dos santuários mais antigos e mais venerados na Índia. As abluções fazem-se em tinas alimentadas por uma água sulfurosa muito quente.

«Há um grande número de nascentes termais», diz a relação, «que têm, cada uma, a sua denominação e a sua virtude particular, e de que, sem dúvida, os brâmanes sabem tirar bom partido. E assim que o pobre peregrino, praticando sucessivamente as abluções requeridas, vê diminuir a sua bolsa assim como a soma dos seus pecados, e as numerosas portagens que lhe pedem nesse caminho do Paraíso podem dar-lhe ocasião de pensar que o caminho estreito não é menos custoso.»

Este templo possui setecentas aldeias, concedidas pelo Governo, dadas em garantias de empréstimos ou compradas por simples particulares que as ofereceram.

A missão estava em Djosimah a 1 de junho. Ali, o brâmane que lhe servia de guia recebeu do Governo de Nepal ordem de reconduzir o mais depressa possível os viajantes para as terras da Companhia. Este compreendia um pouco tarde, devemos dizê-lo, que o reconhecimento feito pelos ingleses tinha um fim mais político que geográfico. Um mês depois, Webb e os seus companheiros entravam em Deli, depois de terem estabelecido definitivamente o alto curso do

Ganges e de terem reconhecido as origens do Baghirati e do Alcananda, isto é, depois de terem completamente atingido o fim a que a Companhia se propusera.

Em 1808, o Governo inglês resolveu enviar uma nova missão ao Pendjab, então colocado debaixo do domínio de Rendjeit-Singh. A relação anónima, que foi publicada nos *Anais das Viagens*, encerra certas particularidades interessantes. Por isso tiraremos dela alguns extratos.

A 6 de abril de 1808, o oficial inglês encarregado da missão chegou a Herdouar, cidade que ele apresenta como o ponto de reunião de um milhão de indivíduos no momento da sua feira anual. Em Boria, situada entre o Jumna e o Seteedje, o viajante foi alvo da curiosidade indiscreta das mulheres, que lhe pediram licença para o visitarem.

«Os seus olhares e os seus gestos», diz a relação, «exprimiam o seu espanto. Aproximaram-se de mim rindo às gargalhadas; a tez do meu rosto excitava a sua alegria. Fizeram-me uma imensidade de perguntas, perguntaram-me se eu não usava chapéu, se expunha a minha cara ao sol, se estava sempre em casa ou se não saía debaixo de um abrigo e se me deitava na mesa colocada na minha tenda; o meu leito achava-se, contudo, ao lado, mas as cortinas estavam corridas. Depois examinaram-no com a maior minuciosidade, em seguida o forro da minha tenda e tudo que dela dependia. Todas elas tinham fisionomias graciosas; as suas feições ofereciam doçura e regularidade; a sua tez era cor de azeitona e formava um contraste agradável com os seus dentes brancos e bem alinhados, particularidade que distingue todos os habitantes do Pendjab.»

Moustafabad, Moulana e Umballa foram sucessivamente visitadas pelo oficial inglês. O país atravessado é habitado pelos Sikhs, que têm por característicos principais a beneficência, a hospitalidade e o amor da verdade. É, diz o autor, a melhor raça de homens da Índia Patiata. Makeouara, Fegouara, Oudamita, onde Lord Lake entrara em 1805 em perseguição de um chefe marata, e, enfim, Umritsar, foram estações facilmente atravessadas.

Umritsar é mais bem construída que as principais cidades do Indostão. É o maior empório do comércio de xales e do açafrão, assim como de outras

mercadorias do Decão.

«No dia 14, tendo calçado sapatos brancos», diz o viajante. «visitei com as cerimónias exigidas o Amretsir ou o tanque da bebida da imortalidade, de onde a cidade tomou o seu nome. É um tanque de perto de cento e trinta e cinco passos quadrados, construído de tijolos cozidos, no meio do qual se eleva um lindo templo dedicado a Gourougovind-Singh. Vai-se lá ter por uma calçada; é elegantemente enfeitado por dentro e por fora, e o rajá ajunta-lhe muitas vezes novos ornamentos à sua custa. É nesse lugar sagrado que está colocado, debaixo de um dossel de seda, o livro das leis, escrito por Gourou, em carateres gourou-moukhtis. O templo chama-se Hermendel, ou a morada de Deus. Perto de seiscentos *akalis* ou padres estão ao seu serviço. Fizeram construir para si casas cómodas com o produto das contribuições voluntárias dos devotos que vêm visitar o templo. Apesar de os padres serem objeto de um respeito infinito, não são decerto absolutamente isentos de vícios. Assim que têm dinheiro, gastam-no com a mesma facilidade com que o ganharam. A concorrência de mulheres bonitas, que vão todas as manhãs ao templo, é prodigiosa; as que compõem esses grupos de belezas excedem infinitamente, pela elegância das suas pessoas, pelas belas proporções das suas formas e pelas feições dos seus rostos, as mulheres das classes inferiores do Indostão.»

Depois de Umritsar, Lahore foi visitada pelo oficial inglês. É bastante curioso saber o que restava dessa grande cidade no começo do nosso século. «Os muros, muito altos», diz ele, «são ornados por fora com todo o luxo do gosto oriental, mas caem em ruínas, assim como as mesquitas e as casas da cidade. O tempo deixou cair sobre essa cidade a sua mão destruidora, como em Deli e em Agra. Já as ruínas de Lahore são tão extensas como as desta antiga capital.»

O viajante foi recebido três dias depois da sua chegada por Rendjeit-Singh, que o acolheu com delicadeza e conversou com ele principalmente sobre a arte militar. A sua fisionomia seria agradável se as bexigas não o tivessem privado de um olho; as suas maneiras eram simples, afáveis, e sentia-se nele um soberano. Depois de ter visitado o túmulo de Schah-Djahan, o Schalamar e os outros

monumentos de Lahore, o oficial voltou para Deli e para as possessões da Companhia. Deve-se-lhe o conhecer-se um pouco melhor uma região interessante, que não tardaria a tentar a insaciável cobiça do Governo inglês.

No ano seguinte (1808), a Companhia enviava aos emires de Sindia uma embaixada composta dos Srs. Nicolau Hankey Smith, Henny Ellis, Roberto Taylor e Henrique Pöttinger. A escolta era comandada pelo capitão Carlos Christie.

Um navio levou a missão a Carachi. O governador deste forte não quis permitir o desembarque da embaixada sem ter recebido as suas instruções dos emires. Seguiu-se uma troca de correspondência, depois das quais o enviado Smith levantou algumas impropriedades relativas ao título e à hierarquia respetiva do governador-geral e dos emires. O governador desculpou-se com a sua ignorância da língua persa e disse que, não querendo deixar subsistir vestígio algum de equívoco, estava pronto a mandar matar ou cegar, à escolha do enviado, a pessoa que escrevera a carta. Essa declaração pareceu suficiente aos ingleses, que se opuseram à execução do culpado.

Nas suas cartas os emires afetavam um tom de superioridade desprezador; ao mesmo tempo mandavam aproximar um corpo de oito mil homens e punham todos os embaraços imagináveis às tentativas dos ingleses para alcançarem informações, por mais insignificantes que fossem; depois de longas negociações em que o orgulho britânico foi mais de uma vez humilhado, a embaixada recebeu a autorização de partir para Hayderabad.

Para além de Carachi, o principal porto de exportação de Sindia, estende-se uma vasta planície sem árvores nem vegetais, sempre ao longo do mar. É precisa uma travessia de cinco dias para chegar a Tatah, antiga capital de Sindia, então deserta e arruinada. Alguns canais a punham antigamente em comunicação com o Sindia, rio imenso, verdadeiro braço de mar na sua embocadura, acerca do qual Pöttinger reuniu as particularidades mais exatas, mais completas e mais úteis que se têm alcançado.

Combinara-se antecipadamente que a embaixada, alegando uma desculpa

plausível, se dividiria e partiria para Hayderabad por dois caminhos diferentes, a fim de alcançar o maior número possível de noções geográficas acerca do país. Não tardou a chegar ao seu destino e houve as mesmas negociações difíceis para a receção da embaixada, que recusou aceder às pretensões humilhantes dos emires.

«O princípio sobre o qual assenta a fachada oriental da fortaleza de Hayderabad», diz Pöttinger, «o alto das casas e até as fortificações, tudo estava coberto de uma imensidade de pessoas de ambos os sexos, que, pelas suas aclamações e pelos seus aplausos, testemunhavam as suas boas disposições para connosco. Chegados ao palácio, no lugar onde devia apear-se, os ingleses foram recebidos por Ouli-Mohammed-Khan e por muitos outros oficiais de posto eminente; marcharam diante de nós por uma vasta plataforma descoberta, na extremidade da qual estavam assentados os emires. Como essa plataforma estava coberta dos mais ricos tapetes da Pérsia, descalçámos os sapatos. Quando o oficial deu o primeiro passo para os príncipes, levantaram-se todos três e ficaram em pé até que ele chegou ao lugar que lhe era designado; um pano bordado, que o cobria, distinguia-o dos lugares das outras pessoas da embaixada. Os príncipes fizeram-mos, cada um deles, perguntas muito delicadas sobre a nossa saúde. Demais, como era uma audiência de pura cerimónia, toda ela se passou em cumprimentos e expressões de delicadeza. Os emires traziam uma grande quantidade de pedras preciosas, além das que ornavam os copos e as bainhas das suas espadas e dos seus punhais, e viam-se brilhar nos seus cinturões esmeraldas e rubis de uma grossura extraordinária. Estavam sentados por ordem de idade, o mais velho no meio, o segundo à direita e o mais novo à esquerda. Um tapete de feltro ligeiro cobria todo o círculo; por cima estava posto um colchão de seda de perto de uma polegada de espessura e exatamente do tamanho necessário para os príncipes terem lugar.»

A relação termina por uma descrição de Hayderabad — fortaleza que só a custo resistiria aos ataques de um inimigo europeu — e com diversas considerações sobre a natureza da embaixada, que tinha em parte por fim fechar

aos franceses a entrada do Sindia. Logo que o tratado se concluiu, os ingleses voltaram para Bombaim.

Graças a esta viagem, a Companhia conhecia melhor um dos seus países limítrofes e reunia documentos preciosos acerca dos recursos e das produções de um país atravessado por um rio imenso, o Indo dos antigos, que, nascendo no Himalaia, podia facilmente servir para se escoarem os produtos de uma imensa zona de território. O fim atingido era antes político do que geográfico, mas a ciência aproveitava mais uma vez as necessidades da política.

O pouco que até então se sabia acerca do espaço compreendido entre o Cabulistão, a Índia, a Pérsia e o mar das Índias era tão incompleto como defeituoso.

A Companhia, muito satisfeita com o modo como o capitão Christie e o tenente Pöttinger tinham dado conta da sua embaixada, resolveu confiar-lhes outra missão, bem mais delicada e mais difícil: irem ter por terra, através do Balochistão, com o general Malcolm, embaixador na Pérsia, e reunir acerca desse vasto e extensíssimo território dados mais completos e mais exatos do que os que se possuíam até então.

Não se podia pensar em atravessar, com fatos europeus, o Balochistão, cuja população era fanática. Por isso Christie e Pöttinger dirigiram-se a um negociante hindu, fornecedor de cavalos nos governos de Madrasta e de Bombaim, e este creditou-os com os seus agentes em Kélat, capital do Balochistão.

A 2 de janeiro de 1810, os dois oficiais embarcaram em Bombaim para Sonminy, único porto de mar da província de Lhossa, aonde chegaram, depois de ter arribado a Porebender, na costa de Guzarate.

Todo o país que os viajantes atravessaram antes de chegarem a Béla é apenas uma imensa lagoa salgada, invadida pelo *jungle*. O Djam, ou governador desta cidade, era inteligente. Fez aos ingleses uma infinidade de perguntas, que denotavam o seu desejo de se instruir, e confiou ao chefe da tribo dos Bezendjos, que são Baloches, o cuidado de levar os viajantes a Kélat.

A temperatura mudara muito desde Bombaim. Pöttinger e Christie tiveram de sofrer nas montanhas um frio excessivamente vivo, que chegou até a gelar a água nos odres.

«Kélat», diz Pöttinger, «capital de todo o Balochistão, de onde lhe veio o seu nome de Kélat, que quer dizer *cidade,* está situada numa altura a ocidente de uma planície ou vale bem cultivado, de perto de oito milhas de comprimento e três de largura. A maior parte dessa extensão é em jardins. A cidade forma um quadrado. Três lados são cingidos por um muro de terra de uns vinte pés de altura, flanqueado de baluartes, com intervalos de duzentos e cinquenta passos, baluartes que, da mesma forma que os muros, têm um grande número de barbacãs para os mosquetes. Não tive ocasião de visitar o interior do palácio, mas só oferece um monte confuso de edifícios comuns de terra com tetos chatos em forma de terraço; tudo é defendido por muros baixos, guarnecidos de parapeitos e barbacãs. Contam-se na cidade perto de duas mil e quinhentas casas, mas os arrabaldes têm também mais de mil; são de tijolos meio cozidos e de madeiramento, tudo cimentado. As ruas são em geral mais largas que as das cidades habitadas pelos asiáticos. A maior parte tem de cada lado passeios elevados para os que vão a pé; no meio um enxurro descoberto, que é uma coisa bem incómoda com a grande quantidade de porcarias e de imundícies que para ali se deitam, e com a água da chuva estagnada que ali para, porque nenhum regulamento positivo obriga os habitantes a limparem-no. Outro grande obstáculo às comodidades e ao asseio da cidade é o uso de fazer passar por cima da rua os andares superiores das casas, de forma que a parte de baixo fica sombria e húmida. O bazar de Kélat é vasto e bem fornecido de mercadorias de toda a espécie. Todos os dias se fornece de carnes, de ervagens e de toda a qualidade de géneros, que são baratos.»

A população, no dizer de Pöttinger, divide-se em duas classes bem distintas, os Baloches e os Brahouis, e cada uma delas se subdivide num grande número de tribos. A primeira parece-se, pelo aspeto e pela língua, com o persa moderno; o Brahoui conserva, pelo contrário, um grande número de antigas

palavras Índias. Numerosas uniões entre essas duas classes deram origem a uma terceira.

Os Baloches, que saíram das montanhas de Mekkran, são tunitas, quer dizer, consideram os quatro primeiros imãs como os legítimos sucessores de Maomé. Povo pastor, têm as qualidades e os defeitos dos povos pastores. Se são hospitaleiros, são indolentes, e passam o tempo a jogar e a fumar. Limitam-se geralmente a possuir uma ou duas mulheres, que não escondem tanto aos estrangeiros como os outros muçulmanos. Têm um grande número de encravos dos dois sexos, que tratam com bondade. Excelentes atiradores, são caçadores apaixonados; de uma bravura a toda a prova, folgam com as razias, que têm entre eles o nome de *tchépaos*. Estas expedições são ordinariamente feitas pelos Nhérouis, os mais selvagens e os mais ladrões dos Baloches.

Quanto aos Brahouis, esses levam ainda mais longe os seus hábitos errantes. Poucos homens são mais ativos e mais fortes, poucos há que suportem tanto o frio glacial das montanhas e o calor abrasador das planícies. Geralmente baixos, tão valentes, tão hábeis atiradores, tão fiéis à sua palavra como os Baloches, têm um gosto muito menos pronunciado pela rapina.

«Não vi outro povo asiático com que eles se pareçam», diz Pöttinger, «porque muitos têm barba e cabelo castanhos.»

Depois de curtíssima residência em Kélat, os dois viajantes, que continuavam a fazer-se passar por negociantes de cavalos, julgaram a propósito continuar a sua viagem; mas, em vez de seguirem a estrada de Candahar, atravessaram um país triste € estéril, muito pouco povoado, banhado pelo Caisser, rio sem água de verão. Chegaram, na fronteira do Afeganistão, a uma pequena cidade chamada Nouschky.

Neste sítio, uns baloches, que pareciam ter-se-lhes afeiçoado, fizeram-lhes sentir a dificuldade de irem ao Khorassan e a Hérat, sua capital, pelo caminho de Sedjistan.

— Vão para Kerman, diziam-lhes, por Hedje e Benpour — ou por Serherd, aldeia na fronteira ocidental de Balochistão, e daí entrem no Nermanchir.

A ideia de seguirem dois caminhos sorriu imediatamente a Christie e a Pöttinger. Essa resolução era contudo contrária às suas instruções, mas «achávamos a nossa desculpa», diz Pöttinger, «na vantagem incontestável que daí resultaria, alcançando, acerca das regiões que estávamos encarregados de explorar, conhecimentos geográficos e estatísticos mais extensos do que os que se poderiam esperar se viajássemos juntos».

Christie foi o primeiro a partir pelo caminho de Douchak; depois o seguiremos.

Dias depois, Pöttinger recebeu em Nouschky, do seu correspondente de Kélat, cartas em que o informavam que andavam à sua procura enviados dos emires do Sindia, porque tinham sido reconhecidos, e o cuidado de sua segurança devia resolvê-lo a partir o mais cedo possível.

A 25 de março, o tenente inglês tomava portanto o caminho de Serawan, pequeníssima cidade situada ao pé da fronteira afegã. Antes de ali chegar, encontrara Pöttinger no seu caminho monumentos singulares, altares ou túmulos, cuja construção se atribuía aos Guebros, esses adoradores do fogo, que têm hoje o nome de Parses.

Serawan fica a seis milhas dos montes Serawani, no meio de uma comarca estéril e nua. Esta cidade deve a sua fundação unicamente ao abastecimento constante e considerável de água que o Béli lhe leva, inapreciável vantagem num país continuamente exposto à seca e à fome.

Pöttinger visitou depois o distrito de Kharan, afamado pela força e pela agilidade dos seus camelos, e atravessou o deserto que forma a extremidade meridional do Afeganistão. A areia é excessivamente ténue, as suas partículas são quase impalpáveis; forma, debaixo da ação do vento, montículos de dez a vinte pés de altura, separados por vales profundos. Mesmo quando o tempo está sereno, flutua no ar um grande número de partículas, que dão lugar a uma miragem de uma espécie particular, e, penetrando nos olhos, na boca ou nas ventas, causam uma irritação excessiva e ao mesmo tempo uma sede inextinguível.

Penetrando no território de Mekkran, Pöttinger teve de assumir o papel de um *pyrmdeh*, ou santo, porque a população é essencialmente rapinante, e a sua qualidade aparente de comerciante não deixaria de lhe ocasionar as mais desagradáveis aventuras.

À aldeia de Goul, no distrito de Daizouk, sucedem-se a vila arruinada de Asmanabad, a de Hefter, e a cidade de Pourah, onde Pöttinger foi obrigado a confessar a sua qualidade de Frangui, com grande escândalo do guia, que nunca suspeitara semelhante coisa, durante os dois meses em que tinham vivido juntos, e a quem ele dera muitas provas de santidade.

Enfim, exausto de fadiga, já sem recursos nenhuns, Pöttinger chegou a Benpour, localidade visitada em 1809 por um capitão de infantaria sipaia, de Bengala, o Sr. Grant. Fiado nas excelentes recordações que este oficial deixou, o viajante vai ter com o Serdar. Mas este, em vez de pôr à sua disposição os socorros necessários para a continuação da sua viagem, em vez de se contentar com o fraco presente que Pöttinger lhe deu, acha ainda meio de extorquir um par de pistolas, que lhe serviriam de muito nas suas peregrinações.

Basmans é o último lugar de habitações fixas do Balochistão. Visita-se nesse sítio uma fonte de água sulfurosa a ferver, que os Baloches consideram como um excelente específico nas doenças cutâneas.

As fronteiras da Pérsia estão longe de se achar estabelecidas de um modo científico. Por isso existe uma larga faixa de território não neutro, mas sujeito a contestação, e teatro habitual de lutas sanguinolentas.

A pequena cidade de Regan, no Nermamkir, é muito bonita. É um forte ou, antes, uma aldeia fortificada, rodeada de altas muralhas, bem conservadas e munidas de baluartes.

Mais adiante, mesmo na Pérsia, encontra-se Bemm, cidade outrora importantíssima, como provam as extensas ruínas que a cercam. Pöttinger foi ali recebido com muita cordialidade pelo governador.

«Quando chegou perto do sítio onde eu estava», disse o viajante, «voltou-se para um dos seus homens e perguntou-lhe onde estava o Frangui.

Designaram-me, fez-me sinal com a mão para o seguir, e ao mesmo tempo o seu olhar fixo, que me media dos pés à cabeça, exprimia o espanto que lhe causava o meu trajo; era realmente tão estranho que desculpava a pouca polidez do seu olhar. Eu vestia uma camisa grosseira de baloche e umas calças que tinham sido brancas antigamente; mas, como havia seis semanas que eu as usava, estavam já bastante escuras e quase esfarrapadas; acrescente-se a isto um turbante azul, um pedaço de corda a fazer de cinto e nas mãos um grosso bordão, que me prestara grandes serviços para me ajudar a andar e a defender-me dos cães.»

Apesar do estado de miséria da esfarrapada personagem que se apresentava diante dele, o governador recebeu Pöttinger com tanta cordialidade como se pode esperar de um muçulmano e deu-lhe um guia para ir para Kerman.

Foi a 3 de maio que o viajante entrou nesta cidade, com o sentimento de ter levado a cabo o que havia de mais difícil na sua viagem e de se ver quase salvo.

Kerman é a capital da antiga Caramânia; era uma cidade florescente debaixo do domínio afegã e tinha uma fábrica de xales que rivalizavam com os de Caxemira.

Neste sítio, Pöttinger foi testemunha de um espetáculo frequente nesses países, onde se faz pouco caso da vida de um homem, mas que causam sempre a um europeu uma impressão de horror e de tédio.

O governador desta cidade era a um tempo genro e sobrinho do xá e filho de sua mulher.

«A 15 de maio, o príncipe julgou ele próprio», diz o viajante, «uns homens acusados de terem morto um dos seus criados. Dificilmente se pode fazer ideia do estado de incerteza e de susto em que os habitantes estiveram todo o dia. As portas da cidade fecharam-se pelo menos para não se deixar sair ninguém. Os oficiais do Governo não trataram de negócio algum. Mandaram-se comparecer muitas pessoas como testemunhas, sem aviso preliminar. Vi duas ou três levadas ao palácio num estado de angústia que não seria diferente se fossem levadas ao suplício. Pelas três horas da tarde o príncipe pronunciou a sentença contra os

réus. A um arrancaram-lhe ambos os olhos, a outros rasgou-se a língua ao meio. A estes cortaram-se as orelhas, o nariz e os lábios; àqueles ambas as mãos, os dedos ou os artelhos. Soube que durante todo o suplício desses míseros, que estavam sendo mutilados, o príncipe estivera sempre sentado à mesma janela em que eu o vi e que dera as suas ordens sem o mais leve sinal de compaixão ou de horror pela cena que se desenrolava diante dele!»

De Kerman, Pöttinger partiu para Cheré-Bebig, cidade situada a igual distância de Yezd, de Xiraz e de Kerman, depois para Ispaão, onde teve o prazer de encontrar o seu companheiro Christie, e enfim para Meragha, onde encontrou o general Malcolm. Havia sete meses que os viajantes tinham deixado Bombaim. Christie percorrera duas mil duzentas e cinquenta milhas e Pöttinger duas mil quatrocentas e doze.

Mas devemos voltar atrás e ver como Christie se desempenhava da perigosa viagem que empreendera, muito mais facilmente do que ele próprio estperava.

Deixara Nouschky a 22 de março, atravessara os montes Vachouty e um país inculto, quase deserto, até às margens do Helmend, rio que se lança no lago Hamoun.

«O Helmend», diz Christie no seu relatório à Companhia, «depois de ter passado perto de Candahar, corre a sudoeste e a oeste, depois entra no Sedjistan a cerca de quatro dias de marcha de Douchak; descreve um circuito ao longo das montanhas, depois forma um lago. Em Pellalek, onde estávamos, tem pouco mais ou menos uns mil e duzentos pés de largura e é muito profundo. À distância de meia milha para cada lado, o país é cultivado por irrigações, depois principia o deserto, eleva-se em fraguedos perpendiculares. As margens do rio abundam em tamarindos e em grande número de pastagens para os animais.»

O Sedjistan, situado nas margens deste rio, só encerra quinhentas milhas quadradas. As partes habitadas são as margens do Helmend, cujo leito se vai profundando cada vez mais todos os anos.

Em Elomdar, Christie mandou procurar um hindu a quem ia recomendado.

Este aconselhou-lhe que mandasse embora os seus baloches e que assumisse o caráter de um peregrino. Dias depois, penetrava em Douchak, que também tem o nome de Djellahabad.

«As ruínas da antiga cidade cobrem um terreno pelo menos da extensão de Ispaão», diz o viajante. «Foi construída, como todas as cidades de Sedjistan, com tijolos meio cozidos, as casas eram de dois andares e tinham tetos abobadados. A cidade moderna de Djellahabad é asseada, bonita, e vai crescendo todos os dias; tem quase duas mil casas e um bazar sofrível.»

De Douchak até Hérat, Christie fez o caminho com bastante facilidade, tendo só de tomar certas precauções para sustentar o seu papel.

Hérat fica situada num vale, é cercada de altas montanhas e banhada por um rio, de forma que se não veem por toda a parte senão pomares e jardins. A cidade cobre um espaço de quatro milhas quadradas; é cercada por um muro flanqueado de torres e cingida por fossos cheios de água.

Nenhuma cidade tem menos terrenos vagos, nem população mais aglomerada. Christie avalia-a em cem mil habitantes. É talvez, de toda a Ásia submetida aos príncipes indígenas, a cidade mais comercial. Empório do tráfico entre Cabul, Candahar, o Indostão, a Caxemira e a Pérsia, Hérat produz certas mercadorias procuradas, sedas, açafrão, cavalos, assa-fétida.

«Esta planta», diz Christie, «cresce à altura de dois a três pés; a haste tem duas polegadas de diâmetro; termina numa umbela, que, no sazonar, é amarela e parece uma couve-flor. Os Hindus e os Baloches gostam imenso dela; comem-na depois de terem cozido a haste debaixo da cinza e cozinhado a umbela como as outras hortaliças; conserva todavia o gosto e o cheiro nauseabundo.»

Como tantas outras cidades orientais, Hérat possui belos jardins públicos, mas já se não cuidava deles senão para se lhes colherem os produtos, que vendiam no bazar.

Depois de residir um mês em Hérat, disfarçado em mercador de cavalos, Christie deixa a cidade, espalhando habilmente o boato de que voltaria brevemente, logo depois da romaria que tencionava fazer a Méched. Dirigiu-se

para o Yezd, através de um país devastado pelos Ouzbecks, que destruíram completamente os reservatórios destinados a receber a água da chuva.

Yezd é uma cidade muito grande, muito povoada, à entrada de um deserto de areia. Dá-se-lhe o nome de Dar-oul-Ebadet, ou a Sede da Adoração. Tem fama pela segurança de que ali se goza e que poderosamente contribuía para o desenvolvimento do seu comércio com o Indostão, o Khorassan, a Pérsia e Bagdade.

«O bazar», diz Christie, «é vasto e bem abastecido de mercadorias. Esta cidade conta vinte mil casas, além das dos Guebros. Avalia-se o número destes últimos em quatro mil. É um povo ativo e laborioso, apesar de ser cruelmente oprimido.»

De Yezd até Ispaão, onde foi residir para o palácio do emir Ond-Daoulé, Christie percorreu uma distância de cento e setenta milhas por uma boa estrada. Teve o gosto de encontrar nesta última cidade, como dissemos, o seu companheiro Pöttinger; os dois oficiais só tiveram que se felicitar mutuamente por terem realizado com êxito a sua missão e por terem escapado a todos os perigos de tão longo caminho, através de países fanatizados.

Como se poderá talvez avaliar pelo resumo que acabámos de fazer, a narrativa de Pöttinger é extremamente curiosa. Muito mais exato de que a maior parte dos seus antecessores, levou ao conhecimento público uma profusão de factos históricos, de anedotas, de apreciações e de descrições geográficas das mais interessantes.

Desde meados do século XVIII, Cabulistão nunca deixara de ser teatro de guerras civis encarniçadas. Competidores, que se atribuíam mais ou menos direitos ao trono, tinham posto tudo a ferro e fogo, e dessa região, outrora rica e florescente, haviam feito um deserto em que as ruínas das cidades desaparecidas eram como que o último testemunho de uma prosperidade que se podia julgar para sempre extinta.

Ali, por 1808, reinava, em Cabul, Szuhan-oul-Moulk. A Inglaterra, que se inquietara demasiado e por mais tempo que se esperava com os projetos

formados por Napoleão para atacar as Índias e com as tentativas de aliança com o xá de Pérsia, em que fora intermediário o general Gardane, resolveu enviar uma embaixada ao rei de Cabul, em que se tratava de levar a sustentar os interesses da Companhia.

O embaixador escolhido foi Mountstuart Elphinstone, que deixou uma interessantíssima narrativa da sua missão. Devem-se-lhe informações absolutamente novas acerca de toda essa região e das tribos que a povoam.

O seu livro tem hoje de novo uma certa atualidade, e não se leem sem interesse as linhas consagradas aos Kybérianos e aos povos montanheses, que se acharam envolvidos nos acontecimentos que se desenrolam diante dos nossos olhos.

Tendo partido de Deli no mês de outubro de 1808, Elphinstone chegou a Canound, onde principia um deserto de areia movediça, depois entrou no Shekhawuttée, região habitada pelos Radjputs. No fim de outubro, a embaixada chegou a Singauna, linda cidade, cujo rajá era um danado fumador de ópio.

«Era», diz o viajante, «um homenzinho cujos olhos esbugalhados estavam inflamados pelo abuso do ópio. A sua barba, levantada de ambos os lados para as orelhas, dava-lhe um aspeto selvagem e terrível.»

Djounjounha, cujos jardins causaram uma impressão de frescura no meio destes desertos, não depende ainda do rajá de Bikanir, cujos rendimentos não excedem 1250000 francos. Como é que esse príncipe ainda pode cobrar tão consideráveis rendimentos com um território árido e deserto, atravessado em todos os sentidos por milhões de ratos, hordas de gazelas ou de jumentos bravos?

«Como a vereda através das montanhas de areias era muito estreita», diz Elphinstone descrevendo a marcha da sua caravana, «só dois camelos podiam caminhar a par. Logo que um desses animais se afastava da vereda, enterrava-se nas areias como se fosse em neve, de forma que o mais leve embaraço na frente da coluna fazia parar a caravana toda. A vanguarda também não podia marchar quando a retaguarda parava, e, com medo que a divisão separada dos guias se perdesse entre as colunas de areia, o som do tambor e de trombetas servia de

sinal para impedir toda e qualquer separação.»

Não parece a marcha de um exército? Esses estrondos guerreiros, o brilho dos uniformes e das armas, tudo isso podia dar ideia de uma embaixada pacífica? Não se poderia aplicar à Índia o ditado, tão conhecido, que explica, na Espanha, as ideias e os costumes que nos são estranhos, e dizer *Cosas de India,* como se diz *Cosas de Espanã*?

«A escassez de água e a má qualidade da que bebíamos, eram duas coisas insuportáveis para os nossos soldados e para os nossos criados. Se a abundância dos melões lhes mitigava a sede, tinha os mais tristes resultados para a sua saúde. A maior parte dos filhos da Índia que nos acompanhavam foram atacados por uma febre lenta e pela disenteria. Quarenta pessoas morreram durante a primeira semana de paragem em Bikanir.»

Pode-se dizer de Bikanir o que La Fontaine disse dos paus flutuantes:

Ao longe é alguma coisa, e não é nada ao perto.

O aspeto exterior da cidade é-lhe favorável, mas não é senão uma acumulação desordenada de cabanas com paredes de terra amassada.

Nesse tempo o país estava invadido por cinco exércitos, e os dois beligerantes expediam enviado sobre enviado ao embaixador inglês para tratar de obter, não podendo ser um socorro material, pelo menos um apoio moral.

Elphinstone foi recebido pelo rajá de Bikanir.

«Esta corte», diz ele, «era muito diferente de todas as que vi na Índia. Os homens eram mais brancos do que os Hindus, pareciam-se com os Judeus pela configuração das suas feições e cobriam a cabeça com turbantes magníficos. O rajá e os seus parentes tinham barretes de muitas cores, enriquecidos de pedrarias. O rajá encostava-se a um escudo de aço, cujo meio, em relevo, e cujas bordas estavam incrustados de rubis e de diamantes. Alguns momentos depois (da nossa entrada), o rajá convidou-nos a subtrair-nos ao calor e à importunidade da multidão... Assentámo-nos no chão, segundo o costume hindu, e o rajá

pronunciou um discurso, no qual nos disse que era vassalo do soberano de Deli e que, estando Deli em poder dos Ingleses, ele se apressava em reconhecer na minha pessoa a suserania do meu Governo. Mandou buscar as chaves do forte e ofereceu-mas, mas eu recusei-as, porque não tinha poderes para as aceitar. Depois de longas instâncias, o rajá guardou as suas chaves. Algum tempo depois, um bando de bailadeiras entrou; as danças e as cantigas só cessaram depois da nossa partida.»

Ao sair de Bikanir, tem de se entrar num deserto, no meio do qual se elevam as cidades de Moujghur e de Bahawulpore, onde uma multidão compacta esperava a embaixada. O Hyphasis, rio em que navegou a frota de Alexandre, não correspondeu à ideia que tal lembrança evocava. No dia seguinte chegava Bahaweel-Khan, governador de uma das províncias orientais do Cabulistão. Trazia magníficos presentes ao embaixador inglês, que conduziu pela margem direita do Hyphasis até Moultan, cidade famosa pelas suas sedas. O governador desta cidade ficara aterrado ao saber da chegada dos ingleses, e tratou de saber que atitude conviria tomar se estes fossem conquistar a cidade por surpresa ou se exigissem a sua cedência.

Estes sustos acalmaram-se e a entrevista foi das mais cordiais. A descrição que dela faz Elphinstone, se parece um pouco carregada, nem por isso é menos curiosa.

«O governador», diz ele, «cumprimentou o Sr. Strachey (secretário da embaixada) à moda persa. Encaminharam-se juntos para a tenda, e a desordem tornou-se então maior. Aqui, batiam-se ao murro; ali, os cavaleiros passavam através dos peões. O cavalo do Sr. Strachey ia caindo e o secretário teve muito trabalho em conservar o equilíbrio. Quando se aproximaram da tenda, o Khan e o seu séquito enganaram-se no caminho, precipitaram-se sobre a cavalaria com tanta impetuosidade que esta mal teve tempo de fazer três meias voltas para os deixar passar. As tropas em desordem juntaram-se ao pé da tenda, os criados do Khan deitaram a fugir, os guarda-ventos foram arrancados e pisados aos pés; até as cordas da tenda se romperam e o pano ia-nos caindo em cima da cabeça. O

interior encheu-se de gente num instante e ficou em completa escuridão. O governador e dez pessoas do seu séquito assentaram-se, as outras ficaram em armas.

Essa visita foi de pouca duração; o governador só sabia recitar o seu rosário com fervor e dizer-me com precipitação: “Sois bem-vindo! Sois bem-vindo!” Enfim, pretextou que receava que eu estivesse incomodado com a multidão e retirou-se.»

A narração é divertida. Serão verdadeiras todas as suas particularidades? Pouco importa. A 31 de dezembro, a embaixada passava o Indo e penetrava num país cultivado com cuidado e método, que em nada recordava o Indostão. Os habitantes ido país nunca tinham ouvido falar dos ingleses, que eles tomavam por mongóis, afeganes ou hindus. Por isso, os boatos mais estranhos corriam nessa população propensa ao maravilhoso.

Foi preciso fazer uma paragem de um mês em Dera para esperar um *mehmandar,* espécie de introdutor dos embaixadores. Duas pessoas da missão aproveitaram isso para escalar o pico de Tukhte-Soleiman, ou trono de Solimão, no qual a arca de Noé, segundo a lenda, pousara depois do Dilúvio.

A 7 de fevereiro partiu de Dera, e desde então a embaixada não fez senão atravessar regiões deliciosas até Peschawer, aonde o rei ia também, porque essa cidade não é a residência habitual da corte.

«No dia da nossa chegada», diz a relação, «o jantar foi-nos fornecido pela cozinha do rei. A comida era excelente. Depois, mandámos fazer a carne à nossa moda, mas o rei continuou a dar-nos de almoçar, de jantar e lanche; além disso, mais provisões para duas mil pessoas, duzentos cavalos e um grande número de elefantes. O nosso séquito nem por sombras era tão considerável, e não tive contudo pouco trabalho, no fim de um mês, em obter de Sua Majestade algum corte nesta profusão inútil.»

Como se devia esperar, as negociações para as apresentações na corte foram longas e difíceis. Acabaram enfim, e a receção foi tão cordial quanto o permitem os usos diplomáticos. O rei estava vestido de diamantes e de pedrarias;

tinha na cabeça uma coroa magnífica, e num dos seus braceletes brilhava a *Cohi-nour,* o maior diamante que existe e de que se acha um desenho nas *Viagens de Tavernier.*

«Devo declarar», diz Elphinstone, «que se alguns objetos e sobretudo a riqueza extraordinária do trajo real excitaram a minha admiração, achei muitos outros bastante abaixo do que esperava. Em suma, viam-se nisso menos os indícios da prosperidade de um estado poderoso do que os sintomas da decadência de uma monarquia outrora florescente.»

E, nisto, o embaixador cita a rapacidade com que os oficiais do rei disputavam uns aos outros os presentes dos ingleses e outras minuciosidades que o impressionaram penosamente.

Uma segunda entrevista com o rei produziu em Elphinstone uma impressão mais favorável.

«Acreditar-se-á dificilmente», diz ele, «que um monarca oriental possa ter tão bom tom e conservar a sua dignidade ao mesmo tempo que se esforça por agradar.»

A planície de Peschawer, rodeada, exceto a leste, por altas montanhas, é banhada por três braços do rio de Cabul, que ali fazem a sua junção, e por muitos pequenos regatos. Por isso, esse campo é singularmente fértil. Ameixas, pêssegos, peras, marmelos, romãs, tâmaras, encontram-se a cada passo. A população, tão pouco densa nas regiões áridas que a embaixada percorrera, concentrara-se ali, e, de uma só vez, o tenente Macartney não contou menos de trinta e duas aldeias.

Quanto a Peschawer, tinha cem mil habitantes, alojados em casas de tijolos, com três andares. Muitas mesquitas, cuja construção não tem nada de notável, um belo caravançarai e o *ballahissaur*, castelo fortificado em que o rei recebeu a embaixada, tais são os monumentos mais importantes de Peschawer. O concurso de habitantes de raças diversas, de trajos diversos, apresenta um quadro sempre mutável, verdadeiro caleidoscópio humano, que parece feito para o divertimento do estrangeiro. Persas, Afeganes, Kyberianos, Hazaurehs,

Duraneus, etc., cavalos, dromedários e camelos da Bactriana, bípedes e quadrúpedes!... o naturalista tem que observar e descrever.

Mas o que faz o encanto dessa cidade, assim como da Índia toda, são os seus jardins, a abundância e o perfume das suas flores e sobretudo das suas rosas.

No entanto, a situação do rei não era tranquilizadora. Seu irmão, que ele destronara em consequência de uma revolta popular, retomara as armas e acabava de se apoderar de Cabul. Era impossível uma demora mais longa da embaixada. Teve de retomar o caminho da Índia, passou por Attock e pelo vale de Hussour-Abdoul, célebre pela sua beleza. Era aí que Elphinstone devia parar até que a sorte das armas decidisse do trono de Cabul, mas recebera as suas cartas de chamada. Demais, a sorte fora contrária a Szuhan, que, depois de ter sido completamente batido, teve de procurar a salvação na fuga.

A missão continuou, pois, o seu caminho e atravessou o país dos Sikhs, montanheses grosseiros, seminus e meio bárbaros.

«Os Sikhs» — que iam dar que falar terrivelmente alguns anos depois — diz Elphinstone, «são homens altos, magros e contudo muito fortes. Só vestem umas calças, que chegam até metade das coxas. Trazem muitas vezes grandes capas de peles persas, negligentemente, ao ombro. Os seus turbantes não são largos, mas muito altos e achatados na frente. Nunca põem tesoura na barba nem nos cabelos. As suas armas são o arco ou o mosquete. Os homens distintos usam arcos muito elegantes e não se visitam senão armados assim. Quase todo o Pendjab pertence a Rendjeit-Singh, que, em 1805, não era senão um dos numerosos chefes do país. Na época da nossa viagem, acabava de adquirir a soberania de toda a região ocupada pelos Sikhs e tomara o título de rei.»

Nenhum incidente digno de menção veio marcar a volta da embaixada a Deli. Trazia, além da narração dos acontecimentos que se tinham passado diante dos seus olhos, os documentos mais preciosos sobre a geografia do Afeganistão e do Cabulistão, sobre o clima, produções, animais, vegetais e minerais dessa imensa extensão do país.

A origem, a história, o governo, a legislação, a condição das mulheres, a religião, a língua, o comércio, formam o assunto de outros tantos capítulos muito interessantes da relação de Elphinstone, que os jornalistas mais bem informados saquearam à sua vontade, quando se decidiu a recente expedição inglesa ao Afeganistão.

Enfim, a obra termina com um estudo muito minucioso sobre as tribos que formam a população do Afeganistão e por um conjunto de documentos inestimáveis, para a época, sobre as regiões vizinhas.

Em resumo, a relação de Elphinstone é curiosa, interessante, preciosa por muitos lados, e pode ser ainda hoje consultada com proveito.

O zelo da Companhia era infatigável. Uma missão não estava de volta ainda e já outra partia para outra direção, com instruções diferentes. Tratava-se de apalpar o terreno à roda de si, de estar sem cessar ao facto dessa política asiática, sempre tão mutável, de impedir uma coligação dessas tribos de nacionalidades diversas contra os usurpadores do solo. Em 1812, um outro pensamento — esse mais pacífico — determinou a viagem de Moorcroft e do capitão Hearsay ao lago Mansarovar, situado na província do Oundés, que faz parte do Pequeno Tibete.

Tratava-se, desta vez, de trazer um rebanho de cabras de Caxemira, de grandes sedas, cujo pelo serve para a fabricação desses xales famosos no universo inteiro.

E, além disso, propunha reduzir-se a nada essa asserção dos hindus de que o Ganges tem a sua origem para lá do Himalaia, no lago Mansarovar.

Missão difícil e perigosa. Tinha de se penetrar no Nepal, cujo acesso o Governo tornava muito difícil, entrar depois num país de que são excluídos os habitantes do Nepal e com mais razão ainda os ingleses. Esse país era o Oundés.

Os exploradores disfarçaram-se em peregrinos hindus. Tinham um séquito de vinte e cinco pessoas, e, coisa singular, um desses servos comprometera-se a andar continuadamente dando passadas de quatro pés, meio muito aproximativo de medir o caminho percorrido, devemos confessar.

Os Srs. Moorcroft e Hearsay passaram Bereily e seguiram o caminho de Webb até Djosimath, que deixaram a 26 de maio de 1812.

Em breve tiveram de atravessar a última serra do Himalaia, a troco de dificuldades renascentes sem cessar, raridade de aldeias, e, por conseguinte, escassez de víveres e de carregadores, mau estado dos caminhos, situados a grandíssima altura acima do nível do mar.

Nem por isso deixaram de ver Daba, onde se encontra uma *lamanaria* importantíssima, Gortope, Maisar e, a um quarto de milha de Tintapouri, curiosas fontes de água quente.

«A água», diz a relação original publicada nos *Anais das Viagens,* «sai por duas embocaduras, de seis polegadas de diâmetro, de um planalto calcário de três milhas de extensão e elevado quase por toda a parte dez ou doze pés acima da planície que o rodeia. Foi formado pelos depósitos térreos que a água produziu ao resfriar. A água eleva-se quatro polegadas acima do nível do planalto. É claríssima e tão quente que se não pode meter a mão lá dentro por mais de alguns segundos. À roda vê-se uma grossa nuvem de fumo. A água, correndo por uma superfície quase horizontal, cava bacias de formas diferentes, que, à força de receberem depósitos térreos, se apertam; ao fundo levanta-se, e a água cava um novo reservatório, que se enche também. Corre assim de uma para as outras até chegar à planície. O depósito térreo é primeiramente, ao pé de uma das aberturas, tão branco como o estuque mais puro; um pouco mais adiante, é cor de palha e, mais adiante ainda, cor de açafrão. Na outra fonte é primeiro cor-de-rosa, depois torna-se de um vermelho-carregado. Estes diferentes matizes encontram-se também no planalto calcário, que deve ser obra dos séculos.»

Tintapouri, residência de um lama, é desde a mais remota antiguidade o sítio mais frequentado pelos fiéis, como o prova um muro de mais de quatrocentos pés de comprimento e quatro de largura, formado de pedras em que estão inscritas orações.

Os viajantes partiram deste sítio no dia 12 de agosto, a fim de alcançarem o lago Mansarovar, e deixaram à direita o lago Ravahnrad, que passava por dar

origem ao braço principal do Setledje.

O lago Mansarovar está cavado ao pé de imensas planícies inclinadas, dominadas ao sul por montanhas gigantes. De todos os lugares que os hindus veneram, não há nenhum mais sagrado. O motivo é decerto a sua distância do Indostão, as fadigas e os perigos do caminho, enfim, a necessidade de levarem os romeiros consigo dinheiro e provisões.

Os geógrafos hindus faziam sair desta toalha líquida o Ganges, o Setledje e o Kali. Moorcroft não tinha a mínima dúvida acerca da falsidade da primeira destas asserções. Resolvido a verificar as outras duas, seguiu ao longo das margens desse lago, escarpadas e cortadas por algares profundos, viu um grande número de rios que nele se lançavam e não viu nenhum que saísse. É possível que antes do terramoto que arruinou Srinagar, o Mansarovar tivesse sido um emissário, mas Moorcroft não encontrou nem rastos dele. Situado entre o Himalaia e a cordilheira de Cailas, de forma oblonga e irregular, esse lago tem cinco léguas de comprimento e quatro de largura.

Estando satisfeito o fim da missão, Moorcroft e Hearsay voltaram para a Índia, passaram por Gangri e viram Ravahnrad; mas Moorcroft estava tão fraco que não podia circundá-lo; voltou a Tintapouri, depois a Daba, e teve muito que padecer atravessando o Ghat, ou a passagem que separa o Indostão do Tibete.

«O vento que vem das montanhas do Bouthan, cobertas de neve», diz a relação, «é frio e penetrante, a subida foi longa e penosa, a descida íngreme e escorregadia, e exigiu muitas precauções. Em geral, padecemos muito. As nossas cabras, pela negligência dos seus condutores, haviam-se afastado do caminho e tinham trepado à borda de um precipício que ficava quinhentos pés acima. Tirou-as um montanhês desse sítio perigoso; puseram-se a descer, correndo uma ladeira muito escarpada. As últimas soltaram pedras, que, caindo com violência, ameaçavam ferir as que marchavam adiante; era curioso ver a destreza com que estas, continuando sempre a correr, evitavam as pedras.»

Em breve os Gorkhalis, que até aí se limitavam a levantar obstáculos à marcha dos viajantes, os apertam e querem prendê-los. A firmeza dos ingleses

conteve por muito tempo esses selvagens fanáticos; mas finalmente o número deu-lhes coragem e caíram sobre o acampamento.

«Vinte homens se precipitaram sobre mim», diz Moorcroft; «um deles agarrou-me pelo pescoço, e, pondo-me o joelho em cima dos rins, procurava estrangular-me, apertando-me a gravata; outro amarrou uma corda a uma das minhas pernas e puxou-me para trás; eu estava quase a desmaiar. Escapou-me a espingarda a que me encostava e caí; puxaram-me pelos pés até me atarem completamente. Quando me levantei, não há nada que possa dar ideia da expressão de alegria feroz que se pintou no rosto dos meus vencedores. Com medo que eu conseguisse escapar, dois soldados me seguravam pela ponta de uma corda e davam-me de quando em quando com ela uma boa pancada, sem dúvida para me lembrarem a minha posição. Parece que o Sr. Hearsay estava longe de prever que seríamos atacados tão cedo; estava a lavar a boca quando começou o barulho e não ouviu os meus gritos que o chamavam em meu socorro. Os nossos homens não estavam ao pé das poucas armas que tínhamos; alguns escaparam não sei como; os outros foram presos, da mesma forma que o Sr. Hearsay. Não o amarraram como a mim; limitaram-se a segurar-lhe nos braços.»

O chefe desta quadrilha disse aos ingleses que estavam reconhecidos e presos por terem atravessado o país disfarçados em peregrinos hindus. Um faquir, que Moorcroft tinha contratado como cabreiro, conseguiu contudo escapar-se e levar duas cartas às autoridades inglesas. Tomaram-se logo providências, e no 1.º de novembro os exploradores estavam livres. Não só lhes pediam desculpas, mas restituíam-lhes o que lhes tinham roubado, e o rajá do Nepal permitiu-lhes deixar o seu país.

Resta lembrar, para sermos completos, a excursão do Sr. Fraser ao Himalaia e a exploração de Hodgson às nascentes do Ganges em 1817.

O capitão Webb tinha por si mesmo, como dissemos, reconhecido o curso deste rio, desde o vale de Dhoun até Cadjadi, perto de Reital. O capitão Hodgson partiu desse lugar a 28 de maio de 1817, e chegou três dias depois à origem do

Ganges, para lá do Gangautri. Viu o rio sair de uma abóbada baixa, no meio de uma massa enorme de neve gelada, que tinha mais de trezentos pés de altura perpendicular. O curso de água era já respeitável, não tendo menos de vinte e sete pés de largura média e dezoito palmos de profundeza.

Segundo toda a probabilidade, é neste sítio que o Ganges aparece pela primeira vez à luz. Qual é o seu comprimento debaixo da neve gelada? É produto da fusão dessas neves? Surge da terra? Eis os pontos que teria desejado resolver o capitão Hodgson; mas, tendo querido subir mais alto do que os guias lhe consentiam, o explorador mergulhou-se na neve até ao pescoço e foi forçado a voltar com grande custo pelo mesmo caminho. O sítio de onde sai o Ganges está situado a doze mil novecentos e catorze pés acima do nível do mar, no Himalaia mesmo.

Hodgson fez também investigações sobre a origem de Jumna. Em Djemautri, a massa de neve de onde o rio se escapa não tem menos de cento e oitenta pés de comprimento e mais de quarenta pés de espessura entre duas muralhas de granito perpendiculares. Esta fonte está situada na vertente sudoeste do Himalaia.

Se a dominação dos Ingleses na Índia tinha tomado uma extensão considerável, não é menos verdade que essa mesma extensão era um perigo. Todas essas populações, de raças diversas, muitas das quais tinham um passado glorioso, não foram submetidas senão graças ao princípio político, tão conhecido, que consiste em dividir para reinar. Mas não poderiam um dia impor silêncio às suas rivalidades e inimizades para se voltarem contra o estrangeiro?

Encarada friamente essa perspetiva pela Companhia, todas as suas ações deviam tender à aplicação do sistema que tivera tão bom êxito até então. Certos estados vizinhos, ainda bastante poderosos para fazerem sombra ao poder britânico, podiam servir de refúgio aos descontentes e tornar-se foco de intrigas perigosas. Ora, de todos esses impérios vizinhos, o que devia ser mais estreitamente vigiado era a Pérsia, não somente por causa da vizinhança da Rússia, mas porque Napoleão tivera uma ideia de génio, que as suas guerras na

Europa não lhe permitiram pôr em execução.

No mês de fevereiro de 1807, o general Gardane, que ganhara os seus postos durante as guerras da República e se distinguira em Austerlitz, em Iena, em Eylau, foi nomeado ministro plenipotenciário na Pérsia, com a missão de se aliar com o xá Feth-Ali contra a Inglaterra e contra a Rússia. A escolha era feliz, porque um dos antepassados do general Gardane desempenhara uma missão semelhante na corte do xá. Gardane atravessou a Hungria, chegou a Constantinopla e à Ásia Menor; mas, quando chegou à Pérsia, Abbas Mirza sucedera a seu pai Feth-Ali.

O novo xá recebeu o embaixador francês com distinção, encheu-o de presentes, concedeu alguns privilégios aos católicos e aos negociantes franceses. Foi ainda assim o único resultado dessa missão, que foi contrariado pelo general inglês Malcolm, cuja influência era então preponderante. No ano seguinte, Gardane, desanimado, vendo todas as suas tentativas malogradas e compreendendo que não podia esperar resultado algum, voltava a França.

Seu irmão, Ângelo Gardane, que lhe servira de secretário, escreveu uma breve e curta relação da viagem, obra que contém algumas minuciosidades curiosas sobre as antiguidades da Pérsia, mas que devia ser muito excedida pelas obras publicadas pelos Ingleses.

Temos de ligar com a missão de Gardane a relação de um cônsul francês, Adriano Dupré, que fora adido a essa embaixada. Publicou-se com o título de *Viagem à Pérsia, feita nos anos de 1807 a 1809, atravessando a Anatólia, a Mesopotâmia, desde Constantinopla até à extremidade do golfo Pérsico e dali a Irwnn, seguida de vários pormenores acerca dos costumes, usos e comércio dos Persas, corte de Teerão, e de uma notícia das tribos da Pérsia.* A obra cumpre em grande parte as promessas do título e é uma boa contribuição para a geografia e etnografia da Pérsia.

Os ingleses, que se demoraram nesse país muito mais do que os franceses, estavam por isso mesmo mais aptos para reunir materiais abundantes e para fazer uma escolha judiciosa entre as informações que tinham colhido.

Duas obras sobretudo tiveram por muito tempo autoridade: primeiramente as duas relações de James Morier; os ócios que lhe deixava a sua posição de secretário da embaixada, aproveitou-os para se iniciar em todas as minuciosidades dos costumes dos Persas, e, de volta à Inglaterra, publicou muitos romances orientais, que, pela variedade de quadros, pela fidelidade minuciosa de pinturas, pela novidade do cenário, tiveram um êxito retumbante.

E, em segundo lugar, a volumosa memória geográfica in-4.º, de John Macdonald-Kinneir, sobre o império da Pérsia. Esta obra, que fez época e que deixava muito atrás de si tudo o que fora publicado até então, não nos deu somente as informações mais exatas sobre os limites do país, as suas montanhas, os seus rios e o seu clima, como o seu título poderia fazer acreditar; encerra também sobre o governo, sobre a constituição, as forças militares, o comércio, as produções animais, vegetais e minerais, sobre a população e o rendimento, os documentos mais exatos.

Em seguida, depois de ter descrito num vasto e luminoso quadro geral as forças materiais e morais do império da Pérsia, Kinneir passa para a descrição das diferentes províncias, acerca das quais acumulara um montão de documentos dos mais interessantes, que fizeram da sua obra, até estes últimos tempos, o trabalho mais completo e mais imparcial que se tem publicado.

É que, de 1808 a 1814, Kinneir tinha percorrido em muitas direções diferentes a Ásia Menor, a Arménia e o Curdistão. As diversas posições que ele havia ocupado, as missões de que fora encarregado, tinham-no posto no caso de ver bem e comparar. Ou como capitão ao serviço da Companhia ou como agente político junto do nababo de Carnático, ou simples viajante, o espírito crítico de Kinneir estava sempre em ação, e muitos acontecimentos, muitas revoluções, cujas causas teriam escapado a outros exploradores, explicavam-se-lhe pelo conhecimento que tinha adquirido dos costumes, usos e caráter dos orientais.

Na mesma época outro capitão ao serviço da Companhia das Índias, William Price, que tinha sido agregado em 1810 coimo intérprete e secretário adjunto à embaixada de Sir Gore Ouseley, na Pérsia, dirigira os seus estudos para

a decifração dos carateres cuneiformes. Muitos outros já tinham tentado isso, e haviam chegado aos resultados mais extravagantes e mais fantásticos. Como todas as vistas dos seus contemporâneos, as de Price foram conjeturais e as suas explicações muito pouco satisfatórias; mas teve o talento de interessar um certo público pela investigação deste difícil problema, ao mesmo tempo que continuava a tradição de Niebuhr e dos outros orientalistas.

Deve-se-lhe a narração da viagem da embaixada inglesa na corte da Pérsia, em seguida à qual publicou duas memórias sobre as antiguidades de Persépolis e de Babilónia.

Por sua vez, o irmão de Sir Gore Ouseley, William Ouseley, que o acompanhara na qualidade de secretário, aproveitava a sua residência na corte de Teerão para estudar a Pérsia. Mas os seus trabalhos não se dirigiam nem para a geografia nem para a economia política: restringiu-os às inscrições, às medalhas, aos manuscritos, à literatura, numa palavra, a tudo o que respeitava à história intelectual ou material do país. É assim que se lhe deve uma edição de Firdousi e tantas outras obras que vieram, felizmente, a par daquelas que acabámos de citar, completar os conhecimentos já adquiridos sobre o país dos xás.

Mas outra região meio asiática, meio europeia, começava a reconhecer-se melhor. Queremos falar da região caucásica.

Já na última metade do século XVIII, um médico russo, João António Guldenstaedt, visitara Astracã e Kislar, à beira do Terek, na fronteira extrema das possessões russas; entrara na Geórgia, onde o czar Heraclio o acolhera com distinção; vira Tiflis e o país dos Truchmenes e chegara à Imerécia. No ano seguinte, 1773, visitara a Cabardia, a Cumânia oriental, explorara as ruínas de Madiary, chegara a Tscherkask, Azow, e reconhecera as bocas de Dom, e tencionava terminar esta vasta exploração com o estudo da Crimeia quando foi chamado a Sampetersburgo.

As viagens de Guldenstaedt não foram traduzidas em francês; publicadas incompletamente pelo seu autor, que a morte veio surpreender quando as estava redigindo, tiveram por editor, em Sampetersburgo, um jovem prussiano,

Henrique Júlio de Klaproth, que devia explorar as mesmas regiões.

Tendo nascido em Berlim a 11 de outubro de 1783, Klaproth mostrou desde a mais tenra idade disposições pasmosas para o estudo das línguas orientais. Aos quinze anos aprendia sozinho o chinês, e, mal terminara os seus estudos nas Universidades de Halle e de Dresden, principiou logo a publicar o seu jornal, o *Arquivo Asiático.* Atraído à Rússia pelo conde Potocki, foi logo nomeado membro adido da secção de línguas orientais na Academia de Sampetersburgo.

Klaproth não pertencia a essa raça estimável de sábios de gabinete, que se limitam a perder as noites com os livros. Compreendia a ciência de um modo mais largo. Para ele não havia modo mais certo de chegar a um conhecimento perfeito das línguas da Ásia, dos usos e dos costumes do Oriente do que ir estudá-los ao mesmo Oriente.

Klaproth pediu, por conseguinte, autorização para acompanhar o embaixador Golowkin, que ia para a China pela Ásia. Assim que obteve a licença necessária, o viajante partiu sozinho para a Sibéria, parando sucessivamente no país dos Samoiedos, dos Tongouses, dos Bashkirs, dos Jakoutes, dos Kirghises, e de muitos outros povos finlandeses ou tártaros, que vagueiam nestes desertos imensos. Depois chegou a Jakoutsk, onde foi ter com ele o embaixador Golowkin. Depois de uma paragem em Kiatka, o embaixador atravessou a fronteira chinesa no dia 1 de janeiro de 1806.

Mas o vice-rei da Mongólia quis submeter o embaixador a cerimónias que este considerava como humilhantes. Ora, como nem um nem outro queria ceder um ápice das suas pretensões, o embaixador teve de retomar o caminho de Sampetersburgo, que já percorrera, e, preferindo visitar populações novas para ele, atravessou o sul da Sibéria e juntou durante essa longa viagem de uns vinte meses uma coleção importante de livros chineses, manchus, tibetanos e mongóis, que utilizou no seu trabalho, que tem o nome de *Ásia Poliglota.*

Nomeado, quando voltou para Sampetersburgo, académico extraordinário, foi, pouco depois, encarregado, por proposta do conde Potocki, de uma missão

histórica, arqueológica e geográfica no Cáucaso. Klaiproth passou um ano inteiro em correrias, muitas vezes perigosas, por meio de populações rapaces, em regiões difíceis, e visitou os países que Guldenstasdt percorrera no fim do século precedente.

«Tiflis», diz Klaproth — e a sua descrição é interessante quando a aproximamos das dos autores contemporâneos —, «Tiflis, assim chamada por causa das suas águas termais, divide-se em três partes: Tiflis propriamente dita, ou a cidade antiga, Kala ou a fortaleza, e o arrabalde de Isni. Banhada pelo Kour, esta cidade, em metade do seu recinto, não apresentava senão ruínas. As suas ruas eram tão estreitas que um *arba*, uma destas carruagens muito altas que figuram tantas vezes nas vistas do Oriente, não podia facilmente passar pelas mais largas; nas outras mal podia passar um homem a cavalo. As casas, mal construídas de pedras e tijolos ligados com lama, não duravam mais de uns quinze anos. Tiflis tinha dois mercados, mas tudo era extremamente caro, e os xales, da mesma forma que os estofos de seda, que são produtos de manufaturas asiáticas próximas, chegavam a preços mais elevados do que em Sampetersburgo.»

Falar em Tiflis sem dizer algumas palavras das suas águas quentes é impossível. Citaremos portanto esta passagem de Klaproth:

«Os famosos banhos quentes eram outrora magníficos, mas hoje caem em ruínas; veem-se contudo muitos cujas paredes e cujos sobrados são revestidos de mármore. As águas têm pouco enxofre, o seu uso é muito salutar; os indígenas e sobretudo as mulheres recorrem a elas até em excesso; estas últimas demoram-se no banho dias inteiros e até lá fazem as suas refeições.»

A base da alimentação, nos distritos montanhosos pelo menos, é o *phouri*, uma espécie de pão duríssimo e de um gosto desagradável, cuja preparação singular repugna às nossas ideias sibaríticas.

«Quando a farinha está suficientemente amassada», diz a relação, «acende-se, com madeira bem seca, um lume claro e vivo em vasos de barro de quatro pés de altura, de dois de largura e enterrados no solo. Assim que o fogo está bem

ardente, as georgianas sacodem para dentro dele as suas camisas e os seus calções de seda vermelha para fazer cair nas chamas a bicharia que infesta esses trajos. Só depois destas cerimónias é que se atira para dentro dos vasos a farinha, dividida em pedaços da grossura de dois punhos; tapa-se logo a abertura com uma tampa e cobre-se com farrapos, a fim de que se não perca nada do calor e de que o pão se coza bem. Este *phouri* é todavia sempre mal cozido e de muito difícil digestão.»

Depois de ter descrito o que forma a base de todos os festins na casa dos pobres montanheses, assistamos agora com Klaproth a uma refeição de príncipe.

«Estendeu-se diante de nós», diz ele, «uma longa toalha raiada de largura de vara e meia e muito porca; em cima dela pôs-se para cada conviva um pão de trigo de forma oval, de três *empans* de comprimento, de dois de largura, e apenas da espessura de um dedo. Vieram depois um grande número de pequenas bilhas de latão cheias de carne de carneiro e de canja de arroz, galinhas assadas e queijo cortado em fatias. Serviu-se ao príncipe e aos georgianos salmão de fumeiro com ervas verdes e cruas, porque era dia de jejum. Na Geórgia não se sabe o que sejam colheres, facas e garfos; bebe-se a sopa pela bilha, pega-se na carne com as mãos e parte-se com os dedos em bocadinhos. Quando se é muito amigo de alguém, atira-se-lhe um bom bocado. Põem-se os manjares em cima da toalha. Acabada esta refeição serviram-se uvas e frutas secas. Enquanto se comia, despejava-se também com abundância um excelente vinho tinto da terra, que se chama *traktir* em tártaro, e *gwino* em georgiano; bebeu-se por um jarro de prata muito chato, parecidíssimo com um pires.»

Se este quadro dos costumes é picante, o modo como Klaproth conta os diferentes incidentes da sua viagem não deixa de ter também o seu interesse. Ouçam, por exemplo, esta história da excursão do viajante às fontes do Terek, fontes cujo local Guldenstasdt indicara com exatidão, mas que não vira:

«Parti da aldeia de Outsfars-Kan, a 17 de março, numa manhã excessivamente bonita, mas fria. Quinze ossetas me acompanhavam. Depois de meia hora de caminhada, principiámos a subir um caminho escarpado e difícil,

até ao ponto em que o Outsfar-Don se lança no Terek. Tivemos depois durante uma légua um caminho ainda pior, ao longo da margem direita deste rio, que tem aqui apenas dez passos de largura; ia contudo entumecido pelo derretimento das neves. Este lado das suas margens está desabitado. Continuámos a subir e chegámos ao fundo do Khohi, chamado também Istir-Khohi. Chegámos enfim a um sítio onde grossas pedras amontoadas no rio lhe facilitavam a passagem para entrarmos na aldeia de Tsiwratsé-Kan, onde almoçámos; é ali que se reúnem as pequenas correntes de água que formam o Terek. Satisfeito de ter chegado ao fim da minha viagem, deitei um copo de vinho da Hungria dentro do rio e fiz uma segunda libação ao génio da montanha onde o Terek nasce. Os ossetas, que julgavam que eu cumpria um dever religioso, contemplavam-me com respeito. Mandei traçar a vermelho, num enorme rochedo xistoso, cujas paredes eram lisas, a data da minha viagem, assim como o meu nome e dos meus companheiros, depois subi ainda um pouco, até à aldeia de Ressi.»

Em seguida a esta narrativa de viagem, cujos extratos poderíamos multiplicar, Klaproth resume as informações que colheu acerca das populações do Cáucaso e insiste especialmente nas parecenças acentuadas que apresentam os diferentes dialetos georgianos das línguas finlandesas e wogouls. Era essa uma aproximação nova e fecunda.

Falando nos Lesghianos, que ocupam o Cáucaso oriental e cujo território tem o nome de Daghestan ou Lezghistan, Klaproth diz que nos não devemos servir da palavra *Leserhiano* «senão como se empregava outrora o nome de Cita ou de Tártaro para designar os asiáticos do Norte»; depois acrescenta que estão longe de formar uma só nação, mas indica o número de dialetos falados, «que, contudo, parecem derivar-se de uma origem comum, apesar de o tempo os ter consideravelmente alterado». Há nisto uma contradição singular: ou os Lesghianos, falando a mesma língua, formam uma só nação, ou então, não formando uma só nação, não devem falar dialetos cuja origem é a mesma.

No entender de Klaproth, as palavras lesghianas mostram muitas relações com outras línguas do Cáucaso, ou com as da Ásia setentrional, principalmente

com os dialetos samoiedos e finlandeses da Sibéria.

A oeste e a noroeste dos Lesghianos encontram-se os Metzdjeghis ou Tchetchentses, que são provavelmente os mais antigos habitantes do Cáucaso. Não era essa contudo a opinião de Palias, que via neles uma tribo separada de Alanos. A língua dos Tchetchentses tem muita semelhança e muita analogia com o samoiedo, o wogoude e outras línguas siberianas e até com os dialetos slaws.

Os Tcherkesses ou Ciicassianos são os Owkhes dos Goegas; habitavam outrora no Cáucaso oriental e na península da Crimeia, mas mudaram muita vez de residência. A sua língua difere muito dos outros idiomas caucásicos, apesar de os Tcherkesses «pertencerem, assim como os Wogouls e os Ostiakos — acabámos de ver que o lesghiano e a língua dos Tchetchentses se parecem com estes idiomas siberianos —, a um mesmo tronco que, em épocas remotíssimas, se dividiu em muitos ramos, um dos quais era formado provavelmente pelos Hunos. A língua dos Tcherkesses é uma das mais difíceis de pronunciar; certas consoantes devem ser pronunciadas com um arranco de goelas tão forte que nenhum europeu pode articular esses sons.

Encontram-se também no Cáucaso os Abazes, que nunca abandonaram as praias do mar Negro, onde estão estabelecidos desde a mais longínqua antiguidade, e os Ossetas ou Ás, que pertencem ao tronco das nações indo-germânicas. Chamam ao seu país Ironistan e dão a si próprios o nome de Iron. Klaproth vê neles Medas Sármatas, não só por causa desse nome, que se aproxima de Iran, mas também pela própria natureza da língua, «que prova ainda melhor que documentos históricos, e até de um modo incontestável, que pertencem ao mesmo tronco que os Medas e os Persas», opinião que nos parece completamente hipotética, porque se conhecia pouquíssimo, na época de Klaproth, a língua dos Medas; ainda se não tinham conseguido decifrar as inscrições cuneiformes e não se podia apreciar a sua semelhança com a língua que falam os Ossetas.

«Contudo», continua Klaproth, «depois de termos reconhecido nesse povo os Medas Sármatas dos antigos, é ainda mais surpreendente reconhecer neles

também os Alanos, que ocupavam o país ao norte do Cáucaso.»

E mais adiante:

«Resulta evidentemente de tudo o que precede que os Ossetas, que se chamam a si próprios Iron, são os Medas, que se davam a si próprios o nome de Iran, e que Heródoto designa pelo nome de Arioi. São também os Medas Sármatas dos antigos e pertencem à colónia médica estabelecida no Cáucaso pelos Citas. São os Ás ou Alanos da Idade Média; são enfim os lasses das crónicas russas, no dizer das quais uma parte dos montes Cáucasos teve o nome de montes Iássicos.»

Não é aqui o lugar próprio para se discutirem essas identificações, que prestam o flanco à crítica. Limitemo-nos a acrescentar esta reflexão de Klaproth acerca da língua osseta: que a sua pronúncia se parece muito com a dos dialetos da Baixa Alemanha, ou com os dialetos eslavos.

Quanto aos Georgianos, esses diferem essencialmente das nações vizinhas, tanto na língua como nas qualidades físicas e morais. Dividem-se em quatro tribos principais: os Karthouli, os Mingrelianos, os Suanos, habitantes dos Alpes meridionais do Cáucaso, e os Lazes, tribo selvagem e dada à ladroeira.

Como se vê, as informações colhidas por Klaproth são muito curiosas e lançam uma luz inesperada sobre as migrações dos povos antigos. A penetração e a sagacidade do viajante eram extraordinárias, a sua memória prodigiosa. Por isso o sábio berlinês prestou assinalados serviços à linguística. É triste que os predicados do homem, o seu cavalheirismo, a brandura do seu caráter, não estivessem à altura da ciência e da perspicácia do professor.

Devemos agora trocar o mundo antigo pelo novo e contar as explorações da juvenil república dos Estados Unidos.

Logo que o Governo Federal saiu dos embaraços da guerra, logo que a sua existência foi reconhecida e que verdadeiramente se constituiu, voltou-se a atenção pública para esses países das peles, que tinham atraído sucessivamente os ingleses, os espanhóis e os franceses. A baía de Nootka e as costas vizinhas, que o grande Cook e os hábeis Quadra, Vancouver e Marchand tinham

reconhecido, eram americanas. Já mesmo a doutrina Monroe, que anos depois havia de fazer tanto barulho, estava em germe no espírito dos estadistas dessa época.

Por proposta feita ao Congresso, o capitão Meryweather Lewis e o tenente William Clarke foram encarregados de reconhecer o Missuri, desde a sua foz no Mississípi até à nascente, de atravessar as montanhas Rochosas pelo caminho mais curto e mais fácil que pusesse em comunicação o golfo do México e o Pacífico. Esses oficiais deviam, além disso, entrar em relações de comércio com os índios que pudessem encontrar.

A expedição compunha-se de tropas regulares e de voluntários, cujo número, entrando os chefes, formava um total de quarenta e três homens. Um barco e duas pirogas completavam o seu armamento.

Foi a 14 de maio de 1804 que os americanos deixaram o rio Wood, que se lança no Mississípi, para entrar no Missuri. Das reflexões insertas no diário publicado por Gass, depreende-se que os membros desta missão esperavam encontrar os maiores perigos naturais e lutar contra selvagens de uma estatura gigantesca, cujo ódio à raça branca era inextinguível.

Durante os primeiros dias dessa imensa viagem em canoa, que não tinha até então de comparável senão as de Orellana e de La Condamine no Amazonas, os americanos tiveram a boa fortuna de encontrar, com alguns sioux, um velho francês, um desses sertanejos canadianos que, falando a língua da maior parte das regiões vizinhas do Missuri, consentiu em os acompanhar como intérprete.

Sucessivamente passaram os confluentes do Osage, do Kansas, do Plate ou Shallow-river e o do rio Branco. Tinham encontrado numerosas guerrilhas de índios, Osages, Sioux ou Mahas, que todos lhes pareceram num estado de decadência completa. Destes últimos, uma tribo padecera por tal forma com as bexigas, que os sobreviventes, atacados por uma espécie de fúria e como que de loucura, haviam morto suas mulheres. Seus filhos, poupados pela doença, tinham fugido desse território empestado.

Um pouco mais longe encontraram os Ricaris ou Rees, considerados

primeiro como os mais probos, os mais industriosos e os mais afáveis que até aí se tinham encontrado. Alguns roubos vieram em breve atenuar a ideia favorável que se formara do seu caráter. Coisa singular, esta população não era exclusivamente dada à caça: cultivava trigo, ervilhas e tabaco.

Não sucedeu o mesmo com os Mandans, mais fortemente constituídos de que os seus congéneres. Encontra-se neles um costume singular da Polinésia: o de não enterrar os mortos, mas de os expor num cadafalso.

A relação de Clarke ainda nos dá mais alguns pormenores acerca dessa tribo curiosa. Os Mandans não viam no Ente Divino senão o poder de curar. Reconheciam, por conseguinte, duas divindades, a que chamavam o Grande Médico e o Génio. Devemos acreditar que para eles a vida seja de tal importância que adorem tudo o que a pode prolongar?

A sua origem parece que não era menos singular. Habitavam originariamente uma grande aldeia subterrânea, cavada por baixo do solo, à beira de um lago. Mas, como uma vinha estendera tão fundo as suas raízes que chegara até ao sítio onde eles viviam, alguns dos Mandans, servindo-se dessa escada improvisada, subiram à superfície do solo. Em vista da descrição entusiástica que trouxeram da abundância do território, da grande quantidade de caça e de fruta, a nação, seduzida, resolveu logo partir para o território tão favorecido. Já metade da tribo tinha chegado à superfície do solo, quando a vinha, vergando ao peso de uma mulher mais gorda, cedeu e tornou impossível a ascensão do resto dos Mandans. Finda a sua vida, esperam voltar para a sua antiga pátria subterrânea; mas não poderão ali penetrar senão aqueles cuja consciência for limpa; os outros serão precipitados num imenso lago.

Foi na residência deste povo que, no dia 1 de novembro, os exploradores tomaram os seus quartéis de inverno. Construíram cabanas tão confortáveis como permitiam os meios de que dispunham e entregaram-se quase todo o inverno, apesar de uma temperatura bastante rigorosa, ao prazer da caça, que não tardara a tomar-se para eles uma necessidade.

Logo que o Missuri desgelou, os exploradores pensaram em continuar a

sua viagem. Mas, quando expediam para S. Luís o barco com uma grande quantidade de peles que tinham podido reunir, viram que eram apenas trinta homens, embora resolutos, prontos a suportar tudo, para alcançarem o seu fim.

Os viajantes não tardaram a passar para diante da embocadura de Yellow-stone (rio da Pedra Amarela), quase tão forte como o Missuri, e dos terrenos cheios de caça que o orlam.

Foi cruel o seu embaraço quando chegaram a uma bifurcação. Qual dos dois rios, quase iguais em volume, era o Missuri? O capitão Lewis, à testa de uma escolta de atiradores, subiu o braço meridional e não tardou a avistar as montanhas Rochosas, completamente cobertas de neve. Guiado por um estrondo formidável, viu em breve o Missuri precipitar-se numa só toalha sobre o talude de um rochedo, depois formar, durante muitas milhas, uma série ininterrupta de cachoeiras.

O destacamento seguiu portanto esse braço, que se internava profundamente no meio das montanhas e que, num percurso de três ou quatro milhas, se precipita entre duas muralhas perpendiculares de rochedos. A corrente divide-se enfim em três braços, que receberam o nome de Madisson, de Jefferson e de Gallatin, célebres estadistas americanos.

Em breve se subiram as últimas rampas e a expedição desceu a vertente que olha para o oceano Pacífico. Os americanos tinham levado consigo uma mulher sohsónia, raptada na mocidade por índios de Leste; não só lhes serviu muito fielmente de intérprete, mas no chefe de uma tribo que manifestava intenções hostis reconheceu seu irmão, e desse dia em diante os estrangeiros foram tratados com extrema benevolência. Infelizmente, o país era pobre, os habitantes só se sustentavam de bagas bravas, de casca das árvores e de animais quando os podiam arranjar, o que era raro.

Os americanos, pouco habituados a essa alimentação frugal, tiveram, para se sustentar, de comer os cavalos, já muito magros, e de comprar aos indígenas quantos cães eles consentiram em lhes vender. Receberam deles até o nome de «Come-cães».

Com a temperatura ia também abrandando a índole dos habitantes, tornavam-se mais abundantes os víveres, e, quando se desceu o Oregão, que tem também o nome de Colúmbia, a pesca do salmão veio trazer a propósito um suplemento de víveres. Quando o Colúmbia, de corrente perigosa, se vai aproximando do mar, forma um estuário vastíssimo, em que as ondas, vindas do mar alto, lutam com a corrente do rio. Os americanos, com a sua frágil canoa, correram nesse rio, por mais de uma vez, risco de serem engolidos antes de terem chegado ao litoral do oceano.

Felizes por terem chegado ao fim da sua missão, invernaram neste sítio e, quando voltou o bom tempo, voltaram para S. Luís, aonde chegaram no mês de março de 1806, depois de uma ausência de dois anos, quatro meses e dez dias.

Calculavam que não tinham andado menos de 1378 léguas desde S. Luís até à embocadura do Oregão.

O impulso estava dado. Em breve as expedições de reconhecimento vão suceder umas às outras no interior do novo continente e tomar, um pouco depois, um caráter científico particularíssimo, que as classifica à parte na história das descobertas.

Anos depois, um dos maiores colonizadores de que a Inglaterra se pode gloriar, Sir Stamfort Raffles, o organizador da expedição que se apoderou das colónias holandesas, foi a nomeado governador de Java. Durante uma administração de cinco anos, Raffles realizou reformas importantes e aboliu a escravatura. Mas esses trabalhos, apesar de serem muito absorventes, não o impediram de reunir os materiais necessários para a redação de dois enormes in-4.º, que são interessantíssimos e curiosíssimos. Encerram, além da história de Java, uma quantidade enorme de particularidades acerca dos habitantes do interior, até aí pouco conhecidos, as informações mais circunstanciadas acerca da geologia e de história natural. Por isso não devemos estranhar que se desse o nome de «Rafflesis», em honra daquele que fez conhecer tão perfeitamente essa grande ilha, a uma flor enorme que mede às vezes um metro de diâmetro e pesa até cinco quilogramas.

Raffles foi também o primeiro que penetrou no interior de Sumatra, de que só era conhecido o litoral, umas vezes visitando as comarcas ocupadas pelos Passoumahs, cultivadores atléticos, outras vezes penetrando para o norte até Memang-Kabou, célebre capital do império malaio, outras vezes atravessando toda a ilha de Bencoulen a Palimbang.

Mas o que constitui a glória mais perdurável de Sir Tomás Stamfort Raffles é o ter indicado ao Governo da Índia a posição excecional de Singapura, ter feito dela um porto franco, que dentro em pouco devia tomar um desenvolvimento considerável.

Capítulo 2 — Exploração e Colonização da África

I

Apenas se desmorona o poder de Napoleão I e desaba com ele a preponderância da França, apenas essas lutas gigantescas motivadas pela ambição de um só homem terminaram, logo por todos os lados despertam as nobres aspirações, recomeçam as empresas científicas e comerciais. Acaba de raiar uma nova era.

Na primeira ordem das potências, que animam e que organizam viagens de descobertas, devemos, como sempre, colocar a Inglaterra. A sua atividade dirige-se para a África Central, para esse país cuja prodigiosa riqueza já os reconhecimentos de Hornemann e de Burckhardt tinham feito suspeitar.

Primeiro, em 1816, vem o major Peddie, sai do Senegal, e dirige-se para Kakondy, situada à beira do rio Nunes. Apenas chegou a essa cidade, Peddie sucumbiu às fadigas do caminho e à insalubridade do clima. O major Campbell sucede-lhe no comando da expedição e atravessa as altas montanhas do Fouta-Djallon, mas perde em poucos dias uma parte dos animais de carga e muitos homens.

Quando chegou às terras do *almamy*, título que têm a maior parte dos soberanos nesta parte da África, a expedição foi retida nesse reino e só obteve licença de regressar depois do pagamento de uma contribuição considerável.

Desastrosa foi essa retirada, durante a qual foi necessário não só atravessar de novo os rios cuja passagem fora tão penosa, mas sofrer perseguições, impertinências, exações tais que, para lhes pôr termo, o major Campbell se viu obrigado a queimar as suas mercadorias, a quebrar as suas espingardas e a alagar a sua pólvora.

A tantas fadigas, à ruína das suas esperanças, ao malogro completo da sua tentativa não pôde resistir o major Campbell, e morreu, com muitos dos seus oficiais, no mesmo sítio em que falecera o major Peddie. O que restava da

expedição voltou a custo à Serra Leoa.

Um pouco depois vêm Richtie e o capitão Jorge Francisco Lyon, que, aproveitando-se do prestígio que o bombardeamento de Argel acabava de dar ao pavilhão britânico e das relações que o cônsul inglês de Trípolis soubera criar entre as personagens importantes da Regência, procuram seguir o caminho traçado por Hornemann e penetrar até ao centro da África.

A 25 de março de 1819, esses viajantes partem de Trípolis com Mohammed-el-Moukni, rei do Fezzan, que toma o título de sultão no seu território. Graças a esta poderosa escolta, Richtie e Lyon chegam sem transtorno até ao Murzuque. Mas ali as fadigas da viagem através do deserto e as privações por tal forma os prostraram que Richtie morreu a 20 de novembro. Lyon, por muito tempo doente, não se restabeleceu senão para malograr as esperanças pérfidas do sultão, que, especulando já com a morte dos viajantes, procurava assenhorear-se das suas bagagens. Lyon não pôde portanto caminhar para além das fronteiras meridionais do Fezzan, mas teve tempo, contudo, de colher preciosas informações acerca das principais cidades desse reino e da língua dos habitantes. Ao mesmo tempo devem-se-lhe as primeiras informações autênticas relativas aos Tuaregues, esses selvagens habitantes do grande deserto, acerca da sua religião, dos seus costumes, da sua linguagem e do seu trajo singular.

Os resultados obtidos não eram para satisfazer a avidez inglesa, que queria abrir aos seus negociantes os ricos mercados do interior. Por isso as propostas feitas ao Governo por um escocês, o Dr. Walter Oudney, que se entusiasmara com as narrativas de Mungo-Park, foram acolhidas favoravelmente. Tinha por amigo um primeiro-tenente da Armada, mais velho três anos do que ele, Hugo Clapperton, que se distinguira nos lagos canadianos e em muitas circunstâncias, mas a quem a pacificação de 1815 criara ócios forçados, que o reduziram a meio soldo.

A confidência que o Dr. Oudney fez a Clapperton do seu projeto de viagem decidiu-o imediatamente a fazer parte dessa aventurosa expedição. O Dr. Oudney solicitou do Ministério o auxílio desse oficial empreendedor, cujos

conhecimentos especiais deviam ser para ele do maior proveito. Lord Bathurst não opôs a mínima dificuldade, e os dois amigos, depois de terem recebido instruções minuciosas, embarcaram para Trípolis, onde logo souberam que iam ter por chefe o major Dixon Denham.

Nascido em Londres a 31 de dezembro de 1785, Denham fora primeiro-escrevente em casa de um administrador de grandes propriedades rurais. Tendo entrado num cartório de *attorney*, o seu pouco gosto pelos negócios, o seu caráter sempre audacioso, à cata de aventuras, tinham-no levado em breve a sentar praça num regimento que partia para Espanha.

Até 1815 batera-se, depois aproveitara os seus ócios para visitar a França e a Itália.

Apaixonado pela glória, Denham procurara a carreira que lhe pudesse dar rapidamente, mesmo com perigo de vida, as satisfações que ambicionava, e resolveu-se pela de explorador. Nele a ação seguiu-se logo ao pensamento. Propôs ao Ministério ir a Tungubutu pelo caminho que Laing devia seguir depois; quando soube a missão que fora confiada ao tenente Clapperton e ao Dr. Oudney, solicitou o favor de lhes ser agregado.

Sem demora, munido dos objetos que julga necessários para a sua expedição, depois de ter contratado um hábil carpinteiro, chamado William Hillman, Denham embarca para Malta e junta-se com os seus futuros companheiros de viagem em Trípolis, a 21 de novembro de 1821. O nome inglês gozava nessa época de grandíssimo prestígio, não só nos países barbarescos por causa do recente bombardeamento de Argel, mas também porque o cônsul da Grã-Bretanha em Trípolis soubera, por uma política hábil, conservar-se em bons termos com o governo da Regência.

Esta influência não tardara mesmo a irradiar para fora desse círculo restrito. A nacionalidade de certos viajantes, a proteção de que a Inglaterra cercara a Porta, a notícia das suas lutas e das suas vitórias na Índia, tudo isso penetrara vagamente no interior da África, e o Governo inglês, sem se poderem dar particularidades rigorosas, estava já sendo conhecido. O caminho de Trípolis

a Bornu era tão seguro como o de Londres a Edimburgo, dizia o cônsul britânico. Era esse, por conseguinte, o ensejo próprio para se aproveitarem facilidades que podiam perfeitamente não se tornar a apresentar tão cedo.

Os três viajantes, depois de um benévolo acolhimento do bei, que pôs os seus recursos à sua disposição, apressaram-se a deixar Trípolis. Graças à escolta dada por ele, puderam chegar facilmente a Murzuque, capital de Fezzan, a 8 de abril de 1822.

Em algumas localidades tinham até sido recebidos com uma benevolência e com uns transportes que chegavam quase a ser entusiasmo.

«Em Sokna», conta Denham, «o governador veio ao nosso encontro e falou-nos na planície. Vinha acompanhado pelos principais habitantes e por muitos centos de campónios, que rodeavam os nossos cavalos, que nos beijavam as mãos com todas as aparências de franqueza e de gosto. Entrámos assim na cidade. As palavras *Inglesi! Inglesi!* eram repetidas pelas multidões, e essa receção era mais agradável ainda para nós por sermos os primeiros europeus que não tinham mudado de fato, e estou persuadido de que a nossa receção seria muito menos amável se nos tivessem querido fazer passar por maometanos e se nos houvéssemos abaixado ao papel de impostores.»

Mas em Murzuque deviam renovar-se todas as impertinências que haviam paralisado Hornemann. Todavia as circunstâncias tinham mudado, como tinham mudado os homens. Sem se deixarem deslumbrar pelas grandes honras que o sultão lhes fazia, os ingleses, que aspiravam a coisas sérias, pediram a escolta necessária para chegarem a Bornu.

Era impossível partir-se antes da primavera seguinte, responderam-lhes, por causa da dificuldade de reunir a cáfila, ou caravana, e as tropas que deviam escoltá-los através das regiões desertas.

Entretanto um rico mercador, chamado Bou-Baker-Bou-Khaloum, antigo particular do paxá, deu a entender aos ingleses que, se recebesse os seus presentes, podia prometer aplanar muitas dificuldades. Encarregava-se até de os conduzir a Bornu, país para onde ele ia também se o paxá de Trípolis lhes desse

a autorização necessária.

Denham, persuadido da veracidade de Bou-Khaloum, compreendeu que era necessário obter essa autorização, e foi a Trípolis.

Não recebendo senão respostas evasivas, ameaçou embarcar para Inglaterra, aonde ia, dizia ele, dar conta das peias que punha o paxá à execução da missão de que estava encarregado.

Como essas ameaças não produziram efeito, Denham fez-se de vela e ia desembarcar em Marselha quando recebeu do bei uma mensagem que o chamava e o satisfazia, autorizando Bou-Khaloum a acompanhar os três viajantes.

No dia 30 de outubro entrava Denham de novo em Murzuaue, onde tornava a encontrar os seus companheiros muito violentamente atacados pelas febres e minados pela desastrosa influência do clima.

Persuadido de que a mudança de ares bastaria para restabelecer a sua saúde, posta em sério perigo, Denham fê-los partir e viajar em pequenas jornadas. Ele mesmo deixou Murzuque a 29 de novembro com uma caravana composta de mercadores de Trípolis, de Sokna e de Murzuque, que acompanhava uma escolta de duzentos e dez árabes, comandados por Bou-Khaloum, guerreiros escolhidos entre as tribos mais esclarecidas e mais submissas.

A expedição seguiu o caminho que percorrera o tenente Lyon e chegou em breve a Tegherhy, a cidade mais meridional do Fezzan e a última que se encontra antes de se penetrar no deserto de Bilma.

«Tanto fiz», diz Denham, «que desenhei uma vista do castelo de Tegherhy, tomada da margem meridional de uma lagoa salgada contígua a esta cidade. Entra-se em Tegherhy por uma passagem estreita, baixa e abobadada, depois encontram-se outras muralhas e uma porta; o muro tem seteiras que tornariam muito difícil a entrada por essa passagem estreita. Por cima da segunda porta há também uma abertura de onde se poderiam arrojar aos assaltantes frechas e achas inflamadas de que os Árabes faziam outrora grande uso. Há no interior

poços cuja água é excelente. Por isso com munições e víveres, se esta praça fosse consertada, creio que poderia fazer uma boa defesa. A situação de Tegherhy é realmente agradável. À roda crescem tamarindos e a água ali é excelente. Uma cordilheira de colinas baixas prolonga-se para leste. Os patos, os gansos bravos, etc., frequentam as lagoas salgadas que ficam ao pé da cidade.»

Os viajantes penetraram, ao sair de Tegherhy, num deserto de areia, através do qual não seria fácil dirigirem-se, se o caminho não fosse traçado por esqueletos de animais e de homens, que se encontravam sobretudo ao pé dos poços.

«Um dos esqueletos que hoje vimos», conta Denham, «parecia ainda fresco; a barba estava ainda presa ao queixo e distinguiam-se as suas feições. Um dos mercadores da cáfila, exclamou de súbito: — Era o meu escravo; há quatro meses que o deixei perto daqui. — Depressa, depressa, leva-o ao mercado!, bradou um mercador de escravos faceto; não vá outro reclamá-lo.»

Através do deserto há certas estações marcadas por oásis, no meio dos quais se elevam cidades mais ou menos importantes. Kishi é um dos pontos de encontro mais frequentados pelas caravanas. É ali que se paga o direito de passagem através do país. O sultão desta cidade — ver-se-á que muitos destes potentados minúsculos tomavam o título de comendadores dos crentes —, o sultão de Kishi fazia-se notar por uma ausência completa de asseio, e a sua corte não oferecia mais apetecível aspeto, a darmos crédito a Denham.

«Veio», disse o viajante, «à tenda de Bou-Khaloum, acompanhado por uma meia dúzia de Tibbous, alguns dos quais eram realmente hediondos. Os seus dentes eram de um amarelo-escuro, porque gostam tanto de rapé que o tomam pelo nariz e pela boca. O nariz parecia um pedacinho de carne arredondada e pregado na cara; as suas ventas eram tamanhas que os dedos podiam entrar por elas dentro até onde quisessem. O meu relógio, a minha bússola, a minha caixa de música, pouco espanto lhes causaram. Eram uns verdadeiros brutos de rosto humano.»

A cidade de Kirby, que se encontra um pouco mais adiante, nas

proximidades de uma cordilheira de colinas, das quais as mais altas não excedem quatrocentos pés, está situada num *ouady*, entre dois lagos salgados, que, segundo todas as probabilidades, devem a sua origem às escavações feitas para se tirar a terra necessária para as construções. No meio destes lagos elevava-se, como uma ilhota, uma massa de muriato e de carbonato de sódio. Este sal, que é fornecido pelos *ouadys*, muito numerosos naquele sítio, é objeto de um importante comércio com o Bornu e com todo o Soldão.

Quanto a Kirby, é impossível ver uma cidade mais miserável. «Não há nada nas casas, nem uma esteira sequer.» E como podia suceder outra coisa numa cidade exposta às incessantes razias dos Tuaregues?

A caravana atravessava então o país dos Tibbous, povo hospitaleiro e pacífico, a quem as caravanas pagam um direito de passagem como guarda dos poços e cisternas que marcam a estrada do deserto. Vivos e ativos, montados em cavalos muito ágeis, a maior parte dos Tibbous têm uma destreza singular no manejo da lança, que os guerreiros mais vigorosos atiram a uma distância de duzentos e quarenta pés. Bilma é sua capital e residência do seu sultão.

«Este», diz a relação, «veio ao encontro dos estrangeiros com um numeroso cortejo de homens e de mulheres. Estas últimas eram muito superiores às das pequenas cidades; algumas tinham feições muito agradáveis; os seus dentes brancos e bem ordenados contrastavam admiravelmente com o negro luzidio da sua pele e com a trança triangular que caía de cada lado do seu rosto, a pingar em óleo; brincos de coral no nariz e grandes colares de âmbar tornavam-nas completamente sedutoras. Umas tinham um *cheiche*, ou leque de ervas delgadas ou de crinas para enxotar as moscas, outras um ramo de árvore; estas, leques de plumas de avestruz, aquelas, um molho de chaves; todas traziam alguma coisa na mão e agitavam-na por cima da cabeça quando andavam. Um pedaço de fazenda do Soldão, pregado no ombro esquerdo e deixando o lado direito descoberto, compunha o seu vestuário; outro mais pequeno lhes cingia a cabeça e lhes descia sobre os ombros, ou então era atirado para trás. Apesar de parecerem muito pouco vestidas, não havia nada mais imodesto do que o seu

modo ou o seu porte.»

A uma milha de Bilma, para além de uma fonte límpida, que parece ter sido ali colocada pela natureza para convidar o viajante a abastecer-se de água, principia um deserto cuja travessia não exige mais de dez dias. Era outrora, sem dúvida, um imenso lago salgado.

A 4 de fevereiro de 1823 chegou a caravana a Lari, cidade situada nas margens do rio setentrional, do Bomu, a 14° 40’ de latitude norte. Os habitantes, assustados com a força da caravana, fugiram cheios de terror.

«Mas a tristeza que esse espetáculo nos causava», diz Denham, «foi em breve substituída por uma sensação muitíssimo diferente, quando descobrimos, mais adiante, a menos de uma milha do sítio onde estávamos, o grande lago Chade, refletindo os raios do Sol. A vista deste objeto, tão interessante para nós, produziu em mim uma comovente satisfação cuja força e cuja vivacidade não têm expressão bastante enérgica que as exprima.»

De Lari para diante o aspeto do país mudava completamente. Aos desertos arenosos sucedia uma terra argilosa, coberta de relva, semeada de acácias e de árvores de essências variadas, no meio das quais se divisavam rebanhos de antílopes, enquanto as galinhas-da-guiné e as rolas-da-barbaria faziam cintilar a sua plumagem através da verdura. As cidades sucediam-se às aldeias, compostas de choupanas em forma de redomas e cobertas com a palha de *dhorra*.

Os viajantes continuaram a caminhar para o sul, torneando o lago Chade, que tinham atacado pela ponta setentrional. Perto das margens desta toalha líquida o terreno era lodoso, negro e firme. A água, elevando-se muito na estação invernosa, desce proporcionalmente no verão; é doce e piscosa, povoada de hipopótamos e de aves aquáticas. Pouco mais ou menos no meio do lago estão algumas ilhas habitadas pelos Biddomas, povo habituado a viver dos roubos que faz no continente.

Os estrangeiros tinham enviado um correio ao xeque El-Khanemi, a fim de lhe pedirem autorização de ir à sua capital. Um enviado veio ter logo com a caravana, convidando Bou-Khaloum e os seus companheiros a dirigirem-se para

Kouka.

No caminho os estrangeiros passaram em Beurwha, cidade fortificada, que até então desafiara os ataques dos Tuaregues, e atravessaram o Yeon, grande rio, cuja largura, em alguns sítios, mede mais de cento e cinquenta pés. Este afluente do Chade vem do Soldão. Na margem meridional deste rio eleva-se uma bonita cidade murada, chamada igualmente Yeon, e que é metade de Beurwha.

A cáfila chegou logo depois às portas de Kouka e foi recebida no dia 17 de fevereiro, depois de dois meses e meio de marcha, por um corpo de exército de quatro mil homens que manobravam com uma harmonia perfeita. Entre essas tropas havia um corpo de negros, que formavam a guarda particular do xeque e cujo armamento lembrava o dos antigos cavaleiros.

«Tinham», diz Denham, «cotas de malha de elos de ferro, que cobriam o peito até ao pescoço, prendiam-se por cima da cabeça e desciam separadamente por diante e por trás, de modo que caíssem nos ilhais do cavalo e cobrissem as coxas do cavaleiro. Tinham uma espécie de capacetes de ferro seguros por uns turbantes amarelos, vermelhos ou brancos, atados por baixo da barba. As cabeças dos cavalos estavam igualmente defendidas por chapas do mesmo metal. As suas selas eram pequenas e ligeiras; os seus estribos de estanho. Não se pode pôr neles senão o bico do pé, que está calçado com uma sandália de couro ornado de pele de crocodilo. Montavam todos admiravelmente a cavalo, e correram para nós a todo o galope, não parando senão a alguns passos de distância, agitando as lanças viradas para o lado de Bou-Khaloum, e gritando: «Barca! Barca! Boas-vindas! Boas-vindas!»

Rodeados dessa fantasia brilhante, os ingleses e os árabes penetraram na cidade, onde um aparato militar exatamente semelhante fora ostentado em sua honra.

Foram logo admitidos à presença do xeque El-Khanemi, que parecia ter os seus quarenta e cinco anos. A sua fisionomia era simpática, risonha, espirituosa e benévola.

Os ingleses entregaram-lhe as cartas do paxá. Quando acabou de as ler,

perguntou a Denham o que vinham fazer a Bornu ele e os seus companheiros.

— Ver o país unicamente — respondeu Denham — e informar-nos dos seus habitantes, da sua natureza e ficarmos ao facto das suas produções.

— Sede bem-vindos — replicou o xeque. — Mostrarmos todas as coisas será um prazer para mim. Ordenei que se construíssem na cidade choupanas para a vossa residência; ide vê-las com um dos meus homens e, se houver alguma coisa defeituosa, não receeis dizer-mo.

Logo os viajantes receberam autorização de levar os despojos dos animais e dos pássaros que lhes parecessem interessantes, de tomar apontamento a respeito de tudo o que pudessem observar. Foi assim que juntaram uma grande quantidade de informações acerca de cidades próximas de Kouka.

Kouka, então capital de Bornu, possuía um mercado em que se vendiam escravos, carneiros, trigo, arroz, feijões, anil e muitos outros produtos do país. Não cessava de reinar uma grande animação nas ruas desta cidade, que não contava menos de quinze mil habitantes.

Angornu era também uma grande cidade murada, que não encerrava menos de trinta mil almas. Era a antiga capital do país. O seu mercado era importantíssimo. Tinham-se visto antigamente nessa cidade cem mil indivíduos disputarem entre si a peso de dinheiro o peixe, as aves e as carnes, que ali se vendem cruas ou cozidas, o latão, o cobre, o âmbar e o coral. O pano de linho vendia-se tão barato nesses países que os homens quase todos possuíam calças e camisas de linho. Também os mendigos tinham um modo singular de excitar a compaixão: colocavam-se à entrada do mercado e, pegando nos farrapos de calças velhas, tomavam uns ares aflitos e diziam aos transeuntes: «Vede! Nem calças tenho!» A novidade do processo, o pedido dessa vestimenta, mais necessária a seus olhos do que o sustento, faz rir às gargalhadas o viajante, quando assista pela primeira vez a essa cena.

Até então os ingleses não tinham tratado senão com o xeque, que, contentando-se com a autoridade efetiva, abandonava o poder nominal ao sultão. Singular personagem esse soberano, que se não mostrava, como um animal

curioso e malfazejo, senão através das grades de uma gaiola de canas, ao pé da porta do seu jardim! Modas extravagantes as que reinavam nesta corte, onde todos os elegantes deviam ter uma grande barriga e arranjar por meios fictícios uma obesidade que se considera geralmente como muito incómoda.

Alguns dos mais requintados, quando estavam a cavalo, tinham até uma barriga tão enchumaçada e tão proeminente que parecia cair por cima do bico da sela. Ao mesmo tempo a elegância exigia que se tivesse um turbante de um tamanho e de um peso tais que muitas vezes obrigava quem os trazia a inclinar a cabeça para o lado.

Estes caprichos burlescos lembravam perfeitamente os dos turcos de baile de máscaras. Por isso os viajantes a muito custo conseguiam conservar a sua gravidade em presença destes grotescos.

Mas, ao lado dessas receções solenemente divertidas, quantas observações interessantes a colher, quantos *desiderata* a satisfazer!

Denham desejaria internar-se imediatamente para o sul. Ora o xeque recusava-se a pôr em risco a segurança dos viajantes que o bei de Trípolis lhe confiara. Desde que tinham entrado no território de Bornu, tendo acabado a responsabilidade de Bou-Khaloum, achava-se comprometida a do xeque.

Tão vivas foram contudo as instâncias de Denham, que obtiveram de El-Khanemi a autorização de acompanhar Bou-Khaloum a uma *grazzie,* ou razia, que meditava contra os Kaffirs ou infiéis.

O exército do xeque e a escolta dos árabes atravessaram sucessivamente Yeddie, grande cidade murada a vinte milhas de Angornu, Affagay, e muitas outras cidades construídas num solo de aluvião, que apresenta um aspeto argiloso de cor escura.

Em Delow, os árabes penetraram no Mandara, cujo sultão veio ao encontro deles, à frente de quinhentos cavaleiros.

«Mohammed-Becker era de pequena estatura», diz Denham, «e de idade de perto de cinquenta anos; tingira a barba de um azul-celeste do mais belo matiz.»

Fizeram-se as apresentações e o sultão, tendo olhado para o maior Denham, perguntou logo quem ele era, de onde vinha, o que queria, enfim se era muçulmano. Ouvindo a resposta embaraçada de Bou-Khaloum, o sultão desviou os olhos dizendo: «Então o paxá tem Kaffirs por amigos?»

Este incidente produziu uma impressão penosa, e Denham não tornou a ser admitido na presença do sultão.

Os inimigos do paxá de Bornu e do sultão de Mandara chamavam-se Felatas. As suas tribos imensas estendiam-se até muito para além de Tungubutu. São uns belos homens, cuja cor lembra o bronze-carregado, o que os distingue claramente dos negros e faz deles uma raça à parte. Professam o islamismo e misturam-se raras vezes com os negros. Demais, teremos ocasião de falar de novo nos Felatas, Fulas, Peuls ou Fans, como se chamam em todo o Soldão.

Ao sul da cidade de Mora eleva-se uma cordilheira cujos píncaros mais altos não excedem dois mil e quinhentos pés, e que se estende, no dizer dos indígenas, por um percurso de mais de dois meses de caminho.

A descrição que Denham faz deste país é tão curiosa que não podemos deixar de reproduzir os seus traços mais salientes.

«De todos os lados», diz ele, «a nossa vista era limitada pela cordilheira, cujo fim se não descobria. Ainda que se não possa comparar, nem nas dimensões agigantadas, nem na áspera magnificência, nem com os Alpes, nem com os Apeninos, nem com o Jura, nem mesmo com a Serra Morena, todavia igualava-os debaixo do ponto de vista pitoresco. Os picos de Valmy, Savah, Djogghiday, Vayah, Moyoung e Memay, cujos flancos pedregosos estavam cobertos de grupos de aldeias, arrojavam-se para leste e para oeste; Horza, que vencia todos os outros em elevação e em beleza, mostrava-se diante de nós para o sul com as suas quebradas e os seus precipícios.»

Deskolla, uma das principais cidades dos Felatas, foi reduzida a cinzas pelos invasores. Estes não tardaram a tomar posição diante de Mosfeia, cuja situação era fortíssima e que estava defendida por paliçadas guarnecidas de numerosos besteiros. O viajante inglês teve de assistir a esta ação. O primeiro

embate dos árabes foi irresistível. As detonações das armas de fogo, a reputação de valentia e de crueldade de Bou-Khaloum e dos seus acólitos lançaram um momento de pânico entre os Felatas. Seguramente, se os guerreiros de Mandara e de Bornu tivessem então dado um vigoroso assalto à colina, tinha-se ganho a cidade.

Mas os sitiados, notando a hesitação dos seus adversários, tomaram a seu turno a ofensiva e aproximaram os seus besteiros, cujas frechas envenenadas não tardaram a fazer numerosas vítimas entre os árabes. Foi nesse momento que fugiram os contingentes do Bornu e do Mandara.

Barca Gama, o general que comandava em chefe, tivera três cavalos mortos debaixo de si. Bou-Khaloum estava ferido e o seu cavalo também, o de Denham igualmente; ele mesmo tivera um raspão de uma frecha na cara e outras duas estavam pregadas no seu *burnous*.

A retirada logo degenera numa fuga desordenada. O cavalo de Denham cai, e o cavaleiro, apenas se levanta, é logo rodeado de Felatas. Dois fogem à vista de uma pistola com que o inglês os ameaça, um terceiro recebe a carga no ombro.

Denham considerava-se como salvo, quando o seu cavalo cai pela segunda vez e com tal violência que foi atirado ao longe de encontro a uma árvore. Quando o major se levantou, viu-se sem armas e sem cavalo.

Rodeado logo de inimigos, Denham, ferido em ambas as mãos e no lado direito, é despojado em parte, e só o receio de deteriorarem os seus ricos fatos impede os Felatas de darem cabo dele.

Eleva-se uma contestação a propósito desses despojos. O major aproveita-se disso para se safar por baixo de um cavalo e desaparece no mato. Nu, ensanguentado, depois de uma carreira doida, chega à beira de uma quebrada, no fundo da qual corre uma torrente.

«As minhas forças tinham-me quase abandonado», diz ele; «agarrei nos ramos novos que tinham nascido num velho tronco de árvore suspenso por cima da quebrada, formando o projeto de me deixar escorregar para dentro de água,

porque as margens eram muito escarpadas. Já os ramos cediam ao peso do meu corpo, quando um grande *liffa*, a serpente mais venenosa destes países, saiu do seu buraco como que para me morder. O horror que se assenhoreou de mim transtornou-me de todo as ideias. Os ramos fugiram-me da mão, e caí de chofre dentro de água. Felizmente, o choque reanimou-me, e três movimentos dos meus braços levaram-me à margem oposta, que subi com dificuldade. Então, pela primeira vez, estava ao abrigo da perseguição dos Felatas.»

Por felicidade Denham divisou um grupo de cavaleiros, de quem conseguiu fazer-se ouvir, apesar do tumulto da perseguição. Não percorreu menos de trinta e sete milhas, não levando em cima de si senão um mísero cobertor, constelado de bichos, na garupa nua de um cavalo magro. Que padecimentos com esse calor de trinta e seis graus, que lhe envenenava as feridas!

Trinta e cinco árabes mortos, entre eles o seu chefe, Bou-Khaloum, quase todos os outros feridos, os cavalos mortos ou perdidos, tais foram os resultados de uma expedição que devia render imensos despojos e dar uma grande quantidade de escravos.

Em seis dias se percorreram as cento e oitenta milhas que separavam Mora de Kouka. Denhaim recebeu nesta última cidade um benévolo acolhimento do xeque El-Khanemi, que lhe enviou, para substituir o seu guarda - roupa perdido, um fato à moda do país.

Apenas o major se restabeleceu das suas feridas e das suas fadigas, tomou logo parte numa nova expedição, que o xeque enviava ao Monga, país situado a oeste do lago Chade, cujos habitantes nunca tinham completamente reconhecido a sua supremacia e se recusavam a pagar o tributo.

Denham e o Dr. Oudney partiram de Kouka a 22 de maio, atravessaram o Yeon, rio quase seco nesta estação, mas muito torrentoso na ocasião das chuvas, visitaram Birnie e as ruínas do velho Birnie, antiga capital do país, que podia conter até duzentos mil indivíduos. Visitaram em seguida os restos de Gambaru, cidade de magníficos edifícios, residência favorita do antigo sultão, destruída

pelos Felatas; depois Kabchary, Bassecour. Bately e tantas outras cidades ou aldeias, cuja numerosa população se submeteu sem resistência ao sultão de Bornu.

A invernagem não foi favorável aos membros da missão. Clapperton tinha uma febre terrível. O estado do Dr. Oudney, já doente do peito quando partiu de Inglaterra, piorava todos os dias. O carpinteiro Hillman estava num estado desesperado. Só Denham resistia ainda.

Logo que a estação das chuvas findou, a 14 de dezembro, Clapperton partiu com o Dr. Oudney para Kano.

Segui-lo-emos em breve nesta parte tão interessante da viagem.

Sete dias depois um guarda-marinha, chamado Toole, chegava a Kouka, não tendo gasto senão três meses e catorze dias para vir de Trípolis.

No mês de fevereiro de 1824, Denham e Toole deram um passeio a Loggoun, na extremidade meridional do lago Chade. Toda a parte vizinha do lago e do seu afluente, o Chary, é pantanosa e inundada na estação das chuvas. O clima excessivamente doentio desta região foi fatal ao jovem Toole, que morreu a 26 de fevereiro em Angala, não tendo ainda vinte e dois anos. Perseverante, intrépido, alegre, dotado de sangue-frio e de prudência, Toole possuía as qualidades que distinguem o verdadeiro viajante.

O Loggoun era então um país muito pouco conhecido, que as caravanas não percorriam, e cuja capital, Kernok, não contava menos de quinze mil habitantes. É um povo mais bonito, mais inteligente do que os Bornuanos — facto verdadeiro sobretudo com relação às mulheres —, muito laborioso, que fabrica panos belíssimos e do mais apertado tecido.

A apresentação obrigada ao sultão terminou, depois de uma troca de boas palavras e da aceitação de ricos presentes, por esta oferta singular da parte de um sultão a um viajante: «Se vieste para comprar mulheres escravas, não vale a pena ires mais longe: eu tas venderei mais baratas do que outro qualquer.» Denham com muito custo fez perceber a esse soberano industrial que não era esse o fim da sua viagem e que só o amor da ciência dirigira os seus passos.

A 2 de março, Denham estava de volta a Kouka, e no dia 20 de maio via aparecer o tenente Tyrwit, que, portador de ricos presentes para o xeque, devia residir no Bornu na qualidade de cônsul.

Depois de um última razia para os lados de Manou e no país dos Dogganah, que habitavam outrora nos arredores do lago Firti, a 26 de agosto o major retomava com Clapperton o caminho do Fezzan, e voltava para Trípolis depois de uma longa e penosa viagem, cujos resultados geográficos, já consideráveis, tinham sido aumentados por Clapperton.

É tempo, efetivamente, de contarmos os incidentes da viagem e as descobertas deste oficial. Tendo partido, no dia 14 de dezembro de 1823 com o Dr. Oudney, para Kano, grande cidade dos Felatas, situada a oeste do Chade, Clapperton seguira o Yeon até Damasak e visitara o velho Birnie, Bera, situada nas margens de um lago soberbo, formado pelas cheias do Yeon, Dogamou, Bekidarfi, cidades que fazem quase todas parte do Haoussa. Os habitantes desta província, que eram muito numerosos antes da invasão dos Felatas, andam armados de arcos e de setas, e fazem o comércio do tabaco, das nozes, do *gouro*, do antimónio, das peles de cabra curtidas, dos panos de algodão em peças ou em vestidos.

A caravana abandonou logo o curso do Yeon ou Gambaru para entrar por um país arborizado que deve inundar-se completamente na estação das chuvas.

Os viajantes entraram depois na província de Katagoum, cujo governador os recebeu com muita afabilidade, assegurando-lhes que a sua chegada era uma verdadeira festa para ele e que seria o mais agradável possível ao sultão dos Felatas, que nunca vira ingleses. Afirmava-lhes ao mesmo tempo que achariam no seu país, como em Kouka, tudo o que lhes fosse necessário.

A única coisa que o espantou profundamente foi o saber que os viajantes não queriam nem escravos, nem cavalos, nem dinheiro, que não pediam, juntamente com a sua amizade, senão licença para colher flores e plantas e autorização para visitar o país.

Katagoum fica situada a 12° 17’ 11” de latitude e a perto de 12° de

longitude, segundo as observações de Clapperton. Esta província formava a fronteira do Bornu antes da conquista dos Felatas. Pode pôr em pé de guerra quatro mil homens de cavalaria e dois mil infantes armados de arcos, de espadas e de lanças. Produz bois e cereais, que são, juntamente com os escravos, os principais artigos de comércio. Quanto à cidade, era a mais forte que os ingleses tinham visto desde Trípolis. Com portas que se fechavam todas as noites, era defendida por dois muros paralelos e por três fossos a seco, um interior, outro exterior, e o terceiro cavado entre as duas muralhas, da altura de vinte pés e de largura de dez na base. Demais, não havia outro monumento senão uma mesquita arruinada nesta cidade de casas de terra, que pode encerrar sete a oito mil habitantes.

Foi ali que os ingleses viram pela primeira vez os cauris servir de moeda. Até aí, o pano do país ou algum outro artigo fora o único termo das trocas.

Ao sul da província de Katagoum está situada a região de Yacoba, que os muçulmanos designam pelo nome de Mouchy. Segundo as informações que Clapperton recebeu, os habitantes desta província, eriçada de montanhas calcárias, eram antropófagos. Contudo os montanheses, que têm um horror invencível aos Kaffirs, não dão outras provas desta acusação senão o terem visto cabeças e membros humanos pendurados dos muros das habitações.

É no Yacoba que parece que nasce o Yeon, rio completamente seco de verão, mas cujas águas, na estação das chuvas, no dizer dos habitantes, crescem e diminuem alternativamente de sete em sete dias.

«A 11 de janeiro», diz Clapperton, «continuámos a nossa viagem, mas ao meio-dia tivemos de parar em Mourmour. O doutor estava num tal estado de fraqueza e de prostração que eu não esperava que ele pudesse resistir nem mais um dia. Definhava-se diariamente desde a nossa partida das montanhas de Obárri, no Fezzan, onde fora atacado de uma inflamação na garganta por se ter exposto a uma corrente de ar, quando estava transpirando.

12 de janeiro. — O doutor tomou ao romper do dia uma chávena de café e, segundo o seu desejo, mandei carregar os camelos. Ajudei-o depois a vestir-se,

e, amparado ao seu criado, saiu da tenda. Mas, no momento em que o iam pôr em cima do camelo, descobri em todas as suas feições o horrível cunho da morte. Mandei-o voltar para casa, coloquei-me ao seu lado e, com uma dor que nem procurarei exprimir, vi-o expirar sem proferir uma queixa e sem parecer que padecia. Mandei pedir ao governador licença para o sepultar, o que me foi imediatamente concedido. Mandei abrir uma cova debaixo de uma mimosa, ao pé de uma das portas da cidade. Depois de o corpo ter sido lavado segundo o costume do país, mandei-o revestir de xales para turbantes, que levávamos para fazer presentes. Os nossos criados levaram-no à mão e, antes de o confiar à terra, li o ofício fúnebre da Igreja da Inglaterra. Mandei depois rodear o modesto túmulo de um muro de terra, para o preservar dos animais carnívoros, e mandei matar dois carneiros, que distribuí pelos pobres.»

Assim faleceu miseravelmente o Dr. Oudney, cirurgião da marinha, bastante instruído em história natural. A terrível doença, cujos germes trouxera de Inglaterra, não lhe permitira prestar à expedição todos os serviços que o Governo esperava dele, e, contudo, não poupava as suas forças, dizendo que se não sentia tão mal viajando como descansando. Sentindo que o seu organismo exausto lhe não permitia um trabalho assíduo, não quisera embaraçar nunca o zelo dos seus companheiros.

Depois desta triste cerimónia, Clapperton retomou o seu caminho para Kano. Digou, cidade situada no meio de um país bem cultivado e que sustenta numerosos rebanhos, Katoungoua, que já não é na província de Katagoum, Zangueia, situada ao pé da extremidade da cordilheira de colinas de Douchi e que deve ter sido considerável, a avaliar pela extensão das suas muralhas ainda levantadas, Girkoua, cujo mercado é mais belo que o de Trípolis, Sochwa, rodeada de um alto baluarte de argila, tais foram as principais estações do viajante antes da sua chegada a Kano, aonde chegou a 20 de janeiro.

Kano, a Chana de Edrisi e dos outros geógrafos árabes, é o grande mercado do reino de Haoussa.

«Apenas passei as portas», diz Clapperton, «vi a minha esperança

estranhamente malograda. Segundo a brilhante descrição que dela me tinham feito os árabes, esperava ver uma cidade de uma extensão imensa. As casas estavam a um quarto de milha das muralhas e em alguns sítios reunidas em pequenos grupos, separadas por largos charcos de água estagnada. Podia ter-me dispensado de apuros no trajo (revestira o seu uniforme de oficial de marinha): todos os habitantes, ocupados com os seus negócios, me deixaram passar sem se importarem comigo e sem voltarem os olhos para mim.»

Kano, capital da província do mesmo nome e uma das principais cidades do Soldão, está situada a 12° 0’ 19” de latitude norte e a 9º 20’ de longitude leste.

Pode haver nesta capital trinta ou quarenta mil habitantes, mais de metade dos quais são escravos.

O mercado, que está orlado a leste e a oeste por grandes pântanos de canaviais, é asilo de numerosos bandos de patos, de cegonhas e de abutres, que servem de varredores da lama da cidade. Nesse mercado, fornecido de todas as provisões usadas na África, vê-se carne de boi, de carneiro, de cabra e às vezes de camelo.

«Os carniceiros do país», conta o viajante, «são tão avisados como os nossos: praticam alguns cortes para porem a banha em evidência, assopram a carne e às vezes mesmo pegam um pedaço de pele de carneiro a uma perna de cabra.»

Papel para escrever, produtos das manufaturas francesas, tesouras e facas de fabrico indígena, antimónio, estanho, seda vermelha, braceletes de cobre, missangas, coral, âmbar, anéis de estanho, algumas joias de prata, xales para turbantes, panos de algodão, fustão, fatos mouriscos e muitos outros objetos ainda, eis o que se encontra abundantemente no mercado de Kano.

Clapperton comprou ali, por três piastras, um chapéu de chuva inglês, de algodão, que viera por Gadamés. Visitou também o mercado de escravos, onde eles são examinados minuciosamente, «e com o mesmo cuidado com que os oficiais de saúde revistam os voluntários que entram para a marinha».

A cidade é muito insalubre; os pântanos, que formam pouco mais ou menos meia cidade, e os buracos que se abrem no chão para se arranjar a terra necessária para as construções, geram uma espécie de malária permanente.

Em Kano a grande moda é tingir os dentes e os beiços com as flores do *gourgi* e de tabaco, que os pintam de um vermelho-sanguíneo. Masca-se a noz do *gouro,* toma-se até em pitadas misturada com *trona,* uso que não é especial do Haoussa, porque se encontra igualmente no Bornu, em que é contudo defeso às mulheres. Enfim, os Haoussani fumam um tabaco originário da terra.

A 23 de fevereiro, Clapperton partiu para Sockatou. Atravessou um país pitoresco e bem cultivado, a que uns pequenos bosques, disseminados pelas colinas, davam uma espécie de parecença com um parque inglês. Rebanhos de magníficos bois brancos ou de um pardo-acinzentado animavam a paisagem.

As localidades mais importantes que Clapperton encontrou no seu caminho são Gadania, cidade muito pouco povoada, cujos habitantes tinham sido vendidos como escravos pelos Felatas, Doncami, Zirmie, capital de Zambra, Kagaria, Kouara e os poços de Kamoun, onde foi ter com ele uma escolta enviada pelo sultão.

Sockatou era a cidade mais povoada que o viajante viu na África. As suas casas, bem construídas, formavam ruas regulares, em vez de se reunirem em grupos como nas outras cidades do Haoussa. Rodeada de uma muralha de vinte a trinta pés de altura, com doze portas que se fechavam regularmente ao pôr do Sol, Sockatou possuía duas grandes mesquitas, um mercado espaçoso e uma grande praça diante da residência do sultão.

Os habitantes, que pela maior parte são Felatas, têm muitos escravos e, destes últimos, os que não se ocupam em trabalhos interiores exercem algum ofício por conta de seus senhores: são tecelões, pedreiros, ferreiros, sapateiros ou cultivadores.

Para honrar os seus hospedeiros, para lhes dar uma elevada ideia da riqueza e do poder da Inglaterra. Clapperton não quis aparecer diante do sultão Bello senão com um trajo deslumbrante. Revestiu o seu uniforme de galões de

ouro, enfiou umas calças brancas e meias de seda, depois pôs na cabeça, para completar o seu fato de Carnaval, um turbante, e nos pés umas chinelas turcas. Bello recebeu-o sentado num tapete, entre duas colunas, que suportavam o teto de colmo de uma cabana, que se parecia bastante com um *cottage* inglês. Esse sultão era um bonito homem, dos seus quarenta e cinco anos, pouco mais ou menos, vestido com um *tobé* de algodão azul e tendo na cabeça um turbante branco, cujo xale lhe tapava o nariz e a boca segundo a moda turca.

Bello aceitou com uma alegria de criança os presentes que lhe levava o viajante. O que mais lhe agradou foi o relógio, o telescópio e o termómetro, a que chamava engenhosamente «um relógio de calor». Mas, de todas essas curiosidades, a que ele achava mais maravilhosa era o próprio viajante. Não se podia cansar de o interrogar acerca dos usos e costumes e comércio de Inglaterra. Por muitas vezes, Bello manifestou desejo de entrar em relações comerciais com esta potência; queria que um cônsul e um médico inglês residissem num porto a que chamava Raka; enfim, pedia que certos objetos das manufaturas da Grã-Bretanha lhe fossem expedidos da costa marítima, onde possuía uma cidade de muito comércio, chamada Funda. Depois de um grande número de conversações aceica dos diferentes cultos da Europa e de muitas outras matérias, Bello entregou a Clapperton os livros, diários e fatos que tinham sido tomados a Denham, por ocasião da infeliz razia em que Bou-Khaloum perdeu a vida.

A 3 de maio o viajante despediu-se do sultão.

«Depois de muitos giros e de muitas voltas», diz ele, «fui enfim admitido em presença de Bello, que estava sozinho e que me entregou imediatamente uma carta para o rei de Inglaterra, afirmando-me que tinha os mais vivos sentimentos de amizade pela nossa nação. Exprimiu de novo todo o seu desejo de manter relações connosco e pediu-me que lhe mandasse dizer em que época chegaria às suas costas a expedição inglesa (que Clapperton prometera que lhe seria enviada).»

Clapperton retomou o caminho que seguira à vinda e entrou, no dia 8 de

junho, em Kouka, onde encontrou então o major Denham.

Trazia um manuscrito árabe, contendo um quadro histórico e geográfico do reino de Takrour, governado por Mohammed Bello de Haoussa, feito e composto por esse príncipe. Ele mesmo não só colhera preciosas e numerosas informações acerca da zoologia e da botânica de Bornu e de Haoussa, mas também juntara um vocabulário das línguas de Begharmi, de Mandara, de Bornu, de Haoussa e de Tungubutu.

Os resultados desta expedição eram, por conseguinte, consideráveis. Pela primeira vez se ouvia falar nos Feiatas, e a sua identidade com os Fans ia ser demonstrada pela segunda viagem de Clapperton. Sabia-se que tinham criado no centro e no ocidente de África um império e estava bem demonstrado que esses povos não pertenciam à raça negra. O estudo da sua linguagem e das relações que apresenta com certos idiomas não africanos ia lançar uma luz nova na história da emigração dos povos. Enfim, conhecia-se o lago Chade, se não completamente, pelo menos na sua maior parte. Sabia-se que tinha dois afluentes: o Yeon, cujo curso em parte fora levantado e cuja nascente era indicada pelas informações dos indígenas, e o Chary, cuja parte inferior e cuja embocadura tinham sido visitadas com todo o cuidado por Denham. Quanto ao Níger, as informações que Clapperton colhera da boca dos indígenas eram ainda muito confusas, mas do seu conjunto podia inferir-se que se lançava no golfo de Benim. Demais, Clapperton tencionava regressar, depois de um curto descanso em Inglaterra, e, partindo da costa do Atlântico, subir o Kouara ou Djoliba, como se chamava ao Níger, em diversos pontos da sua corrente, pôr termo ao debate, levantado havia tanto tempo, que fazia deste rio uma via aquática diferente do Nilo, ligar as suas novas descobertas com as de Denham, e enfim concluir a travessia de África, seguindo uma diagonal que fosse de Trípolis ao golfo de Benim.

II

Assim que Clapperton voltou a Inglaterra, apressou-se a comunicar a Lord Bathurst o projeto que formara de ir a Kouka, partindo de Benim, quer dizer, seguindo o caminho mais curto, caminho que nenhum dos seus predecessores percorrera, e subindo o Níger desde a sua embocadura até Tungubutu.

Três pessoas foram agregadas a Clapperton para essa expedição, cujo comando se lhe confiara; o cirurgião Dickson, o capitão de mar e guerra Pearce, excelente desenhador, e o cirurgião de marinha Morrison, versadíssimo em todos os ramos da história natural.

A expedição chegou, no dia 26 de novembro de 1825, ao golfo de Benim. Tendo pedido Dickson, não se sabe por que motivo, para viajar sozinho e ir ter a Sockatou, foi desembarcado em Juidah. Um português, chamado Sousa, acompanhou-o até Daomé com Columbus, que fora criado de Denham. A dezassete dias desta cidade, Dickson entrou em Char, depois em Youri e nunca mais se tornou a ouvir falar nele.

Os outros exploradores tinham chegado ao rio de Benim, que um negociante inglês chamado Houtson lhes aconselhou que não subissem, porque o rei das regiões que ele banhava nutria um ódio profundo contra os ingleses, que punham obstáculo ao seu comércio mais remunerador — a escravatura.

Valia muito mais, dizia ele, ir a Badagry, sítio também próximo de Sockatou, e cujo chefe, bem disposto para os viajantes, lhes daria, sem dúvida, uma escolta até às fronteiras do reino de Yourriba. Houtson habitava nesse país havia muitos anos: conhecia-lhe os costumes e a língua; Clapperton julgou útil portanto contratá-lo até Eyes ou Katunga, capital do Yourriba.

A expedição desembarcou, a 29 de novembro de 1825, em Badagry, subiu um braço do rio de Lagos, depois, durante perto de duas milhas, a angra de Gazie, que atravessa uma parte do Daomé, e, desembarcando na margem

esquerda, meteu-se para o interior. O país era umas vezes pantanoso, outras vezes admiravelmente cultivado e plantado de inhames. Tudo respirava a abundância. Por isso os negros mostravam-se muito recalcitrantes no trabalho. Dizer a que intermináveis *palabres* (negociações) foi necessário recorrer, que negociações foi preciso fazer, que exações tiveram de se suportar para arranjar carregadores, seria impossível.

Os exploradores, no meio destas dificuldades, chegaram contudo a Djannah, a sessenta milhas da costa.

«Vimos aqui», diz Clapperton, «muitos teares em movimento. Havia oito ou dez numa casa; era realmente uma manufatura em regra... Essa gente fabrica também louça, mas prefere a que vem da Europa, apesar de nem sempre fazerem um uso conveniente dos diferentes objetos. O vaso em que o *cabocir* (chefe) nos ofereceu água para beber foi reconhecido pelo Sr. Houtson por uma bonita bacia de debaixo de cama, que vendera no ano precedente em Badagry.

Todos os membros da expedição estavam gravemente atacados por febres, geradas pelo calor húmido e insalubre do país. Pearce e Morrison morreram a 27 de dezembro, um junto de Clapperton, outro em Djannah, antes de ter chegado à costa.

Em todas as cidades que Clapperton atravessava, em Assoudo, que não conta menos de dez mil habitantes, em Daffou, que encerra uns cinco mil, parecia tê-lo precedido um rumor singular. Por toda a parte se dizia que vinha restabelecer a paz nos países onde reinava a guerra e fazer bem aos países que explorasse.

Em Tchow, a caravana encontrou o emissário que o rei do Yourriba mandava ao encontro dela com uma comitiva numerosa, e em breve entrou em Katunga. Esta cidade, cercada e entremeada de árvores frondosas, que descrevem um cinto em torno da base de uma montanha pedregosa composta de granito, e de três milhas de comprimento, pouco mais ou menos, forma um dos mais belos quadros que se podem imaginar.

Clapperton residiu nesta cidade desde 24 de janeiro até 7 de março de

1826. Foi recebido com muita cordialidade pelo sultão, a quem pediu autorização para entrar no Niffé ou em Toppa, a fim de chegar por aí ao Haoussa e ao Bornu. «O Niffé estava devastado pela guerra civil e um dos pretendentes ao trono chamara em seu auxílio os Felatas, respondeu o sultão; não seria pois prudente seguir esse caminho, e seria melhor passar pela província de Youri.» Clapperton não teve remédio senão submeter-se.

Mas aproveitara-se da sua residência em Katunga para fazer algumas observações interessantes. Esta cidade não tem menos de sete mercados diferentes, onde se vendem inhames, cereais, bananas, figos, manteiga vegetal, cabras, galinhas, carneiros, cordeiros, panos e uma infinidade de instrumentos aratórios.

As casas do rei e das suas mulheres estão cercadas de duas grandes quintas. As portas e os postes que sustentam as *vérandahs* são ornadas de esculturas representando ora uma boa que mata um antílope ou um porco, ora turbas de guerreiros acompanhados por tambores, esculturas que não são muito mal executadas.

«O aspeto geral dos Yourribani», diz o viajante, «parece-me oferecer menos feições características dos negros do que qualquer dos outros povos que vi; os seus lábios são menos grossos, o nariz aproxima-se mais da forma aquilina do que o dos negros em geral. Os homens são bem feitos e têm um certo desembaraço, que não pode deixar de chamar a atenção. As mulheres têm quase todas um aspeto mais vulgar do que os homens, o que pode provir de estarem expostas ao sol e das fadigas que são obrigadas a suportar, porque sobre elas recaem todos os trabalhos da terra.»

Tempo depois de ter saído de Katunga, Clapperton atravessou o rio de Moussa, afluente do Kouara, e entrou em Kiama, uma das cidades por onde passa a caravana que, do Haoussa e do Borgu, vai ao Gandja, nas fronteiras da Achantia. Não encerra menos de trinta mil habitantes, que são considerados como os maiores ladrões de toda a África. «Basta chamar a alguém natural do Borgu para o designar como ladrão e como assassino».

Ao sair de Kiama, o viajante encontrou a caravana do Haoussa. Bois, jumentos, mulheres e homens, em número de mil, pouco mais ou menos, caminhavam uns atrás dos outros, formando uma linha interminável, que apresentava o aspeto mais singular e mais extravagante. Que estranha confusão de matizes, desde essas raparigas nuas e esses homens vergando ao peso dos seus fardos, até esses mercadores *gandjani,* vestidos de um modo tão fantástico como ridículo, e montados em cavalos estropiados, que coxeavam a andar!

Clapperton dirigia agora a sua marcha para Boussa, lugar onde Mungo-Park morrera, no Níger. Antes de lá chegar, teve de atravessar o Oli, afluente do Kouara, e passar por Ouaoua, capital de uma província do Borgu, cujo recinto quadrado pode conter dezoito mil habitantes. É uma das cidades mais limpas e bem construídas que se encontram desde Badagry. As ruas são asseadas, largas, e as casas, circulares, têm um teto único de colmo. Mas é impossível, em todo o universo, imaginar uma cidade em que seja mais geral a bebedeira. Governador, padres, seculares, homens, mulheres, bebem com excesso vinho de palma, rum que vem da costa, e *bcniza.* Este último licor é uma mistura de *dourrah,* de mel, de pimenta do Chile e da raiz de uma erva grosseira que o gado come, tudo isto acrescentado com uma certa quantidade de água.

«Os Ouaouanis», diz Clapperton, «têm uma grande reputação de probidade. São alegres, benévolos e hospitaleiros. Nunca vi um povo na África que estivesse tão disposto a dar informações acerca do país que habita, e, o que é muito extraordinário, não vi entre eles nem um mendigo. Negam que sejam originários do Borgu, e dizem que descendem dos Haoussani e dos Nyffeni. A sua língua é um dialeto da dos Yourribani, mas as mulheres Oouaouanies são bonitas e as Yourribanies não o são; os homens são vigorosos e bem feitos, têm uns ares devassos. A sua religião é em parte um islamismo relaxado, e em parte o paganismo.»

Desde a costa que Clapperton — e a sua observação é curiosa — encontrara tribos felatas ainda pagãs, falando a mesma língua, tendo a mesma cor e as mesmas feições que os Felatas muçulmanos. Eram evidentemente da

mesma raça.

Boussa, a que o viajante chegou enfim, não é uma cidade regular; compõe-se de grupos de casas espalhadas numa ilha do Kouara, a 10° 14’ de latitude norte e a 6° 11’ de longitude leste do meridiano de Greenwich. A província de que é capital é a mais povoada do Borçu. Os habitantes são pagãos, da mesma forma que o sultão, apesar de o seu nome ser Mohammed. Sustentam-se de macacos, de cães, de gatos, de ratos, de peixe, de carne de vaca e de carneiro.

«Enquanto eu estava com o sultão», diz Clapperton, «trouxeram-lhe o almoço. Fui convidado a almoçar também. Consistia num grande rato aquático grelhado e ainda revestido da pele, num prato de excelente arroz cozido, num peixe seco estufado com óleo de palma, nuns ovos de aligátor fritos ou quentes e, enfim, em água fresca do Kouara. Comi peixe estufado e arroz, e riram-se muito de eu não querer provar nem rato nem ovos de aligátor.»

O sultão recebeu o viajante com afabilidade e disse-lhe que o sultão de Youri havia sete dias que tinha barcos prontos para poder subir o rio até esta cidade. Clapperton respondeu que, tendo a guerra cortado todas as comunicações entre o Bornu e Youri, preferia seguir pelo Koulfa e pelo Niffé. «Tens razão», disse o sultão, «fizeste bem em me vir ver; seguirás o caminho que quiseres.»

Numa audiência subsequente, o viajante pediu informações acerca dos europeus que, havia uns vinte anos, tinham morrido no Kouara. Esta pergunta enleou visivelmente o sultão. Por isso não respondeu francamente. Era tão novo então, disse ele, que não soube exatamente o que se passara.

— Não quero senão reaver — disse Clapperton — os livros e os papéis que lhes pertenciam e ver o sítio onde morreram.

— Nada tenho do que lhes pertenceu — respondeu o sultão. — Quanto ao lugar da sua morte, não vás lá: é um sítio péssimo.

— Disseram-me que ainda se via uma parte do barco que os transportou. É verdade?

— Não, não — tornou o sultão —, há muito tempo que as grandes águas levaram o que dele restava entre aqueles medonhos rochedos.

A uma nova pergunta relativa aos papéis e diários de Mungo-Park, respondeu o sultão que nada possuía, que esses papéis tinham estado nas mãos de alguns sábios, mas que, se Clapperton fazia tanto empenho neles, os mandaria procurar. Depois de ter agradecido, o viajante pediu autorização para interrogar os velhos da cidade, muitos dos quais deviam ter sido testemunhas do acontecimento. A esse pedido, pintou-se o embaraço no rosto do sultão, que não respondeu. Por conseguinte era inútil instar mais com ele.

«Foi um golpe mortal para as minhas pesquisas ulteriores», diz Clapperton, «porque todos se mostravam embaraçados quando eu pedia pormenores e diziam: “Isso aconteceu antes de eu me poder lembrar dessas coisas”; ou: “Não assisti.” Designaram-me o sítio onde a barca parara e onde a sua infeliz tripulação morrera, mas só o fizeram com todas as precauções e como que às escondidas.»

Dias depois, Clapperton sabia que o último imã, que era felata, tivera em seu poder os livros e os papéis de Mungo-Park. Infelizmente esse imã deixara Boussa havia tempos. Enfim, em Koulfa o viajante colheu informações que lhe não permitiam duvidar de que Mungo-Park fora morto.

Quando Clapperton sai de Borgu não pode deixar de observar quanto é mentirosa a má fama dos seus habitantes, tratados em toda a parte como ladrões e bandidos. Clapperton atravessara o seu país todo, viajara e caçara com eles sozinho, e nunca tivera deles a mínima razão de queixa.

O viajante vai agora tentar chegar a Kano, atravessando o Kouara e passando pelo Gouari e pelo Zegzeg. Chega em breve a Tabra, nas margens do May-Yarrow, onde residia a rainha-mãe de Niffé; depois, vai ver o rei ao seu acampamento, que estava pouco afastado da cidade. Era, no dizer de Clapperton, o patife mais descarado, mais abjeto e mais ávido que se podia encontrar, pedindo tudo quanto via, e não desistindo por mais que lhe recusassem as coisas.

«Ocasionou» diz o viajante, «a ruína do seu país pela sua índole ambiciosa e pela sua apelação para os Felatas, que vieram em seu socorro e que se hão de desembaraçar dele logo que lhes não sirva para nada. Foi causa de que a maior

parte da população industriosa do Niffé fosse morta ou vendida como escrava ou fugisse da sua pátria.»

Clapperton foi obrigado pela doença a residir mais tempo do que desejaria em Koulfa, cidade comercial, na margem setentrional do May-Yarrow, que encerra doze a quinze mil habitantes. Exposta havia vinte anos às incursões dos Felatas, esta cidade fora queimada duas vezes em seis anos. Clapperton foi ali testemunha da celebração da festa da lua nova. Nesse dia, todos fazem e recebem visitas. As mulheres entrançam a carapinha e tingem-na de anil, da mesma forma que as sobrancelhas. Pintam as pestanas de *khol*, os lábios de amarelo, os dentes de vermelho; tingem com *kenné* as mãos e os pés. Enfiam para essa circunstância os seus trajos mais belos e mais alegres e põem as suas missangas, os seus braceletes e os seus anéis de cobre, de prata, de estanho ou de latão. Aproveitam-se dessa festa para beberem tanta *bouza* como os homens, para entrarem nos seus cantos e nas suas danças.

O viajante logo penetrou na província de Gouari, depois de ter deixado a de Kotong-Kora. Conquistado com o resto do Haoussa pelos Felatas, o Gouari insurgira-se por ocasião da morte de Bello I, e desde essa época soubera, apesar das tentativas dos Felatas, conservar a sua independência. A capital dessa província, que tem também o nome de Fouari, fica situada a 10° 54’ de latitude norte e a 8° 1’ de longitude leste de Greenwich.

Em Fatika, Clapperton entrou no Zegzeg, território submetido aos Felatas, depois visitou Zariyah, cidade singular, em que se viam campos de milho, hortas, plantações de árvores frondosas, pauis e tabuleiros de relva; até havia casas. A população passava por ser mais considerável do que em Kano, e era avaliada em quarenta ou cinquenta mil habitantes, quase todos felatas.

A 19 de setembro, depois de tantos transtornos e fadigas, Clapperton penetrava enfim em Kano. Logo no primeiro dia percebeu que teriam preferido vê-lo chegar pelo lado de leste, porque a guerra com Bornu intercetara todas as comunicações com o Fezzan e com Trípolis. Deixando a bagagem entregue ao seu criado Lander, Clapperton foi quase imediatamente à procura do sultão

Bello, que se achava, segundo se dizia, nos arredores de Sockatou. Essa viagem foi extremamente penosa. Clapperton perdeu os camelos, os cavalos, e não pôde arranjar, para transportar o pouco que tinham consigo, senão um boi sarnento e doente, de forma que ele mesmo e os seus criados tiveram de levar uma parte da carga.

Bello acolheu Clapperton com bondade e mandou-lhe provisões e camelos. Mas como o sultão procurava reduzir à sua obediência a província de Gouber, revoltada contra ele, não pôde ao princípio conceder uma audiência ao viajante para conversar nos interesses múltiplos que o Governo inglês encarregara Clapperton de tratar.

À frente de cinquenta a sessenta mil soldados, nove décimos dos quais iam a pé e revestidos de armaduras enchumaçadas, Bello atacou Counia, capital do Gouber. Foi o combate mais insignificante que é possível imaginar-se, e a guerra terminou depois desta tentativa malograda. Clapperton, cuja saúde estava profundamente alterada, dirigiu-se a Sockatou, depois a Magoria, onde viu o sultão.

Logo que recebeu os presentes que lhe eram destinados, Bello deixou de mostrar as disposições amigáveis que até aí manifestara. Em breve até fingiu ter recebido do xeque El-Khanemi uma carta em que lhe aconselhava que se desfizesse do viajante, que não era mais que um espião, e que desconfiasse dos Ingleses, cujos projetos eram, depois de tomar conhecimento dos recursos do país, estabelecer-se nele, alcançar partidários, e aproveitar as discórdias que suscitavam para se assenhorearem do Haoussa como se tinham assenhoreado da Índia.

O que resultava mais claramente de todas as dificuldades levantadas por Bello era que desejava vivamente lançar mão dos presentes destinados para o sultão de Bornu. Contudo precisava de um pretexto; julgou tê-lo encontrado espalhando o boato de que o viajante levava canhões e munições para Kouka. Em consciência, Bello não podia permitir, dizia ele, que um estrangeiro atravessasse os seus Estados para pôr o seu irreconciliável inimigo em situação

de lhe poder fazer guerra. Mais ainda, quis obrigar Clapperton a ler-lhe a carta de Lord Bathurst ao sultão de Bornu.

«Podes tirá-la se quiseres», respondeu o viajante, «mas não ta dou eu. Tudo é possível para ti, visto que tens a força, mas desonras-te se o fizeres. Para mim, abrir esta carta seria fazer mais do que o que vale a minha cabeça. Vim ter contigo, trazendo uma carta e presentes do rei de Inglaterra, pela confiança que lhe inspirou a tua carta do ano passado. Espero que não infrinjas a tua palavra e a tua promessa para veres o que esta carta encerra.»

O sultão despediu então com um gesto o viajante, que se retirou.

Contudo essa tentativa não foi a última, e as coisas foram ainda muito mais adiante. Dias depois vieram ainda pedir a Clapperton que entregasse os presentes destinados a El-Khanemi. Como ele recusasse, tiraram-lhos.

— Portam-se comigo como uns ladrões — exclamou Clapperton. — Faltaram essencialmente à fé jurada. Nenhum povo deste mundo se portaria assim. Fariam melhor em me cortar a cabeça do que em fazer uma coisa semelhante, mas suponho bem que a isso chegarão depois de me terem roubado tudo.

Mais ainda, quiseram roubar-lhe as armas e as munições. Clapperton resistiu com a máxima energia. Os seus criados, assustados, abandonaram-no, mas não tardaram a voltar, prontos a correr os mesmos perigos que seu amo, pelo qual sentiam a mais viva afeição.

Nesse momento crítico para o diário de Clapperton. Havia mais de seis meses que estava em Sockatou, sem ter podido entregar-se a exploração alguma, sem ter conseguido levar a bom termo a negociação por cuja causa viera da costa. O tédio, as fadigas, as doenças não lhe tinham deixado descanso, e o seu estado tornara-se de súbito muito assustador. O seu criado, Ricardo Lander, que fora ter com ele a Sockatou, multiplicava-se debalde.

A 12 de março de 1827, Clapperton foi atacado de uma disenteria, que nenhum remédio conseguiu debelar; não tardou a perder as forças. Como se estava no Ramadão, Lander não podia alcançar o mínimo serviço, nem sequer

dos criados. E, todavia, a doença fazia todos os dias progressos, desenvolvidos por um calor esmagador. Durante vinte dias Clapperton conservou-se no mesmo estado de fraqueza e de abatimento; depois, sentindo que o seu fim se aproximava, deu as suas últimas instruções a Ricardo Lander, seu fiel servidor, e expirou nos seus braços a 11 de abril.

«Mandei avisar o sultão Bello», diz Lander, «da perda cruel que acabava de ter, pedindo-lhe licença para enterrar meu amo à moda do meu país e rogando-lhe que me designasse o sítio onde eu poderia depositar os seus restos mortais. O meu mensageiro voltou logo com o consentimento do sultão, e no mesmo dia, ao meio-dia, quatro escravos vieram da parte de Bello para abrir a cova. Tencionando segui-lo com o corpo, mandei-o colocar no dorso de um camelo e cobri-o com o pavilhão da Grã-Bretanha. A nossa marcha foi lenta e parámos em Djungari, pequena aldeia construída numa eminência, a cinco léguas para o sueste de Sockatou. O corpo foi tirado de cima do camelo e posto primeiramente debaixo de um telheiro, enquanto os escravos abriam a cova, depois transportado para junto dela, quando a cova se acabou. Abri então um livro de orações, e, com voz entrecortada de soluços, li o ofício de defuntos. Ninguém prestava atenção a essa triste leitura, nem aliviava a minha dor partilhando-a. Os escravos estavam a alguma distância; disputavam entre si e faziam uma bulha indecente. Terminada a cerimónia religiosa, foi tirado o pavilhão, e o corpo depositado devagarinho na terra. E eu chorei amargamente sobre os restos inanimados do melhor, do mais intrépido e do mais digno dos amos.»

O calor, a fadiga e a dor por tal forma acabrunharam o pobre Lander, que esteve mais de dez dias na impossibilidade absoluta de sair da sua choça.

Bello informou-se muitas vezes do estado de saúde do infeliz criado, mas este não se deixou iludir por essas demonstrações do sultão; não eram inspiradas senão pelo desejo de se apoderar das caixas e das bagagens do viajante, que se supunha que estavam cheias de ouro e de prata. Por isso o espanto de Bello chegou ao seu auge quando reconheceu que Lander nem sequer possuía a soma

suficiente para pagar as despesas da sua viagem até à costa. Mas o que o sultão nunca soube foi que Lander tivera a precaução de esconder no fato um relógio de ouro, que ainda tinha, com os dos capitães Pearce e Clapperton.

Lander, no entanto, percebia que a todo o custo precisava de chegar à costa o mais depressa possível. Por meio de alguns presentes habilmente distribuídos, conquistou as boas graças de vários conselheiros do sultão, que fizeram sentir a este que, se o viajante morresse, não deixariam de espalhar o boato de que Bello o mandara assassinar, assim como a seu amo. Apesar de Clapperton ter aconselhado a Lander que se juntasse aos mercadores árabes que vão para o Fezzan, este, receando que lhe fossem roubados os papéis e os diários da expedição, resolveu-se a voltar ao litoral.

A 3 de maio, Lander partiu enfim de Sockatou, dirigindo-se para Kano. Se, durante a primeira parte dessa viagem, Lander ia morrendo de sede, a segunda foi menos penosa, porque o rei de Djacoba, que teve por companheiro de viagem, tratou-o com afabilidade e convidou-o mesmo a visitar o seu país.

Contou-lhe que tinha por vizinhos uns povos chamados Nyam-Nyams, que lhe haviam servido de aliados contra o sultão de Bornu, e que, em seguida a um combate, esses Nyam-Nyams, depois de terem levado os cadáveres dos seus inimigos, os tinham assado e comido. Parece-nos que é a primeira vez, depois de Hornemann, que aparece, numa relação de viagem, com essa reputação de antropofagia, esse povo que devia dar margem a tantas fábulas ridículas.

Lander entrou a 25 de maio em Kano, e, fazendo ali apenas uma curta residência, tomou o caminho de Funda, à beira do Níger, caminho que tencionava seguir até Benim. Demais, o viajante achava muitas vantagens nesta direção. Se o caminho era mais seguro, era ao mesmo tempo novo, e Lander poderia aumentar assim as descobertas feitas precedentemente por seu amo.

Kanfou, Carifo, Gowgie, Gatas, foram sucessivamente visitadas por Lander, o qual verificou que os habitantes destas cidades pertencem à raça do Haoussa e pagam tributo aos Felatas. Viu também Damoy, Drammalih, Coudonia, encontrou um grande rio que corria para o Kouara, visitou Kottop,

grande mercado de bois e de escravos, Coudgi e Dunrora, à vista de uma longa cordilheira de altas montanhas, que correm para leste.

Em Dunrora, no momento em que Lander fazia carregar as bestas, quatro cavaleiros, de cavalos cobertos de espuma, precipitaram-se em casa do chefe, e, de combinação com ele, forçaram o viajante a voltar atrás, para ir visitar o rei de Zegzeg, que tinha, diziam eles, o maior desejo de o ver. Não acontecia o mesmo a Lander, que, pelo contrário, queria chegar ao Níger, de que já não estava muito longe, e que tencionava descer até ao mar.

Contudo não houve remédio senão ceder à força. Os guias de Lander não seguiram perfeitamente o mesmo caminho que este tomara para vir a Dunrora, o que permitiu ao viajante ver a cidade de Eggebi, governada por um dos principais guerreiros do soberano de Zegzeg.

A 22 de julho, entrava Lander em Zegzeg. Foi logo recebido pelo rei, que lhe declarou que não o fizera voltar para trás senão porque, tendo rebentado a guerra entre Bello e o rei de Funda, este não deixaria de o matar, logo que soubesse que levara presentes ao sultão dos Felatas. Lander fingiu deixar-se cativar por esses protestos de interesse, mas percebeu que a curiosidade e o desejo de alcançar alguns presentes tinham inspirado ao rei de Zegzeg esse procedimento Resignou-se por conseguinte, e deu os presentes, pedindo desculpa de serem pobres, o que era devido a ter sido despojado das suas mercadorias, e em breve alcançou licença para partir.

Ouari, Ouomba, Koulfa, Boussa e Ouaoua marcam as estações da viagem de regresso de Lander a Badagry, onde entrou a 22 de novembro de 1827. Dois meses depois embarcava para Inglaterra.

Se o fim comercial, principal objetivo da viagem de Clapperton, completamente se malograra, graças ao ciúme dos árabes, que tinham mudado as disposições de Bello, porque a abertura de uma nova estrada arruinaria o seu comércio, a ciência, ao menos, aproveitava largamente com os trabalhos e as fadigas do explorador inglês.

Na sua *História das Viagens,* Desborough Cooley aprecia da seguinte

maneira os resultados obtidos nessa época pelos viajantes cujos trabalhos acabámos de resumir:

«As descobertas feitas no interior da África pelo capitão Clapperton excedem muito, debaixo do duplo ponto de vista do seu estudo e da sua importância, as de todos os seus predecessores. A 24° de latitude era o último limite a que chegara pelo sul o capitão Lyon; mas o major Denham, na sua expedição a Mandara, chegou até 9° 15’ de latitude, acrescentando 14° e três quartos, ou novecentas milhas, aos países descobertos pelos Europeus. Hornemann, é verdade, já atravessara o deserto e avançara pelo sul até Niffé, a 10° e meio de latitude, mas não possuímos relação alguma da sua viagem. Na sua primeira viagem, Park chegou a Silla, a 2° 34’ de longitude oeste, a mil e cem milhas de distância da embocadura do Gamba. Enfim, Denham e Clapperton, desde a costa oriental do lago Chade (17° de longitude) até Sockatou (3° e meio de longitude), exploravam quinhentas milhas de leste a oeste da África, de forma que só quatrocentas milhas ficavam desconhecidas entre Silla e Sockatou; mas, na sua segunda viagem, o capitão Clapperton obteve resultados dez vezes mais importantes. Descobriu efetivamente o caminho mais curto e mais cómodo para se ir aos países tão populosos da África Central, e pode gabar-se de ter sido o primeiro viajante que completou um itinerário do continente africano até Benim.»

A estas reflexões tão judiciosas, a esta apreciação tão honrosa, pouco há a acrescentar.

As informações dos geógrafos árabes, e especialmente as de Leão, o Africano, eram verificadas, e tinha-se um conhecimento aproximado de uma parte considerável do Soldão. Se a solução do problema que agitava havia tanto tempo os sábios, o curso do Níger, e que decidira a partida da expedição de que vamos falar, não estava ainda completamente encontrada, pelo menos já se podia entrever. Efetivamente, compreendia-se agora que o Níger, Kouara ou Djoliba, fosse qual fosse o nome que se lhe desse, e o Nilo eram dois rios diferentes, de bacias completamente distintas. Numa palavra, acabava de se dar um grande

passo.

Em 1816 ainda se perguntava se o rio conhecido pelo nome de Congo não seria a embocadura do Níger. Esse reconhecimento foi portanto confiado a um oficial de marinha que dera numerosas provas de inteligência e de bravura. Aprisionado em 1805, James Kingston Tuckey só fora trocado em 1814. Assim que soube que se organizava uma expedição para exploração do Zaire, pediu para fazer parte dela e confiou-se-lhe o comando. Agregaram-se-lhe sábios e oficiais de mérito.

Tuckey partiu de Inglaterra, a 29 de março de 1816, tendo debaixo das suas ordens o *Congo* e a *Doroteia*, navios de transporte. A 20 de junho, fundeava em Malembé, na costa do Congo, a 4° 39’ de latitude sul. O rei do país ficou escandalizado, segundo parece, ao saber que os ingleses não iam comprar escravos, e desfez-se em injúrias contra esses europeus que arruinavam o seu comércio.

A 18 de julho, Tuckey subiu o vasto estuário do Zaire com o *Congo;* depois, quando a altura das margens do rio lhe não permitiu continuar a navegar à vela, embarcou com uma parte da sua gente nas chalupas e nos escaleres. A 10 de agosto, a rapidez da corrente, os enormes rochedos de que estava alcatifado o leito do rio, resolveram-no a caminhar umas vezes por terra, outras vezes por água. Dez dias depois, os escaleres paravam definitivamente diante de uma cachoeira, que se não podia passar. Então caminhou-se por terra. Mas as dificuldades tornavam-se todos os dias maiores, os negros recusavam carregar com os fardos, e mais de metade dos europeus estavam doentes. Enfim, quando estava já a duzentas e oitenta milhas do mar, Tuckey viu-se obrigado a voltar para trás. A estação das chuvas tinha principiado. O número dos doentes aumentava imenso. O comandante, aflito com o lamentável resultado dessa excursão, foi a seu turno atacado de febre e só voltou a bordo para morrer, no dia 4 de outubro de 1816.

O único resultado desta deplorável tentativa foi, por conseguinte, um reconhecimento exato da embocadura do Zaire e uma retificação do

levantamento da costa, em que havia até então um erro considerável.

Não longe dos sítios em que pouco depois Clapperton devia desembarcar, na costa do Ouro, aparecera em 1807 um povo valente, mas de instintos ferozes. Os Aschantis, vindos não se sabe ao certo de que sítio, tinham-se atirado aos Fanties, e depois de terem feito neles, em 1811 e em 1816, horríveis carnificinas, tinham estabelecido o seu domínio sobre todo o território que se estende entre os montes Kong e o mar.

Forçosamente daí resultara uma grande perturbação nas relações dos Fanties e dos Ingleses, que possuíam na costa alguns estabelecimentos de comércio, ou feitorias.

Em 1816, especialmente, o rei dos Aschantis fizera com que houvesse fome nos fortes britânicos, devastando o território dos Fanties onde eles se elevam. Também por isso o governador de Cape-Coast se dirigira ao seu Governo para lhe pedir que enviasse uma embaixada a esse vencedor bárbaro e feroz. O portador desse despacho foi Tomás Eduardo Bowdich, moço que, atormentado pela paixão das viagens, sacudira o jugo paterno, renunciara ao comércio, e, depois de ter casado contra vontade de sua família, viera ocupar um modesto emprego em Cape-Coast, de que seu tio era vice-governador.

Sem hesitar, o ministro, aderindo à proposta do governador de Cape-Coast, reenviara Bowdich para a África, encarregando-o desta embaixada. Mas o governador, pretextando a sua mocidade, nomeou, para chefe da missão, um homem que, pela sua longa experiência dos costumes, pelo conhecimento do país e dos habitantes, lhe parecia mais em estado de desempenhar essa importante comissão. Os acontecimentos iam encarregar-se de o desmentir. Bowdich, agregado à expedição, estava encarregado da parte científica e sobretudo das observações de longitude e de latitude.

Frederico James e Bowdich deixaram o estabelecimento inglês a 22 de agosto de 1817 e chegaram a Coumassie, capital dos Aschantis, sem ter encontrado outros obstáculos que não fossem a má vontade dos carregadores. As negociações, que tinham por fim a conclusão de um tratado de comércio e a

abertura de um caminho entre Coumassie e a costa, foram dirigidas com certo êxito por Bowdich, porque a James faltava totalmente a firmeza e a iniciativa. O procedimento de Bowdich recebeu tão completa aprovação que James foi mandado retirar.

Parecia que a geografia pouco tinha a esperar de uma missão diplomática nas regiões visitadas outrora por Bosman, Loyer, Des Marchais e tantos outros, e acerca das quais se tinham as monografias de Meredith e de Dalzel. Mas os cinco meses de residência em Coumassie, quer dizer, a dez dias de marcha apenas do Atlântico, tinham sido aproveitados por Bowdich para observar o país, os usos, os costumes e as instituições de um dos povos mais interessantes da África.

Vamos resumir brevemente aqui a narrativa da entrada pomposa da missão em Coumassie. Toda a população estava nas ruas, formando alas, e tropas, cujo número Bowdich avalia em trinta mil homens, pelo menos, estavam em armas.

Antes de serem admitidos à presença do rei, os ingleses foram testemunhas de um espetáculo próprio para lhes dar uma ideia da crueldade e da barbaria dos Aschantis. Um homem, com as mãos atadas atrás das costas, com as faces atravessadas por uma folha de faca, com uma orelha cortada, e com a outra pegada só por um pedaço, com as costas retalhadas, com uma faca atravessada na pele por cima de cada omoplata, arrastado por uma corda que lhe atravessava o nariz, era passeado pela cidade ao som dos tambores, antes de ser sacrificado em honra dos ingleses.

«Tudo o que tínhamos visto», diz Bowdich, «preparara-nos para um espetáculo extraordinário, mas não esperávamos ainda assim a magnificência que vimos. Preparara-se para nos receberem um local de perto de uma milha quadrada. O rei, os seus tributários e os seus capitães estavam no último plano, rodeados das suas respetivas comitivas. Viam-se diante deles corpos militares tão numerosos que parecia que nunca nos poderíamos aproximar. Os raios do Sol refletiam-se com um brilho quase tão insuportável como o seu calor nos ornamentos de ouro maciço que brilhavam por todos os lados.

Mais de cem bandas de música tocavam ao mesmo tempo à nossa chegada, fazendo cada uma ouvir os hinos especiais do chefe a quem pertencia. Umas vezes era-se atordoado pelo estrondo de uma multidão inumerável de trompas e de tambores; outras vezes pelos sons de compridas flautas, que não deixavam de ter harmonia, e por um instrumento do género das gaitas de foles, que se unia com elas agradavelmente. Um cento de grandes umbelas ou pálios, cada um dos quais podia abrigar pelo menos trinta pessoas, eram agitados sem cessar por aqueles que os levavam. Eram de seda escarlate, amarela e de outras cores brilhantes, e tinham por cima crescentes, pelicanos, elefantes, espadas e outras armas, tudo de ouro maciço.

Os mensageiros do rei, tendo no peito grandes chapas de ouro, fizeram-nos abrir caminho, e seguimos precedidos pelas bengala e pelo pavilhão inglês. Parámos para apertar a mão a cada um dos *cabocirs.* Todos esses chefes vestiam fatos magníficos, com colares de ouro maciço, círculos de ouro nos joelhos, chapas de ouro por cima dos tornozelos, braceletes ou pedaços de ouro no punho esquerdo, e tão pesados que eram obrigados a encostar o braço à cabeça de uma criança. Enfim, cabeças de lobo ou de carneiro, de grandeza natural, estavam suspensas do punho da sua espada, cujos copos eram do mesmo metal, e cuja folha estava suja de sangue.

Grandes tambores iam levados à cabeça de um homem, seguidos por outros dois que batiam no instrumento. Os pulsos destes estavam ornados de campainhas e de pedaços de ferro, que os acompanhavam, quando tocavam tambor. O seu cinto estava guarnecido com os cânticos e com os ossos das pernas dos inimigos que tinham morto em combate.

Por cima dos grandes dignitários, sentados em cadeiras de madeira preta encastoadas de ouro e de marfim, agitavam-se imensos leques de penas de avestruz, e por trás deles estavam os moços mais elegantes, que, tendo às costas uma caixa de pele de elefante cheia de cartuchos, tinham na mão longos mosquetes dinamarqueses marchetados de ouro e usavam à cintura caudas de cavalo, brancas pela maior parte, ou charpas de seda.

As fanfarras prolongadas das trompas, o estrondo ensurdecedor dos tambores e, nos intervalos, o som dos outros instrumentos anunciavam que nos íamos aproximando do rei. Estávamos já ao pê dos principais oficiais da sua casa; o camarista, o oficial que levava a trombeta de ouro, o capitão dos mensageiros, o chefe das execuções, o capitão do mercado, o guarda da sepultura real e o chefe dos músicos estavam sentados no meio da sua comitiva, brilhando com uma magnificência que anunciava a importância das dignidades de que se achavam revestidos. Os cozinheiros estavam rodeados de uma imensa quantidade de baixelas de prata, estendidas diante deles, de bandejas, de pratos, de cafeteiras, de copos e de vasos de toda a espécie. O chefe das execuções, homem de uma estatura quase agigantada, tinha no peito um cutelo de ouro maciço, e via-se diante dele o cepo onde se devia cortar a cabeça dos condenados. Estava tinto de sangue e coberto em parte de enormes nódoas de gordura. Os quatro intérpretes estavam rodeados de um esplendor que nada ficava a dever à magnificência dos outros oficiais-mores, e os seus distintivos especiais, as bengalas de castão de ouro, iam adiante deles atadas em feixes. O guarda do tesouro juntava ao seu luxo pessoal o do lugar que ocupava, e viam-se diante dele cofres, balanças e pesos de ouro maciço.

Os poucos minutos que decorreram enquanto nos aproximávamos do rei, para lhe darmos a mão, permitiram-nos vê-lo bem. O seu porte excitou desde logo a minha atenção. É uma coisa singular encontrar uns ares de dignidade natural nestes príncipes, que nos apraz chamar bárbaros. As suas maneiras anunciavam a um tempo majestade e polidez, e a surpresa não lhe fez perder nem um só momento o ar de sossego e de sangue-frio próprio de um monarca. Parecia ter de idade pouco mais ou menos trinta e oito anos e certas disposições para a gordura; na sua fisionomia estava impresso o cunho da benevolência.»

Segue-se uma descrição, que enche muitas páginas, do trajar do rei, do desfilar dos chefes, das tropas, da multidão e da receção, que durou até à noite.

Quando se lê esta pasmosa narração de Bowdich, pergunta a gente a si mesmo se não é produto da imaginação exaltada do viajante, se o luxo

maravilhoso dessa corte bárbara, se os sacrifícios de milhares de pessoas em certas épocas do ano, se os costumes estranhos dessa população belicosa e cruel, se essa mistura de civilização e de barbaria, desconhecida até então na África, é deveras verdadeira. Teríamos tentações de acreditar que Bowdich singularmente exagerou as coisas se os viajantes que se lhe seguiram e os exploradores contemporâneos não tivessem confirmado a sua narrativa. Fica-se espantado, portanto, de que semelhante governo, fundado só no terror, pudesse ter tão longa duração!

Entre tantos viajantes estrangeiros que prodigalizam a sua vida para contribuírem para o progresso da ciência geográfica, é feliz o francês quando encontra o nome de um compatriota. Sem deixar de ser imparcial na apreciação dos seus trabalhos, sente-se mais comovido com a leitura da narrativa dos seus perigos e das suas fadigas. É o que sucede agora, que temos de falar em Mollien, em Caillié, em Cailliaud e em Letorzec.

Gaspar Mollien era sobrinho do ministro do Tesouro de Napoleão I. Embarcando na *Medusa*, teve a felicidade de escapar ao naufrágio desse navio num dos escaleres que alcançaram a costa do Sara, e chegara, seguindo-a, até ao Senegal.

O desastre que Mollien acabava de evitar teria morto em qualquer espírito de menos rija têmpera o gosto das aventuras e a paixão das viagens. Não sucedeu assim. Logo que o governador da colónia, major Fleuriau, aceitou a oferta que o jovem viajante lhe fazia de procurar as nascentes dos grandes rios de Senegâmbia e mais especialmente as do Dioliba, Mollien saiu de S. Luís.

Partindo de Diedde, a 29 de janeiro de 1818, Mollien, dirigindo-se para leste, entre o 15.º e 16.º paralelos, atravessou o reino do Domei e penetrou no país dos Talofos. Dissuadido de seguir o caminho de Woulli, tomou o de Fouta-Toro; apesar do fanatismo dos habitantes e da sua sede de saque, conseguiu chegar ao Mondou sem desastre. Foram-lhe necessários três dias para atravessar o deserto que separa o Bondou dos países para além da Gâmbia; depois penetrou

no Niokolo, país montanhoso, habitado por Peuls e Djallons quase selvagens.

Saindo do Bandeia, Mollien entrou no Fouta-Djallon e chegou às nascentes do Gâmbia e do rio Grande, situadas ao lado uma da outra. Dias depois, via as do Falémé. Apesar da repugnância e do terror do seu guia, Mollien chegou a Timbou, capital do Fouta. A ausência do rei e da maior parte dos habitantes poupou-lhe, sem dúvida alguma, os horrores de um cativeiro que poderia ser longo, se terríveis torturas o não tivessem abreviado. Fouta é uma cidade fortificada, em que o rei possui choupanas, e cujas muralhas têm três a quatro pés de espessura e quinze de altura.

A pouca distância de Timbou, encontrou Mollien as fontes do Senegal, pelo menos pelo que disseram os negros que o acompanhavam, mas não lhe foi possível fazer observações astronómicas.

Contudo o explorador não considerava a sua missão terminada. A solução do importante problema da origem do Níger impunha-se ao seu espírito. Mas o miserável estado da sua saúde, a estação das chuvas, o engrossamento dos rios, o terror dos seus guias, que, apesar da oferta de espingardas, de grãos de âmbar, até do seu cavalo, recusaram acompanhá-lo a Kouranka e a Solimão, obrigaram-no a renunciar completamente a atravessar a cordilheira dos montes Kong e a voltar a S. Luís.

Em suma, Mollien traçara muitas linhas novas numa parte da Senegâmbia ainda não visitada pelo Europeu.

«É de lamentar», diz o Sr. de La Renaudière, «que, extenuado de fadigas, arrastando-se a custo, com uma falta de fato absoluta e privado de meios de observação, Mollien se tivesse achado na impossibilidade de transpor as altas montanhas que separam a bacia do Senegal da do Djoliba, e fosse forçado a recorrer às indicações dos naturais sobre os objetos mais importantes da sua missão. É por lho terem dito os negros que ele julga ter visitado a origem do rio Grande, do Falémé, do Gâmbia e do Senegal. Se lhe fosse possível seguir o curso desses rios para lá do seu ponto de partida, teria dado a essas descobertas um grau de exatidão que infelizmente não têm. Todavia, a posição que marca a

origem do Ba-Fing, ou Senegal, não pode aplicar-se, nessa parte, a nenhuma outra corrente; aproximando-a, demais, das informações obtidas por outros viajantes, ficar-se-á convencido da realidade desta descoberta. Parece igualmente constante que essas duas origens são imais altas do que se supunha, e que o Djoliba sai ainda de um terreno superior. O país eleva-se gradualmente ao sul e a sueste em terraços paralelos. Essas cordilheiras de montanhas aumentam em altura à medida que se adiantam para o sul e atingem o seu mais alto ponto entre o 8° e 10° de latitude norte.»

Tais são os dados que saem da interessante viagem de Mollien à colónia francesa do Senegal.

Este país devia ser também o ponto de partida de outro explorador, Renato Caillié.

Nascido em 1800, no departamento de Deux-Sèvres, Caillié não recebeu outra instrução senão a da escola primária; mas tendo a leitura do *Robinson Crusoé* desenvolvido na sua jovem imaginação o gosto das aventuras, Caillié tratou logo de arranjar, com os poucos recursos que possuía, mapas e narrativas de viagens. Em 1816, apesar de somente ter dezasseis anos, embarcava para o Senegal na escuna *Loire.*

O Governo inglês organizava nessa época uma expedição ao interior, debaixo do comando do major Gray. A fim de evitar o terrível *almamy* de Timbou, que fora tão funesto a Peddie, os ingleses dirigiram-se por mar à Gâmbia. O Woulli, o Gabão, foram atravessados, e a expedição penetrou no Bondou, que Mollien ia visitar alguns anos depois, país habitado por um povo tão fanático, tão feroz como o de Fouta-Djallon. As exigências do *almamy* foram tais que o major Gray viu-se, debaixo do pretexto de uma antiga dívida do Governo inglês, ainda não paga, despojado de quase todas as suas mercadorias e foi obrigado a enviar ao Senegal um oficial que encarregou de fazer novo sortimento.

Caillié, ignorando esta contrariedade e compreendendo que o major Gray acolheria com prazer todo o recruta que se apresentasse, partiu de S. Luís com

dois pretos e chegou à Goréa. Mas ali, muitas pessoas que se interessavam por ele tiraram-lhe a ideia de se juntar a essa expedição e arranjaram-lhe um emprego em Guadalupe. Caillié ficou só seis meses nessa ilha, veio a Bordéus, depois voltou ao Senegal.

Um oficial do major Gray, chamado Partarieu, estava para ir ter com o seu chefe, levando as mercadorias que arranjara. Caillié ofereceu-se para o acompanhar, sem ordenado nem contrato fixo. A oferta foi logo aceite.

A caravana compunha-se de setenta indivíduos, brancos e pretos, e trinta e dois camelos ricamente carregados. Deixou Gandiolla, no Cavor, a 5 de fevereiro de 1819, e, antes de entrar no Yolofif, atravessou um deserto, onde sofreu cruelmente a sede, porque, para levar mais mercadorias, tinham deixado de levar uma provisão suficiente de água.

Em Boulibaba, aldeia habitada por Fulas pastores, a caravana pôde-se refrescar e encher os seus odres para a travessia de outro deserto.

Evitando Fouta-Toro, cujos habitantes são fanáticos e ladrões, Partarieu penetrou no Bondou. Desejaria muito evitar a entrada em Boulibané, capital do país e residência do *almamy*, mas a resistência dos habitantes, que se recusavam a dar legumes e água, as ordens positivas do major Gray, que imaginava que o *almamy* deixaria passar a caravana, depois de ter recebido uma contribuição, obrigaram-no a ir a essa cidade.

O terrível *almamy* começou por fazer com que lhe dessem uma quantidade considerável de presentes, mas recusou aos ingleses a autorização de partirem para Bakel, no Senegal. Podiam, dizia ele, ir a Clego, atravessando os seus Estados e os de Kaarta, ou seguir a estrada de Fouta-Toro. Dessas duas estradas, a primeira não era melhor que a segunda, porque era forçoso atravessar países fanáticos. A intenção do *almamy* era pois, assim o compreendiam os ingleses, fazê-los roubar e matar, sem incorrer em responsabilidade de espécie alguma.

A expedição resolveu abrir caminho à força. Estavam os preparativos apenas começados quando se viu rodeada de uma multidão de soldados, que, ocupando os poços, a puseram na impossibilidade material de executar o projeto.

Ao mesmo tempo os tambores de guerra soavam por todos os lados. A luta era impossível. Não houve remédio senão recorrer a uma «palavra», quer dizer, reconhecer a sua impotência. O *almamy* ditou as condições da paz, obteve dos ingleses novos presentes e exigiu que se retirassem pelo Fouta-Toro.

Mais ainda — sanguinolenta afronta ao orgulho britânico — os ingleses viram-se escoltados por uma guarda, que os devia impedir de seguir outro caminho qualquer. Por isso, assim que caiu a noite, em presença mesmo dos Fulas, que se lhes queriam opor, atiraram ao lume todas as mercadorias de que estes tencionavam apoderar-se. A travessia do Fouta-Toro, no meio de populações hostis, foi ainda mais penosa. Com o mais fútil pretexto, rebentavam as discussões e chegava-se logo a ponto de irem às mãos. Os víveres e sobretudo a água não eram entregues senão a peso de ouro.

Enfim, uma noite, o Sr. Partanieu, a fim de adormentar a vigilância dos indígenas, depois de ter declarado que não poderia levar de uma vez tudo o que lhes restava, mandou encher de pedras os seus cofres e as suas bagagens, depois, deixando as tendas armadas e as fogueiras acesas, safou-se com toda a sua gente e partiu para o Senegal. Em breve a retirada passou a ser uma verdadeira fuga. Bagagens, roupas, armas, animais, tudo foi abandonado, semeado pelo caminho.

Graças a este subterfúgio e à rapidez da marcha, pôde-se chegar ao estabelecimento de Bakel, onde os franceses acolheram com toda a afabilidade as relíquias daquela expedição.

Quanto a Caillié, esse, atacado por uma febre que logo tomou o caráter mais assustador, voltou para S. Luís, mas, não conseguindo aí restabelecer-se, teve de regressar a França. Foi só em 1824 que pôde tornar ao Senegal. Esta colónia era então governada pelo barão Roger, homem amigo do progresso e desejoso de ampliar ao mesmo tempo as novas relações comerciais francesas e os seus conhecimentos geográficos. O barão Roger deu então a Caillié os meios de ir viver para o país dos Bracknas, a fim de aprender o árabe e a prática do culto muçulmano.

Não foi fácil viver no país desses mouros pastores, desconfiados e

fanáticos. O viajante, que encontrou muitas dificuldades para ter o seu diário em dia, foi obrigado a estratagemas múltiplos para obter a liberdade de percorrer os arredores da sua residência. Dali trouxe algumas observações curiosas acerca do modo de viver dos Bracknas, acerca do seu sustento, que se compõe quase exclusivamente de leite, acerca das suas habitações, que são apenas tendas, impróprias para resistir às intempéries do clima, acerca dos seus cantores ambulantes, ou *gué-hués,* dos meios de que usam para levar suas mulheres ao grau de gordura que lhe parece o ideal da beleza, da natureza do país, da fertilidade e das produções do solo.

As mais curiosas de todas as informações colhidas por Caillié são as relativas às cinco classes distintas em que se divide a nação dos mouros Bracknas.

São os *hassanas,* ou guerreiros, de uma preguiça, de uma porcaria e de um orgulho incríveis, os *marabutos,* ou padres, os *zenngas,* tributários dos *hassanas,* os *laratines* e os escravos.

Os *zenagas* formam uma classe miserável, desprezada por todas as outras, mas sobretudo pelos *hassanas,* a quem pagam uma contribuição que, apesar de ser determinada regularmente, nunca é julgada bastante. São verdadeiros trabalhadores, quer se entreguem à indústria, à agricultura ou à criação de animais.

«Apesar de todos os meus esforços», diz Caillié, «nada pude descobrir da origem desta raça, nem saber como é que fora reduzida a pagar tributo a outros mouros. Quando dirigia perguntas a esse respeito respondiam-me que Deus assim o queria. Seriam os restos de tribos vencidas; mas como é que se não conservaria disso tradição alguma entre eles? Não posso acreditá-lo, porque os mouros, orgulhosos da sua origem, nunca se esquecem dos nomes daqueles que ilustraram as suas famílias, e os *zenagas,* formando a maior parte da população e sendo, demais a mais, exercitados na guerra, sublevar-se-iam debaixo do comando de alguns descendentes dos seus antigos chefes e sacudiriam o jugo da escravidão.

Os *laratines* são filhos de mouros e de escravas negras. Apesar de escravos, nunca são vendidos; arrebanhados em acampamentos particulares, são tratados pouco mais ou menos como os *zenagas.* Os que são filhos de um *hassana* são guerreiros, os que nascem de um *marabuto* recebem instrução e abraçam a profissão de seu pai.

Quanto aos escravos, esses todos são negros. Mal tratados, mal sustentados, fustigados ao mais leve capricho do seu senhor, não há vexames que lhes não façam sofrer.

No mês de maio de 1825, Caillié estava de volta a S. Luís. Ausente o barão Roger, aquele que o substituía não parecia animado de intenções benévolas. O viajante teve de esperar, só com uma ração de soldado, a volta do seu protetor, a quem entregou os apontamentos que colhera entre os Bracknas, mas viu repelidas todas as suas ofertas de serviço. Prometia-se-lhe uma certa quantia no seu regresso de Tungubutu. E como podia ele partir, visto que não possuía os mínimos recursos pessoais?

Contudo nada havia que pudesse desanimar o intrépido Caillié. Não achando no governo colonial nem animação nem socorro, passou para a Serra Leoa, cujo governador, não querendo arrancar ao major Laing a glória de ser o primeiro a chegar a Tungubutu, rejeitou as suas propostas.

Graças às economias que fez na gerência de uma fábrica de anil, Caillié em breve possuía dois mil francos, soma que lhe parecia suficiente para ir ao fim do mundo. Apressou-se a arranjar mercadorias e ligou-se com mandingas e seracoletas, mercadores viajantes que percorrem a África. Contou-lhes, pedindo-lhes segredo, que, nascido no Egito de pais árabes, fora levado a França na idade mais tenra, depois ao Senegal para fazer os negócios comerciais do seu senhor, que, satisfeito dos seus serviços, o libertara. Acrescentava que o seu mais vivo desejo era voltar para o Egito e retomar a religião muçulmana.

A 22 de março de 1827, partindo de Freetown para Kakondy, aldeia à beira do rio Nunes, Caillié aproveitou-se da sua demora nesta localidade para congregar algumas informações sobre os Landamas e os Nalous, povos sujeitos

aos Fulas do Fouta-Djallon, não maometanos e por isso mesmo muito dados a bebidas espirituosas. Habitam nos arredores desse rio, assim como os Baços, povoação idólatra da foz do rio Nunes. Alegres, industriosos, hábeis cultivadores, os Bagos tiram grandes lucros das suas colheitas de arroz e de sal. Não têm rei, nem outra religião que não seja a idolatria, são governados pelo mais velho da sua aldeia e não se dão mal com isso.

A 19 de abril de 1827, Caillié, com um só carregador e um guia, partia enfim para Tungubutu. Não teve a mais leve razão de queixa dos Fulas e dos Djallonkés, cujo país, fértil e rico, atravessou; passou o Ba-Fing, principal afluente do Senegal, muito perto da nascente, num sítio em que teria uns cem passos de largura e pé e meio de profundidade apenas; mas a violência da corrente e as enormes rochas de granito negro que lhe embaraçam o leito tornavam a sua travessia difícil e bastante perigosa.

Depois de uma demora de dezanove dias na aldeia de Cambaia, onde residia o guia que o acompanhara até então, Caillié dirigiu-se ao Kankan, através de um reino cortado de rios e de grandes regatos, que principiavam então a inundar o país todo.

A 30 de maio, Caillié atravessou Tankisso, largo rio de leito escarpado, que pertence à bacia do Djoliba, rio que o viajante alcançou, a 11 de junho, em Couroussa.

«Já tinha», diz Caillié, «ainda tão perto da sua nascente, uma largura de novecentos pés e uma velocidade de duas milhas e meia.»

Mas, antes de entrarmos como explorador francês no país de Kankan, é bom resumir as suas apreciações acerca dos Fulas do Fouta. São geralmente uns homens altos e bem feitos, de tez não muito escura, de cabelos encarapinhados, de fronte elevada, de nariz aquilino, cujas feições se aproximam das dos europeus. Maometanos fanáticos, têm ódio aos cristãos. Não viajantes como os Mandingas gostam do seu *home* e são cultivadores hábeis ou distintos comerciantes. Belicosos e patriotas, não deixam senão os velhos e as mulheres nas aldeias em tempo de guerra.

A cidade de Kankan está situada no meio de uma planície cercada de altas montanhas, em que se encontram com profusão o bômbax, o baobá e a árvore de manteiga, chamada também *cé,* que é o *shea* de Mungo-Park. Caillié fez nesta cidade uma estação de vinte e oito dias antes de poder encontrar ensejo para chegar a Sambatikila, onde foi odiosamente roubado pelo seu estalajadeiro, sem poder alcançar do chefe da cidade a restituição das mercadorias que lhe tinham sido subtraídas.

«Kankan», diz o viajante, «capital de uma comarca do mesmo nome, é uma pequena cidade situada a dois tiros de espingarda da margem esquerda do Milo, bonito rio que vem do sul e banha o país de Kissi, onde nasce; corre para nordeste e lançasse no Djoliba, a dois ou três dias de Kankan. Rodeada de uma bela sebe viva, muito espessa, esta cidade, que não tem mais de seis mil habitantes, está situada numa formosa planície de areia pardacenta e da maior fertilidade. Veem-se em todas as direções bonitas aldeolas, a que também chamam *ourondés;* ali é que têm os seus escravos. Estas habitações embelezam o campo e estão rodeadas das mais belas culturas; o milho, o arroz, o zombo, etc., crescem ali com abundância.»

Do Kankan até ao Ouassoulo, atravessava a estrada ótimas terras, carregadas de culturas nessa estação e quase todas inundadas. Os habitantes dessa província pareceram a Caillié de extrema brandura; alegres e curiosos, fizeram-lhe excelente acolhimento.

Muitos afluentes do Djoliba, e especialmente o Sarano, foram passados antes de se fazer alto em Sigala, onde residia o chefe de Ouassoulo, chamado Baramisa. Tão porco como os seus súbditos, usava como eles de rapé e de tabaco de fumo. Esse chefe passa por ser muito rico em ouro e em escravos; os seus súbditos fazem-lhe muitas vezes presentes de animais; tem muitas mulheres, cada uma das quais possui uma choça particular, o que forma uma pequena aldeia, cujos arredores são muito bem cultivados. Foi ali que pela primeira vez Caillié viu o *nhamnus lotus* em que fala Mungo-Park.

Saindo do Ouassoulo, Caillié penetrou no Foulou, cujos habitantes, como

os Ouassoulos, falam mandinga, são idólatras, ou, antes, não têm culto algum e são igualmente porcos. Em Sambatikila, o viajante foi visitar o *almamy.*

«Entrámos», diz Caillié, «num aposento que servia a um tempo de alcova para ele e de cavalariça para o seu cavalo. O leito do príncipe estava ao fundo; consistia num pequeno estrado elevado seis polegadas, em que estava estendido um couro de boi, com um mosquiteiro sujo para se preservar dos insetos. Não havia móveis nesse alojamento régio. Viam-se nele duas selas para cavalos; estavam penduradas de uns pregos da parede; um grande chapéu de palha, um tambor que só serve em tempo de guerra, algumas lanças, um arco, uma aljava e frechas constituíam todo o ornamento do quarto, com uma lâmpada feita de um pedaço de ferro chato, segura por outro pedaço do mesmo metal espetado no chão; queima-se nele manteiga vegetal, que não tem bastante consistência para ser fabricada e para se fazerem velas de sebo.»

Este *almnmy* logo preveniu o viajante de que se apresentava ensejo de ir a Timé. cidade de onde partia uma caravana para Djenné. Caillié penetrou então no país dos Bambaras e chegou em pouco tempo à bonita aldeola de Timé, habitada por mandigas maometanos e dominada a leste por uma cordilheira, que terá trezentas e cinquenta braças de altura.

Entrando nesta aldeia nos fins de julho, Caillié nem suspeitava a longa residência que ia ser obrigado a fazer ali. Tinha no pé uma chaga que a marcha pelas ervas molhadas consideravelmente inflamara. Por isso resolveu deixar partir a caravana de Djenné e demorar-se em Timé até se curar completamente. Era muito perigoso para ele, na sua situação, atravessar o país dos Bambaras, povo idólatra, que o roubaria sem dúvida algum.

«Estes Bambaras», diz o viajante, «têm poucos escravos, andam quase nus e sempre armados de arcos e de frechas. São governados por uma multidão de pequenos chefes independentes, que muitas vezes se guerreiam entre si. Enfim, são uns entes brutos e selvagens, se o compararmos com os povos submetidos à religião do Profeta.»

Até 10 de novembro, Caillié, cuja chaga não estava curada, teve de se

demorar em Timé. Todavia já entrevia nessa época o momento em que poderia pôr-se a caminho para Djenné.

«Mas violentas dores nos queixos», conta o viajante, «me revelavam que estava atacado de escorbuto, horrível doença que sofri em todo o seu horror. O céu da boca ficou-me inteiramente desnudado, soltaram-se e caíram uma porção de ossos, os dentes pareciam também meio despegados dos alvéolos; os meus padecimentos eram horríveis; receei que o meu cérebro fosse atacado pela força das dores que sentia no crânio. Estive mais de quinze dias sem conseguir um instante de sono.»

Para complicar a situação, a chaga de Caillié tornou a abrir-se e não cedeu, da mesma forma que o escorbuto, senão ao tratamento enérgico que lhe aplicou uma velha negra, habituada a tratar essa doença, comum naquele país.

Enfim, a 9 de janeiro de 1828, Caillié deixou Timé e chegou a Kimba, pequena aldeia em que se reunira a caravana que devia partir para Djenné. Perto desta aldeia levanta-se a cordilheira impropriamente chamada Kong, porque esta palavra significa «montanha» em todos os povos mandingas.

O nome das aldeias que o viajante atravessou, os incidentes sempre repetidos do caminho, não oferecem muito interesse nesse país dos Bambaras, que passam, entre os Mandingas, por serem muito ladrões, e que o não são, contudo, mais do que os seus acusadores.

As mulheres bambaras têm todas um pedaço de madeira delgadíssimo engatado no lábio inferior, moda singular, completamente análoga à que Cook observou na costa ocidental da América do Norte. Tão certo é que a humanidade, seja qual for a latitude em que vive, é por toda a parte a mesma! Esses Bambaras falam mandinga; têm todavia um idioma particular chamado *kissour,* acerca do qual o viajante não pôde reunir documentos completos e positivos.

Djenné chamava-se outrora «o país do ouro». Na verdade, os arredores não o produzem, mas os mercadores de Bouré e os mandingas do país de Kong trazem-no frequentemente.

Djenné, com duas milhas e meia de circunferência, está cercada por um muro de terra de dez pés de altura. As casas, construídas de tijolos recozidos ao sol, são do tamanho das dos camponeses da Europa. Têm todas terraços e não têm janela para fora. É uma cidade ruidosa, animada, aonde chega todos os dias alguma caravana de mercadores. Por isso nela se vê uma grande quantidade de estrangeiros. O número dos habitantes pode subir a oito ou dez mil. Muito industriosos e inteligentes, fazem trabalhar os seus escravos por especulação e exercem todos os ofícios.

Contudo, são os mouros que monopolizam o alto comércio. Não há dia em que não expeçam grandes embarcações cheias de arroz, de milho, de algodão, de fazendas, de mel, de manteiga vegetal e de outros géneros indígenas.

Apesar desse grande movimento comercial, Djenné via-se ferida na sua prosperidade. O chefe do país, Sego Ahmadou, animado de um exagerado patriotismo, fazia nessa época uma guerra encarniçada aos Bambaras de Sego, que queria chamar para a religião do Profeta. Esta luta causava o maior transtorno ao tráfico de Djenné, porque intercetava as comunicações com Yamina, Sansanding, Bamakou, Bouré e uma imensa extensão de território. Esta cidade não era pois já, no momento em que Caillié a visitou, o ponto central do comércio, e eram Yamina, Sansanding e Bamakou que se tinham tornado os seus principais empórios.

As mulheres de Djenné julgariam faltar aos deveres do seu sexo se não dessem provas de garridice. As elegantes metem no nariz um anel ou umas missangas, e as que são menos ricas penduram também no nariz um pedaço de seda cor-de-rosa.

Durante a longa residência que Caillié fez em Djenné, encheram-no de cuidados e de atenções os mouros, a quem ele contara uma fábula relativa ao seu nascimento e ao rapto de que fora vítima da parte do exército do Egito.

A 23 de março, o viajante embarcou para Tungubutu, no Níger, a bordo de uma grande embarcação em que o xerife, seduzido pelo presente de um guarda-chuva, lhe arranjara passagem. Levava cartas de recomendação para os

principais habitantes dessa cidade.

Caillié passou por diante da bonita aldeia de Kera, diante de Taguetia, Sankha-Guibia, Diebé e Isacla, ao pé da qual se junta ao rio um g.ande braço que, partindo de Sego, forma um cotovelo imenso; viu Ouandacora, Ouanga, Corocoila, etc., e avistou a 2 de abril a embocadura do grande lago Debo.

«Vê-se terra por todos os lados do lago», diz Caillié, «exceto a oeste, em que ele se desenvolve como um mar interior. Seguindo-se-lhe a costa setentrional, dirigida pouco mais ou menos oés-noroeste, por uma extensão de quinze milhas, deixa-se à esquerda uma língua de terra chata, que avança muitas milhas para o sul; parece fechar a passagem do lago e forma uma espécie de estreito. Para além desta barreira o lago prolonga-se a oeste a perder de vista. A barreira que acabo de descrever divide assim o lago Debo em duas partes, uma superior, outra inferior. Aquela por onde as embarcações passam e onde se encontram três ilhas é muito grande, prolonga-se um pouco para leste e está rodeada de uma infinidade de grandes pântanos.»

Depois desfilaram sucessivamente diante dos olhos do viajante Gabibi, aldeia de pescadores, Didhiover, Tongam, no país dos Dirimans, região que se estende muito para leste, Co Do, Sa, porto de muito comércio, Barconga, Leleb, Garfolo, Barancondié, Tircy, Talbocoila, Cora, Coratou, em que os Tuaregues exigem uma portagem dos barcos que passam pelo rio, e, enfim, Cabra, construída numa eminência, ao abrigo das inundações do Djoliba, e que serve de porto a Tungubutu.

A 20 de abril, Caillié desembarcou e pôs-se a caminho para es^a cidade, em que entrou ao pôr do Sol.

«Via-se, pois, enfim, essa capital do Soldão», exclama o viajante, «essa cidade que era havia tanto tempo a aspiração de todos os meus desejos! Entrando nessa cidade misteriosa, objeto das pesquisas das nações civilizadas da Europa, fui acometido por um sentimento inexprimível de satisfação. Nunca tivera uma sensação semelhante, e a minha alegria era extrema. Mas foi necessário comprimir-lhe os ímpetos; foi ao seio de Deus que eu confiei os meus

transportes. Com que ardor lhe agradeci o feliz êxito de que coroava a minha empresa! Quantas ações de graças eu tinha de lhe render pela proteção estrondosa que me concedera no meio de tantos obstáculos e de perigos que pareciam invencíveis!

Arrependido do meu entusiasmo, achei que o espetáculo que eu tinha diante dos olhos não correspondia ao que eu esperava. Fizera da grandeza e da riqueza desta cidade uma ideia muito diferente; ao primeiro aspeto não apresenta senão um ajuntamento de casas mal construídas, não se veem em todas as direções senão planícies imensas de areia móvel, de um branco deitando para amarelo e da maior aridez. O céu no horizonte é de um vermelho-pálido, não se ouve nem o canto de um pássaro. Contudo, há um não sei quê de imponente em ver uma grande cidade levantada no meio das areias, e admiram-se os esforços que tiveram de fazer os seus fundadores. No que respeita a Tungubutu, conjeturo que anteriormente o rio passava ao pé da cidade e está agora afastado oito milhas para o norte e cinco milhas de Cabra na mesma direção.»

Nem tão grande nem tão povoada como Caillié esperava encontrá-la, Tungubutu não tem também nem a mais leve animação. Não se veem ali entrar continuamente caravanas como em Djenné. Não há também essa afluência de estrangeiros que se encontram nesta última cidade, e o mercado, que se faz às três horas por causa do calor excessivo, parece deserto.

Tungubutu é habitada por negros Kissours, que parecem muito mansos e que se entregam ao comércio. Administração não existe, não há, por assim dizer, poder algum. Cada cidade, cada aldeia, tem o seu chefe. São os costumes dos antigos patriarcas. Muitos mouros, estabelecidos nesta cidade, se entregam ao negócio e ali enriquecem rapidamente porque recebem mercadorias à consignação de Adrar, de Tafilet, do Touat, de Ardamas, de Argel, de Tunes e de Trípolis.

É para Tungubutu que vem, às costas dos camelos, todo o sal das minas de Toudeyni. Vem em tábuas amarradas com más cordas feitas de uma erva que cresce nos arredores de Tandaye.

O recinto de Tungubutu, que afeta a forma de um triângulo, pode ter três milhas de perímetro. As casas da cidade são grandes, pouco elevadas, construídas de tijolo redondo. As ruas são largas e asseadas. Enfim, contam-se sete mesquitas dominadas por uma torre de tijolos, de onde o *muezzin* chama os fiéis à oração. Compreendendo a população flutuante, não se encontram nesta cidade do Soldão senão dez a doze mil habitantes.

Situada no meio de uma imensa planície móvel de areia branca, Tungubutu não tem outros recursos senão a exploração do sal, porque a terra é imprópria para qualquer género de cultura. Chega a ponto que, se os Tuaregues intercetassem completamente as numerosas flotilhas que vêm do Djoliba inferior, os habitantes cairiam na mais horrível miséria.

A proximidade dessas tribos errantes, as suas exigências constantemente renovadas, são um embaraço perpétuo para o comércio. Tungubutu está constantemente cheia de gente que vem arrancar o que eles chamam presentes, mas a que se poderia com mais razão chamar contribuições forçadas. Quando o chefe dos Tuaregues chega a Tungubutu, é uma calamidade pública. Demora-se dois meses na cidade, sustentado, da mesma forma que a sua numerosa comitiva, à custa dos habitantes, e não se vai embora senão depois de ter recebido ricos presentes.

O terror ampliou o domínio dessas tribos errantes sobre todos os povos vizinhos, que saqueiam e exploram sem misericórdia.

O trajo dos Tuaregues não difere do dos Árabes senão na cobertura da cabeça. Usam de dia e de noite uma faixa de algodão, que lhes tapa os olhos e que, descendo até ao meio do nariz, os obriga a levantar os olhos para verem bem. A mesma faixa, depois de lhes ter cingido a cabeça uma ou duas vezes, vem esconder a boca e desce até abaixo do queixo. Não se lhes vê por conseguinte senão a ponta do nariz.

Perfeitos cavaleiros, montados em cavalos excelentes ou em rápidos camelos, os Tuaregues andam armados de uma lança, de um escudo e de um punhal.

São os piratas do deserto, e a quantidade de caravanas que têm saqueado ou posto a resgate é na verdade inumerável.

Havia quatro dias que Caillié estava em Tungubutu, quando soube da partida da caravana para Tafilet. Sabendo que não sairia outra antes de três imeses e receando sempre ver-se descoberto, o viajante juntou-se a esta reunião de mercadores, que não levavam menos de seiscentos camelos. Tendo partido a 4 de maio de 1828, e não sem ter padecido atrozmente com o calor e com um vento leste que levantava as areias do deserto, Caillié chegou, cinco dias depois, a El-Arouan, cidade por si própria sem recursos, que serve de empório aos sais de Toudeyni exportados para Sansanding, nas margens do Djoliba.

É a El-Arouan que chegam as caravanas de Tafilet, de Mogador, do Drah, de Touat e de Trípolis com mercadorias europeias, que vêm trocar por marfim, ouro, escravos, cera, mel e fazendas do Soldão.

A 19 de maio de 1828, a caravana saía de El-Arouan para ir a Marrocos, depois de atravessar o Sara.

O calor abrasador, os tormentos da sede, as privações de toda a espécie, as fadigas e a ferida que o viajante recebeu caindo do cavalo foram para ele menos sensíveis do que os vexames, as zombarias, os insultos continuados que teve de sofrer tanto da parte dos mouros como da parte dos escravos. Essa gente sabia sempre encontrar novos pretextos para caçoar com os hábitos ou com a falta de jeito de Caillié; chegavam até a bater-lhe e a atirar-lhe pedras assim que ele virava as costas.

«Diziam-me os mouros muitas vezes, com desprezo: “Vês este escravo? Pois prefiro-o a ti; vê lá como eu te estimo.” Este insolente escárnio era acompanhado de risos imoderados.»

Foi nestas condições miseráveis que Caillié passou pelos poços dos Trarzas, junto dos quais se encontra sal em grande quantidade, de Amoul-Gagim, de Amoul-Taf, de El-Ekreif, assombreados por uma linda mata de tamarindos. de canas e de junco, de Marabouty e de El-Harib, com habitantes de uma porcaria absolutamente repugnante.

O território de El-Harib está compreendido entre duas cordilheiras de pequenas montanhas, que o separam de Marrocos, de que é tributário. Os seus habitantes, divididos em muitas tribos nómadas, fazem da criação dos camelos a sua ocupação principal.

Seriam felizes e ricos se não pagassem avultados tributos aos Berberes, que ainda acham modo de os perseguir sem cessar.

A 12 de julho, a caravana saía de El-Harib e penetrava, onze dias depois, no país de Tafilet, cheio de majestosos tamarindos. Em Ghourland, Caillié foi muito bem acolhido pelos mouros, mas não pôde ser recebido nas suas casas, porque as mulheres, que não devem ver outros homens senão os da sua família, poderiam ficar expostas aos olhares indiscretos de um estrangeiro.

Caillié visitou o mercado, que se faz, três vezes por semana, junto de uma aldeia chamada Boheim, a três milhas de Ghourland, e ficou espantado da variedade dos objetos que o abasteciam: legumes, frutas indígenas, luzerna, aves, carneiros, tudo ali se encontrava com profusão. Aguadeiros, com odres cheios, passeavam pelo mercado, com uma campainha na mão, para avisarem os que queriam beber, porque estava um calor opressivo. Só se recebiam moedas de Marrocos e de Espanha.

A comarca de Tafilet encerra um certo número de grandes aldeias e de pequenas cidades. Ghourland, L'Ekseba, Sosso, Boheim e Ressant, que foram vistas pelo viajante, podiam encerrar mil e duzentos habitantes cada uma, todos proprietários e mercadores.

O solo é muito produtivo. Cultiva-se muito trigo, muitos legumes, uma grande quantidade de tamarindos, frutas da Europa e tabaco. Magníficos carneiros, cuja lã, muito branca, serve para se fazerem lindos cobertores, bois, excelentes cavalos, jumentos e uma grande quantidade de mulas, tais são as riquezas naturais de Tafilet.

Como em El-Drah, muitos judeus habitam nas mesmas aldeias que os maometanos; são ali muito infelizes, andam quase nus, e a cada instante os insultam e lhes batem. Sapateiros, ferreiros, carregadores, etc., seja qual for o

ofício que exerçam ostensivamente, todos emprestam dinheiro a juros.

A 2 de agosto, a caravana voltou a seguir a sua marcha, e, depois de ter passado por Afilé, Tanneyara, Marca, M-Dayara, Rahaba, L-Eyarac, Tamaroc, Ain-Zeland, El-Guim, Guigo e Soforo, Caillié chegou a Fez, onde pouco tempo residiu, e dirigiu-se para Rabat, a antiga Salé. Exausto por uma longa caminhada, não tendo para se sustentar senão algumas tâmaras, obrigado a recorrer à caridade dos muçulmanos, que o mandavam embora a maior parte das vezes sem lhe darem coisa alguma, não achando nesta cidade, como agente consular da França, senão um judeu, chamado Ismael, que, com medo de arriscar a sua segurança, se recusou a meter Caillié a bordo de um brigue português que ia para Gibraltar, o viajante aproveitou com fervor um ensejo inopinado que se lhe ofereceu de ir para Tânger. Aí o recebeu admiravelmente o vice-cônsul francês, Delaporte, que o tratou como a seu próprio filho, escreveu imediatamente ao comandante da estação francesa de Cádis, e fê-lo embarcar, com trajos de marinheiro, numa corveta que o viera buscar.

Foi no mundo sábio uma notícia bem inesperada esta do desembarque em Tolosa de um jovem francês que vinha de Tungubutu. Só com o esteio da sua inabalável coragem, à força de paciência, levara enfim a bom termo uma exploração pela qual as Sociedades de Geografia de Londres e de Paris tinham prometido avultadas recompensas. Sozinho, sem recursos por assim dizer, fora de toda e qualquer sociedade científica, simplesmente pelo esforço da sua vontade, triunfara, e acabava de iluminar com luz completamente nova uma imensa porção da África.

Caillié não era certamente o primeiro europeu que vira Tungubutu. No ano anterior, o major inglês Laing pudera penetrar nessa cidade misteriosa, mas pagara com a vida essa exploração, cujas comovedoras peripécias mais adiante contaremos.

Caillié, esse, voltava à Europa e trazia o curioso diário da viagem que acabámos de analisar. Se a sua profissão de fé muçulmana impedira Caillié de fazer observações astronómicas, se não pudera livremente desenhar nem tomar

apontamentos, não fora contudo senão a troco dessa aparente apostasia que pudera percorrer esses países fanáticos, em que o nome cristão é execrado.

Quantas observações curiosas, quantas particularidades novas e exatas! Que imensa contribuição para o conhecimento dos países africanos! Se, em duas viagens sucessivas, Clapperton conseguira atravessar a África, de Trípolis até Benim, numa só Caillié acabava de a atravessar desde o Senegal até Marrocos, mas a custo de quantas fadigas, de quantos padecimentos e de quantas misérias! Tungubutu era enfim conhecida, assim como essa estrada nova das caravanas, através do Sara, pelos oásis de Tafilet e de El-Harib.

Os socorros que a Sociedade de Geografia enviou logo ao viajante, o prémio de dez mil francos que lhe votou, a cruz da Legião de Honra com que foi condecorado, o acolhimento fervoroso das sociedades eruditas, a notoriedade e a glória que se ligaram ao nome de Caillié, tudo isso foi o bastante para pagar as torturas físicas e morais do viajante? Devemos acreditá-lo. Ele mesmo, em muitos lugares da sua narração, proclama que só o desejo de aumentar pelas suas descobertas a fama da França, sua pátria, pôde, em muitas circunstâncias, ajudá-lo a suportar as afrontas com que fora insultado e os sofrimentos que o assaltaram continuamente. Honra pois ao paciente viajante, ao patriota sincero, ao grande descobridor!

Resta-nos falar da expedição em que Alexandre Gordon Laing ia encontrar a morte. Mas, antes de encetarmos a narrativa dessa viagem dramática, forçosamente sucinta, porque nos falta o diário dos viajantes, convém dar algumas particularidades não só acerca do oficial que foi vítima dela, mas também a respeito de uma excursão muito curiosa que ele fez ao Timanni, ao Kouranko e a Soulimana, excursão durante a qual Laing descobriu as fontes do Djoliba.

Nascido em Edimburgo em 1794, Laing alistara-se no exército inglês na idade de dezasseis anos e não tardara a distinguir-se. Em 1820, achava-se na Serra Leoa como tenente e exercendo as funções de ajudante de ordens de Sir Charles MacCarthy, governador-geral da África Ocidental. Nessa época andava

acesa a guerra entre Amora, o *almamy* dos Mandingas, e um dos seus principais chefes, chamado Sannassi. O comércio da Serra Leoa não estava já florescente. Este estado de coisas vibrara-lhe um golpe fatal. MacCarthy, desejoso de dar remédio a isso, resolveu intervir e fazer uma reconciliação entre os dois chefes. Julgou pois a propósito enviar uma embaixada a Kambia, nas margens do Scarcies, e dali a Malacoury e ao campo dos Mandingas. O caráter empreendedor de Gordon Laing, a sua habilidade, a sua coragem a toda a prova, designavam-no à escolha do governador, que lhe entregou, a 7 de janeiro de 1822, umas instruções em que recomendava que se informasse da indústria do país, da sua topografia, e que procurasse conhecer o modo de pensar dos habitantes sobre a abolição da escravatura.

Uma primeira entrevista com Yareddi, general das tropas soulimas, que acompanhavam o *almamy,* provou que os negros dessas regiões não tinham ainda senão dados muito vagos sobre a civilização europeia, e as suas relações com os brancos não tinham sido frequentes.

«Cada peça do nosso vestuário», diz o viajante, «era para ele objeto de admiração. Vendo-me descalçar as luvas, ficou estupefacto, tapou com as mãos a boca aberta de surpresa, e acabou por exclamar: *Tllah-Akbar!* (Deus misericordioso), arrancou a pele das mãos! Tendo-se familiarizado pouco a pouco com o nosso aspeto, esfregou alternativamente os cabelos do Sr. Mackie (cirurgião que acompanhava Laing) e os meus, depois, desatando a rir, disse: “Não, não são homens!” E perguntou com muita instância ao meu intérprete se tínhamos ossos.»

Estas excursões preliminares, durante as quais Laing descobrira que muitos Soulimas possuíam grande quantidade de ouro e de marfim, determinaram-no a propor ao governador empreender a exploração dos países situados a leste da colónia — países cujos produtos e recursos, mais bem conhecidos, poderiam alimentar o comércio da Serra Leoa.

MacCarthy aprovou as ideias de Laing e submeteu-as ao conselho. Foi decidido que Laing seria autorizado a penetrar no país dos Soulimas, seguindo a

estrada que lhe parecesse mais cómoda para as comunicações futuras.

Partindo da Serra Leoa a 16 de abril, Laing embarcou no Rockella e chegou em pouco tempo a Rokon, cidade principal do Timanni. A sua entrevista com o chefe dessa cidade foi singularmente divertida. Para o festejar, Laing, que o vira entrar no pátio onde se devia realizar a receção, mandou disparar uma salva de dez tiros de espingarda. Ao ruído dessa descarga, o rei parou, recuou e desatou a fugir, depois de ter olhado para o viajante com ar furioso. Custou imenso a fazer voltar esse soberano pusilânime. Enfim, entrou e, assentando-se na cadeira de braços com solenidade, interrogou o major:

— Para que deu tiros de espingarda?

— Foi em sua honra; é sempre ao troar da artilharia que são recebidos os soberanos europeus.

— Para que apontaram as espingardas para o chão?

— Para que percebesse bem as nossas intenções pacíficas.

— Vieram umas pedras bater-me na cara. Porque não atiraram para o ar?

— Para não pegar fogo ao telhado de colmo das suas casas.

— Bem. Dê-me rum.

É inútil acrescentar que a entrevista, logo que o major acedeu aos desejos do rei, se tornou o mais cordial possível.

O retrato deste soberano de uma parte do Timanni merece figurar por muitas razões na nossa galeria, e é ocasião de lembrar o ditado: *Ab uno disce omnes.*

Ba Simera tinha noventa anos; a pele bexigosa e muito enrugada, de forma que se assemelhava mais à de um aligátor do que à de um homem; olhos de um verde-escuro e muito encovados; barba branca e encarapinhada, que descia dois pés abaixo do queixo. Da mesma forma que o rei da margem oposta, usava um colar de bagas de coral e de dentes de leopardo; o manto era pardo e tão nojento como a pele; as pernas, inchadas como as de um elefante, não estavam inteiramente cobertas por umas calças de algodão que, na primitiva, seriam talvez brancas, mas, tendo sido usadas muitos anos, tomaram uma cor

esverdeada. Para sinal da sua dignidade, este chefe tinha na mão um bordão de que estavam pendurados guizos de diferentes dimensões.

Como os seus predecessores na África, o explorador teve de discutir os direitos de passagem e os ordenados dos carregadores; mas, graças à sua firmeza, Gordon Laing soube furtar-se às exigências dos reis negros. Toma, onde nunca se vira um homem branco, Balandeco, Roketchnick, cuja posição o viajante determinou a 12° 11’ de longitude oeste de Greenwich e a 8° 30’ de latitude norte, Maboung, para lá de um rio muito grande, que corre ao norte do Rockella, Ma-Yosso, cidade principal da fronteira do Timanni, foram as diferentes estações do caminho seguido pelo major Laing.

O viajante encontrara nesse país uma instituição singular, espécie de franco-maçonaria, usando o nome de *pourrah*, cuja existência já Caillié descobrira nas margens do rio Nunes.

«O seu poder», afirma Laing, «excede até os dos chefes de diversos territórios. Tudo o que faz está envolto em trevas e coberto do mistério mais profundo. Os seus atos nunca dão lugar à menor pesquisa da parte da autoridade, nunca até a sua justiça foi posta em questão. Procurei inutilmente ascender à origem e às causas da formação dessa associação extraordinária; tenho motivos para supor que hoje são desconhecidas da generalidade dos Timannianos e que talvez o sejam até dos membros da *pourrah*, num país onde não existe monumento algum tradicional, quer em escritos, quer em contos...»

O Timanni, segundo as indicações que Laing pôde obter, estava dividido em quatro territórios, cujos chefes se arrogam o título de rei.

O solo é muito fértil e produziria em abundância arroz, inhame, caçave, amendoim e bananas, se não fosse o caráter preguiçoso, indolente e avarento dos habitantes, que se entregam com uma emulação lamentável à bebida.

«Creio», diz Laing, «que uma certa quantidade de manguais, de ancinhos, de enxadas, de pás e de outras ferramentas vulgares, seria bem recebida por este povo se se tivesse o cuidado de se lhe ensinar a servir-se delas. Estas coisas servir-lhe-iam mais para seu interesse e para nosso do que as espingardas e os

chapéus amachucados e os fatos de charlatão que se está no costume de se lhe enviar.»

Apesar desse voto filantrópico do viajante, as coisas não mudaram desde essa época. Continua-se a encontrar nos negros a mesma paixão pelos licores fortes, e veem-se ainda os seus régulos com um chapéu que imita o fole de um acordeão, vestir, sem camisa, uma farda azul com botões de cobre. Na verdade, devemos acrescentar que são esses os seus trajos de cerimónia.

O sentimento materno não pareceu ao viajante que estivesse muito desenvolvido nos Timannianos porque duas vezes umas mulheres lhe propuseram o comprar-lhes os filhos e o encheram de injúrias por ele não querer. Dias depois levantou-se grande tumulto contra Laing, um desses brancos que, impedindo a escravatura, tinham vibrado um golpe sensível à prosperidade do país.

A primeira cidade que se encontra quando se entra no Kouranko é Ma-Boum. É curioso notar de passagem os sentimentos que a vista da atividade dos habitantes inspirou ao major Laing.

«Entrei na cidade ao pôr do Sol», conta ele, «e tive primeiro uma impressão extremamente favorável para os habitantes. Voltavam do seu trabalho, reconhecia-se que todos haviam estado ocupados durante o dia. Uns tinham preparado os campos para a colheita, que as chuvas muito próximas iam favorecer, outros fechavam em cerrados o gado, que pelo lustro da pele e boa aparência mostrava que tinha excelentes pastos. Retiniam aos ouvidos ainda as últimas marteladas do ferreiro; o tecelão media a quantidade de pano que fabricara desde pela manhã, e o curtidor metia num saco os seus estojos de navalhas e outros objetos artisticamente lavrados e coloridos. O *muezzin*, empoleirado à entrada da mesquita, repetia com voz grave e com intervalos compassados o grito da *Allah Akbar,* para chamar os devotos muçulmanos à oração da tarde.»

Este quadro, reproduzido por um Marillat ou por um Henrique Regnault numa paisagem em que a luz brilhante do Sol principiasse a fundir-se em

matizes róseos e verdes, não poderia ter este título tantas vezes empregado para pintar um episódio semelhante nos nossos climas brumosos: a *Volta dos campos?*

«Esta cena», continua o viajante, «pela natureza do sentimento que inspirava, formava um contraste agradável com o barulho, a confusão e a dissipação que reinam à mesma hora numa cidade timanniense; mas não nos devemos fiar nas aparências e acrescento com muito pesar que o procedimento dos Kourankonianos não contribuiu de modo algum para justificar a boa opinião que eu primeiro deles formara.»

O viajante passou sucessivamente por Koufoula, onde recebeu um acolhimento benévolo, atravessou um país de aspeto agradavelmente variado, cujo segundo plano era formado pelas montanhas de Kouranko, parou em Simera, onde o chefe encarregou o seu *guiriot* de cantar a vinda do estrangeiro; mas as casas, mal construídas e cobertas de mau colmo, deixavam filtrar a chuva, de forma que, depois de uma tempestade, como o fumo não tinha para se escapar senão os interstícios do teto, Laing parecia mais, segundo as suas próprias palavras, um limpa-chaminés, meio desenxovalhado, do que o estrangeiro branco do rei de Simera.

Laing visitou em seguida a nascente do Tongolellé, um afluente do Rockella, e deixou o Kouranko para entrar na Soulimana.

O Kouranko, de que o viajante só visitara a ourela, é de uma extensão considerável e divide-se num grande número de pequenos Estados.

Os habitantes parecem-se com os Mandingas na língua e no vestir, mas não são nem bem feitos nem inteligentes. Não professam o islamismo e têm uma confiança ilimitada nos seus *grigris.*

Muito industriosos, sabem coser e sabem tecer. O principal objeto do seu comércio é o pau-rosa ou *cam*, que eles exportam para a costa. As produções do país são pouco mais ou menos as mesmas que as do Timanni.

Komia, a 9° *22’* de latitude norte, é a primeira cidade de Soulimana. Laing viu depois Semba, cidade rica e populosa, onde foi recebido por um bando de

músicos, que o acolheram com as mais insuportáveis fanfarras, e chegou enfim a Falaba, capital do país.

Testemunhos de estima especialíssimos lhe foram dados pelo rei. Este reunira numerosos corpos de tropas a que passou revista, a que fez executar diferentes manobras e que se entregaram a uma longa e curiosa fantasia, enquanto o estrondo dos tambores e os sons das rabecas e dos outros instrumentos especiais do país esfolavam os ouvidos dos viajantes. Depois seguiram-se numerosos *guiriots* para cantarem os louvores do rei à chegada do major, as consequências felizes que teria a sua vinda para a prosperidade do país e para o desenvolvimento do comércio.

Laing aproveitou-se de tão felizes disposições para pedir ao rei licença para visitar as fontes do Níger. Este fez-lhe muitas vezes fortes objeções acerca do perigo desta expedição, mas a instâncias do viajante e, «considerando que o seu coração suspirava pela água», concedeu-lhe enfim a licença que solicitava com tanta insistência.

Ainda Laing não chegara à distância de duas horas de Falaba e já a autorização estava renovada, e tinha de renunciar a uma excursão que justamente considerava importantíssima.

Dias depois, obteve licença para visitar a nascente do Rockella, ou Salé-Hongo, rio de que, antes dele, se não conhecia o curso para além do Rokon.

Do alto de um rochedo elevado, Laing avistou a montanha de Loma, que é a mais alta da cordilheira de que faz parte.

«Mostraram-me», disse ele, «o ponto de onde saía o Níger; pareceu-me que estava ao nível do sítio onde eu me encontrava, quer dizer, a mais de 1600 pés acima do nível do mar, porque a nascente do Rockella, cuja altura eu acabava de medir, está a 1400 pés. Tendo determinado exatamente a posição da Houkodongoré e da altura a que eu estava, a primeira por observação e a segunda por avaliação, foi-me fácil fixar a posição de Loma. Não posso enganar-me muito dando às origens do Níger 9° 25’ de latitude norte e 9° 45’ de longitude ocidental.»

O major Laing passara três meses na Soulimana e lá fizera numerosas excursões. É uma região extremamente pitoresca, entrecortada de colinas, de grandes vales e de prados férteis, ladeados de bosques e ornados de maciços de árvores frondosas.

O terreno é fértil e exige pouco trabalho preparatório; as colheitas são abundantes e o arroz dá-se bem ali. Os bois, os carneiros, as cabras, uma pequena espécie de galinhas, alguns cavalos, são os animais domésticos dos Soulimas. As feras, bastante numerosas, são o elefante, o búfalo, uma espécie de antílope, macacos e leopardos.

Falaba, cujo nome vem de Fala-Ba, rio à beira do qual está situada, pode ter milha e meia de comprimento e uma de largura. As casas são muito unidas comparativamente com as das outras cidades da África, e possui uma população de seis mil habitantes.

A sua posição como praça forte está bem escolhida. Situada numa eminência, no meio de uma planície inundada durante a estação das chuvas, está rodeada de uma paliçada de madeira muito dura, capaz de resistir a todas as máquinas de guerra menos poderosas que a artilharia.

Singular observação! Neste país, os homens e as mulheres parecem ter trocado as suas ocupações. Estas ocupam-se de todos os trabalhos de cultura, à exceção da sementeira e da ceifa; constroem as casas e exercem o ofício de carpinteiro, barbeiro e médico; os homens ocupam-se do leite, vão ordenhar as vacas, cosem e lavam a roupa.

A 17 de setembro, Laing retomava a estrada da Serra Leoa, carregado com os presentes do rei, e, depois de ter sido acompanhado até muitas milhas de distância por uma multidão considerável, voltava para a colónia inglesa sem transtorno.

Em resumo, essa excursão de Laing, através do Timanni, do Kouranko e de Soulimana, não deixava de ter importância. Iniciava-se nos costumes, na indústria, no comércio dos habitantes, assim como nos produtos da região. Ao mesmo tempo, o curso e a origem do Rockella eram conhecidos e tinham-se pela

primeira vez dados certos sobre a origem do Djoliba. Se o viajante não pudera vê-la ele mesmo, aproximara-se, contudo, bastante para lhe fixar a posição de uma maneira aproximada.

Os resultados que Laing obtivera nessa viagem não fizeram senão exaltar a sua paixão pelas descobertas. Por isso resolveu penetrar até Tungubutu.

A 17 de julho de 1825, o viajante embarcava em Malta para Trípolis e deixava essa cidade com uma caravana de que fazia parte Halita, príncipe targhi ou tuaregue, amigo do capitão Lyon, que ia acompanhá-lo até Touat. Depois de ter estado dois meses inteiros em Gadamés, Laing abandonava esse oásis no mês de outubro e chegava a Inçalah, cuja posição marcava muito mais para o ocidente do que se supunha. Depois de uma paragem nesse oásis, que durou desde o mês de novembro de 1825 até janeiro de 1826, o major alcançou o Ouadi Touat, propondo-se a ir depois a Tungubutu, a dar a volta ao lago Djenné ou Dibbie, a visitar o país de Melli e a seguir o curso do Djoliba até à sua embocadura. Voltaria depois pelo mesmo caminho até Sockatou, visitaria o lago Chade e experimentaria ir ao Nilo. Era, como se vê, um projeto grandioso, mas terrivelmente perigoso.

Ao sair de Touat, a caravana de que Laing fazia parte foi assaltada por Tuaregues, dizem uns, por Berbiches, tribo vizinha do Djoliba, dizem outros.

«Laing, reconhecido por cristão», conta Caillié, que colheu estas informações em Tungubutu, «foi horrivelmente maltratado; não se cansaram de lhe bater com um pau senão quando o julgaram morto. Suponho que outro cristão, que me disseram ter morrido em consequência das pancadas, seria algum criado do major. Os mouros da caravana de Laing levantaram-no e conseguiram, à força de cuidados, chamá-lo à vida. Depois que voltou a si, pu=eram-no em cima do camelo, onde tiveram de o atar, porque estava fraco e incapaz de se suster. Os bandidos não lhe deixaram nada; a maior parte das suas mercadorias foram roubadas.»

Quando chegou a Tungubutu, a 18 de agosto de 1826, Laing curou-se das feridas. A convalescença foi lenta, mas ao menos não foi perturbada pelos

vexames dos habitantes, graças às cartas de recomendação que trouxera de Trípolis e graças aos cuidados do seu hospedeiro, que era tripolitano.

Laing, segundo o que um velho contou a Caillié, o que parece muito extraordinário, não deixara o seu fato europeu e proclamava-se enviado pelo rei de Inglaterra, seu amo, para visitar Tungubutu e para descrever as maravilhas que essa cidade encerra.

«Parece», acrescenta o viajante francês, «que Laing tirara a planta da cidade diante de todos, porque esse mesmo mouro contou-me, na sua linguagem ingénua e expressiva, que “escrevera” a cidade e tudo o que ela continha.»

Depois que visitou Tungubutu minuciosamente, Laing, que tinha razões particulares para desconfiar dos Tuaregues, foi, de noite, visitar Labra e contemplar o Djoliba O major, em vez de voltar para a Europa pelo Grande Deserto, desejava vivamente passar por Djenné e Sego, a fim de chegar aos estabelecimentos franceses do Senegal; mas mal dissera algumas palavras desse projeto aos Fulas que tinham vindo vê-lo, logo declararam não poderem consentir que um «nazareno» pusesse os pés no seu território, e demais, se ele se atrevesse a isso fá-lo-iam arrepender-se.

Laing teve, pois, de escolher a estrada de El-Arouan, onde esperava encontrar uma caravana de mercadores mouros, que levavam sal para Sansanding. Mas, depois de partir de Tungubutu havia já cinco dias, a caravana de que ele fazia parte aumentou com um fanático, o xeque Hamed-ould-Habib, chefe da tribo de Zaouat. Laing foi logo preso com o pretexto de que entrara sem licença no território da tribo. Obrigado a abraçar o islamismo, o major resistiu e declarou preferir a morte à apostasia. Imediatamente, o xeque e os seus sicários discutiram o género de suplício da sua vítima, que foi logo estrangulado por dois escravos e cujo corpo foi abandonado no deserto.

Tais são as informações que Caillié pôde colher nos lugares que visitava, um ano só depois da morte do major Laing. Completámo-las com algumas particularidades tiradas do *Boletim da Sociedade de Geografia*, porque, com o viajante, desapareceram para sempre o seu diário de viagem e as observações

que pudera colher.

Contou-se precedentemente como o major Laing pudera determinar aproximadamente a origem do Djoliba. Descrevemos, além disso, as tentativas feitas por Mungo-Park e Clapperton para a exploração do curso médio desse rio. Resta-nos narrar as viagens que tiveram por fim o reconhecimento da sua embocadura e do seu curso inferior. A primeira em data e a mais concludente é a de Ricardo Lander, antigo criado de Clapperton.

Ricardo Lander e o seu irmão John propuseram ao Governo inglês o irem a África, para explorar o curso do Níger até à sua embocadura. A sua oferta foi logo aceite, e embarcaram num navio do Estado para Badagry, aonde chegaram a 19 de março de 1830.

O soberano do país, Adouly, de que Ricardo Lander conservara boas recordações, estava triste. A sua cidade acabava de ser incendiada; os seus generais e os seus melhores soldados tinham perecido num combate contra os Lagos; ele mesmo escapara a custo do incêndio, que tinha devorado a sua casa e as suas riquezas.

Era-lhe preciso reconstituir o seu tesouro; resolveu fazê-lo à custa dos viajantes. Estes não obtiveram licença de penetrar no interior do país senão depois de ficarem despojados das suas mercadorias mais preciosas. Tiveram ainda de assinar tratados para a aquisição de um barco com artilharia e com cem homens, para duas pipas de rum, para vinte barris de pólvora, enfim para uma grande quantidade de mercadorias que eles bem sabiam não deverem nunca ser entregues por esse soberano tão insaciável como bêbado.

Quanto ao mais, se o chefe deu provas de egoísmo e avidez, se não mostrou sentimento algum generoso, os seus vassalos não hesitaram em fazer coro com ele e, considerando os ingleses como uma presa, aproveitaram todas as ocasiões para os roubar.

Enfim, a 31 de março, Ricardo e John Lander puderam deixar Badagry. Passaram por Wow, cidade considerável, Bidjie, onde Pearce e Morrison caíram doentes na precedente expedição, Jenna, Chow, Egga, todas as cidades que

Clapperton tinha visitado, Engua, onde morreu Pearce, Asinara, a primeira cidade cingida de muralhas que eles encontraram, Bohou, a antiga capital do Yarriba, Jaguta, Lêoguadda, Itcho, cujo mercado tem fama, e chegaram a 13 de maio a Katunga, precedidos por uma escolta que o rei mandara ao seu encontro.

Segundo o costume, os dois viajantes fizeram alto ao pé de uma árvore, antes de serem recebidos pelo rei. Mas logo, cansados de esperar, dirigiram-se à residência de Ebo, chefe dos eunucos e a personagem mais influente depois do soberano. Mansolah, que os recebeu pouco depois. ao som diabólico dos pandeiros, das trompas e do bombo, acolheu-os tão bem que até ordenou a Ebo que mandasse decapitar todos aqueles que tivessem a audácia de importunar os viajantes.

Apesar disso, receando que Mansolah os retivesse até à estação das chuvas, John e Ricardo Lander, por conselho de Ebo, não falaram ao rei no seu desejo de alcançar o Níger. Limitaram-se a dizer que, tendo morrido em Boussa um dos seus compatriotas, havia uns vinte anos, o rei de Inglaterra os mandara ao sultão de Yaourie, à procura dos papéis do finado.

Apesar de Mansolah não ter tratado os irmãos Lander tão graciosamente como tratara Clapperton, deixou-os partir oito dias depois da sua chegada.

Das numerosas particularidades que refere a relação original acerca da cidade de Katunga e acerca do Yarriba citaremos apenas o seguinte:

«Debaixo do ponto de vista de riqueza e do número da população, Katunga não correspondeu por forma alguma à ideia que dela tínhamos formado. A vasta planície, no meio da qual esta cidade está situada, apesar de ser belíssima, é inferior em vigor de vegetações, em fertilidade, em belos aspetos, ao delicioso país de Bohou, que tem muito menos fama. O mercado está sofrivelmente abastecido, mas tudo é caro em extremo. As classes inferiores estão reduzidas a privar-se quase completamente do sustento animal, ou a contentar-se com a carne nojenta de insetos, de répteis e de bichos imundos.»

A incúria de Mansolah e a imbecil pusilanimidade dos seus súbditos tinham permitido aos Fellans ou Felatas que se estabelecessem em Yarriba, que

ali se entrincheirassem em cidades fortificadas e que fizessem reconhecer a sua independência até ao dia em que se julgaram assaz fortes para poderem estabelecer um domínio absoluto entre todo o país.

Os irmãos Lander passaram depois por Atoupa, Bumbum, sítio muito frequentado pelos mercadores do Haoussa, do Borgu e de outros países que negoceiam com Gonja, por Kishi, nas fronteiras do Yarriba, e por Moussa, à beira do rio do mesmo nome. Para diante dessa cidade, veio ter com eles uma escolta que o sultão de Borgu mandava ao seu encontro.

O sultão Yarro recebeu os viajantes com testemunhos de satisfação e de benevolência e pareceu sentir especialmente muito gosto em tornar a ver Ricardo Lander.

Apesar de este soberano ser maometano, tinha mais fé nas práticas supersticiosas de seus pais do que na sua nova crença. Estavam suspensos à sua porta fetiches e *grigris*, e numa das suas choças via-se um tamborete quadrado, cujos dois lados principais eram sustentados por quatro pequenas figuras de homem, de madeira lavrada.

Quanto ao povo de Borgu, a sua natureza, os seus usos e costumes diferem essencialmente do Yarribani.

«Estes últimos», diz a relação, «andam sempre ocupados em negociar de uma cidade para a outra; os primeiros nunca deixam as suas habitações senão em caso de guerra ou para alguma expedição de saque. Uns, pusilânimes e covardes, os outros atrevidos, corajosos, empreendedores, cheios de energia, não parecendo nunca mais à vontade do que no meio de exercícios guerreiros. Os Yarribani, em geral brandos, tranquilos, humildes, honestos, mas frios e apáticos; os Borguni, altivos, orgulhosos, tão vaidosos que não podem ser civis, tão manhosos que não podem ser probos, compreendendo contudo a paixão do amor, as afeições sociais, calorosos nos seus afetos e vivos nos seus ódios.»

A 17 de junho, os nossos viajantes avistaram enfim a cidade de Boussa. Foi grande a sua surpresa vendo que esta cidade está situada na terra firme e não numa ilha do Níger, como diz Clapperton. Entrando em Boussa pela porta de

oeste, foram quase imediatamente introduzidos na presença do rei e da *midiki*, ou rainha, que lhes disseram que ambos tinham derramado, nessa mesma manhã, lágrimas abundantes sobre o destino de Clapperton.

A primeira visita dos irmãos Lander foi para o Níger ou Quorra, que corre ao pé da cidade.

«O aspeto deste célebre rio», conta o viajante, «desapontou-nos imenso. No centro elevavam-se rochas negras e rugosas, ocasionando à superfície um forte referver e correntes que se cruzavam. Dizem-nos que, acima de Boussa, o rio era dividido em três braços por duas pequenas ilhas férteis, e que para diante corria liso e sem interrupção até Funda. Aqui o Níger, na sua parte mais vasta, não tem senão um tiro de pedra de largura. O rochedo em que estávamos sentados domina o rio onde morreram Mungo-Park e os seus companheiros.»

Foi primeiro com uma certa circunspeção que Ricardo Lander tomou informações acerca dos livros e dos papéis que podiam restar da viagem de Mungo-Park. Animado, contudo, pela benevolência do soberano, decidiu-se a interrogá-lo acerca do triste fim do explorador. Mas o sultão era tão novo nessa época que não podia saber o que se passara, tendo-se dado essa catástrofe no reinado do penúltimo rei; mas não tinha dúvida em dar ordem para que se procurasse tudo o que pudesse restar dos despojos do ilustre viajante.

«De tarde», diz Ricardo Lander, «veio o rei ver-nos, seguido por um homem que trazia debaixo do braço um livro que fora achado flutuando no Níger, depois do naufrágio do nosso compatriota. Vinha embrulhado num pedaço de fazendo de algodão, e os nossos corações pulsavam, cheios de esperança, enquanto o homem o desembrulhava lentamente, porque, pelo seu formato, havíamos imaginado que seria o diário de Mr. Park. Mas foi grande o nosso desapontamento quando, ao abrir o livro, descobrimos que era apenas uma velha obra náutica do século passado.»

Já não restava esperança de tornar a encontrar o diário do viajante.

A 23 de junho, os irmãos Lander saíam de Boussa, cheios de reconhecimento pelo rei, que lhes fizera presentes importantes e lhes aconselhara

que não aceitassem víveres, com receio de veneno, senão da parte dos governadores das cidades que atravessassem.

Subiram o curso do Níger por terra até Kagogia, onde embarcaram numa das más canoas do país enquanto os cavalos iam por terra por Yaourie.

«Ainda não teríamos percorrido senão alguns centos de toesas», diz Ricardo Lander, «quando o rio principiou a alargar-se gradualmente, e, até onde a nossa vista podia chegar, havia mais de duas milhas de distância de uma a outra margem. Era perfeitamente como que um vasto canal artificial, porque as margens a prumo apertavam as águas, como se fossem pequenas muralhas, para além das quais se mostrava a vegetação, A água, muito baixa nalguns sítios, noutros tinha fundo bastante para uma fragata. Não se pode imaginar nada mais pitoresco do que os sítios que percorremos durante as duas primeiras horas; estavam ambas as margens literalmente cobertas de aldeias e de casais. Árvores imensas vergavam ao peso das folhagens espessas, cuja cor sombria, descansando os olhos do brilho do sol, contrastava com a resplandecente verdura das colinas e das planícies. Mas de repente houve uma completa mudança de cena. A essa margem lisa de barro, de argila e de areia sucederam rochedos negros, rugosos; e esse espaçoso espelho, que refletia o céu, fora dividido por largos bancos de areia em mil pequenos canais.»

Um pouco mais adiante estava a corrente interrompida por um muro de rochas negras, que não deixava senão uma estreita abertura, pela qual se precipitavam águas com furor. Há ali uma portagem acima da qual o Níger retoma o seu curso, largo, tranquilo e majestoso. No fim de três dias de navegação, chegaram os irmãos Lander a uma aldeia em que os esperavam os homens e os cavalos. Não tardaram a chegar, através de um país que se elevava gradualmente, à cidade de Yaourie.

Os viajantes foram recebidos numa espécie de pátio grande, muito asseado, pelo sultão, homem repelente, porco e nojento, mas que parecia folgazão.

Muito descontente de Clapperton o não ter visitado e de Ricardo Lander,

na sua viagem de regresso, se ter dispensado de lhe prestar homenagem, esse sultão mostrou-se de uma rapacidade revoltante. Não quis fornecer os viajantes das provisões de que precisavam e empregou todos os seus estratagemas para os reter o mais tempo possível.

Acrescentemos que os víveres em Yaourie eram caríssimos e que Ricardo Lander já não tinha mercadorias, e não ser agulhas «garantidas superfinas em não cortar as linhas», sem dúvida por não terem o buraco necessário para enfiar a linha.

Por isso os viajantes tiveram de as deitar fora.

Tiraram contudo partido de muitas caixas de estanho onde tinham vindo pastilhas, cujos rótulos, apesar de enegrecidos e sujos, excitavam a cobiça dos indígenas. Um deles alcançou, num dia de mercado, um triunfo completo, por trazer na cabeça, pregado em quatro sítios, «Excelente suco de carne concentrado».

Não querendo deixar os ingleses penetrar nem no Niffé, nem no Bornu, o sultão de Yaourie declarou-lhes que não tinham outra coisa a fazer senão voltar para Boussa. Ricardo Lander pediu logo por cartas ao rei desta última cidade autorização para comprar uma canoa em que pudesse chegar a Funda, porque a estrada de terra estava infestada de Fellans, que se entregavam ao saque.

Enfim, a 26 de julho, um mensageiro do rei de Boussa vinha informar-se do inexprimível procedimento do sultão de Yaourie e das causas da demora que tinha em mandar embora os ingleses para Boussa. Depois de uma prisão de cinco semanas, os irmãos Lander puderam afinal deixar essa cidade, então quase inteiramente inundada.

Subiram o Níger até à confluência do rio Cubbie, depois tornaram a descer para Boussa, cujo rei, encantado de os tornar a ver, os recebeu com a mais franca cordialidade. Demoraram-se contudo mais tempo do que queriam, tanto pela necessidade de fazerem uma visita ao rei de Wowou, como pela dificuldade de arranjarem um barco. Houve, além disso, a demora dos mensageiros que o rei mandara aos diferentes chefes cujos Estados orlam o rio, e enfim a consulta do

«Beken rouah» (a água negra), que prometeu conduzir os viajantes sãos e salvos até ao mar.

Deixando o rei, os dois irmãos não puderam senão exprimir-lhe os sentimentos de reconhecimento que lhes tinham inspirado a sua benevolência, a sua hospitalidade, as suas atenções, o seu zelo em defender os seus interesses, a proteção de que não cessara de lhes dar provas durante uma residência de perto de dois meses, que tinham tido na sua capital. Este sentimento de saudade era igualmente experimentado pelos indígenas que, de joelhos no caminho que os irmãos Lander seguiam, de mãos erguidas ao céu, invocavam para eles a proteção das suas divindades.

Então principiou a descida do Níger. Primeiro tiveram de parar na pequena ilha de Mélali, cujo chefe pediu aos viajantes que aceitassem um magnífico cabrito, que tiveram decerto polidez bastante para não recusar. Os dois Lander atravessaram depois a grande cidade de Congi, a Songa de Clapperton, depois Inguazilligie, passagem geral dos mercadores que vão e voltam do Niffé para os países situados a nordeste do Bornu, e pararam em Patashie, ilha grande, rica, de uma beleza inexprimível, semeada de palmares e de grandes e magníficas árvores.

Como este sítio não ficava longe de Wowou, Ricardo Lander mandou um mensageiro ao rei desta cidade, que se recusava a entregar a canoa comprada para ele. Como o enviado nada conseguiu, os viajantes foram obrigados, portanto, a ir ter com esse monarca, mas não obtiveram, como deviam esperar, senão protestos equivalentes a uma recusa. Desde então não tiveram outro recurso, para continuarem a sua viagem, senão roubar as canoas que lhes tinham emprestado em Patashie. A 4 de outubro, depois de novas demoras, continuaram o seu caminho, e, arrastados pela corrente, logo perderam de vista Lever ou Layaba e os seus miseráveis habitantes.

Ao pé deste sítio, as margens do rio elevam-se a perto de quarenta pés acima do nível da água e são quase perpendiculares. O rio, livre de todos os recifes, caminha direito para o sul.

A primeira cidade que encontraram os dois irmãos foi Bajiébo, grande e espaçosa cidade, que em porcaria, bulha e desordem não pode ser excedida. Depois seguiram-se Litchi, habitada por Nifféanos, e Madjiée, junto da qual o Níger se divide em três canais. Ao cabo de alguns minutos, no momento em que passavam para diante de uma nova ilha, acharam-se os viajantes de súbito à vista de um rochedo de duzentos e oitenta e um pés de altura, chamado Késa ou Késy, que se eleva perpendicularmente no meio do rio. É muito venerado pelos indígenas, que se persuadem de que um génio benéfico tem ali a sua residência predileta.

Um pouco antes de chegarem a Rabba, na ilha de Bibi, receberam os irmãos Lander a visita do rei das «Águas Negras», soberano da ilha de Zangoshie, que vinha numa canoa de um comprimento extraordinário, de um asseio desacostumado, ornada com panos escarlates e galões de ouro. Nesse mesmo dia chegaram à cidade de Zangoshie, situada defronte de Rabba, a segunda cidade dos Fellans depois de Sockatou.

O rei desta cidade, Mallam-Dendo, era um primo de Bello. Velho, cego, muito fraco, de saúde arruinada, persuadido de que só lhe restavam poucos anos de vida, não tinha outra preocupação senão a de assegurar o trono a seu filho.

Apesar de ter recebido presentes de um valor considerável, Mallam-Dendo mostrou-se muito descontente, declarando que se os viajantes lhe não dessem presentes mais úteis e de outro preço, exigiria as suas espingardas, as suas pistolas e a sua pólvora, antes de os deixar sair de Zangoshie.

Desesperado, Ricardo Lander não sabia o que havia de fazer quando o presente da *tabé* (vestido) de Mungo-Park, que o rei de Boussa lhe restituíra, lançou Mallam em tais transportes de alegria, que se declarou protetor dos europeus, prometeu empregar tudo para os ajudar a chegarem ao mar, e fez-lhes presentes de esteiras enastradas das cores mais ricas, de dois sacos de arroz e de um cacho de bananas. Estas provisões chegavam a propósito, porque toda a pacotilha de panos, de espelhos, de navalhas, de cachimbos, estava esgotada, e já não restavam aos ingleses senão agulhas e alguns braceletes de prata para

distribuir pelos chefes que encontravam nas margens do Níger.

«Vista de Zangoshie», diz Lander, «Rabba dá ideia de uma cidade muito grande, asseada, limpa, bem construída. Sem defesa, sem fortificações, não tem recinto de muralhas. Está construída irregularmente na encosta de uma colina, ao pé da qual corre o Níger. Em grandeza, em população, em riqueza, é a segunda cidade dos Fellans. A população é uma mistura de Fellans, de Nifféanos, de emigrados e de escravos dos diversos países. Reconhece a autoridade de um governador, a quem se dá o título de sultão ou de rei. Rabba é célebre pelo seu trigo, azeite e mel. O mercado, quando os nossos homens lá foram, parecia bem abastecido de bois, de cavalos, de mulas, de jumentos, de carneiros, de cabras e de aves. Oferecia-se por todos os lados arroz, trigo, algodão, pano, anil, selas e rédeas de couro amarelo e vermelho, sapatos, botas, sandálias. Os duzentos escravos, que se tinham visto pela manhã, estavam ainda à tarde expostos à venda. Rabba não tem fama de indústria, contudo o seu fabrico de esteiras e sandálias não tem rival, ao passo que, em todos os outros ofícios, esta cidade cede a Zangoshie.»

A atividade, o amor ao trabalho dos habitantes desta última cidade causa neste país de preguiçosos uma agradável surpresa. Hospitaleiros, obsequiadores, são protegidos pela situação da sua ilha contra os Fellans.

Independentes, não reconhecem outra autoridade que não seja a do rei das «Águas Negras», e ainda assim porque é interesse seu obedecerem-lhe.

A 16 de outubro, Ricardo Lander e seu irmão partiram enfim numa péssima piroga, que o rei lhes vendera muito caro, e depois de terem roubado remos que ninguém lhes queria vender. Era a primeira vez que se achavam em estado de navegar no Níger sem auxílio de estranhos.

Desceram o rio, cuja largura variava muito, evitando quanto possível as grandes cidades, porque se viam na impossibilidade de satisfazer às exigências dos governadores.

Até Egga, nenhum incidente veio assinalar essa navegação pacífica. Só uma noite, na impossibilidade de desembarcarem no meio dos pauis que orlam o

rio, os viajantes tinham sido obrigados a deixar-se arrastar pela corrente, quando rebentou uma tempestade horrorosa, durante a qual estiveram para ser submergidos por verdadeiros rebanhos de hipopótamos, que brincavam à superfície da água.

O Níger corria, entretanto, quase sempre para leste e para sueste, umas vezes com oito milhas de largura, outras vezes só com duas. A sua corrente era tão rápida que a embarcação voava com uma velocidade de quatro ou cinco milhas por hora.

A 19 de outubro, Ricardo Lander passou diante da embocadura do Coudonnia, rio que atravessara ao pé de Cuttup, por ocasião da sua primeira missão, e algum tempo depois avistou Egga. Alcançou logo o sítio de desembarque, subindo uma baía atulhada de um número infinito de grandes e maciças canoas carregadas de mercadorias, com as proas besuntadas de sangue e cobertas de penas, feitiço e preservativo contra os ladrões.

O chefe, a cuja presença foram logo levados os viajantes, tinha uma comprida barba branca, e teria o aspeto mais venerável e o ar de um patriarca se não risse e brincasse como uma verdadeira criança. Os indígenas correram logo aos centos para ver esses estrangeiros de tão singular fisionomia e estes tiveram de colocar três homens de sentinela às suas portas para conservar os curiosos a distância.

«Muitos dos habitantes de Egga», diz Ricardo Lander, «vendem panos de Benim e de Portugal, o que toma provável o haver alguma comunicação entre este sítio e a costa. Os indígenas são especuladores, empreendedores, e muitos empregam o seu tempo todo em mercadejar, subindo e descendo o Níger. Vivem inteiramente nas suas canoas, e o pequeno teto ou telheiro que têm a bordo serve-lhes de habitação; moram ali como em cabanas. A persuasão em que estão os naturais de que só nos basta querer para executarmos as coisas mais difíceis divertiu-nos primeiro, mas a sua importunidade tornou-se das mais fatigantes. Pedem-nos encantos para afastar as guerras e outras calamidades nacionais, talismãs para enriquecer, para impedir os crocodilos de matarem gente, para

pescar todos os dias uma canoa cheia de peixes. Este último requerimento foi-nos dirigido pelo chefe dos pescadores, com um presente razoável, oferecido sempre para ajudar o pedido e de um valor proporcional à sua importância...

«A curiosidade do povo para nos ver é tão intensa que não ousamos dar um passo fora de casa; e para tomar ar até somos forçados a ter a porta aberta todo o dia, andando e girando à roda da nossa cabana, único exercício que nos é permitido fazer, como animais ferozes na jaula. Os habitantes olham-nos fixamente, com terror e surpresa, pouco mais ou menos como se olha na Europa para os tigres.

«Se damos um passo para o lado da porta, recuam com o maior terror e todos a tremer, mas logo que nos veem na outra extremidade da cabana, aproximam-se o mais que o medo lhes permite, em silêncio e com as maiores precauções.»

Egga é uma cidade de uma extensão prodigiosa e a sua população deve ser imensa. Como quase todas as cidades construídas na margem do Níger, é inundada todos os anos. Devemos crer que os naturais têm as suas razões para construir habitações em sítios que nos pareceriam tão incómodos e tão insalubres.

Não seria porque o solo dos arredores é um rico torrão preto, extraordinariamente fértil, que lhes dá sem grande trabalho todos os produtos necessários à existência?

Posto que parecesse ter mais de cem anos, o chefe de Egga era muito alegre. As personagens mais importantes da cidade reuniam-se na sua cabana e passavam dias inteiros a conversar.

«Essa sociedade de barbas grisalhas ri de tão boa vontade e goza das suas saídas com tanta expansão, que se veem invariavelmente os transeuntes parar no exterior da cabana, escutar e fazer coro com as ruidosas gargalhadas que ressoam lá dentro, de forma que de manhã até à noite não ouvimos para esse lado senão trovões e aplausos.»

Um dia, o velho chefe quis fazer gala diante dos estrangeiros dos seus

talentos de cantor e de dançarino, a fim de os encher de surpresa e admiração.

«Espinoteando apesar da carga dos anos e sacudindo as suas madeixas de cabelos brancos», diz a relação, «deu muitos saltos e cabriolas, com grande delícia dos espectadores, cujos risos, únicos aplausos dos Africanos, acariciaram tanto a vaidade e a imaginação do velho que foi obrigado a servir-se de uma muleta para continuar. Foi ainda coxeando um pouco; mas, tendo-se-lhe esgotado as forças, foi obrigado a parar e a sentar-se ao pé de nós no limiar da cabana.

Por nada neste mundo nos quer mostrar a sua fraqueza. Apesar de ofegante, tratava de respirar baixo e de reter o sopro ruidoso e comprimido. Fez uma segunda tentativa da dança e de canto; mas a natureza não secundou os seus esforços e a sua voz fraca e trémula mal se ouvia. Contudo, os cantores e cantoras, dançarinos e músicos continuaram o seu ruidoso concerto, até que, cansados de os ver e de os ouvir, e anoitecendo, pedimos-lhes que se retirassem, com grande pesar do alegre e frívolo velho.»

Mallam-Dendo havia despersuadido os ingleses de continuarem a descer o curso do rio. Egga era, dizia ele, a última cidade do Niffé; o poder dos Fellans não se estendia para lá, e não se encontravam, até ao mar, senão povoações selvagens e bárbaras, sempre em guerra umas com as outras.

Essas narrativas e contos que os habitantes tinham feito aos companheiros dos dois Lander sobre o perigo que iam correr de serem degolados ou presos e vendidos como escravos, tinham-nos de tal maneira assustado que recusaram embarcar, querendo voltar para Cape-Coast-Castle pelo caminho que tinham já percorrido.

Graças à firmeza dos dois irmãos, essa espécie de revolta não teve seguimento, e a 29 de outubro os exploradores deixaram Egga, saudando-a com três tiros de mosquete.

Algumas milhas mais adiante, uma gaivota passava por cima das suas cabeças, indício da proximidade do mar, certeza quase absoluta de que chegavam ao termo da sua fatigante viagem.

Muitas cidades, pequenas e pobres, meio imersas na água, uma cidade considerável, ao pé de uma alta montanha que parece esmagá-la e de que os viajantes não puderam saber o nome, são sucessivamente deixadas para trás. Cruza-se um número imenso de canoas, construídas como as dos rios Bonny e Calabar. As suas tripulações olham, não sem espanto, para esses homens brancos, com os quais não ousam conversar.

Baixas e ao mesmo tempo pantanosas, as margens do Níger tomam-se logo mais elevadas, mais ricas, mais férteis.

Kacunda, onde os habitantes de Egga recomendaram a Ricardo Lander que parasse, está situada na margem ocidental do rio. Vista um pouco de longe, apresenta um aspeto singularmente pitoresco.

Os naturais ficaram logo assustados com a aparição dos viajantes. Um velho *mallam*, padre e professor muçulmano, tomou-os debaixo da sua proteção. Graças a ele, os dois irmãos receberam um acolhimento benévolo nessa capital de um reino independente do Niffé.

As informações que os viajantes juntaram nessa cidade, ou, antes, nessa reunião de quatro aldeias, concordavam com as de Egga. Por isso Ricardo Lander resolveu não viajar senão de noite e carregar com bala as quatro espingardas e as duas pistolas que lhes restavam.

Fosse como fosse, os nossos exploradores, com grande espanto dos naturais, que não podiam crer em tal desprezo do perigo, deixavam Kacunda dando três aclamações ruidosas e «entregando a sua sorte nas mãos de Deus».

Passaram assim diante de muitas cidades importantes, que evitaram com todo o cuidado. O curso do rio, entretanto, mudou algumas vezes, girando do sul para o sueste, depois para sudoeste, entre altas colinas.

A 25 de outubro, os ingleses achavam-se diante da embocadura de um grande rio. Era o Tchadda ou Benoué. No seu confluente estava uma cidade importante com frente para o Níger e para Benoué. Era Cutumcuraffi.

Enfim, depois de ter escapado de perder-se num labirinto e de se despedaçar nos rochedos, Ricardo Lander, descobrindo um lugar cómodo e

desabitado, na margem direita, determinou desembarcar.

Esse sítio fora visitado pouco tempo antes, como o testemunhavam fogueiras extintas, cabaças partidas, pedaços de vasos de barro espalhados pelo chão, cascas de coco e arcos de barris de pólvora, que não apanharam sem comoção, porque eram prova de que os naturais tinham relações com os europeus.

Entretanto, umas mulheres tinham fugido, assustadas por três homens do séquito de Lander, que se haviam introduzido numa aldeia para procurar lume. Os viajantes, fatigados, descansavam nas esteiras quando se viram rodeados de um bando de homens quase nus, armados com espingardas, arcos, frechas, facas de mato, croques de ferro e ferros de lança.

Só o sangue-frio e a presença de espírito dos dois irmãos impediram uma luta que parecia inevitável e cujo resultado não era duvidoso. Atirando com as armas ao chão, encaminharam-se para o chefe desses furiosos.

«Quando nos aproximámos», conta Lander, «fizemos muitos sinais com os braços para pedir a ele e ao seu povo que não atirassem. Balouçava-se-lhe ao lado a aljava, o seu arco estava retesado e uma frecha, apontada ao nosso peito, vibrava pronta a partir quando estávamos apenas a alguns passos de distância. A Providência desviou o tiro, porque o chefe preparava-se para largar a corda fatal, quando um homem que estava mesmo ao pé dele deu um pulo para diante e segurou-lhe no braço. Estávamos então cara a cara, e logo lhe estendemos a mão. Todos tremiam como varas verdes. O chefe olhou para nós fixamente e caiu de joelhos. A sua fisionomia tomou uma expressão indefinível, em que se confundiam a timidez e o terror e em que pareciam lutar todas as paixões boas e más; finalmente, deixou cair a cabeça sobre o peito, agarrou na mão que lhe estendíamos e debulhou-se em lágrimas. Desde esse momento estabeleceu-se a harmonia, e às ideias de guerra e de sangue sucedeu o melhor acordo.

«Julguei que éreis os filhos do céu caídos das nuvens», disse o chefe para explicar a sua súbita mudança.

«Foi bom para nós», acrescenta Lander, «as nossas fisionomias brancas e o

nosso procedimento sereno produzirem tamanha impressão nesse povo. Um minuto de demora e os nossos corpos estavam crivados de tantas frechas como as cerdas de um porco-espinho.»

Este lugar era o famoso mercado de Bocqua, em que os viajantes tantas vezes tinham ouvido falar, aonde vem tanta gente da costa para trocar as mercadorias dos brancos pelos escravos que vêm do Funda, que fica na margem oposta.

As informações colhidas nesse lugar eram das mais favoráveis. O mar estava só a dez dias de caminho. A navegação, acrescentava o chefe de Bocqua, não oferecia perigo algum, mas os habitantes das margens eram «má gente».

Seguindo os concelhos desse chefe, os dois irmãos passaram por diante da bela e grande cidade de Atta sem lá irem, e descansaram em Abbazaca, onde o Níger se separa em muitos braços, e cujo chefe deu provas de uma avidez insaciável. Depois, recusaram ir a duas ou três aldeias onde os queriam fazer parar para satisfazer a curiosidade dos naturais, e foram forçados a descansar na aldeia de Damuggo, onde um homenzinho, vestindo uma jaqueta de uniforme, lhes dissera em inglês, gritando: «Olá! Oh! Ingleses, venham por aqui.»

Era um mensageiro do rei de Bonny, vindo para comprar escravos por conta do seu senhor.

O chefe dessa cidade, que nunca vira homens brancos, recebeu muito bem os exploradores, mandou proceder a regozijos públicos em sua honra e demorou-os no meio das festas, até 4 de novembro. Apesar de o fetiche, que tinha consultado, pressagiar que seriam assaltados por mil perigos antes de chegar ao mar, esse soberano deu-lhes uma outra canoa, remadores e um guia.

As sinistras predições dos fetiches não tardaram a realizar-se; John e Ricardo Lander embarcaram em barcos diferentes. Passando por diante de uma grande cidade, que souberam ser Kirri, foram aprisionados por longas canoas de guerra, tripuladas cada uma por uns quarenta homens, vestidos à europeia, exceto as calças.

Essas canoas traziam, na extremidade de longas varas de bambu, grandes

pavilhões com as armas da Grã-Bretanha; tinham frascos, cadeiras, mesas, etc. Cada um dos seus negros marinheiros tinha um mosquete, e cada embarcação mostrava, amarrada à proa, uma grande peça de artilharia de 5 ou 6.

Os dois irmãos foram levados a Kirri. Um «palabre» tratou da sua sorte. Por felicidade, padres maometanos, ou *mallams*, falaram a seu favor e fizeram-lhes restituir uma parte dos objetos que lhes tinham sido roubados, mas a maior parte fora ao fundo com a canoa de John Lander.

«Com grande satisfação minha», diz Ricardo Lander, «reconheci logo o caixote que encerrava os nossos livros e um dos diários de meu irmão; ao pé estava o caixote da farmácia, mas ambos vinham cheios de água. Um grande saco de noite de tapete, que tivera as nossas roupas, estava aberto e despejado; não ficara senão uma camisa, um par de calças e uma casaca; muitas coisas de valor tinham desaparecido. Os meus diários, à exceção de um livro de apontamentos onde eu escrevera as minhas observações desde Rabba até aqui, tinham-se perdido. Faltavam quatro espingardas, uma das quais pertencera a Mungo-Park, quatro facas de mato e duas pistolas. Nove dentes de elefante, os mais belos que eu vira nesse país, presentes dos reis de Wowou e de Boussa, uma grande quantidade de penas de avestruz, uma grande variedade de sementes, todos os nossos botões, os nossos cauris, as nossas agulhas, tão necessárias como moedas para comprar provisões, tudo isso desapareceu, e estava, ao que diziam, no fundo do rio.»

Era realmente naufragar no porto. Terem atravessado a África toda desde Badagry até Boussa, terem escapado aos perigos da navegação do Níger, terem-se tirado felizmente das mãos de tantos soberanos rapinantes, para fazerem naufrágio a seis dias do mar, para serem escravizados ou condenados à morte no momento em que iam fazer reconhecer à Europa maravilhada o precioso resultado de tantos males padecidos, de tantos perigos evitados, de tantos obstáculos atravessados felizmente; terem terminado o curso do Níger desde Boussa, estarem a ponto de fixar definitivamente a sua embocadura e verem-se cativos de uns miseráveis piratas, era demais, e bem amargas foram as reflexões

dos dois irmãos, durante o tempo todo que durou essa interminável «palavra».

Se os objetos roubados lhes eram em parte restituídos, se o negro que rompera as hostilidades era condenado a ter a cabeça cortada em expiação da sua culpa, os dois irmãos nem por isso deixavam de ser considerados prisioneiros, e deviam ser conduzidos a Obié, rei do país de Eboe, que resolveria acerca do seu destino.

Era evidente que esses ladrões não eram originários daquele sítio, e que só ali tinham ido com o fim de exercer a sua pirataria. Tencionavam, sem dúvida, comerciar em dois ou três mercados em Kirri, se os encontrassem flotilhas tão fortes que se não deixassem roubar sem combate. Demais, todas as populações deste porto do Níger mostravam excessiva desconfiança umas das outras, e a compra das provisões fazia-se a troco de armas.

Ao cabo de três dias de navegação, as canoas chegaram à vista de Eboe, situada num ponto em que o rio se divide em três braços de prodigiosa grandeza, de margens chatas, pantanosas e cobertas de palmeira.

Uma hora depois, a 8 de novembro, um dos homens da tripulação, natural de Eboe, exclamou: «Aí está a minha terra.»

Ali novas complicações esperavam os exploradores. Obié, o rei de Eboe, era um rapaz de fisionomia esperta e inteligente, que recebeu os viajantes com afabilidade.

O seu fato, que lembrava o do rei de Yarriba, estava ornado com uma tal profusão de corais que se poderia dar-lhe o nome de «Rei Coral».

Seguramente, Obié pareceu impressionado pela narrativa do ataque em que os ingleses tinham perdido todas as suas mercadorias; mas os socorros que ele lhes distribuiu não estiveram à altura dos seus sentimentos; deixou-os quase morrer à fome.

«Os habitantes de Eboe, como a maior parte dos Africanos, são extremamente indolentes», diz a relação, «e não cultivam senão o inhame, o milho e a bananeira. Têm muitas cabras e muitas aves, mas poucos carneiros e nenhuns animais de carga. A cidade, de grande extensão, está situada numa

planície descoberta e encerra numerosa população; como capital do reino não tem outro nome senão “país de Eboe”. O seu óleo de palma tem fama. É há uma longa série de anos o principal mercado de escravos, aonde vêm abastecer-se os indígenas, que fazem este comércio na costa, entre o rio de Bonny e o do Velho de Calabar. Centos de indígenas sobem este rio para aqui mercadejar, e nesta mesma ocasião há aqui muitos que habitam nas suas canoas, formadas na frente da cidade. Quase todo o óleo comprado pelos ingleses em Bonny é das cercanias, da mesma forma que todos os escravos que os navios negreiros franceses, espanhóis e portugueses vêm carregar nesta costa. Muitas pessoas nos disseram que o povo de Eboe é antropófago, e esta opinião goza de mais crédito entre as tribos próximas que entre as do interior.»

Segundo tudo o que os viajantes iam sabendo, tornava-se certo para eles que os não soltariam senão a troco de avultado resgate. Este soberano podia sem dúvida ser impelido a esse proceder pelas instigações dos seus favoritos, mas o que o fortaleceu nessa determinação foi principalmente a avidez e o terror dos habitantes de Bonny e de Brass, que disputavam entre si para saber quem havia de levar os ingleses para o seu país.

Um filho do último chefe de Bonny, o rei Peper (Pimenta), um chamado Gun (Espingarda), irmão do rei Boy (Rapaz), e seu pai, o rei Forday, que com o rei Jacket (Jaqueta) governa todo o país de Brass, eram os mais encarniçados. Apresentavam, em testemunho da sua respeitabilidade, os atestados que lhes tinham dado os capitães europeus com os quais haviam estado em relações de negócios.

Um desses documentos, assinado James Dow, capitão do brigue *Susana*, de Liverpool, e datado do primeiro rio de Brass, setembro de 1830, era concebido da seguinte forma:

«O capitão Dow declara que nunca encontrou uma corja de maiores patifes do que estes indígenas em geral e os pilotos em particular.»

Depois, continuando no mesmo tom, carregava-os de anátemas, chamando-lhes grandes patifes, que tinham procurado fazer naufragar o seu

navio nos cachopos, na embocadura do rio, a fim de dividirem os despojos entre si. O rei Jacket era chamado um larápio de primeira ordem e ladrão de marca maior. Boy era o único um pouco honrado e digno de confiança.

Depois de uma interminável «palavra», Obié declarou que, segundo as leis e costumes do país, tinha direito de considerar os irmãos Lander e a sua comitiva como propriedade sua, mas que, não querendo abusar das suas vantagens, se limitaria a trocá-los pelo valor de vinte escravos em mercadorias inglesas.

Esta decisão, que Ricardo Lander debalde tentou conseguir que Obié revogasse, mergulhou os dois irmãos num violento desespero, que foi logo seguido por uma apatia e por uma indiferença tais que seriam incapazes do mais pequeno esforço para recuperarem a sua liberdade. Junte-se a essas penas morais o enfraquecimento físico causado pela falta de alimento, e compreender-se-á o abatimento em que tinham caído os dois viajantes.

Sem recursos de espécie alguma, despojados das suas agulhas, dos seus ca uris e dos seus objetos de troca, viram-se reduzidos à triste necessidade de mendigar para o seu sustento.

«Valia o mesmo», diz Lander, «dirigir as nossas súplicas às pedras e às árvores; assim ao menos pouparíamos a nós mesmos a humilhação da recusa. Na maior parte das cidades e das aldeias da África tínhamos sido tomados por semideuses e tratados, por conseguinte, com uma veneração e um respeito universais. Mas, aqui, ai! Que contraste! Éramos considerados como os deuses mais vis e os escravos mais miseráveis, nessa terra de ignorância, objeto das zombarias e do desprezo de uma horda de bárbaros.»

Foi enfim Boy que venceu, porque consentiu em pagar a Obié tudo quanto ele pedia para resgate dos dois irmãos e da sua comitiva. Quanto a eles, mostrou-se moderadíssimo, não exigindo, pelo seu trabalho e pelo risco que corria transportando-os para Brass, senão o valor de quinze barras ou quinze escravos e uma pipa de rum. Apesar de este pedido ser exorbitante, Ricardo Lander não hesitou em fazer um saque de trinta e seis barras sobre o capitão inglês Lake, que comandava um navio fundeado no rio de Brass.

A canoa do rei, em que embarcaram os dois irmãos, a 12 de novembro, levava sessenta pessoas, sendo quarenta remeiros. Munida de uma peça de 4 à proa, de um arsenal de facas de mato e de metralha, de mercadorias de toda a espécie, era cavada num só tronco de árvore, e tinha mais de cinquenta pés de comprimento.

As imensas culturas que se viam nas margens do rio indicavam que a população era muito mais considerável do que parecia. O país era plano, aberto, variado, e o solo, de rica terra preta, produzia árvores e arbustos de uma riqueza de tons infinita.

A 14 de novembro, às sete horas da noite, a canoa saiu do braço principal e entrou no rio de Brass. Uma hora depois, com inexprimível alegria, sentiu Ricardo Lander o efeito da maré.

Um pouco mais adiante encontrou a canoa de Boy, as de Gun e de Forday. Este último, velho de aspeto venerável, ainda que miseravelmente vestido, meio à europeia, meio à moda da terra, tinha uma forte predileção pelo rum, de que bebeu imensa quantidade, sem que disso se ressentissem nem as suas maneiras nem a sua conversação. Era um estranho cortejo o que acompanhou os dois ingleses até à cidade de Brass.

«As canoas», diz Lander, «seguiam atrás umas das outras, com bastante regularidade, desfraldando cada uma três pavilhões. Na proa da primeira ia o rei Boy, de pé, com a cabeça coroada de longas plumas, que se balouçavam a cada movimento do corpo, coberto com as figuras mais extravagantes, brancas em fundo negro. Encostava-se a duas enormes lanças, que de quando em quando atirava com força para o fundo da canoa, como se estivesse a matar algum animal bravo e temível, estendido a seus pés. Na proa das outras canoas uns padres executavam danças e faziam mil contorções extravagantes.

Todos eles, assim como a gente da sua comitiva, estavam besuntados da mesma forma que o rei Boy, e, para coroar tudo isto, andava o Sr. Gun todo azafamado, correndo da frente à retaguarda a fila, sendo umas vezes o primeiro, outras vezes o último, aumentando o efeito imponente do cortejo com as

descargas repetidas do seu único canhão.»

Brass compõe-se de duas cidades, uma pertencente a Forday, outra ao rei Jacket. Antes de desembarcarem, procederam os padres a cerimónias misteriosas, de que eram objeto evidente os brancos. O resultado desta consulta do fetiche da cidade foi favorável aos estrangeiros? Era o que devia revelar o procedimento dos indígenas com eles.

Antes mesmo de desembarcar, Ricardo Lander avistou, com viva comoção de alegria, um homem branco na praia. Era o capitão de uma escuna espanhola fundeada no rio.

«De todos os sítios porcos e repugnantes», diz a relação, «não há sítio porco e repugnante no mundo que possa exceder este, nem oferecer às vistas de um estrangeiro mais mísero aspeto. Nesta abominável cidade de Brass é tudo lama e porcaria. Os cães, as cabras e outros animais enchem as ruas lamacentas; parecem esfomeados e rivalizam em miséria com desgraçadas criaturas humanas, de feições lívidas e descarnadas, de fisionomia hedionda, cujo corpo está coberto de largas pústulas e cujas choças caem em ruínas pela negligência e porcaria.»

Outra localidade, chamada pelos Europeus a cidade dos Pilotos, por causa do grande número de pilotos que a habitam, fica situada na embocadura do rio Noun ou Nun, a setenta milhas de Brass.

O rei Forday quis opor-se a que os dois irmãos Lander deixassem a cidade sem lhe pagarem quatro barras.

Era costume, dizia ele, que todo o homem branco, que viesse a Brass pelo rio, fosse sujeito a esse tributo. Não havia meio de resistir, e Ricardo Lander fez um novo saque sobre o capitão Lake.

Por esse preço teve Ricardo Lander licença para ir, na canoa régia de Boy, ao brigue inglês estacionado na embocadura do rio. Seu irmão e a gente da sua comitiva, só à volta do rei seriam soltos.

Mas, ao chegar a esse brigue, qual foi o assombro e a vergonha de Lander vendo o capitão Lake recusar-lhe toda a espécie de recurso! Deu-lhe então a ler

as instruções que recebera do Ministério, a fim de lhe provar que não era um impostor.

— Se julga — respondeu o capitão — que trata com um imbecil ou com um doido, engana-se. Não dava nem uma palhinha pela sua palavra nem pelas suas letras! Não me importa com isso para nada! Diabos me levem se for capaz de me arranjar um único dinheiro!

Depois, praguejando, Lake soltou as palavras mais ofensivas para os ingleses.

Esmagado dolorosamente por essa desgraça imprevista e por esse procedimento inverosímil de um compatriota, Ricardo Lander, não sabendo o que devia fazer, voltou para a canoa de Boy, e pediu a este último que o levasse a Bonny, onde estava uma grande quantidade de navios ingleses. O rei não quis. Ricardo Lander viu-se obrigado a tentar enternecer o capitão, pedindo-lhe que desse ao menos dez espingardas, com que talvez o rei se contentasse.

— Já lhe disse que lhe não dava nem uma pederneira. Portanto não me mace.

— Mas eu deixei em Brass meu irmão e mais oito pessoas — tornou Lander — e se absolutamente não quer pagar ao rei, ao menos persuada-o de que os traga a bordo, senão meu irmão morre de fome, ou é envenenado, e toda a minha gente será vendida antes de eu poder alcançar socorro de um navio de guerra.

— Se tiver modo de os trazer para bordo — replicou o capitão — dou-lhes passagem, mas torno a repetir-lhe que me não apanha nem o valor de uma escorva.

Enfim, Ricardo Lander obteve de Boy que fosse buscar seu irmão e a sua comitiva. O rei não queria sem receber alguma coisa à conta, e a muito custo foi levado a desistir dessa pretensão.

Quando o capitão Lake soube que a comitiva de Ricardo Lander se compunha de uns sólidos latagões, capazes de substituir os seus marujos, mortos ou prostrados pelas febres, abrandou um pouco, mas não foi por muito tempo,

porque declarou que, se dentro de três dias John e a sua gente não estivessem a bordo, partiria sem eles.

Apesar de Ricardo Lander lhe provar até à evidência que esses desgraçados seriam vendidos como escravos, o capitão a nada quis atender.

— Pior para eles — respondeu. — Não posso esperar por mais tempo.

Tamanha desumanidade é felizmente raríssima. Por isso devemos amarrar ao pelourinho um miserável destes, que não fez caso, não dos seus semelhantes, mas de homens que lhe eram infinitamente superiores.

Enfim, a 24 de novembro, depois de uma forte brisa, que, soprando do mar alto e atirando as águas à barra, lhe tornou a passagem quase impossível, John Lander chegou a bordo.

Tivera de aturar as descomposturas e as insolências de Boy. Ter, com o seu próprio dinheiro, resgatado da escravidão os dois irmãos e a sua comitiva, tê-los trazido na sua canoa, e sustentado — mal, é verdade —, terem-lhe prometido quanta carne e quanta aguardente pudesse comer e beber, para ser afinal mal recebido, para lhe negarem a restituição dos seus adiantamentos e ser tratado como um ladrão, confessem que havia razão para estar descontente, e que qualquer outro faria pagar caro aos prisioneiros que lhe restavam tantas esperanças malogradas, tanto dinheiro gasto sem necessidade nenhuma.

Apesar disso, Boy decidira-se a levar Lander a bordo do brigue. O capitão Lake recebeu os viajantes com bastante cordialidade, mas logo exprimiu a sua resolução positiva de despedir o rei sem lhe dar nem um óbolo.

Este estava cheio de sombrios pressentimentos; às suas maneiras altivas sucedera um modo humilde e servil. Deram-lhe uma refeição abundante, em que mal tocou.

Ricardo Lander, desesperado com a avareza e a má fé de Lake, achando-se na impossibilidade de cumprir as suas promessas, virou tudo o que tinha de dentro para fora, achou cinco braceletes de prata e uma espada de fabrico indígena que trouxera de Yarriba, e ofereceu-os a Boy, que os aceitou.

Enfim, o rei decidiu-se a expor ao capitão as suas razões. Com uma voz de

trovão, que nunca se imaginaria que pudesse sair de um corpo tão débil, respondeu:

— Não quero!

E temperou essa recusa com um dilúvio de pragas e de ameaças tal que o pobre Boy bateu em retirada, e, vendo o navio pronto a fazer-se de vela, voltou precipitadamente para a sua canoa.

Assim terminaram as peripécias da viagem dos dois irmãos Lander. Ainda estiveram em perigo de morte ao sair a barra, mas foi essa a sua última provação. Chegaram a Fernando Pó, depois ao rio Calabar; ali embarcaram no *Carnarvon* para o Rio de Janeiro, onde o almirante Baker, comandante do posto, lhes arranjou passagem num transporte.

A 9 de junho desembarcaram em Portsmouth. O seu primeiro cuidado, depois de terem entregue a relação da sua viagem a Lord Goderich, secretário de Estado na repartição do Ultramar, foi informá-lo do procedimento do capitão Lake, procedimento que em parte podia pôr em perigo e em dúvida a fama de boa fé do Governo inglês. Logo foram dadas as ordens necessárias por esse ministro para se pagarem as quantias combinadas, cujo pedido era justo e motivado.

Assim pois, e não podemos fazer mais de que reproduzir a apreciação desse excelente juiz, Desborough Cooley, assim pois o problema geográfico que, durante tantos séculos, tão vivamente preocupara a atenção do mundo erudito e dera lugar a tantas conjeturas diferentes, achava-se definitiva e completamente resolvido.

O Níger, ou, como lhe chamam os indígenas, o Djoliba ou o Kouara, não se junta ao Nilo, não se perde nem nas areias do deserto, nem nas águas do lago Chade; lança-se no oceano, por uma grande quantidade de braços, na costa do golfo de Guin, exatamente no ponto dessa costa conhecido pelo nome de cabo Formoso. A glória desta descoberta prevista, é certo, pela ciência, pertence toda aos irmãos Lander. A vasta extensão de território, que haviam atravessado desde Yaourie até ao mar, era completamente desconhecida antes da sua viagem.

Logo que a descoberta de Lander foi conhecida em todas as suas particularidades em Inglaterra, muitos negociantes se associaram para tirar partido das riquezas naturais do país. Em julho de 1832 equiparam dois navios a vapor, o *Korra* e o *Alburka*, que, debaixo da direção dos Srs. Laird, Oldfield e Ricardo Lander, subiram o Níger até Bocqua. Os resultados desta expedição comercial foram deploráveis. Não só foi absolutamente nulo o tráfico com os indígenas, mas ainda as tripulações se viram dizimadas pela febre. Por fim, Ricardo Lander, que muitas vezes subira e descera o rio, foi ferido mortalmente por uns indígenas, a 27 de janeiro de 1834, e morreu no dia 5 de fevereiro imediato, em Fernando Pó.

Resta-nos falar, para terminarmos o que é relativo à África, dos numerosos reconhecimentos feitos no vale do Nilo, entre os quais são os mais importantes os de Cailliaud, de Russegeer e de Ruppell.

Frederico Cailliaud, que nascera em Nantes em 1787, depois de ter visitado a Holanda, a Itália, a Sicília, uma parte da Grécia, da Turquia europeia ou asiática, quando comerciava em pedras preciosas, chegara ao Egito, no mês de maio de 1815.

Os seus conhecimentos geológicos e mineralógicos alcançaram-lhe um excelente acolhimento da parte de Mehemet-Ali, que o encarregou logo de uma viagem de exploração ao longo do Nilo e no deserto.

Esta primeira excursão foi assinalada pela descoberta, em Labarah, de minas de esmeraldas, mencionadas pelos autores árabes e abandonadas há longos séculos. Cailliaud encontrou, nas escavações da montanha, as lâmpadas, as alavancas, as cordas e os instrumentos que tinham servido para exploração dessas minas pelos operários de Ptolomeu. Perto dessas pedreiras, o viajante descobriu as ruínas de uma pequena cidade que, segundo todas as probabilidades, deveria ter sido habitada pelos antigos mineiros. Para dar toda a sanção à sua preciosa descoberta, Cailliaud carregou-se com dez arráteis de esmeraldas, que levou a Mehemet-Ali.

Outro resultado dessa viagem foi a descoberta, pelo explorador francês, da

antiga estrada de Coptos a Berenice para o comércio da Índia.

Desde o mês de setembro de 1819 até ao fim de 1822, Cailliaud, acompanhado pelo antigo aspirante de marinha Letorzec, percorreu todos os oásis conhecidos a leste do Egito, e seguiu o Nilo até ao 10.º grau. Tendo chegado, na sua primeira viagem, a Ouadi-Oulfa, Cailliaud escolheu, na segunda, essa localidade para o ponto de partida.

Uma circunstância feliz ia singularmente facilitar as suas pesquisas. Ismail-Paxá, filho de Mehemet-Ali, acabava de receber o comando de uma expedição a Núbia, e Cailliaud acompanhou-o.

Partindo de Daraou em novembro de 1820, Cailliaud chegou, no dia 5 de janeiro imediato, a Dangolo e alcançava o monte Barka, no reino de Chaguy, onde se observa uma infinidade de minas, de templos, de pirâmides e de outros monumentos.

O nome de Merawe que tem este sítio, fizera supor que era ali a antiga capital da Etiópia; Cailliaud devia dissipar esse erro.

Acompanhando Ismail-Paxá, como mineralogista, para além de Berber, para a pesquisa das minas de ouro, o explorador francês chegou a Chendy. Foi depois, com Letorzec, fixar a posição geográfica do confluente de Albara, e, não longe do 17.º grau de latitude, descobriu as ruínas consideráveis de uma cidade antiga. Era Meroe.

Continuando o seu caminho para o sul, entre os graus 15.º e 16.º, Cailliaud reconheceu depois a embocadura do Bahr-el-Abiad ou Nilo Branco, visitou as minas de Sabá. o confluente do Rahad, o antigo Astosaba, viu Sennaar, o curso do Gologo, o país de Fazoele e o Toumat, afluente do Nilo, enfim, chegou, com Ismail, ao país de Singué, entre os dois braços do rio.

Nenhum viajante chegara ainda, por esse lado, tão perto do equador. Browne parara em 16° 10’, Bruce em 11°.

Devem-se a Cailliaud e a Letorzec numerosas observações de latitude e de longitude, preciosos estudos sobre as variações de agulhas magnéticas, inestimáveis esclarecimentos acerca do clima, da temperatura e da natureza do

solo, e ao mesmo tempo uma coleção interessantíssima de animais e de produções vegetais. Enfim, os exploradores levantaram a planta de todos os monumentos situados para além da segunda catarata.

Os dois franceses tinham preludiado as suas descobertas por uma excursão ao oásis Siouah. No fim de 1819, haviam partido de Fayoum com um pequeno número de companheiros e tinham-se embrenhado no deserto da Líbia. Em quinze dias de marcha, depois de um combate com os árabes, tinham chegado a Siouah, tomado todas as medidas do templo de Júpiter Ámon e determinado, como Browne, a sua posição astronómica. Este oásis ia ser, algum tempo depois, objeto de uma expedição militar, durante a qual Drovetti devia colher ainda documentos preciosíssimos, para completar os que Cailliaud e Letorzec tinham colhido.

Haviam depois visitado sucessivamente o oásis de Falafre, que nenhum viajante europeu ainda explorara, o de Dakel e Khargh, capital do oásis de Thebes. Os documentos colhidos nesta excursão foram expedidos para França, ao Sr. Jomard, que os aproveitou na obra *Viagem ao Oásis de Siouah.*

Alguns anos depois, Eduardo Ruppell consagrava sete ou oito anos à exploração da Núbia, de Senuaar, do Cordefan e da Abissínia e subia o Nilo Branco, em 1824, até mais de sessenta léguas acima da sua embocadura. Enfim, um naturalista alemão e conselheiro das minas da Áustria, José Russegger, visitando igualmente, de 1836 a 1837, a parte inferior do curso de Bahr-el-Abiad, preludiava com essa viagem oficial os grandes e fecundos reconhecimentos que Mehemet-Ali ia fazer às mesmas regiões.

Capítulo 3 — O Movimento Científico Oriental e as Explorações Americanas

Apesar de as descobertas, em que vamos já falar, não serem propriamente geográficas, lançaram uma luz tão nova sobre muitas civilizações antigas, ampliaram por tal forma o domínio da história e das ideias, que não podemos dispensar-nos de dizer a respeito delas algumas palavras.

A leitura das inscrições cuneiformes e a decifração dos hieróglifos são acontecimentos tão importantes nos seus resultados, revelam-nos uma tal reunião de factos até então ignorados ou desfigurados nas narrativas mais ou menos maravilhosas dos antigos historiadores Diodoro, Ctésias e Heródoto, que é impossível passar em silêncio tais descobertas científicas.

Graças a essas descobertas, penetrámos na intimidade de um mundo, de uma civilização extremamente adiantada, de usos, de hábitos, de costumes absolutamente diferentes dos nossos. Como é curioso ter nas mãos as contas do intendente de um grande senhor ou de um governador de província, ler romances como os de *Setna* e dos *Dois Irmãos,* contos como o do *Príncipe Predestinado!*

Se os edifícios de vastas proporções, os templos soberbos, os hipogeus magníficos, os obeliscos lavrados, não eram, até então, para nós, senão monumentos sumptuosos, contam-nos agora, graças à leitura das inscrições que os cobrem, a vida dos soberanos que os erigiram e as circunstâncias da sua elevação.

Quantos nomes de povos de que historiadores gregos nem faziam menção, quantas cidades que desapareceram, quantas particularidades relativas ao culto, à arte, à indústria, à vida de cada dia, quantos acontecimentos políticos ou militares nos revelam agora nos seus minuciosos pormenores os hieróglifos e as inscrições cuneiformes!

E penetrámos na intimidade desses povos, que não conhecíamos senão

imperfeitamente e por assim dizer à superfície, temos agora uma ideia da sua literatura. Talvez não venha longe o dia em que saberemos tão bem a vida dos Egípcios do século XVIII antes da nossa era, como sabemos a da França nos séculos XVII e XVIII depois de Jesus Cristo.

Carsten Niebuhr trouxera de Persépolis inscrições em carateres desconhecidos, de que fora ele o primeiro que fizera uma cópia exata e completa. Muitas tentativas se haviam feito para as decifrar; todas tinham sido baldadas, quando, por uma inspiração de génio, com uma intuição luminosa, o sábio filólogo hanoveriano Grotefend chegou, em 1802, a penetrar o mistério que as envolvia.

É que eram realmente singulares e difíceis de interpretar essas inscrições cuneiformes! Imagine-se uma série de pregos *(cuneus)* arranjados de diversas formas, formando grupos alinhados horizontalmente. O que exprimiam esses grupos? Representavam só articulações, ou palavras inteiras, como as letras do nosso alfabeto? Tinham esse valor ideográfico que possuem os carateres da escrita chinesa? Qual era a língua que ali se achava oculta? Eram outros tantos problemas que se tratava de resolver. Era natural que umas inscrições ainda de Persépolis fossem escritas na língua do antigo persa; mas, Rask, Bopp e Lassen ainda não haviam estudado as línguas iranianas e não tinham demonstrado a sua afinidade com o sânscrito.

Contar a série de deduções engenhosas, de suposições, de hesitações, que levaram Grotefend a reconhecer uma escrita alfabética, a extrair de certos grupos nomes que supôs que seriam os de Dario e de Xerxes, o que o tornou senhor do conhecimento de muitas letras que aplicou à leitura de novas palavras, seria sairmos do nosso quadro. O método estava enfim encontrado. A outros cabia o cuidado de o completar e de o aperfeiçoar.

Passaram-se perto de trinta anos, contudo, sem que esses estudos tivessem feito progressos notáveis. Foi o célebre sábio francês Eugénio Burnouf que lhe fez dar um grande passo. Aproveitando o seu conhecimento do sânscrito e do zenda, provou que a língua das inscrições persepolitanas não era senão um

dialeto zenda, empregado na Bactriana, que se falava ainda no século VI antes da nossa era e em que tinham sido escritos os livros de Zoroastro. A sua Memória é de 1836. Na mesma época um sábio alemão, Lassen, de Bona, que se entregava, pela sua parte, às mesmas pesquisas, chegou a conclusões idênticas.

Em breve estavam lidas todas as inscrições que se possuíam, o alfabeto desenleava-se do desconhecido, exceto em relação a um pequeno número de sinais, acerca dos quais se não estava absolutamente de acordo.

Contudo ainda se não tinha senão uma base, e o edifício estava longe de se achar concluído. Efetivamente notava-se que as inscrições persepolitanas pareciam repetidas em três colunas paralelas. Não seria uma tríplice versão da mesma inscrição nas três línguas principais do império aqueménida, o persa, o médio, o assírio ou o babilónio? A hipótese era exata, mas, graças à decifração de uma dessas inscrições, tinha-se um ponto de comparação e pôde-se proceder como Champollion procedera com a pedra de Roseta, que, em frente de uma tradução grega, tinha duas versões em letras demóticas e hieroglíficas.

Nessas outras duas inscrições reconheceu-se o assiro-caldeu, que pertence, como o hebreu, o himiarita e o árabe, à família semítica, e um terceiro idioma que recebeu o nome de médio, e que se aproximou do turco e do tártaro. Mas seria invadir um terreno que não é o nosso demorarmo-nos com estas investigações, que tinham de ser a tarefa dos sábios Westergaard, dinamarquês, dos franceses Saulcy e Oppert, dos ingleses Norris e Rawlinson, para não citarmos senão os mais célebres.

Depois voltaremos a este assunto.

O conhecimento do sânscrito, as investigações acerca da literatura bramânica, de que mais adiante se falará, tinham inaugurado um movimento científico que devia ir aumentando graças a estudos mais profundos ou mais compreensivos. Uma imensa região, designada pelos orientalistas debaixo do nome de Irão, que compreende a Pérsia, o Afeganistão e o Balochistão, fora, muito antes de Nínive e de Babilónia terem aparecido na história, sede de uma civilização adiantada, a que se liga o nome de Zoroastro, a um tempo

conquistador, legislador e fundador de uma religião. Os seus discípulos, perseguidos na época da conquista muçulmana, expulsos da sua an tiga pátria, onde o seu culto se conservara, refugiaram-se, com o nome de Parses, no noroeste da Índia.

No fim do século passado, o francês Anquetil Duperron trouxera para a Europa uma cópia exata do livro religioso dos Parses, escrito na própria língua de Zoroastro. Traduzira-o, e durante muitos anos todos os sábios ali tinham encontrado a origem das noções religiosas e filosóficas que possuíam acerca do Irão. Esses livros são conhecidos com o nome de Zendavestá, palavra que encerra o nome da língua zenda e o título da obra Avestá.

Mas este ramo da ciência precisava, desde o progresso dos estudos sânscritos, de ser renovado e tratado com o rigor dos métodos novos. O filólogo dinamarquês Rask, em 1826, depois Eugênio Burnouf, com o seu conhecimento profundo do sânscrito e com o auxílio de uma tradução sânscrita, recentemente descoberta na Índia, tinham retomado o estudo do zenda. Burnouf publicara até, em 1834, um estudo magistral acerca do Yacna, que fez época. Dessa aproximação do sânscrito arcaico e do zenda nasceu a admissão da mesma origem para essas duas línguas e a prova do parentesco, ou, para melhor dizer, da unidade dos povos que as falavam. Na origem, os mesmos nomes de divindades, as tradições, sem talar na semelhança dos costumes, a mesma denominação genérica para esses dois povos, que, nos seus escritos mais antigos, se chamam Árias. É inútil, supomos, insistir na importância dessa descoberta, que veio iluminar, com luz completamente nova, os primórdios tanto tempo ignorados da nossa história.

Depois do fim do século XVIII, quer dizer, desde a época em que os Ingleses se tinham solidamente estabelecido na Índia, o estudo físico do país, com todos os dados que a ele se ligam, progredira ativamente. Como era natural, antecipara-se à etnologia e às ciências vizinhas, que precisam para florescer de terreno mais seguro e de tempos mais tranquilos. Devemos confessar, ao mesmo tempo, que este conhecimento é necessário ao governo, à administração, assim

como à exploração comercial. Por isso o marquês de Wellesley, então governador em nome da Companhia, compreendendo a importância que tinha o levantamento de um mapa das possessões inglesas, encarregara em 1801 o brigadeiro de infantaria Guilherme Lambton de ligar por uma rede trigonométrica as duas costas oriental e ocidental da Índia com o Observatório de Madrasta. Mas Lambton não se contentou com essa tarefa. Determinou com rigor um arco de meridiano, desde o cabo Comorin até à aldeia de Takoor-Kera, a quinze milhas a sueste de Ellichpoor. A amplitude desse arco mediu por conseguinte doze graus. Com auxílio de oficiais instruídos, entre os quais devemos citar o coronel Everest, o Governo da Índia teria visto muito antes de 1840 a realização da tarefa dos seus engenheiros, se as anexações sucessivas de novos territórios não viessem continuamente recuar-lhe o termo.

Quase ao mesmo tempo brotava um movimento considerável para o conhecimento da literatura da Índia.

Fora em Londres, em 1776, que aparecera, traduzido pela primeira vez, um extrato dos códigos indígenas mais importantes, com o nome de *Código dos Gentios.*

Nove anos depois, foi fundada em Calcutá a sociedade asiática por Sir William Jones, o primeiro que soube verdadeiramente o sânscrito, sociedade cuja publicação, *Asiatic Researches*, acolheu todas as investigações científicas relativas à Índia.

Logo depois, em 1789, Jones publicava a sua tradução do drama de *Cacuntala*, esse encantador espécime da literatura hindu, tão cheio de sentimento e de delicadeza. As gramáticas, os dicionários sânscritos, publicavam-se uns após outros. Manifestara-se na índa britânica uma verdadeira emulação. Não tardaria a irradiar pela Europa, se o bloqueio continental não tivesse impedido a introdução dos livros publicados no estrangeiro. Nessa época, ura inglês, Hamilton, prisioneiro em Paris, estudava os manuscritos orientais da nossa Biblioteca e iniciava Frederico Schlegel no conhecimento do sânscrito, que já nessa época não era necessário ir estudar à Índia.

Schlegel teve Lassen por discípulo, entregou-se com ele ao estudo da literatura e das antiguidades da Índia, à discussão, à publicidade e à tradução dos textos. Entretanto, Franz Bopp teimava no estudo da língua, tornava as suas gramáticas acessíveis a todos e chegou a esta conclusão, então surpreendente, hoje unanimemente aceita: o parentesco das línguas indo-europeias.

Em breve se reconhecia que os *Vedus* — essa compilação rodeada de um respeito geral, que impedira as interpolações — eram, por isso mesmo, escritos num idioma muito antigo, muito puro, que não foi rejuvenescido, e cuja estreita semelhança com o zenda recuava a composição desses livros sagrados para além da separação em dois ramos da família ária.

Depois estudavam-se as duas epopeias da época bramânica, que sucede aos tempos védicos, o Maabarata e o Ramaiana, assim como os Paranas. Os sábios chegavam, graças a um conhecimento mais profundo da língua e a uma iniciativa mais íntima nos mitos, a fixar aproximativamente a época da composição desses poemas, a levantar-lhes as inumeráveis interpolações, a discernir o que era relativo à história e à geografia nessas alegorias maravilhosas.

Por estas pacientes e minuciosas investigações chegava-se à seguinte conclusão: que as línguas célticas, grega, latina, germânica, eslava e pérsica têm todas uma mesma origem, e que a língua-mãe não é outra senão a sânscrita. Se a língua é a mesma, é forçoso que o povo tenha sido o mesmo. Explicam-se as diferenças, que existem hoje entre esses diversos idiomas, por fracionamentos sucessivos do povo primitivo — datas aproximativas que permitem apreciar a maior ou menor afinidade dessas línguas com o sânscrito e a natureza das palavras que dele se derivaram, palavras que correspondem aos diferentes graus de adiantamento da civilização.

Ao mesmo tempo, fazia-se uma ideia clara e rigorosa da existência que tinham levado os pais da raça indo-europeia e das transformações que a civilização lhes fez sofrer. Os *Vedas* mostram-na quando ela ainda não invadira a Índia e ocupava o Pendjab e o Cabulistão. Esses poemas fazem-nos assistir às

lutas contra as populações primitivas do Indostão, cuja resistência foi tanto mais encarniçada quando os vencedores não lhes deixavam, na sua divisão em castas, senão a ínfima e a mais desonrada. Penetra-se, graças aos *Vedas,* em todas as particularidades da vida pastoril e patriarcal dos Árias, iniciamo-nos nessa existência serena de família, e perguntamos a nós mesmos se a luta encarniçada dos modernos vale os sossegados gozos que a falta de necessidades reservava a seus pais.

Compreende-se que não podemos demorar-nos mais tempo neste assunto, mas o leitor poderá perceber, pelo pouco que dissemos, a importância desses estudos debaixo do ponto de vista da história, da etnografia e da linguística. Indicaremos, a quem desejar saber mais particularidades, as obras especiais dos orientalistas e os excelentes manuais de história antiga dos Srs. Robiou, Lenormant e Maspéro. Todos os resultados, obtidos até 1820 nas diferentes ordens de investigações científicas, tinham sido registados, com competência e imparcialidade, na grande obra de Walter Hamilton, que tem por título: *Descrição Geográfica, Estatística e Histórica do Indostão e dos Países Vizinhos.* É uma destas obras que, marcando os progressos da ciência, estabelecem com rigor o seu grau de adiantamento numa época dada.

Depois desta rápida revista dos trabalhos relativos à vida intelectual e social dos Hindus, convém registar os estudos que têm por fim o conhecimento físico da região.

Um dos factos que tinham causado maior surpresa nas viagens de Webb e de Moorcroft era a altura extraordinária que esses exploradores davam às montanhas do Himalaia. A sua elevação, segundo o cálculo desses viajantes, devia ser, pelo menos, igual aos altos cumes dos Andes. As observações do coronel Colebrook davam a essa cordilheira vinte e dois mil pés, e ainda os seus cálculos pareciam estar acima da realidade. Pelo seu lado, Webb, que medira um dos picos mais notáveis da cordilheira, o Jamunavatari, atribuiu-lhe vinte mil pés acima do planalto em que pousava e que se eleva também a cinco mil pés acima da planície. Pouco satisfeito com uma medida que lhe parecia muito

aproximativa, Webb medira então, com todo o rigor matemático possível, o Dewalagiri, ou «montanha branca», e reconhecera que o cume desse monte subia a vinte e sete mil e quinhentos pés.

O que espanta sobretudo na cordilheira do Himalaia é a sucessão dessas montanhas, essas filas de projeções que trepam umas por cima das outras. Dá isso uma impressão muito mais viva da sua altura do que daria o espetáculo de um pico isolado, surgindo da planície para imergir o seu cume pedregoso nas nuvens.

Os cálculos de Webb e de Colebrook foram logo verificados pelas observações matemáticas do coronel Crawford, que medira oito dos mais altos cumes do Himalaia. O mais alto de todos era, segundo o observador, Chumulari, situado perto das fronteiras do Butão e do Tibete, cujo cume devia ser de trinta mil pés acima do oceano.

Esses resultados, apesar de concordarem uns com os outros e de ser difícil admitir que todos esses observadores se tivessem uniformemente enganado, tinham surpreendido imensamente o mundo erudito. A objeção capital era que, nestes países, o limite das neves devia ser quase a treze mil pés acima do nível do mar. Parecia por conseguinte impossível que as montanhas do Himalaia estivessem cobertas de pinhais gigantes, como diziam todos os exploradores.

E contudo a observação desmentia a teoria. Numa segunda viagem, Webb subiu até ao Niti-Gaut, a colina mais elevada do Universo, cuja altitude fixou em dezasseis mil oitocentos e catorze pés. Não só Webb não encontrou ali neve, mas os rochedos, que a dominam ainda uns trezentos pés, também a não conservam durante o verão. Ali também, nessas encostas rápidas, em que a respiração se torna tão difícil, dispunham-se em anfiteatro florestas magníficas de pinheiros, de ciprestes e de cedros.

«O Sr. Webb», diz Desborough Cooley, «atribui a altura dos limites da neve perpétua nas montanhas do Himalaia à grande elevação do planalto de onde se arrojam para o céu os seus últimos cumes. Como o calor da nossa atmosfera tem por causa principal a irradiação da superfície da terra, segue-se que a

proximidade e a extensão das planícies circunvizinhas devem fazer sofrer modificações importantes à temperatura de um lugar elevado. Essas observações parece-nos que refutam de um modo satisfatório as objeções levantadas por alguns sábios acerca da grande elevação das montanhas do Himalaia, que podem, por conseguinte, ser consideradas com certeza como a cordilheira mais elevada do mundo inteiro.»

Devemos dizer agora algumas palavras de uma excursão empreendida nas paragens já visitadas por Webb e por Moorcroft. O viajante Fraser não tinha nem os instrumentos nem a instrução necessária para medir os altos cumes através dos quais se ia embrenhar, mas sentia vivamente, e a sua relação, cheia de interesse, é às vezes divertidíssima. Visitou a nascente do Jumna e, apesar de estar a mais de vinte e cinco mil pés de altitude, encontrava, a cada instante, aldeias empoleiradas pitorescamente nos montes alcatifados de neve. Fraser visitou depois Gangoutri, apesar da oposição dos seus guias, que lhe representavam o caminho como extremamente perigoso, dizendo que um vento pestilencial privava dos sentidos todo o viajante que ali se atrevia a arriscar-se. O explorador ficou maravilhado com a grandeza e com a magnificência das paisagens que descobriu e julgou-se pago por esses gozos de artista das fadigas que suportara.

«A cordilheira do Himalaia», diz Fraser, «oferece um caráter especialíssimo. Os viajantes que a viram serão obrigados a concordar com esta nossa observação. Não se parece efetivamente com outra qualquer cordilheira, porque, vistas de um ponto elevado, as suas cumeadas de formas fantásticas, as suas agulhas de tão prodigiosa altura, causam tal espanto ao estrangeiro, cujas vistas atraem, que se julga às vezes vítima e ludíbrio de enganadora miragem.»

Saiamos agora da península gangética para a península arábica, aonde vamos registar o resultado de algumas viagens interessantes. Devemos colocar em primeiro lugar a viagem do capitão Sadfier, do Exército da Índia. Encarregado, no mês de agosto de 1819, de uma missão pelo governador de Bombaim junto de Ibrahim-Paxá, que andava em luta com os Wahabitas, esse

oficial atravessou a península inteira, desde o porto de El-Katif, no golfo Pérsico, até Yambo, no mar Vermelho.

Essa relação curiosíssima de uma travessia da Arábia, que até então ainda nenhum europeu tinha empreendido, nunca foi, infelizmente, publicada à parte, e ficou sepultada numa obra quase inencontrável: *Transactions of the Literary Society of Bombay.*

Quase ao mesmo tempo, de 1821 a 1826, o Governo inglês mandava proceder pelos capitães de mar e guerra Moresby e Haines a trabalhos hidrográficos, que tinham por fim o levantamento completo das costas da Arábia. Deviam servir para o estabelecimento do primeiro mapa europeu sério que veio a possuir-se desta península.

Nada ficará por dizer logo que citarmos as duas excursões dos naturalistas franceses Aucher Eloy ao país de Omana, e Emílio Botta ao Iémen, logo que falarmos nos trabalhos de um cônsul de França em Djedda, Fuleêncio Fresnel, a propósito dos idiomas e das antiguidades da Arábia. Este último, nas suas cartas acerca da história dos Árabes antes do islamismo, publicadas em 1836, foi um dos primeiros a estudar a língua himiarita ou homerita, e a reconhecer que mais se aproxima dos antigos dialetos hebraico e siríaco do que do árabe atual.

No princípio deste volume falou-se nas explorações e nas investigações arqueológicas e históricas de Seetzen e de Burckhardt na Síria e na Palestina. Resta-nos dizer algumas palavras de uma excursão cujo resultado interessava muito particularmente a geografia física. Trata-se da viagem de um naturalista bávaro, Heinrich Schubert.

Católico ardente, erudito entusiasta, Schubert sentiu-se atraído pelas paisagens melancólicas da Terra Santa, pelas suas lendas maravilhosas, pelas margens inundadas de sol do Nilo misterioso, de históricas recordações. Por isso encontram-se na sua relação as impressões profundas do crente e as preocupações científicas do naturalista.

Foi em 1837 que Schubert, depois de ter percorrido o Egito inferior e a península do Sinai, penetrou na Terra Santa. Dois dos seus amigos, um médico, o

Dr. Erdl, um pintor, Martinho Bernatz, acompanharam o sábio peregrino bávaro

Os viajantes, desembarcando em El-Akabah, no mar Vermelho, dirigiram-se com uma pequena caravana árabe a El-Khalil, o antigo Hébron. A estrada que seguiram ainda não fora pisada pelo pé de um europeu. Era um vale longo e chato, que acabava no mar Morto, e parecia ter-lhe servido outrora de escoadouro para o mar Vermelho. Burckhardt e muitos outros, que apenas o tinham avistado, haviam sentido a mesma impressão e atribuíam a um levantamento do sol a interrupção desse escoadouro. As alturas, levantadas pelos viajantes, iam demonstrar a falsidade dessa hipótese.

Efetivamente, a partir do fundo do golfo Elanítico, a estrada sobe durante dois ou três dias de marcha, até um ponto a que os Árabes chamam a Sella, depois torna a descer até ao mar Morto. Esse ponto de divisão está a setecentos metros acima do nível do mar. Foi pelo menos o que reconheceu, no ano imediato, um viajante francês, o conde de Bertou, que explorou as mesmas localidades.

Descendo para o lago Asfaltite, Schubert e os seus companheiros entregaram-se a outras observações barométricas e ficaram muito surpreendidos de ver o seu instrumento acusar «noventa e um pés» abaixo do mar Vermelho e níveis cada vez menos elevados.

Primeiro, tinham imaginado que seria engano, mas tiveram de se render à evidência e de reconhecer que nunca o lago Asfaltite se pudera despejar no mar Vermelho, pela excelente razão de que o seu nível lhe fica muito inferior.

Ora, esta escavação do mar Morto é ainda muito mais sensível para quem, vindo de Jerusalém, caminha para Jericó. Percorre então um extenso vale de ladeiras rapidíssimas e que parece mesmo tanto mais rápido quanto as planícies montuosas da Pérsia, da Judeia e do Haurão são altíssimas, elevando-se mesmo estas últimas a perto de três mil pés acima do nível do mar.

Entretanto o aspeto dos lugares e o testemunho dos instrumentos estavam em contradição tão formal com as ideias até aí recebidas, que os Srs. Erdl e Schubert só com uma certa dúvida acolheram esses resultados, que atribuíram ao

desarranjo do seu barómetro e a algumas perturbações súbitas da atmosfera. Mas durante o seu regresso a Jerusalém, o barómetro voltou à altura média que acusava antes da sua partida para Jericó. Não houve remédio senão admitir que o mar Morto está seiscentos pés, pelo menos, abaixo do Mediterrâneo, algarismo que as explorações posteriores iam ainda mostrar que era metade da realidade.

Deve-se convir que fora essa uma feliz retificação, que devia ter uma influência considerável na ciência, chamando a atenção dos sábios para um fenómeno que outros exploradores iam verificar em breve.

Ao mesmo tempo o estudo físico da bacia do mar Morto completava-se e retificava-se. Dois missionários americanos, Edward Robinson e Eli Smith, davam, em 1838, um impulso completamente novo à geografia bíblica. Eram os precursores dessa falange de viajantes naturalistas, de historiadores, de arqueólogos, de engenheiros, que iam em breve, debaixo dos auspícios da Associação Inglesa ou ao lado dessa sociedade, explorar em todos os sentidos a terra dos patriarcas, levantar-lhe a carta em todos os seus pormenores, proceder enfim a descobertas múltiplas, que deviam projetar uma luz nova sobre os povos antigos, sucessivamente possuidores desse canto da bacia do Mediterrâneo.

Mas não foi só este país, tão interessante pelas recordações que evoca em todas as almas cristãs, que se viu objeto dos estudos dos eruditos e dos viajantes. Toda a Á^{c}ia Menor ia em breve entregar à curiosidade do mundo sábio os tesouros que encerrava no seu solo. Os viajantes atravessavam-na em todos os sentidos. Perot visitava a Arménia; Dubois de Montpéreux percorria o Cáucaso em 1839; Eichwald, em 1825 e em 1826, explorava as margens do mar Cáspio, enfim, Alexandre de Humboldt, graças à generosidade do imperador da Rússia, Nicolau, completava na parte asiática da Rússia e no Ural as observações de física geral e de geografia que tão corajosamente fizera no Novo Mundo. Com o mineralogista Gustavo Rose, o naturalista Ehremberg, bem conhecido pelas suas viagens no Alto Egito e na Núbia, com o barão de Helmersen, oficial de engenheiros, Humboldt percorria a Sibéria e visitava as minas de ouro e de

platina do Ural, explorava as estepes do Cáspio e a cordilheira do Altai até à fronteira da China. Esses sábios tinham dividido o trabalho entre si: Humboldt encarregara-se das observações astronómicas, magnéticas, físicas e de história natural; Rose redigia o diário da viagem, que publicou em alemão, de 1837 a 1842.

Os resultados científicos desta exploração, tão rápida contudo — em nove meses apenas, os viajantes não tinham percorrido menos de 11500 milhas —, foram consideráveis.

Numa primeira publicação, que apareceu em Paris em 1838, Humboldt não se ocupava senão da climatologia e da geografia da Ásia, mas a esse trabalho fragmentário sucedia em 1843 uma obra magistral — a *Ásia Central.*

«Consignou nesse livro», diz La Roquette, «e sistematizou os principais resultados científicos da sua excursão à Ásia e entregou-se a considerações sobre a forma dos continentes, sobre a configuração das montanhas da Tartária; nela estuda sobretudo essa vasta depressão que se estende da Europa boreal até ao centro da Ásia, para além do mar Cáspio e do Arai.»

Devemos deixar agora a Ásia e passar em revista as diferentes expedições que tinham sucedido umas às outras no Novo Mundo, desde o princípio do século. Na época em que Lewis e Clarke atravessavam a América do Norte, desde os Estados Unidos até ao oceano Pacífico, um jovem oficial, o tenente Zabulon Montgomery Pike, era encarregado pelo Governo, em 1807, de reconhecer as nascentes do Mississípi. Devia tentar, ao mesmo tempo, conciliar a amizade dos índios que encontrasse.

Bem recebido pelo chefe da poderosa confederação dos Sioux, presenteado com um cachimbo sagrado — talismã que lhe assegurava a proteção das tribos aliadas —, Pike subiu o Mississípi, passou diante do Chippeway e do rio de S. Pedro, afluentes consideráveis desse rio imenso. Mas para além do confluente deste rio até às cataratas de Santo António, o curso do Mississípi é interrompido por uma série contínua de cachoeiras e de quedas de água. Chegados ao 45.º grau de latitude, Pike e os seus companheiros tiveram de deixar as suas canoas e

de continuar a sua viagem de trenó. Aos rigores de um horroroso inverno em breve se juntaram as torturas da fome. Nada fez parar os intrépidos exploradores, que, continuando a seguir o Mississípi, reduzido a trezentas varas de largura, chegaram no mês de fevereiro ao lago das Sanguessugas, onde foram acolhidos afavelmente num acantonamento de caçadores de peles e de armadores de redes de caça de Montreal.

Depois de ter visitado o lago do Cedro Vermelho, Pike voltou a Port-Louis. Esta viagem, penosa e perigosa, não durara menos de nove meses, e apesar de se não ter alcançado o fim desejado, não deixara de dar alguns resultados para a ciência.

A habilidade, o sangue-frio e a coragem de Pike não passaram despercebidos, e o Governo, elevando-o pouco tempo depois ao posto de major, confiou-lhe o comando de uma nova expedição.

Tratava-se desta vez de explorar a vasta extensão de território compreendido entre o Mississípi e as montanhas Rochosas, de descobrir a nascente do Arcansas e do rio Vermelho. Com vinte e três pessoas, Pike subiu o Arcansas, belo rio que é navegável até às montanhas onde nasce, isto é, durante mais de duas mil milhas, exceto de verão, em que alguns bancos de areia lhe obstruem o curso.

Mas durante essa longa navegação entrara o inverno; os padecimentos que tão duramente haviam pungido Pike durante a sua primeira expedição renovaram-se com um redobramento de vigor. A caça era tão rara que, durante quatro dias, o destacamento teve de se privar de sustento. Muitos homens tiveram os pés gelados, e uma desgraça veio aumentar as fadigas dos que tinham ficado válidos. Depois de terem chegado à nascente do Arcansas, o major, descendo ao sul, não tardou a encontrar um belo rio, que tomou pelo rio Vermelho.

Era o rio Del Norte, que nasce no Colorado, província então espanhola, e desemboca no golfo do México.

Pode-se avaliar, pelo que se disse das dificuldades que Humboldt

encontrara para alcançar licença de visitar as possessões espanholas, se esse povo tinha ou não ciúmes de ver entrar estrangeiros no seu território. Cercado logo por um destacamento de soldados espanhóis, o major Pike foi feito prisioneiro com todos os seus homens e conduzido a Santa Fé. Os seus fatos esfarrapados, os seus rostos escaveirados e o seu aspeto miserável não eram grandes recomendações a favor dos americanos, que os espanhóis a princípio tomaram por selvagens. Contudo, apenas se reconheceu o engano, Pike e o seu destacamento foram conduzidos, através das províncias interiores, a Luisiana, e chegaram, a I de julho de 1807, a Nachitoches.

O fim desgraçado desta expedição afrouxou por algum tempo o zelo do Governo, mas não dos simples particulares, negociantes ou caçadores, cada vez mais numerosos naquele país. Muitos mesmo atravessaram a América de um lado ao outro, do Canadá ao Pacífico. Entre esses viajantes isolados, devemos mais especialmente citar Daniel Williams Harmon, associado da Companhia do Noroeste, que, viajando entre 47 e 58 graus de latitude norte, viu os lagos Huron, Superior, das Chuvas, dos Bosques, Manitoba, Winnipeg, Atabasca, do Grande Urso, e chegou ao oceano Pacífico.

A Companhia das peles de Astoria, estabelecimento situado na embocadura do Colúmbia, fez também muito pela exploração e pela travessia das montanhas Rochosas.

Quatro associados dessa Companhia, partindo de Astoria no mês de junho de 1812, tinham subido o Colúmbia, atravessado as montanhas Rochosas, e seguindo a lés-sueste, depois de terem chegado a uma das nascentes do Platte, que desceram até ao Missuri, através de um país que ninguém explorara antes deles, tinham chegado a S. Luís a 30 de maio de 1813.

Em 1811, outra expedição, composta de sessenta homens, deixando S. Luís, subira o Missuri até às aldeias dos Ricaras; depois de terem passado grandes privações e perdido muitos homens por falta de alimento e por fadiga, tinham chegado a Astoria no princípio de 1812.

Estas viagens não tinham dado só em resultado o reconhecimento

topográfico do terreno, haviam produzido descobertas bem singulares e completamente imprevistas. Foi assim que no vale de Ohio, desde o estado do Ilinóis até ao México, se tinham encontrado ruínas e fortificações ou entrincheiramentos guarnecidos de fossos e de uma espécie de baluarte, muitos dos quais cobriam cinco ou seis jeiras de terreno.

A que nação se deviam atribuir esses trabalhos, que denotavam uma civilização muito superior à dos índios? Problema difícil, cuja solução ainda se não encontrou.

Já alguns filólogos, alguns historiadores, pensavam com amargura na desaparição das tribos Índias, que até ali não tinham sido observadas senão superficialmente, e lamentavam que elas desaparecessem sem se haverem estudado as línguas que falavam. O conhecimento dessas línguas, comparadas com as do mundo antigo, teria dado talvez alguns indícios inesperados sobre a origem dessas tribos errantes. Ao mesmo tempo principiava-se a estudar a flora e a zoologia do país, ciências que reservavam aos futuros exploradores tão maravilhosas surpresas.

Era tão importante para o Governo dos Estados Unidos proceder rapidamente ao reconhecimento dos vastos territórios que o separavam do Pacífico, que não podia abster-se por muito tempo de organizar uma nova expedição.

O secretário de Estado dos Negócios da Guerra, em 1809, encarregou o major Long de explorar o território situado entre o Mississípi e as montanhas Rochosas, de reconhecer o curso do Missuri e dos seus principais afluentes, de fixar por observações astronómicas os pontos mais notáveis, de estudar as tribos Índias, de descrever enfim tudo o que o território e as produções dos três reinos apresentassem de interessante.

Partindo de Pittsburgo a 5 de maio de 1819, no barco a vapor *Engenheiro Ocidental*, a expedição chegou a 30 de maio ao confluente de Ohio com o Mississípi, que subiu até chegar a S. Luís.

A 29 de junho era reconhecida a embocadura do Missuri. Durante o mês de

julho, o Sr. Tay, encarregado das observações zoológicas, percorreu a região até ao forte Osage, aonde foi ter com ele o vapor. O major Long aproveitou a sua demora neste sítio para mandar um destacamento reconhecer o território entre Kansas e o Platte, mas esse destacamento, atacado e roubado, teve de voltar para trás, depois de ter visto os índios roubarem-lhe os cavalos.

Quando recebeu, na ilha das Vacas, um reforço de quinze homens de tropas, a expedição chegou a 19 de setembro ao forte Lisa, perto de Council-Bluff, onde assentou os seus quartéis de inverno. Violentamente atacados pelo escorbuto, os americanos, que não possuíam remédio algum contra essa terrível doença, perderam sete homens, quase o terço do seu efetivo.

O major Long, que entretanto partira para Washington com uma canoa, trazia ordem de parar com a viagem ao longo do Missuri e de passar as nascentes do Platte, para ir ter dali ao Mississípi pelo Arcansas e o rio Vermelho.

A 6 de junho, os exploradores deixaram pois o acantonamento dos Engenheiros, como eles tinham chamado aos seus quartéis de inverno, e subiram, durante mais de cem milhas, o vale do Plate, prados relvosos, povoados de imensos rebanhos de búfalos e de gamos, que os forneceram de víveres com abundância.

A esses prados sem limite, cuja monotonia nem uma só colina vem romper, sucede um deserto de areia, que sobe numa ladeira suave durante um espaço de perto de quatrocentas milhas, até às montanhas Rochosas, cortado de *barrancas* a prumo, de *canons* e de desfiladeiros, no fundo dos quais murmura, por baixo de uma vegetação enfezada e rara, algum magro regato; esse deserto não tem outros vegetais senão os catos, de pontas agudas e temíveis.

A 6 de julho a expedição chegara à falda das montanhas Rochosas. O Dr. James escalou um dos picos, a que deu o seu nome, e que se eleva a onze mil e quinhentos pés acima do nível do mar.

«Do cume desses picos», diz o botânico, «o olhar abarca, a noroeste e a sudoeste, inumeráveis montanhas, todas brancas de neve. As mais afastadas revestem-se de neve até à base. Imediatamente debaixo dos nossos pés, a oeste,

ficava o estreito vale do Arcansas, cujo curso para noroeste podíamos seguir a mais de sessenta milhas. Na vertente setentrional da montanha estava uma enorme massa de neve e de gelo, a leste estendia-se a grande planície, elevando-se à medida que se afastava, até que na extremidade do horizonte parecia confundir-se com o céu.»

Foi neste sítio que se dividiu a expedição em dois destacamentos.

Um, às ordens do major Long, devia dirigir-se para as nascentes do rio Vermelho; o outro, comandado pelo capitão Bell, ia descer o Arcansas até ao porto Smith. Os dois destacamentos separaram-se a 24 de julho. O primeiro, enganado pelas informações que lhe davam os índios Kaskaias e pela inexatidão dos mapas, tomou o Canadiano pelo rio Vermelho, e não percebeu o seu erro senão quando chegou à confluência desse rio com o Arcansas.

Esses Kaskaias eram na verdade os mais miseráveis de todos os selvagens, mas, intrépidos cavaleiros, primavam em capturar com o laço esses selvagens *mustangs*, descendentes dos cavalos importados para o México pelos conquistadores espanhóis.

O segundo destacamento vira-se abandonado por quatro soldados, que tinham levado, com uma grande quantidade de objetos preciosos, os diários de viagem de Say e do tenente Swift.

Os dois destacamentos tinham, além disso, padecido com a falta de provisões nesses desertos, cobertos de uma camada de areia, cujos rios levam simplesmente uma água salobra ou lamacenta.

A expedição trazia para Washington umas sessenta peles de animais bravos, muitos milhares de insetos, sendo quinhentos novos, um herbário de quatrocentas ou quinhentas plantas desconhecidas, numerosas vistas do país e os materiais de um mapa das regiões percorridas.

O comando de uma nova expedição foi dado, em 1828, ao mesmo major Long, cujos serviços tinham sido vivamente apreciados. Deixando Filadélfia no mês de abril, dirigiu-se ao Ohio, atravessou o estado que tem esse nome, os estados de Indiana e de Ilinóis. Depois de ter chegado ao Mississípi, subiu até à

embocadura do rio de S. Pedro, outrora visitado por Carver, depois pelo barão La Hontan. Long seguiu-o até à nascente, encontrou o lago Travers, chegou ao lago Winnipeg, explorou o rio do mesmo nome, viu o lago dos Bosques, o das Chuvas, e chegou ao planalto que separa a bacia da baía de Hudson da de S. Lourenço.

Chegara enfim, pelo lago da Água Fria e pelo rio do Cão, ao lago Superior.

Apesar de todas essas localidades serem, havia largos anos, percorridas pelos sertanejos canadianos. Delos armadores de redes e pelos caçadores, era a primeira vez que uma expedição oficial as visitava com a missão de lhes levantar o mapa.

Os viajantes ficaram logo impressionados com a beleza dos territórios banhados pelo Winnipeg. O curso deste rio, frequentemente interrompido por cachoeiras e cascatas do mais pitoresco efeito, passa entre duas muralhas a prumo de rochas de granito toucadas de verdura. A beleza dessas paisagens, sucedendo à monotonia das planícies e das savanas, que tinham atravessado até então, encheu de admiração os viajantes.

A exploração do Mississípi, abandonada desde a expedição de Montgomery Pike, foi retomada em 1820 pelo general Cass, governador do Michigão. Partindo de Detroit, no fim de maio, com uma comitiva de vinte homens costumados ao mister de sertanejos, chegou ao alto Mississípi, depois de ter visitado os lagos Huron, Superior e Sandy. A sua escolta, exausta, teve de acampar neste sítio, ao passo que ele prosseguia de canoa a exploração do rio. Durante cento e cinquenta milhas o Mississípi corria com rapidez e sem obstáculo; mas a essa distância o seu leito era cortado de cachoeiras, durante uma dúzia de milhas, até à queda de Peckgama. Acima desta catarata, a corrente, muito menos rápida, serpeava, através de imensas savanas, até ao lago das Sanguessugas.

Depois de ter chegado ao lago Winnipeg, Cass chegou a 21 de julho a esse novo lago, que recebeu o seu nome, mas não quis ir mais longe com os fracos recursos que possuía em munições, em víveres e em homens.

Tinham-se aproximado da nascente do Mississípi, mas não haviam lá chegado. A opinião geral era que o rio saía de um pequeno lago situado a sessenta milhas do lago Cass e que tinha o nome de lago da Corça.

Contudo, foi só em 1832, quando o general Cass era secretário de Estado dos Negócios da Guerra, que se pensou em resolver esse importante problema.

O comando de uma expedição de trinta pessoas, em que entravam dez soldados, um oficial encarregado de trabalhos hidrográficos, um cirurgião, um geólogo, um intérprete e um missionário, foi dado a um viajante chamado Schoolcraft, que no ano antecedente explorara o país dos Chippeways, ao noroeste do lago Superior.

Schoolcraft, partindo de Santa Maria a 7 de junho de 1832, visitou as tribos do lago Superior e entrou logo no rio de S. Luís.

Cento e cinquenta milhas separavam então Schoolcraft do Mississípi. Não foram necessários menos de dez dias para fazer esse trajeto, por causa das cachoeiras e das cataratas. A 3 de julho chegava a expedição à feitoria de um comerciante chamado Aitkin, à beira do rio, e ali celebrava, no dia seguinte, o aniversário da independência dos Estados Unidos.

Dois dias depois, Schoolcraft achava-se defronte da catarata de Peckgama e acampava na ponte dos Carvalhos. Neste sítio dava o rio muitas voltas no meio das savanas; mas os guias conduziram a expedição por veredas que abreviaram consideravelmente a distância.

O lago do Báculo e o lago Winnipeg foram depois atravessados, e Schoolcraft chegou, a 10 de julho, ao lago Cass, ponto para diante do qual se não tinha passado nas expedições precedentes.

Um bando de Chippeways conduziu os viajantes ao acampamento que ocupavam numa ilha do lago. O comandante, seguro das disposições amigáveis desses selvagens, deixou nesse sítio uma parte da sua escolta, e, acompanhado pelo tenente Alien, pelo cirurgião Houghton, por um missionário e por muitos selvagens, partiu numa piroga.

Os lagos Tascodiac e Travers foram sucessivamente visitados.

Um pouco para além deste último, divide-se o Mississípi em dois braços, bifurca-se. O guia conduziu Schoolcraft pelo braço de leste, e, fazendo-lhe atravessar os lagos Marquetite, Lasalle e Kubbakunna, levou-o ao confluente do Naiwa, principal tributário desse braço, que sai de um lago infestado por serpentes de cabeça acobreada. Enfim, depois de ter passado pelo pequeno lago Usawa, chegou a expedição ao lago Itasca, de onde sai o braço itascano ou ocidental do Mississípi.

O lago Itasca, ou da Corça, como lhe chamavam os Franceses, não tem mais de seis a sete milhas de extensão e é rodeado de colinas, que a folhagem escura dos pinheiros vem ensombrar.

No entender de Schoocraft fica a uns mil e quinhentos pés acima do nível do oceano, mas não se deve ligar grande importância a essas medidas, porque o comandante não tinha instrumentos à sua disposição.

A expedição seguiu, para voltar ao lago de Cass, o braço ocidental, e reconheceu-lhe os principais afluentes. Schoolcraft explorou depois os índios que frequentavam essas regiões e concluiu tratados com eles.

Em resumo, o fim a que o Governo tinha aspirado estava conseguido, e o Mississípi era então explorado desde a nascente até à embocadura.

A expedição trazia uma quantidade considerável de notícias interessantes acerca dos usos e costumes, da história e da língua dos indígenas; enfim, a história natural recebeu um amplo contingente de espécies novas e pouco conhecidas.

Mas a atividade dos povos dos Estados Unidos não se limitava a essas explorações oficiais. Um grande número de armadores de redes de caça se arrojavam através de novos países.

Absolutamente analfabetos, pela maior parte, não puderam eles fazer com que as suas descobertas aproveitassem à ciência.

Já não diremos o mesmo de Jacques Pattie, que publicou a narrativa das suas aventuras romanescas e das suas perigosas excursões pela região que se estende entre o Novo México e a Nova Califórnia. Descendo o rio Gila até à sua

embocadura, Pattie visitou povos quase ignorados, os Jotans, os Eiotaros, os Papawars, os Mokees, os Yumas, os Mokawas, os Nabahos, etc., com os quais tinha sempre havido raríssimas relações.

Descobriu também, nas margens do rio Elotario, ruínas de antigos monumentos, muros de pedra, fossos e olarias, e, nas montanhas próximas, minas de cobre, de chumbo e de prata.

Deve-se igualmente um curioso diário de viagem ao Dr. Willard que, durante uma residência de três anos no Novo México, visitou o rio Del Norte, desde a nascente até à embocadura.

Enfim, em 1831, o capitão Wyeth e seu irmão exploraram o Oregão e seguidamente a parte vizinha das montanhas Rochosas.

Desde a viagem de Humboldt ao México, sucedem-se os exploradores na América Central. Bernasconi, em 1787, descobrira as ruínas de Palenqué, hoje famosas; António dei Rio dera dessas ruínas em 1822 uma descrição minuciosa, que acompanhara até com alguns desenhos, devidos ao lápis de Frederico Waldeck, o futuro explorador daquela cidade morta.

O capitão Guilherme Dupaix e o desenhador Castaneda, desde 1805 até 1807, haviam feito três viagens sucessivas ao estado de Chiapa e a Palenqué, e o resultado das investigações apareceu em 1830 numa magnífica obra, cujos desenhos, de Agostinho Aglo, foram executados à custa de Lord Kingsborough.

Enfim, em 1832, Waldeck ia para Palenqué, ali residia dois anos inteiros, fazia escavações, levantava as plantas e os perfis dos monumentos, procurava reproduzir textualmente os hieróglifos ainda inexplicados que os revestem, e reunia, tanto acerca da história natural, como acerca dos costumes dos habitantes, uma infinidade de informações absolutamente novas.

Devemos igualmente citar o coronel D. Juan Galindo, o audacioso explorador de Palenqué, de Utatlan, de Copan e de outras cidades que estavam enterradas no fundo das florestas tropicais.

Depois da longa residência que Humboldt fizera na América equinocial, o impulso que as suas explorações pareciam dever dar aos estudos geográficos

achou-se singularmente embaraçado pela luta das colónias espanholas contra a sua metrópole.

Contudo, logo que os governos indígenas adquiriram uma tal ou qual estabilidade, arrojaram-se alguns exploradores intrépidos através desse mundo, que era então para eles verdadeiramente novo, porque o ciúme desconfiado dos Espanhóis o fechara até então às investigações curiosas dos sábios.

Naturalistas e engenheiros percorrem a América meridional ou vão ali estabelecer-se. Não tarda mesmo (1817-1820) que os Governos da Áustria e da Baviera cheguem a um acordo, para enviar ao Brasil uma expedição científica, à testa da qual colocam os Drs. Spix e Martius, que juntam numerosas observações acerca da botânica, da etnografia, da estatística e da geografia dessas regiões tão superficialmente conhecidas, e Martius escreve sobre a flora do país uma obra monumental.

Esta publicação, de um valor inestimável, feita à custa dos Governos da Áustria e da Baviera, parece um dos modelos do género.

Na mesma época as compilações especiais: *os Anais das Viagens*, de Malte-Brun, e o *Boletim, da Sociedade de Geografia*, para não citar senão obras francesas, fazem o mais vivo acolhimento a quantas comunicações lhe são dirigidas, principalmente acerca do Brasil e da província de Minas Gerais.

Ao mesmo tempo, um general prussiano, o major-general príncipe de Wied-Neuwied, que ficara sem ter que fazer com a paz de 1815, entregava-se ao estudo das ciências naturais, da geografia e da história. Além disso, em companhia dos naturalistas Freirciss e Sellow, esse arrojado militar fazia uma viagem de exploração nas províncias interiores do Brasil e ocupava-se especialmente de história natural e de zoologia.

Anos depois, era o naturalista francês Alcidez d’Orbigny, já célebre, embora ainda muito novo, quem recebia da administração do Museu uma missão relativa à história natural da América meridional.

Durante oito anos consecutivos, D’Orbigny percorreu o Brasil, o Uruguai, a República Argentina, a Patagónia, o Chile, a Bolívia e o Peru.

«Semelhante viagem», diz Damour no discurso que proferiu no enterro de D’Orbigny, «semelhante viagem, realizada em regiões tão diversas pelas suas produções, pelo seu clima, pela natureza do seu solo e pelos costumes dos seus habitantes, apresenta a cada passo novos perigos. D’Orbigny, dotado de uma forte constituição e de um ardor infatigável, venceu obstáculos que fariam recuar muitos viajantes. Chegado às frias regiões da Patagónia, onde se achou no meio de povos selvagens constantemente em guerra, viu-se obrigado a adotar um partido e a combater nas fileiras de uma das tribos que lhe tinham dado hospitalidade. Felizmente, a vitória, declarando-se pela sua banda, permitiu-lhe que continuasse o seu caminho.»

Os resultados de tão longas investigações exigiram, para serem passados ao livro, treze anos de um trabalho incessante.

Esta obra, que toca em quase todas as ciências, deixa a uma distância enorme o que foi até aí publicado acerca da América meridional. A história, a arqueologia, a zoologia, a botânica, ocupam nesse livro o lugar de honra, mas a mais importante divisão dessa obra enciclopédica é consagrada ao *Homem Americano.*

Aí reuniu cuidadosamente o autor todos os documentos que ele próprio colecionara, analisara e criticara, e os que lhe vinham de-segunda mão, acerca dos carateres fisiológicos, dos costumes, das línguas e das religiões da América do Sul.

Uma obra desse valor devia bastar para imortalizar o nome do sábio francês e dá a maior honra à nação que o conta no número dos seus filhos.

Capítulo 4 — Os Circum-Navegadores Estrangeiros

No começo do século XIX, os Russos principiam a juntar-se às viagens que se fazem à roda do mundo. Até então o campo da sua exploração concentrou-se quase inteiramente na Ásia, e entre os seus marinheiros somente se distinguem Behring, Tchirikoff, Spangbery, Laxman, Krenitzin e Sarytcheff. Este último tomou parte considerável na viagem do inglês Billings, viagem que esteve longe de produzir os resultados que se tinha direito de esperar dos dez anos que lhe foram consagrados e das despesas consideráveis de que fora causa.

A Adão João de Krusenstern é que cabe a honra de ter sido o primeiro de todos os russos que fez a viagem à roda do mundo com um fim científico e em missão do Governo.

Tendo nascido em 1770, Krusenstern entrava em 1793 na marinha inglesa. Submetido durante seis anos a essa rude escola, que então contava os mais hábeis marinheiros do Globo, voltava para a sua pátria com um perfeito conhecimento do seu ofício e com as ideias singularmente desenvolvidas acerca do papel que a Rússia podia representar na Ásia Oriental.

Durante uma residência de dois anos em Cantão, em 1798 e 1799, Krusenstern fora testemunha dos resultados maravilhosos que haviam alcançado alguns negociantes ingleses na venda das peles que iam buscar às costas do noroeste da América russa.

Esse comércio só começara depois da terceira viagem de Cook, e os Ingleses já tinham realizado imensos lucros em detrimento dos Russos, que até aí haviam alimentado por terra os mercados da China.

Entretanto um russo, chamado Chélikoff, formara em 1785 uma companhia que, estabelecendo-se na ilha Kodiak, a igual distância da América, do Kamtchatka e das ilhas Aleutianas, não tardou a tomar um desenvolvimento considerável. O Governo compreendeu então todo o partido que podia tirar de

regiões até aí consideradas como deserdadas e dirigiu para o Kamtchatka, através da Sibéria, reforços, provisões e materiais.

Krusenstern não tardara a perceber a insuficiência desses recursos, a falta de habilidade dos pilotos e a falta de segurança dos mapas, cujos erros originavam todos os anos a perda de muitos navios, não falando já nos prejuízos que uma viagem de dois anos causava ao transporte das peles até Okkotsk e daí para Kiatka.

Como as ideias melhores são sempre as mais simples, são essas as últimas que lembram. Krusenstern foi, por conseguinte, o primeiro que demonstrou a imperiosa necessidade de se ir diretamente e por mar das ilhas Aleutianas, sítio produtor, a Cantão, o melhor mercado.

Quando voltou para a Rússia, tentou Krusenstern inculcar as suas ideias ao Sr. Koucheleff, ministro da Marinha, mas a resposta que recebeu deste funcionário tirou-lhe toda a esperança.

Foi só quando subiu ao trono Alexandre I e que o almirante Mordvinoff recebeu a pasta da Marinha que Krusenstern viu os seus esforços animados.

Em breve até, por conselho do conde Romanof, Krusenstern foi encarregado pelo imperador de executar ele mesmo os planos que propusera.

A 7 de agosto de 1802 recebeu o comando de dois navios destinados a explorar a costa noroeste da América.

Mas, se o chefe da expedição estava nomeado, não estavam escolhidos nem os oficiais nem os marinheiros que deviam segui-lo, e, quanto a navios, podia-se renunciar à esperança de os encontrar no império russo. Também se não encontraram em Hamburgo. Foi só em Londres que o capitão Lisianskoi, futuro imediato de Krusenstern, e o construtor Kasoumoff conseguiram encontrar navios que lhes pareceram próprios até certo ponto para o fim a que eram destinados.

Receberam os nomes de *Nadiejeda* e *Nevu.*

Neste meio tempo, o Governo resolveu aproveitar esta expedição para enviar ao Japão um embaixador, o Sr. de Bésanoff, com uma numerosa comitiva

e magníficos prementes destinados ao soberano do país.

A 4 de agosto de 1803 os dois navios, completamente equipados e levando a bordo cento e trinta e quatro pessoas, saíram da enseada de Cronstadt. Fizeram rápidas estações em Copenhaga e em Falmouth, a fim de substituir uma parte das carnes salgadas compradas em Hamburgo, e de calafetar o *Nadiejeda*, que principiara a meter água num temporal que assaltou a expedição no mar do Norte.

Depois de uma curta arribada às Canárias, Krusenstern procurou debalde, como La Pérouse procurara, a ilha de Ascensão, acerca de cuja existência houve opiniões diversas nestes últimos trezentos anos. Depois foi ter ao cabo Frio, cuja posição não pôde determinar exatamente, apesar do vivíssimo desejo que tinha de o fazer, porque as relações e os mapas mais recentes variavam, colocando-o uns a 23° 6’ e outros a 22° 34’. Depois de ter avistado a costa do Brasil, passou entre as ilhas de Gal e de Alvarado, passagem que La Pérouse sem razão apontara como perigosa, e entrou a 21 de dezembro de 1803 em Santa Catarina. A necessidade de substituir o mastro grande e o mastro de mezena do *Neva* demorou Krusenstern cinco semanas nesta, ilha, onde recebeu das autoridades portuguesas o mais obsequioso acolhimento.

A 4 de fevereiro puderam os dois navios continuar a sua viagem. Estavam preparados a afrontar os perigos do mar do Sul e a dobrar o cabo Horn, esse terror dos navegadores.

Se tiveram sempre bom tempo até à altura da Terra dos Estados, em compensação sucederam, a ventanias de uma violência extrema e a temporais de neve e de granizo, nevoeiros espessos, ondas extremamente altas, e um mar tão revolto que fatigava imenso os navios. A 24 de março, durante uma bruma opaca, um pouco acima da embocadura ocidental do estreito de Magalhães, perderam-se de vista os dois navios. Só tinham de se tornar a encontrar em Nouka-Hiva.

Krusenstern, depois de ter renunciado a tocar na ilha de Páscoa, foi ao arquipélago das Marquesas ou Mendoza, e determinou a posição das ilhas

Fatougou e Ouahouga, chamadas Washington pelo capitão americano Ingraham, e descobertas em 1791, poucas semanas antes, pelo capitão Marchand, que lhes chamou as ilhas da Revolução. Viu Hiva-Hoa, a Dominica de Mendana, e encontrou em Nouka-Hiva um inglês chamado Roberto e um francês chamado Cabri, que, pelo conhecimento que tinham da língua do país, lhes prestaram grandes serviços.

Os acontecimentos que relatam as narrativas desta arribada não oferecem grande interesse. A narrativa dos que relatam as viagens de Cook pode aplicar-se aos de Krusenstern. Os mesmos pormenores acerca da incontinência tão absoluta como inconsciente das mulheres, acerca da extensão dos conhecimentos agrícolas dos indígenas, acerca da sua avidez de instrumentos de ferro. Não se encontra nessa narrativa a mínima observação que não houvesse sido feita pelos viajantes precedentes, a não ser a da existência de muitas sociedades, de que são chefes o rei e os seus parentes, padres ou guerreiros distintos, com a condição de sustentar os seus súbditos em tempo de fome.

«Os membros destes clubes reconhecem-se por diferentes sinais, que trazem picados no corpo. Os do clube do rei, por exemplo, em número de vinte e seis, têm no peito um quadrilongo de seis polegadas de comprimento e quatro de largura. Roberto fazia parte desse clube. Assegurou-me que nunca teria entrado nessa sociedade se a fome o não tivesse obrigado. A sua repugnância parecia-me contudo um tanto contraditória, porque não só os que compõem semelhante sociedade não têm de se preocupar em coisa alguma com o seu sustento, mas, segundo ele mesmo confessa, os insulares consideram como uma honra o ser-se admitido nesses clubes. Imaginei portanto que essa distinção traz consigo a perda de uma parte da liberdade.»

Um reconhecimento dos arredores de Ana Maria fez descobrir o porto de Tchitchagoff, cuja entrada é difícil, é certo, mas cuja bacia fica por tal forma encravada nas terras que nem a tempestade mais violenta poderia agitar as suas águas.

A antropofagia estava ainda florescente em Nouka-Hiva, por ocasião da

visita de Krusenstern. Contudo esse explorador não conta que fosse testemunha de cenas desse género.

Em suma, Krusenstern foi acolhido com afabilidade por um rei que não parecia ter grande autoridade nesse povo de canibais, entregues aos vícios mais revoltantes.

Confessa que levaria desses insulares a mais favorável opinião se não tivesse encontrado os dois europeus a que nos referimos, cujos depoimentos esclarecidos e desinteressados foram perfeitamente acordes.

«Os Nouka-hivianos», diz o navegador russo, «trataram-nos o melhor possível; sempre se portaram com a maior honradez no seu comércio de troca connosco, sempre nos davam os cocos antes de receber o ferro. Se precisávamos de lenha e de água, estavam prontos a ajudar-nos. Raríssimas vezes tivemos de nos queixar do roubo, vício tão comum e tão espalhado em todas as ilhas deste oceano. Sempre alegres e muito contentes, parecia que estava a bondade pintada na sua fisionomia... Os dois europeus que encontrámos em Nouka-Hiva, e que tinham vivido muitos anos nesta ilha, concordaram em dizer que os habitantes são depravados, bárbaros, e, sem excetuar as mulheres, canibais em toda a extensão do termo; que o seu ar de alegria e de bondade, que tanto nos enganou, não é natural neles; que só o medo das nossas armas e a esperança de lucros os tinham impedido de dar livre curso às suas paixões ferozes. Esses europeus descreveram, como testemunhas oculares, com as maiores particularidades, cenas horríveis que se passavam quase todos os dias entre este povo, sobretudo em tempo de guerra. Contaram-nos a raiva com que esses bárbaros caem sobre a sua presa, lhe cortam a cabeça, chupam, com horrível avidez, o sangue por uma abertura que fazem no crânio, e acabam depois a sua detestável refeição. Primeiro neguei-me a acreditar nesses horrores e considerei essas informações como exageradíssimas. Mas essas narrativas baseiam-se no depoimento de dois homens que foram, durante muitos anos, não só testemunhas, mas também atores nessas cenas abomináveis. Esses dois homens eram inimigos jurados um do outro, e procuravam, caluniando-se mutuamente, captar mais o nosso espírito.

Contudo nunca se contradisseram nesse ponto. Depois as narrativas desses dois europeus concordam perfeitamente com os diversos indícios que nos impressionaram durante a nossa curta residência. Todos os dias os Nouka-hivianos nos traziam e vendiam uma grande quantidade de crânios; as suas armas eram todas ornadas de cabelos. Ossadas humanas ornavam, a seu modo, uma grande parte dos seus móveis. Faziam-nos conhecer também, pelas suas pantomimas, o seu gosto pela carne humana.»

Este quadro não pode deixar de ser um tanto carregado. Entre o otimismo de Cook e de Forster e as declarações dos dois europeus, um dos quais pelo menos era muito pouco estimável, visto ser desertor, é que deve estar a verdade.

E nós mesmos, antes de termos chegado ao grau de civilização muito requintada de que hoje gozamos, não percorremos todos os degraus da escala? Na época da idade da pedra, eram superiores os nossos costumes aos dos selvagens da Oceânia?

Não censuremos pois estes representantes da humanidade por não terem podido levantar-se mais alto do que fizeram. Nunca chegaram a constituir uma entidade nacional. Espalhados pelo imenso oceano, divididos em pequenas povoações, sem recursos agrícolas nem minerais, sem relações, sem necessidades por causa do clima em que vivem, tiveram de ficar estacionários ou de desenvolver apenas uns pequenos ramos das artes ou da indústria. E, contudo, quantas vezes os seus estofos, os seus instrumentos, as suas canoas, as suas redes, inspiraram aos viajantes a máxima admiração!

A 18 de maio de 1804, o *Nadiejeda* e o *Neva* deixaram Nouka-Hiva e fizeram-se de vela para as ilhas Sanduíche, onde Krusenstern resolvera parar, a fim de se abastecer de víveres frescos, o que não pudera fazer em Nouka-Hiva, onde apenas encontrara sete porcos.

Mas os seus projetos malograram-se. Os naturais de Owyhee e Havai só levaram aos navios, que bordejavam diante da costa sudoeste, muito poucas provisões. Por isso não queriam cedê-las senão a troco de pano, que Krusenstern se viu na impossibilidade de lhes dar. Seguiu logo o seu caminho para o

Kamtchatka e para o Japão, deixando o *Neva* diante da aldeia de Karakakoua, onde o capitão Lisianskoi tencionava abastecer-se.

A 14 de julho, o *Nadiejeda* entrava em S. Pedro e S. Paulo, capital do Kumtchatka, onde a tripulação encontrou, juntamente com víveres frescos, um descanso que ganhara bem. A 30 de agosto os russos saíam de novo ao mar.

Acolhido por espessas brumas e mares verdes, Krusenstern procurou, sem as encontrar, algumas ilhas traçadas num mapa encontrado a bordo do galeão espanhol capturado por Anson, cuja existência fora sucessivamente acolhida ou rejeitada por diferentes cartógrafos, mas que figuram no mapa dos atlas da viagem de La Billardière.

O navegador passou depois pelo estreito de Van-Diémen, entre a grande ilha Kiusiu e Tanega-Sima, estreito até então mal indicado, e, retificando a posição do arquipélago Liou-Kieou, que os Ingleses colocavam ao norte do estreito de Van-Diémen e os Franceses demasiadamente ao sul, fez o estudo, o levantamento e a nomenclatura do litoral da província de Satsuma.

«O aspeto dessa parte de Satsuma é encantador», diz Krusenstern. «Como seguíamos ao longo da costa e a pequena distância, podíamos ver distintamente todos os sítios pitorescos que ela nos apresentava. Variavam e sucediam rapidamente uns aos outros, à medida que o navio caminhava. A ilha é apenas uma reunião de píncaros, uns terminando em pirâmide, outros em cúpulas ou em cone, todos abrigados pelas altas montanhas que os rodeiam. Se a natureza foi com esta ilha pródiga de ornamentos, a indústria dos Japoneses soube ainda acrescentar-lhe outros. Não há nada que iguale a riqueza de cultura que se admira em todos os sítios. Talvez nos não houvesse impressionado se se limitasse aos vales próximos das costas — esses terrenos também não são desprezados na Europa —, mas aqui, não só as montanhas são cultivadas até ao cimo, mas os próprios rochedos, que orlam a praia, são cobertos de campos e de plantações, que formam com a cor sombria da sua base um contraste singular e novo para os olhos.

Ficámos também muito espantados ao ver uma alameda de grandes

árvores, que se prolongava pela costa a perder de vista através de montes e vales. Distinguiam-se ali a certas distâncias bosques destinados sem dúvida para o descanso dos viajantes pedestres, para os quais provavelmente foi essa estrada feita. É difícil levar tão longe como se leva no Japão o cuidado com os viajantes, porque vimos uma alameda semelhante ao pé de Nangasaque, e outra ainda na ilha de Meac-Sima.»

Apenas o *Nadiejeda* fundeara na entrada do porto de Nangasaque, logo Krusenstern viu aparecerem-lhe a bordo muitos dáimios, que lhe traziam a proibição de ir mais adiante.

Apesar de os russos estarem ao facto da política de isolamento seguido pelo Governo japonês, esperavam que, trazendo a bordo um embaixador da Rússia, nação vizinha e poderosa, receberiam um acolhimento menos ofensivo. Esperavam também gozar uma liberdade relativa, de que se teriam aproveitado para colher informações acerca desse país então pouquíssimo conhecido, porque o único povo que lá era admitido impusera a si próprio a obrigação de nada dizer a seu respeito.

Mas viram as suas esperanças malogradas. Longe de gozarem da mesma latitude que os Holandeses, viram-se rodeados, durante todo o tempo que ali estiveram, de uma vigilância tão minuciosa como ofensiva e até foram retidos como prisioneiros.

Se o embaixador obteve licença para desembarcar com a sua comitiva armada, favor inaudito de que não havia exemplo, os marinheiros não puderam afastar-se do escaler. Quando se lhes permitiu desembarcar, cercou-se de paliçadas e muniu-se de dois corpos de guarda o sítio em que deviam passear.

Foi proibido escrever para a Europa pela via de Batávia, foi proibido conversar com os capitães holandeses, foi proibido ao embaixador sair de casa, foi proibido... Esta palavra resume laconicamente o acolhimento, que estava bem longe de ser cordial, dos Japoneses.

Krusenstern aproveitou a sua longa residência neste sítio para fazer largos consertos no seu navio. Estava essa operação quase no fim quando se anunciou a

vinda de um enviado do imperador, de tão alta dignidade que, segundo a expressão dos intérpretes, «ousava olhar para os pés de Sua Majestade Imperial».

Essa personagem a primeira coisa que fez foi não querer aceitar os presentes do czar, com o pretexto de que o imperador seria obrigado a mandar outros com uma embaixada, o que seria contrário aos costumes do país; depois declarou que era proibido expressamente a qualquer navio apresentar-se nos portos do Japão e que era igualmente proibido aos russos comprar coisa alguma; declarava porém ao mesmo tempo que as provisões fornecidas para conserto do navio e os víveres entregues até esse dia seriam pagos à custa do imperador do Japão.

Perguntou também se ainda levavam tempo as reparações do *Nadiejeda*, Krusenstern percebeu e mandou apressar os preparativos da partida.

Realmente não valera a pena esperar semelhante resposta desde o mês de outubro até ao mês de abril! Um dos resultados que o Governo desejava ficara tão longe de se conseguir, que nenhum navio russo podia daí por diante entrar num porto japonês. Política mesquinha e ciosa, que ia atrasar meio século a prosperidade do Japão!

A 17 de abril, o *Nadiejeda* levantara ferro e principiava uma expedição hidrográfica muito frutífera. Só La Pérouse é que precedera Krusenstern nos mares que ficam entre o Japão e o continente. Por isso o navegador russo desejava ligar as suas investigações com as do seu predecessor e preencher as lacunas que este fora obrigado a deixar, por falta de tempo, na geografia desses mares.

«O meu plano», diz Krusenstern, «era explorar as cos tas sudoeste e noroeste do Japão, determinar a posição do estreito de Sangar, a que os mapas de Arrowsmith, no *Piloto do Mur do Sul*, e os do atlas da viagem de La Pérouse atribuem cem milhas de largura, ao passo que os Japoneses só lhe dão uma milha holandesa; levantar a costa ocidental do leso, procurar descobrir a ilha Karafouto, indicada, segundo uma carta japonesa, nalguns mapas modernos,

entre leso e Saghalien, cuja existência me parecia muito provável; examinar esse novo estreito e fazer o levantamento completo da ilha Saghalien, desde o cabo Crillon até à costa noroeste, de onde, se eu lá encontrasse um bom porto, mandaria uma chalupa para verificar a passagem ainda problemática que separa a Tartária de Saghalien, enfim tentar passar por outro canal ao norte do estreito da Bússola, entre as Kourilas.»

Esse plano tão minucioso ia Krusenstern realizá-lo em grande parte. Só os reconhecimentos da costa ocidental do Japão e do estreito de Sangar, assim como os do estreito que fecha ao norte a Mancha de Tarakai é que não puderam ser feitos pelo navegador russo, que deixou, contra sua vontade, aos seus sucessores o cuidado de terminarem essa importante operação.

Krusenstern meteu-se pois no estreito de Coreia, verificou com relação à longitude da ilha de Tsus uma diferença de trinta e seis minutos entre o seu cálculo e o de La Pérouse — diferença que se acha retificada neste pelas tábuas de correção de Dagelet, que é indispensável consultar.

O explorador russo achou-se igualmente de acordo com o marinheiro francês para notar que a declinação da agulha magnética é pouquíssimo sensível nestas paragens.

Sendo muito incerta a posição de Sangar entre leso e Niphon, Krusenstern desejava fixá-la com certeza e rigor. A boca, situada entre o cabo Sangar, a 40° 16’ 30” de latitude e 219° 46’ de longitude, e o cabo do Nadiejeda ao norte a 41° 25’ 10” de latitude e 219° 50’ 30” de longitude, não tem mais de nove milhas de largura. Ora, La Pérouse, que, não a tendo reconhecido, se fiava no mapa do navegador holandês Vries, dava-lhe cento e dez milhas. Era uma importante retificação.

Krusenstern não entrou neste estreito. Queria verificar a existência de uma certa ilha Karafouto, Tchoka ou Chicha, colocada entre leso e Saghalien num mapa que aparecera em Sampetersburgo em 1802 e baseado no que levara à Rússia o japonês Koday. Subiu, pois, a curta distância, a costa do leso, deu nome às suas principais denticulações, e fez uma pequena paragem na ponta

setentrional dessa ilha, à entrada do estreito de La Pérouse.

Ali soube dos Japoneses que Saghalien e Karafouto são uma só ilha.

A 10 de maio de 1805, quando desembarcou em leso, ficou espantado Krusenstern de achar a estação tão pouco adiantada. As árvores não tinham folhas, havia ainda em vários sítios uma camada espessa de neve, e a impressão do viajante foi que precisaria de subir até Arcangel para encontrar nessa época tão rigorosa temperatura. A explicação desse fenómeno devia encontrar-se depois quando se conhecesse melhor a direção da corrente gelada que, saindo do estreito de Béringue, segue ao longo do Kamtchatka, das Kourilas e de leso.

Durante essa curta arribada e durante a que Krusenstem fez em Saghalien, pôde observar os Ainos, povo que em nada se parecia com os Japoneses, pelo menos com aqueles que as relações com a China haviam modificado e que tinham possuído leso toda, antes de estes últimos se estabelecerem.

«A sua estatura, a sua fisionomia, a sua língua, o seu modo de vestir», conta o viajante, «tudo prova que têm origem comum (com os de Saghalien) e que não formam senão uma única nação. É o que explica como o capitão do navio *Custricum,* não tendo acertado com o estreito de La Pérouse, pôde supor em Aniva e em Atkis que estava ainda na mesma ilha. Os Ainos têm quase todos a mesma estatura, que vai de cinco pés e duas polegadas a cinco pés e quatro polegadas. Têm a tez de um trigueiro-escuro, quase negro, a barba espessa e comprida, os cabelos negros e espetados, lisos e caídos para trás. As mulheres são feias; a sua tez, tão escura como as dos homens, os seus cabelos negros, penteados para a cara, os beiços pintados de azul e as suas mãos picadas, esse conjunto afeiado ainda por um vestuário sujo, não contribui decerto para as tornar agradáveis. Devo fazer-lhes justiça acrescentando que são muito bem comportadas e muito modestas. O característico principal da índole dos Ainos é a bondade. Brilha em todas as suas feições e manifesta-se em todas as suas ações. O vestuário dos Ainos consiste em geral em peles de cães e de focas. Vi, contudo, muitos que vestiam outro fato, muito semelhante aos *parkis* dos Kamtchadales, que são propriamente umas camisas largas vestidas por cima do

outro fato. Os habitantes de Aniva usavam todos peles; até as botas eram de pele de foca. As mulheres andavam vestidas com a mesma espécie de peles.»

Depois de ter passado o estreito de La Pérouse, Krusenstem parou na baía de Aniva, na ilha Saghalien. O peixe era tão abundante nessa baía que duas feitorias japonesas empregavam mais de quatrocentos ainos a limpá-lo e a secá-lo. Não se pescava com redes, tirava-se com baldes na vazante.

Depois de ter feito o levantamento do golfo de Paciência, que só fora examinado em parte pelo holandês Vries, e no fundo do qual se lança um rio que recebeu o nome de *Neva,* Krusenstern interrompeu o reconhecimento de Saghalien para fazer o levantamento das Kourilas, cuja posição só incompletamente fora determinada; depois, a 5 de junho de 1805, entrou em Petropavlovsk, onde desembarcou o embaixador e a sua comitiva.

No mês de julho, depois de ter passado o estreito da Nadiejeda, entre Matoua e Rachoua, duas das Kourilas, Krusenstern continuou com o levantamento da costa oriental de Saghalien, nos arredores do cabo Paciência. Os seus arredores eram extremamente pitorescos com as suas colinas alcatifadas de verdura e de árvores pouco elevadas, as suas praias orladas de moitas. O interior apresentava aos olhos uma linha uniforme e monótona de altas montanhas.

O navegador seguiu essa costa deserta e sem margens em toda a sua extensão até aos cabos Maria e Isabel. Entre eles se encrava na terra uma grande baía, no fundo da qual está uma pequena aldeia de trinta e sete casas, a única que os russos tinham visto desde que haviam saído da baía da Providência.

Não era habitada por ainos, mas sim por tártaros, como se pôde verificar dias depois.

Krusenstern penetrou depois no canal que separa Saghalien da Tartária, mas, apenas chegou a cinco milhas de abertura, logo a sonda acusou só seis braças. Não se podia pensar em ir mais adiante. Deu ordem logo para atravessar o navio, enquanto uma embarcação partia com ordem de seguir as duas margens e de explorar o meio do canal até encontrar só três braças. Teve de lutar contra

uma corrente violentíssima, que tornou essa navegação extremamente penosa, corrente que se atribuiu não sem razão ao rio Amur, cuja foz não ficava longe.

Mas a recomendação, que fora feita a Krusenstern pelo governador de Kamtchatka, de se não aproximar da costa da Tartária sujeita à China, para não despertar a suspeitosa desconfiança desta potência, impediu-o de levar mais adiante o seu trabalho de levantamento. Atravessando mais uma vez o grupo das Kourilas, o *Nadiejeda* entrou de novo em Petropavlovsk.

O comandante aproveitou a sua residência neste porto para fazer alguns consertos indispensáveis no seu navio e para restabelecer os monumentos do capitão Clerke, que sucedera a Cook no comando da sua última expedição, e de Delisle de La Croyère, astrónomo francês, companheiro de Behring em 1741.

Krusenstern recebeu, durante esta última expedição, uma carta autografa do imperador da Rússia, que, em testemunho de satisfação pelos seus trabalhos, lhe enviava a condecoração de Sant'Ana.

A 4 de outubro de 1805, o *Nadiejeda* retomou, enfim, o caminho da Europa, explorando as paragens onde estavam indicadas nos mapas as ilhas duvidosas de Rica de Plata, Guadalupas, Malabrigos, S. Sebastião de Lobos e S. João.

Krusenstern reconheceu as ilhas Farellon do mapa de Anson, que têm hoje o nome de Santo Alexandre, Santo Agostinho e Vulcano, grupo que fica ao sul das Bonin-Sima. Enfim, depois de ter atravessado o canal de Formosa, entrou a 21 de novembro em Macau.

Ficou muito espantado por não encontrar ali o *Neva*, que, segundo as suas instruções, devia trazer de Kodiak uma carregação de peles, cujo produto seria empregado na compra de mercadorias chinesas. Resolveu Krusenstern, por conseguinte, esperá-lo.

Macau ofereceu ao explorador o espetáculo da grandeza decaída.

«Veem-se ali», diz a relação, «grandes praças orladas de soberbas casas, que estão rodeadas de pátios e de magníficos jardins, a maior parte vazias, estando muito diminuído o número de habitantes portugueses.

Os principais edifícios estão ocupados pelos membros das *Lojas* inglesas e holandesas... Macau tem pouco mais ou menos quinze mil habitantes.

Os chineses constituem a maior parte desta população, porque é raro ver um europeu nas ruas, a não ser algum padre ou algum frade.

“Temos mais padres que soldados!”, dizia-me um burguês de Macau. Esse dito era literalmente verdadeiro. O número de soldados é apenas de cento e cinquenta, entre os quais se não conta nem um só europeu; são todos mestiços de Macau e de Goa; nem todos os oficiais são também europeus. Seria bem difícil defender quatro grandes fortes com tão pequena guarnição. A sua fraqueza dá ensejo aos chineses, naturalmente insolentes, para acumularem insultos sobre insultos.»

No momento em que o *Nadiejeda* ia levantar ferro, apareceu enfim o *Neva.* Estava-se no dia 3 de novembro. Krusenstern subiu com ele até Whampoa, onde vendeu vantajosamente a sua carregação de pelames, depois de lhe levantarem longos obstáculos e de lhe inventarem inúmeras peias, que a sua atitude firme, mas conciliadora, da mesma forma que a intervenção dos negociantes ingleses, contribuíram para afastar.

A 9 de fevereiro de 1806, os dois navios, reunidos de novo, levantaram ferro e seguiram caminho de conserva pelo estreito de Sonda. Para além da ilha do Natal, por um tempo sombrio, mais uma vez se separaram e não tornaram a juntar-se senão no fim da viagem. A 4 de maio, o *Nadiejeda* fundeava na baía de Santa Helena, depois de cinquenta e seis dias de navegação, desde o estreito de Sonda, e setenta e nove desde Macau.

«Não conheço arribada mais conveniente do que Santa Helena», diz Krusenstern, «para refrescar depois de uma longa viagem. A enseada é muito segura e muito mais segura em todos os tempos do que as baías de Meca e de Simão, no Cabo. A entrada é fácil, contanto que se vá muito terra a terra; para sair basta levantar ferro: está-se logo no mar alto. Encontra-se ali toda a espécie de víveres, sobretudo excelentes hortaliças. Em menos de três dias está-se abundantemente fornecido de tudo.»

Tendo partido a 21 de abril, Krusenstern passou entre as Shetland e as Órcades, a fim de evitar a Mancha, onde poderia encontrar alguns corsários franceses, e, depois de uma navegação feliz, entrou em Cronstadt, a 7 de agosto de 1806.

Sem ser uma viagem de primeira ordem como as de Cook e de La Pérouse, a de Krusenstern não deixa de ter interesse. Não se deve a este explorador descoberta alguma de importância, mas verificou e retificou as dos seus predecessores. Demais, tinha de ser esse a maior parte das vezes o papel dos viajantes do século XIX, que se aplicaram, graças ao progresso das ciências, a completar os trabalhos dos que os precederam.

Krusenstern levara consigo na sua viagem à roda do mundo o filho do bem conhecido autor dramático Kotzebue. O jovem Othon Kotzebue, que era guarda-marinha nessa época, não tardou a ser promovido. Era primeiro-tenente quando lhe foi confiado, em 1815, o comando de um brigue acabado de construir, o *Rurik*, tripulado apenas por vinte e sete homens, artilhado com dois canhões, e equipado à custa do conde de Romantzoff. Tinha a missão de explorar as partes menos conhecidas da Oceânia e de abrir caminho através do oceano Glacial.

Kotzebue saiu do porto de Cronstadt a 15 de julho de 1815, parou em Copenhaga, depois em Plymouth, e, depois de uma navegação penosíssima, entrou a 22 de janeiro de 1816 no oceano Pacífico, dobrando o cabo Horn. Depois de uma arribada a Talcahuano, na costa chilena, tornou a seguir o seu caminho, viu a 26 de março a ilhota deserta de Salas-y-Gomez, e dirigiu-se para a ilha de Páscoa, onde contava receber o mesmo acolhimento amigável que haviam recebido os seus predecessores Cook e La Pérouse.

Mas, apenas os russos tinham desembarcado no meio de uma multidão que se apressava a oferecer-lhes frutas e raízes, viram-se logo cercados e roubados com tal impudência, que para se defenderem tiveram de fazer uso das suas armas e de reembarcar o mais depressa possível, a fim de escapar à saraivada de pedras com que os indígenas os perseguiam.

A única observação que houve tempo de fazer durante esta curta visita foi

que um grande número de gigantescas estátuas de pedra, que Cook e La Pérouse tinham visto, desenhado e medido, haviam sido derrubadas.

A 16 de abril, o capitão russo chegou à ilha dos Cães, de Schouten, que chamou ilha Duvidosa, a fim de bem assinalar a diferença que notava entre a latitude que lhe foi atribuída pelos antigos navegadores e a que resultava das suas próprias observações. No dizer de Kotzebue, está situada a 14° 50’ de latitude austral e 138° 47’ de longitude oeste.

Nos dias seguintes descobriram-se a ilha deserta de Romantzoff — assim chamada em honra do promotor da expedição —, a de Spiridoff, com uma lagoa no meio, que é a ilha Oura das Pomotu, e, enfim, a cadeia das ilhotas Vliegen e a cadeia, não menos longa, das ilhas Krusenstern.

A 28 de abril, o *Rurik* achava-se pelo través da posição atribuída às ilhas Bauman. Debalde se procuraram.

Provavelmente esse grupo era algum dos que já se tinham visitado.

Assim que saíram do arquipélago perigoso das Pomotu, Kotzebue dirigiu-se para o grupo de ilhas avistadas em 1788 por Sever, que, sem aiportar a nenhuma delas, lhe dera o nome de Penrhyn. O navegador determinou a 9° 1’ 15” de latitude sul e 157° 44’ 32” de longitude a posição central de grupos de ilhotas semelhantes às Pomotu, muito baixas e contudo habitadas.

Logo que apareceu o navio, destacou da praia uma flotilha considerável, e os indígenas, com um ramo de palmeira na mão, avançavam ao som cadenciado dos remos, que acompanhavam num tom grave e melancólico numerosos cantores.

Para evitar qualquer surpresa, Kotzebue deu ordem para que todas essas pirogas se alinhassem a um dos lados do navio, e as trocas principiaram logo, por meio de uma corda. Esses indígenas estavam inteiramente nus, e apenas com um avental, mas eram bem feitos e tinham um certo ar guerreiro.

Barulhentos e animadíssimos ao princípio, os selvagens não tardaram a mostrar-se ameaçadores. Nem tentaram esconder os roubos que faziam e responderam às reclamações com as provocações menos dissimuladas. Agitando

as suas lanças acima da cabeça, soltavam clamores terríveis e pareciam excitar-se mutuamente para o ataque.

Quando Kotzebue julgou que era já tempo de pôr termo a essas demonstrações hostis, mandou disparar um tiro de espingarda, de pólvora seca. Num abrir e fechar de olhos despejaram-se as canoas. Ao ouvirem a denotação, as suas tripulações, aterradas, tinham atirado consigo à água por um movimento unânime, apesar de não ter sido combinado. Daí a pouco viram-se emergir as cabeças dos mergulhadores, que, serenados por este aviso, tornaram às trocas. Os pregos e os pedaços de ferro tinham a maior saída entre essa população, que Kotzebue compara com a de Nouka-Hiva. Se não se picam para se pintar, esses indígenas sulcam pelo menos o corpo com largas cicatrizes.

Moda notável, que ainda não fora observada nas ilhas da Oceânia: tinham pela maior parte unhas muito compridas, e as dos chefes de pirogas passavam três polegadas para fora da extremidade dos dedos.

Trinta e seis embarcações, tripuladas por trezentos e sessenta homens, cercavam então o navio. Kotzebue, entendendo que com os poucos recursos de que dispunha, com a tripulação tão pouco numerosa do *Rarik,* seria imprudente qualquer tentativa de desembarque, fez-se outra vez à vela, sem ter podido reunir mais documentos acerca destes selvagens e belicosos insulares.

Continuando o seu caminho para Kamtchatka, o navegador teve conhecimento, a 21 de maio, de dois grupos de ilhas, reunidas por uma cadeia de recifes de coral. Deu-lhes o nome de Kutusoff e de Souwarow, determinou a sua posição e fez tenção de voltar a visitá-las. Os indígenas, metidos em rápidas pirogas, aproximaram-se do *Rurik,* e, apesar dos convites instantes dos russos, não se atreveram a ir a bordo. Contemplavam o navio com espanto, conversavam com uma vivacidade singular, que denunciava a sua inteligência, e atiravam para a tolda frutos de pandanos ou de coqueiro.

O seu cabelo negro e liso, no meio do qual tinham metidas algumas flores, os enfeites que traziam ao pescoço, o fato de esteiras que descia da cintura até ao meio das pernas, e, acima de tudo, o seu modo franco e afável, distinguiam dos

habitantes de Penrhyn estes indígenas, que pertenciam ao arquipélago das Marshall.

A 19 de junho, o *Rurik* entrava em Nova Arcângel e durante vinte e oito dias ocupava-se a sua tripulação em o consertar.

A 15 de julho, Kotzebue tomava a fazer-se à vela e desembarcava, cinco dias depois, nas ilhas Béringue, cuja extremidade setentrional foi fixada em 55° 17’ 18” de latitude norte e 149° 6’ 37” de longitude oeste.

Os indígenas que Kotzebue encontrou nesta ilha usavam, como os da costa americana, fato de peles de foca. As lanças de que se serviam eram armadas com dentes desses anfíbios. As suas provisões consistiam em carne de baleia e de foca metida dentro de buracos abertos no chão. As suas cabanas de couro, muito porcas, exalavam um cheiro horrível de óleo rançoso. Os seus barcos eram de couro, e possuíam trenós puxados por cães.

O seu modo de cumprimentar é singularíssimo: esfregam o nariz uns nos outros, depois cada um passa a mão pela barriga, como se quisessem felicitar-se por ter comido algum bom bocado; enfim, quando alguém quer dar a outrem uma grande prova de afeição, cospe nas mãos e esfrega com o cuspo a cara ao amigo.

O capitão, continuando a seguir a costa americana para o norte, descobriu a baía Chichmareff, a ilha Saritcheff e por fim um golfo profundo, cuja existência ainda não fora reconhecida. Na sua extremidade esperava Kotzebue encontrar um canal que lhe permitisse passar para os mares polares, mas essa esperança foi iludida. O navegador deu o seu próprio nome a um golfo e o de Krusenstern ao cabo que fica à entrada.

Expulso pelo mau tempo, o *Rurik* teve de ir para Ounalachka, a 6 de setembro, de fazer uma estação de alguns dias em S. Francisco, e de arribar, por fim, ao arquipélago Sanduíche, onde se fizeram levantamentos importantes e onde se colheram informações curiosíssimas.

Deixando esse arquipélago, Kotzebue dirigiu-se para as ilhas Souwarow e Kutusoff, que descobrira alguns meses antes. No 1.º de janeiro de 1817 avistou a

ilha Miadi, a que deu o nome de ilha de Ano Novo. Quatro dias depois descobriu um grupo de pequenas ilhas baixas e arborizadas, cercadas de uma barreira de recifes, através dos quais o navio a muito custo abriu caminho.

Ao princípio os indígenas fugiram ao verem o tenente Schischmareff, mas voltaram daí a pouco, trazendo na mão um ramo de árvore e dizendo em altos gritos a palavra *aidara* (amigo). O oficial repetiu a mesma palavra, presenteou-os com alguns pregos, e em troca dos quais os russos receberam os colares e as flores que ornavam o pescoço e a cabeça dos indígenas.

Esta troca de amabilidades determinou o resto dos insulares a aparecer. Por isso as demonstrações mais amigáveis, as receções tão frugais como entusiásticas prosseguiram durante todo o tempo de residência dos russos neste arquipélago. Um dos indígenas, chamado Rarik, acolheu com especialíssima afabilidade os russos, a quem dizia que a sua ilha tinha o nome de Otdia, da mesma forma que toda a correnteza de ilhotas e de recifes que a ela se liga.

Kotzebue, para se mostrar grato ao acolhimento cordial dos indígenas, deixou-lhes um galo e uma galinha, e lançou numa horta, que mandou arranjar, grande quantidade de sementes, mas não se lembrou dos ratos, que pululavam nessa ilha e que devastaram essas plantações.

A 6 de fevereiro, depois de ter recebido de um chefe chamado Languediak informações circunstanciadas, que lhe demonstraram que esse grupo, com uma população disseminada, era de recente formação, Kotzebue fez-se de novo ao largo, deixando a esse arquipélago o nome de Romantzoff.

No dia seguinte um grupo de quinze ilhotas, no qual só se encontraram três pessoas, teve de mudar o seu nome de Eregrup pelo de Tchitschakoff. Depois encontrou-se a correnteza das ilhas Kewen, onde Kotzebue recebeu do *tamon*, ou chefe, um acolhimento entusiástico. Todos festejavam o recém-vindo, uns com o seu silêncio — como aquela rainha a quem a etiqueta proibia que respondesse aos discursos que se lhe dirigiam —, os outros com as suas danças, os seus gritos e os seus cantos, em que o nome de *totabou* (Kotzebue) era muitas vezes repetido. O próprio chefe, indo buscar Kotzebue numa canoa, levava-o às costas

até à praia, aonde a embarcação não podia chegar.

No grupo de Aur observou o navegador, entre a multidão dos indígenas que haviam entrado no navio, dois cujas pinturas e cuja fisionomia pareciam designar que eram estrangeiros. Um deles, a quem chamavam Kadou, agradou especialmente ao comandante, que lhe deu alguns pedaços de ferro. Kotzebue ficou surpreendido vendo que ele não mostrava a mesma alegria que os seus companheiros. Teve a explicação do facto nessa mesma noite.

Quando todos os indígenas saíam do navio, Kadou pediu-lhe com instância licença de ficar a bordo do *Rurik* e de partir com ele. Só a muito custo é que o comandante cedeu às suas súplicas.

«Kadou», diz Kotzebue, «foi ter com os seus camaradas, que o esperavam nas suas pirogas, e declarou-lhes a sua tenção de ficar a bordo do navio. Os indígenas, espantados com esta resolução, debalde tentaram combatê-la. Afinal o seu compatriota Edok veio ter com ele, falou-lhe por muito tempo num tom sério, e, não podendo convencê-lo, tentou levá-lo à força, mas Kadou repeliu vigorosamente o seu amigo, e as pirogas afastaram-se. Passou a noite ao pé de mim, muito ufano por dormir junto do *tamon* do navio, e mostrou-se satisfeitíssimo com a resolução que tomara.»

Nascido em Iouli, uma das Carolinas, a mais de trezentas léguas do grupo em que habitava agora, Kadou fora surpreendido, quando estava a pescar com Edok e outros dois dos seus compatriotas, por uma violenta procela. Durante «oito» meses tinham sido ludíbrio dos ventos e das correntes num mar ora furioso, ora sereno. Nunca durante esse tempo lhes faltara peixe, mas a sede torturava-os cruelmente. Quando a sua provisão de água de chuva, que economizavam o mais possível, se esgotava, não tinham outro recurso senão o de se deitarem ao mar para irem buscar ao fundo uma água menos salgada, que traziam para a superfície dentro de um coco, munido de uma abertura estreitíssima. Quando tinham chegado defronte das ilhas de Aur, nem a vida de terra, nem a perspetiva do seu livramento haviam conseguido arrancá-los à prostração em que estavam mergulhados.

Ao verem os instrumentos de ferro que vinham nas pirogas desses estrangeiros, os insulares de Aur preparavam-se para os matar, a fim de se apoderarem desse tesouro, quando o *tamon* os cobriu com a sua proteção.

Tinham passado três anos depois desse acontecimento, e os Carolinos, graças aos seus conhecimentos mais extensos, haviam tomado logo um certo ascendente sobre os seus novos hospedeiros.

Quando apareceu o *Rurik,* Kadou estava nos bosques, longe da costa. Mandaram-no logo buscar, porque passava por um grande viajante, e podia talvez dizer que monstro era esse que se aproximava da ilha. Kadou, que já vira navios europeus, persuadira aos seus amigos que fossem ao encontro dos estrangeiros e que os recebessem amigavelmente.

Tais haviam sido as aventuras de Kadou. A bordo do *Rurik* reconhecera as outras ilhas do arquipélago e facilitara aos russos o entrarem em comunicação com os indígenas. Envolto num manto amarelo, tendo na cabeça um barrete vermelho, Kadou olhava agora com desdém para os seus antigos amigos e parecia que nem já os conhecia. Na ocasião da visita de um soberbo velho, chamado Tigedien, de barba florida, encarregou-se Kadou de explicar aos seus compatriotas para que servia o aparelho e tudo o que havia a bordo do navio. Como tontos europeus, substituiu a ciência que não tinha por um sangue-frio imperturbável, e achava respostas para todas as perguntas.

Interrogado acerca de uma caixinha, de onde um marujo tirava um pó negro que metia no nariz, Kadou impingiu as mais extravagantes fábulas, e, para terminar com uma demonstração irrefutável, chegou a caixa ao próprio nariz. Atirando-a logo fora, começou a espirrar e a gritar tanto que os seus amigos aterrados fugiram uns para um lado, outros para outro; mas, depois de passar a crise, soube ainda explorar o incidente.

Kadou deu também a Kotzebue algumas informações gerais acerca do grupo que os russos tinham andado visitando e levantando geograficamente durante um mês. Todas essas ilhas estavam sujeitas ao domínio de um só *tamon* chamado Lamary, e o seu nome indígena era Radak. Dumont d’Urville, anos

depois, chamou, a estas ilhas, ilhas Marshall. No dizer de Kadou, a uma certa distância para oeste, e paralelamente, havia outra linha de ilhotas e de recifes, chamada Ralik.

Kotzebue não tinha tempo de as reconhecer e, dirigindo-se para o norte, chegou a 24 de abril a Ounalachka, onde teve de reparar as avarias gravíssimas que acabava de sofrer o *Rurik* durante duas violentas tempestades. Assim que meteu a bordo uns *baidarkes,* barco guarnecido de peles, e quinze aleútes, habituados à navegação dos mares do pólo, o comandante continuou com a exploração do estreito de Béringue.

Kotzebue sofria de dores violentas no peito, desde que, ao dobrar o cabo Horn, fora atirado ao chão por uma vaga monstruosa, e deitado pela borda fora, o que lhe teria custado a vida se não se tivesse agarrado a um cabo. O seu estado tomou então uma tal gravidade que, a 10 de julho, ao apontar à ilha de S. Lourenço, teve de se resignar a não levar mais longe o seu reconhecimento.

No dia 1 de outubro o *Rurik* fazia uma nova e curta estação nas ilhas de Sanduíche, tomava nessas ilhas sementes e animais, e, no fim do mês, desembarcava em Otdia no meio das demonstrações entusiásticas dos indígenas. Estes viam com júbilo vir muitos gatos, cuja presença os ajudaria a desembaraçar-se dos inumeráveis ratos que infestavam a ilha e devastavam as plantações. Ao mesmo tempo festejava-se a volta de Kadou, a quem os russos deixaram um sortimento de armas e de ferramentas, que fizeram dele o mais rico habitante do arquipélago.

A 4 de novembro, o *Rurik* deixou as ilhas de Radak, depois de ter reconhecido o grupo de Legiep, e demorou-se em Guaham, uma das Marianas, até ao fim do mesmo mês. Uma estação de algumas semanas em Manila permitiu ao comandante reunir acerca das Filipinas informações curiosas a que nos referiremos.

Depois de ter escapado às tempestades violentas que o assaltaram quando dobrou o cabo da Boa Esperança, o *Rurik* fundeou a 3 de agosto de 1818 no Neva, defronte do palácio do conde Romantzoff.

Esses três anos de viagem não tinham sido perdidos pelos audaciosos navegadores. Não haviam receado, apesar do seu pequeno número e da fraqueza do seu navio, afrontar mares temíveis e arquipélagos ainda pouco conhecidos, os gelos do pólo e os ardores da zona tórrida. Se as suas descobertas geográficas eram importantes, as suas retificações ainda o eram mais. Duas mil e quinhentas espécies de plantas, sendo mais de um terço novas, numerosos materiais para o conhecimento da língua, da etnografia e da religião dos povos visitados, era essa uma opulenta messe, que provava o zelo, a habilidade e a ciência do capitão, assim como a intrepidez e a coragem da tripulação.

Por isso quando, em 1823, o Governo russo resolveu enviar ao Kamtchatka reforços que pusessem termo ao comércio de contrabando que se fazia nas suas possessões da costa noroeste da América, o comando dessa expedição foi confiado a Kotzebue. Puseram debaixo das suas ordens a fragata *Predpriatie* e deixaram-lhe pleníssima liberdade de escolher, tanto à ida como à volta, o caminho que lhe conviesse para cumprir a sua missão.

Se Kotzebue fizera, como guarda-marinha, uma viagem de circum-navegação com Krusenstern, dava-lhe este agora para companheiro o seu filho mais velho, e Moller, o ministro da Marinha, fazia o mesmo. Isto mostra bem a confiança que nele tinham.

A expedição saiu de Cronstadt a 15 de agosto de 1823, chegou ao Rio de Janeiro, dobrou o cabo Horn a 15 de janeiro de 1824, dirigiu-se para o arquipélago das Pomotu, onde foi descoberta a ilha Predpriatie, reconheceu as ilhas Araktscheff, Romantzoff, Carlshoff e Palliser, e fundeou, a 14 de março, na enseada de Matavai, em Taiti.

Desde a passagem de Cook por este arquipélago, houvera uma transformação completa nos costumes e no modo de viver dos habitantes.

Em 1799 haviam-se estabelecido missionários em Taiti e ali tinham estado dez anos sem fazer nem uma conversão, e, devemos dizê-lo com pena, sem conciliar nem a estima nem o respeito dos indígenas. Obrigados, em consequência das revoluções que agitaram Taiti nessa época, a procurar um

refúgio em Eiméo e nas outras ilhas do arquipélago, obtiveram mais êxito os seus esforços.

Em 1817, o rei de Taiti, Pomaré, chamou os missionários, concedeu-lhes um território em Matavai, converteu-se, e o seu exemplo foi logo seguido por uma parte notável da população.

Kotzebue estava ao facto dessa transformação, mas não supunha contudo encontrar em plena prosperidade os costumes europeus.

Apenas os russos anunciaram a sua chegada com um tiro de peça, logo uma embarcação destacou da praia e um piloto veio conduzir com muita habilidade o *Predpriatie* para o ancoradouro.

No dia seguinte, que era um domingo, ficaram os russos surpreendidos, quando desembarcaram, com o silêncio religioso que reinava em toda a ilha. Esse silêncio era apenas interrompido pelos cânticos e pelos salmos que os insulares cantavam, fechados nas suas cabanas.

A igreja, edifício simples e asseado, de forma retangular, precedido por uma comprida e larga avenida de coqueiros, estava cheia de uma multidão atenta e devota, com os homens de um lado e as mulheres do outro, todos com um livro de orações na mão. A voz destes neófitos misturava-se muitas vezes com o canto dos missionários, ai!, com boa vontade, decerto, mas não com harmonia nem propósito.

Se a piedade dos insulares era realmente edificante, o fato que esses estranhos fiéis vestiam era bem próprio para causar distrações aos visitantes. Uma casaca preta ou uma jaqueta do uniforme inglês compunha todo o vestuário de uns, ao passo que outros vestiam apenas um colete, uma camisa ou umas calças. Os mais felizes envolviam-se em capotes de pano, mas todos, ricos e pobres, tinham rejeitado como inútil o uso de meias e de sapatos.

As mulheres não estavam menos grotescamente arranjadas; estas usavam uma camisa de homem, branca ou de riscado, aquelas uma simples peça de pano, mas todas com chapéus europeus. Se as mulheres dos *ariis* usavam vestidos de cor, que era luxo supremo, então não traziam em cima de si senão esse vestido.

Na segunda-feira houve uma cerimónia imponente: foi a visita da regente e da família real a Kotzebue. Estas altas personagens vinham precedidas de um mestre de cerimónias — era uma espécie de bobo, que trajava simplesmente um roupão vermelho, mas que tinha as pernas picadas com uma pintura que figurava umas calças às riscas; no fundo das costas tinha desenhado um quadrante com as divisões minuciosamente exatas, e executava com uma seriedade das mais cómicas as suas cabriolas, as suas contorções e os seus pulos.

Ao colo da regente vinha o pequeno Pomaré III. Ao lado dela caminhava a irmã do rei, gentil rapariguinha de uns dez anos.

Se a régia criança estava vestida à europeia como os seus compatriotas, também não tinha sapatos, como os não tinha o mais pobre dos seus súbditos.

A instâncias dos ministros e dos grandes taitianos, mandou-lhe Kotzebue fazer um par de botas, que devia usar no dia da sua coroação.

Que gritos de alegria! Que demonstrações de júbilo, que olhares de inveja por cada bagatela que Kotzebue foi distribuindo pelas damas da corte! Que pugilato por causa de um galão de ouro falso, que elas arrancavam aos pedaços! Era algum negócio de importância que reunia na tolda da fragata tantos homens que levavam em grande abundância porcos e fruta? Não, esses requerentes eram os maridos das desgraçadas taitianas que não tinham assistido à distribuição desse galão, mais precioso para elas do que rios de diamantes para europeias.

Ao cabo de dez dias, Kotzebue decidiu-se a deixar esse singular país, onde tão fraternalmente se misturavam a civilização e a barbaria, e dirigiu-se para o arquipélago de Samoa, famoso pela matança dos companheiros de La Pérouse!

Que diferença dos indígenas de Taiti! Selvagens e bisonhos, desconfiados e ameaçadores, os indígenas da ilha Rosa a custo se atreveram a subir à tolda da *Predpriatie.* Um deles, ao ver o braço de um marinheiro, não pôde reprimir um gesto tão eloquente como feroz, que indicava o gosto com que devoraria essa carne rija e provavelmente saborosa.

Em breve com o número das pirogas foi aumentando a insolência dos indígenas. Foi necessário pô-los fora à bordoada, e a fragata, continuando o seu

caminho, deixou bem longe num momento as frágeis embarcações desses ferozes insulares.

Oiolava, a ilha Chata e Pola, que fazem, da mesma forma que a ilha Rosa, parte do arquipélago dos Navegadores, foram apenas entrevistas, e Kotzebue dirigiu-se para as Radak, onde recebera tão cordial acolhimento na sua primeira viagem.

Mas, ao verem aquele grande navio, os habitantes tiveram medo, empilharam-se nas canoas, ou fugiram para o interior, enquanto na praia uma procissão de insulares se formava e caminhava, com um ramo de palmeira na mão, ao encontro dos estrangeiros, a quem vinham pedir a paz.

Ao ver isto, Kotzebue meteu-se com o cirurgião Escheholtz numa embarcação, e fez força de remos para a praia, gritando: «Totabou aidara!» (Kotzebue, amigo). Foi uma mudança completa. As súplicas que os indígenas iam dirigir aos russos transformaram-se em gritos de alegria, em demonstrações entusiásticas de júbilo. Uns precipitaram-se ao encontro dos seus amigos, os outros foram logo a correr anunciar aos seus compatriotas a chegada de Kotzebue.

O comandante soube com prazer que Kadou ainda vivia em Aur, debaixo da proteção de Lamary, cuja benevolência conquistara, dando-lhe metade da sua riqueza.

De todos os animais que Kotzebue deixara em Otdia, só os gatos ainda estavam vivos, mas tinham-se feito bravos, sem terem podido exterminar as legiões de ratos que infestavam o país.

O comandante demorou-se alguns dias com os seus amigos, que o festejaram fazendo-o assistir a representações dramáticas, e a 6 de maio seguiu o seu caminho para o grupo Legiep, incompletamente reconhecido por ele na sua primeira viagem. Depois de ter procedido ao levantamento do arquipélago, tencionava Kotzebue continuar a exploração das Radak, mas o mau tempo não o deixou, e foi obrigado a fazer-se de vela para o Kamtchatka.

De 7 de junho a 20 de julho gozou ali a tripulação de um descanso de que

era merecedora. Então fez-se de novo ao mar, e a 7 de agosto fundeou em Nova Arcangel, na costa da América.

Mas a fragata, que a *Predpriatie* vinha substituir nesta estação, ali estava ainda e ali devia demorar-se até 1 de março do ano seguinte. Kotzebue aproveitou pois este intervalo, visitando o arquipélago de Sanduíche, onde fundeou diante de Waihou, em dezembro de 1824.

A angra de Honolulu ou Rono Rourou é a mais segura do arquipélago. Por isso recebia já numerosos navios, e a ilha de Waihou estava a caminho de se tornar a mais importante do arquipélago e de destronar Havai ou Owyhee. Já o aspeto da cidade era meio europeu; as cabanas primitivas tinham sido substituídas por casas de pedra; ruas regulares com lojas, botequins, tabernas, muito frequentadas pelos baleeiros e pelos mercadores de peles, assim como uma fortaleza munida de canhões, eram os sinais mais visíveis da transformação rápida dos hábitos e dos costumes dos indígenas.

Tinham decorrido cinquenta anos desde a descoberta da maior parte das ilhas da Oceânia, e em todas houvera mudanças tão repentinas como nas Sanduíche.

«O comércio das peles», diz Desborough Cooley, «comércio que se faz na costa noroeste da América, operou uma espantosa revolução nas ilhas Sanduíche, cuja situação oferece um abrigo vantajoso aos navios que se empregam nesse comércio. Os mercadores tinham costume de invernar, de reparar e de abastecer os seus navios nestas ilhas; quando chega o verão, tornam à costa da América para completar as suas carregações. As ferramentas de ferro, mas acima de tudo as espingardas, eram os objetos pedidos pelos insulares em troca das suas provisões, e, sem pensar nas consequências do seu procedimento, os comerciantes mercenários apressavam-se a satisfazer esse desejo. Como as armas de fogo e as munições eram o melhor meio de troca, foram transportadas com abundância para as ilhas Sanduíche. Por isso os insulares não tardaram a fazer-se temidos pelos seus hóspedes, assenhorearam-se de muitos navios pequenos e mostraram uma energia impregnada ao princípio de ferocidade, mas

que indicava neles uma propensão poderosa para os melhoramentos sociais. Nessa época, um desses homens extraordinários, que raras vezes deixam de se manifestar quando se preparam grandes acontecimentos, completou a revolução iniciada pelos europeus. Kamehameha ou Kamea-Mea, chefe que já se distinguira nessas ilhas na última e fatal visita de Cook, usurpou a autoridade régia, submeteu as ilhas próximas à frente de um exército de dezasseis mil homens e quis que as suas conquistas servissem para os vastos planos do progresso que imaginara. Reconhecia a superioridade dos europeus e todo o seu orgulho era imitá-los. Já em 1796, quando o capitão Broughton visitou essas ilhas, o usurpador mandou perguntar-lhe porque é que não salvava com a sua artilharia. Diz-se que possuía desde o ano de 1817 um exército de sete mil homens armados de espingardas, e entre os quais havia pelo menos cinquenta europeus. Kamea-Mea, depois de ter começado a sua carreira pela matança e pela usurpação, acabou por merecer o amor sincero e a admiração dos seus súbditos, que o consideravam como um ente sobre-humano e que prantearam a sua morte com lágrimas mais verdadeiras do que as que se derramam ordinariamente sobre as cinzas de um monarca.»

Tal era o estado das coisas quando a expedição russa parou em Waihou. O jovem rei Rio-Rio estava em Inglaterra com sua mulher, e o governo do arquipélago achava-se nas mãos da rainha-mãe Kaahou-Manou.

Kotzebue aproveitou-se da ausência desta última e do primeiro-ministro, ambos então de visita numa ilha próxima, para ir ver outra esposa de Kamehameha.

«O quarto», diz o navegador, «acha-se mobilado à moda europeia, com mesas, cadeiras e espelhos. No chão, coberto de belíssimas esteiras, estava estendida Nomo-Hana, que não parecia ter mais de quarenta anos; tinha cinco pés e oito polegadas de altura e seguramente mais de quatro pés de circunferência. O cabelo, negro como o azeviche e esmeradamente penteado, levantava-se no alto da cabeça, tão redonda como um balão. O seu nariz chato e os lábios salientes não deviam coisa alguma à formosura; contudo a sua

fisionomia tinha um certo ar simpático e agradável.»

A «boa senhora» lembrava-se de ter visto Kotzebue dez anos antes. Por isso fez-lhe um excelente acolhimento, mas não podia falar em seu marido sem lhe virem as lágrimas aos olhos, e esse desgosto não parecia afetado. A fim de ter sempre presente a data da morte desse príncipe, mandara picar no braço esta simples inscrição: «6 de maio de 1819».

Cristã e cristã zelosa, como a maior parte da população, a rainha levou Kotzebue à igreja, edifício simples e vasto, mas onde não havia tamanha multidão como em Taiti. Nomo-Hana parecia muito inteligente, sabia ler e tinha um entusiasmo especialíssimo pela escrita, essa ciência que aproxima os ausentes. Querendo dar ao comandante ao mesmo tempo uma prova da sua afeição e um testemunho dos seus conhecimentos, expediu-lhe, por um embaixador, uma epístola que levara umas poucas de semanas a redigir.

As outras damas quiseram logo fazer o mesmo, e Kotzebue viu-se em perigo de sucumbir, esmagado pelo peso das missivas que lhe iam ser dirigidas. O único meio de pôr termo a essa epidemia epistolar era levantar ferro, e foi isso o que Kotzebue fez sem esperar mais tempo.

Todavia, antes de partir, recebeu a bordo a rainha Nomo-Hana, que veio vestida com o seu fato de cerimónia. Imagine-se um magnífico vestido de seda cor de pêssego, enfeitado com um largo bordado negro, vestido feito para uma estatura europeia, e que lhe ficava por conseguinte, a ela, muito curto e muito estreito. Por isso viam-se não só uns pés, em comparação dos quais os de Carlos Magno pareceriam os de uma chinesa, presos num grosseiro calçado de homem, mas também umas pernas trigueiras, grossas e nuas, que lembravam uns balaústres de terraço. Um colar de penas vermelhas e amarelas, uma grinalda de flores naturais, que fazia as vezes de colarinho, um chapéu de palha de Itália, ornado de flores artificiais, completavam esse vestuário luxuoso e ridículo.

Nomo-Hana visitou o navio, pediu explicações de tudo, e enfim, cansada de tantas maravilhas, entrou nos aposentos do comandante, onde a esperava uma copiosa refeição. A rainha deixou-se cair num canapé, mas esse móvel frágil não

pôde resistir a tanta majestade, e quebrou-se debaixo do peso de uma princesa cuja gordura muito contribuíra decerto para a sua elevação às grandezas.

Em seguida a esta estação, Kotzebue voltou para Nova Arcangel, onde se demorou até 30 de julho de 1825. Depois foi estar de novo algum tempo nas ilhas Sanduíche, pouco depois de o almirante Byron ter levado para essas ilhas os restos mortais do rei e da rainha, que tinham morrido em Inglaterra. O arquipélago estava tranquilo, a sua prosperidade ia sempre aumentando, consolidara-se a influência dos missionários e a educação do novo pequeno rei estava confiada ao missionário Bignan. Os habitantes tinham ficado profundamente gratos com as honras que a Inglaterra prestava aos despojos dos seus soberanos, e via-se que não estava longe o dia em que os costumes dos indígenas seriam completamente substituídos pelos hábitos dos europeus.

Depois de meter a bordo alguns refrescos em Waihou, o viajante dirigiu-se para as ilhas Radak, reconheceu os Pescadores, que formam a extremidade setentrional dessa cadeia, descobriu ali perto o grupo Escheholtz, e tocou a 15 de outubro em Guaham. A 23 de janeiro de 1826 saía de Manila, depois de uma demora de muitos meses, durante os quais frequentes relações com os indígenas lhe tinham permitido melhorar infinitamente a geografia e a história natural das Filipinas. Um novo governador espanhol chegara com um reforço de tropas bastante considerável, e por tal forma pusera termo à agitação, que os colonos tinham completamente renunciado ao projeto de se separarem da Espanha.

A 10 de julho de 1826, a *Predpriatie* entrava em Cronstadt, depois de uma viagem de três anos, durante os quais visitara a costa noroeste da América, as ilhas

Aleutianas, a Karatchatka, e o mar de Okhotsk, reconhecera minuciosamente uma grande parte das ilhas Radak, e reunira muitos esclarecimentos acerca das transformações pelas quais passavam muitas ilhas oceânicas. Graças à dedicação de Chamisso e do professor Escheholtz, numerosas amostras de história natural tinham sido reunidas, e Escheholtz ia publicar as descrições de mais de dois mil animais. Enfim, trazia observações

curiosíssimas acerca da formação das ilhas de coral do mar do Sul.

O Governo inglês voltara com ardor ao estudo desse problema irritante, cuja solução fora por tanto tempo procurada: a passagem do Noroeste. Enquanto Parry por mar e Franklin por terra iam procurar chegar ao estreito de Béringue, o capitão Frederico William Beechey recebia como instruções ordem de penetrar tão longe quanto lhe fosse possível, por esse mesmo estreito, ao longo da costa setentrional da América, a fim de receber os viajantes que, sem dúvida, viriam extenuados pelas fadigas e pelas privações.

Com o navio *The Blossom,* que saiu de Spithead a 19 de maio de 1834, Beechey fora abastecer-se ao Rio de Janeiro, e depois de ter dobrado o cabo Horn, a 26 de setembro, penetrara no oceano Pacífico. Depois de uma curta arribada às costas do Chile, visitara a ilha de Páscoa, onde os incidentes que tinham assinalado as estações de Kotzebue na sua primeira viagem se haviam renovado fielmente. Ao princípio, o mesmo acolhimento obsequioso da parte dos indígenas, que vão ao *Blossom* a nado, ou que levam em pirogas as mesquinhas produções dessa ilha; depois, quando os ingleses desembarcam, os mesmos ataques à pedrada e à bordoada, que é necessário reprimir energicamente a tiro de espingarda.

A 4 de dezembro o capitão Beechey avistou uma ilha inteiramente coberta de vegetação. Era uma ilha então famosa, porque se tinham nela encontrado os descendentes dos insurgentes da *Bounty,* que haviam ali desembarcado, em consequência de um drama que no fim do século passado apaixonou vivamente a opinião pública em Inglaterra.

Em 1781, o tenente Bligh, um dos oficiais que se tinham distinguido debaixo das ordens de Cook, fora nomeado para o comando da *Bounty* e encarregado de ir buscar a Taiti árvores-do-pão e outras produções vegetais, a fim de as transportar para as Antilhas, que os Ingleses designam habitualmente debaixo do nome de Índias Ocidentais. Depois de ter dobrado o cabo Horn, Bligh parara nas costas da Tasmânia e entrara na baía de Matavai, onde tomara uma carregação de árvores-do-pão, da mesma forma que em Namouka, uma das

ilhas Tonga. Até aí nenhum incidente especial aparecera no decurso dessa viagem, que prometia terminar felizmente. Mas o génio altivo, o feitio rude e despótico do comandante haviam-lhe alienado as simpatias de quase toda a tripulação. Tramou-se contra ele um conluio, que rebentou nas paragens de Tofoua, a 28 de abril, antes do nascer do Sol.

Surpreendido na cama pelos insurgentes e amarrado antes de poder defender-se, Bligh foi levado em camisa para a tolda, e, depois de uma paródia de julgamento a que presidiu o tenente Fletcher Christian, foi atirado, com dezoito pessoas que se lhe tinham conservado fiéis, para uma chalupa, onde se meteram algumas provisões, e depois abandonado no mar alto. Bligh, depois de ter sofrido as torturas da fome e da sede, depois de ter escapado a horríveis tempestades e aos dentes dos selvagens indígenas de Tofoua, conseguiu chegar à ilha de Timor, onde foi acolhido com a maior afabilidade.

«Pus em terra a nossa gente», diz Bligh; «alguns quase que nem podiam pôr os pés no chão. Não tínhamos senão a pele e o osso, estávamos cobertos de feridas e com o fato completamente esfarrapado. Nesta situação, a gratidão e a alegria arrancavam-nos lágrimas, e o povo de Timor observava-nos em silêncio, com olhares que exprimiam a um tempo o horror, o espanto e a compaixão. Foi assim que pelo socorro da Providência vencemos os infortúnios e as dificuldades de tão perigosa viagem.»

Perigosa efetivamente, porque não durara menos de quarenta e um dias, por mares imperfeitamente conhecidos, numa embarcação que nem sequer tinha coberta, com víveres mais do que insuficientes, à custa de inauditos padecimentos, durante um percurso de mais de mil e quinhentas léguas, e sem terem tido que deplorar outra perda que não fosse a de um marinheiro, morto no princípio da viagem pelos indígenas de Tofoua.

Quanto aos rebeldes, a sua história é singular, e podem dela deduzir-se proveitosos ensinamentos.

Tinham-se feito de vela para Taiti, aonde os atraía a facilidade do viver e onde foram abandonados os que tinham tomado parte menos ativa na revolta.

Christian fizera-se então à vela de novo com oito marinheiros resolvidos a acompanhá-lo e dez insulares de Taiti e de Toubouai, e uma dúzia de taitianas.

Nunca mais houvera notícias deles.

Quanto aos que ficaram em Taiti, esses foram capturados em 1791 pelo capitão Edward, da *Pandora,* que o Governo inglês mandara à procura dos revoltosos, com ordem de os levar para Inglaterra. Mas tendo a *Pandora* encalhado num escolho no estreito da Empresa, quatro dos rebeldes e trinta e cinco marinheiros haviam morrido nesta catástrofe. Dos dez que chegaram a Inglaterra com os náufragos da *Pandora* só três foram condenados à morte.

Passaram vinte anos antes de se poder alcançar o mais leve esclarecimento acerca do destino de Christian e dos homens que levara consigo.

Em 1808, um navio mercante americano tocou em Pitcairn, para completar ali a sua carregação de peles de foca. O comandante julgava que a ilha era desabitada, mas, com vivíssima surpresa sua, vira atracar ao navio uma piroga tripulada por três rapazes de cor, que falavam perfeitamente o inglês. Espantado, o capitão interrogara-os, e deles soube que seu pai tinha servido debaixo das ordens do tenente Bligh.

A odisseia deste último oficial era então sabida em todo o mundo, fora assunto de muita palestra nos serões dos castelos de proa dos navios de todas as nações. Por isso o capitão americano quis obter mais particularidades acerca deste facto singularíssimo, que acabava de despertar no seu espírito a lembrança da desaparição dos insurgentes da *Bounty.*

Depois de desembarcar, o capitão, tendo encontrado um inglês chamado Smith, que pertencera à antiga tripulação da *Bounty,* recebera dele a seguinte confissão:

Logo que saiu de Taiti, Christian fez-se diretamente de vela para Pitcaim, cuja situação isolada, ao sul das Pomotu, fora de todos os caminhos marítimos frequentados o que o impressionara mais vivamente. Depois de desembarcar as provisões que havia na *Bounty* e de lhe ter tirado as peças do aparelho que podiam ser úteis, queimou o navio, não só para fazer desaparecer todos os

vestígios do crime, mas ainda para tirar a qualquer rebelde a tentação de fugir.

Ao princípio receara-se, ao verem-se uns *morais,* que a ilha fosse povoada. Em breve se convenceram do contrário. Construíram-se por conseguinte cabanas, arrotearam-se terrenos. Mas os ingleses reservaram caridosamente para os selvagens que tinham raptado, ou que os tinham acompanhado livremente, as funções de escravos. Fosse como fosse, o que é certo é que passaram anos sem haver discórdias muito violentas. Afinal, os selvagens tinham tramado contra os brancos uma conspiração, de que estes tiveram conhecimento pelas revelações de uma taitiana, e os dois chefes pagaram com a vida a malograda tentativa.

Correram dois anos de paz e de tranquilidade, e afinal houve nova conspiração, que deu em resultado serem assassinados cinco ingleses, entrando nesse número Christian. Em seguida, as mulheres, saudosas dos ingleses, tinham imolado os taitianos que sobreviveram.

A descoberta de uma planta, de que se podia fazer uma espécie de aguardente, foi origem, tempo depois, da morte de um dos quatro ingleses que ainda restavam. Outro foi assassinado pelos seus companheiros, o terceiro morreu de doença, e um certo Smith, que tomou o nome de Adão, ficou sozinho à frente de uma população de dez mulheres e de dezanove crianças, todas de menos de sete ou oito anos.

Este homem, que refletira bastante acerca destas desordens e cuja existência ia ser transformada pelo arrependimento, teve de desempenhar as funções de pai, ou padre, de empregado do registo civil e de rei. Pela sua justiça e pela sua firmeza, soube adquirir uma influência omnipotente sobre essa extraordinária população.

Este singular professor de moral, que na sua mocidade violara todas as leis e para quem nenhum compromisso fora sagrado, passou então a ensinar aos seus discípulos a piedade, o amor, a união, instituiu casamentos regulares entre os filhos de famílias diferentes, e a pequena colónia prosperou debaixo do governo a um tempo brando e firme desse homem, que se fizera virtuoso no declinar da vida.

Tal era, na ocasião em que Beechey desembarcou, o estado moral da colónia de Pitcairn. O navegador, bem recebido por uma população cujas virtudes lembravam as da idade de ouro, esteve ali dezoito dias. A aldeia compunha-se de choças asseadas e limpas, rodeadas de pandanos e de coqueiros; os campos estavam bem cultivados, e, debaixo da direção de Adão, esse pequeno povo fabricara os instrumentos mais úteis com uma habilidade verdadeiramente espantosa. De fisionomia doce e agradável pela maior parte, esses mestiços eram de membros bem proporcionados e revelavam um vigor pouco vulgar.

Depois de Pitcaim, as ilhas Crescent, Gambier, Hodd, Clermont-Tonnerre, Series, Whitsunday, Queen Charlotte, Tehai, dos Lanceiros, que fazem parte das Pomotu, foram visitadas por Beechey, da mesma forma que uma ilhota, a que deu o nome de Byam-Martin.

O navegador encontrou ali um selvagem chamado Tou-Wari, que a tempestade arrojara a essa praia. Tendo saído de Anna, em três pirogas, com cento e cinquenta compatriotas seus, para ir prestar homenagem a Pomaré III, que acabava de subir ao trono, Tou-Wari fora arrojado para longe do seu caminho pelas ventanias de oeste. A estas haviam sucedido brisas variáveis, e em breve as provisões se exauriram tão completamente que foi necessário comer os cadáveres dos que tinham sucumbido. Enfim, Tou-Wari chegara à ilha Barrow, no meio do arquipélago Perigoso, onde conseguira abastecer-se um pouco; em seguida fizera-se de novo ao mar, mas daí a dias, tendo apanhado a sua piroga um formidável rombo junto a Byam-Marfiin, fora obrigado a ficar nesta ilhota.

Beechey cedeu afinal aos rogos de Tou-Wari e meteu-o a bordo com a mulher e com os filhos, para os levar para Taiti. No dia seguinte, por um destes acasos que só se veem nos romances, tendo Beechey parado em Heiou, ali encontrara Tou-Wari seu irmão, que o julgava morto havia muito. Depois das primeiras efusões, os dois indígenas, gravemente sentados ao lado um do outro, de mãos dadas e com todas as demonstrações de ternura, tinham contado reciprocamente as suas aventuras.

Beechey saiu de Heiou a 10 de fevereiro, reconheceu as ilhas Melville e

Croker, e fundeou a 18 em Taiti, onde a muito custo alcançou alguns refrescos. Os indígenas exigiam agora bons dólares chilenos e fatos europeus, artigos que faltavam completamente ao *Blossom.*

O capitão, depois de receber a visita da regente, foi convidado para um baile, que se devia dar em sua honra no paço real, em Papeiti. Mas quando os ingleses se apresentaram, encontraram todos a dormir no palácio. A regente esquecera-se do seu convite e deitara-se mais cedo que de costume. Nem por isso deixou de receber muito afavelmente os seus hóspedes, e organizou à pressa um sarau dançante, apesar da rigorosa proibição dos missionários. A festa passou-se porém quase em silêncio, para que não desse por ela o agente de polícia que passeava na praia. Isto basta para se poder avaliar a liberdade que o missionário Pritchard deixava às mais altas personagens do país. O que seria com a turba dos indígenas?

A 3 de abril, o jovem rei pagou a visita a Beechey, que o presenteou, da parte do Almirantado, com uma soberba espingarda de caça. As relações foram muito amigáveis, e a influência que os missionários ingleses tinham sabido adquirir ainda mais se consolidou com a cordialidade e com a deferência de que o estado-maior do *Blossom* lhes deu reiteradas provas.

Tendo partido de Taiti, a 26 de abril, Beechey chegou às ilhas Sanduíche, onde estacionou uns dez dias, e fez-se de vela para o estreito de Béringue e para o mar polar. Prescreviam-lhe as suas instruções que seguisse ao longo da costa da América, até onde lho permitia o estado dos gelos. O *Blossom* parou na baía Kotzebue, residência tão inóspita como repugnante, onde os ingleses tiveram muitas entrevistas com os indígenas, sem poderem alcançar nem a mais leve informação acerca de Franklin e dos seus companheiros. Depois, Beechey expediu, ao encontro desse intrépido explorador, uma chalupa, comandada pelo tenente Elson. Este não pôde passar para diante da ponta Barrow, a 71° 23’ de latitude norte, e foi forçado a voltar para o *Blossom*, que os gelos obrigaram a atravessar de novo o estreito, a 13 de outubro, com tempo claro e uma geada fortíssima.

A fim de utilizar a estação invernosa, Beechey visitou o porto de S. Francisco, e mais uma vez arribou, a 25 de janeiro de 1836, a Honolulu, nas ilhas Sanduíche. Graças à política hábil e liberal do seu governo, esse estado caminhava a passos rápidos pela senda do progresso e da prosperidade. O número de casas aumentara; a cidade tomava um caráter cada vez mais civilizado; o porto era frequentado por grande número de navios ingleses e americanos; enfim, a marinha nacional estava criada e possuía cinco brigues e oito escunas. A agricultura achava-se num estado florescente, o café, o chá, as especiarias ocupavam plantações vastíssimas, e procurava-se utilizar as florestas de canas-de-açúcar, que prosperavam no arquipélago.

Depois de arribar, em abril, à foz do rio de Cantão, o *Blossom* procedeu ao reconhecimento do arquipélago Liou Kieou, cadeia das ilhas que liga o Japão com a Formosa, e do grupo Bonin-Sima, terra em que o explorador não encontrou outros animais a não serem umas grandes tartarugas verdes.

Depois dessa exploração, o *Blossom* retomou o caminho do norte; mas, sendo menos favoráveis as circunstâncias atmosféricas, só pôde chegar dessa vez a 70° 40’. Deixava nesse sítio da costa víveres, roupas e instruções para o caso de poder ali chegar ou Parry ou Franklin. Depois de um cruzeiro que durou até 6 de outubro, Beechey resolveu, com grande pena sua, voltar para Inglaterra. Fez escala por Monterey, por S. Francisco, por San-Blas, por Valparaíso, dobrou o cabo Horn, entrou na baía do Rio de Janeiro, e foi afinal fundear em Spithead, a 21 de outubro.

Devemos agora contar a expedição do capitão russo Lutké, expedição que forneceu resultados importantíssimos. A relação, divertidíssima, é escrita com muito chiste. Por isso faremos alguns extratos dessa relação.

O *Séniavine* e o *Moller* eram dois navios construídos na Rússia, que aguentavam muito bem o mar, mas o segundo era pouco veleiro, inconveniente que, durante a viagem quase toda, conservou separados os navios. O comandante do *Séniarvine* era Lutké e Stanioukowitch do *Moller.*

Os dois navios saíram de Cronstadt, a 1 de setembro de 1818, fizeram

escala por Copenhaga e por Portsmouth, onde se compraram instrumentos de física e de astronomia. Apenas saíram da Mancha, separaram-se. O *Séniavine*, que especialmente seguiremos, arribou a Tenerife, onde Lutké esperava encontrar o *Moller.* Essa ilha acabava de ser devastada, de 4 a 8 de novembro, por um vendaval terrível, tal que nunca se vira outro semelhante desde a conquista. Três navios tinham naufragado na própria enseada de Santa Cruz, e outros dois haviam dado à costa, ficando despedaçados. As torrentes, engrossadas por formidáveis chuvas, tinham arrasado jardins, muros e edifícios, devastado muitas plantações consideráveis, demolido quase completamente um dos fortes, destruído um grande número de casas na cidade, tornando ao mesmo tempo muitas ruas impraticáveis. Trezentos ou quatrocentos indivíduos haviam encontrado a morte nesse cataclismo, cujos estragos se avaliavam em muitos milhões de piastras.

No mês de janeiro, os dois navios tornaram a encontrar-se no Rio de Janeiro, e até ao cabo Horn navegaram de conserva. Ali, as tempestades habituais e os nevoeiros do costume tinham-nos assaltado e separado de novo. O *Séniavine* seguira daí para a Conceição.

«A 15 de março», diz Lutké, «estávamos por estimativa apenas a oito milhas da costa mais próxima; porém, um denso nevoeiro não nos deixava vê-la. À noite dissipou-se o nevoeiro e o romper do dia ofereceu às nossas vistas um espetáculo de uma grandeza e de uma magnificência indescritíveis. A cordilheira denticulada dos Andes, com os seus picos agudos, desenhava-se num céu azul, iluminado pelos primeiros raios do Sol. Não quero aumentar o número daqueles que se exauriram em vãos esforços para transmitir aos outros as sensações que receberam ao primeiro aspeto de semelhantes quadros da natureza. São tão inexprimíveis como a majestade do espetáculo em si. A variedade das cores, a luz que o nascer do Sol espalhava gradualmente pelo céu e pelas nuvens era de uma inimitável beleza. Com viva pena nossa, este espetáculo, da mesma forma que tudo quanto é sublime na natureza, não durou muito. À medida que essa grande massa de luz invadia a atmosfera, o enorme gigante parecia sumir-se no

abismo, e o Sol, aparecendo no horizonte, apagou-lhe até os mínimos vestígios.»

O sentir de Lutké acerca do aspeto da Conceição não estava de acordo com o de alguns dos seus predecessores. Ainda não esquecera a riqueza exuberante da vegetação da baía do Rio de Janeiro, por isso pareceu-lhe pobre esta costa. Os habitantes, pelo menos tanto quando pôde avaliar durante uma breve arribada, pareceram-lhe dotados de um caráter mais afável e mais civilizado do que a gente da mesma classe em muitos outros países. Entrando em Valparaíso, Lutké avistou o *Moller,* que se fazia de vela para o Kamtchatka. As tripulações trocaram as despedidas mais afetuosas, e seguiu cada navio daí por diante uma direção diferente.

A primeira excursão dos oficiais e naturalistas foi às célebres «quebradas».

«Estas quebradas das montanhas», diz o viajante, «estão cheias de pequenas cabanas, que encerram a maior parte da população de Valparaíso. A mais povoada destas quebradas é a que existe no ângulo sudoeste da cidade. O granito, que existe ali a descoberto, serve de sólido alicerce às construções e põe-nas a abrigo do efeito destruidor dos tremores de terra. A comunicação destas habitações entre si com a cidade efetua-se por meio de estreitas veredas, sem degraus e sem pontos de apoio, que se estendem pelo declive dos rochedos, e pelas quais as crianças cornam brincando em todos os sentidos como cabritos monteses. Pouquíssimas casas, e essas mesmo eram pertencentes a estrangeiros, possuíam degraus abertos nas veredas que lá vão ter; os Chilenos consideram esta prevenção como um luxo supérfluo e completamente inútil. É um estranho espetáculo ver por debaixo dos pés um anfiteatro de telhados, ou de tetos de ramos de palmeira, e por cima da cabeça outro anfiteatro de portas e jardins. Eu ao princípio acompanhei os meus naturalistas, mas afinal levaram-me a um sítio onde eu não podia dar um passo nem para diante nem para trás, o que me resolveu a ir-me embora com um dos meus oficiais, fazendo votos para que eles voltassem para casa com a cabeça inteira; eu por mim mil vezes supus que perderia a minha antes de chegar cá abaixo.»

Voltando os marinheiros de uma penosa excursão que tinham feito a

algumas léguas de Valparaíso, ficaram muito espantados, ao entrarem a cavalo na cidade, de encontrarem uma patrulha que os fez parar e os obrigou, apesar dos seus protestos, a apear-se.

«Era Quinta-Feira Santa», diz Lutké; «desde esse dia até Sábado de Aleluia não é permitido aqui, sob pena de pagar uma avultada multa, nem montar a cavalo, nem cantar, nem dançar, nem tocar instrumento algum, nem sequer andar de chapéu na cabeça. Qualquer trabalho ou divertimento é severamente proibido nestes dias. A colina que fica no meio da cidade e onde está o teatro transforma-se nesse tempo no Gólgota. No meio de um espaço gradeado levanta-se uma cruz com a imagem do Cristo, veem-se junto dele uma imensidade de flores e de círios, e de um lado e do outro figuras de mulheres ajoelhadas, representando as testemunhas da Paixão do nosso Salvador. As almas piedosas aproximavam-se deste sítio para lavar os seus pecados com uma oração em voz alta. Só vi pecadoras, pecador nem um. A maior parte dessas pecadoras tinham, sem dúvida alguma, firme certeza de obter a graça divina, porque à vinda brincavam, riam, tomavam um modo contrito, e, quando chegavam ao pé do Calvário, ajoelhavam uns instantes e seguiam depois o seu caminho, tornando a brincar e a rir.»

A intolerância e as superstições, de que os estrangeiros encontravam a cada instante provas, inspiravam ao viajante judiciosas reflexões. Lamenta que se percam em continuadas revoluções tanta energia e tantos recursos, que podiam empregar-se muito melhor no desenvolvimento moral e na prosperidade material da nação.

Para Lutké não há nada que se pareça menos com um *vale do paraíso* do que Valparaíso e seus arredores. Montanhas escalvadas, cortadas por quebradas profundas, uma planície arenosa, no meio da qual se ergue a cidade, os altos serros dos Andes no segundo plano, nada disto constitui realmente um Éden.

Os vestígios do horrível tremor de terra de 1823 não estavam ainda neste tempo completamente apagados, e ainda se viam grandes espaços cobertos de ruínas.

A 15 de abril, o *Séniavine* fez-se de novo ao mar e seguiu depois para Nova Arcangel, onde entrou a 24 de junho. Depois de uma navegação que não fora assinalada por incidente algum, a necessidade de proceder a consertos que uma viagem de dez meses tornava indispensáveis, e ao desembarque das provisões que o *Séniavine* trazia para a Companhia, reteve cinco semanas o capitão Lutké na baía de Sitkha.

Esta parte da costa noroeste da América apresenta um aspeto selvagem, mas pitoresco. Altas montanhas, cobertas até ao cimo de um espesso e sombrio manto de florestas, formam o último plano do quadro. À entrada da baía, levanta-se, a dois mil e oitocentos pés acima do nível do mar, o monte Edgecumbe, vulcão hoje apagado. Quando se entra na baía, encontra-se um labirinto de ilhas, por trás das quais se levanta, com suas fortalezas, as suas torres e a sua igreja, a cidade de Nova Arcangel, que se compõe apenas de uma rua de casas com jardins, de um hospital, de um estaleiro, sem falar numa grande aldeia de índios Kaloches, que lhe fica perto. A população compunha-se nesse tempo de russos, de crioulos e de aleútes em número de oitocentos, estando ao serviço da Companhia os três oitavos desta população, que diminuía sensivelmente conforme as estações. De verão quase toda a gente anda na caça, e apenas se entra no outono parte tudo para a pesca.

Em Nova Arcângel não há, a dizer a verdade, um grande número de distrações, e esta povoação, urna das mais aborrecidas que se podem imaginar, é uma terra deserdada, tristíssima, onde o ano todo, se excetuarmos os três meses de neve, parece mais o outono do que qualquer outra estação. Isto pouco importa ao viajante, que está ali apenas de passagem, mas quem lá reside precisa de ter um grande fundo de filosofia, ou grande vontade de não morrer de forne. O comércio tem bastante importância, e faz-se com a Califórnia, com os indígenas e com os habitantes estrangeiros.

As peles obtidas pelos aleútes caçadores da Companhia são de lontra, de castor, de raposa e de *souslic*. Pescam focas e baleias, não falando dos arenques, do bacalhau, do salmão, do rodovalho e de muito outro peixe, que se pesca na

estação própria, e dos *tsouklis,* que são uns mariscos que se encontram nas ilhas da Rainha Carlota e de que a Companhia precisa para as trocas que costuma realizar com os americanos.

Estes, desde o 46.º até ao 60.º grau, parecem pertencer à mesma raça; pelo menos é esta a conclusão que parece resultar da parecença das suas formas exteriores, dos seus usos, da sua vida e da conformidade da sua língua. Os Kaloches de Sitkha reconhecem como fundador da sua raça um homem chamado Elkh, protegido pelo corvo, que é causa primária de todas as coisas. Observação curiosa: entre os Kadiaks, que são esquimós, este pássaro representa também um papel importante. Encontra-se nos Kaloches, no dizer de Lutké, a tradição de um dilúvio e algumas fábulas que os aproximam da mitologia grega.

A sua religião é simplesmente o xamanismo. Desconhecem a existência de um Deus supremo, mas acreditam nos espíritos malignos e nos feiticeiros, que profetizam o futuro, curam as doenças, e cuja profissão é hereditária.

Para eles a alma é imortal; todavia as almas dos chefes não se misturam com a dos inferiores, as dos escravos ficam escravas depois da morte. Como se vê, esta conceção não é lá muito consoladora.

O governo é patriarcal; os indígenas estão organizados em tribos, que, da mesma forma que no resto da América, têm por emblema e muitas vezes por nome o lobo, o corvo, o urso, a águia, etc.

Os escravos dos Kaloches são os prisioneiros de guerra; o destino destes infelizes é deplorável. Os seus senhores têm sobre eles direito de vida e de morte. E certas cerimónias, por ocasião das perdas dos chefes, sacrificam-se os que já para nada servem, a não ser que, pelo contrário, lhes restituam a liberdade.

Desconfiados e manhosos, cruéis e vingativos, os Kaloches não valem nem mais nem menos do que os outros selvagens seus vizinhos. Infatigáveis, valentes, mas preguiçosos, deixam entregues aos cuidados das suas mulheres todos os trabalhos domésticos.

Saindo de Sitkha, Lutké dirigiu-se para Ounalachka. O estabelecimento de Iloulouk é o principal desta ilha, e contudo é apenas habitado por doze russos e

dez aleútes de ambos os sexos.

Se não fosse a completa privação de lenha, que obriga os indígenas a apanhar a que o mar atira às praias próximas, entre a qual se encontram às vezes troncos inteiros de ciprestes, de árvores de cânfora e de uma espécie de árvore que exala um cheiro semelhante ao da rosa, esta ilha seria cómoda e agradável. Abunda em magníficas pastagens. Por isso os habitantes se entregam com êxito à criação de gado.

Os habitantes das ilhas das Raposas tinham, na época em que Lutké as visitou, os costumes e o trajo dos russos. Eram todos cristãos. Os Aleútes são bondosos, atrevidos, destros, e o mar é o seu verdadeiro elemento.

Desde 1826 muitas erupções de cinzas tinham causado grandes devastações nestas ilhas. Em maio de 1827, o vulcão Chichaldinsk rasgou nova cratera, por onde vomitou chamas.

As instruções de Lutké ordenavam-lhe que reconhecesse a ilha de S. Mateus, que Cook chamara ilha de Goree. Se o levantamento hidrográfico desta posição teve um êxito que excedeu todas as esperanças, não tiveram os russos a mesma felicidade quando quiseram alcançar algumas noções acerca das suas produções naturais, porque não puderam desembarcar em parte alguma.

Neste meio tempo vinha o inverno com o seu cortejo habitual de nevoeiros e de tempestades. Era escusado pensar em ir ao estreito de Béringue. Lutké seguiu por conseguinte para o Kamtchatka, depois de ter comunicado com a ilha Béringue. Esteve três semanas em Petropavlovsk, tempo que empregou em descarregar os objetos que trazia e nos preparativos da sua expedição de inverno.

As instruções de Lutké ordenavam-lhe que empregasse esta estação em visitar as ilhas Carolinas. Resolveu portanto dirigir-se logo à ilha de Ualan, que o navegador francês Duperrey fizera conhecer. Um porto seguro lhe permitiria entregar-se a experiências sobre o pêndulo.

No caminho, Lutké procurou, sem a encontrar, a ilha Colunas, a 26° 9’ de latitude e 128° de longitude oeste. O mesmo lhe aconteceu com as ilhas Dexter e S. Bartolomeu. Reconheceu o grupo Coral de Browne, descoberto em 1794 pelo

inglês Butter, e chegou a 4 de dezembro à vista de Ualan.

Logo nos primeiras momentos as excelentes relações em que se encontraram com os indígenas fizeram nos russos magnífica impressão. Muitos ualaneses, que tinham vindo em pirogas, mostraram tanta confiança que até dormiram a bordo do navio, antes de ele fundear.

Não foi sem custo que o *Séniavine* penetrou na angra de Concha. Desembarcando na ilhota Matanial, onde Duperrey estabelecera o seu observatório, Lutké seguiu esse exemplo, enquanto iam principiando as trocas com os indígenas. A sua bondade e o seu génio pacífico não se desmentiram um só instante. Bastou conservar dois dias um chefe prisioneiro e queimar uma ipiroga para acabar com os roubos de alguns indígenas.

«Podemos declarar com todo o gosto à face do mundo», diz Lutké, «que a nossa demora de três semanas em Ualan não só não custou nem uma gota de sangue humano, mas que pudemos deixar estes bons insulares sem lhes dar uma ideia mais completa do que a que eles já tinham do efeito das nossas armas de fogo, que julgam que são apenas destinadas para matar pássaros. Não sei se se encontra outro exemplo semelhante nos anais das primeiras viagens no mar do Sul.»

Depois de sair de Ualan, Lutké procurou, debalde, as ilhas Musgraves, marcadas no mapa de Krusenstern, e não tardou a descobrir uma grande ilha, rodeada de um cinto de recifes, que Duperrey não chegara a ver e que tem o nome de Painipete ou de Pouynipete. Grandes e bonitas pirogas, com uma tripulação de catorze homens, outras pequenas, que só traziam dois tripulantes, cercaram logo o navio. Esses indígenas, de fisionomia selvagem, que exprimia desconfiança, de olhos vermelhos de sangue, turbulentos e ruidosos, cantavam, dançavam, gesticulavam nas suas embarcações, e só a custo se resolveram a subir para a tolda.

O *Séniavine* conservou-se a alguma distância da terra, aonde se não poderia atracar senão à força, porque, numa tentativa de desembarque, os indígenas rodearam a chalupa, e só se retiraram diante da atitude enérgica da

tripulação e dos tiros de peça do *Séniavine.*

Lutké dispunha de pouco tempo e não podia fazer o reconhecimento a fundo do arquipélago Séniavine, nome que ele deu às ilhas que descobriu. Por isso as informações que pôde colher acerca da população dos Pouynipetes são pouco rigorosas. Esses indígenas, na opinião dele, não pertencem à mesma raça que os de Ualan, aproximam-se mais dos Papuas, sendo os que lhes ficam mais próximos os da Nova Irlanda, que está a setecentas milhas.

Depois de Lutké procurar, sem a encontrar, a ilha de Santo Agostinho, reconheceu as ilhas de coral de Los Valientes, chamadas também Seven Islands, descobertas em 1773 pelo espanhol Filipe Tompson.

O navegador viu em seguida o arquipélago de Mortlok, antigamente chamado o grupo Lougoullos, de Torres, cujos habitantes se pareciam com os Ualaneses. Saltou em terra na principal destas ilhas, verdadeiro jardim de coqueiros e de árvores-do-pão.

Os indígenas tinham uma certa civilização, sabiam tecer e tingir as fibras da bananeira e do coqueiro, como os naturais de Ualan e Pouynipete. Os seus instrumentos de pesca faziam honra ao seu espírito inventivo, sobretudo uma espécie de caixa feita com bambus e varinhas enastradas, combinadas de forma que deixavam entrar o peixe sem o deixar sair; possuíam também redes em forma de grandes alforjes, linhas e arpéus.

As suas pirogas, a bordo das quais passam as três quartas partes da sua existência, parecem maravilhosamente adaptadas às suas necessidades. As grandes, cuja construção lhes custa um trabalho infinito e que eles conservam debaixo de uns telheiros especiais, têm vinte e seis pés de comprimento, dois e um quarto de largura e quatro de profundidade. Navegam com uma vela triangular, vela de esteiras enastradas, que se amarra a duas vergas. Para virarem de bordo, deixam cair a vela, inclinam o mastro para a outra extremidade da piroga, para onde se faz passar ao mesmo tempo a amura da vela, e a piroga segue, mudando perfeitamente a popa em proa.

Lutké reconheceu depois o grupo Namolouk, cujos habitantes em nada

diferem dos Longounorianos, e demonstrou a identidade da ilha Hogole, já descrita por Duperrey, com Queirós. Depois visitou o grupo Namonoito, primeiro elemento de um numeroso grupo de ilhas, ou mesmo de uma só ilha imensa, que um dia deve vir a existir neste sítio.

O comandante Lutké, precisado de biscoitos e de outros diversos artigos, que esperava encontrar em Guaham ou nos navios que estivessem fundeados no porto, fez-se então de vela para as ilhas Marianas, onde tencionava ao mesmo tempo repetir as suas experiências sobre o pêndulo, no qual Freycinet encontrara uma importante anomalia de gravitação.

Grande foi a surpresa de Lutké quando, ao chegar, não viu em terra nem o mínimo sinal de vida. Os dois fortes não tinham pavilhões, um silêncio de morte reinava por toda a parte, e, se não fosse a presença de um naviozito fundeado no porto interior, podia-se imaginar facilmente que se aportara a um país deserto.

Havia pouca gente em terra, e essa mesma era uma população meio selvagem, à qual foi impossível arrancar a mais leve informação. Felizmente, um desertor inglês veio pôr-se à disposição de Lutké e transmitiu ao governador uma carta do comandante, que recebeu quase imediatamente uma resposta satisfatória.

O governador era esse mesmo Medinilla cuja hospitalidade fora elogiada por Kotzebue e Freycinet. Por isso não foi difícil obter licença para estabelecer em terra um observatório e transportar para aí as provisões necessárias. Essa arribada foi entristecida por um desastre sucedido ao comandante Lutké, que numa caçada se feriu gravemente no pulso com a sua própria espingarda.

Os consertos do navio, a necessidade de fazer aguada e de cortar lenha demoraram a partida do *Séniavine* até 19 de março. Durante esse período teve Lutké vagar para reconhecer a exatidão das informações que uma residência de dois meses na própria casa do governador habilitara Freycinet a reunir, uns dez anos antes. Nesse intervalo as coisas não tinham mudado.

Como ainda não era tempo de Lutké subir ao norte, voltou a fazer o reconhecimento das Carolinas, começando pelas ilhas do Dinamarquês.

Pareceram-lhe *os* seus habitantes mais garbosos do que os seus vizinhos ocidentais, de que aliás pouca diferença fazem. Fez sucessivamente o levantamento das Farroilep, Oullei, Ifelouk, Fouripigze; depois Lutké partiu para Bonin-Sima a 27 de abril. Aí soube que fora precedido no reconhecimento desse grupo pelo capitão inglês Beechey. Por isso renunciou logo a todo e qualquer trabalho hidrográfico. Alguns marinheiros, pertencentes à tripulação de uma baleeira que dera à costa, residiam ainda em Bonin-Sima.

Desde o desenvolvimento da grande pescaria, este arquipélago estava sendo frequentado por uma grande quantidade de baleeiras, que ali encontravam ao mesmo tempo um porto seguro em todas as estações, água, lenha em abundância, tartarugas durante seis meses, peixe e uma grande quantidade de plantas antiescorbúticas.

«A altura majestosa e o vigor das árvores», diz Lutké, «a variedade e a mistura das plantas tropicais com a dos climas temperados, atestam já a fertilidade do terreno e a salubridade do clima. A maior parte das nossas produções de jardim e das nossas hortaliças, e talvez todas, desenvolver-se-iam aqui maravilhosamente, assim como o trigo, o arroz e o milho; não se poderia desejar melhor clima, nem melhor exposição para o vinho. Os animais domésticos de toda a espécie, as abelhas, multiplicar-se-iam aqui prontissimamente; numa palavra, com uma colonização pouco numerosa, mas laboriosa, este pequeno grupo, em pouco tempo, poderia vir a ser um lugar de abundantes recursos, onde se encontraria tudo, por assim dizer.»

A 9 de junho, o *Séniavine,* depois de se ter demorado uma semana inteira por falta de tempo, entrava em Petropavlovsk, onde ficava até 26 pela necessidade de juntar víveres. Operaram-se então ao longo das praias do Kamtchatka, do país dos Koriaks e dos Tchouktchis uma série de reconhecimentos. Foram interrompidos por três estações na ilha de Karaghinsk, na baía de S. Lourenço e no golfo de Santa Cruz.

Durante uma dessas estações teve o comandante uma singular aventura. Havia muitos dias que ele estava em relações amigáveis com os Tchouktchis, aos

quais procurava dar uma ideia familiar do modo de ser e de viver dos Russos.

«Esses indígenas», diz ele, «mostravam-se afáveis, condescendentes, procuravam pagar na mesma moeda as nossas brincadeiras e os nossos carinhos. Dei uma pancadinha amigável na face de um vigoroso Tchouktchi, e recebi de súbito em resposta uma bofetada que ia atirando comigo de pernas ao ar. Quando o meu espanto se dissipou, vi diante de mim o Tchouktchi, com uma cara risonha, que exprimia a satisfação de um homem que pôde mostrar a sua amabilidade e a sua boa educação. Quisera também bater devagarinho na minha cara, mas a mão estava costumada só a bater em renas.»

Os viajantes foram também testemunhas das provas de destreza de um Tchouktchi, que fazia de *chaman* ou de feiticeiro. Passou para trás de uma cortina, e daí a pouco ouviu-se sair de lá uma voz semelhante a um uivo; ao mesmo tempo ouviram-se pancadas dadas num tambor com uma barba de baleia. Corrida a cortina, viu-se o feiticeiro a baloiçar-se e a engrossar a voz e a aumentar o vigor das pancadas no tambor que tinha ao pé da orelha. Depois atirou fora a peliça, despiu-se até à cintura, pegou numa pedra polida, deu-a a Lutké para a segurar, tornou-lhe a pegar, e, enquanto dobrava as mãos rapidamente, a pedra desapareceu. Mostrando um tumor que tinha no cotovelo, declarou que a pedra estava ali, depois fez correr o tumor por toda a ilharga, e, depois de ter extraído a pedra, afirmou que a imagem dos russos teria o mais favorável êxito.

Felicitaram o feiticeiro pela sua destreza e presentearam-no com uma faca para lhe agradecer. Pegando-lhe com uma das mãos, deitou a língua de fora e começou a cortá-la... encheu-se-lhe a boca de sangue... Enfim, depois de ter acabado de cortar a língua, mostrou um pedaço que tinha na mão. Fechou-se de novo a cortina, porque a destreza do prestidigitador não ia decerto mais adiante.

Designa-se pela denominação geral de Tchouktchi o povo que habita na extremidade nordeste da Ásia. Compreende duas raças: uma, nómada como os Samoiedos, chama-se os Tchouktchis de renas, a outra, de residências fixas, chama-se os Tchouktchis sedentários. O género de vida, da mesma forma que as

feições e a própria língua, diferem nessas duas raças. O idioma falado pelos Tchouktchis sedentários tem grandes relações com o dos Esquimós, e os seus *baidarkes*, ou barcos de couro, os seus instrumentos e a forma das suas choças parecem-se imenso com as choças, os instrumentos e os barcos destes últimos povos.

Lutké não viu um grande número de Thouktchis de renas, por isso quase nada pôde acrescentar ao que tinham dito os seus predecessores. Pareceu-lhe contudo que os tinham pintado com umas cores nimiamente desfavoráveis e que a sua reputação de turbulência e de selvajaria fora extraordinariamente exagerada.

Os sedentários, geralmente conhecidos pelo nome de Namolos, vivem de inverno em barracas e de verão em choças cobertas de peles. Estas servem ordinariamente de habitação a muitas famílias.

«Os filhos com as suas mulheres, as filhas com os seus maridos», diz a relação, «ali vivem juntos com os pais. Cada família ocupa debaixo de uma cortina um dos repartimentos marcados na parede mais larga da choça. Essas cortinas são feitas de peles de renas cosidas em forma de campânulas, que se prendem às traves do teto e descem até ao chão. Duas e três pessoas e às vezes mais, com o auxílio de banha que acendem quando está frio, aquecem por tal forma o ar debaixo destas cortinas quase hermeticamente fechadas que, ainda no tempo dos frios mais horrorosos, quando tudo gela, qualquer fato é supérfluo; mas só uns pulmões tchouktchis é que podem respirar nesta atmosfera. Na metade anterior da choça estão todos os utensílios, a louça, as marmitas, os cestos, as malas de pele de vitela-marinha, etc. Ali também se encontra o lar, se assim se pode chamar ao sítio onde ardem alguns vimes, apanhados a custo nas lagoas, ou então ossos de baleia na banha. À roda da choça, em enxugadores de madeira ou de osso de baleia, está estendida a carne de vitela-marinha, negra e repugnante.»

A vida que levam estes povos é miserável. Fartam-se com a carne meio crua das focas, a que dão caça, e com a da baleia que o mar atira à costa. O cão é

o animal mais doméstico que possuem; tratam-no mal bastante, apesar de esses pobres animais serem muito festeiros e de lhes prestarem grandes serviços, ou quando lhes puxam os *bnidarkes* à corda, ou quando lhes puxam os trenós sobre a neve.

Depois de uma segunda residência de cinco semanas em Petropavlovsk, o *Séniavine* deixou o Kamtchatka, a 10 de novembro, para voltar para a Europa. Antes de chegar a Manila, Lutké fez um cruzeiro na parte setentrional das Carolinas, que não tivera tempo de reconhecer no inverno precedente. Viu sucessivamente os grupos de Mourileu, Fananou, Faieou, Namonouito, Maghyr, Farroilep, Ear, Mogmog, e encontrou em Manila a corveta *Moller,* que o esperava.

O arquipélago das Carolinas abrange um imenso espaço, e as Marianas, da mesma forma que as Radak, poderiam, sem inconveniente, ser compreendidas no primeiro arquipélago porque se encontra nelas uma população absolutamente idêntica. Os antigas geógrafos não tinham tido por muito tempo outros guias a não ser os mapas dos missionários que, não tendo nem instrução, nem os instrumentos necessários para apreciar com exatidão a grandeza, o local e a distância de todos esses arquipélagos, lhes tinham dado uma importância considerável e muitas vezes haviam fixado nuns poucos graus a extensão de um grupo que tinha apenas algumas milhas.

Por isso os navegadores se afastavam delas mais ou menos. Freycinet foi o primeiro que pôs uma certa ordem neste caos, e, graças ao encontro de Kadou e de D. Luís de Torres, pôde identificar as novas descobertas com as antigas. Lutké contribuiu com o seu quinhão, e não foi dos mais pequenos, para o estabelecimento do mapa real e científico de um arquipélago que fora por muito tempo o terror dos navegadores.

O sábio explorador russo não é da opinião de um dos seus predecessores, Lesson, que prendia com a raça mongol, com o nome de mongol-pelagianos, todos os habitantes das Carolinas.

Vê antes neles, e nisso se conforma com Balbi e Chamisso, um ramo da

família malaia que povoou a Polinésia Oriental.

Se Lesson aproxima os Carolinos dos Chineses e dos Japoneses, Lutké entende, pelo contrário, pelos seus olhos salientes, pelos seus lábios grossos, pelo seu nariz arrebitado, que têm uma parecença de família com os habitantes das Sanduíche e das Tonga. A língua também não tem nem a mais leve semelhança com a japonesa, mas sim com a dos Tonga.

Lutké gastou o tempo que esteve em Manila a abastecer e a consertar a corveta, e saiu a 30 de janeiro desta possessão espanhola para voltar para a Rússia, onde fundeou em Cronstadt, no dia 6 de setembro de 1829.

Resta-nos agora dizer o que sucedera à corveta *Moller* desde a sua separação em Valparaíso. Dirigindo-se de Taiti para o Kamtchatka, desembarcou em Petropavlovsk uma parte da sua carregação, depois fez-se de vela, em agosto de 1827, para Ounalachka, onde se demorou um mês. Depois de um reconhecimento da costa ocidental da América, abreviado pelo mau tempo, depois de uma estação em Honolulu até fevereiro de 1828, descobrira a ilha Moller, reconhecera as ilhas Necker, Gardner, Lissiansky, e marcara, a seis milhas ao sul desta última, um recife perigosíssimo.

A corveta seguiu depois ao longo da ilha de Kur, a ilha Baixa das fragatas francesas, do recife Maras, do da Pérola e do Hermes, e, depois de ter procurado certas ilhas marcadas no mapa de Arrowsmith, voltara ao Kamtchatka. No fim de abril fizera-se de vela para Ounalachka e operara o reconhecimento da costa setentrional da península de Alasca. Fora em setembro que o *Moller* se reunira ao *Séniavine*, e desde essa época os dois navios, até entrarem na Rússia, não se tornaram a separar senão por muito pouco tempo.

Como se pode avaliar pela narrativa minuciosíssima que acabámos de fazer, esta expedição não deixara de fornecer resultados importantes para a geografia. Devemos acrescentar que os diversos ramos da história natural, a física e a astronomia lhe deveram igualmente numerosas e importantes aquisições.

Capítulo 5 — Os Circum-Navegadores Franceses

I

A expedição comandada por Luís Cláudio de Saulces de Freycinet foi devida aos ócios que a paz de 1815 acabava de conceder à marinha francesa. Um dos seus oficiais mais empreendedores, o próprio que acompanhara Baudin no reconhecimento das costas da Austrália, concebeu o plano dessa expedição e foi encarregado de o executar. Era a primeira viagem marítima que não tinha exclusivamente por objeto a hidrografia. O seu fim principal era o levantamento da forma da Terra no hemisfério meridional e a observação dos fenómenos do magnetismo terrestre; o estudo dos três reinos da natureza, dos usos, dos costumes e dos idiomas dos povos indígenas não devia ser esquecido; enfim, as investigações da geografia, sem serem excluídas, era/m contudo colocadas em último lugar.

Freycinet achou, entre os oficiais do corpo de saúde da Armada, os Srs. Quoy, Gaimard e Gaudichaud, úteis auxiliares nas questões de história natural; ao mesmo tempo, agregou a si um certo número de oficiais de marinha muito distintos, entre os quais os mais conhecidos são Duperrey, Lamarche, Bérard e Odet-Pellion, que vieram a ser, um membro do Instituto, os outros, oficiais superiores ou generais da Armada.

Freycinet teve igualmente o cuidado de escolher os seus marinheiros entre os que fossem oficiais de algum ofício, e, dos cento e vinte homens de que se compunha a equipagem da corveta *Urânia,* havia pelo menos cinquenta que podiam ser, em caso de necessidade, carpinteiros, cordoeiros e fabricantes de velas, ferreiros, etc.

Reserva para dois anos, abastecimentos de todo o género e de boa qualidade, como já podiam produzir os aparelhos aperfeiçoados que se começavam a usar, caixas de ferro para guardar a água doce, alambiques para destilar a água do mar, conservas e antiescorbúticos, tudo foi acomodado na

Urânia. Deixou o porto de Toulon a 17 de setembro de 1817, levando disfarçada em marinheiro a mulher do comandante, que não temia afrontar os perigos e as fadigas desta longa navegação.

Além destas provisões, todas materiais, tinha Freycinet um sortimento dos melhores instrumentos e aparelhos. Enfim, recebera do Instituto instruções minuciosas destinadas, ou a guiá-lo nas suas pesquisas, ou a sugerir-lhe as experiências que mais podiam contribuir para os progressos das ciências.

Uma arribada a Gibraltar, uma paragem em Santa Cruz de Tenerife, uma das ilhas Canárias, que, como diz espirituosamente Freycinet, não foram para a equipagem as ilhas Afortunadas, porque toda e qualquer comunicação com a terra foi proibida pelo governador, precederam a entrada da *Urânia* no Rio de Janeiro, a 6 de dezembro.

O comandante e os seus oficiais aproveitaram esta paragem para proceder a grande número de observações magnéticas e experiências de pêndulo, enquanto os naturalistas percorriam o país e faziam numerosas coleções de história natural.

A relação original da viagem contém uma muito comprida história do descobrimento e da colonização do Brasil, assim como as particularidades mais circunstanciadas acerca dos usos e costumes dos habitantes, acerca da temperatura e do clima, e uma descrição minuciosa do Rio de Janeiro, dos seus monumentos e dos seus arredores.

A parte mais curiosa da descrição refere-se aos *gitanos,* que se encontravam nessa época no Rio de Janeiro.

«Dignos descendentes dos párias da Índia, dos quais parece certo que descendem», diz Freycinet, «os *ciganos* do Rio de Janeiro têm, como eles, o hábito de todos os vícios e uma propensão para todos os crimes. A maior parte, possuidores de grandes riquezas, e ostentando um luxo considerável em vestidos e cavalos, especialmente quando casam, sendo sempre as suas bodas sumptuosíssimas, folgam habitualmente com a devassidão crapulosa e com a ociosidade. Velhacos e mentirosos, roubam quanto podem; no comércio são

também subtis contrabandistas. Aqui, como em toda a parte onde se encontra esta abominável raça de homens, só casam entre si. Têm uma pronúncia e até uma gíria especial. Por uma extravagância inteiramente inconcebível, o Governo tolera esta peste pública e até designa ruas especiais para a sua habitação na vizinhança do Campo de Santa Ana.»

«Quem não visse o Rio de Janeiro senão de dia», diz mais adiante o viajante, «seria obrigado a acreditar que a sua população só se compõe de negros. A gente de certa ordem, a não ser algum extraordinário, ou por deveres religiosos, não sai senão à noite, e é sobretudo então que as mulheres aparecem; de dia estão quase sempre em suas casas e levam o tempo ou a dormir ou a arranjar-se. O teatro e as igrejas são os únicos sítios onde um homem pode gozar a sua presença.»

A viagem da *Urânia*, do Brasil ao cabo da Boa Esperança, não teve acontecimento algum náutico digno de menção. A 7 de março fundeava na baía da Mesa. Depois de uma quarentena de três dias, deu-se aos viajantes licença para desembarcar; esperava-os em terra o mais gracioso acolhimento do governador, Carlos Sommerset. Os instrumentos foram desembarcados assim que se pôde arranjar um local que conviesse. As experiências habituais do pêndulo foram feitas e os fenómenos da agulha magnética foram observados.

Os naturalistas Quoy e Gaimard, acompanhados de muita gente do estado-maior, fizeram uma excursão de história natural à montanha da Mesa e às famosas vinhas de Constança.

«As vinhas que percorremos», diz Gaimard, «são cercadas de áleas de carvalhos e de pinheiros, e as cepas, plantadas a quatro pés de distância umas das outras, em linhas retas, não são sustidas por tanchões. Todos os anos se podam e cava-se em redor do terreno, que é de natureza arenosa. Vimos, de um lado e do outro, uma grande quantidade de pessegueiros, de damasqueiros, de macieiras, de pereiras e de canteiros onde se cultivavam hortaliças. Quando voltámos, o Sr. Colyn quis por força que nós provássemos as diversas qualidades de vinho que ele colhe e que consistem em vinho de Constança propriamente dito, branco e

tinto, em vinho de Pontac, de Pierre e de Frontignac. O vinho das outras localidades, que tem o nome especial de *vinho do Cabo, é* feito com uma uva moscatel que me pareceu preferível no gosto à moscatel de Provença. Acabámos de dizer que as duas qualidades de vinhos de Constança, o branco e o tinto, provêm uma e outra de uvas moscatéis de cor diferente... Geralmente prefere-se, no Cabo, o Frontignac a todos os outros vinhos que se colhem na colina de Constança.»

Justamente um mês depois de ter deixado a extremidade meridional da África, a *Urânia* chegava ao ancoradouro de Port-Louis, na ilha de França, que desde os tratados de 1815 estava em poder dos Ingleses.

Freycinet, obrigado a virar o navio de querena, para o visitar completamente e para consertar o forro de cobre, teve de fazer neste sítio uma paragem muito mais prolongada do que tencionava. Os nossos viajantes não tiveram motivo para se queixar disso, porque os habitantes da ilha de França não mentiram à sua velha reputação de amável hospitalidade. Passeios, receções, bailes, jantares, corridas de cavalos, festas de toda a espécie, fizeram passar o tempo muito depressa. Por isso não foi sem um confrangimento de coração que os franceses tiveram de deixar os seus antigos compatriotas e os seus inimigos encarniçados da véspera, que uns e outros os acolhiam excelentemente.

Muitos habitantes e dos mais distintos deram a Freycinet, com louvável zelo, apontamentos interessantes acerca de alguns factos que a brevidade da sua estada lhe não permitira estudar.

Foi assim que pôde reunir dados preciosos acerca da situação, da agricultura, do comércio, da indústria, da fazenda, do estado moral dos habitantes, matérias delicadas e de uma apreciação subtil, que um viajante que passa não pode profundar. Desde que a ilha estava debaixo da administração inglesa, numerosos caminhos tinham sido traçados e o espírito de iniciativa principiava a substituir-se à rotina, que adormecera a colónia e impedira todo e qualquer progresso.

A *Urânia* seguiu depois para Bourbon, onde devia encontrar, nos armazéns

do Governo, os víveres de que precisava. Fundeou em S. Dinis, a 15 de julho de 1818, e ficou até 2 de agosto na enseada de S. Paulo, fazendo-se depois de vela para a baía dos Cães-Marinhos, na costa ocidental da Nova Holanda.

Antes de acompanharmos Freycinet até à Austrália, será bom que paremos com ele alguns momentos em Bourbon.

Em 1717, no dizer de Le Gentil de la Barbinais, esta ilha possuía apenas novecentas pessoas livres, sendo apenas seis famílias brancas, e mil e cem escravos. Segundo a última estatística (1817), havia nesta ilha 14790 brancos, 14342 negros livres, 39759 escravos, e um total de 68891 habitantes. Esse aumento considerável e rápido pode atribuir-se à salubridade do país, mas sobretudo à liberdade do comércio que esta ilha desfrutou por muito tempo.

A 12 de setembro, depois de uma feliz navegação, a *Urânia* fundeava à entrada da baía dos Cães-Marinhos. Expediu-se logo um destacamento para Dirck-Hatichs, a fim de fixar a posição geográfica do cabo Levaillant e de trazer para bordo da corveta a chapa de estanho que os holandeses deixaram ali numa época remota e que Freycinet vira em 1801.

Entretanto os dois alambiques funcionavam, destilando água do mar. Durante a demora toda que ali houve, não se consumiu outra bebida e ninguém a bordo se queixou.

O destacamento que desembarcara teve algumas relações com os indígenas. Armados de azagaias e de clavas, sem qualquer roupa, recusavam-se estes a entrar em relações diretas com os brancos e conservavam-se a alguma distância dos marinheiros, não tocando senão com precaução nos objetos que se lhes davam.

Apesar de a baía dos Cães-Marinhos ter sido explorada minuciosamente quando foi da expedição de Baudin, restava, debaixo do ponto de vista hidrográfico, uma lacuna a preencher na parte oriental da angra Hamelin. Foi Duperrey que procedeu a esse levantamento.

O naturalista Gaimard, pouco satisfeito com as relações que até aí se tinham tido com os indígenas, que a bulha das detonações decididamente

expulsara, e desejoso de alcançar algumas informações a respeito do seu género de vida, resolveu meter-se pelo interior do país. O seu companheiro e ele perderam-se, como acontecera a Riche, em 1792, na Terra de Nuyts; padeceram horrivelmente de sede, porque não encontraram, durante os três dias que passaram em terra, nem uma fonte nem um riacho.

Foi sem pena que se viram desaparecer as terras inóspitas de Endracht. O tempo mais sereno, o mar menos agitado, tornaram fácil a viagem da *Urânia* até Timor, onde, a 9 de outubro, fundeou na baía de Coupang.

O acolhimento das autoridades portuguesas foi o mais cordial possível.

A colónia já não desfrutava essa prosperidade que fora o espanto e a admiração dos franceses por ocasião da viagem de Baudin. O rajá de Amanoubang, distrito onde o sândalo existe em mais abundância, outrora tributário, lutava agora para recuperar a sua independência. Este estado de guerra, o mais prejudicial possível para a colónia, tornou ao mesmo tempo muito difícil a compra de mercadorias de que Freycinet precisava.

Algumas pessoas do estado-maior foram visitar o rajá Peters de Benacaci, cuja habitação estava apenas a três quartos de légua de Coupang. Velho de oitenta anos, Peters devia ter sido muitíssimo bonito; estava rodeado de pessoas da sua comitiva, que lhe mostravam o maior respeito, entre as quais se viam guerreiros de uma estatura imponente.

Não foi sem vivíssimo espanto que os franceses viram, nessa habitação grosseira, um grande luxo de serviço e encontraram espingardas europeias muito bem feitas e de alto preço.

Apesar da temperatura elevadíssima que teve de se suportar, subindo o termómetro ao sol e ao ar livre a 45° e à sombra a 33° e a 35°, o comandante e os seus oficiais não se entregaram com menos zelo às observações científicas e aos conhecimentos geográficos que o cumprimento da sua missão tornava indispensável.

Contudo, apesar das advertências enérgicas de Freycinet, os jovens oficiais e os marinheiros tinham muitas vezes cometido a imprudência de sair no meio

do dia; depois, na esperança de se precaverem contra as consequências funestas desse divertimento mortal, tinham-se saciado com avidez de bebidas frias e de frutos ácidos. Por isso a disenteria não tardara a pôr de cama cinco dos mais imprudentes. Era indispensável partir, e a *Urânia* levantou ferro a 23 de outubro.

Primeiro costearam-se rapidamente as praias setentrionais de Timor para lhe estudar a hidrografia; mas, quando a corveta chegou à parte mais estreita do canal de Ombay, encontrou correntes tão violentas, brisas tão débeis ou tão contrárias, que mal conseguiram fazer-lhe ganhar de novo o caminho que perdera durante a calmaria. Esta situação não durou menos de dezanove dias!

Alguns oficiais aproveitaram o estar o navio preso junto das praias de Ombay para fazerem uma incursão na parte mais próxima dessa ilha, cujo aspeto era muito gracioso. Aportaram à aldeia de Bitouka e dirigiram-se para um grupo de indígenas, armados de arcos, de frechas e de crises, usando couraças e escudos de pele de búfalo. Esses selvagens tinham aspeto guerreiro e não pareciam temer as armas de fogo; era-lhes fácil, afirmavam eles, disparar um grande número de frechas durante o tempo necessário para carregar as espingardas.

«As pontas das frechas», diz Gaimard, «eram de madeira dura e de osso, ou ainda de ferro. Essas frechas, enfeixadas em leque, estavam presas ao lado esquerdo do guerreiro, ao cinto da espada ou do cris. A maior parte dos habitantes usavam, presas na coxa direita e no cinto, uma infinidade de folhas de certa árvore, recortadas para deixar passar bandas das mesmas folhas, tintas, ou de vermelho ou de negro. O ruge-ruge continuado, produzido pelos movimentos dos que usavam este singular enfeite, aumentado pelo contacto da couraça e do escudo; o tintinar de uns pequenos guizos, que são também uns acessórios do seu fato guerreiro, tudo isto fazia um tal barulho que não podíamos deixar de rir. Longe de se ofenderem com isso, os nossos Ombayanos não hesitaram em seguir o nosso exemplo. O Sr. Arago fez diante deles algumas habilidades de prestidigitador, que os espantaram muito. Encaminhámo-nos enfim diretamente para a aldeia de Boutika, situada numa elevação. Tendo visto, ao passar diante de

uma das suas cabanas, umas vinte queixadas de homens suspensas do teto, mostrei desejo de obter algumas, oferecendo em troca os objetos mais preciosos para eles que levava. Mas responderam-me: Palami (isto é sagrado). Vê-se por isso que esses ossos eram troféus destinados a perpetuar a lembrança das vitórias ganhas sobre os inimigos!»

Este passeio era tanto mais interessante quanto a ilha Ombay até então só muito raras vezes fora visitada pelos europeus. E ainda os poucos navios que haviam aportado à ilha não se tinham dado bem com as tribos, belicosas e ferozes, e algumas até antropófagas, que a habitam.

Assim, por exemplo, em 1802, uma embarcação do navio *Rosa* fora roubada e a tripulação ficara prisioneira. Dez anos depois, o capitão do *Inacho*, desembarcando sozinho, fora ferido com frechas. Enfim, em 1817, quando uma fragata inglesa mandara um escaler buscar lenha, todos os homens dessa embarcação foram, em consequência duma rixa, mortos e comidos pelos indígenas. No dia seguinte, uma chalupa armada, mandada em procura dos ausentes, já não encontrara senão os seus restos sanguinolentos e os fragmentos do escaler, que fora despedaçado.

Sendo conhecidos esses factos, os franceses não puderam deixar de felicitar-se por terem escapado à cilada que sem dúvida lhes teriam armado esses selvagens canibais se a demora da *Urânia* fosse maior.

A 17 de novembro fundeava o navio diante de Díli. Depois dos cumprimentos da praxe ao governador português, Freycinet expôs as necessidades do seu navio e recebeu uma resposta obsequiosa do governador, que lhe prometeu reunir rapidamente os víveres necessários. O acolhimento feito a toda a tripulação foi o mais sumptuoso e o mais cordial possível, e, quando Freycinet se despediu, o governador, querendo dar-lhe uma lembrança, mandou-lhe dois rapazinhos e duas rapariguinhas, que tinham nascido no reino de Failacor, no interior de Timor. «Esta raça é desconhecida na Europa», dizia José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa, para que lhe fosse aceite o presente. Por mais que Freycinet desse razões fortíssimas e concludentíssimas para motivar a

sua recusa, viu-se obrigado a ficar com um dos rapazitos, que foi batizado com o nome de José António, e que morreu em Paris, aos dezasseis anos, de uma doença escrofulosa.

A população de Timor parece, à primeira vista, toda asiática, mas quem se entregar a investigações um pouco extensas não tarda a saber que existe nas montanhas mais centrais e menos frequentadas uma raça de negros, de cabelos encarapinhados e de costumes ferozes, lembrando os indígenas da Nova Guiné e da Nova Irlanda, e que deve ser a população primitiva. Esta ordem de pesquisas, que fora inaugurada no fim do século XVIII pelo inglês Crawfurd, tomou, nos nossos dias, graças aos trabalhos dos sábios doutores Broca e E. Hamy, um desenvolvimento especialíssimo. A este segundo sábio é que se devem, acerca destas populações primitivas, os curiosos estudos que a *Natureza* e o *Boletim da Sociedade de Geografia* inserem sempre para gosto e instrução dos seus numerosos leitores.

Partindo de Timor, a *Urânia* encaminhou-se para o estreito de Bourou, passando entre as ilhas Wetter e Roma, avistou a ilha Gasses, de forma pitoresca, revestida do mais belo maciço de verdura que é possível imaginar-se; depois foi arrastada pelas correntes até à ilha Pisang, na vizinhança da qual se encontraram três *corocoros,* tripulados pelos indígenas da ilha Guebé.

Estes têm a pele cor de azeitona escura, o nariz chato e os lábios grossos; são umas vezes fortes, robustos, de aparência atlética, ou enfezados e de frouxa compleição, outras vezes baixos, porcos e de um aspeto repelente. Na sua maioria, a única roupa que envergavam eram umas calças amarradas por um lenço à roda da cintura.

Fez-se uma incursão na pequena ilha Pisang, ilha de formação vulcânica e cujas lavas traquíticas se descompõem numa terra vegetal cuja fertilidade tudo denunciava.

Depois seguiu-se, sempre na proximidade de ilhas até então pouco conhecidas, fazendo-se caminho para Rawak, onde a corveta fundeou a 16 de dezembro, ao meio-dia.

A ilha Rawak é pequena, desabitada, e, apesar de os marinheiros franceses receberem frequentemente a visita de habitantes de Waigiou, foram muito raras as ocasiões de se estudar a espécie humana. Devemos dizer também que a ignorância da língua desses indígenas e a dificuldade de se fazerem perceber por intermédio do malaio, língua de que só se sabiam poucas palavras, não tornaram muito proveitosas essas raras ocasiões.

Logo que se encontrou um sítio favorável, colocaram-se os instrumentos e procedeu-se às observações de física e de astronomia, assim como aos trabalhos geográficos.

Rawak, Boni, Waigiou e Manouoroa, a que Freycinet chama ilha dos Papuas, estão situadas quase exatamente debaixo do equador. Waigiou, a maior, não tem menos de setenta e duas milhas de costas. As terras baixas, que lhes formam litoral, estão cobertas de pântanos. A praia, cortada a prumo, está também cercada de madréporas e rasgada em grutas cavadas pelas águas.

A vegetação que cobre todas estas ilhotas é deveras surpreendente. São árvores magníficas, entre as quais se encontra a barringtónia, cujo tronco volumoso está sempre inclinado para o oceano, a ponto de banhar nas suas águas a extremidade dos seus ramos, a *sccevola lobelia*, figueiras, casuarinas de tronco direito e elegante, que chegam a ter quarenta pés, o *rima*, o *takamahrka* com o seu tronco de mais de vinte pés de circunferência, e o cinometro, da família das leguminosas, cobertas, desde a base até ao cimo, de flores rosadas e de frutos de ouro; além disso, as palmeiras, a árvore da noz-moscada, a gamboazeira e as bananeiras crescem muito em sítios baixos e húmidos.

Se a flora tomou neste país um desenvolvimento excecional, não sucede o mesmo à fauna. Não se encontra em Rawak outro quadrúpede senão o *phalanger* e o cão de gado, que vive no estado selvagem. Waigiou possui contudo, também, ao que parece, o babirussa, e uma espécie pequena de javalis. Quanto a aves, não são numerosas como se poderia imaginar, porque as plantas de semente granulosa que lhes servem de alimento não se podem multiplicar na sombra espessa das florestas. Veem-se porém ali os calaus, cujas asas, ornadas de

grandes penas separadas nas extremidades, produzem, quando voam, um ruído fortíssimo, os papagaios, cuja família é numerosíssima, os maçaricos, as rolas, *cassicans,* fulvos, milhafres, pombos coroados, e talvez aves-do-paraíso, apesar de não constar que alguns viajantes as tenham visto.

Quanto aos entes humanos, os Papuas, esses são feios, hediondos, horríveis.

«A testa achatada», diz Odet-Pellion, «o crânio pouco proeminente, o ângulo facial de 75°, a boca grande, os olhos pequenos e encovados, as maçãs do rosto salientes, o nariz grosso, achatado na ponta e caindo sobre o lábio superior, a barba rara, particularidade que já fora observada em outros habitantes desta região, os ombros de largura média, o ventre muito elevado, e os membros inferiores magríssimos, tais são os carateres distintivos desse povo. O seu cabelo é de uma natureza e de uma forma variadíssima; a maior parte das vezes é uma juba volumosa, composta de cabelos encarapinhados ou lisos, e que não tem menos de oito polegadas de espessura; penteada com esmero, frisada, eriçada em todos os sentidos, descreve, com o auxílio de uma banha que a conserva assim, uma circunferência quase perfeitamente esférica em torno da cabeça. Muitas vezes lhe juntam, antes para a enfeitar do que para lhe aumentar a consistência, um pente compridíssimo de madeira, com cinco ou seis dentes.

«Estes desgraçados indígenas são vítimas de um terrível flagelo: a lepra grassa entre eles com tal intensidade que se pode dizer que a décima parte da população anda inficionada. Deve-se atribuir essa horrível doença à insalubridade do clima, aos eflúvios deletérios dos pântanos, onde penetra o mar na maré cheia, à humidade que bosques densíssimos ocasionam, à vizinhança e má conservação dos túmulos, talvez também ao prodigioso consumo de marisco, que estes indígenas devoram com avidez.»

Todas as habitações estão construídas sobre estacas, ou em terra, ou no mar, ao pé da praia. Essas casas, que se acumulam em sítios de acesso dificílimo ou impraticável, compõem-se de estacas enterradas no terreno, às quais se amarram, por meio de cordas de cortiça, travessas onde assenta um tabuleiro

feito de folhas de palmeira cortadas e apertadas umas às outras. Estas folhas, artisticamente embutidas, formam o teto da habitação, que tem apenas uma porta. Se as cabanas estão construídas acima da água do mar, comunicam com a terra por uma espécie de ponte de cavaletes, cujo tabuleiro móvel pode ser tirado rapidamente. Uma espécie de varanda, com uma rampa, cinge a casa por todos os lados.

Os viajantes não puderam obter o mais leve esclarecimento acerca da sociabilidade destes indígenas. Que vivam reunidos em grandes povoações debaixo da autoridade de um ou de muitos chefes, que cada comunidade só obedeça ao seu próprio chefe, que a população seja ou não numerosa, são isso dados que se não podem alcançar.

Esses indígenas dão a si próprios o nome de Alfurus. Parece que falam muitos idiomas especiais, que diferem singularmente do papua ou do malaio.

Os indígenas desse grupo parecem muito industriosos; inventam instrumentos de pesca engenhosíssimos, sabem perfeitamente trabalhar em madeira, preparar a medula da árvore de sagu, trabalhar em olaria e fazer formas para cozer o sagu; entrançam esteiras, tapetes, cestos, cinzelam estátuas e ídolos.

Os Srs. Quoy e Gaimard puderam observar na costa de Waigiou, na angra de Beni, uma estátua de argila branca, guardada debaixo de um telheiro, ao pé de um túmulo. Representava um homem em pé, de grandeza natural, de mãos erguidas para o céu; a cabeça era de madeira e tinha as faces e os olhos de conchas brancas.

A 6 de janeiro de 1819, a *Urânia,* depois de ter saído de Rawak, não tardou a avistar as ilhas de Ayon, baixas e cercadas de recifes, que eram pouquíssimo conhecidas e cuja geografia deixava muito a desejar.

Os trabalhos de hidrografia foram contrariados pelas febres contraídas em Rawak e que atacaram mais de quarenta pessoas.

A 12 de fevereiro avistaram-se as ilhas dos Anacoretas e no dia seguinte as do Almirantado, sem que a *Urânia* procurasse aportar a nenhuma delas.

Em breve chegou a corveta à vista de S. Bartolomeu, que os habitantes

chamam Poulousoug e que pertence ao arquipélago das Carolinas. Não tardou a estabelecer-se um comércio ativo, mas sobretudo muito ruidoso, entre os indígenas, que não foi possível resolver a entrarem a bordo. As trocas fizeram-se com boa fé tocante, e não se deu pelo mais leve roubo.

Poulouaht, Alet, Tamatam, Allap, Fanadik e muitas outras ilhas deste arquipélago desfilaram sucessivamente diante dos olhos maravilhados dos franceses.

Enfim, a 17 de março de 1819, quer dizer, dezoito meses depois da sua partida de França, Freycinet avistou as ilhas Marianas, e fundeou na enseada de Umatah, na costa de Guahaim.

No momento em que os franceses se dispunham a ir a terra, receberam a visita do governador Medinilla y Pineda, acompanhado do major D. Luís de Torres, segunda autoridade da colónia. Esses oficiais, com a maior solicitude, quiseram saber de que é que os exploradores precisavam, e prometeram satisfazer todos os seus pedidos no prazo mais curto possível.

Sem demora alguma, tratou Freycinet de procurar um local próprio para o estabelecimento de um hospital provisório; tendo-o encontrado logo no dia seguinte, mandou para lá os seus doentes, que eram vinte.

Todo o estado-maior fora convidado a jantar pelo governador. Estiveram todos em casa dele à hora combinada. Encontraram uma mesa carregada de doces e de frutas, no meio das quais fumegavam terrinas de ponche. Os convivas fizeram logo em aparte as suas reflexões sobre este singular costume. Seria dia de jejum? Porque é que ninguém se sentava? Mas como não estava pessoa alguma que pudesse responder a estas perguntas, que seriam decerto indiscretas, guardaram-nas para si, enquanto iam fazendo honra à refeição.

Novo motivo de espanto: tiraram-se da mesa os restos dos doces e das frutas, e vieram carnes preparadas de diversos modos; numa palavra, seguiu-se um verdadeiro e sumptuoso jantar. O lanche que se tomara primeiro e a que se chama ali «refresco» era destinado apenas a excitar o apetite dos convivas.

Nesta época o luxo da mesa parecia fazer furor em Guaham. Dois dias

depois, os oficiais assistiam a uma nova refeição de cinquenta convivas, em que não apareceram menos de quarenta e quatro pratos de carne em cada um dos serviços, que foram três.

«O mesmo observador», conta Freycinet, «diz que este jantar custou a vida a dois bois e a três porcos gordíssimos, não falando já na miuçalha das florestas, da capoeira e do mar. Desde as bodas de Camacho que nunca se vira, suponho eu, semelhante matança. O nosso anfitrião entendeu, sem dúvida, que gente que padecera por tanto tempo as privações de uma viagem marítima devia ser tratada com estes profusos regalos. A sobremesa não ofereceu nem menor abundância, nem menos variedade, e não tardou a ser substituída pelo chá, pelo café com leite e pelos licores de toda a espécie; como o «refresco» fora igualmente servido antes, segundo o costume, todos confessarão que o mais intrépido gastrónomo só poderia lamentar ali a insuficiente capacidade do seu estômago.»

Mas estas refeições e estas festas não prejudicaram o objeto da missão. As excursões que tinham por fim investigações de história natural, as observações da agulha magnética, a geografia do litoral de Guaham, confiada a Duperrey, tudo isso se ia fazendo ao mesmo tempo.

Entretanto a corveta viera ancorar mesmo ao fundo do porto de S. Luís, e o estado-maior e os doentes tinham ido habitar em Agagna, capital da ilha e sede do governo. Ali se organizaram, em honra dos estrangeiros, combates de galos, espetáculo muito apreciado em todas as possessões espanholas da Oceânia, e danças em que todas as figuras, segundo se diz, aludem a acontecimentos da história do México. Os dançarinos, alunos do colégio de Agagna, vestiam ricos fatos de seda, outrora levados para ali da Nova Espanha pelos jesuítas. Depois vieram jogos de pau executados pelos Carolinos e outros divertimentos, que se seguiram uns aos outros sem interrupção. Mas o que foi mais apreciado por Freycinet foram as numerosas informações relativas aos usos e costumes dos indígenas, que alcançou do major D. Luís de Torres, que, tendo nascido no arquipélago, fizera dessas coisas assunto dos seus constantes estudos.

Utilizaremos e resumiremos logo estas interessantíssimas informações,

mas temos de falar antes de uma excursão às ilhas de Rota e Tinian; esta última já os nossos leitores a conhecem pelas narrativas dos antigos viajantes.

A 22 de abril, uma esquadrilha composta de oito paraus transportava os Srs. Bérat, Gaudichaud e Jacques Arago a Rota, onde a sua chegada causou uma surpresa e um susto que facilmente se explicam. Corria o boato de que a corveta era tripulada por insurgentes da América. De Rota dirigiram-se os paraus para Tinian, cujas áridas praias lembravam aos viajantes as plagas devastadas da terra de Endracht e que devem estar mudadas, desde o tempo em que Lord Anson se julgava ali num paraíso terrestre.

Descoberto a 5 de março de 1521 por Magalhães, o arquipélago das Marianas recebeu primeiro o nome de *Isla de Ins velas latinas*, depois dos *los Ladrones* (dos Ladrões). A darmos crédito a Pigafetta, o ilustre almirante só vira Tinian, Saipan e Agoignan. Visitadas cinco anos depois pelo espanhol Loyasa, que, ao contrário do que sucedera a Magalhães, encontrou nessas ilhas ótimo acolhimento, foram declaradas possessões espanholas por Miguel Lopes de Lzegaspi, em 1565. Não foram contudo colonizadas e evangelizadas senão em 1669 pelo padre San-Victor. Percebe-se que não podemos acompanhar Freycinet na narrativa dos acontecimentos da história desse arquipélago, apesar de os manuscritos e as obras de toda a espécie que teve nas mãos lhe permitirem renovar completamente esse assunto e iluminá-lo com a luz da verdadeira ciência.

A admiração que deixara em todos os espíritos a incrível fertilidade das ilhas dos Papuas e das Molucas enfraqueceu decerto a impressão produzida pela riqueza de algumas das ilhas Marianas. As florestas de Guaham, apesar de bem providas, não oferecem esse aspeto agigantado dos países tropicais; cobrem a maior parte da ilha, onde se encontram contudo extensíssimas partes que não produzem nem árvores-do-pão nem coqueiros.

No interior das florestas, savanas fictícias foram criadas pelos conquistadores para que os numerosos animais cornígeros, cuja introdução se lhes deve, pudessem encontrar ali o sustento ao ar livre e à vista do sol.

Agoignan, ilha de escarpas pedregosas, parece de longe seca e estéril, ao passo que é na realidade coberta de bosques espessos, que trepam até aos seus píncaros mais elevados.

Quanto a Rota, essa é um verdadeiro mato, uma moita quase impenetrável, dominada pelos pequenos bosques de *rimas,* dos tamarindos, das figueiras e dos coqueiros.

Enfim, Tinian oferece um aspeto pouquíssimo agradável. Apesar de os franceses em parte nenhuma haverem encontrado os sítios pintados com tamanha riqueza de cores pelos seus predecessores, o aspeto do solo, a grande quantidade de árvores mortas, fizeram-lhes pensar que as antigas narrativas não tinham exagerado completamente, tanto mais que toda a parte sueste desta ilha é tornada inacessível por florestas espessas.

A população era, na época da viagem de Freycinet, excessivamente mista, e a raça aborígene já não formava nem metade da população total.

Os Marianeses da classe nobre eram todos outrora mais altos, mais fortes e mais grossos do que os Europeus; mas a raça degenera, e é só em Rota que se encontra o tipo primitivo em toda a sua pureza.

Nadadores infatigáveis, mergulhadores hábeis, intrépidos caminhantes, cada qual devia dar provas de sua destreza nestes diversos exercícios quando casava. Os Marianeses conservaram em parte estas qualidades, apesar de que a preguiça ou, talvez antes, o «não se me dá» constitui o fundo do seu caráter.

As uniões, que se fazem prematuramente, nos rapazes entre quinze e os dezoito anos, nas raparigas entre doze e quinze, são geralmente fecundas, e citam-se exemplos de famílias com vinte e dois filhos da mesma mãe.

Se se encontram em Guaham muitas doenças levadas pelos Europeus, tais como as doenças do peito, a varíola, etc., há muitas outras que parecem indígenas, ou que tomaram ali pelo menos um desenvolvimento especialíssimo e completamente anormal. Citam-se entre estas últimas a elefantíase e a lepra, de que se encontram em Guaham três variedades, tão diferentes pelos seus sintomas como pelos seus efeitos.

Antes da conquista, os Marianeses viviam de peixe, de frutos da árvore-do-pão ou de *rima*, de arroz de sagu e de outras plantas feculentas. Se a sua cozinha era simples, o seu vestuário ainda o era mais; andavam completamente nus. Ainda hoje as crianças andam nuas até à idade de dez anos.

Um viajante do fim do século XVIII, o capitão de mar e guerra Pagés, conta a propósito disto que o acaso fez um dia com que chegasse a uma casa diante da qual estava uma Índia de cerca de dez a onze anos sentada ao sol. Estava nua e acocorada, tendo a camisa dobrada ao pé dela. «Assim que me viu», acrescenta o viajante, «levantou-se prontamente e tornou-a a vestir. Apesar de não ficar vestida decentemente, cuidava achar-se muito bem trajada, porque tinha os ombros cobertos; já não lhe causava enleio aparecer diante de mim.»

A população devia ser outrora considerável, como provam as ruínas que se encontram quase por toda a parte, ruínas de habitações que eram sustentadas por pilares de cantaria. O primeiro viajante que as menciona é Lord Anson. Apresentou mesmo uma vista um pouco fantasiada dessas ruínas, que os exploradores da *Urânia* puderam contudo reconhecer, como o prova o seguinte trecho:

«A descrição que se encontra na viagem de Anson é inexata, mas as ruínas e os ramos de árvores que estão hoje, por assim dizer, incorporados com a cantaria dão a esses monumentos um aspeto muito diverso do que o que eles tinham então; os ângulos acentuados arredondaram-se e os hemisférios que os coroam já não são tão perfeitamente redondos.»

Quanto às habitações modernas, só a sexta parte pouco mais ou menos é de pedra, e contam-se em Agagna monumentos que são interessantíssimos pela grandeza, se o não são pela elegância, a majestade ou a finura das suas proporções: são o colégio de S. João de Latrão, a igreja, o presbitério, o palácio do governador, as casernas.

Antes da sua sujeição aos Espanhóis, os Marianeses estavam divididos em três classes: os nobres, os seminobres e os plebeus. Estes últimos, os párias desse país, tinham, diz Freycinet, sem citar a autoridade em que se baseia, uma

estatura menos elevada do que a dos outros habitantes. Só este facto bastaria para indicar uma diferença de casta, ou não devemos ver nessa exiguidade de estatura o resultado da situação aviltante a que estavam submetidas todas essas castas? Esses plebeus não podiam nunca elevar-se às castas superiores e era-lhes proibida a navegação. Encontravam-se também, em cada uma dessas castas bem definidas, as feiticeiras sacerdotisas, ou curandeiras, que só se entregavam ao tratamento de uma doença, o que não era uma razão absoluta para a conhecer melhor.

A profissão de construtores de pirogas pertencia aos nobres; permitiam só aos saminobres auxiliá-los nesse trabalho, que era para eles de grande importância e uma das suas mais caras prerrogativas.

Quanto à linguagem, apesar de se parecer com o malaio ou com o tagalo, que se fala nas Filipinas, possui, contudo, o seu caráter especial. A relação de Freycinet encerra ainda um grande número de observações sobre os singularíssimos usos dos antigos Marianeses, mas iríamos muito longe se houvéssemos de reproduzir essas passagens, por mais curiosas que sejam para os filósofos e para os historiadores.

Havia já dois meses que a *Urânia* estava fundeada. Era tempo de continuar com os trabalhos e com as explorações. Freycinet e o seu estado-maior passaram pois os seus últimos dias em visitas de agradecimento pelo acolhimento cordial que lhes fora prodigalizado.

Não só o governador não quis aceitar agradecimentos pelas atenções com que penhorara a cada instante os franceses durante dois meses, mas recusou-se a receber a paga de todos os fornecimentos que se tinham feito para abastecimento da corveta. Ainda mais, numa carta tocante, pedia desculpa de não ter podido fazer o que desejava, pela escassez de géneros, resultado de uma seca que devastava Guaham havia seis meses.

As despedidas fizeram-se diante de Agagna.

«Não foi sem profundo enternecimento», diz Freycinet, «que nos despedimos do homem amável que nos dera tantas provas de benevolência. Eu

estava tão comovido que lhe não podia exprimir todos os sentimentos que enchiam a minha alma, mas as lágrimas que me saltavam dos olhos deviam ser para ele um testemunho, mais certo do que as palavras, da minha comoção e das minhas saudades.»

De 5 a 16 de junho, a *Urânia* procedeu à exploração da parte setentrional das Marianas e deu lugar às diferentes observações que mais acima se resumiram.

Depois, desejando acelerar a sua navegação para as Sanduíche, o comandante aproveitou uma brisa que lhe permitiu procurar latitude mais elevada e vento mais favorável. À medida que os exploradores avançavam por uma parte do oceano Pacífico, encontravam nevoeiros espessos e frios, que impregnavam o navio todo de uma humidade tão desagradável como nociva à saúde. Contudo apenas causou à tripulação algumas constipações. Foi até, pelo contrário, como que um ensejo de expansão para essas constituições, expostas, havia muito tempo já, aos calores absorventes do trópico.

A 6 de agosto dobrou-se a ponta meridional de Havai, a fim de alcançar a costa ocidental, onde Freycinet esperava encontrar um ancoradouro cómodo e seguro. Esse dia e o seguinte foram consagrados, sendo completa a calmaria, a travar relações com os indígenas, cujas mulheres, vindo em grande número, esperavam tomar o navio de abordagem e entregar-se ao seu comércio habitual; mas o capitão não lhes consentiu que entrassem a bordo.

O rei Kamehameha, ou Kamea-Mea, morrera, e sucedera-lhe o seu jovem filho, Rio-Rio. Tal foi a notícia que um dos *arii* comunicou ao capitão.

Assim que se levantou viração, a *Urânia* dirigiu-se para a baía de Karakakoua, e Freycinet ia enviar um oficial para sondar o ancoradouro quando uma piroga, saindo da praia, trouxe para bordo o governador da ilha. Esse príncipe, Kouakini, apelidado John Adams, prometeu ao comandante encontrar barcos próprios para lhe assegurarem o abastecimento do navio.

Esse moço, que podia ter vinte e nove anos e cuja estatura, bem proporcionada, era ao mesmo tempo colossal, surpreendeu o comandante pela

extensão dos seus conhecimentos. Tendo ouvido dizer que a *Urânia* fazia uma viagem de descoberta:

«Dobraram o cabo Horn, ou vieram pelo sul do cabo da Boa Esperança?» — perguntou ele.

Depois pediu notícias de Napoleão e quis saber se era verdade que a ilha de Santa Helena desaparecera no abismo dos mares com toda a sua população. Chalaça de algum baleeiro trocista, que não fora, ainda assim, de todo acreditada!

Kouakini disse também a Freycinet que não houvera perturbações quando Kamehameha morrera; contudo, como muitos chefes mostravam pretensões de independência, a unidade da monarquia estava ameaçada. Daí proviera uma certa turbação nas relações políticas e uma incerteza de governo que se esperava que não tardaria a acabar, sobretudo se o comandante consentisse em fazer algumas declarações a favor do jovem soberano.

Freycinet desembarcou com o príncipe para lhe pagar a visita, e entrou na sua habitação, onde a princesa, uma mulher alta e obesa, estava estendida em cima de um leito europeu coberto de esteiras. Depois, ambos foram ver as irmãs de Kouakini, viúvas de Kamehameha, que não encontraram, e dirigiram-se para os estaleiros e para as principais oficinas do falecido rei.

Quatro telheiros eram destinados à construção de grandes pirogas de guerra; outros abrigavam embarcações europeias; mais adiante encontravam-se madeiras de construção, barras de cobre, uma grande quantidade de redes de pesca, depois uma forja, uma oficina de tanoeiro, e enfim, em choupanas pertencentes ao primeiro-ministro Kraimokou, alguns instrumentos de navegação, bússolas, sextantes, termómetros, relógios e até um cronómetro.

Não se consentiu que os estrangeiros entrassem em outros dois armazéns, onde estavam guardadas a pólvora, as munições de guerra, os licores fortes, o ferro e as fazendas.

Mas estes lugares achavam-se agora abandonados pelo novo soberano, que tinha a sua corte na baía de Koaihai.

Freycinet, a convite do rei, fez-se de vela para esse sítio, e foi guiado por um piloto que se mostrou cuidadoso e especialmente habilíssimo em prever as mudanças do tempo.

«O monarca esperava-me na praia», diz o comandante, «vestido com grande uniforme de capitão de mar e guerra inglês e rodeado por toda a sua corte. Apesar da horrorosa aridez desta parte da ilha, o espetáculo que esta reunião extravagante de homens e de mulheres apresentava pareceu-nos majestoso ou pelo menos pitoresco. O rei, colocado na frente, tinha os seus principais oficiais alguns passos à retaguarda; uns trajavam magníficos mantos de penas vermelhas e amarelas, ou então de pano escarlate, outros simples romeiras do mesmo género, mas em que as duas cores mais vivas eram matizadas de preto. Alguns tinham capacetes na cabeça.

Um considerável número de soldados, dispersos por um lado e por outro, derramavam, pela extravagância e pela irregularidade dos seus fatos, uma grande diversidade sobre este quadro estranho.»

Foi esse mesmo soberano que devia ir tempos depois, com a sua jovem e encantadora mulher, passar algum tempo a Inglaterra, onde morreram, e de onde os seus despojos foram transportados para Havai pelo capitão Byron a bordo da fragata *Loira.*

Freycinet pediu-lhe de novo abastecimentos, e o rei prometeu-lhe que no dia seguinte seriam satisfeitos os seus desejos; mas, se não podia duvidar da boa vontade do jovem soberano, o comandante não tardaria a perceber que os principais chefes não estavam resolvidos a mostrar-lhe uma extrema obediência.

Tempos depois, os principais oficiais do estado-maior foram visitar as viúvas de Kamehameha. Vamos dar, segundo a narrativa do Sr. Quoy, o quadro cómico dessa divertida receção.

«Era», diz ele, «um espetáculo verdadeiramente estranho ver num aposento apertado oito ou dez massas de carne de forma humana e seminuas, não tendo a de menor peso menos de trezentos arráteis, deitadas no meio do chão de barriga para baixo. Não foi sem custo que conseguimos encontrar um canto onde

nos estendemos também, para nos conformarmos com os usos da terra. Uns poucos de criados tinham constantemente nas mãos ou um enxota-moscas de penas, ou um cachimbo aceso, que faziam circular de boca em boca, tomando cada um algumas fumaças; outros esfregavam as princesas... É fácil imaginar que a nossa conversação não foi muito animada, mas valeram-nos excelentes melancias, que nos serviram.»

Freycinet foi depois ver o famoso John Young, que fora por tanto tempo amigo fiel e o sensato conselheiro do rei Kamehameha. Apesar de se achar velho e enfermo, sempre deu a Freycinet preciosas informações acerca desse arquipélago, onde residia havia trinta anos e em cuja história figurara e figurara muito.

O ministro Kraimokou, numa visita que fizera à *Urânia*, vira o capelão, o abade Queleni, cujo trajo lhe dera muito que cismar. Logo que soube que era um padre, manifestou ao comandante o desejo de ser batizado. Sua mãe, disse-lhe ele, recebera os sacramentos no seu leito de morte, e obrigara-o a prometer-lhe que se submeteria também a essa cerimónia logo que para isso tivesse ensejo.

Freycinet consentiu, e quis dar a esse ato uma certa solenidade, até porque Rio-Rio manifestou o desejo de assistir, com toda a sua corte.

Toda essa gente se conservou com muito respeito e muita deferência enquanto durou a cerimónia, mas, apenas ela acabou, atirou-se com fúria ao lanche que o comandante mandara arranjar.

Era maravilhoso ver como se despejavam as garrafas de vinho e os frascos de rum e de aguardente, e ver desaparecer as provisões de toda a espécie que cobriam a mesa. Felizmente estava próximo a noite, porque, se não fosse isso, nem Rio-Rio nem a maior parte dos seus oficiais e dos seus cortesãos estariam em condições de ir para terra. Freycinet ainda teve contudo de lhes dar duas garrafas de aguardente para beberem, diziam eles, à saúde do comandante e à sua feliz viagem, e todos os presentes entenderam que tinham obrigação de pedir outro tanto.

«Não exageramos decerto se dissermos», escreve Freycinet, «que essa

régia companhia bebeu ou levou no espaço de duas horas o que bastaria para dez pessoas em três meses.»

Tinham-se trocado diversos presentes entre o rei e a rainha e o comandante. Entre os objetos que haviam sido oferecidos a este último pela jovem rainha figurava um manto de plumas, trajo que estava sendo muito raro nas Sanduíche.

Freycinet ia fazer-se de vela quando soube, por um capitão americano, que estava na ilha Mowi um navio mercante, que tinha uma grande quantidade de biscoito e de arroz, que decerto venderia. Resolveu logo ir fundear diante da Raheina. Demais, era ali que Kraimokou lhe devia fazer entrega dos porcos necessários para sustento da tripulação; mas o ministro deu provas de tão insigne má fé, exigiu preços tão elevados e ofereceu porcos tão magros, que foi necessário recorrer às ameaças para concluir o negócio. Kraimokou era, nestas circunstâncias, incitado por um inglês, que era apenas um *convict* que fugira de Port-Jackson, e provavelmente, se o indígena estivesse entregue a si próprio e aos impulsos do seu coração, portar-se-ia nessa ocasião com a nobreza e com a boa fé que lhe eram habituais.

Em Waihou, Freycinet fundeou em Honolulu. O acolhimento obsequioso que ali recebeu de muitos europeus fez-lhe lamentar o não ter ido ali diretamente. Teria obtido imediatamente todos os recursos que com tanta dificuldade reunira nas outras ilhas.

O governador desta ilha, Boki, fez-se batizar pelo capelão da *Urânia*. Contudo parece que só desejou esse sacramento pelo simples facto de seu irmão o ter recebido. Estava longe de ter o ar inteligente dos sanduichianos com quem até então se tratara.

São bastante interessantes algumas observações acerca dos indígenas, observações que vamos referir sumariamente.

Todos os navegadores estão de acordo em reconhecer que a raça dos chefes forma uma raça superior aos outros habitantes, tanto na estatura como na inteligência. Não é raro ver que cheguem a ter seis pés de altura. A obesidade é

frequente entre eles e principalmente nas mulheres que ainda muito novas chegam a ter uma gordura monstruosa.

O tipo é notável, e as mulheres são muitas vezes galantes. Estes indígenas não vivem muito, e é raro encontrar um velho de setenta anos. Deve-se atribuir a sua rápida decrepitude e o seu fim prematuro aos seus hábitos inveterados de libertinagem.

Deixando o arquipélago das Sanduíche, Freycinet estudara nesta parte do grande Oceano as principais inflexões do equador magnético em pequenas latitudes. Por isso fez força de vela para leste.

A 7 de outubro entrava a *Urânia* no hemisfério do sul, e a 19 do mesmo mês achava-se à vista das ilhas do Perigo. A leste do arquipélago dos Navegadores descobriu-se uma ilhota que não estava marcada nos mapas e que foi chamada ilha Rosa, por assim se chamar a mulher de Freycinet. Foi essa a única descoberta da viagem.

A posição das ilhas Pylstaart e Howe foi retificada, e enfim, a 13 de novembro, avistaram-se as barras da entrada de Port-Jackson ou Sydney.

Freycinet esperava encontrar uma cidade muito aumentada. porque havia dezasseis anos que não a via, mas ficou profusamente espantado com o aspeto de uma cidade europeia, que prosperava no meio de uma natureza quase selvagem.

Muitas excursões pelos arredores manifestaram bem claramente aos franceses todos os progressos feitos pela colónia. Belas estradas, cuidadosamente conservadas e orladas desses eucaliptos que Péron denomina «gigantes das florestas austrais», pontes bem construídas, marcos de pedra a indicar as distâncias, tudo revelava um serviço de viação bem organizado. Lindos *cottages,* numerosas manadas de bois, campos magníficos, atestavam a indústria e a perseverança dos novos colonos.

O governador Macquarie e as principais autoridades do país obsequiaram tanto quanto puderam os oficiais, que tiveram de recusar muitos convites, para não desprezar os seus trabalhos. Assim foram por mar a Paramata, casa de campo do governador, e navegaram ao som de música militar. Muitos oficiais

foram também visitar a pequena cidade de Liverpool, construída num sítio agradável, à beira do rio Jorge, assim como as aldeias de Windsor e de Richmond, que se erguem junto do rio Hawkesbury. Entretanto uma parte do estado-maior assistia a uma caçada de cangurus, e, atravessando as montanhas Azuis, passava adiante dos estabelecimentos de Bathurst.

Graças às excelentes relações que contraíra durante as duas estações que ali fizera, Freycinet pôde colher um grande número de dados interessantes acerca da colónia australiana. Por isso o capítulo que consagra à Nova Gales do Sul, registando os progressos maravilhosos e rápidos da colonização, excitou um vivo interesse em França, onde só muito imperfeitamente se conhecia o desenvolvimento e a prosperidade crescente da Austrália. Eram documentos novos e interessantíssimos, que têm a vantagem de nos informar exatamente do estado da colónia nessa época.

A cordilheira conhecida pelo nome de Alpes Australianos separa, a alguma distância da costa, a Nova Gales do Sul do interior do continente australiano. Durante vinte e cinco anos foi esse um obstáculo às comunicações com o interior, obstáculo que, graças ao governador Macquarie, desapareceu. Cortara-se na rocha um caminho, formado de rampas multiplicadas, o que permitiu colonizar imensas planícies férteis, banhadas por importantes rios.

Os mais altos píncaros desta cordilheira, cobertos de neve no meio do verão, não têm menos de três mil metros de altura. Ao mesmo tempo que se mediam os picos principais, os montes Exmouth, Cunningham, etc., descobria-se que a Austrália, longe de ter um só rio, o rio dos Cisnes, possuía, pelo contrário, um certo número deles, entre os quais devemos citar simplesmente o rio Hawkesbury, formado pelas águas reunidas do Népean e do Grose, e o Brisbane, porque o Murray ainda não fora reconhecido.

Nesta época já se tinham começado a explorar minas de carvão de pedra, camadas de ardósia, jazigos de ferro, carbonato compacto, de grés, de pedra calcária, de pórfiro, de jaspe, mas ainda se não reconhecera a presença do ouro, esse metal que devia transformar tão rapidamente a juvenil colónia.

O solo à beira-mar, esse é estéril e sustenta apenas alguns arbustos enfezados. Mas, se se penetra no interior, descobrem-se campos revestidos de um manto de riquíssima verdura, de inúmeras pastagens, que alguns grandes vegetais mal dominam, ou florestas, cujas árvores gigantescas, enlaçadas por uma rede inextricável de cipós, formam cerrados impenetráveis.

Uma das coisas que mais vivamente surpreenderam os exploradores foi a identidade da raça nesse imenso continente.

Efetivamente, quer se observem os aborígenes da baía dos Cães-Marinhos, da terra de Endracht, do rio dos Cisnes, ou de Port-Jackson, a cor da pele, os cabelos e as feições do rosto, todo o físico enfim, não deixa dúvida alguma acerca da comunidade da sua origem.

O peixe e o marisco formam a base da alimentação da população marítima ou fluvial; a do interior vive do produto da caça, e sustenta-se com a carne de opossum, de canguru, de lagarto, de serpente, de formiga, que misturam com os ovos numa massa de raiz de feto.

Por toda a parte o costume dos indígenas é andarem completamente nus; não desdenham contudo os fatos europeus, que podem arranjar, e vestem-nos. Em 1820 via-se em Port-Jackson, segundo se diz, uma velha negra embrulhada nos fragmentos de um cobertor de lã e com um chapelinho de senhora, de seda verde, na cabeça. Era impossível imaginar-se caricatura mais grotesca.

Alguns indígenas, contudo, fabricam mantos de pele de opossum ou canguru, cujas peças cosem com nervos de casuar, mas esse género de fato é raro.

Os seus cabelos lisos são entrançados, depois de se terem besuntado com banha. Tendo no meio um molho de ervas, elevam um edifício extravagante e singular, de onde saem algumas penas de catatua, a não lhe pegarem com resina dentes humanos, pedaços de pau, caudas de cão ou ossos de peixe.

Apesar de se não usar muito a tatuagem na Nova Holanda, encontram-se contudo muitas vezes alguns indígenas que arranjam com umas conchas cortantes incisões quase perfeitamente simétricas. Um uso não menos geral é o

de pintar o corpo com riscas vermelhas ou brancas, ou com figuras singulares, que dão às peles escuras uma aparência diabólica.

Esses selvagens estavam persuadidos em outro tempo de que, depois da morte, eram transportados para as nuvens ou para o cimo das árvores mais altas, debaixo da forma de criancinhas, e que gozavam nesses paraísos aéreos de uma grande abundância de alimento. Mas, depois da chegada dos Europeus, modificaram-se as suas crenças e pensam agora que ficarão brancos e irão habitar em países remotos. Por isso imaginam que os brancos são outros tantos antepassados que, tendo morrido nos combates, assumiram esta forma nova.

O recenseamento de 1819, um dos mais minuciosos que neste período se organizaram, acusa uma população colonial de 25425 habitantes, não entrando, bem entendido, os militares.

Como o número de mulheres é sensivelmente inferior aos dos homens, haviam daí resultado alguns inconvenientes que a metrópole procurava remediar mandando para lá raparigas solteiras, que tinham encontrado logo noivos, formando assim famílias cujo nível moral não tardará a exceder o dos *convicts.*

Um capítulo muito longo é consagrado, na relação de Freycinet, a tudo o que respeita a economia política. As diferentes espécies de terra e as sementes que lhes convêm, a indústria, a criação de gado, a economia rural, as manufaturas, o comércio, os meios de comunicação, a administração e todas as suas questões são tratadas com grande minuciosidade, à vista de documentos então recentes e com uma competência que mal se espera de um homem que não fez desses assuntos o objeto dos seus estudos habituais. Enfim, ali se encontra um estudo muito profundo do regime a que estavam submetidos os *convicts* desde que chegavam à colónia, dos castigos que os esperavam, assim como dos estímulos e das recompensas que se lhes concediam com certa facilidade, logo que o seu procedimento se tornava regular. Ao mesmo tempo encontram-se nesse capítulo considerações tão sensatas como judiciosas acerca do porvir da colónia australiana e da sua prosperidade futura.

A 25 de dezembro de 1819, depois dessa longa e científica estação, a

Urânia fazia-se de novo ao mar e dirigia-se de modo que passasse ao sul da Nova Zelândia e da ilha Campbell para chegar ao cabo Horn. Dias depois descobria-se a bordo uma dezena de deportados fugitivos, mas já se estava muito longe da Nova Holanda e não era possível ir lá reintegrá-los.

Chegou a *Urânia* às costas da Terra do Fogo, sem haver facto saliente a notar nessa navegação, constantemente favorecida pelo vento de oeste. A 5 de fevereiro dobrou-se o cabo da Desolação. Dobrado o cabo Horn sem obstáculos, fundeou a *Urânia* na baía do Bom Sucesso, cujas margens, guarnecidas de altas árvores e regadas por cascatas, não apresentavam essa aridez e essa desolação que em geral distinguem aquelas tristes paragens.

A estação também não foi longa, e a corveta, continuando o seu caminho, não tardou a enfiar pelo estreito de Lemaire, no meio de um denso nevoeiro. Foi ali acolhida por vagas tempestuosas, uma ventania violenta e um nevoeiro opaco, que confundia numa cor uniforme a terra, o mar e o céu.

Foi necessário correr de vento em popa, e já estavam todos contentíssimos por verem que o furacão os arrastava para longe das costas, quando subitamente se ouviu este grito: «Terra pela proa e muito perto.»

Uma terrível angústia confrangeu então todos os corações. O naufrágio era inevitável.

Só Freycinet, depois de um momento de hesitação, ficou senhor de si. Não podia haver terra pela proa; mandou continuar a correr para o norte, carregando um pouco para leste, e não tardou a experiência a provar a exatidão dos seus cálculos.

Daí a dois dias, tendo serenado o tempo, fez-se o ponto, e, como se estava muito longe da baía do Bom Sucesso, tinha o comandante a escolher entre uma arribada à costa da América e outra às ilhas Maloínas. Decidiu-se por esta última.

A ilha Conti, a baía Marville e o cabo Duras foram sucessivamente entrevistos através da bruma, enquanto uma brisa favorável impeliu o navio para a baía Francesa, lugar marcado para a nova arribada. Já todos se felicitavam por

terem efetuado tantos trabalhos perigosos, por terem levado a bom termo tão rude campanha sem desastre grave. Para os marinheiros, como diz Byron:

The worst was over, and the rest seemed sure.

Mas uma rude provação esperava ainda os navegadores.

Quando entraram na baía Francesa, estavam todos a postos para fundear. Velavam as vigias, a sonda estava na mão, quando se deu o sinal de haver rochas, primeiro a vinte braças, depois a dezoito. A terra ficava ainda a meia légua. De repente a corveta bateu numa rocha submarina. A sonda, nesse momento, acusava de cada lado quinze a doze braças. O escolho em que o navio acabava de tocar era por conseguinte menos largo do que a própria corveta. Efetivamente era a crista de uma rocha.

Fragmentos de madeira, que vieram à superfície, fizeram logo recear que o desastre fosse grave. Correu-se às bombas. A água entrava com violência no porão. Freycinet mandou logo passar uma vela para debaixo da quilha, de modo que, entrando na avaria, diminuísse a abertura pela qual a água se precipitava. Não valeu de nada. Apesar de estarem todos nas bombas, oficiais e marinheiros, só se conseguiu impedir que a água alagasse de todo o navio. Não havia remédio senão encalhar.

Mas não bastava que se tomasse essa resolução, por mais penosa que fosse, era necessário executá-la. Por toda a parte estava a terra orlada de rochas, e só no fundo da baía é que se podia encontrar uma praia de areia, propícia para um encalhe. A brisa estava contrária, vinha chegando a noite, e o navio estava já meio cheio de água. Pode-se imaginar quais seriam as angústias do comandante. Sempre se encalhou contudo na costa da ilha dos Pinguins.

«Neste instante», diz Freycinet, «era tal a fadiga dos nossos homens que não havia remédio senão interromper toda a espécie de trabalhos e dar à tripulação um descanso tanto mais indispensável quanto a nossa situação nos ia obrigar a uma infinidade de operações muito custosas. Mas eu podia por acaso

entregar-me ao descanso?! Agitado por mil dolorosos pensamentos, parecia-me um sonho a minha existência! Essa passagem súbita de uma posição em que tudo parecia sorrir-me para aquela em que me achava oprimia-me como um horrível pesadelo; tinha as ideias transformadas e havia de ser difícil recuperar a tranquilidade de que precisava e que devia ser submetida a tão dolorosa provação! Todos os meus companheiros de viagem tinham cumprido o seu dever no horrível sinistro de que íamos sendo vítimas e folgo de fazer justiça a todos.»

Quando veio o dia iluminar a paisagem, uma lúgubre tristeza se apoderou de todos os homens. Nem uma árvore, nem um feixe de erva nessas plagas desoladas! Apenas a solidão silenciosa, perfeitamente semelhante à da baía dos Cães-Marinhos.

Mas o momento não era para desânimos! Nem tempo havia para isso! Os diários, as observações e todos esses documentos preciosos, alcançados à custa de tantas fadigas e de tantos perigos, haviam de desaparecer no abismo dos mares?

Salvaram-se todos. Por desgraça não sucedeu o mesmo às coleções! Muitas caixas de amostras, que estavam no fundo do porão, se perderam completamente, outras ficaram avariadas pela água do mar. As coleções que mais padeceram com o desastre foram as de história natural e o herbário que Gaudichaud reunira à custa de tanto trabalho. Os carneiros-marinhos, que se deviam à generosidade do Sr. Mac-Arthur, de Sydney, e que se esperava que se aclimatassem em França, foram desembarcados, assim como todos os outros animais ainda vivos.

Armaram-se barracas em primeiro lugar para os doentes de bordo, depois para os oficiais e para a marinhagem. Os víveres e as munições extraídas do navio foram postas com todo o cuidado a abrigo da intempérie das estações. Reservaram-se os licores fortes para a época em que se deixasse o lugar do naufrágio, e durante os três meses que os franceses tiveram de se demorar neste sítio não houve nem um só roubo de rum nem de aguardente, apesar de estarem todos reduzidos a beber água pura.

Enquanto se procurava, não sem custo, consertar as avarias graves da *Urânia*, estavam alguns marinheiros encarregados de cuidar da subsistência comum, empregando-se na caça e na pesca. Abundavam pelas lagoas leões-marinhos, patos, gansos, etc., mas era difícil agarrá-los de cada vez em número suficiente para sustentar a tripulação toda, e a despesa de pólvora seria, além disso, nimiamente considerável. Felizmente encontraram-se uns pássaros tão estúpidos que se deixavam matar à paulada, e eram tão numerosos que bastariam para alimentar cento e vinte homens durante cinco a seis meses. Conseguiu-se igualmente matar alguns cavalos, que se tinham tornado bravos depois da partida da colónia fundada por Bougainville.

A 28 de fevereiro teve de se reconhecer que, com os fracos meios de que se dispunha, era impossível consertar as avarias da corveta, tanto mais que as pancadas do navio no solo tinham consideravelmente agravado o estado das coisas.

Que se havia de fazer?

Devia-se esperar que algum navio arribasse à baía Francesa?

Era deixar os marinheiros na ociosidade e por conseguinte abrir as portas às desordens.

Não era melhor procurar construir com os restos da *Urânia* um navio mais pequeno?

Possuía-se justamente uma grande chalupa. Fazendo-a mais alta e dando-se-lhe coberta não poderia chegar a Montevideu, e trazer de lá um navio capaz de salvar o material e o pessoal da expedição?

Foi esta última resolução a que Freycinet tomou, e desde então não se perdeu um minuto. Como que se apoderou dos marinheiros uma energia nova, e trabalhou-se rapidamente.

Foi então que o comandante reconheceu o bem que fizera quando embarcara em Toulon marinheiros que tinham diversos ofícios. Fabricantes de velas, ferreiros, cordeiros, serradores de madeira, todos se ocuparam com atividade da tarefa que lhes incumbia. Quanto à viagem que se ia empreender,

ninguém duvidava de que teria êxito. Trezentas e cinquenta léguas apenas separavam as Maloínas de Montevideu, e os ventos que remam nestas paragens nesta época do ano permitiriam à *Esperança*, foi esse o nome que se deu à chalupa transformada, fazer esse trajeto em poucos dias.

Era indispensável contudo prever o caso de esta frágil embarcação não poder chegar ao rio da Prata. Por isso também Freycinet estava resolvido a pôr no estaleiro imediatamente depois da sua partida um pequeno navio de cem toneladas.

Apesar de se estar muito absorvido nestes variados e múltiplos trabalhos, não deixava de se proceder às observações costumadas de astronomia, de física, de história natural e de hidrografia. Parecia que se estava simplesmente numa arribada.

Enfim, concluiu-se o navio e deitou-se à água. As instruções para o seu comandante, o capitão Duperrey, estavam redigidas, a sua tripulação estava escolhida, metiam-se a bordo as provisões e deliberara-se que partisse daí a dois dias, quando, a 19 de março de 1820, se ouviram estes gritos: «Um navio! Um navio!» Via-se na entrada da baía um *sloop* à vela.

Dispararam-se uns poucos de tiros de peça para lhe chamar a atenção, e o mestre da embarcação veio imediatamente a terra.

Em poucas palavras expôs Freycinet a este homem as circunstâncias que o tinham forçado o estabelecer-se nesta costa.

O mestre respondeu que estava às ordens de um navio americano, o *General Knox,* empregado na pesca das focas na ilha West, que fica na ponta mais ocidental das Maloínas.

Foi logo um oficial encarregado de ir entender-se com o capitão desse navio, acerca da natureza dos socorros que ele poderia dar aos franceses; mas este pediu 135 750 francos para levar os náufragos ao Rio de Janeiro. Era realmente abusar de um modo estranho das circunstâncias. Por isso o oficial francês não quis resolver coisa alguma sem consentimento do seu comandante e pediu ao americano que entrasse na baía Francesa.

Durante essas negociações entrara na baía um outro navio, o *Mercury,* capitão Galvin. Tendo saído de Buenos Aires para levar canhões a Valparaíso, o *Mercury,* quando ia para dobrar o cabo Horn, tivera um rombo muito considerável, por onde metia água, o que o forçara a vir consertar-se às Maloínas. Foi esse um feliz acontecimento para os franceses, e a concorrência que da estada dos dois navios resultaria não podia deixar de redundar em vantagem deles.

Freycinet ofereceu imediatamente ao capitão Galvin, para reparar as suas avarias, os socorros em materiais e em homens de que dispunha, acrescentando que, se os seus carpinteiros lhe pudessem consertar o navio, lhe pediria que o transportasse com os seus companheiros para o Rio de Janeiro.

Daí a quinze dias estavam terminados os consertos. Entretanto as negociações com o *General Knox* tinham terminado, recusando absolutamente Freycinet aceder às exigências do capitão americano. Quanto ao capitão Galvin, só depois de uma luta de muitos dias é que se chegou a uma solução, conseguindo Freycinet levá-lo a assinar o seguinte contrato:

1.º O capitão Galvin comprometia-se a conduzir ao Rio os náufragos, os seus papéis, as suas coleções e os seus instrumentos, assim como tudo o que se pudesse acomodar dos salvados da *Urânia.*

2.º Os náufragos deviam sustentar-se durante a viagem com os víveres que tinham de reserva.

3.º Chegados ao seu destino, os franceses deviam pagar-lhes, num prazo de seis dias, uma soma de 97740 francos.

Assim terminou essa laboriosa negociação, aceitando Freycinet condições verdadeiramente leoninas.

Antes de deixar as Maloínas, o naturalista Gaudichaud enriqueceu esta terra miserável com muitas espécies de plantas, que lhe pareceu serem úteis aos navegadores arribados.

Rápidos pormenores acerca deste arquipélago não deixarão de ter algum interesse. Composto de um grande número de ilhotas e de duas ilhas principais,

Conti e Maidenland, este grupo fica entre 50° 57’ e 52° 45’ sul e 60° 4’ e 63° 48’ a oeste do meridiano de Paris.

A baía Francesa, situada na extremidade oriental da ilha Conti, é uma vasta abertura, mais funda do que larga, de costas pedregosas.

A temperatura é amena, apesar da elevada latitude dessas ilhas. A neve não é abundante e não dura mais de dois meses, no cimo das mais altas montanhas. Os riachos não gelam, e nunca um lago nem uma lagoa gelada pode suportar o peso de um homem mais de vinte e quatro horas a fio. Segundo as observações de Weddell, que frequentou estas paragens de 1822 a 1824, a temperatura subiu consideravelmente há mais de quarenta anos, em consequência da mudança de direção dos grandes bancos de gelo, que se vão perder no meio do Atlântico.

No dizer do naturalista Quoy, parece que as Maloínas, se considerarmos a pouca profundidade do mar que as separa da América e a parecença que existe entre as suas planícies relvosas e os pampas de Buenos Aires, fizeram parte outrora do continente.

Essas planícies são baixas, pantanosas, cobertas de altas ervas, alagadas de inverno. Ali se encontram largos espaços de uma antracite negra, que é um excelente combustível.

Essa natureza especial do solo impediu a vegetação das árvores que Bougainville quisera aclimatar nestas ilhas e de que já não restava o mínimo vestígio na época da residência de Freycinet. A planta maior e mais vulgar é uma espécie de espadana excelente para sustento dos animais e que serve de refúgio a grande número de focas. Foi esta planta que os primeiros viajantes tomaram de longe por altas moitas.

O aipo, a cocleária, o agrião, o dente-de-leão, a framboeseira, as azedas, a pimpinela, são as únicas plantas úteis ao homem que se encontram neste arquipélago.

Quanto aos animais, os bois, os porcos, os cavalos, levados pelos colonos franceses e espanhóis, tinham-se multiplicado de um modo notável na ilha Conti, mas a caça que os baleeiros lhes davam não devia tardar a diminuir

sensivelmente o seu número.

O único quadrúpede que é verdadeiramente indígena das Maloínas é o cão antártico, cujo focinho lembra perfeitamente o da raposa. Por isso lhe chamam alguns baleeiros cão-raposa ou lobo-raposa. Estes animais ferozes atiravam-se à água para atacar os marinheiros de Byron; agora contentam-se com os coelhos, que não tardaram a pulular ali, quando as focas, que eles não receavam combater, chegavam a escapar-lhes.

A 28 de abril de 1820, o *Mercury* fazia-se ao mar, levando Freycinet e a sua tripulação para o Rio de Janeiro. Mas o capitão Gavin não refletira no seguinte, a saber: que, arvorando a bandeira dos independentes de Buenos Aires, que estavam então em guerra com os Portugueses, o seu navio seria confiscado apenas entrasse no Rio de Janeiro, que os seus marinheiros, e ele também, seriam aprisionados. Tentou, por conseguinte, fazer com que Freycinet modificasse o contrato, esperando resolvê-lo a desembarcar em Montevideu. Mas Freycinet não consentiu de forma alguma, e um novo contrato se substituiu ao primeiro.

Por esta última escritura, Freycinet ficava sendo, por conta da marinha francesa, proprietário do *Mercury,* mediante a soma estipulada no primeiro contrato.

A 8 de maio, chegava-se diante de Montevideu, onde Freycinet tomou o comando do navio, a que deu o nome de *Física.* Aproveitou esta arribada para proceder ao armamento, à arrumação, à revisão do aparelho, ao embarque da água e das provisões necessárias para chegar ao Rio de Janeiro, onde a *Física* não entrou sem haver experimentado avarias bastante importantes.

A *Física* tinha um aspeto tão pouco belicoso que, apesar da flâmula de navio de guerra, que flutuava no alto do mastro grande, os guardas da alfândega enganaram-se e quiseram visitá-lo como se fosse um navio de comércio.

Eram indispensáveis consertos muito importantes, que obrigaram Freycinet a demorar-se no Rio até 18 de setembro.

Seguiu então definitivamente o seu caminho para França, e fundeou a 13

de novembro de 1820 no Havre, depois de uma navegação de três anos e dois meses, durante a qual percorrera dezoito mil oitocentas e sessenta e duas léguas marítimas, ou vinte e três mil quinhentas e setenta e sete léguas médias de França.

Dias depois, Freycinet entrava em Paris gravissimamente enfermo e entregava na secretaria da Academia das Ciências os manuscritos científicos da viagem, que não formavam menos de trinta e um volumes in-4.º.

Ao mesmo tempo os naturalistas da expedição, Quoy, Gaimard e Gaudichaud, entregavam as aimostras que tinham reunido, e em que entravam quatro novas espécies de mamíferos, quarenta e seis de peixes, trinta de répteis, moluscos, anelídeos, pólipos, etc., etc.

Tendo de responder a conselho de guerra, em conformidade com as leis militares, por ter perdido o seu navio, não só Freycinet foi absolvido por unanimidade, mas também foi ardentemente felicitado pela sua energia, pela sua capacidade e as medidas hábeis e vigilantes que tomara nessas tristes circunstâncias. Por isso também, dias depois, sendo recebido por Luís XVIII, este acompanhou-o até à porta, dizendo-lhe: «Entrou no paço capitão de fragata, sai capitão de mar e guerra. Não me agradeça e diga-me só o que João Bart disse a Luís XIV: Fez Vossa Majestade muito bem.»

Desde esse momento consagrou Freycinet todo o tempo de que dispunha à publicação dos resultados da sua expedição. O pouco que dissemos faz perceber que esses resultados eram imensos, mas excessivamente conscienciosos; o explorador não queria que aparecesse coisa alguma que não fosse perfeita e fazia empenho em que as suas obras ficassem à altura dos conhecimentos adquiridos. Pode-se imaginar o tempo que teve de empregar na classificação dos numerosos materiais que trouxera. Por isso, quando a morte o surpreendeu, a 18 de agosto de 1842, não dera ainda a última demão a uma das partes mais curiosas e mais novas do seu trabalho, a que era relativa às línguas da Oceânia e em especial à das Marianas.

No fim do ano de 1821, o ministro da Marinha, marquês de Clermont-

Tonnerre, recebia um novo plano de viagem, que lhe apresentavam dois jovens oficiais: os Srs. Duperrey e Dumont d'Urville. O primeiro estava apenas em França havia um ano; imediato de Freycinet na *Urânia*, prestara, pelos seus conhecimentos científicos e hidrográficos, serviços importantes à expedição. O segundo, colaborador do capitão Gauttier, distinguira-se durante a campanha hidrográfica que este acabava de terminar no Mediterrâneo e no mar Negro. Tinha muito gosto pela botânica e pelas artes e fora o primeiro a apontar o valor artístico da Vénus de Milo, que se acabava de descobrir.

O objetivo da viagem proposta por estes jovens eruditos era o estudo dos três reinos da natureza, o magnetismo, a meteorologia e a determinação da figura da Terra.

«Quanto à geografia», diz Duperrey, «tencionávamos confirmar ou retificar, ou por observações diretas ou pelo transporte do tempo, a posição de um grande número de pontos nas diversas partes do Globo, especialmente nos numerosos arquipélagos do grande Oceano, tão fecundo em naufrágios e tão notável pela natureza e pela forma das ilhas baixas, dos bancos e dos recifes que as compõem, traçar novos caminhos nos arquipélagos Perigoso e nas ilhas da Sociedade, ao lado dos caminhos de Queirós, de Wallis, de Bougainville e de Cook, ligar os nossos trabalhos hidrográficos com os das viagens de D'Entrecasteaux e do Sr. Freycinet, na Polinésia, na Nova Holanda e nas ilhas Molucas, e visitar especialmente essas ilhas Carolinas descobertas por Magalhães, acerca das quais, com exceção da parte oriental, examinada nos nossos dias pelo capitão Kotzebue, tínhamos apenas descrições muito vagas, transmitidas pelos missionários, em conformidade com as narrativas de alguns selvagens, perdidos nas suas pirogas e lançados pelo vento nas costas das ilhas Marianas. A língua, o caráter, os costumes e a fisionomia dos insulares deviam ser também objeto de observações particulares e não menos curiosas.»

Os médicos da Armada, Garnot e Lesson, foram encarregados das observações da história natural, ao passo que se recrutava o estado-maior entre os oficiais mais ilustres. Entravam no número destes últimos os Srs. Lesage,

Jacquinot, Bérard, Lottin, Blois e Blosseville.

A Academia das Ciências, muito entusiasmada com o plano de investigações apresentado pelos promotores dessa campanha, pôs à sua disposição instruções minuciosas, em que estavam expostos com todo o cuidado os *desiderata* da ciência. Ao mesmo tempo, eram entregues aos exploradores os instrumentos mais aperfeiçoados.

O navio escolhido foi uma pequena galera, que apenas demandava doze a treze pés de água, a *Concha*, que estava de reserva no porto de Toulon.

O tempo que levou a limpeza, a arrumação e o armamento do navio não consentiu que a expedição partisse antes do dia 11 de agosto de 1822. Chegou a 28 do mesmo mês a Tenerife, onde os oficiais esperavam ainda respigar alguma coisa depois das ricas messes de observações que os seus antecessores tinham colhido; mas o conselho sanitário, informado da aparição da febre-amarela nas praias do Mediterrâneo, submeteu a *Concha* a uma quarentena de quinze dias.

Nesta época, as opiniões políticas estavam por tal forma sobre-excitadas, reinava tal agitação em Tenerife, que os habitantes estavam todos os dias a ponto de vir às mãos. Percebe-se que nestas circunstâncias a pena que os franceses tiveram de não desembarcar não foi lá das maiores. Por isso os poucos dias passados nesta estação foram completamente consagrados ao abastecimento da corveta, assim como às observações astronómicas e magnéticas.

A 1 de setembro levantou-se ferro e a 6 de outubro procedeu-se ao reconhecimento das ilhotas Martim Vaz e da Trindade. As primeiras são rochedos elevados, de uma nudez repelente. A Trindade é uma terra alta, pedregosa, estéril, cuja parte meridional é coroada por algumas árvores. Esta ilha é simplesmente a famosa Ascensão, que foi durante três séculos alvo das investigações dos exploradores.

O célebre Halley, em 1700, tomara posse dessa ilhota em nome do seu Governo, que teve de a ceder aos Portugueses quando eles ali se estabeleceram no sítio em que La Pérouse ainda os encontrou em 1785. Esse estabelecimento, inútil e dispendioso, foi abandonado pouco depois, e a ilha não tem hoje outros

habitantes a não ser cães, porcos e cabras, descendentes dos animais outrora importados.

Afastando-se da Trindade, Duperrey tinha o projeto de ir diretamente às Maloínas, mas uma avaria, que se tratava de consertar o mais cedo possível, fez-lhe tomar a resolução de parar na ilha de Santa Catarina. Só ali podia encontrar a um tempo a madeira necessária para o conserto de sua mastreação e os refrescos, que, por serem muito abundantes, deviam ser baratos.

Quando o viajante se aproxima dessa ilha fica agradavelmente impressionado pelo aspeto imponente e pitoresco das suas florestas espessas, em que os loureiros, os cedros, as laranjeiras, os sassafrases se misturam com as bananeiras e com as palmeiras, cujos penachos elegantes se balançam ao sabor da brisa.

No momento em que a corveta lançava ferro, haviam decorrido apenas quatro dias desde que o Brasil, sacudindo o jugo da metrópole, declarara a sua independência e proclamara imperador o príncipe D. Pedro de Alcântara. Por isso o comandante, desejando alcançar algumas informações sobre essa mudança de política e saber quais eram as disposições das novas autoridades, mandou a Nossa Senhora do Desterro, capital da ilha, uma missão composta dos Srs. D'Urville, Blosseville, Gabert e Gamot.

O governo da província estava nas mãos de uma junta, que autorizou imediatamente os franceses a cortar a madeira de que precisavam e convidou o governador do forte de Santa Cruz a facilitar com todos os seus recursos os seus trabalhos científicos.

Quanto aos víveres, custou um pouco a arranjá-los, porque os negociantes tinham transferido os seus fundos para o Rio, com receio dos acontecimentos. É isso provavelmente o que explica as dificuldades que encontrou o comandante da *Concha*, num porto que fora calorosamente recomendado pelos capitães Krusenstem e Kotzebue.

«Os habitantes», diz a relação, «estavam persuadidos de que não tardariam a ver tropas inimigas desembarcar nessa terra para a recolonizar, quer dizer, na

opinião deles, para os escravizar.

O decreto promulgado a 1 de agosto de 1822, que chamava todos os brasileiros às armas para defesa das costas e lhes ordenava que fizessem, nesse estado de coisas, uma guerra de guerrilhas, fora o que causara esses receios. As resoluções, a um tempo generosas e cheias de vigor, que o príncipe D. Pedro ia tomando, tinham dado uma elevada ideia do seu caráter e dos seus projetos de emancipação. Cheios de confiança nos seus desígnios, os numerosos partidários da independência estavam inspirados por um entusiasmo cuja expansão era tanto mais ruidosa quanto o seu espírito ardente estivera havia muito comprimido. No excesso da sua alegria, tinham coberto de iluminações as cidades de Nossa Senhora do Desterro, de Laguna e de S. Francisco. Tinham percorrido as ruas, cantando cantigas em honra de D. Pedro.»

Mas este entusiasmo, que todas as cidades manifestavam, não era partilhado pelos habitantes do campo, gente pacata, estranha às comoções da política, e, se Portugal estivesse em estado de apoiar os seus decretos com a remessa de uma esquadra, com certeza esta província seria facilmente reconquistada.

Foi a 30 de outubro que a *Concha* se fez novamente à vela. Flagelada a leste do rio da Prata por uma dessas ventanias terríveis que se denominam pampeiros, teve a fortuna de escapar sem avaria.

Duperrey fez neste sítio curiosíssimas observações sobre a corrente do rio da Prata. Já Freycinet reconhecera que o curso desse rio, cem léguas a leste de Montevideu, tem ainda uma velocidade de duas milhas e meia por hora. Mas o comandante da *Concha* reconheceu que essa corrente se faz sentir muito mais longe; demonstrou também que, apertadas pelo oceano, as suas águas são obrigadas a dividir-se em dois braços em direção prolongada das margens à sua embocadura; enfim, atribui aos imensos resíduos térreos, suspensos nas águas do Prata, e que, graças à diminuição da velocidade, se precipitam diariamente ao longo da costa da América, a pouca profundidade do mar, até às terras do estreito de Magalhães.

Antes de entrar na baía Francesa, a *Concha*, impelida por um vento favorável, cruzara-se com imensos cardumes de baleias, de golfinhos e de *gorfous* saltadores, habitantes comuns dessas regiões tempestuosas.

Não foi sem um sentimento de prazer bem natural que Duperrey e alguns dos seus companheiros tornaram a ver as Maloínas, essa terra que durante três meses lhes servira de refúgio depois do naufrágio da *Urânia.* Visitaram a praia onde se armara o seu acampamento; os restos da corveta estavam quase inteiramente sepultados na areia, e o que se via tinha os sinais das mutilações feitas pelos ávidos baleeiros, que se tinham sucedido uns aos outros neste sítio. Não se viam por toda a parte senão restos de toda a espécie, caronadas partidas, fragmentos de enxárcia, pedaços de roupa, farrapos de vela, trapos informes e que já nem se podiam conhecer, com que se misturavam os ossos dos animais que tinham servido de alimento aos náufragos.

«Esse teatro de um infortúnio recente», diz a relação, tinha um aspeto de desolação que entristecia ainda mais a nossos olhos a aridez do sítio e o estado do céu, que estava sombrio e chuvoso quando desembarcámos. Todavia, este espetáculo tinha para nós um atrativo indefinível e deixou na nossa alma uma impressão de vaga melancolia, que ainda conservámos muito tempo depois de partirmos das Maloínas.»

A estada de Duperrey nas Maloínas prolongou-se até 17 de dezembro. Tinham-se estabelecido no meio das ruínas do estabelecimento fundado por Bougainville, para executar os diversos consertos de que precisava o navio.

A caça e a pesca tinham, abundantemente, fornecido as tripulações de tudo o que lhes era necessário; a não ser frutas e legumes, tudo ali se encontrava em grande quantidade, e era no seio da abundância que a tripulação se preparava para afrontar os perigos dos mares do cabo Horn.

Primeiro teve de se lutar contra os ventos de sudoeste e correntes bastante fortes; depois as rajadas e as brumas sucederam umas às outras, até os navegadores chegarem, a 19 de janeiro de 1823, à ilha de Mocha, de que já tivemos ocasião de falar ligeiramente. Duperrey coloca-a a 38° 20’ 30” de

latitude sul e a 76° 21’ 55” de longitude oeste e dá-lhe vinte e quatro milhas de circunferência. Formada por uma cordilheira de mediana altura, que se vai abaixando até às praias do mar, esta ilha foi o ponto de encontro dos primeiros exploradores do oceano Pacífico. Ali encontravam, os flibusteiros e os navios mercantes, cavalos e porcos bravos, cuja carne era de uma delicadeza proverbial. Também ali se encontrava uma água pura e límpida, assim como alguma fruta europeia: maçãs, pêssegos e cerejas, provenientes das árvores que os conquistadores haviam levado. Mas em 1823 todos esses recursos tinham quase desaparecido, desperdiçados pelos imprevidentes baleeiros.

Um pouco mais adiante apareciam as duas «mamas» que marcam a embocadura do Bio Bio, a ilhota da Quebra-Ollas, a ilha Quiriquina, depois desenrolou-se a baía da Conceição, onde estava um só baleeiro inglês, que ia dobrar o cabo Hora e a quem se entregou a correspondência e o resultado dos trabalhos executados até essa época.

No dia seguinte ao da chegada, assim que o sol veio iluminar a baía, o aspeto de tristeza e de desolação, que na véspera tanto surpreendera os nossos marinheiros, pareceu-lhes ainda mais horroroso. As casas, em completa ruína, e as ruas silenciosas da cidade, na praia algumas pirogas meio arrombadas, junto das quais vagueava um pequeno número de pescadores com trajos sórdidos, pardieiros e choças escancaradas, diante das quais mulheres esfarrapadas se penteavam mutuamente, tal era o quadro lamentável que apresentava a vila de Talcahuano.

Para contrastar mais amargamente com a miséria dos habitantes, a natureza revestira com os seus mais opulentos enfeites as colinas e os parques, os jardins e os pomares; por toda a parte flores brilhantes e frutos, cuia brilhante cor mostrava que se achavam plenamente sazonados. Um sol implacável, um céu sem nuvens, aumentavam ainda a amargura dessa cena. Essas ruínas, essa desolação, essa miséria, eram os resultados mais claros das revoluções que se tinham sucedido umas às outras.

Em Santa Catarina, os franceses haviam sido testemunhas da declaração da

independência do Brasil. Assistiram aqui à queda do diretor O'Higgins. Esquivando-se à convocação de um congresso, sacrificando os agricultores aos comerciantes pelo aumento dos impostos diretos e diminuição dos direitos das alfândegas, acusado de concussão, da mesma forma que os seus ministros, O'Higgins sublevara contra si a maior parte da população.

À testa do movimento que se preparava contra ele estava o general D. Ramon Freire y Serrano, que deu aos exploradores a mais formal certeza de que os acontecimentos políticos em nada embaraçariam o abastecimento da *Concha.*

A 26 de janeiro entravam duas corvetas na Conceição; transportavam um francês, o coronel Beauchef, que vinha juntar-se ao general Freire, com um regimento organizado por ele, e que, pelo seu porte, pela sua disciplina e pela sua instrução, era um dos mais belos do Exército chileno.

A 2 de fevereiro os oficiais da *Concha* foram visitar o general Freire à Conceição. Quanto mais se aproximavam da cidade, mais numerosos eram os campos devastados, as casas queimadas, mais raros os habitantes, apenas cobertos com farrapos. À entrada da Conceição estava espetada num mastro a cabeça de um bandido famoso, uma verdadeira fera, Benevides, que cometera todos os horrores imagináveis e cujo nome foi por muito tempo execrado no Chile.

O aspeto da cidade era ainda mais triste. Queimada ora por um, ora por outro dos países vitoriosos, a Conceição não era mais do que um montão de ruínas, no meio das quais vagueavam seminus, miseráveis, restos de uma população opulenta.

Crescia a relva nas ruas; o paço episcopal, a catedral, únicos edifícios que ainda se conservavam de pé, mas hiantes e arrombados, não deviam resistir por muito tempo às intempéries da estação.

O general Freire, antes de se declarar contra O'Higgins, impusera a paz aos Araucanos, bravos indígenas que tinham sabido conservar a sua independência e que se mostravam prontos sempre a invadir o território espanhol. Alguns eram até empregados como auxiliares nas tropas chilenas.

Duperrey, que os viu e colheu, a respeito deles, do general Freire e do coronel Beauchef verídicas informações, faz deles um retrato pouco lisonjeiro, de que em seguida damos o resumo:

Montados em cavalos rapidíssimos, os Araucanos trazem uma comprida lança, uma comprida faca em forma de espada, chamada machete, e o laço que manejam com tanta habilidade.

De estatura normal, de tez acobreada, têm os olhos pequenos, negros e vivos, o nariz um pouco chato, os lábios grossos, o que lhes dá uma expressão de ferocidade bestial. Divididos em tribos ciosas umas das outras, amadores infrenes de saque, turbulentos, estão entre si numa perpétua guerra.

«Se muitas vezes receberam debaixo dos seus toldos os vencidos e tomaram a sua defesa», diz a relação, «foram sempre levados a praticar essa ação generosa por um espírito de vingança particular: é porque no partido oposto estava como aliada alguma tribo que eles queriam exterminar. Neles o ódio domina todas as outras paixões e é a única que tem mais perdurável garantia da sua fidelidade. São todos de uma bravura experimentada, ardentes, impetuosos, desapiedados com os seus inimigos, que matam com horrível impassibilidade. Imperiosos e vingativos, são de uma desconfiança extrema com relação àqueles que não conhecem, mas hospitaleiros e generosos com aqueles que tomaram por amigos. Veementes em todas as suas paixões, mostram-se excessivamente ciosos da sua liberdade e dos seus direitos, e estão sempre prontos a mantê-los de armas na mão. Guardam eternamente a lembrança até da mais leve injúria, nunca perdoam, e têm uma sede inextinguível do sangue dos seus inimigos.»

Tal é o retrato — com semelhança garantida — que Duperrey traça destes selvagens, filhos dos Andes, que tiveram ao menos o merecimento de resistir desde o século XVI a todos os esforços dos invasores e de conservar intacta a sua independência.

Depois da partida do general Freire e das tropas que ele levava consigo, Duperrey aproveitou todos os instantes para ativar o abastecimento do seu navio. Meteu-se rapidamente a bordo a água e o biscoito, mas foi necessário mais

algum tempo para o carvão de pedra, que se arranjou sem despesa, indo apanhar-se a uma mina à flor do solo. Não teve de se pagar senão aos arrieiros, cujas mulas o transportaram para a beira-mar.

Apesar de as circunstâncias, no meio das quais a *Concha* estacionava na Conceição, serem muito pouco alegres, a tristeza geral não pôde resistir aos júbilos tradicionais do Entrudo. Os jantares, as receções e os bailes recomeçaram, e não se deu, para assim dizer, pela partida do exército, senão por causa da ausência dos cavalheiros para as contradanças. Os oficiais franceses, para se mostrarem gratos ao excelente acolhimento que se lhes fizera, deram dois bailes em Talcahuano, e muitas famílias da Conceição fizeram viagens de propósito para assistir a esses bailes.

Por infelicidade, a relação de Duperrey interrompe-se no momento em que vai sair do Chile, e não temos documento oficial que nos permita contar minuciosamente esta interessante e frutífera expedição. Longe de podermos seguir passo a passo o original, como fizemos com as viagens dos outros navegadores, somos obrigados a abreviar os resumos que temos à vista. Tarefa ingrata, pouco agradável para o leitor, mas difícil para o escritor, que deve respeitar os factos e não pode alegrar a sua narrativa com as observações pessoais e com as anedotas, às vezes chistosas, dos viajantes.

Contudo alguns dos ofícios dirigidos pelo navegador ao ministro da Marinha foram publicados, e deles podemos extrair as seguintes particularidades:

A 15 de fevereiro de 1823, a *Concha* partia da Conceição para Payta, onde embarcaram em 1595 Álvares de Mendana e Fernandes Queirós para a viagem da descoberta que ilustrou os seus nomes. Mas uns quinze dias depois, tendo a calmaria surpreendido a *Concha* nos arredores da ilha Lourenço, Duperrey resolveu arribar a Callao, para tomar alguns víveres frescos. Por isso os oficiais não podiam dispensar-se de fazer uma visita à capital do Peru. Não foram favorecidos pelas circunstâncias: as senhoras estavam nos banhos de mar de Miraflores e os homens mais eminentes tinham-nas acompanhado.

Tiveram por conseguinte de limitar-se a visitar as habitações e os edifícios mais importantes da cidade.

Voltaram, a 4 de março, para Callao. A 9 do mesmo mês a *Concha* fundeou em Payta.

A posição desta praça, entre o equador terrestre e o equador magnético, permitiu que se entregassem a observações sobre a variação diária da agulha. Os naturalistas fizeram ali igualmente algumas excursões no deserto de Piura, onde colheram curiosíssimas petrificações conquiológicas num terreno terciário, perfeitamente análogo aos dos arredores de Paris.

Logo que se exauriu em Payta tudo o que podia oferecer algum interesse à ciência, a *Concha* seguiu de novo o seu caminho e fez-se de vela para Taiti.

A navegação foi assinalada por um incidente que poderia motivar a perda total da expedição, ou, pelo menos, embaraçar bastante o seu progresso. Na noite de 22 de abril estava a *Concha* nas paragens do arquipélago Perigoso, quando o oficial de quarto ouviu de súbito o barulho das vagas quebrando num recife; pôs imediatamente o navio à capa, e quando rompeu o dia viu-se a que perigo se escapara. Milha e meia apenas separava a corveta de uma ilha baixa, bem arborizada e orlada de rochedos em toda a sua extensão. Sustentava alguns habitantes, e uma piroga se aproximou do navio, mas a gente que a tripulava não quis de modo algum ir a bordo. Duperrey teve de renunciar a visitar essa terra, que recebeu o nome de Clermont-Tonnerre; por toda a parte a vaga quebrava com violência nos rochedos e não se pôde fazer mais do que navegar ao longo da costa e a pequeníssima distância, de uma à outra extremidade.

No dia seguinte e nos dias imediatos reconheceram-se algumas ilhotas sem grande importância, a que se deram os nomes de Augier, de Freycinet e de Lostanges.

Ao romper do Sol, a 3 de maio, descobriram-se enfim as plagas verdejantes e as montanhas arborizadas de Taiti. Como os seus predecessores, Duperrey não pôde deixar de notar a mudança radical que se operara nos costumes e nos hábitos dos indígenas.

Nenhuma piroga veio ao encontro da *Concha.* Eram horas de sermão quando entrou na baía de Matavi, e os missionários tinham reunido toda a população da ilha, em número de sete mil indivíduos, na igreja principal de Papahoa, a fim de ali discutir os artigos de um novo código de leis. Os oradores taitianos não eram inferiores aos nossos, ao que parece, porque grande número deles possuíam o talento apreciado de falar muitas horas sem dizer coisa alguma, e de enterrar os mais belos projetos debaixo das flores da sua eloquência.

Aqui está como D'Urville conta uma destas sessões:

«O desenhador da expedição, o Sr. Lejeune, assistiu sozinho à sessão do dia seguinte, onde se submeteram várias questões políticas à Assembleia popular. Durou muitas horas, durante as quais os chefes tomaram a palavra uns em seguida aos outros.

Os mais brilhantes oradores dessa multidão eram os chefes Taitis; a principal questão agitada foi uma capitação anual, que se devia estabelecer, à razão de cinco bambus de azeite por cada homem. Em seguida tratou-se dos impostos, que se deviam cobrar por conta dos reis, ou por conta dos missionários. Soubemos depois que a primeira questão fora resolvida no sentido afirmativo, que a segunda, a que dizia respeito aos missionários, fora adiada por eles próprios, na previsão de um desastre. Quatro mil pessoas assistiam a esta espécie de congresso nacional.»

Havia dois meses que o Taiti abandonara o pavilhão inglês para adotar uma bandeira própria, e essa revolução pacífica em nada alterara a confiança que o povo manifestava aos missionários. Estes acolheram perfeitamente os franceses e venderam-lhes, por preços regulares, os refrescos de que precisavam.

O que era especialmente curioso nas reformas realizadas por estes homens era a transformação completa do procedimento das mulheres. De uma facilidade inaudita, no dizer de Cook, de Bougainville e dos outros exploradores contemporâneos, tinham passado a ser de uma modéstia, de uma castidade e de uma decência extremas, e a ilha tomara um aspeto de convento tão divertido como inverosímil.

De Taiti, a *Concha* passou a visitar a ilha vizinha Borabora, que faz parte do mesmo grupo e que adotara igualmente os costumes europeus.

A 9 de julho, a corveta, dirigindo-se para oeste, avistava sucessivamente as ilhas Selvage, Éoa, Santa Cruz, Bougainville e Bouka; depois fundeava enfim a 12 de agosto no porto Praslin, famoso pela sua formosíssima cascata, na costa da Nova Holanda.

«As relações amigáveis que se estabeleceram com os naturais permitiram acrescentar à história do homem alguns carateres singulares que os precedentes viajantes não tinham tido ensejo de notar.»

Aqui é que sentimos realmente e deveras que a relação da viagem não fosse publicada na sua íntegra, porque as frases precedentes, que se acham na notícia abreviada por eles nos *Anais das Viagens*, excitam a curiosidade, mas não a satisfazem.

O aspirante Poret de Blosseville — o mesmo que tinha de vir a perder-se com a *Lilesa* nos gelos do pólo — quis ir, apesar de os selvagens terem empregado todos os meios para disso o dissuadirem, até à sua aldeia. Ali mostraram-lhe uma espécie de templo, onde se levantavam muitos ídolos informes e extravagantes, colocados numa plataforma cercada de muros.

Levantou-se com todo o cuidado a carta do canal de S. Jorge; depois Duperrey foi visitar as ilhas outrora reconhecidas por Schouten, ao noroeste da Nova Guiné. Os três dias, 26, 27 e 28 de agosto, foram consagrados ao seu levantamento. O explorador procurou depois, sem as encontrar, as ilhas Stéphens, de Carteret, e, comparando o seu caminho com o que seguira D'Entrecasteaux em 1792, chegou à seguinte conclusão: que esse grupo não podia ser senão o da Providência, há muito descoberto por Dampier.

A 3 de setembro foi reconhecido o cabo setentrional da Nova Guiné. Três dias depois a *Concha* penetrava na angra estreita e pedregosa de Offak, na costa noroeste de Waigiou, uma das ilhas dos Papuas. Forest era o único navegador que falava nessa angra. Por isso Duperrey se mostrou particularmente satisfeito por explorar esse canto da terra quase virgem dos passos dos Europeus. Era ao

mesmo tempo interessantíssimo para a geografia reconhecer a existência de uma baía meridional, que um istmo estreitíssimo separava de Offak.

Dois oficiais, os Srs. D'Urville e Bloueville, se entregaram a esse trabalho, que os Srs. Bérard, Lottin e Blois de la Calande ligaram com o que Duperrey tivera ensejo de fazer com relação à costa, perante a expedição da *Urânia*. Mostrou-se uma terra especialmente rica em produções vegetais, e D'Urville pôde reunir os elementos de uma coleção tão preciosa pela novidade como pela beleza dos tipos.

D'Urville e Lesson, curiosos de observar os habitantes, que pertencem à raça papua, tinham embarcado, logo que chegaram, num escaler tripulado por sete homens.

Já haviam percorrido um longo espaço debaixo de chuva diluviana, quando se acharam de repente diante de uma choupana construída sobre estacas e coberta com folhas de palmeira das Antilhas. Estava a alguma distância, escondido nas moitas, um jovem selvagem, que parecia espreitá-los; um pouco mais adiante um monte de uns dez cocos, colhidos de fresco e colocados bem à vista, pareciam convidar o passeante a refrescar-se.

Os franceses compreenderam que era uma oferta do jovem selvagem e festejaram esse presente que tão a propósito viera.

Daí a pouco o indígena, tranquilizado pelos modos pacíficos dos franceses, avançou dizendo: «*Bongous!* Bom!» e indicando que os cocos tinham sido oferecidos por ele mesmo. A sua atenção delicada foi recompensada pelo presente de um colar e de uns brincos.

Quando D'Urville punha o pé na sua embarcação encontrou ali uma dúzia de papuas, que brincavam, comiam e pareciam estar nas melhores relações com os seus barqueiros.

«Logo me cercaram», diz ele, «repetindo: *Capitão, bongous!* e tratando-me com a maior amizade. Esses homens são em geral de pequena estatura, de uma compleição débil e fraca, sujeitos à lepra; as suas feições não são todavia desgraciosas; a sua voz é suave, os seus modos polidos e até um tanto

melancólicos.»

Entre as estátuas antigas que abundam tanto no Louvre, há uma Polímnia célebre entre todas por uma expressão de melancólico cismar, que não se está habituado a encontrar nos antigos. É curioso que D'Urville encontrasse nos Papuas, e no seu estado normal, este ar de melancolia tão bem caracterizado na estátua antiga.

A bordo um outro bando de indígenas se postara também de um modo sereno e reservado, contrastando assim notavelmente com a maior parte dos indígenas da Oceânia.

Os franceses sentiram a mesma impressão na sua visita ao rajá da ilha e na que ele lhes foi pagar a bordo da *Concha.* Numa das aldeias da baía do sul viu-se uma espécie de templo, onde se encontravam muitas efígies grosseiras, pintadas com diversas cores e ornadas de penas e de esteiras. Foi impossível alcançar a mais leve informação acerca do culto que esses indígenas rendem a estes ídolos.

A 16 de setembro, a *Concha* fez-se de novo à vela, seguiu ao longo da costa setentrional das ilhas compreendidas entre Een e Yang, fez uma curta excursão em Cayeli e chegou, enfim, a Amboíno, onde o acolhimento extremamente amável do governador das Molucas, o Sr. Merkus, proporcionou ao estado-maior um suave descanso, depois das numerosas fadigas que tinham suportado nesta rude expedição.

A 27 de outubro, a corveta seguia de novo o seu caminho, dirigindo-se para Timor, passando a oeste das ilhas Turtle e Lucepara. Depois Duperrey determinou a posição da ilha do Vulcão, reconheceu as ilhas Werter, Babe, Dog e Cambing, e, entrando no estreito de Ombay, fez o levantamento de um grande número de pontos dessa cadeia de ilhas que, de Panter e Ombay, se dirige para Java.

Depois de ter levantado o mapa de Java e procurado debalde as Trial no local que se lhes atribui, Duperrey dirigia-se para a Nova Holanda, cuja costa ocidental não pôde seguir por causa dos ventos contrários. A 10 de janeiro de 1824 dobrava, enfim, a ilha de Van-Diémen. Seis dias depois avistava os faróis

de Post-Jackson e fundeava no dia seguinte diante da cidade de Sydney.

O governador, Sir Tomás Brisbane, que fora prevenido da chegada da expedição, acolheu-a o mais afetuosamente possível, auxiliou com todas as suas forças o abastecimento, facilitou com a maior amabilidade todos os consertos que o estado de ruína da corveta reclamava, e arranjou aos Srs. D'Urville e Lesson os meios de fazerem uma excursão frutífera para além dos montes Azuis, na planície de Bathurst, cujos recursos os Europeus não conheciam ainda senão muito imperfeitamente.

Foi só a 20 de março que Duperrey deixou a Austrália. Desta vez dirigia o seu caminho para a Nova Zelândia, que fora deixada um pouco de parte pelos seus predecessores, e parou na baía de Manawa, ao fundo da vasta enseada das ilhas. Observações de física e de geografia, investigações de história natural, entretiveram os ócios dos oficiais. Ao mesmo tempo as relações frequentes da tripulação com os indígenas lançavam uma luz nova sobre os costumes, ideias religiosas, língua, estado de hostilidade de um povo até então rebelde ao ensino dos missionários. O que esses indígenas tinham apreciado na civilização eram as armas aperfeiçoadas que lhes permitiam satisfazer mais facilmente as suas predileções sanguinárias, e nessa época já possuíam grande quantidade delas.

A 17 de abril, a *Concha* abandonava essa estação e subiu para a linha até Rot uma, descoberta, mas não visitada, pelo capitão Wilson, em 1797. Os habitantes, meigos e hospitaleiros, apressaram-se a fornecer os navegadores de todos os refrescos de que eles careciam. Mas não tardou muito que se reparasse que esses indígenas, aproveitando a confiança que tinham sabido inspirar, roubaram uma grande quantidade de objetos, que depois custou imenso a fazer-lhes restituir. Deram-se ordens severas, e os ladrões, apanhados em flagrante delito, foram chibatados em presença dos seus patrícios, que afinal de contas o que faziam era vir com mais franqueza do que os próprios chibatados.

Entre esses selvagens estavam quatro europeus que, tempos antes, haviam desertado do baleeiro *Rochester.* Quase nus, como os indígenas, picados e pintados, e cobertos como eles de pó amarelo, não se distinguiam senão por

terem a pele um pouco mais branca e a cara mais esperta. Satisfeitos com a sua sorte, haviam criado família em Rotuma, onde tencionavam acabar os seus dias ao abrigo dos cuidados, das inquietações e das dificuldades da vida civilizada. Só um deles pediu que o deixassem ficar a bordo da *Concha,* o que lhe foi concedido sem dificuldade por Duperrey, mas o chefe da ilha só o permitiu quando soube que dois *convicts* de Port-Jackson pediam licença para desembarcar.

Apesar de todo o interesse que apresentava aos naturalistas essa população pouco conhecida, era indispensável partir. A *Concha* primeiro avistou as ilhas Coral e Santo Agostinho, descobertas por Maurelle em 1781. Em seguida foi a ilha Drummond, cujos habitantes, de tez muito escura, de membros enfezados, de fisionomia pouco inteligente, vieram trocar algumas conchas tridacnas, vulgarmente chamadas batistérios, por facas e anzóis; de pois as ilhas Sydenham e Henderville, cujos habitantes andam completamente nus; depois Woolde, Hupper, Hall, Knox, Charlotte e Matthews, que formam o arquipélago Gilbert; enfim, os grupos das Mulgraves e de Marshall.

A 3 de junho, Duperrey reconheceu a ilha de Ualan, que fora descoberta em 1804 pelo capitão americano Croser. Como não figurava nos mapas, o comandante resolveu reconhecê-la com exatidão e minúcia. Apenas lançou ferro, logo saltaram para um escaler e se dirigiram para terra Duperrey com mais alguns oficiais. Encontraram um povo de costumes brandos e benévolos, que, oferecendo-lhes cocos e frutos da árvore-do-pão, os conduziu através dos sítios mais pitorescos, à habitação do seu chefe principal, *uross-ton*, como eles lhe chamavam.

Transcrevemos em seguida o trecho em que Dumont d’Urville descreve os sítios que tiveram de atravessar antes de chegarem à presença dessa alta personagem.

«Flutuávamos tranquilamente no meio de uma espaçosa baía que cingia as verdejantes florestas da praia. Por trás de nós levantavam-se os altos píncaros da ilha, cobertos de espessas alcatifas de verdura, de onde se arrojavam ao azul do

céu os troncos elegantes e móveis dos coqueiros. Diante de nós surgia, no fim das ondas, a pequena ilha de Leilei, rodeada de lindas cabanas de insulares e coroada por um montículo de verdura... Junte-se a isto um dia magnífico, uma temperatura deliciosa, e pode-se fazer ideia dos sentimentos que enchiam as nossas almas nessa espécie de marcha triunfal, no meio de um povo simples, pacífico e guerreiro.»

Uma multidão, que D'Urville avalia em oitocentas pessoas, esperava as embarcações diante de uma aldeia asseada e garrida, de ruas bem calçadas. Toda essa gente, os homens de um lado, as mulheres do outro, guardava um silêncio verdadeiramente imponente. Dois chefes vieram buscar os viajantes pelo mar e guiaram-nos para a residência do *uross-ton.* A multidão, sempre silenciosa, ficou de fora, enquanto os franceses entravam na casa.

Apareceu daí a pouco o *uross-ton,* velho, lívido e desfeito, acabrunhado debaixo do peso dos anos, e que devia ter os seus oitenta. Por cortesia, os franceses levantaram-se quando ele entrou na sala, mas um murmurinho dos assistentes lhes fez sentir que tinham praticado uma inconveniência.

Olharam em torno de si. Estavam todos de rojo no pó. Os próprios chefes não tinham podido esquivar-se a essa manifestação de respeito. O velho, um momento enleado com a audácia dos estrangeiros, impôs contudo silêncio aos seus vassalos e veio sentar-se ao pé deles. Ligeiras pancadinhas nas faces, nos ombros e nas pernas, tais foram as demonstrações de afeto que ele prodigalizou em troca dos pequenos presentes que lhe tinham sido dados, da mesma forma que a sua mulher. Mas a gratidão desses soberanos só se manifestou pelo presente de sete *tots*, cinco dos quais eram do tecido mais fino.

Ao saírem dessa audiência, os franceses visitaram a aldeia, e ficaram muito espantados de encontrar duas grossas muralhas de coral, sendo alguns dos blocos pesadíssimos.

Apesar de alguns roubos cometidos pelos chefes, os dez dias de demora passaram-se pacificamente, e o acordo, que por tal forma inaugurara as relações entre os Franceses e os Ualaneses, não foi nem um só instante perturbado.

«É fácil», diz Duperrey, «perceber a importância que a ilha de Ualan pode vir a ter um dia. Colocada no meio das ilhas Carolinas, no caminho dos navios que vão da Nova Holanda à China, apresenta-lhes a um tempo portos de querenagem, água em abundância e refrescos de diferentes espécies. Os seus povos são generosos e pacíficos, e daqui a pouco achar-se-ão em estado de oferecer aos navegadores um alimento indispensável no mar, o que resultará sem dúvida de duas porcas grávidas que lhes deixámos e que eles receberam com o mais vivo reconhecimento.»

As reflexões de Duperrey não foram justificadas pelos acontecimentos, e a ilha de Ualan, apesar de passar pelas suas paragens uma estrada da Europa para a China, pelo sul de Van-Diémen, não tem hoje mais importância do que tinha há cinquenta anos. O vapor de tal modo transtornou as condições da navegação, produziu mudanças tão radicais que os navegadores do princípio do século não as podiam prever.

A *Concha* saíra apenas de Ualan havia dois dias quando descobriu, a 17, 18 e 23 de junho, novas ilhotas, cujos nomes, Pelelap, Taku, Aoura, Ougai, Mongoul, lhe foram designados pelos indígenas. São os grupos Mac-Askyll e Duperrey, cujos habitantes se pareciam com os Ualaneses, e que, da mesma forma que nas ilhas Radak, designavam os seus chefes pelo nome de *tamons.*

A 24 do mesmo mês a *Concha* passava por meio do grupo Hogoleu, que Kotzebue procurara numa latitude demasiadamente elevada, e cuja posição o comandante reconheceu por alguns nomes dados pelos indígenas, que se acham inscritos no mapa do padre Cantova. O reconhecimento hidrográfico desse grupo, que não abrange menos de trinta léguas de circunferência, foi feito por De Blois, de 24 a 27 de junho.

Estas ilhas são, pela -maior parte, altas e têm no meio morros vulcânicos; outras acusam uma origem madrepórica.

Os habitantes são baixos, mal feitos, sujeitos a enfermidades repugnantes. Se algum caso o ditado *mens sana in corpore sano* se pode aplicar por antífrase, é neste, porque os seus naturais não parecem ter uma inteligência desenvolvida e

estão muito abaixo dos Ualaneses.

Já as modas estrangeiras pareciam estar implantadas nestas ilhas. Alguns dos indígenas usavam chapéus bicudos, à moda dos Chineses; outros estavam revestidos de esteiras entrançadas, no meio das quais havia um buraco por onde se podia meter a cabeça; dir-se-ia o poncho da América do Sul; mas todos desprezavam os espelhos, os colares e as campainhas; pediam machados e ferro, o que anunciava frequentes relações com os Europeus.

Depois de ter reconhecido as ilhas Tamatan, Fanendik e Ollap, as Mártires dos antigos mapas, depois de ter procurado debalde as ilhas Namourek e Ifelouk em torno da posição que lhes atribuíam Arrow smith e Malaspina, a *Concha*, a 26 de julho, depois de uma exploração do norte da Nova Guiné, parou na angra Dorei, na costa sudeste, e alise demorou até 9 de agosto.

Essa arribada foi o mais frutífera possível debaixo do ponto de vista da história natural e da geografia, da astronomia e da física. Os indígenas desta ilha pertencem à mais pura raça dos Papuas. As suas habitações são choças construídas sobre estacas, e sobe-se para elas por meio de uma peça de madeira denticulada, que se mete para dentro todas as noites. Estes naturais da costa estão, ao que parece, sempre em guerra com os do interior, os negros Harfous ou Arfakis. D’Urville, guiado por um jovem papua, pôde chegar às habitações destes últimos. Eram homens de costumes brandos, hospitaleiros e delicados, que em nada se pareciam com o retrato que os seus inimigos deles haviam traçado.

A *Concha*, depois desta estação, atravessou de novo as Molucas, estacionou muito tempo em Sourabaya, na costa de Java, e a 30 de outubro chegou às ilhas de França e de Bourbon. Enfim, depois de uma estação na ilha de Santa Helena, onde os oficiais franceses foram visitar o túmulo de Napoleão, e em Ascensão, onde uma colónia se estabelecera em 1815, a corveta entrava em Marselha a 24 de abril de 1825, depois de ter completado trinta e um meses e três dias de viagem, e percorrido 24894 léguas, sem perdas no pessoal, sem doentes e sem avarias.

O êxito notabilíssimo desta expedição fez a maior honra ao seu jovem comandante e a todos os seus oficiais, que, com zelo infatigável, tinham procedido a todas as observações científicas. Por isso também a colheita era das mais ricas.

Tinham-se levantado cinquenta e duas cartas e plantas, tinham-se reunido coleções dos três reinos da natureza, tão numerosas como variadas. Vocabulários numerosíssimos, com auxílio dos quais se esperava reconstituir a história das migrações dos povos oceânicos, informações curiosas acerca das produções dos lugares visitados, do estado do comércio e da indústria, dos habitantes, observações relativas à figura da Terra, investigações de magnetismo, de meteorologia e de botânica, tal era a considerável bagagem científica que a *Concha* trazia e cuja publicação era vivamente esperada pelo mundo sábio.

II

A expedição cujo comando foi confiado ao barão De Bougainville não era propriamente nem uma viagem científica, nem uma campanha de descobertas. O seu fim principal era mostrar o pavilhão francês no Extremo Oriente e fazer sentir a esses governos pouco escrupulosos que a França estava disposta a proteger os seus nacionais e os seus interesses, em toda a parte e em todas as ocasiões. As instruções dadas a esse capitão de mar e guerra diziam, além disso, que teria de entregar ao soberano da Cochinchina uma carta do rei, e também uns presentes que deviam ser embarcados na fragata *Tétis.*

O barão De Bougainville devia, além disso, entregar-se a investigações hidrográficas em todos os sítios que pudesse, sem se expor a demoras nocivas para a sua navegação, e reunir as noções mais extensas acerca do comércio, das produções e dos meios de troca dos países onde parasse.,

Iam dois navios debaixo das ordens do barão De Bougainville. Um deles, a *Tétis,* era uma fragata nova, de quarenta e quatro canhões e trezentos marinheiros; ainda nenhum navio desta força, se excetuarmos a *Boudus,* dera volta ao mundo; a outra era a corveta rasa *Esperança,* com vinte caronadas na tolda e cento e vinte homens de tripulação.

O primeiro destes navios ia debaixo das ordens diretas do barão De Bougainville e o seu estado-maior compunha-se de oficiais escolhidos, entre os quais devemos citar os nomes de Longueville, Laipierre e Baudin, que vieram a ser capitão de mar e guerra, vice-almirante e contra-almirante. A *Esperança* era comandada pelo capitão de fragata Nourquer du Camper, que, como imediato da fragata *Cleópatra,* já explorara uma grande parte do percurso da nova expedição. Contava entre os seus oficiais Turpin, futuro contra-almirante, deputado e ajudante de campo de Luís Filipe, Eugênio Penaud, depois oficial general, e Mederico Malavois, que tinha de ser ainda governador do Senegal.

Nem um só desses especialistas eruditos que tinham sido concedidos com tanta prodigalidade ao *Naturalista,* ou a qualquer outro navio circum-navegador, embarcara no navio do barão De Bougainville, e causou isto ao comandante durante toda a viagem um vivíssimo pesar, porque, demais a mais, os cirurgiões, presos pelo tratamento dos doentes de tão numerosa tripulação, não podiam estar muito tempo ausentes de bordo nas estações.

O diário de viagem do barão De Bougainville abre com esta judiciosa reflexão:

«Era, ainda não há muitos anos, considerada empresa aventurosa uma viagem à roda do mundo, e menos de meio século decorreu desde a época em que uma expedição desta natureza bastava para derramar uma certa ilustração sobre o homem que a dirigia... Bom tempo! Era a idade de ouro dos circum-navegadores! E os perigos e as privações com que tinham de lutar eram pagos e bem pagos quando, opulentos com as suas preciosas descobertas, saudavam no regresso as plagas da sua pátria... Não sucede agora o mesmo: o prestígio desapareceu; dá-se agora volta ao mundo como outrora se dava volta à França!»

O que diria hoje então o barão Ivo Jacinto Potentien de Bougainville, filho do vice-almirante, senador e membro do Instituto, agora que possuímos esses admiráveis navios a vapor, tão aperfeiçoados, e esses mapas tão exatos que parecem transformar num brinquedo as mais longínquas explorações!

A 2 de março de 1824, a *Té tis* deixava sozinha a enseada de Brest; em Bourbon é que devia juntar-se-lhe a *Esperança,* que, tendo já partido havia tempos, se fizera de vela para o Rio de Janeiro. Uma curta arribada a Tenerife, onde a *Tétis* só pôde comprar vinho de má qualidade e muitos poucos refrescos, de que precisava, a vista, à distância, das ilhas de Cabo Verde e do cabo da Boa Esperança, a procura da ilha fabulosa de Saxemburgo e de outras ilhotas não menos fantásticas, foram os únicos acontecimentos da travessia até à ilha Bourbon, onde a *Esperança* só estava havia dias.

Bourbon era nessa época um ponto tão conhecido dos navegadores, que não havia muito que dizer a seu respeito, depois de se falar das suas duas baías

de S. Dinis e de S. Paulo.

S. Dinis, a capital, situada na parte setentrional de Bourbon e na extremidade de um planalto inclinado, era a bem dizer apenas uma vila grande, sem recinto nem muralhas, e com todas as casas ajardinadas. Não se podia citar um só monumento público, a não ser o palácio do governador, situado numa posição que domina toda a enseada, o Jardim Botânico e o Jardim de Naturalização, que data de 1817. O primeiro, situado no centro da cidade, encerra lindíssimos passeios, infelizmente pouco frequentados, e era admiravelmente conservado. O eucalipto — esse gigante das florestas australianas, o *phormium tenax* — esse cânhamo neozelandês, a casuarina — esse pinheiro de Madagáscar, o baobá, cujo tronco é de uma grossura prodigiosa, a baunilha, etc., faziam o ornamento desse jardim, regado por alguns canais de água viva. O segundo, na encosta de uma colina, formado de terraços dispostos em anfiteatros, aos quais levavam vários regatos a vida e a fecundidade, era consagrado à aclimação das árvores e das plantas dos países europeus; as macieiras, os pessegueiros, os damasqueiros, as cerejeiras e as pereiras, dando-se ali perfeitamente, já tinham enriquecido a colónia coim preciosos pomares.

Cultiva-se também neste jardim a vinha, o arbusto do chá, e grande número de essências estrangeiras, entre as quais Bougainville cita o *laurea argentea,* de folha brilhantíssima.

A 9 de junho deixaram os dois navios a enseada de S. Dinis. Depois de terem dobrado os bancos da Fortuna e de Saia de Malha, de terem passado ao largo das Séchelles, depois entre os recifes ao sul das Maldivas, ilhas à flor da água e cobertas de árvores frondosas, cercadas por bosques de coqueiros, reconheceram a ilha de Ceilão e a costa de Choromândel, e fundearam diante de Pondichery.

Esta parte da Índia está longe de corresponder à ideia encantadora que os Europeus dela puderam formar pela leitura das descrições ditirâmbicas dos escritores que celebraram as suas maravilhas.

O número dos edifícios e dos monumentos do Pondichery é pouco

considerável, e, depois de se visitarem os pagodes — que são curiosíssimos — e as «caldeiras», que não têm de recomendável senão a sua utilidade, nada há de interesse, a não ser a novidade das cenas, que se repetem a cada passo nesta cidade, dividida em dois bairros bem distintos. A um deles, a «cidade branca», com os seus edifícios garridos, mas tão triste e tão solitária, não se deverá preferir o outro, a «cidade negra», com os seus bazares, os seus saltimbancos, os seus pagodes maciços e as danças atraentes das suas bailadeiras?

«A população indiana da costa de Choromândel», diz a relação, «divide-se em duas classes: a *mão direita* e a *mão esquerda.* Esta divisão deriva a sua origem do governo de um nababo, durante o qual o povo se revoltou. Os que se conservaram fiéis ao príncipe receberam a qualificação de *mão direita,* os outros a de *mão esquerda.* Estas duas grandes tribos, que dividem quase em iguais porções toda a população, estão constantemente em hostilidade uma com a outra, no que respeita à garantia e às prerrogativas que os amigos do príncipe haviam alcançado. Ficaram estes, contudo, senhores dos empregos que dependem do Governo, ao passo que os outros ocupam-se de comércio e de indústria. Mas, para conservar a paz entre eles, foi necessário proibir as suas antigas procissões e cerimónias. A *mão direita* e a *mão esquerda* subdividem-se em dezoito castas ou mesteres cheios de pretensões e de preconceitos, que a convivência com os Europeus há uns poucos de séculos ainda não diminuiu. Daí provêm sentimentos de rivalidade e de desprezo, que seriam origem de guerras sanguinolentas se os hindus não tivessem horror ao sangue, e se o seu caráter não os afastasse de todas as resoluções violentas. Essa brandura de costumes e esse princípio sempre ativo de dissensão servem para explicar o fenómeno político de mais de cinquenta milhões de homens sujeitos ao jugo de vinte e cinco a trinta mil estrangeiros.»

A *Tétis* e a *Esperança* deixaram a 30 de J unho a enseada de Pondichery, atravessando o golfo de Bengala, reconheceram as Nicobar e Pulo-Peneng, porto franco, onde se viam reunidos trezentos navios; depois meteram-se pelo estreito de Malaca e pararam nesse porto holandês, de 24 a 26 de julho, para consertar

algumas avarias da *Esperança*, de maneira que pudesse aguentar o mar até Manila. As relações com o residente e os habitantes foram excelentes, e ainda mais as fortaleceram uns jantares que se deram em terra e a bordo da *Tétis* em honra do rei de França e do rei dos Países Baixos.

Os Holandeses já esperavam ter então de ceder em breve esse estabelecimento aos Ingleses, como efetivamente cederam tempo depois. E, contudo, debaixo do ponto de vista da fertilidade do solo, do agradável da situação, da facilidade de obter os objetos mais necessários à vida, Malaca excedia muito as suas rivais.

Bougainville deixou esta enseada a 26 de agosto, e foi contrariado por ventos ponteiros, calmarias e procelas durante o resto da travessia do estreito. Era essa a paragem mais especialmente frequentada pelos piratas malaios. Por isso, apesar de a divisão estar em força suficiente para não temer inimigos, o comandante mandou postar sentinelas, e tomou as precauções necessárias para evitar qualquer surpresa. Não era raro ver alguns desses *pros* ou *paraus*, tripulados por cem homens de tripulação, e mais de um navio mercante fora recentemente presa desses incorrigíveis e incorrigidos piratas.

Mas a divisão nada viu de suspeito, e seguiu o seu caminho até Singapura.

Era uma singular mistura de raças a população desta cidade.

Ali se encontravam o europeu, entregue aos principais ramos de comércio, mercadores arménios e árabes, chineses, uns cultivadores, outros exercendo diferentes ofícios que ocorrem às necessidades da população.

Os malaios, deslocados no meio desta civilização nascente, ou eram servos ou adormeciam na sua indolência e na sua miséria. Os indus, esses, expulsos e banidos da sua pátria, por algum crime, só exerciam esses ofícios secretos que impedem de morrer de fome a escória de todas as grandes cidades.

Fora em 1819 apenas que os Ingleses tinham comprado ao sultão malaio de Djohor o direito de se estabelecerem na cidade de Singapura.

A pequena aldeia, onde se estabeleceram, não contava nessa ocasião mais de cento e cinquenta habitantes; mas, graças a Sir Stamford Raffles, não tardara

a elevar-se uma cidade no lugar onde se erguiam as modestas cabanas dos habitantes. Por uma sensata medida administrativa tinham sido suprimidos todos os direitos da alfândega, e o que a nova cidade devia à natureza, quer dizer, um porto vasto e seguro, fora habilmente completado pela mão do homem.

A guarnição contava apenas trezentos sipaios e trinta artilheiros; as fortificações não existiam ainda, e o material de artilharia compreendia apenas uma bateria de vinte canhões e outras tantas peças de campanha de bronze. Para dizer a verdade, Singapura era apenas um empório comercial. De Madrasta iam-lhe os panos de algodão, de Calcutá o ópio, de Sumatra a pimenta, de Java a araca, e todas as mercadorias eram depois enviadas para a Europa, para a China, para Sião, etc.

Edifícios públicos era coisa que ali não havia; nem depósitos públicos, nem diques, nem estaleiros, nem casernas; mas via-se uma pequena igreja para uso dos indígenas convertidos.

A 2 de setembro a divisão continuou o seu caminho e chegou sem incidente ao porto de Cavite. O comandante da *Esperança,* o Sr. Du Camper, que uma residência de muitos anos em Luçon pusera em relação com muitos dos principais habitantes, recebeu ordem para ir a Manila, onde devia prevenir o governador-geral das Filipinas da chegada da fragata, dos motivos da sua arribada, e depois sondar as suas disposições e pressentir o acolhimento que se faria aos franceses.

A intervenção recente destes em Espanha colocava-os evidentemente numa situação bastante delicada com respeito ao governador, D. João António Martinez, nomeado para este ponto pelo Governo das cortes, que os franceses acabavam de derrubar. Os receios do comandante não foram confirmados pelos factos, e recebeu das autoridades espanholas o auxílio mais obsequioso, dado com a maior boa vontade.

A baía de Cavite, onde os navios tinham fundeado, ia-se atulhando todos os dias com lodo; era, apesar disso, o porto principal das Filipinas.

Os Espanhóis tinham ali um arsenal, muito bem munido, em que

trabalhavam hindus dos arredores, operários hábeis e inteligentes, mas excessivamente preguiçosos.

Enquanto se trabalhava no forro da *Tétis* e se procedia aos trabalhos importantes que o estado da *Esperança* reclamava, os comissários e os oficiais vigiavam em Manila o arranjo dos víveres e o fabrico dos cabos.

Estes últimos, feitos de abacá, fibra de uma bananeira, que se chama vulgarmente cânhamo de Manila, apesar de ser citada pela sua grande elasticidade, não fizeram bom serviço a bordo dos navios.

O tempo da arribada foi dolorosamente perturbado por tremores de terra e tufões, que são periódicos em Manila. A 24 de outubro, o tremor de terra foi tão violento que o governador, as tropas e uma parte dos habitantes tiveram de abandonar a cidade a toda a pressa.

Os estragos foram calculados em três milhões de francos, caiu uma grande quantidade de casas, oito pessoas ficaram sepultadas debaixo das ruínas, e numerosas outras ficaram feridas.

Apenas a população começava a tranquilizar-se, veio um horroroso tufão levar ao seu auge a calamidade pública. Só durou parte da noite de 31 de outubro, e no dia seguinte, quando rompeu o sol, poderiam os habitantes imaginar que tinham tido um pesadelo, se à vista dos campos devastados, o aspeto lamentável da enseada, com seis navios que tinham dado à costa e com os outros quase inteiramente desarvorados, não tivessem dado testemunho da realidade do fenómeno. Em torno da cidade estava devastado o campo, estavam perdidas as colheitas, arrancadas as árvores, ainda as mais grossas, e destruídas as aldeias. Era um espetáculo dilacerante!

A *Esperança* perdera o mastro grande, o mastro da gata e as amuradas. A *Tétis*, mais feliz, saíra quase salva dessa horrorosa tempestade. A preguiça dos operários, o grande número de dias santos, dias em que não trabalham, decidiram logo Bougainville a separar-se momentaneamente do navio que levava de conserva, e a 12 de dezembro fazia-se de vela para a Cochinchina.

Mas, antes de seguirmos os franceses às praias tão pouco frequentadas

deste país, percorramos com eles Manila e os seus arredores.

A baía de Manila é, sem dúvida, uma das mais vastas e das mais belas do mundo; podem caber ali frotas numerosas; as suas duas barras ainda não estavam defendidas, o que permitira, em 1798, a duas fragatas inglesas entrar no porto e tomar muitos navios debaixo dos próprios canhões da cidade.

O horizonte é fechado por uma barreira de montanhas, que termina ao sul no Taal, vulcão hoje quase extinto, mas cujas erupções causaram muitas vezes desgraças horrorosas. Na planície, no meio dos arrozais, animam a paisagem casais ou casas isoladas.

Defronte da entrada da baía ergue-se a cidade, que conta cento e sessenta mil habitantes, com o seu farol e os seus longos arrabaldes. É banhada pelo Tassy, rio que sai logo de Bay, e, em situação excecional, assegura-lhe vantagens que mais de uma capital lhe invejaria.

A guarnição, não contando a milícia, compunha-se nessa época de dois mil e duzentos homens de tropas. Ao lado da marinha militar, sempre representada por algum navio em estação, estava organizada uma marinha pertencente propriamente à colónia, que recebera o nome de «sutil», sem dúvida por causa da sua rapidez. Essa marinha, em que todos os postos são de nomeação do governador-geral, compunha-se de chalupas, canhoneiras e de outros navios pequenos, destinados a proteger as costas e os navios de comércio contra os piratas das ilhas Soulou. Não se pode dizer que esta organização, que custa muito dinheiro, tenha produzido grandes resultados. Bougainville dá disso um singular exemplo: tendo os Soulouans, em 1828, aprisionado nas costas de Luçon três mil habitantes, uma expedição dirigida contra eles custara cento e quarenta mil piastras e matara-lhes seis homens!

Reinava grandíssima fermentação nas Filipinas, na época em que ali estavam a *Té tis* e a *Esperança,* e fazia-se ali dolorosamente sentir a repercussão dos acontecimentos que haviam ensanguentado a metrópole. Em 1820, a 20 de dezembro, matança dos brancos pelos hindus; em 1824, revolta de um regimento e assassínio de um antigo governador, Folgueras, tais haviam sido os primeiros

abalos que tinham posto em perigo o domínio espanhol. Os mestiços, que formavam com os Tagalos a classe mais rica e mais industriosa e ao mesmo tempo a verdadeira população indígena, inspiravam nessa época à autoridade legítimos receios, porque se sabia que queriam expulsar todos que não houvessem nascido nas Filipinas. Eram eles que comandavam os regimentos indígenas, eram eles que paroquiavam as principais freguesias; vê-se que gozavam de uma influência considerável e podia-se recear o estar-se na véspera de uma dessas revoluções que privaram a Espanha das suas mais belas colónias.

A navegação da *Tétis* até Macau foi contrariada por vendavais, rajadas de vento e de chuva, e por um frio que ainda mais os pungiu por terem os navegadores desfrutado, durante muitos meses, uma temperatura de vinte e sete graus. Apenas o navio lançou ferro no rio de Cantão, veio logo um grande número de barcos da terra cercar a fragata, oferecendo à venda legumes, peixe, laranjas e uma imensidade de bagatelas, outrora tão raras, hoje mais vulgares, mas sempre dispendiosas.

«A cidade de Macau, apertada entre umas áridas colinas», diz a relação, «vê-se de longe pela alvura resplandecente dos seus edifícios. A sua exposição é para o nascente e as casas que orlam a praia, elegantemente construídas e bem alinhadas, desenham os contornos da margem. É esse o bairro mais bonito, aquele em que os estrangeiros habitam; mais para diante o terreno sobe de súbito; outras fachadas, as fachadas de muitos conventos, que se conhecem pelo seu volume e pela sua arquitetura, aparecem no segundo plano, e este conjunto é coroado pelas muralhas com ameias dos fortes, em que flutuava o pavilhão branco com as armas de Portugal. Nas extremidades setentrional e meridional da cidade, as batarias descem, em três andares, até ao mar, e perto da primeira, um pouco para dentro, está colocada uma igreja, cujo portal e cujas decorações exteriores são do mais gracioso efeito. Muitos *sampangs*, juncos e barcos de pesca, fundeados ao pé da praia, animam este quadro, cuja moldura não pareceria tão sombria se a vegetação desenvolvesse algumas das suas riquezas nas alturas que cercam a cidade.»

Pela sua posição de intermediária do comércio entre a China e o mundo inteiro, Macau, um dos restos do poder colonial de Portugal, desfrutara por muito tempo uma prosperidade brilhante. Em 1825 já não era assim, e o que sustentava apenas a cidade era o contrabando do ópio.

A ida da *Tétis* a Macau só tivera por fim desembarcar missionários, mostrar o pavilhão francês. Por isso Bougainville saiu dessa cidade logo a 8 de janeiro de 1825.

Nenhum acontecimento digno de menção veio dar interesse à viagem até à baía de Tourane. Mas, quando ali chegou, Bougainville soube que o agente francês, Mr. Chaigneau, saíra de Hué para Saigão, com tenção de fretar nesta cidade um barco que o levasse a Singapura. O comandante não sabia a quem se havia de dirigir e, privado da única pessoa que poderia fazer com que os seus projetos tivessem êxito, logo lhes augurou os mais tristes resultados. Enviou, contudo, logo para Hué uma carta expondo o objeto da sua missão e em que pedia para ir em pessoa, acompanhado por alguns oficiais, a esta capital.

O tempo que decorreu até vir a resposta foi aproveitado pelos franceses, que visitaram minuciosamente a baía e os seus arredores, assim como os famosos rochedos de mármore, objeto de curiosidade de todos os viajantes.

Certos autores e especialmente Horsburgh chamam à baía de Tourane uma das mais belas e das mais vastas do universo. Não é essa a opinião de Bougainville, que só considera segura uma pequeníssima parte dessa mesma baía. A aldeia de Tourane fica à beira-mar, à entrada do canal de Fay-Foe, em cuja margem direita se levanta um forte construído por engenheiros franceses com esplanada, baluartes e fosso enxuto.

Os Franceses, considerados como antigos aliados, eram sempre recebidos com benevolência e sem desconfiança. Não sucedia o mesmo, ao que parece, aos Ingleses, a quem se não permitia que desembarcassem, ao passo que os marinheiros da *Té tis* alcançaram logo o direito de pesca e de caça, liberdade inteira de movimentos e toda a facilidade para obter víveres frescos.

Graças à liberdade que lhes davam, os oficiais puderam por conseguinte

percorrer o país e fazer observações interessantes. Um deles, o Sr. Tourane, traça o retrato seguinte dos indígenas:

«A sua estatura pode-se dizer mais abaixo de que acima do regular, e por esse lado são pouco mais ou menos o que são os chineses de Macau. A pele é de um escuro-amarelado, o rosto chato e sobre o redondo. A sua fisionomia sem expressão e os seus olhos, sem brilho, não são contudo repuxados como os dos Chineses. Têm o nariz esborrachado, boca grande e lábios entumecidos de um modo muito desagradável, porque demais a mais, com o costume que têm, tanto os homens como as mulheres, de mastigarem *arec* misturado com bétele e cal, estão constantemente sujos e negros. As mulheres, quase tão altas como os homens, não têm aparência mais agradável, e a porcaria repugnante, comum aos dois sexos, acaba de as privar de toda a espécie de atrativos.»

O que mais impressiona é a miséria extrema desses habitantes, comparada com a fertilidade surpreendente dos campos, e esse contraste revoltante denuncia o egoísmo e a incúria do Governo, assim como a insaciável avidez dos mandarins.

Se as planícies produzem milho, batata doce, mandioca, tabaco e arroz, cuja bela aparência acusa os cuidados que se lhes dão, o mar sustenta grande número de peixes delicadíssimos, e as florestas escondem grande número de aves, tigres e rinocerontes, búfalos e elefantes, assim como macacos, que se encontram por toda a parte em grande número. Estes macacos têm uns quatro pés de altura, o focinho colorido, o corpo de um cinzento-pérola, as mãos negras e as pernas vermelhas; têm, além disso, uma coleira vermelha e um cinto branco, de forma que parece perfeitamente que andam vestidos. A sua força muscular é prodigiosa, e atravessam, saltando de ramo em ramo, distâncias enormes. Nada é mais curioso do que ver um cacho de uma dúzia destes animais a entregar-se na mesma árvore às caretas e às contorções mais estranhas.

«Um dia em que eu estava sozinho na ourela do bosque», diz Bougainville, «feri um macaco que vejo mostrar o focinho aos raios do Sol. Agarrou a cara com ambas as mãos, e pôs-se a soltar uns tais gemidos que num momento mais

de uns trinta dos seus o rodeavam. Apressei-me a carregar de novo a minha espingarda, não sabendo o que tinha a esperar, porque há animaizinhos destes que não receiam atacar o homem, mas o bando dos macacos, apoderando-se do ferido, internou-se de novo na espessura dos bosques.»

Outra excursão teve por objetivo os rochedos de mármore do rio Fay-Foe. Há ali cavernas muito curiosas; numa delas vê-se uma enorme coluna suspensa da abóbada e cuja base está completamente solta do chão. Não se viam estalactites nessa caverna, mas no fundo ouvia-se o estrondo de uma queda de água.

Um pouco mais adiante, visitaram os franceses, ao ar livre, as ruínas de um antigo edifício junto de uma gruta onde está um ídolo. A um canto havia um corredor lateral, que Bougainville foi seguindo e que o levou a uma imensa «rotunda iluminada por cima e terminada por uma abóbada de sessenta pés de elevação pelo menos. Imaginem-se colunas de mármore de cores variadas, algumas das quais pareciam cortadas em bronze por causa da camada esverdeada em que as envolveram o tempo e a humidade, uns cipós que atravessavam a pedra lá de cima e que tendiam para o solo, uns em feixes e outros em cordões, como que para receber lustres, grupos de estalactites suspensas sobre as nossas cabeças, semelhantes a enormes canudos de órgãos, altares, estátuas mutiladas, monstros hediondos talhados na pedra, enfim, um pagode inteiro, que não ocupava contudo senão uma pequeníssima parte desse vasto local. Reúnam-se agora os objetos num mesmo quadro, iluminem-se com uma luz confusa e incerta e talvez se tenha alguma ideia do que feriu de repente a minha vista.»

A 20 de janeiro de 1825, a *Esperança* juntava-se enfim à fragata. Dois dias depois chegavam dois enviados da corte de Hué, que vinham pedir a Bougainville a carta de que era portador.

Mas, como este recebera ordem de só a entregar ao imperador pessoalmente, essas exigências deram em resultado negociações prolongadas e pueris.

As formas cerimoniosas de que se rodeavam os enviados cochinchineses

lembraram a Bougainville a anedota desse enviado e desse governador de Java, que, lutando um com o outro em gravidade e em prudência diplomática, estiveram vinte e quatro horas em presença, e separaram-se sem terem dado uma palavra. O comandante não era homem que desse tais provas de longanimidade, mas não pôde obter a autorização que solicitava e a negociação terminou com uma troca de presentes, que não importava compromisso algum.

Em suma, o resultado mais claro de todas estas entrevistas era a certeza dada pelo imperador de que veria com todo o gosto os navios franceses visitar os seus portos, com a condição de se conformarem com as leis do império.

Desde 1817 os Franceses tinham sido pouco mais ou menos os únicos que haviam feito sofrível negócio com a Cochinchina, graças à presença de um residente na corte de Hué, e só dependia deles conservarem uma situação excecional, que as suas antigas relações amigáveis com o Governo cochinchinês lhes tinham alcançado.

Os dois navios deixaram a baía de Tourane a 17 de fevereiro, com o projeto de visitar o grupo das Anambas, ilhas que ainda não tinham sido exploradas. A 3 de março teve-se conhecimento deste arquipélago, que se não parece em nada com as Anambas indicadas no mapa inglês do mar da China. Bougainville ficou agradavelmente surpreendido vendo desenrolar-se diante dos olhos uma infinidade de ilhas e de ilhotas, que deviam apresentar excelentes ancoradouros durante as monções.

Os dois navios penetraram no meio deste arquipélago, cujo levantamento hidrográfico fizeram. Enquanto as embarcações estavam empregadas nesse trabalho aproximavam-se duas pirogas de bonita construção. Uma delas atracou à *Té tis*, e um homem dos seus cinquenta anos, com o peito retalhado de cicatrizes e a mão direita privada de dois dedos, entrou a bordo. Já descera a segunda coberta quando, ao ver os cabides das armas e os canhões, entendeu que era melhor voltar para a sua piroga.

No dia seguinte, outras duas canoas, tripuladas por uns malaios de fisionomia feroz, atracaram ao navio. Estes traziam bananas, cocos e ananases,

que trocaram por biscoito, um lenço e duas machadinhas.

Houve mais algumas entrevistas com esses insulares, armados de crises e de uma espécie de chuços com o ferro afiado de ambos os lados. Não se puderam considerar senão como uns piratas.

Apesar de os franceses terem explorado só uma parte dessas ilhas, as informações que colheram não deixam de ser interessantes pela sua novidade.

A primeira condição que exige uma numerosa população é a abundância de água. Ora este líquido parece ser ali muito raro. Além disso, a terra vegetal está longe de ser espessa, e, sendo as montanhas separadas umas das outras por estreitas quebradas e não por extensos vales, resulta daí ser quase impossível a cultura. As próprias árvores, exceto coqueiros, chegam apenas a mediana altura. Por isso a população, dizia um indígena, não era superior a dois mil habitantes, algarismo que ainda pareceu exagerado a Bougainville.

A feliz situação dessas ilhas nos dois caminhos dos navios que negoceiam com a China devem tê-las designado desde muito à atenção dos navegadores. Devemos sem dúvida atribuir à sua falta de recursos o abandono em que têm estado. A pouca amabilidade e a pouca confiança que Bougainville encontrou nesses insulares, o alto preço dos géneros, depois a inversão da monção nos mares de Sonda, determinaram o comandante a suspender o reconhecimento desse arquipélago, para se dirigir o mais depressa possível para Java.

No dia 8 de março partiram os dois navios, que reconheceram primeiro as ilhas Victory, Barren, Saddle e Camel, passaram pelo estreito de Gaspar, cuja travessia durou apenas duas horas, ainda que muitas vezes se prolonga quando o vento não a favorece, e fundearam em Sourabaya, onde tiveram conhecimento da morte de Luís XVIII e da subida ao trono de Carlos X.

Como a cólera-morbo, que fizera em 1822 trezentas mil vítimas em Java, grassava ainda nesta ilha, Bougainville teve a precaução de conservar as suas tripulações a bordo ao abrigo do sol, cujos raios são tão perigosos para os Europeus durante as estações das chuvas. Apesar dessas ordens tão sensatas, a disenteria não havia de tardar a cair sobre a tripulação e a fazer numerosíssimas

vítimas.

A cidade de Sourabaya está situada a uma légua da embocadura do rio e não se pode lá chegar senão subindo à sirga a corrente. Os seus arredores são animados e tudo anuncia uma população ativa e comerciante. Tendo uma expedição à ilha de Celebes absorvido todos os recursos do Governo e estando despejados os armazéns, os franceses viram-se obrigados a recorrer a negociantes chineses, os mais impudentes ladrões que se podem encontrar. Não houve estratagema que não imaginassem, não houve ladroeiras que não tentassem. Por isso a arribada a Sourabaya deixou em todos os espíritos uma lembrança desagradável.

Pelo contrário, foi admirável a receção que as pessoas mais importantes da colónia fizeram aos franceses, e não tiveram estes senão motivos de gratidão para com as pessoas empregadas na administração da colónia.

Ir a Sourabaya sem visitar o sultão de Madura, que tem uma reputação de hospitalidade que atravessou os mares, seria tão impossível como ir a Paris sem ir a Versalhes e Trianon.

Depois de um lanche confortável, que tomou em terra, o estado-maior dos navios meteu-se em trens puxados por quatro cavalos. Mas eram tão maus os caminhos, os cavalos tão fracos, que muitas vezes se ficaria atascado na lama se alguns homens, colocados de sentinela nos lugares mais difíceis, não tivessem energicamente ajudado os animais. Enfim, chegou-se a Bacalan e os caleches pararam no terceiro pátio do palácio, ao fundo de uma escada, no topo da qual o príncipe herdeiro e o primeiro-ministro esperavam os viajantes.

O príncipe Adden-Engrate pertencia à mais ilustre família do arquipélago indiano. O seu trajo era o dos chefes javaneses quando vestem, como diríamos, à paisana. Uma longa saia de chita de flores, deixando entrever dois pantufos chineses, um colete branco de botões de ouro, por baixo de uma jaquetinha com abas e de pano cor de castanha com botões de diamantes, um lenço atado na cabeça e por baixo de um boné de pala, dariam a essa alta personagem a aparência grotesca de uma amazona de Carnaval, se a distinção das maneiras e a

dignidade do porte não houvessem corrigido a excentricidade do fato.

O palácio ou o *kraton* era formado por uma série de edifícios ornados de galerias, onde umas cortinas e uns ventiladores mantinham uma temperatura deliciosamente fresca. Lustres, móveis europeus de bom gosto, magníficas tapeçarias, espelhos e cristais contribuíam para a decoração das vastas salas e dos quartos. Um edifício especial, sem abertura para o pátio e deitando para os jardins, é reservado para a *Ratou* (soberana) e para as odaliscas. A receção foi cordial e o almoço servido aos europeus foi delicioso.

«A conversação», diz Bougainville, «era em inglês, e as saúdes não se pouparam, fazendo-as a princípio com chá engarrafado, que se deitava nos copos como se fosse vinho da Madeira. Chefe da religião dos seus Estados, o príncipe segue rigorosamente os princípios do Alcorão, nunca bebe vinho e passa grande parte do seu tempo na mesquita; mas nem por isso deixa de ser um bom conviva, e a sua conversação não se ressente de modo algum da austeridade que uma vida tão regular podia fazer prever. É verdade que se não passa toda em orações, e as cenas de que fomos testemunhas dariam uma ideia bem diferente dos seus costumes, se a religião do Profeta não concedesse nesse ponto um grau de latitude aos seus sectários.

De tarde visitaram-se as cocheiras, onde havia carruagens magníficas, sendo algumas construídas na ilha e tão bem feitas que era completamente impossível distingui-las das que tinham sido importadas. Depois foram todos atirar ao arco. Voltando ao palácio, foram recebidos ao som de uma música melancólica, que logo interrompeu com os seus ladridos e com as suas danças extravagantes o bobo do príncipe, que deu provas de uma agilidade e de uma flexibilidade extraordinárias. À dança, ou, antes, às atitudes de uma bailadeira, sucederam as comoções do jogo do vinte-e-um, indo todos depois procurar um descanso que fora bem ganho. No dia seguinte, novos jogos e novos exercícios. Primeiro, lutas entre homens feitos e entre crianças; depois, combates de pássaros, e, por fim, exercícios executados por um camelo e um elefante. Ao almoço sucedeu um passeio em caleche, o tiro ao arco, uma corrida dentro de

sacos, o equilíbrio do cesto, etc., e o sultão passava todos os dias assim.

As provas de respeito e de submissão que se dão a este soberano são realmente pasmosas. Ninguém está de pé diante dele, e todos se rojam no chão antes de lhe falarem. Só é servido de joelhos «e até o seu filhinho de quatro anos põe as mãozinhas quando se dirige a ele».

Bougainville aproveitou-se da sua estada em Sourabaya para ir visitar, nas montanhas de Tengger, o vulcão de Broumo. Esta excursão, em que percorreu a ilha numa extensão de cem milhas, de leste a oeste, foi uma das mais interessantes.

Sourabaya encerra monumentos curiosos, que são pela maior parte obra de um antigo governador, o general Daendels: a oficina das construções, a Casa da Moeda, o único estabelecimento desse género em Java, o hospital, que está num sítio bem escolhido, e onde há quatrocentos leitos.

A ilha de Madura, defronte de Sourabaya, que não tem menos de cem milhas de comprimento e quinze ou vinte de largura, não produz o bastante para sustentar a sua população, apesar de esta estar muito disseminada. A soberania desta ilha está dividida entre o sultão de Bacalan e o de Sumanap, que contribuem anualmente com seiscentos recrutas para o serviço holandês, não falando nas levas extraordinárias.

Já no dia 20 de abril tinham começado a aparecer sintomas de disenteria. Por isso, daí a dois dias os dois navios fizeram-se de vela. Não precisaram de menos de sete dias para atravessar o estreito de Madura. Subiram a costa setentrional de Lombock, e passaram pelo estreito de Alass, entre Lombock e Sumbava.

A primeira destas ilhas apresenta, desde o sopé das montanhas até ao mar, um ridente tapete de verdura, matizado de árvores elegantíssimas.

Nesta costa não faltam bons ancoradouros e arranja-se facilmente a água e a lenha de que se precisa.

Mas do outro lado aparecem numerosos outeiros de aspeto árido, uma terra elevada, cuja entrada é defendida por uma cadeia de ilhas escarpadas e

inacessíveis: é Lombock, cujo fundo de coral e cujas correntes enganadoras é indispensável evitar.

Duas arribadas às aldeias de Baly e de Peejow, para alcançar víveres frescos, permitiram aos oficiais o proceder ao levantamento hidrográfico desta parte da costa de Lombock.

Saindo do estreito, Bougainville procurou a ilha Cloates, sem a encontrar, é claro, porque numerosos navios há oitenta anos passam pelo sítio que se lhe atribui nos mapas. Quanto aos Trvals, esses rochedos vistos em 1777 pelo *Fredensberg-Castle*, são apenas, na opinião do capitão King, as ilhas Montebello, que se adaptam perfeitamente à descrição dos dinamarqueses.

Bougainville tinha, nas suas instruções, a ordem de reconhecer os arredores do rio dos Cisnes, onde o Governo francês esperava encontrar sítio conveniente para deportar para lá os desgraçados grilhetas acumulados nas suas prisões. Mas a Inglaterra acabava de arvorar o seu pavilhão nas terras de Nuyts e de Leuwin, e no porto do Rei Jorge, baía do Geógrafo, o pequeno porto Leschenaut e o rio dos Cisnes. Esse reconhecimento já não tinha portanto razão de ser. Em todo o caso seria impossível proceder a ele por causa das demoras que tivera a expedição, a qual, em vez de chegar a essas paragens no mês de abril, só ali chegava no meio de maio, que é no coração do inverno desta região. Efetivamente, esta costa não apresenta o mínimo abrigo: assim que principia a soprar o vento, as vagas encapelam-se, e a lembrança das provações que suportara o *Geógrafo*, na mesma época do ano, estava ainda bem fresca no espírito dos franceses.

O mau tempo acompanhou a *Té tis* e a *Esperança* até Hobart-Town, o mais considerável dos estabelecimentos ingleses na Terra de Van-Diémen. Apesar do vivo desejo que tinha o comandante de parar neste sítio, teve de fugir diante da tempestade e de subir até Port-Jackson.

Um magnífico farol indicava a entrada da baía; era uma torre de granito de setenta e seis pés ingleses de altura, cuja lanterna, iluminada a gás, podia avistar-se, quando o tempo estivesse bom, a oito ou nove léguas de distância.

O governador, Sir Tomás Brisbane, fez um acolhimento cordial à expedição e tomou logo as medidas necessárias para se darem os víveres. O fornecimento foi feito por adjudicação e a maior boa fé presidiu à execução do contratado.

A corveta teve de encalhar para ser possível renovar-se-lhe o forro; mas este conserto, da mesma forma que outros ainda menos importantes feitos na *Tétis*, só pouco tempo exigiu.

Demais, esta arribada foi aproveitada por todo o estado-maior, que se interessava profundamente pelos progressos maravilhosos desta colónia penitenciária. Enquanto Bougainville devorava quantas obras se tinham publicado acerca da Nova Gales do Sul, os oficiais percorriam a cidade e paravam maravilhados do aspeto dos inumeráveis monumentos elevados pelo governador Macquarie, casernas, hospital geral, mercado, hospício dos órfãos, dos velhos e dos enfermos, prisão, fortes, igrejas, palácio do Governo, pontes e portas da cidade, enfim, «as cavalariças do Governo, que à primeira vista pareciam o próprio palácio».

Mas havia algumas sombras no quadro; as ruas, largas e bem alinhadas, nem eram calçadas nem tinham iluminação; eram até tão pouco seguras à noite que muitas pessoas foram assassinadas e roubadas no meio de George Street, a rua mais bem habitada de Sydney. Se as ruas da cidade eram pouco seguras, os arredores ainda o eram menos. *Convicts* vagabundos percorriam os campos em quadrilhas de *bush-rangers*. Tinham-se tornado tão temíveis, que o Governo acabava de organizar uma companhia de cinquenta dragões só com o fim de os perseguir.

Os oficiais franceses nem por isso deixaram de fazer uma excursão interessante a Parramatita, nas margens do Nipian, rio muito apertado, onde visitaram o senhorio de Regent-Ville, depois às «planícies de Emu», estabelecimento agrícola do Governo, e espécie de granja-modelo; enfim, foram ao teatro, a uma grande representação que foi dada em sua honra.

Sabem todos como os marinheiros gostam de montar a cavalo. Foi pois

assim que os franceses percorreram as «planícies de Emu». Os nobres animais, levados de Inglaterra, não tinham degenerado na Nova Gales. Continuavam a ser tão vivos como em Inglaterra, e à sua custa o ficou sabendo um jovem oficial. Este, dirigindo-se ao seu cicerone, o Sr. Cox, dizia-lhe em inglês: «Gosto muito deste exercício de equitação» quando o cavalo o cuspiu da sela, achando-se o oficial estendido na relva antes de ter podido compreender bem o que sucedera. O caso foi de risota, porque o hábil cavaleiro nem se magoara.

Para além das culturas do Sr. Cox ficava a floresta, a «floresta aberta», como dizem os Ingleses, que se pode percorrer a cavalo, onde não há coisa alguma que embarace a marcha, floresta de eucaliptos, de acácias de espécies diferentes, assim como de casuarinas de sombria folhagem.

No dia seguinte deu-se um passeio de barco pelo rio Népean, afluente do Kawkesbury. Esse passeio foi frutífero para a história natural. Bougainville enriqueceu nessa excursão a sua coleção de patos, de galinhas-d'água, de uma lindíssima espécie de maçaricos, *King's fisher,* e de catatuas. Nos bosques ouvia-se o grito desagradável do faisão-lira e de dois outros pássaros, que imitam, de um modo que chega a iludir, o tintinar de um chocalho e a bulha estrídula da serra.

Não são estes os únicos pássaros notáveis pela singularidade do seu canto.

Citemos também o «silvador», o «amolador», o «zombeteiro», o «cocheiro», que imita o estalar do chicote, e o *laughing-jackass,* que solta gargalhadas contínuas, que afinal acabam por atacar os nervos de quem as ouve.

Sir John Cox fez igualmente presente ao comandante de duas toupeiras-d'água, que também se chamam ornitorrincos. Os costumes deste curioso animal anfíbio eram ainda mal conhecidos dos Europeus, e muitos museus não possuíam nem um só destes bichos.

Fez-se outra excursão às montanhas Azuis, onde se visitou a famosa Chapada do Rei, King's Table Land, de onde se goza uma vista admirável. Chega-se a muito custo a uma colina, e de súbito abre-se-nos debaixo dos pés um abismo de mil e seiscentos pés de profundidade.

É um imenso tapete de verdura, que se desenrola numa extensão de vinte milhas; à direita e à esquerda veem-se as encostas rugosas da montanha, violentamente dilaceradas por algum tremor de terra. Mais perto salta rugindo uma torrente e precipita-se de cascatas em cascatas até ao fundo do vale; é a catarata conhecida pelo nome de Aspleys' Water-Fall. Depois seguiu-se uma caçada de cangurus nas Cow-Pastures com o Sr. Mac-Arthur, um dos homens que mais haviam contribuído para a prosperidade da Nova Gales.

Bougainville aproveitou-se também da sua estada em Sydney para pôr a primeira pedra de um monumento à memória de La Pérouse. Esse cenotáfio foi erigido na Botany-Bay, exatamente no sítio onde o navegador estabelecera o seu acampamento.

A 21 de setembro, a *Tétis* e a *Esperança* fizeram-se enfim de vela. Passaram ao longo de Piteairn, da ilha de Páscoa e de João Fernandes, que estava sendo um lugar de deportação para os criminosos do Chile, depois de ter sido ocupada durante meio século por espanhóis, que ali cultivavam vinhas. A 23 de novembro, a *Tétis*, que, durante um denso nevoeiro, se separara da *Esperança*, fundeava em Valparaíso, onde encontrava a divisão do almirante Rosamel.

Reinava grande animação na enseada; preparava-se uma expedição contra a ilha Chiloé, que pertencia ainda à Espanha; ordenara-a o diretor supremo, D. Ramon Freire Serrano, em quem já falámos.

Bougainville, da mesma forma que o navegador russo Lutké, entende que a posição de Valparaíso não lhe justifica o nome. As ruas são sujas, estreitas, e por tal forma escarpadas que é muito fatigante percorrê-las. A única parte agradável é o arrabalde de Almendral, que, encostado a jardins e pomares, ainda mais agradável seria se não fossem os turbilhões de areia que o vento levanta quase todo o ano. Em 1811, Valparaíso contava apenas quatro ou cinco mil almas; esta população já triplicara em 1825, e esta marcha ascendente estava ainda longe do seu termo. Quando a *Tétis* ali arribou, estava também em Valparaíso a fragata inglesa *Loira*, comandada por Lord Byron, neto do explorador cujas descobertas contámos. Por uma coincidência singular, acabava

ele de levantar na ilha Havai um monumento à memória de Cook, quando Bougainville, o filho do circum-navegador encontrado por Byron no estreito de Magalhães, acabava de colocar na Nova Gales do Sul a primeira pedra do monumento à memória de La Pérouse.

Bougainville aproveitou-se do largo espaço de tempo que lhe foi necessário para abastecer a sua divisão, e fez uma excursão a Santiago, capital do Chile, a trinta e três léguas para o interior.

Os arredores desta cidade são de uma nudez que desespera, sem habitações nem cultura. O que revela a aproximação da cidade é a aparição dos seus campanários, e ainda o viajante se imagina nos arrabaldes e já está no centro de Santiago. Pois não é porque faltem os monumentos; pode citar-se a Moeda, a Universidade, o paço do arcebispo, a catedral, a igreja dos Jesuítas, o Palácio da Justiça, o teatro, tão mal iluminado que se não podem quase distinguir as caras dos espectadores. A Canada substituíra a Alameda, passeio onde se reuniam à noite, nas margens do rio Mapocho. Depois, exaustas as curiosidades da cidade, foram-se ver as dos arredores, visitou-se o Salto de Água, cascata de mil e duzentos pés de altura, a que é bastante difícil chegar, e o Cerrito de Santa Lúcia, onde está um fortim, única defesa da cidade.

A estação progredia e era indispensável que os franceses se apressassem, se não queriam perder a época mais favorável para a passagem do cabo Horn. Por isso, a 8 de janeiro de 1826, os dois navios faziam-se ao largo. Dobraram o cabo sem avarias, não puderam, por causa das brumas e dos ventos ponteiros, aportar às Maloínas, e a 28 de março fundearam na enseada do Rio de Janeiro.

As circunstâncias desta arribada foram bastante felizes e permitiram aos franceses formar uma ideia exata da cidade e da corte.

«O imperador», diz Bougainville, «andava viajando quando nós chegámos, e o seu regresso deu lugar a festas e a receções, que puseram a população em movimento, dando tréguas por algum tempo à monotonia da vida que se leva nesta cidade, a mais triste e a mais fastidiosa do mundo para os estrangeiros. São deliciosos os arredores, onde a natureza prodigalizou as suas riquezas, e a sua

imensa enseada, onde se apinham os navios de comércio do Atlântico, apresenta o quadro mais animado: é um concurso inumerável de navios, que entram e saem, de embarcações que se cruzam, um barulho infernal de tiros de peça com que os navios de guerra e os fortes dão as salvas e correspondem às salvas, ou celebram um aniversário ou a festa de algum santo. Enfim, é uma continuada troca de amabilidades entre os oficiais das marinhas estrangeiras, que se visitam uns aos outros, bem como agentes diplomáticos dessas potências junto da corte do Rio.»

A 11 de abril a divisão fazia-se de novo ao mar, e entrava em Brest a 24 de junho de 1826, sem ter feito escala desde que saiu do Rio de Janeiro.

Se Bougainville não fizera descoberta alguma nessa viagem, é bom lembrarmos que as suas instruções eram a esse respeito positivas: devia só mostrar o pavilhão francês em localidades onde raras vezes aparecia.

Devem-se contudo a este oficial general particularidades interessantíssimas, e às vezes novas, acerca dos países que visitou. Alguns levantamentos operados por essa divisão deviam prestar serviços aos navegadores, e devemos confessar que a parte hidrográfica foi cuidadosamente estudada, fazendo-se nesse ramo observações numerosas e exatas. Não podemos deixar de concordar com o comandante da *Tétis*, quando ele lamenta no seu prefácio que nem o Governo nem a Academia das Ciências entendessem dever utilizar esta esquadra para juntar alguns novos documentos, que teriam aumentado as séries já tão ricas dos predecessores do barão De Bougainville.

A expedição de que ia ser encarregado o capitão Dumont d’Urville não era, na ideia do ministro, senão um meio de aumentar e de completar a massa considerável de documentos científicos congregados pelo capitão Duperrey, durante a sua viagem de 1822 a 1824.

Nenhum oficial tinha tantos títulos de recomendação como Dumont d’Urville, porque fora o imediato de Duperrey, e demais fora ele que concebera o plano e fixara todas as particularidades desta nova expedição. A parte da Oceânia que tentava reconhecer, porque era a que lhe parecia dever mais

particularmente reclamar a atenção dos geógrafos e dos viajantes, era a Nova Zelândia, o arquipélago Viti, a Loyalty, a Nova Bretanha e a Nova Guiné. Ver-se-á, seguindo-se passo a passo o viajante, o que lhe foi possível executar.

Um interesse de outra espécie devia prender-se com esta expedição, mas é bom que citemos as instruções que foram dadas ao navegador.

«Um capitão americano», dizem elas, «afirma que viu, nas mãos de um indígena de uma ilha situada no intervalo da Nova Caledónia e da Luisíada, uma cruz de S. Luís e medalhas que julgou provenientes do naufrágio do célebre navegador (La Pérouse), cuja perda inspira tão forte pesar. Sem dúvida é este um débil motivo para esperar que ainda existam algumas vítimas deste desastre; contudo, Sr. capitão, daria de bom grado a Sua Majestade uma satisfação vivíssima se, depois de tantos anos de miséria e de exílio, algum dos infelizes náufragos fosse restituído pelo navio do seu comando à sua pátria.»

O fim da expedição era por conseguinte múltiplo, e, pelo maior dos acasos, obteve quase todos os resultados que dela se esperavam.

Dumont d'Urville recebeu, logo em dezembro de 1825, a sua nomeação de comandante e foi autorizado a escolher todas as pessoas que haviam de o acompanhar. Escolheu para imediato o tenente Jacquinot e para colaboradores científicos Quoy e Gaimard, que tinham feito a campanha da *Urânia*, e o cirurgião Primevère Lesson.

O navio escolhido foi a *Concha*, cujas excelentes qualidades D'Urville pudera apreciar; o que fez foi dar-lhe, em memória de La Pérouse, o nome de *Astrolábio*, e embarcou uma tripulação de oitenta homens. Levantou ferro a 25 de Abril de 1826, e em breve se perderam de vista as montanhas de Toulon e as costas de França.

Depois de uma paragem em Gibraltar, o *Astrolábio* fundeou em Tenerife para receber alguns víveres frescos, antes de atravessar o Atlântico. Aproveitou o comandante esta estação para subir o pico de Teyde. D'Urville, com os Srs. Quoy, Gaimard, e muitos oficiais, seguiu primeiro um caminho péssimo, através de campos cobertos de escórias.

Mas, à medida que os viajantes se aproximam de Laguna, vai-se embelezando a cena. Esta cidade, bastante grande, encerra contudo uma população pouco numerosa, indolente e miseranda.

Desde Matanza até Oratava a vegetação é magnífica, e a vinha, com os seus pântanos verdejantes, aumenta ainda a riqueza do quadro.

Oratava é uma pequena cidade marítima, cujo porto oferece apenas um mau abrigo. Bem construída e bem distribuída em ruas e praças, seria uma terra agradável se não fossem as suas ladeiras rápidas, que tornam a circulação quase impossível.

Depois de três quartos de hora de escalada, no meio de campos bem cultivados, chega-se à região dos castanheiros. Para diante começam as nuvens, e o viajante já não caminha senão banhado num nevoeiro excessivamente desagradável. Mais adiante, vem a região das urzes, para além da qual a atmosfera clareia, as plantas desaparecem e o solo torna-se mais magro e mais estéril. Encontram-se então lavas decompostas, escórias e pedras-pomes em grande quantidade, enquanto por baixo se desdobra a perder de vista o mar imenso das nuvens.

Mascarado até então pelas nuvens e pelas altas montanhas que o rodeavam, o pico aparece enfim. A encosta deixa de ser rápida, e penetra-se nessas planícies imensas e de uma tristeza pungente, a que os Espanhóis deram o nome de Canadas, por causa da sua nudez.

Para almoçar para-se na Gruta do Pinheiro, antes de subir os imensos pedregulhos de basalto, que, dispostos circularmente, formam o recinto da cratera, hoje tapada com as cinzas do pico.

É necessário então avançar ao próprio pico; a um terço de altura encontra-se uma espécie de esplanada, chamada Estancia de los Ingleses.

Foi ali que os viajantes passaram a noite, não tão bem como nos seus beliches, mas sem sofrer com demasiada violência o mal-estar e as sufocações que muitos outros exploradores padeceram. Só as pulgas lhes deram repetidos assaltos, que impediram o comandante de pregar olho.

Às quatro horas da manhã tornaram a pôr-se a caminho, e chegaram dentro em pouco a uma nova esplanada, que tem o nome de Altavista. Para além desta esplanada desaparecem todas as veredas e é indispensável trepar com muito custo pela lava nua até ao Pão de Açúcar, encontrando-se a cada momento massas de neve, cuja posição, abrigada do sol, impede que se derretam. O pico é muito escarpado, e a sua escalada ainda se torna mais difícil por causa das pedras-pomes que, rolando debaixo dos pés, não deixam o viajante andar para a frente.

«Às seis horas e trinta minutos», diz Dumont d'Urville, «chegámos ao cimo do Pão de Açúcar. É evidentemente uma cratera meio obliterada, de paredes pouco espessas e chanfradas, cuja profundidade é de sessenta a oitenta pés, quando muito, e semeada na superfície de fragmentos de obsidiana, de pedra-pomes e de blocos de lava. Exalam-se das suas bordas vapores sulfurosos, e formam, por assim dizer, uma coroa de fumo, enquanto o fundo está completamente resfriado. No cimo do pico o termómetro estava a onze graus, mas imagino que ainda se ressentia de estar exposto ao fumo, porque, chegados ao fundo da cratera, desceu em pouco tempo de dezanove graus ao sol a nove graus e a cinco à sombra.»

A descida efetuou-se sem transtorno por um caminho diferente, que permitiu aos viajantes explorar a Cueva de la Nieva e visitar a floresta de Água Garcia, que é atravessada por um riacho límpido, e onde D'Urville fez uma colheita abundante de vegetais.

Em Santa Cruz o comandante pôde ver no gabinete do major Megliorini, no meio de armas, de conchas, de minerais e de peixes, de objetos, enfim, o mais disparatadamente reunidos, uma múmia completa de guancho, que lhe disseram que era de uma mulher. Envolvida em peles cosidas umas às outras, parecia ter cinco pés e quatro polegadas de altura. As mãos eram grandes e as feições parecia que tinham sido bastante regulares.

As grutas sepulcrais dos Guanchos encerravam também vasos de barro e vasos de madeira, sinetes triangulares de barro cozido e uma infinidade de

pequenos discos da mesma matéria, que, enfiados como as contas de um rosário, serviam talvez a essa raça desaparecida para o mesmo uso para que servia o *quipe* dos Peruvianos.

A 21 de junho, o *Astrolábio* fez-se à vela de novo e parou na Praia, nas ilhas de Cabo Verde, onde D'Urville contava encontrar o capitão inglês King, que lhe daria informações preciosas para a navegação dos mares da Nova Guiné; mas este deixara a Praia trinta e seis horas antes. Por isso, no dia seguinte, pela manhã (30 de junho), o *Astrolábio* continuou o seu caminho.

Os rochedos de Martim Vaz e a ilha da Trindade foram avistados no último dia de julho.

Esta última ilha parece completamente estéril; não se descobre ali senão uma verdura insignificante e algum arvoredo enfezado, que formam uma verdadeira nódoa no meio dos rochedos.

D'Urville desejaria vivamente fazer algumas investigações de botânica nesta ilha deserta, mas a ressaca era tão violenta que julgou que não devia arriscar uma embarcação.

A 4 de agosto, o *Astrolábio* passou sobre a posição de Saxemburgo, ilha que definitivamente se deve eliminar dos mapas franceses, como já tinha sido dos ingleses; passou-se depois, em seguida a uma série de ventanias, que fatigaram consideravelmente o navio, na proximidade das ilhas de S. Paulo e Amesterdão, e a 7 de outubro fundeou o navio no porto do Rei Jorge, na costa da Austrália.

Apesar de ter sido muito violenta a vaga e o tempo quase constantemente mau, durante os cento e oito dias que o *Astrolábio* gastara agora no mar, D'Urville não deixara por isso de proceder às suas investigações habituais sobre os efeitos do balanço, sobre a altura das vagas, que calculou em oitenta ou cem pés, no parcel das Agulhas, assim como sobre a temperatura do mar em diferentes profundidades.

Tendo o capitão Jacquinot descoberto na margem direi ta do estreito da Princesa uma excelente aguada, e logo perto um lugar propício para

estabelecimento de observatório, logo ali se armaram as barracas, enquanto muitos oficiais davam completa volta à baía da Princesa e muitos outros entravam em relações com alguns indígenas.

Um destes últimos consentiu em ir a bordo. Custou imenso alcançar que ele largasse um tição de *banksia,* que lhe servia para conservar o lume por muito tempo e para aquecer o ventre e toda a parte anterior do corpo. Passou contudo dois dias a bordo muito tranquilamente, comendo ao pé do lume da cozinha.

Os outros seus compatriotas, que tinham ficado em terra, deram provas sempre de estar nas mais pacíficas disposições, e não recearam até levar ao acampamento três dos seus filhos.

Durante esta arribada, apareceu uma embarcação tripulada por oito ingleses. Pediam eles que os recebessem a bordo como passageiros. Contaram uma história de abandono pouco verosímil, que deu ao comandante a ideia de que deviam ser degredados fugidos da Austrália, e esta convicção transformou-se em certeza pela careta que eles fizeram quando ouviram a proposta que se lhes fez de serem levados a Port-Jackson.

No dia seguinte, contudo, sentou praça um deles como marinheiro, dois ficaram como passageiros; os outros cinco, esses, resolveram ficar nestas plagas e continuar a existência miserável que levavam no meio dos selvagens.

Entretanto as operações hidrográficas e astronómicas progrediam, enquanto em terra os caçadores e os naturalistas procuravam alcançar amostras de espécies novas. Esta arribada, que se prolongou até 24 de outubro, permitiu à tripulação descansar da penosa travessia que tivera de suportar, proceder aos consertos necessários, fazer aguada e cortar lenha, levantar a planta de todos os arredores e colher importantes coleções de plantas e de geologia.

Segundo as observações de todo o género que fizera, espantava-se D’Urville de que os Ingleses ainda se não houvessem estabelecido no porto do Rei Jorge, admiravelmente situado, tanto em relação aos navios que vão diretamente da Europa a Nova Gales, como em relação aos que se dirigem ao Cabo para a China ou para as ilhas da Sonda com monção contrária.

A exploração desta costa foi levada até Port-Western, estação que D'Urville preferia a Port-Dalrymple, cuja entrada e cuja saída eram difíceis e muitas vezes perigosas. Demais, Port-Westem ainda não era conhecida senão pelos relatórios de Baudin e de Flinders. Seria por conseguinte muito mais proveitoso explorar esta terra pouco frequentada. Os trabalhos que tinham sido levados a cabo no porto do Rei Jorge foram feitos igualmente em Port-Western e levaram o comandante à seguinte conclusão:

«Port-Western», diz ele, «tem entrada e saída igualmente fáceis; o ancoradouro é excelente, a lenha abundante e fácil de cortar. Numa palavra, logo que se descobrir uma aguada cómoda (e há de encontrar-se provavelmente) será um porto de escala importantíssimo num estreito como o de Bass, onde os ventos sopram muitas vezes com fúria e do mesmo lado, muitos dias a fio, em que as correntes podem tornar a navegação difícil nestas circunstâncias especiais.»

De 19 de novembro a 2 de dezembro, o *Astrolábio* continuou a seguir a costa, sem outra paragem que não fosse na baía Jervis, onde se encontraram magníficas florestas de eucaliptos. O acolhimento que os franceses tiveram em Port-Jackson pelo governador Darling e pelas autoridades da colónia foi o mais cordial possível, apesar de a estação feita por Dumont d'Urville em diversos pontos da Nova Holanda ter preocupado muito as autoridades inglesas.

Nos três anos últimos a cidade aumentara e embelezara-se de modo notável; apesar de a população da colónia não ser ainda avaliada senão em cinquenta mil almas, os Ingleses iam criando sempre novos estabelecimentos.

O comandante aproveitou-se da sua arribada a Sydney para expedir os seus despachos para França, assim como muitas caixas de amostras de história natural. Depois, logo que meteu a bordo os víveres e obteve todos os objetos que lhe eram necessários, fez-se de novo à vela.

Parar com Dumont d'Urville na Nova Gales seria inútil; consagra ele uma coluna toda de uma relação à história e à descrição desta colónia em 1826, e nós já falámos dela minuciosamente. É melhor sairmos com ele de Sydney, a 19 de dezembro, e segui-lo à baía Tasman, através das calmarias dos ventos fronteiros,

das correntes e das tempestades que lhe não permitiram chegar à Nova Zelândia senão a 14 de janeiro de 1827.

Nenhuma expedição fizera ainda conhecer a baía Tasman, que só Cook vira na segunda viagem.

Umas pirogas que levavam a bordo uns vinte indígenas, dez dos quais pelo menos pareciam ser chefes, atracaram ao *Astrolábio.* Mostraram confiança bastante para entrar a bordo; alguns mesmo ali ficaram muitos dias. Chegaram outros enfim, estabeleceram-se na vizinhança e as trocas principiaram.

Muitos oficiais treparam às alturas que dominam a baía no meio de uma densa mata.

«Não há pássaros», diz D'Urville, «nem insetos, nem répteis; esta ausência completa de todos os seres animados, esse silêncio absoluto, têm um não sei quê de solene e de lúgubre.»

Tal foi a impressão penosa que esses tristes desertos produziram.

Do alto dessas colinas o comandante avistara uma nova baía, a baía de Almirantado, que comunicava por um canal com a outra em que estava fundeado o *Astrolábio.* Quis explorá-la, porque lá de cima lhe parecera ainda mais segura que a baía Tasman. Mas por muitas vezes as correntes o puseram a dois dedos da sua perda. Se o *Astrolábio* fosse arrojado a essa costa pedregosa, a tripulação teria morrido toda e não teria ficado nem o mais leve rasto do naufrágio. Enfim, depois de muitas tentativas infrutíferas, D'Urville conseguiu atravessar esse estreito, perdendo apenas alguns fragmentos de contraquilha do navio.

«Para consagrar», diz a relação do *Astrolábio*, «deixei a este perigoso estreito o nome de Passagem dos Franceses, mas, a não ser por grande urgência, a ninguém aconselharei que tente atravessá-lo... Contemplámos então, muito à nossa vontade, a magnífica bacia em que estávamos. Merece certamente todos os elogios que Cook lhe fez, e recomendarei sobretudo uma linda calheta a poucas milhas ao sul do sítio onde este capitão fundeara... A nossa navegação pela Passagem dos Franceses acabava de provar definitivamente a existência, como ilha, de toda a porção de terra que termina no cabo Stephen, de Cook. Acha-se

separado de Tavai-Pounamou pela bacia das correntes. A comparação do nosso mapa com o que Cook levantou com relação ao estreito mostrará o muito que deixavam a desejar os seus trabalhos...»

O *Astrolábio* não tardou a entrar no estreito de Cook, passou diante da baía da Rainha Carlota e dobrou o cabo Alué, formado de montes acumulados uns sobre os outros. Com profunda surpresa reconheceu D'Urville que havia bastantes inexatidões nos trabalhos do grande navegador inglês e na parte hidrográfica da sua viagem. Discute certos pontos em que encontrou erros de 15 a 20 minutos.

A tenção do comandante era então reconhecer a costa oriental de Ika-Na-Mawi, a ilha setentrional, onde se encontram porcos e onde não se encontra *pounamou,* pedra verde de que os Zelandeses fazem os seus mais preciosos instrumentos, ao passo que na ilha meridional se encontra *pounamou* e não se encontram porcos.

Dois indígenas, que tinham querido absolutamente ficar a bordo, haviam-se mostrado tristes e melancólicos ao verem sumirem-se no horizonte as costas da região onde habitavam. Arrependeram-se pois, mas já tarde, da audácia que os levara a viajar.

A palavra *audácia* não é realmente exagerada, porque mais de uma vez perguntaram aos franceses se estes os não iam comer, e o bom tratamento só os tranquilizou ao cabo de alguns dias.

D'Urville continuou a subir a costa. Os cabos Turn-Again e Kidnappers, de Cook, foram dobrados e reconheceu-se a ilha Estéril com o seu *ipah.*

Na baía de Tolaga, de Cook, trouxeram uns indígenas à corveta porcos e batatas, que trocaram por objetos de pouco valor. Tendo-se apresentado outras pirogas, os neozelandeses, que estavam a bordo do navio, perseguiam o comandante para que este fizesse fogo sobre eles e matasse os seus compatriotas. Mas quando estes entraram a bordo, os que tinham chegado primeiro foram ao seu encontro e receberam-nos com as mais vivas demonstrações de amizade. Este procedimento singular explica-se pela desconfiança e pelo ciúme que têm

uns dos outros. «Quereriam todos aproveitar exclusivamente as vantagens que esperam das visitas dos estrangeiros, e ficam desesperados quando veem os vizinhos lucrar também com isso!»

Esta explicação era tão verdadeira que recebeu logo confirmação.

Estava a bordo do *Astrolábio* um certo número de neozelandeses e entre eles um certo Shaki; a sua alta estatura e a sua pintura de picado completo, o seu porte altivo e o ar submisso com que lhe falavam os seus compatriotas designavam-no como um chefe. Vendo aproximar-se da corveta uma piroga tripulada apenas por sete ou oito homens, Shaki e os outros vieram suplicar com instância a D'Urville que matasse esses recém-chegados. Até pediram espingardas para eles mesmos os matarem. Contudo, apenas esses novos neozelandeses entraram a bordo, logo todos os que já lá estavam lhes prodigalizaram as maiores demonstrações de respeito, e Shaki, apesar de ter sido um dos mais encarniçados, mudou de tom e foi oferecer-lhes alguns machados que acabava de adquirir.

Instantes depois de estes chefes, de atitude guerreira e feroz, de rosto completamente picado e pintado, terem entrado a bordo, preparava-se D'Urville para os interrogar, com auxílio do vocabulário publicado pelos missionários jesuítas, quando eles o deixaram bruscamente, saltaram para as suas pirogas e fizeram-se ao largo.

Os seus compatriotas, para se desembaraçarem deles, tinham-lhes simplesmente insinuado que a sua existência não estava muito segura no *Astrolábio* e que os franceses haviam projetado matá-los.

Foi na baía de Tolaga, cujo verdadeiro nome é Houa-Houa, que D'Urville alcançou as primeiras informações acerca do *kiwi*, a propósito de uma esteira enfeitada com as penas deste pássaro, um dos objetos de luxo destes indígenas. Este pássaro, do tamanho de um peru, parece que é privado, como o avestruz, da faculdade de voar. Caça-se à noite, à luz dos archotes e com auxílio de cães.

Foi esse mesmo pássaro que recebeu o nome de «apterix». As informações que D'Urville colhera dos indígenas eram exatas em grande parte. O «apterix»,

com o tamanho de uma galinha e as penas cor de ferro, parece-se com o avestruz; habita as florestas sombrias e húmidas e sai apenas à noite para procurar o alimento. A caça ativa que os indígenas lhe fazem tem diminuído consideravelmente esta espécie curiosa, que está hoje sendo muito rara.

D'Urville continuou pois o reconhecimento hidrográfico da costa oriental da ilha setentrional da Nova Zelândia, tendo comunicações quotidianas com os indígenas, que lhe levavam batatas e porcos.

Segundo diziam os indígenas, havia continuadas guerras entre as tribos, que eram causa da diminuição do número dos habitantes. Estes pediam sempre espingardas, e acabavam por se contentar com pólvora, que se lhes dava em troca das suas mercadorias.

A 10 de fevereiro, nas paragens do cabo Runaway, teve a corveta de suportar uma tempestade, que durou trinta e seis horas, e esteve por muitas vezes em perigo de soçobrar.

Depois internou-se na baía da Abundância, no fundo da qual se ergue o monte Edgecumbe, continuou a seguir a costa, viu as ilhas Alta e Major, mas o tempo conservou-se sempre de tal modo mau durante essa exploração da baía, que o mapa não merece grande confiança.

A corveta entra em seguida na baía Mercúrio, reconhece a ilha do Barreiro, penetra na baía Shouraki (aliás Hauraki), reconhece a Galinha e os Pintos, os Pobres Cavaleiros e chega à baía das Ilhas.

As tribos que D'Urville encontrou neste sítio estavam empenhadas numa expedição contra as da baía Shouraki e Waikato. D'Urville tornou a descer para explorar a baía Shouraki, que fora incompletamente reconhecida por Cook, e descobriu que neste sítio a Nova Zelândia está como que retalhada por uma grande quantidade de angras e de enseadas mais profundas e mais seguras umas que as outras. D'Urville, tendo sabido que, seguindo o curso de Wai-Magoia, se chegava a um sítio separado por uma curtíssima marcha do grande porto de Manukau, na margem ocidental da ilha, mandou a vários dos oficiais que percorressem esse caminho, e eles reconheceram a verdade dessas informações.

«Esta descoberta», diz Dumont d’Urville, «pode vir a ser de grande interesse para os estabelecimentos que se fizerem na baía Shouraki, e esse interesse aumentará se novos reconhecimentos puderem demonstrar que o porto de Manukau é suscetível de receber navios de certa dimensão, porque um estabelecimento dessa ordem ficaria então ao alcance dos dois mares ocidental e oriental.»

Rangui, um dos «rangatiras», chefe desse lugar, pedira por muitas vezes ao comandante chumbo para fazer balas e este sempre lho negara. No momento da partida, D’Urville foi avisado de que o chumbo da sonda acabava de ser roubado. O comandante repreendeu logo Rangui, dizendo-lhe, num tom severo, que era indigno de pessoas honradas o cometerem semelhantes roubos. Esta repreensão afetou, ao que parece, profundamente o chefe, que se desculpou, querendo dizer que esse delito fora cometido sem seu conhecimento e por estrangeiros.

«Um momento depois», diz a relação, «a bulha de pancadas dadas com força, e uns gritos lamentáveis, partindo da piroga de Rangui, chamaram a minha atenção de novo para este lado. Então vi Rangui e Tawiti a baterem com toda a força com os remos numa capa que parecia cobrir um homem. Mas foi-me fácil reconhecer que os dois astuciosos chefes batiam apenas num dos bancos da piroga. Depois de ter representado por algum tempo esta farsa, o remo de Rangui quebrou-se-lhe nas mãos. O homem fingiu cair no chão, e Rangui, interpelando-me, disse-me que acabava de matar o ladrão, e perguntou-me se eu estava satisfeito. Respondi-lhe afirmativamente, rindo comigo da manha desse selvagem, manha de que se encontram muitos exemplos em povos mais adiantados em civilização.»

D’Urville reconheceu a linda ilha Wai-Hiki, e terminou assim o reconhecimento do canal de Astrolábio e da baía Hauraki. Subiu então para o norte até à baía das Ilhas, e dali até ao cabo Maria Van-Diémen, extremidade setentrional da Nova Zelândia, onde as «almas dos mortos, os Waidouas, vêm de todos os pontos de Ika-Na-Mawi, para dali voarem para a glória ou para as

trevas eternas».

A baía das Ilhas, por ocasião da estação da *Concha,* estava cheia de uma numerosa e animada população, com a qual houvera relações amigáveis. Agora o silêncio do deserto substituíra a animação de outrora. O *ipah* ou, antes, o *pã* de Kahou-Wera, que abrigava uma tribo ativa, estava abandonado. A guerra produzira neste sítio as suas habituais devastações. A tribo de Songhui saqueara as propriedades e dispersara os membros da de Paroa.

Era na baía das Ilhas que se tinham estabelecido os missionários ingleses. Apesar de toda a sua dedicação, não tinham convertido ainda nem um só indígena, e a inutilidade dos seus esforços era evidente.

Foi neste sítio que terminou o importantíssimo reconhecimento hidrográfico da costa oriental da Nova Zelândia. Desde Cook ainda nenhuma exploração fora feita nesta terra com tanto cuidado, no meio de tantos perigos e em tamanha extensão de costas. D'Urville, com esta sábia e minuciosa observação, acabava de prestar um verdadeiro serviço à ciência geográfica e à navegação. Tivera de desenvolver, no meio das borrascas súbitas e terríveis, predicados excecionais, mas, sem fazer caso de tantas fadigas e de tanta dedicação, iam, quando voltasse a França, pô-lo de parte, ou dar-lhe apenas funções onde lhe era impossível distinguir-se, e que um oficial qualquer desempenharia igualmente bem.

Deixando a Nova Zelândia a 18 de março de 1827, D'Urville seguiu caminho para Tonga-Tabou. Reconheceu primeiro as ilhas Curtis, Macauley e Sunday, procurou debalde a ilha Valquez, de Maurelle, e chegou a 16 de abril a Namouka. Alguns dias depois avistou Eoa; mas, antes de chegar a Tonga-Tabou, teve ainda de suportar uma violenta procela, que pôs o *Astrolábio* em risco.

Uns europeus estabelecidos havia largos anos em Tonga-Tabou foram muito úteis ao comandante para o informar das disposições dos indígenas. Três chefes, três *éguis,* dividiam entre si o poder desde que o chefe religioso *toui-tonga,* que gozava de uma influência imensa, fora exilado.

Uma missão weslayana estava estabelecida em Tonga, mas pareceu logo

evidente que estes padres metodistas não tinham sabido adquirir influência alguma sobre os indígenas.

Os mesmos que eles tinham convertido eram desprezados pela sua apostasia.

Quando o *Astrolábio* chegou ao ancoradouro, depois de ter escapado felizmente aos perigos iminentes que os ventos contrários, as correntes e os recifes lhe tinham feito correr, foi logo invadido por uma abundância inverosímil de frutas, de raízes, de porcos e de aves, que os indígenas davam quase de graça. D'Urville comprou igualmente para o museu armas e diversos objetos de indústria dos selvagens. Eram cacetes, a maior parte das vezes de casuarina, perfeitamente cinzelados ou enriquecidos de embutidos artísticos de madrepérola ou de osso de baleia.

O costume de cortarem uma ou duas falanges para oferecerem à divindade em caso de doença de um parente próximo ainda subsistia.

Desde o dia 28 de abril os indígenas não tinham mostrado senão as mais conciliadoras disposições, não houvera nem a mais pequena discórdia, quando, a 9 de maio, D'Urville foi visitar com quase todos os seus oficiais um dos chefes mais importantes, chamado Palou. Este recebeu-o com um constrangimento muito extraordinário e muito pouco de acordo com as demonstrações ruidosas e entusiásticas dos dias precedentes. A desconfiança dos insulares despertou a do comandante, que, pensando nos poucos homens que tinham ficado a bordo do *Astrolábio,* sentia as mais vivas inquietações. Nada sucedera contudo durante a sua ausência. A timidez de Palou é que fizera com que se malograsse uma conspiração que tinha por fim prender de uma vez todo o estado-maior; depois facilmente se destruiria a tripulação, já em parte com desejos de viver a vida fácil dos indígenas. Tal foi, pelo menos, a convicção do comandante. Os acontecimentos iam confirmar esse modo de ver.

Esses receios levaram Dumont d'Urville a deixar, o mais rapidamente possível, Tonga-Tabou, e a 13 tudo estava preparado para se sair no dia seguinte. O aspirante Dudemaine passeava na grande ilha, enquanto o aspirante Faraguet,

com uns nove homens, estava ocupado na ilhota Pangai-Modoz a fazer aguada ou a observar a maré. Um dos *éguis*, Tahofa, estava a bordo do *Astrolábio* com muitos indígenas quando, a um sinal de seu chefe, as pirogas largaram de súbito e partiram para terra. Perguntavam os franceses uns aos outros qual seria o motivo dessa retirada súbita quando se viu na ilhota Pangai-Modoz os marinheiros a serem arrastados à força pelos indígenas. D'Urville esteve quase a mandar disparar um tiro de peça, mas entendeu que era mais seguro expedir à força de remos uma embarcação, que recebeu dois homens e o aspirante Dudemaine. O mesmo escaler, enviado pouco depois, para queimar algumas choupanas e ver se capturava reféns, foi recebido a tiro de peça. Um indígena foi morto, muitos outros foram feridos, mas um cabo de marinheiros recebeu tantas baionetadas que expirou daí a duas horas.

D'Urville estava o mais inquieto possível com a sorte dos seus marinheiros e de Faraguet, que os comandava. Não lhe restava outro recurso que não fosse o de atacar a aldeia sagrada de Mafany, que encerra os túmulos de muitas famílias de chefes. Mas no dia seguinte uma multidão de indígenas rodeou a aldeia de redutos de terra e de paliçadas, de forma que foi escusado pensar em a tomar num desembarque.

Aproximou-se portanto a corveta de terra e bombardeou-se a aldeia, sem que o bombardeamento desse outro resultado que não fosse o de matar um dos insulares. Entretanto, a dificuldade de alcançarem víveres, a chuva, o continuado sobressalto em que os franceses os tinham com os seus tiros de peça, resolveram-nos a fazer a paz. Restituíram os homens, que tinham sido todos muito bem tratados, fizeram um presente de porcos e de bananas, e a 24 de maio o *Astrolábio* deixava definitivamente as ilhas dos Amigos.

Já era tempo que isto acabasse, porque D'Urville não podia continuar por muito tempo na situação em que se achava, e de uma conversação que tivera com o mestre do navio resultara o saber que apenas podia contar com quatro ou cinco marinheiros; o resto estava muito disposto a passar para os selvagens.

Tonga-Tabou é de formação madrepórica. Encontra-se ali uma camada

densíssima de húmus, e por isso as plantas e as árvores ali se desenvolvem com perfeição. Os coqueiros, cujo tronco é mais enfezado que em outros sítios, e as bananeiras crescem ali com uma rapidez e com um vigor extraordinários. O país é plano, monótono, e quem anda um quarto de légua não precisa percorrer a ilha toda para fazer ideia do que ela é. A população pode avaliar-se em sete mil indivíduos, de fisionomia francamente polinésica.

«Reúnem», diz D'Urville, «as mais apostas qualidades. São generosos, condescendentes, hospitaleiros e ao mesmo tempo sôfregos, audaciosos e sobretudo profundamente dissimulados. Exatamente no momento em que nos enchem de carícias e de provas de amizade, são capazes de nos assaltar e de nos roubar, logo que a sua avidez e o seu amor-próprio estejam suficientemente estimulados.»

Os indígenas de Tonga excedem evidentemente muito os habitantes do Taiti em inteligência. Os franceses não se fartavam de admirar a ordem maravilhosa em que estavam as plantações de *kawa,* de bananeiras e de coqueiros, o extremo asseio das habitações, a elegância das sebes. A arte das fortificações não lhes era desconhecida, como D'Urville à sua custa soube, e como já soubera também quando visitara a aldeia fortificada de Hifo, guarnecida de sólidas paliçadas e rodeada de um fosso, da largura de 15 a 20 pés, e meio cheio de água.

A 25 de maio, D'Urville principiou a exploração do arquipélago Viti ou Fidji. Teve logo a boa fortuna de encontrar um indígena de Tonga, que, habitando nas Fidji por causa do seu comércio, visitara outrora Taiti, a Nova Zelândia e a Austrália. Este homem, da mesma forma que um insular de Guaham, foi de grande utilidade ao comandante para lhe dar o nome de mais de duzentas ilhas, que compõem esse grupo, e para lhe indicar antecipadamente a sua posição e a dos recifes que as rodeiam.

Ao mesmo tempo o hidrógrafo Gressier colhia todos os materiais necessários para levantar o mapa das Fidji.

Uma chalupa recebeu ordem de aportar à ilha de Laguemba, onde estava

uma âncora que Dumont d’Urville, que perdera duas das suas diante de Tonga, desejaria bem alcançar. Ao princípio Lottin, que comandava essa embarcação, viu no país só mulheres, que fizeram as suas disposições para capturarem os marinheiros e assenhorearem-se da chalupa. A sua intenção era tão clara que não podia haver dúvida, e por isso Lottin mandou logo levantar os arpéus e fez-se ao largo antes que houvesse algum conflito.

Durante seis ou oito dias consecutivos, apesar do mau tempo e do mar encapelado, o *Astrolábio* percorreu o arquipélago das Fidji, reconhecendo as ilhas Laguemba, Kandabon, Viti-Levou, Oumbenga, Vatou-Lebe, Ounong-Lebou, Malobo, etc., e especialmente a parte meridional do grupo, que era então quase inteiramente desconhecida.

A população, se dermos crédito a D’Urville, forma o limite da raça acobreada ou polinésica, e da raça negra ou melanésica. Estes indígenas têm uma aparência de força e de vigor, que a sua alta estatura justifica. São antropófagos e não o ocultam.

A 11 de junho, a corveta seguiu o seu caminho para a angra Carteret; reconheceu sucessivamente as ilhas Erronan e Annatom, as Loyalty, grupo em que D’Urville descobriu as ilhas Chabrol e Halgan e o pequeno grupo das ilhotas Gurupas, os recifes do Astrolábio, tanto mais perigosos quanto estão afastados mais de trinta milhas das ilhotas Gurupas, e a sessenta milhas da Nova Caledónia, a ilha Huon e a cadeia setentrional dos recifes da Nova Caledónia.

Dessas paragens passou D’Urville à Luisiada, em seis dias, mas o mau tempo que o assaltou nessas costas resolveu-o a não prosseguir com o plano de campanha que lhe fora traçado e a evitar o estreito de Torres. O comandante pensou que a exploração imediata da costa meridional da Nova Bretanha e da costa setentrional da Nova Guiné seria mais proveitosa para a ciência.

Avistaram-se a ilha Rossel e o cabo do Livramento, seguiu-se o caminho para a Nova Irlanda, a fim de substituir ali a água e a lenha gastas na viagem.

Chegaram a esse destino a 5 de julho, por um tempo sombrio e chuvoso, e teve-se um trabalho imenso para distinguir a entrada da angra Carteret, onde

D’Entrecasteaux estivera uns oito dias.

Os franceses receberam por várias vezes a visita de uns vinte indígenas, que pareciam formar toda a população deste sítio. Eram entes sem inteligência e sem curiosidade alguma de verem tantos objetos que desconheciam.

O seu aspeto não falava também em seu favor. Completamente nus, escuros de pele, com o cabelo encarapinhado e a cartilagem do nariz atravessada por um osso, só mostravam avidez pelo ferro, sem parecer contudo que percebiam que só o alcançariam a troco de frutos e porcos. Sombrios e desconfiados, não quiseram levar ninguém, fosse quem fosse, à sua aldeia. Durante essa estação pouco frutífera, D’Urville foi violentamente atacado por uma enterite, que por muitos dias o fez sofrer cruelmente.

A 19, o *Astrolábio* fez-se de novo ao mar e seguiu ao longo da costa meridional da Nova Bretanha. Esta exploração foi contrariada por um tempo chuvoso e brumoso, por pancadas de água e ventanias, que obrigavam o navio, que mal podia aproximar-se de terra, a afastar-se logo.

«É preciso ter, como nós tínhamos», diz D’Urville, «a prática destas paragens, nestas mesmas circunstâncias, para formar uma justa ideia dessas incríveis pancadas de água; é necessário, além disso, ter executado trabalhos semelhantes aos que nos eram impostos, para poder julgar claramente os cuidados e as inquietações que semelhante navegação traz consigo. Raras vezes o nosso horizonte se alargava até à distância de cem toesas, e as nossas manobras não podiam deixar de ser muito incertas, porque a nossa verdadeira posição era um problema. Em geral, o nosso trabalho completo acerca da Nova Bretanha, não obstante o trabalho inaudito que nos custou e os perigos que fez correr ao *Astrolábio,* está longe de se poder comparar, debaixo do ponto de vista da exatidão, aos outros reconhecimentos da viagem.»

Na impossibilidade de retomar o caminho do canal de S. Jorge, D’Urville teve de passar pelo estreito de Dampier, cuja abertura do lado do sul está quase completamente tapada por uma cadeia de recifes em que o *Astrolábio* esbarrou por duas vezes.

Como Dampier e D’Entrecasteaux, D’Urville ficou entusiasmado com o aspeto delicioso da praia ocidental da Nova Bretanha. Uma costa saudável, um solo disposto em forma de anfiteatro, florestas de folhagem sombria, ou campinas amareladas, os dois píncaros majestosos do monte Glocester, dão a esta parte da costa uma variedade que as linhas onduladas da ilha Rook ainda vinham aumentar.

À saída do canal, desenham-se, com todo o seu esplendor, as montanhas da Nova Guiné, que não tardam a formar uma espécie de hemiciclo, e uma vasta baía, que recebeu o nome de baía do Astrolábio. As ilhas Schouten, a enseada do Ataque, onde D’Urville teve de repelir uma agressão dos indígenas, a baía Humboldt, a baía de Geehvinck, as ilhas dos Traidores, Tobias e Mysory, os montes Arfak, são sucessivamente reconhecidos e deixados para trás, e o *Astrolábio* fundeara finalmente no porto Dorei, a fim de ligar as suas operações com as da *Concha.*

Neste sítio logo travaram relações amigáveis com os Papuas, que levaram a bordo uma grande quantidade de aves-do-paraíso, mas muito poucos refrescos. Brandos e tímidos, esses indígenas só a custo se arriscavam nos bosques, com medo dos Arfakis, habitantes das montanhas e seus inimigos jurados. Um dos marinheiros, ocupado a fazer aguada, foi ferido com uma frecha por um desses selvagens, que foi impossível castigar por essa cobarde agressão, para a qual não houvera nem o mais leve motivo.

Aqui a terra é por toda a parte tão rica que bastaria revolvê-la e tirar as ervas más para lhe fazer produzir abundantes colheitas, mas os Papuas são tão preguiçosos, tão pouco inteligentes, dirigem tão mal as culturas, que fazem que as plantas alimentícias sejam a maior parte das vezes abafadas pelas parasitas.

Os habitantes são de origem muito misturada. D’Urville divide-os em três grandes variedades: os Papuas, os mestiços, que se ligam mais ou menos com a raça malaia ou polinésica, e os Hanfours ou Alfurus, que lembram o tipo vulgar dos Australianos, dos Neocaledonianos, e, em geral, dos Oceanianos da raça negra. Deviam ser estes os verdadeiros indígenas do país.

A 6 de setembro, depois de uma arribada pouco interessante e durante a qual D’Urville só pudera arranjar poucos objetos de história natural, a não serem moluscos, e ainda menos informações rigorosas acerca dos costumes, da religião e da língua das diversas raças de Nova Guiné, o *Astrolábio* fazia-se de novo ao mar e dirigia-se para Amboíno, onde chegava sem desastre a 24 de setembro.

Apesar de o governador, o Sr. Merkus, andar em viagem, o comandante não deixou de encontrar nesse porto todos os artigos de que precisava. Foi recebido do modo mais amigável pelas autoridades e pelos habitantes, que fizeram tudo o que puderam para fazer esquecer aos franceses as fadigas dessa longa e penosa campanha.

De Amboíno dirigiu-se D’Urville para a Tasmânia e Hobart-Town, lugar que nenhum navio francês tornara a ver desde Baudin, e aí chegou a 17 de dezembro de 1827. Trinta e cinco anos antes, D’Entrecasteaux não encontrara nessas praias senão algum mísero selvagem e dez anos depois Baudin não pudera encontrar ali pessoa alguma.

A primeira coisa que Dumont d’Urville soube, entrando no rio Dervent, antes mesmo de fundear diante de Hobart-Town, foi que o capitão inglês Dillon colhera era Tucopia informações positivas acerca do naufrágio de La Pérouse em Vanikoro; trouxera mesmo um punho de espada, que supunha que pertencera a esse navegador. Chegado a Calcutá, Dillon dera parte da sua descoberta ao governador, e este enviara-o imediatamente a Vanikoro com a missão de receber a bordo os náufragos que pudessem ainda existir e tudo quanto ainda restasse dos navios.

Pode-se avaliar o interesse com que D’Urville soube estas notícias, ele que, tendo recebido nas suas instruções ordem de juntar todos os documentos que pudessem lançar alguma luz sobre a sorte do infeliz navegador, adquirira em Namouka a prova da estada de La Pérouse no arquipélago dos Amigos.

Na colónia inglesa divergiam muito as opiniões sobre o crédito que se devia à narrativa do capitão Dillon, mas o relatório que este dirigira ao governador da Índia veio dissipar todas as dúvidas de D’Urville. Por isso,

renunciando aos seus projetos ulteriores sobre a Nova Zelândia, resolveu este oficial conduzir imediatamente o *Astrolábio* a Vanikoro, que ele ainda não conhecia senão pelo nome de Mallicolo, que era o que lhe dava Dillon.

Enfim, aí vão os factos como este último os expusera:

Durante uma arribada às ilhas Fidji, o navio *Hunter* tivera ensejo de receber a bordo um prussiano, Martinho Bushart, a sua mulher e um lascar chamado Achowia, que os indígenas iam devorar, como tinham feito a todos os outros desertores europeus estabelecidos no arquipélago. Esses três desgraçados só o que pediam era que os desembarcassem na primeira ilha habitável que o *Hunter* encontrasse. Foram por conseguinte desembarcados numa das ilhas Carlotas, em Tucopia, a 12° 15’ de latitude sul e a 169° de longitude.

No mês de maio de 1826, Dillon, que fora um dos oficiais do *Hunter,* desejando saber o que fora feito dos marinheiros desembarcados em 1813 em Tucopia, aproximou-se desta ilha.

Encontrou ali efetivamente o lascar e o prussiano. O primeiro vendeu-lhe até um punho de espada de prata. Como era natural, Dillon perguntou como esses indígenas o tinham arranjado. O prussiano contou que na sua chegada a Tucopia encontrara ferrolhos, machados, facas e vários utensílios de ferro, colheres e uma grande quantidade de outros objetos, que lhe disseram que vinham de Mallicolo, grupo de ilhas situadas a oeste, que ficava apenas à distância de dois dias de marcha de uma piroga.

Dillon, continuando a interrogar os indígenas, soube que muitos anos antes uns navios tinham dado à costa nessa ilha. Um deles afundou-se e com ele toda a tripulação, mas os marinheiros do segundo haviam construído com os restos do seu navio uma pequena embarcação em que tinham partido, deixando em Mallicolo alguns dos seus. O lascar afirmava que vira dois desses homens, que, pelos serviços que tinham prestado aos chefes, haviam adquirido uma legítima influência.

Dillon propôs-lhe debalde que o levasse a Mallicolo; foi mais feliz com o prussiano, que o acompanhou até à vista dessa ilha da Busca, ilha de

D’Entrecasteaux, mas a calmaria e a falta de víveres tinham impedido Dillon de parar.

Chegando a Calcutá, o governador, depois de ter tomado conhecimento do seu relatório, confiou-lhe o comando de um navio especialmente destinado a novas investigações. Estava-se em 1827. Dillon tocou em Tucopia, forneceu-se ali de intérpretes e de um piloto e depois dirigiu-se para Mallicolo; ali soube dos indígenas que os estrangeiros tinham estado cinco meses na ilha a construir a sua embarcação, que eram ali considerados como entes sobrenaturais, opinião que o seu singular procedimento não contribuíra pouco para confirmar. Viam-nos os indígenas efetivamente conversar com a Lua e com as estrelas por meio de um pau comprido; tinham uns narizes enormes, e alguns desses homens estavam continuamente em pé, sustentados num pé só, com uma barra de ferro na mão. Fora assim que tinham ficado na memória popular as observações astronómicas, os chapéus de bico e as sentinelas dos franceses.

Dillon colheu dos indígenas muitas relíquias da expedição. Divisou igualmente no fundo do mar, sobre o banco de coral onde o navio tocara, canhões de bronze, uma sineta e restos de toda a espécie, que apanhou piedosamente e que levou a Paris em 1828, onde o rei lhe concedeu uma pensão de quatro mil francos em recompensa dos seus trabalhos. Desapareceram todas as dúvidas quando o conde Lesseps, esse companheiro de La Pérouse, que desembarcara no Kamtchatka, reconheceu a popa esculpida da *Bússola,* quando enfim se decifraram as armas de Colignon, o botânico, num castiçal de prata.

Mas estes últimos factos, tão interessantes e tão curiosos, só foram conhecidos muito depois por D’Urville, que nessa ocasião conhecia apenas o primeiro relatório de Dillon.

Por acaso, ou antes com receio de lhe roubarem a glória, esse capitão não indicara a posição de Vanikoro e o caminho que seguira para lá ir ter, partindo de Tucopia. D’Urville supôs que essa ilha devia pertencer ao grupo de Banks ou de Santa Cruz, quase tão desconhecidos um como o outro.

Mas, antes de seguirmos o comandante, devemos demorar-nos algum

tempo com ele em Hobart-Town, que lhe pareceu já de uma importância notável.

«As suas casas são intervaladas», diz ele, «e não têm geralmente mais de um andar, não contando o pavimento rente do chão; mas o seu asseio e a sua regularidade dão-lhes um aspeto agradável. As ruas não são calçadas, o que as torna fatigantes de percorrer; algumas têm contudo passeios; além disso, a poeira, que continuamente se levanta, é muito incómoda para os olhos. O palácio do Governo está numa situação feliz, à beira da baía. Essa residência apresentará dentro de poucos anos novas belezas, se as árvores novas de que a encheram tomarem todo o seu desenvolvimento, porque as do país são pouco próprias para servir de ornamento.»

Aproveitou-se o tempo, durante esta arribada, a comprar víveres, âncoras e outros objetos de primeira necessidade, que faltavam, assim como a proceder a um montão de consertos indispensáveis no casco e no aparelho do navio.

A 6 de janeiro de 1828, o *Astrolábio* fazia-se de novo ao mar, avistava no dia 20 a ilha Norfolk, seis dias depois o pequeno vulcão Mathew, Erronam a 28, a 8 de fevereiro a pequena ilha Mitre, e no dia seguinte chegava a Tucopia. É uma pequena ilha de três ou quatro milhas de circuito, com um pico bastante pontiagudo, coberto de vegetação. A face oriental desta ilhota parece inacessível, porque a fustigam continuadamente as ondas do mar.

A impaciência de todos vai aumentar e não conhece limites quando se veem aparecer três pirogas, numa das quais vem um europeu.

É o prussiano Bushart, como ele mesmo declara, que acaba de acompanhar Dillon a Mallicolo. Este último estivera perto de um mês nessa ilha, onde realmente recolhera as relíquias da expedição, como D’Urville soubera em Hobart-Town. Não havia já nem um só francês na ilha, tendo morrido o último no ano precedente. Bushart primeiro aceitara a proposta para acompanhar D’Urville, mas arrependeu-se da promessa e recusou no último momento ficar a bordo do *Astrolábio*.

Vanikoro está rodeado de recifes, através dos quais se conseguiu, não sem perigo, encontrar uma passagem que permitisse ao *Astrolábio* fundear na baía de

Ocili, no mesmo ponto onde Dillon lançara ferro.

Quanto ao lugar do naufrágio, estava situado na outra costa da ilha.

Não foi fácil alcançar informações dos indígenas, gente ávida, de má fé, insolente e pérfida. Afinal, um velho sempre confessou que os brancos, desembarcados na praia de Vanou, tinham sido recebidos às frechadas. Seguira-se uma luta em que grande número de indígenas tinham encontrado a morte. Quanto aos *maras,* haviam todos sido mortos e os seus crânios enterrados em Vanou. Os outros ossos tinham servido aos indígenas para guarnecer as suas frechas.

Expediu-se um escaler para a aldeia de Nama. A promessa de um pedaço de pano vermelho resolveu, não sem longas hesitações, os indígenas a guiar os franceses ao lugar do naufrágio. A uma milha terrestre de Paiou, e defronte de Ambi, no fundo de uma espécie de costa através dos escolhos, distinguiram-se por aqui, por acolá, âncoras, balas de artilharia, canhões e muitos outros objetos que não deixaram subsistir a mínima dúvida no espírito dos oficiais do *Astrolábio.*

Para todos era evidente que o navio tentara introduzir-se para dentro dos recifes por uma espécie de passagem, que aí encalhara e não pudera soltar-se. Mas a tripulação pudera fugir para Paiou, e, segundo as narrativas de alguns selvagens, construiu nesse ponto uma pequena embarcação, enquanto o outro navio encalhava mais ao largo, onde perecera com toda a tripulação e tudo quanto tinha dentro.

O chefe Moembe ouvira dizer que os habitantes de Vanou tinham atracado ao navio para o saquear, mas que, repelidos pelos brancos, tinham perdido vinte homens e três chefes. Estes haviam morto quantos franceses tinham desembarcado: dois apenas, poupados pelos selvagens, viveram na ilha durante o espaço de três luas.

Outro chefe, chamado Valiko, contava que um dos navios naufragara fora do recife, defronte de Tanema, depois de uma noite durante a qual fizera um vento terrível, e que afinal os seus tripulantes haviam perecido sem vir a terra.

Os *maras* do segundo navio tinham-se estabelecido em terra em grande número e haviam construído em Paiou, com os restos do navio naufragado, uma pequena embarcação. Durante a sua residência, tinha havido bastantes desordens, e cinco indígenas de Vanou e um de Tanema tinham sido mortos, assim como dois *maras.* Os franceses haviam deixado a ilha ao cabo de cinco luas.

Enfim, um terceiro velho assegurou que uns trinta marinheiros do primeiro navio se tinham reunido com a tripulação do segundo e que teriam partido todos ao fim de seis ou sete luas.

Todos estes depoimentos, que foi necessário, por assim dizer, arrancar à força, variavam nos pormenores. Parece contudo que a última versão é que mais se aproximava da verdade.

No número dos objetos recolhidos pelo *Astrolábio* figura uma âncora de mil e oitocentos arráteis, pouco mais ou menos, um canhão curto de ferro fundido, outro pedreiro de bronze, um bacamarte de cobre, pesos de chumbo, e muitas outras coisas em péssimo estado e sem grande interesse. Esses objetos, da mesma forma que os que Dillon recolhera, figuram hoje no Museu da Marinha, que está estabelecido nas galerias do Louvre.

D’Urville não quis deixar Vanikoro sem elevar um cenotáfio à memória dos seus infelizes compatriotas. Este modesto monumento foi colocado no próprio recife, no meio de uma moita de mangueiras. Compõe-se de um prisma quadrangular, de seis pés de altura, feito de coral, tendo por cima uma pirâmide quadrangular da mesma altura, de madeira de *koudi,* que tem numa pequena placa de chumbo a seguinte inscrição:

À MEMÓRIA DE LA PÉROUSE
E DOS SEUS COMPANHEIROS
O «ASTROLÁBIO»
14 DE MARÇO DE 1828

Logo que terminou esse trabalho, D’Urville tomou as suas disposições

para partir. Era tempo e mais que tempo, porque a humidade, causada pelas chuvas torrenciais, produzira febres violentas, que não tinham lançado menos de vinte e cinco pessoas nos beliches. Se o comandante queria conservar uma tripulação capaz de executar as manobras penosas que exige a saída por essa passagem apertada e semeada de escolhos, era indispensável apressar-se.

O último dia que passou o *Astrolábio* em Vanikoro podia ter esclarecido o comandante, se ele precisasse disso, acerca das verdadeiras disposições dos indígenas. Aí está como ele conta estes últimos incidentes dessa perigosa estação.

«Pelas oito horas fiquei muito espantado de ver dirigir-se para nós uma meia dúzia de pirogas de Tevai, tanto mais quanto três ou quatro habitantes de Manevai, que se achavam a bordo, não pareciam nada assustados com a sua aproximação, apesar de eles me terem ainda dito, poucos dias antes, que os do Tevai eram seus inimigos mortais. Manifestei a minha surpresa aos homens de Manevai, que se limitaram a rir-se com um ar equívoco, dizendo que tinham feito pazes com os habitantes de Tevai e que esses que aí vinham me traziam cocos. Mas não tardei a ver que os recém-vindos não traziam senão armas e frechas em muito bom estado. Dois ou três deles entraram a bordo com uns modos resolutos e aproximaram-se da escotilha grande para olharem para a coberta e saberem qual era o número de doentes. Uma alegria maligna transparecia ao mesmo tempo nos seus olhares diabólicos. Nesse momento algumas pessoas me fizeram notar que dois ou três homens de Manevai, que se achavam a bordo, faziam esse mesmo manejo havia dois ou três dias. O Sr. Gressien, que observava desde pela manhã os seus movimentos, julgava ver os guerreiros das duas tribos reunir-se na praia e ter uns com os outros uma longa conferência. Manobras assim anunciavam as mais pérfidas intenções e entendi que o perigo estava iminente. Ao mesmo tempo intimei aos indígenas ordem para saírem da corveta e para saltarem para as pirogas. Tiveram a audácia de olhar para mim com um modo altivo e ameaçador, como para me desafiarem a que pusesse em execução a minha ordem. Contentei-me em mandar abrir a sala

das armas, habitualmente fechada com todo o cuidado, e, assumindo um aspeto severo, mostrei-a aos selvagens, apontando para ela com uma das mãos, enquanto designava com a outra as suas pirogas. O aspeto súbito de vinte mosquetes cintilantes, cujo poder eles conheciam, fê-los estremecer e livrou-nos da sua sinistra presença.»

Antes de deixar esse grupo de lamentável memória, eis alguns pormenores tomados da relação de D'Urville.

O grupo de Vanikoro, Mallicolo, ou de La Pérouse, como lhe chama Dillon, compõe-se de duas ilhas — a Busca e Tevai. A primeira não tem menos de 5 milhas de circunferência, a segunda não tem mais de 9. Ambas são altas, cobertas quase até à beira-mar de florestas impenetráveis e rodeadas de uma barreira de recifes de 36 milhas de circunferência, cortada por passagens estreitas e raras. O número de habitantes não deve elevar-se a mais de mil e duzentos ou mil e quinhentos indivíduos, preguiçosos, repugnantes, estúpidos, ferozes, cobardes e ávidos. Foi uma verdadeira desgraça para La Pérouse vir encalhar no meio de semelhante população, quando teria recebido um acolhimento muito diverso em qualquer outra ilha da Polinésia. As mulheres são naturalmente hediondas, mas as fadigas que suportam e as modas que usam não contribuem pouco para tornar o seu aspeto ainda mais desagradável.

Os homens são um pouco menos feios, apesar de serem baixos, magros, cobertos de úlceras e de manchas de lepra. As suas armas são o arco e as frechas. No dizer dos indígenas, estas últimas, de bambu, guarnecidas de uma ponta de aço comprida e aguda, soldada por uma resina muito tenaz, fazem feridas mortais. Por isso também não as querem largar, e custou muito aos viajantes arranjar algumas dessas armas.

A 17 de março, o *Astrolábio* estava livre enfim dos recifes que formam o cinto de Vanikoro. A intenção do comandante era reconhecer as ilhas Taumako, Kennedy, Nitendi e as Salomão, onde esperava encontrar os vestígios do naufrágio dos sobreviventes da *Bússola* e do *Astrolábio.* Mas a triste situação da tripulação, enfraquecida pela febre, a doença da maior parte dos oficiais, a

ausência de ancoradouros seguros nesta parte da Oceânia. resolveram-no a dirigir-se para Guaham, onde seria possível, pensava ele, tomar algum descanso.

Era uma derrogação bastante grave das suas instruções, que lhe prescreviam o reconhecimento do estreito de Torres. Mas a circunstância de não poder contar com quarenta marinheiros, estendidos nos beliches, bastava para provar a loucura de uma tentativa tão perigosa.

Só a 26 de abril se avistou o arquipélago Hogolez, onde D'Urville preencheu a lacuna deixada por Duperrey na sua exploração, e foi só a 26 de maio que se reconheceram as costas de Guaham. A arribada fez-se em Umata, onde se encontrou uma aguada fácil e um clima bem mais temperado do que em Agagna. Contudo, a 29 de maio, quando a expedição se fez à vela de novo, estavam longe de se achar curados todos os homens, o que Dumont d'Urville atribui aos excessos que esses doentes haviam cometido com relação aos alimentos e à impossibilidade de os obrigar a um regime conveniente.

Era ainda o bom Medinilla, que fora tão amável com Freycinet, o governador de Guaham. Se não foi desta vez tão obsequioso com a expedição, foi porque uma seca terrível acabava de devastar a colónia, depois espalhara-se o boato de que a doença que atacara os marinheiros era contagiosa, enfim, Umata ficava muito longe de Agagna, e D'Urville não pôde visitar o governador na sua residência.

Em todo o caso, Medinilla enviou à expedição víveres frescos e muita fruta, mostrando assim a sua generosidade habitual.

Deixando Guaham, D'Urville reconheceu, sempre debaixo de pano, nas Carolinas ocidentais, os grupos de Elivi, o Uluthii de Lutké, Gouap, Goulou, Pelew; foi obrigado pelos ventos a passar à vista de Waigiou, de Aiou, de Asia, de Guebé, entrou no estreito de Bourou, e fundeou afinal em Amboíno, onde recebeu cordial acolhimento das autoridades holandesas. O comandante encontrou ali também notícias de França. O ministério parecia não querer fazer caso dos trabalhos, das fadigas e dos perigos da expedição, porque, apesar das propostas de D'Urville, nenhum oficial fora promovido.

Quando estas notícias foram conhecidas, causaram um certo desapontamento e um desânimo que o comandante logo tratou de combater.

De Amboíno dirigiu-se o *Astrolábio* para Manado pelo estreito de Banka. É uma residência agradável, onde se vê um castelo bem fortificado e munido de canhões.

O governador Merkus pôde arranjar para D'Urville uns belos babirussas, um *sapioutang*, animal do tamanho de uma vaca pequena, que tem o focinho e as patas parecidos com as patas e o focinho das vacas, com dois chavelhos deitados para trás, serpentes, peixes, pássaros e plantas que enriqueceram as coleções de história natural.

No dizer de D'Urville, os habitantes de Celebes parecem-se muito mais com os Polinésios do que com os Malaios. Parecia-lhe que tornava a encontrar os tipos de Taiti, de Tonga-Tabou, da Nova Zelândia, antes do que os dos Papuas da angra Dorei, dos Harfours de Bourou, ou as faces esquadradas dos Malaios.

Na vizinhança de Manado havia minas de quartzo aurífero, de que o comandante pôde arranjar uma amostra, e um lago situado no interior, cuja profundidade era imensa, segundo se dizia. É o lago Tondano, de onde sai uma torrente considerável, o Manado, que, antes de se deitar ao mar, forma uma soberba cascata. O rio, embargado por uma rocha de basalto, abriu uma saída, e, saltando com violência debaixo da forma de um imenso feixe, some-se num precipício de mais de 80 pés de altura.

Com o governador e os naturalistas da expedição, D'Urville explorou este formoso lago, rodeado de montanhas vulcânicas, onde aparecem ainda algumas fumarolas. Quanto à sua profundidade, reduz-se a doze ou treze braças uniformemente, de forma que, se essa toalha de água secasse, formaria uma planície perfeitamente lisa.

A 4 de agosto deixou-se o ancoradouro de Manado, que não fora favorável à cura das febres e das disenterias dos enfermos da expedição, que chegou a 29 do mesmo mês a Batávia, onde apenas se demorou três dias.

Desse momento em diante o *Astrolábio*, até voltar a França, seguiu sempre

o seu caminho por mares conhecidos. Dirigiu-se à ilha de França, onde D'Urville encontrou Le Goarant, que com a corveta *Baionesa* fizera uma expedição a Vanikoro. Soube que este oficial nem sequer tentara penetrar para dentro dos recifes e se limitara a enviar as suas embarcações em reconhecimento.

Os indígenas haviam respeitado o monumento elevado à memória de La Pérouse, e só a muito custo haviam permitido aos marinheiros da *Baionesa* que pregassem no monumento uma medalha de cobre.

A 18 de novembro deixou a corveta a ilha de França, parou no Cabo, em Santa Helena e na Ascensão, e a 25 de março de 1829 chegou a Marselha, trinta e cinco meses certos depois da partida.

Só com relação à hidrografia eram notáveis os resultados da expedição, e não se contavam menos de quarenta e cinco mapas novos, devidos ao infatigável trabalho dos Srs. Gressien e Paris.

Quanto à história natural, não poderemos fazer melhor ideia da riqueza da colheita trazida pelo *Astrolábio* do que transcrevendo as seguintes linhas do relatório de Cuvier:

«Os catálogos contam-nas aos milhares (as espécies devidas aos Srs. Quoy e Gaimard) e não se pode provar melhor a atividade dos nossos naturalistas do que referindo o embaraço em que se acha a administração do Jardim do Rei para colocar tudo o que lhe renderam as últimas expedições e sobretudo esta de que damos conta agora. Foi necessário descer ao pavimento térreo, entrar quase pelos subterrâneos, e os próprios armazéns estão hoje de tal modo atulhados, é este o verdadeiro termo, que se é obrigado a dividi-los por meio de tabiques para multiplicar os lugares.»

As coleções de geologia não eram menos numerosas; cento e oitenta e sete espécies ou variedades de rochas demonstravam o zelo dos Srs. Quoy e Gaimard; o Sr. Lesson Júnior reunira mil e quinhentas a mil e seiscentas plantas. O capitão Jacquinot fizera numerosas observações astronómicas, o Sr. Lottin estudara o magnetismo, enfim, o comandante, sem pôr de parte os seus deveres de marinheiro e de chefe da expedição, ocupara-se de experiências de

temperatura submarina, de meteorologia e acumulara um prodigioso volume de informações de filologia e de etnografia.

Por isso não podemos terminar melhor a história desta expedição do que citando a passagem seguinte das memórias de Dumont d'Urville, reproduzida pela Biografia Didot:

«Esta aventurosa campanha excedeu todas as que houvera até então pela frequência e pela imensidade dos perigos que correu, da mesma forma que pelo número e pela importância dos resultados que obteve em todos os géneros. A minha vontade de ferro nunca me permitiu que recuasse diante de obstáculo algum. A resolução que tomara de morrer ou de triunfar pusera-me ao abrigo de qualquer hesitação e de qualquer incerteza. Vinte vezes vi o *Astrolábio* em risco de se perder, sem conservar no fundo da alma esperança alguma de salvação. Mil vezes arrisquei a existência dos meus companheiros de viagem para cumprir as minhas instruções, e durante dois anos consecutivos posso afirmar que todos os dias corremos mais perigos reais do que os que pode oferecer a mais longa viagem ou navegação normal. Valentes, cheios de pundonor, os oficiais não desconheciam os perigos a que eu os expunha quotidianamente, mas conservaram-se silenciosos e executaram nobremente a sua tarefa.»

Desta admirável combinação de esforços e de dedicações resultou um número considerável de descobertas, de materiais e de observações para todos os conhecimentos humanos, de que os Srs. Rossel, Cuvier, Geoffroy Saint-Hilaire, Desfontaines, etc., juizes sábios e desinteressados, deram então conta exata.

Capítulo 6 — As Expedições Polares

I — O Pólo Sul

Já tivemos ocasião de falar nas regiões antárticas e nas explorações que ali tinham sido feitas no século XVIII por muitos navegadores, quase todos franceses, entre os quais convém citar La Roche, descobridor da Nova Geórgia em 1675, Bouvet, Kerguélen, Marion e Crozet. Designam-se pelo nome de Terras Antárticas todas as ilhas disseminadas no oceano que têm o nome dos navegadores, e, além disso, as do Príncipe Eduardo, de Sanduíche, da Nova Geórgia, etc.

Foi nessas paragens que William Smith, vindo de Montevideu para Valparaíso, descobrira, em 1818, as Shetland do Sul, terras áridas e nuas, alcatifadas de neve, mas onde se repoltreavam imensos rebanhos de vitelas-marinhas, animais cuja pele é excelente para a confeção de fatos, e que até então se não tinham encontrado senão nos mares do Sul.

Sabendo-se esta notícia, os navios baleeiros apressaram-se a visitar as praias reconhecidas novamente e calcula-se que em 1821 e 1822 trezentas e vinte mil vitelas-marinhas foram capturadas neste arquipélago, e que a qualidade de óleo de elefante-do-mar pode ser avaliada, com relação ao mesmo período, em novecentas e quarenta toneladas; mas, como se tinha dado cabo de machos e de fêmeas, estes novos terrenos de caça em breve se exauriram. Em pouco tempo se fez o levantamento das doze ilhas principais e dos inumeráveis rochedos, quase inteiramente privados de vegetação, que compõem este arquipélago.

Dois anos depois, Botwell descobriu as Órcades meridionais; depois, na mesma latitude, Palmer e outros baleeiros entreviram ou julgaram reconhecer as terras que receberam o nome de Palmer e de Trindade.

Descobertas mais importantes tinham sido feitas nas regiões hiperbóreas, e as hipóteses de Dalrymple, de Buffon e de outros sábios do século XVIII acerca da existência de um continente austral, que fosse o contrapeso das terras do Pólo

Norte, iam receber uma confirmação inesperada dos trabalhos destes intrépidos exploradores.

A Rússia achava-se havia alguns anos num período muito claramente acentuado de animação à marinha nacional e às investigações científicas. Contámos já as interessantes viagens dos seus circum-navegadores, mas resta-nos falar de Bellingshausen e da sua viagem à roda do mundo, por causa do papel importante que nela representa a exploração dos mares antárticos.

Os dois navios, o *Vostok,* capitão Bellingshausen, e o *Mirni,* comandado pelo tenente Lazarew, deixaram Cronstadt a 3 de julho de 1819 para se dirigirem aos mares polares do sul. A 15 de dezembro reconheceram a Geórgia meridional, e sete dias depois descobriram, a sueste, uma ilha vulcânica, a que deram o nome de Traversay, cuja posição fixaram a 52° 15’ de latitude e 27° 21’ de longitude a oeste do meridiano de Paris.

Continuando a correr para leste durante quatrocentas milhas, do 60.º grau até ao 187.º meridiano, foram então direitos ao sul até ao 70.º grau; só ali é que uma barreira de gelo lhes cortou o caminho e os impediu de penetrar mais adiante.

Bellingshausen, não se dando por vencido, carregou para leste, quase sempre entrando para dentro do círculo polar, mas a 44° a este foi obrigado a voltar para o norte. A quarenta milhas de distância jazia uma grande terra que um baleeiro, encontrando o caminho livre, havia de descobrir doze anos depois.

Descendo até ao 62.º grau de latitude, Bellingshausen tornou a seguir o caminho para leste, sem encontrar obstáculo algum, chegou ao 90.º meridiano de leste, e a 5 de março de 1820 dirigiu-se para o porto de Jackson, a fim de ali fazer os consertos necessários.

Todo o verão foi consagrado pelo navegador russo a um cruzeiro nos mares oceânicos, onde não descobriu menos de dezassete ilhas novas. Voltando a Port-Jackson, Bellingshausen partiu outra vez, a 31 de outubro, para uma nova expedição.

Logo de princípio os dois navios reconheceram as ilhas Macquarie; depois,

cortando o 60.º grau de latitude por 160.º de longitude este, correram para leste, entre o 64.º e o 68.º graus, até ao 96.º de longitude oeste. A 9 de janeiro de 1821, Bellingshausen chegava ao 70.º grau de latitude e no dia seguinte descobria, por 69° 30’ e 92° 20’ de longitude oeste, uma ilha, que recebeu o nome de Pedro I, a terra mais meridional que até então se conhecera. Depois, a 15 graus para leste e quase debaixo do mesmo paralelo, teve conhecimento de uma nova terra, que foi chamada Terra de Alexandre I, que ficava apenas a uma distância de duzentas milhas da Terra de Graham. Deve ligar-se-lhe, na opinião de Krusenstern, porque entre essas duas ilhas o mar mostrou-se constantemente descorado, sem falar noutros indícios, que pareciam confirmar essa opinião.

Dali os dois navios, seguindo caminho para o norte e passando ao largo da Terra de Graham, chegaram à Nova Geórgia em fevereiro e entraram em Cronstadt no mês de julho de 1821, dois anos certos depois da sua partida, tendo perdido apenas dois homens numa tripulação de duzentos marinheiros.

Quereríamos dar pormenores mais completos acerca desta interessantíssima expedição, mas a relação original, publicada em russo em Sampetersburgo, escapou às nossas pesquisas, e tivemos de nos contentar com o resumo publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia* de 1837.

Na mesma época um mestre da marinha real inglesa, James Weddell, recebia de uma casa de comércio de Edimburgo o comando de uma expedição encarregada de obter peles de vitela-marinha nos mares do Sul, onde devia passar dois anos. Compunha-se do brigue *Jane,* de cento e sessenta toneladas, capitão Weddell, e do cúter *Beaufort,* de sessenta e cinco toneladas, comandado por Mateus Brisbane.

Estes dois navios deixaram a Inglaterra a 17 de setembro de 1822, pararam na Boavista, uma das ilhas de Cabo Verde, e fundearam no dia 11 de dezembro imediato no porto de Santa Helena, na costa oriental da Patagónia, onde se fizeram observações úteis acerca da posição deste porto.

Weddell fez-se de novo ao mar a 27 de dezembro e, seguindo para sudoeste, chegou, a 12 de janeiro, à vista de um arquipélago a que deu o nome

de Órcades austrais. Estas ilhas estão situadas a 60° 45’ de latitude sul e 45° de longitude oeste de Greenwich.

Este pequeno grupo apresenta, no dizer deste navegador, uma aparência ainda mais horrorosa que a Nova Shetland. Para qualquer lado que se dirija a vista, não se veem senão pontas agudas de rochedos absolutamente escalvados, que surgem de um mar encapelado, onde se embatem com o estrondo de um trovão enormes gelos flutuantes. Os perigos que correm os navios são de todos os instantes, e os onze dias que Weddell passou debaixo de pano a fazer o levantamento minucioso das ilhas, das ilhotas e dos rochedos deste arquipélago foram sem descanso para a tripulação, que se viu durante todo esse tempo em risco iminente de perecer.

Vários espécimes dos principais estratos desta ilha foram reunidos e depositados, no regresso, nas mãos do professor Jameson, de Edimburgo, que reconheceu neles rochedos primitivos e vulcânicos.

Weddell desceu então para o sul, atravessou o círculo polar pelo 30.º grau este de Greenwich, e não tardou a encontrar numerosas ilhas de gelo. Quando passou para diante do 70.º grau, estas últimas passaram a ser menos numerosas e acabaram por desaparecer completamente, o tempo fez-se mais suave, os pássaros reapareceram em revoadas inumeráveis à roda do navio, enquanto rebanhos de baleias lhe brincavam na esteira. Esta suavização singular e inesperada da temperatura surpreendeu toda a gente, tanto mais quanto se ia acentuando à proporção que se caminhava para o sul. As circunstâncias eram tão favoráveis que a cada instante Weddell esperava descobrir alguma terra nova.

Contudo não sucedeu assim.

A 20 de janeiro achava-se o navio a 36° 4’ este e 74° 15’.

«De bom grado eu teria explorado a faixa de sudoeste», diz Weddell; «mas considerando o adiantamento da estação e a perspetiva de termos para o regresso um espaço de mar de mil milhas, semeado de ilhas de gelo, não pude tomar outra resolução que não fosse aproveitar-me deste vento favorável para me ir embora.»

Não tendo encontrado indício algum de terra nesta direção, soprando com

força o vento sul, Weddell voltou para trás até ao 58.º grau de latitude, e dirigiu-se para leste até cem milhas da Terra de Sanduíche. A 7 de fevereiro, o navegador virou mais uma vez a proa ao sul, atravessou uma banquisa de cinquenta milhas de largura, e, a 20 de fevereiro, chegou a 74° 15’. Do alto dos mastros não se avistava para todos os lados senão um mar livre, com quatro ilhas de gelo à vista.

Estas incursões para o sul tinham dado resultados inesperados. Weddell internara-se no pólo, duzentas e catorze milhas mais longe que todos os seus predecessores, incluindo Cook. Deu o nome de Jorge IV a essa parte do mar Antártico que ele explorara. Coisa singular e em que é bom insistir: os gelos tinham diminuído à proporção que se caminhava mais para o sul, as tempestades e os nevoeiros eram continuados, a atmosfera estava quotidianamente carregada de uma humidade compacta, o mar era profundo, aberto, e a temperatura singularmente amena.

Outra observação preciosa: os movimentos da bússola eram tão vagarosos nestas latitudes austrais como Perry já reconhecera nas regiões árticas.

Os dois navios de Weddell, separados pela tempestade, juntaram-se na Nova Geórgia, depois de uma navegação perigosa de mil e duzentas milhas através dos gelos. Esta ilha, descoberta por La Roche em 1675, visitada em 1756 pelo navio *Leão,* não estava realmente bem conhecida senão depois da exploração da ilha, feita pelo capitão Cook; as particularidades que ele apresentara na sua relação sobre a abundância das vitelas-marinhas e as focas tinham determinado grande número de navegadores a frequentá-la. Eram sobretudo ingleses e americanos, que levavam para a China as peles dos animais mortos, e aí as vendiam por um preço que não era inferior ao de vinte e cinco a trinta francos cada uma. Em poucos anos o número de peles das vitelas-marinhas mortas elevou-se a um milhão e duzentas mil. Por isso esta raça de animais estava nesse sítio quase extinta.

«O comprimento da Geórgia meridional», diz Weddell, «é de cerca de trinta léguas e a sua largura média de três léguas. Está por tal forma recortada

por baías que em alguns sítios as duas margens desses pequenos ancoradouros parecem tocar-se. Os cimos das montanhas são muito escarpados e estão sempre cobertos de neve. Nos vales a vegetação não deixa de ter força no verão; nota-se sobretudo uma espécie de forragem, cujos caules vigorosíssimos sobem habitualmente a dois pés de altura. Não há quadrúpedes, mas a ilha está povoada de pássaros e de animais anfíbios.»

Encontram-se ali bandos imensos de pinguins, que passeiam pela praia de cabeça levantada e modo altivo. Dir-se-iam, para recordarmos a expressão de um antigo navegador, Sir John Narborough, bandos de crianças com aventais brancos. Vê-se ali também uma grande quantidade de albatrozes, aves que medem dezasseis a dezassete pés de largura de asas, e cujo volume, quando estão depenados, se reduz a metade.

Weddell visitou igualmente a Nova Shetland e reconheceu que a ilha Bridgeman, que faz parte deste arquipélago, é um vulcão ainda em atividade. Foi-lhe impossível desembarcar, porque todos os portos estavam bloqueados pelo gelo, e teve de se dirigir para a Terra do Fogo.

Durante os dois meses que ali residiram, Weddell reuniu observações preciosas acerca das vantagens que essa costa oferece aos navegadores, e pôde adquirir noções exatas acerca do caráter dos habitantes.

No interior levantam-se algumas montanhas sempre cobertas de neve, não excedendo a mais alta três mil pés. Weddell não pôde avistar o vulcão que outros viajantes tinham observado, especialmente Basílio Hall, em 1822, mas apanhou um grande número de lavas, que dele provinham. Demais, não podia haver dúvida alguma acerca da sua existência, porque Weddell, numa precedente viagem em 1820, reconhecera que o céu estava sempre tão vermelho por cima da Terra do Fogo que não pudera atribuir esse colorido extraordinário senão a uma erupção vulcânica.

Até então os viajantes que haviam visitado a Terra do Fogo estavam pouco de acordo sobre a temperatura desta região polar. Weddell atribui esta divergência à diferença das épocas da sua residência e dos ventos que reinavam.

No entender dele, se o vento sopra do sul, o termómetro não excederá nunca dois ou três graus acima de zero; se vem, pelo contrário, do norte, faz tanto calor como em julho em Inglaterra.

Os animais, cuja presença o navegador reconheceu, são cães e lontras, e são, no seu entender, os únicos quadrúpedes do país.

As relações com os indígenas são sempre cordiais. Ao princípio estes andaram à roda do navio, sem se atreverem a entrar; mas não tardaram contudo a familiarizar-se. As mesmas cenas que descrevemos quando narrámos a passagem do primeiro navio pelo estreito, reproduziram-se fielmente, apesar do tempo que decorrera. Do pão, do vinho da Madeira e da carne de vaca que se lhes ofereceram, os indígenas só tocaram na carne. Para eles os objetos que tinham mais valor eram o ferro e os espelhos, diante dos quais começavam a fazer as mais extravagantes caretas e contorções, que divertiam toda a tripulação.

Demais, o modo como trajavam bastava para excitar a gargalhada. Com as suas pinturas negras como azeviche, as suas plumas azuis, as caras sulcadas por linhas paralelas, vermelhas e brancas, como um pano de colchão, apresentavam tão grotesca fisionomia que despertavam o riso e a chalaça dos ingleses.

Em breve, pouco satisfeitos com os pedaços de aduelas que lhes davam, julgando mesquinhos esses presentes oferecidos por gente possuidora de tantas riquezas, começaram a apanhar tudo o que lhes fazia conta. Esses roubos foram facilmente reprimidos, mas produziram mais de uma cena divertida e permitiram que se admirasse a espantosa faculdade de imitação desses selvagens.

«Um marujo dera a um deles», conta Weddell, «uma caneca de estanho cheia de café, que o selvagem bebeu logo, guardando a caneca. O marujo deu pela desaparição da caneca, reclama-a com vivacidade, e, apesar da energia do seu gesto, ninguém se apresenta para restituir o objeto roubado. Depois de ter empregado todos os meios imagináveis, esse homem, furioso e tomando uma atitude trágica, exclamou num tom animado: “Ó grande canalha cor de cobre, que fizeste tu à minha caneca?” O selvagem, imitando a sua atitude, repetiu em inglês e no mesmo tom: “Grande canalha cor de cobre, que fizeste da minha

caneca?” A imitação foi tão exata e tão pronta, que toda a tripulação desatou a rir, menos o marujo, que se atirou ao selvagem, apalpou-o e encontrou a caneca de estanho.»

Neste clima rigoroso, sem fato, sem alimento, no meio de estéreis montanhas, sem animais que lhes deem uma comida substancial e confortável, os habitantes da Terra do Fogo estão num estado de embrutecimento completo. A caça não lhes pode dar sérios recursos, a pesca só lhes dá recursos insuficientes; são por conseguinte obrigados a esperar que a tempestade arroje às costas do seu país algum formidável cetáceo, que eles devoram com sofreguidão, sem se darem sequer ao trabalho de lhe cozer a carne.

Em 1828, o *Chanticleer,* comandado por Henrique Foster, fora encarregado de fazer observações com o pêndulo para determinação da forma da Terra. Esta expedição durou três anos e terminou com a morte do seu comandante, que se afogou em 1831 no rio de Chagres. Só nos referimos a ele porque a 5 de janeiro de 1829 esse navio reconheceu e explorou o grupo das Shetland meridionais. O comandante chegou a desembarcar a muito custo, numa das ilhas, onde apanhou algumas amostras dessas sienites que compõem o solo, e de uma pequena quantidade de neve vermelha perfeitamente semelhante à que muitos exploradores tinham encontrado no Pólo Norte. Mas há um reconhecimento muito mais interessante: foi o que operou em 1830 o baleeiro John Biscoë.

O brigue *Tuia*, de cento e quarenta e oito toneladas, e o cúter *Lively* deixaram, debaixo das suas ordens, o porto de Londres, a 14 de julho de 1830. Esses dois navios, pertencentes aos Srs. Enderby, estavam equipados para a pesca das focas e providos de todos os objetos apropriados à sua longa e penosa navegação. Mas as instruções que Biscoë recebera prescreviam-lhe, além disso, que procurasse fazer algumas descobertas nos mares antárticos.

Os dois navios tocaram nas Maloínas, tornaram a partir a 27 de novembro, procuraram debalde as ilhas Aurora, e dirigiram-se para a Terra de Sanduíche, cuja ponta setentrional foi dobrada a 1 de janeiro de 1831.

Chegados ao 59.º paralelo, encontram gelos compactos, que os obrigaram a abandonar o caminho do sudoeste, direção em que se notavam sinais de vizinhança da terra. Foi necessário portanto virar para leste, seguir ao longo da banquisa até 9º 34'. Foi só a 16 de janeiro que Biscoë pôde cortar o 60.º paralelo sul. Cook, em 1775, encontrara um mar livre num espaço de duzentas e cinco milhas, no mesmo sítio onde uma barreira inultrapassável suspendera a tentativa de Biscoë.

Continuando a correr para sueste até 68° 51' de latitude e 10° de longitude oriental, o navegador não pudera deixar de reparar na perda de cor da água e na presença de muitas *eaglets* e de pombos do Cabo, enfim, na direção do vento, que soprava de sussudoeste, indício certo de vizinhança de uma grande terra.

Mas o gelo proibia-lhe que prosseguisse para o sul. Por isso Biscoë teve de continuar o seu caminho para este, aproximando-se do círculo polar.

«Enfim, a 27 de fevereiro», diz Desborough Cooley, «a 65° 57' sul e 45° de longitude oriental, viu muito distintamente uma terra de uma extensão considerável, montanhosa e coberta de neve, a que pôs o nome de Enderby. Todos os seus esforços tiveram por conseguinte desde então um fim: o de aportar a essa terra; mas estava completamente rodeada de gelos, que o impediram de se aproximar. Neste meio tempo uma ventania inesperada veio separar os dois navios e arrastou-os para sudeste, conservando-se ainda por muito tempo à vista a mesma terra, que oferecia de leste a oeste uma extensão de mais de duzentas milhas. Mas o mau tempo e o estado deplorável da saúde da sua tripulação obrigaram o capitão Biscoë a navegar para a Terra de Van-Diémen, onde muitos meses depois se lhe juntou o *Lively.*»

Os exploradores viram por muitas vezes as luzes deslumbrantes das auroras austrais, espetáculo maravilhoso que é impossível esquecer.

«Pela primeira vez», diz Biscoë, «os brilhantes reflexos da aurora austral passavam por cima das nossas cabeças, debaixo da forma de magníficas colunas, depois tomavam de súbito o aspeto de uma franja de tapeçaria, e instantes depois

agitavam-se no ar como serpentes. Muitas vezes estes jorros de luz pareciam estar apenas a algumas varas acima das nossas cabeças, e certissimamente estavam na nossa atmosfera.»

A terra montanhosa e coberta de neve corria seguindo a direção este-oeste, debaixo do 66.º paralelo; infelizmente foi impossível aproximarem-se dela mais de dez léguas, pois estava por toda a parte orlada de gelos.

Deixando a Terra de Van-Diémen a 14 de janeiro de 1832, Biscoë dirigiu-se com os seus navios para sudoeste. Por muitas vezes fucos flutuaram à superfície do mar e um grande número de pássaros que pouco se afastam da terra e nuvens baixas e espessas fizeram acreditar Biscoë que ia fazer alguma descoberta, mas sempre a tempestade o impediu de levar por diante o seu reconhecimento. Enfim, a 12 de fevereiro, a 66° 27’ de latitude e 84° 10’ de longitude, de novo se viu uni grande número de albatrozes, de pinguins e de baleias. A 15, descobriu-se uma terra a sudoeste a grande distância; no dia seguinte reconheceu-se que era uma ilha, a que se deu o nome de Adelaide, em honra da rainha de Inglaterra.

Nesta ilha, a uma légua pouco mais ou menos da beira-mar, elevavam-se muitos picos de forma cónica e de base larguíssima.

Nos dias imediatos, pôde ter-se a certeza de que não era isolada, mas que fazia parte de uma cadeia de ilhotas, situadas adiante de uma terra alta. Esta terra, que se estendia por um espaço de duzentas e cinquenta milhas, numa direção és-nordeste a oés-sudoeste, recebera o nome de Graham, enquanto o nome de Biscoë era dado à correnteza de ilhas que este navegador descobrira. Este território não apresentava o mais insignificante vestígio de plantas nem de animais.

Biscoë, para dar uma sanção de certeza a esta descoberta, desembarcou a 21 de fevereiro na terra grande, a fim de tomar posse dela, e determinou em 66° 45’ de latitude sul e 66° 11’ de longitude oeste de Paris a posição de uma alta montanha, a que deu o nome de monte William.

«Achavam-se», diz o *Boletim da Sociedade de Geografia* de 1833, «numa

baía bem profunda, onde a água era tão serena que, se houvesse focas, se poderia carregar, com elas os dois navios, porque se podia chegar sem custo à beira dos rochedos para lhes dar caça. A água era também profundíssima, porque, tocando-se quase na praia, não se encontrou fundo a vinte braças de linha. O sol era tão quente que a neve derretia-se, sobretudo nos rochedos situados à beira-mar, circunstância que tornou ainda mais extraordinária a ausência completa das focas.»

Dali dirigiu-se Biscoë para as Shetland do Sul, com as quais se poderia ligar a Terra de Graham, depois arribou às Maloínas, onde o *Lively* se perdeu, e enfim regressou a Inglaterra.

O capitão Biscoë recebeu em recompensa das suas fadigas e estímulo dos seus esforços os prémios grandes das Sociedades de Geografia de Londres e de Paris.

Controvérsias animadíssimas se tinham manifestado depois desta viagem acerca da existência de um continente austral e da possibilidade de navegar para além de uma primeira barreira de gelos, possibilidade demonstrada pelas ilhas já descobertas. Três potências resolveram, na mesma época, enviar uma expedição. A França confiou o comando da sua a Dumont d'Urville, a Inglaterra a James Ross e os Estados Unidos ao tenente Carlos Wilkes.

Dêmos a estes últimos a honra da precedência. Carlos Wilkes recebeu o comando de uma pequena esquadra, composta do *Purpoise,* dos dois *sloops o Vincennes* e o *Peacock,* das duas escunas *Sea-Gull* e *Flying-Fish*, de uma barca, a *Relief.* Esta última, que transportava um suplemento de provisões, foi expedida para o Rio de Janeiro, ao passo que os outros navios, antes de pararem nesta enseada, tocaram na Madeira e nas ilhas de Cabo Verde.

De 24 de novembro de 1838 a 6 de janeiro de 1839 conservou-se a esquadra na baía do Rio de Janeiro, passou depois ao rio Negro, onde esteve seis dias, e chegou só a 19 de fevereiro de 1839 ao porto Orange, na Terra do Fogo.

Neste sítio, dividiu-se a expedição: o *Peacock* e a *Flying-Fish* foram enviados para o ponto onde Cook dobrara o 66.º grau de latitude; a *Relief*

penetrou com os naturalistas no estreito de Magalhães por uma das passagens situadas ao sudoeste da Terra do Fogo; o *Vincennes* ficou no porto Orange, enquanto o *Sea-Gull* e o *Purpoise* partiram a 24 de fevereiro para os mares austrais. Wilkes reconheceu a Terra de Palmer numa extensão de trinta milhas, até ao ponto em que ela vira para sussudeste, ponto a que deu o nome de cabo Hope; depois visitou as Shetland e fez na sua geografia algumas retificações felizes.

Os dois navios, depois de trinta e seis dias passados nestas regiões inóspitas, seguiram caminho para o norte. Depois de diversos incidentes de navegação, hoje sem grande interesse, tendo perdido o *Sea-Gull*, Wilkes arribou a Callao, visitou as Pomotu, Taiti, as ilhas da Sociedade, dos Navegadores, e entrou em Sydney a 28 de novembro.

A 29 de dezembro de 1839 a expedição fez-se mais uma vez ao mar e dirigiu-se para o sul. O objetivo era chegar à mais alta latitude possível entre o 160.° e o 145.° grau a leste do meridiano de Greenwich, indo de leste para oeste. Os navios tinham completa liberdade de manobra, e determinara-se o ponto em que deviam reunir-se, em caso de separação. Até 22 de janeiro reconheceram-se numerosos indícios de terra, e alguns oficiais julgaram até vê-la, mas resulta dos depoimentos destes, no conselho de guerra a que Wilkes teve de responder no seu regresso, que, se alguma circunstância houvesse arrojado para o norte o *Vincennes* antes de 22 de janeiro, a expedição não teria adquirido a mínima certeza acerca da existência de um continente austral. Foi em Sydney apenas que Wilkes, ouvindo dizer que D’Urville descobrira terra a 19 de janeiro, quis dizer que a descobriu no mesmo dia.

Estes factos estão demonstrados num artigo irrefutável, publicado pelo hidrógrafo Daussy no *Boletim da Sociedade de Geografia.*

Ver-se-á mais adiante que D’Urville desembarcara a 21 de janeiro nessa nova terra. A prioridade da descoberta deve por conseguinte ser-lhe atribuída.

O *Peacock* e o *Flying-Fish*, tendo sofrido avarias, ou não podendo afrontar o estado do mar e os gelos flutuantes, tinham seguido caminho para o norte

desde 24 de janeiro a 6 de fevereiro; só o *Vincennes* e o *Purpoi.se* tinham continuado esse rude cruzeiro até 97° de longitude este, vendo a terra e aproximando-se dela de quando em quando, ou a uma distância de dez milhas, ou de três quartos de milha, conforme o permitiam os gelos.

«A 29 de janeiro», diz Wilkes no seu relatório ao Instituto Nacional de Washington, «entrámos na baía a que eu dei o nome de baía Pinners, único lugar onde poderíamos desembarcar nos rochedos escalvados, mas fomos repelidos por uma destas ventanias súbitas que são habituais nestes mares. Saímos desta baía sondando a trinta braças. O vendaval durou trinta e seis horas, e, depois de termos escapado, muitas vezes por um fio, de nos despedaçarmos nos gelos, achámo-nos a sessenta milhas a sotavento da baía. Como era então provável que a terra que tínhamos descoberto fosse de uma grande extensão, pensei que era mais importante segui-la para oeste do que voltar para desembarcar na baía Pinners, não duvidando de que encontrássemos ensejo de o fazer nalgum ponto mais acessível. Fui contudo iludido por essa esperança, e a banquisa impediu-nos constantemente de nos aproximarmos de terra. Encontrámos nos limites da banquisa grandes massas de gelo cobertas de vasa, de rochas e de pedras, de que pudemos tomar algumas amostras, tão numerosas como se as tivéssemos arrancado dos próprios rochedos. A terra, coberta de neve, foi avistada distintamente em muitos sítios, e entre esses pontos as aparências eram tais que pouca ou nenhuma dúvida deixaram no meu espírito acerca da existência de uma linha contínua de costas que merecesse o nome, que lhe demos, de continente antártico. Quando chegámos ao 97° grau, vimos que o gelo se dirigia para o norte, seguimo-lo nessa direção e chegámos, algumas milhas mais ou algumas milhas menos, ao ponto onde Cook esbarrara nas barreiras de gelos, em 1773.»

A baía Pinners, onde Wilkes desembarcou, está situada a 140° este (137° 40’ de Paris), isto é, exatamente no ponto onde D’Urville desembarcara a 21 de janeiro. A 30 de janeiro, o *Purpoise* avistava os dois navios de D’Urville, aproximara-se deles até alcance de voz; mas estes, largando pano, pareceu que se esquivavam a qualquer comunicação.

Wilkes voltou para Sydney, onde achou o *Peacock* em conserto, partiu com este navio para a Nova Zelândia, daí para Tonga-Tabou, depois para as Fidji, onde foram mortos pelos indígenas dois jovens oficiais da expedição. As ilhas dos Amigos, dos Navegadores e de Sanduíche, a embocadura do Colúmbia, na costa ocidental da América, os estreitos do Almirantado e de Puget, a ilha Vancôver, as ilhas dos Ladrões, Manila, as Soulou, Singapura, as ilhas da Sonda, Santa Helena, Rio de Janeiro, foram as inúmeras escalas desta longa viagem, que terminou a 9 de julho de 1842 em Nova Iorque, depois de uma ausência de três anos e dez meses.

Os resultados em todos os ramos da ciência eram consideráveis, e a estreia nas viagens de circum-navegação da juvenil república dos Estados Unidos fora um golpe de mestre.

Apesar de todo o interesse que apresenta a preciosa relação desta expedição, assim como os tratados especiais que a acompanham e que se devem às penas dos sábios Dana, Gould, Pickering, Gray, Cassim e Brackenridge, somos obrigados a pôr de parte tudo o que se fez em países já conhecidos. O êxito desta grande publicação foi imenso do lado de lá do Atlântico, o que é fácil de conceber, num país que apenas conta um pequeno número de exploradores oficiais.

Ao mesmo tempo, no princípio de 1839, Balleny, capitão da *Elisabeth Scoot*, concorria com o seu quinhão para o reconhecimento das terras antárticas.

Tendo partido da ilha Campbell, ao sul da Nova Zelândia, chegara a 7 de fevereiro a 67° 5’ de latitude e 164° 25’ de longitude a oeste do meridiano de Paris. Seguindo então o seu caminho para oeste, dois dias depois, reconheceu muitos indícios da vizinhança de terra e descobriu a sudoeste uma faixa negra, que às seis horas da tarde não se podia hesitar em considerar como terra. Eram três ilhas consideráveis, sendo a mais ocidental a mais comprida. Recebeu o nome de Balleny. Como se pode imaginar, o capitão manobrou para ver se aportava, mas essas ilhas eram defendidas por uma barreira de gelo sem passagem alguma. Tiveram por conseguinte de se contentar com fixar a 66° 44’

de latitude e 162° 25’ de longitude a posição da ilha central.

A 11 de fevereiro viu-se ainda uma terra alta e coberta de neve a oés-sudoeste; no dia seguinte estava-se apenas a umas dez milhas. Chegaram-se para ela, depois destacou-se um escaler. Uma praia de três a quatro pés de largura ao fundo de fraguedos verticais e inacessíveis, defendia a entrada, e foi necessário molharem-se até meio corpo para colher algumas amostras de lava, porque esta terra é vulcânica e sobre essas montanhas flutuava um penacho de fumo.

Outra vez, a 2 de março, a 65° de latitude e a 120° 24’ de longitude calculada por estimativa, avistou-se da tolda da *Elisabeth* uma nova aparência de terra. Puseram-se à capa para passar a noite, e no dia seguinte tentaram dirigir-se para sudoeste, mas foi impossível atravessar a banquisa presa à praia. Esta nova terra recebeu o nome de Sabrina. Balleny teve então de seguir caminho para o norte, e é a estas indicações incompletas, mas seguras, que se limita essa descoberta.

Em 1837, no momento em que Wilkes partia para a expedição que acabámos de narrar, propôs Dumont d’Urville ao ministro da Marinha um novo plano de viagem à roda do mundo. Os serviços que ele prestara de 1819 a 1821, durante uma campanha hidrográfica, de 1822 a 1825 a bordo da *Concha* com o capitão Duperrey, enfim, de 1826 a 1829 no *Astrolábio,* os seus estudos e a sua experiência davam-lhe, sem dúvida alguma, direito de apresentar os seus planos ao Governo e de procurar por todos os modos completar a massa de informações que ele mesmo ou outros navegadores tinham colhido em paragens imperfeitamente descritas, apesar de importantíssimas debaixo do ponto de vista da hidrografia, do comércio e da ciência.

O ministro apressara-se a aceitar os oferecimentos de Dumont d’Urville, e fez tudo o que pôde para lhe dar colaboradores esclarecidos, em que ele pudesse ter confiança. As duas corvetas, o *Astrolábio* e a *Zelosa,* munidas de todos os recursos cuja necessidade fora reconhecida nas viagens sucessivas que a França acabava de empreender, foram postas à sua disposição. Entre os oficiais que o acompanharam, alguns deviam chegar ao posto de oficiais generais: eram

Jacquinot, o comandante da *Zelosa,* Coupvent-Desbois, Du Bouzet, Tardy de Montravel e Périgot, cujos nomes são bem conhecidos de todos os que se têm ocupado da história da marinha francesa.

As instruções que o comandante da expedição recebeu do vice-almirante Rosamel diferiam das que tinham sido dadas aos seus predecessores, no sentido de se lhe prescrever que se internasse no Pólo Sul até onde os gelos lho permitissem. Devia igualmente completar o grande trabalho que executara em 1827 acerca das ilhas Viti, e, depois dum reconhecimento do arquipélago Salomão, seguido por uma arribada ao rio dos Cisnes na Austrália, e à Nova Zelândia, devia visitar as ilhas Chatham e a parte das Carolinas reconhecidas por Lutké, para se dirigir depois para Mindanau, Bornéu e Batávia, de onde voltaria a França pelo cabo da Boa Esperança.

Estas instruções concluíam com algumas considerações do mais elevado interesse, que mostravam as vistas elevadas da administração.

«Sua Majestade», dizia o almirante Rosamel, «não tem só em vista os progressos da hidrografia e das ciências naturais; a sua régia solicitude pelos interesses do comércio francês e pelo desenvolvimento das expedições dos nossos armadores fizeram-lhe encarar debaixo de um ponto de vista mais largo a missão desta expedição e as vantagens que pode conseguir. Visitará um grande número de pontos que é importantíssimo que se estudem debaixo do ponto de vista dos recursos que podem oferecer aos nossos navios baleeiros. Terá de colher todas as informações que possam guiá-los nas suas expedições para as tornar mais frutíferas. Arribará aos portos onde o nosso comércio já mantém algumas relações e onde a passagem de um navio do Estado pode exercer uma salutar influência, e a outros onde talvez os produtores da nossa indústria encontrem mercados ignorados até hoje, e acerca dos quais poderá, no seu regresso, dar informações preciosas.»

Dumont d’Urville recebeu com os votos de felicidade e com as palavras de animação pessoais de Luís Filipe as provas do mais vivo interesse da parte da Academia das Ciências Morais e da Sociedade de Geografia. Infelizmente não se

deu o mesmo caso com a Academia das Ciências, apesar de o capitão D'Urville não ter deixado de trabalhar durante vinte anos no acrescentamento das riquezas do Museu de História Natural.

«Ou por espírito de corporação, ou porque tivessem algumas prevenções desfavoráveis contra mim», diz D'Urville, «mostraram pouco entusiasmo pela expedição que se preparava, e os termos em que as instruções se redigiram foram pelo menos tão frios como os que poderiam empregar com pessoa que lhes fosse completamente estranha.»

Lamentamos ver, entre os adversários mais encarniçados dessa expedição, o ilustre Arago, inimigo declarado das explorações polares.

Não sucedeu o mesmo com certo número de sábios estrangeiros, entre os quais devemos citar em primeiro lugar Humboldt e Krusenstern, que dirigiram a D'Urville as suas felicitações pela sua nova viagem e pelos serviços que as ciências dela deviam esperar.

Depois de numerosas demoras, causadas pelo armamento de dois navios que deviam transportar o príncipe Joinville ao Brasil, as duas corvetas *Astrolábio* e *Zelosa* puderam enfim deixar Toulon a 7 de setembro de 1837. No último dia do mesmo mês fundeavam na enseada de Santa Cruz de Tenerife; essa estação substituiu-a D'Urville à de Cabo Verde, porque esperava poder ali alcançar vinho e também proceder a certas observações de intensidade magnética e de altura, que lhe tinham estranhado que não executasse em 1826, apesar de saberem perfeitamente que se não achava nessa época em estado de as fazer.

Apesar da impaciência que mostravam os oficiais novos para irem divertir-se em terra, tiveram de sujeitar-se a uma quarentena de quatro dias, recentemente estabelecida em consequência de se ter ouvido falar de alguns casos de peste ocorridos no lazareto de Marselha. Sem nos demorarmos nos pormenores da ascensão dos Srs. Du Bouzet, Coupvent e Dumoulin, bastará que citemos estas frases entusiásticas de Coupvent-Desbois:

«Chegados ao sopé do pico», diz este oficial, «subimos, durante mais uma hora, cinzas e restos de pedras, e chegámos enfim ao termo desejado, o ponto

mais alto deste monstruoso vulcão. A cratera fumegante apresenta-se aos nossos olhos como um hemisfério oco, sulfuroso, coberto de restos de pedra-pomes e de pedras, de perto de 400 metros de largura e de 100 de profundidade. O termómetro, que marcava à sombra 5 graus às dez horas da manhã, quebrou-se quando o colocámos no chão, num sítio de onde saíam vapores sulfurosos. Há nas bordas da cratera e na própria cratera uma grande quantidade de «fumaças», que destilam o enxofre nativo, que forma a base do píncaro. A velocidade dos vapores é grande bastante para se ouvirem detonações. O calor do solo é tal que há sítios onde se não podem demorar os pés alguns instantes. Agora, lançai os vossos olhares em torno de vós, vede essas três montanhas apinhadas umas sobre as outras; não é essa uma obra de gigantes feita para escalar o céu? Considerai essas imensas correntes de lavas, que saem de um ponto único e formam a crista, que aqui há séculos não pisaríeis impunemente. Vede ao longe esse arquipélago das Canárias disseminado pelo mar, cujas vagas quebram nessa ilha de que vós sois o cume, vós, ó pigmeus! Vede como Deus deve ser, e pagai-vos das vossas fadigas, viajantes que a admiração dos grandes espetáculos da natureza conduziu a 3704 metros acima do nível do mar.»

Devemos acrescentar a estas observações que estes exploradores verificaram no alto do pico que as estrelas tinham um brilho mais intenso, que o som tinha maior facilidade em propagar-se, enfim, sentiram o entorpecimento das extremidades do corpo e dores de cabeça bastante pronunciadas, sintomas bem conhecidas da doença a que se chama «enjoo das montanhas».

Enquanto uma parte do estado-maior fazia este passeio científico, muitos oficiais percorriam a cidade, onde apenas se nota um passeio bem exíguo, chamado Alameda, e a igreja dos Franciscanos. Os arredores são bastante interessantes, ou pelos curiosos aquedutos que levam água à cidade, ou pela floresta de Mercedes, onde se encontram agora apenas arbustos e fetos.

A população pareceu jovial, mas dada a uma excessiva preguiça, frugal, mas entregue à mais abominável porcaria, enfim, de uma devassidão espantosa.

A 12 de outubro, os dois navios fizeram-se de novo ao mar com o intento

de chegarem o mais depressa possível às regiões polares. Um sentimento de humanidade determinou D'Urville a arribar ao Rio de Janeiro. O estado de um aspirante, que embarcara já doente do peito, ia piorando cada vez mais; estar entre gelos apressaria decerto a sua morte; foi o que resolveu o comandante a mudar o seu itinerário.

Os dois navios fundearam no Rio de Janeiro a 13 de novembro, mas só se demoraram um dia, quer dizer, exatamente o tempo de passar para terra o jovem Duparc e de se comprarem alguns víveres frescos; depois seguiu-se de novo para o sul.

Havia muito tempo que D'Urville desejava explorar o estreito de Magalhães, não só debaixo do ponto de vista hidrográfico, porque os levantamentos conscienciosos do capitão inglês King — principiados em 1826 só foram terminados em 1834 por Fitz-Roi — deixavam muito pouco a fazer, mas, debaixo do ponto de vista da história natural, que rica messe de observações novas não havia a ceifar?

Não era interessante no mais alto grau verificar esses perigos a cada instante renascentes, esses saltos do vento e todos esses riscos apontados pelos antigos navegadores?

E até esses famosos Patagómos, objeto de tantas fábulas e de tantas controvérsias, não se ficaria satisfeito de se poderem colher a respeito deles documentos rigorosos e circunstanciados?

Demais outra razão militava em favor da estação no porto da Fome, que D'Urville queria substituir à da Terra dos Estados. Relendo as relações dos exploradores que se tinham internado pelo oceano austral, o comandante persuadiu-se de que a melhor ocasião para visitar com bom resultado essas regiões era o fim de janeiro e o mês de fevereiro. Só então estão completos os efeitos do degelo e não há risco de expor as tripulações a fadigas e a perigos inúteis num cruzeiro intempestivo.

Logo que tomou esta resolução, D'Urville comunicou as suas novas intenções ao capitão Jacquinot e fez-se logo de vela para o canal. A 12 de

dezembro, as duas corvetas estavam à vista do cabo das Virgens, e Dumoulin, auxiliado pelos oficiais novos, principiava debaixo de pano a bela série dos seus trabalhos hidrográficos.

Na espinhosa navegação do estreito, D'Urville mostrou logo no grau mais elevado audácia, sangue-frio, habilidade e presença de espírito — são estes os próprios termos empregados a seu respeito — e fez com que mudassem de opinião um grande número de marinheiros, que, vendo-o em Toulon, a andar pesadamente e padecendo de gota, exclamaram ingenuamente: «Oh! Este velhote não nos há de levar muito longe!»

Mas, quando se saiu do estreito, graças à vigilância continuada do comandante, os espíritos estavam tão mudados, que se dizia:

«O diabo do homem é levadinho da breca! Fez-nos navegar de raspão pelas rochas, pela terra e os escolhos como se nunca tivesse feito outra navegação na sua vida. E nós que o julgávamos pronto!»

Aqui será bom dizermos algumas palavras da estação no porto da Fome.

O desembarque é fácil, há uma bela fonte e lenha com abundância; os rochedos dão uma colheita abundante de marisco, e a terra produz aipo e uma espécie de salada semelhante ao dente-de-leão. Outro recurso abundantíssimo desta baía é a pesca; durante todo o tempo da estação apanharam-se, com diversos instrumentos de pesca, cabozes, miáguas e muitos outros peixes em quantidade bastante para sustentar as tripulações.

«Ia eu embarcar», diz D'Urville, «quando o patrão do meu escaler entregou um barrilito, que se encontrara suspenso de uma árvore da praia, ao passo que se lera num poste vizinho a inscrição *Poste Office*. Vendo que tinha papéis dentro, levei-o para bordo e tomei conhecimento deles. Foram apontamentos dos capitães que tinham passado pelo estreito, sobre a época da sua passagem, as circunstâncias da sua travessia, alguns conselhos aos seus sucessores, e cartas para a Europa e para os Estados Unidos. Segundo parece, a primeira ideia desta caixa de correio de nova espécie foi devida ao capitão americano Cunningham, que se serviu simplesmente de uma garrafa pendurada

de uma árvore, em abril de 1833; o seu compatriota Water-House acrescentou-lhe em 1835 o útil complemento do poste com a inscrição. Enfim, o capitão inglês Carrick, comandante da escuna *Mary Ann*, de Liverpool, passou pelo estreito, em março de 1837, indo para San-Blas de Califórnia; passou por ali de novo, quando voltou, a 29 de novembro de 1837, quer dizer, apenas dezasseis dias antes de nós, e fora ele que substituíra o barril à garrafa, convidando os seus sucessores a fazerem uso dele para as cartas que quisessem fazer chegar aos seus diversos destinos. Tenciono ainda desenvolver esta medida verdadeiramente útil e engenhosa na sua simplicidade, criando uma verdadeira direção de correio no ponto mais alto da península, porque a sua tabuleta e a dimensão das letras chamarão forçosamente a atenção dos navegadores que não quiserem fundear no porto da Fome, e a curiosidade há de levá-los a mandar um escaler visitar a caixa que estiver suspensa no poste. Segundo todas as probabilidades, seremos nós os primeiros a colher os frutos desse melhoramento, e as nossas famílias ficarão agradavelmente surpreendidas de receberem notícias nossas desta terra selvagem e solitária, exatamente quando nos vamos arrojar aos gelos polares.»

Na baixa-mar, a embocadura do rio Sedger, que se lança na baía da Fome, é obstruída por bancos de areia; trezentos metros mais adiante a planície transforma-se num imenso pântano de onde emergem enormes troncos de árvores, ossadas gigantes branqueadas pela ação do tempo, transportadas para este sítio pelas chuvas extraordinárias que engrossam a corrente do rio.

Uma bela floresta corre ao longo desse rio e arbustos armados de picos lhe defendem o acesso. As essências mais comuns são a faia, com o tronco de uns vinte a trinta metros de altura sobre perto de um metro de diâmetro, a cortiça de Winter, que por muito tempo substituiu a canela, e uma espécie de bérberis. As faias mais altas que D’Urville encontrou mediam cinco metros de circunferência e podiam ter cinquenta metros de altura.

Infelizmente, não se encontram neste litoral nem mamíferos, nem répteis, nem conchas terrestres ou fluviais; uma ou duas espécies de pássaros, alguns líquenes e musgos, é tudo o que o naturalista ali pode colher.

Muitos oficiais subiram o Sedger num escaler, até serem obrigados a parar pela pouca profundidade da água. Estavam então a sete milhas e meia da embocadura e conheceram que esse rio podia ter, no sítio onde cai no mar, trinta ou quarenta metros de largura.

«Seria difícil», diz o Sr. Montravel, «imaginar um quadro mais pitoresco do que o que aparecia aos nossos olhos a cada cotovelo do rio. Era por toda a parte essa desordem admirável que se não pode imitar, um montão confuso de árvores, de ramos quebrados, de troncos revestidos de musgo que se cruzavam em todos os sentidos.»

Em resumo, a estação no porto da Fome fora das mais felizes; obteve-se com grande facilidade água e lenha; procedeu-se a um grande número de consertos ou de novas acomodações, a observações de ângulos horários, de física, de meteorologia, de marés, de hidrografia; enfim, juntaram-se numerosos objetos de história natural, que ofereciam tanto mais interesse quanto os diversos museus da França não possuíam absolutamente nada dessas regiões inexploradas.

«Um pequeno número de plantas, colhidas por Commerson», diz a relação, «e conservada no herbário do Sr. Jussieu, representavam tudo quanto dessas regiões se sabia.»

A 28 de dezembro de 1837, levantou-se ferro, sem se poder ver um só desses patagónios cujo encontro excitava em tão elevado grau a curiosidade dos oficiais e da tripulação.

Os acasos da navegação obrigaram as duas corvetas a fundear um pouco mais longe, no porto Galant, cujas plagas, orladas de formosas árvores, são cortadas por torrentes, que formam a pouca distância magníficas cascatas de quinze a vinte metros de altura. Esta arribada não foi perdida, porque se colheu um grande número de plantas novas e se fez o levantamento do porto e das baías próximas. Mas o comandante achou a estação nimiamente adiantada, renunciou a sair do estreito por oeste e resolveu tomar para trás, a fim de ter uma entrevista com os Patagónios, antes de chegar às regiões antárticas.

A baía de S. Nicolau, que Bougainville chamara baía dos Franceses, ofereceu um espetáculo infinitamente mais gracioso do que o porto Galant, onde as tripulações passaram o primeiro dia de janeiro de 1838. Os trabalhos hidrográficos habituais foram levados a bom termo pelos oficiais debaixo da direção de Dumoulin.

Expediu-se um escaler ao cabo Notável, onde Bougainville dizia que vira conchas fósseis; eram apenas uns peixes insignificantes, empastados num invólucro calcário, que formava uma camada muito espessa, desde o nível do mar até uma altura de cinquenta metros pouco mais ou menos.

Fizeram-se igualmente interessantes observações com o termometrógrafo, a duzentas e noventa braças, sem se encontrar fundo, a menos de duas milhas de terra. Se na superfície a temperatura era de nove graus, acusava dois nessa profundidade, e como provavelmente as correntes não levam tão abaixo as águas dos dois oceanos, há muita probabilidade para se supor que é essa a temperatura própria dessa profundidade.

Depois os navios partiram para a Terra do Fogo, onde Dumoulin continuou com os seus levantamentos. Baixa, descoberta, semeada de rochas que serviram de balizas, só apresenta neste sítio muito poucos perigos. A ilha Madalena, a baía Gente Grande, a ilha Elisabeth, a angra Oazy, onde se distinguiu com um óculo um numeroso arraial de patagónios, a angra Peckett, onde o *Astrolábio* raspou pelo fundo, havendo apenas três braças de profundidade, foram sucessivamente deixadas para trás.

«No momento em que se percebeu que tocávamos», diz Dumont d’Urville, «houve um pouco de pânico e até mesmo de agitação na equipagem, e já se ouviam alguns clamores. Com voz firme impus silêncio, e, fingindo que em nada me inquietava com o que sucedia, exclamei: “Isto não é nada; deixem estar que hão de ver outras piores.” Estas palavras muitas vezes depois acudiram de novo à memória dos nossos marinheiros. É mais importante do que se imagina para um capitão conservar a mais perfeita serenidade e a maior impassibilidade no meio dos perigos mais iminentes, mesmo daqueles que poderia julgar

inevitáveis.»

A estação na angra Peckett foi alegrada pela aparição dos Patagónios. Todos, oficiais e marinheiros, estavam impacientes de desembarcar. Uma multidão de indígenas a cavalo estava à espera no sítio do desembarque. Brandos e pacíficos, responderam amavelmente às perguntas que se lhes fizeram. Encaravam tudo com tranquilidade, não mostrando grande cobiça pelos objetos que se lhes ofereciam à vista. Não parecia que tivessem grande inclinação para o roubo, e, enquanto estiveram a bordo, não tentaram subtrair fosse o que fosse. A sua estatura média era pouco mais ou menos de 1,73 m, apesar de haver alguns mais pequenos; os seus membros eram grossos e rechonchudos, sem serem musculosos, as suas extremidades de notável pequenez. O seu característico mais notável é a largura da parte inferior da cara, ao passo que a testa é baixa e esconsa. Os olhos repuxados e estreitos, as maçãs do rosto bastante salientes, o nariz esborrachado, dão-lhes imensa parecença com o tipo mongol.

Neles tudo revela moleza e indolência, nada anuncia vigor e agilidade. Quem os visse acocorados, de pé, ou a andar com os cabelos a caírem-lhe para os ombros, julgaria antes ver as mulheres de um harém do que os selvagens habituados a sofrer as intempéries das estações e a lutar com as dificuldades da existência. Estendidos em cima de peles, no meio dos seus cães e dos seus cavalos, não têm passatempo mais agradável do que o catarem os piolhos, de que são abundantemente providos, para se regalarem com eles. São por tal forma inimigos de andar, que montavam a cavalo para irem apanhar conchas à praia, que estava contudo apenas a uma distância de cinquenta a sessenta passos.

Com eles vivia um branco de aspeto miserável e descarnado; dizia-se originário dos Estados Unidos, mas só falava imperfeitamente o inglês, e não foi custoso reconhecer nele um suíço alemão.

Niederhauser — era este o seu nome — fora tentar enriquecer aos Estados Unidos. Como a fortuna se mostrava rebelde, atendera às propostas maravilhosas de um pescador de focas, que procurava recrutar a sua tripulação. Foi posto, segundo o costume, com sete camaradas e as provisões necessárias, numa ilha

selvagem da Terra do Fogo para dar caça às focas e preparar-lhes as peles.

Quatro meses depois a escuna reapareceu, carregou as peles, deixou os pescadores com provisões novas... e não tornou mais.

Se o navio naufragou, ou se o capitão abandonou os seus marinheiros, nunca se pôde saber.

Quando esses marinheiros viram passar o prazo e se encontraram sem provisões, meteram-se em uma canoa e enfiaram pelo estreito. Não tardaram a encontrar os Patagónios. Niederhauser ficou com eles, enquanto os outros continuaram o seu caminho. Muito bem acolhido pelos indígenas, tinha vivido a sua existência, enchendo o estômago quando a caça era boa, apertando a barriga e vivendo só de raízes em tempo de fome. Mas, cansado desta existência miserável, Niederhauser suplicou a D'Urville que o recebesse a bordo, porque não poderia resistir um mês mais a essas privações. O capitão consentiu e embarcou-o como passageiro.

Durante os três meses da sua residência entre os Patagónios, Niederhauser tomara algumas tinturas da sua linguagem, e D'Urville aproveitou-se disso para colher em patagónio a maior parte das palavras de um vocabulário comparativo de todas as línguas.

O trajo de guerra dos habitantes da Terra do Fogo compreende um capacete de couro cosido, armado de chapas de bronze e recoberto com uma bela cimeira de penas de galo, uma túnica de couro de boi tingido de vermelho e pintalgado com faixas amarelas, e uma espécie de cimitarra de dois fios. O chefe do povo da angra Peckett consentiu em que o retratassem com esse fato, o que denunciava uma certa superioridade sobre os seus súbditos, que obstinadamente se recusaram, com medo de algum sortilégio.

A 8 de janeiro, levantando o ferro definitivamente, enfiou-se pelo segundo estreito muito ligeiramente, apesar da vaga. Depois de terem percorrido as duas terças partes de extensão do estreito de Magalhães, os navios dirigiram o seu caminho para as regiões polares, tendo avistado toda a banda oriental da Terra do Fogo, lacuna importante preenchida pela hidrografia, porque até então não

existia mapa algum minucioso desta costa.

A Terra dos Estados foi dobrada sem incidente. A 15 de janeiro avistaram-se, não sem uma certa comoção, os primeiros gelos, no meio dos quais os navios iam em breve navegar sem trégua.

Os escolhos flutuantes não são propriamente os inimigos mais temíveis que se podem encontrar nestas paragens. A bruma — bruma opaca que nem o olhar mais vivo pode romper — não tarda a envolver os dois navios, paralisa os seus movimentos, e a cada instante os põe em risco — apesar de eles estarem à capa — de os fazer esbarrar nalguns desses terríveis blocos de gelo. A temperatura desce à superfície da água, o termometrógrafo acusa apenas dois graus, a das águas inferiores desce para baixo de zero; em breve cai em ondas uma neve meio derretida. Tudo anuncia que se entra definitivamente nos mares antárticos.

É impossível reconhecer a ilha Olarence e as New-South-Orkney; passa-se o tempo a manobrar para evitar os grandes pedaços de gelo. Ao meio-dia, a 20 de janeiro, está-se a 62° 3’ de latitude sul e a 49° 56’ de longitude oeste. Foi perto dali para este que Powell encontrou *icefields* compactos. Avista-se em breve uma ilha imensa de dois mil metros de extensão, de sessenta e seis metros de altura, mesa cortada a prumo, que, com certos reflexos de luz, imitava a terra de um modo que iludia.

As baleias e os pinguins nadam em chusmas à roda dos navios, que se cruzam sem cessar com petréis brancos.

A 21, as observações acusam 62° 53’ sul, e D’Urville conta que não tardará a chegar a 65°, quando de noite, às três horas, o previnem de que o caminho está cortado por uma banquisa, através da qual não parece possível abrir-se uma passagem qualquer. Mudam-se logo as amuras e segue-se caminho para leste com pequena velocidade, porque a brisa amainou.

«Por isso», diz a relação, «tivemos tempo de contemplar muito à nossa vontade o maravilhoso espetáculo que tínhamos diante dos olhos. Severo e grandioso acima de toda a expressão, ao passo que elevava a fantasia, enchia a

alma de um sentimento de involuntário terror. Em parte nenhuma o homem sente mais vivamente a convicção da sua impotência. É um mundo novo, cuja imagem se desenrola diante dos seus olhos, mas um mundo inerte, lúgubre e silencioso, onde tudo o ameaça com o aniquilamento das suas faculdades. Ali, se tivesse a desgraça de ficar abandonado a si mesmo, nenhum recurso, nenhuma consolação, nenhuma centelha de esperança poderia suavizar os seus derradeiros momentos. Esta ideia lembra involuntariamente a famosa inscrição da porta do Inferno de Dante: *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate.*»

D'Urville procede então a um trabalho curiosíssimo, que, comparado com outros da mesma natureza, poderia ter uma extrema utilidade. Manda fazer o traçado exato da banquisa. Se outros navegadores tivessem depois feito o mesmo, ter-se-iam alcançado esclarecimentos exatos sobre a marcha e os movimentos dos gelos austrais, matéria ainda hoje tão obscura.

A 22, depois de ter dobrado uma ponta, reconheceu-se a direção da banquisa: sussudoeste, depois oeste. Nessas paragens avista-se uma terra alta e acidentada. Dumoulin começa a fazer o seu levantamento, D'Urville julga reconhecer nessa terra a New-South-Groenlandia, de Morrell, quando, de súbito, se vê alterarem-se as suas fornias e desfazerem-se completamente no horizonte.

A 24, as duas corvetas atravessam um leito de gelos flutuantes e penetram numa planície onde os gelos estão em dissolução, mas a passagem estreita-se em breve, os pedaços de gelo tornam-se mais numerosos e é indispensável fazer meia volta para se não ser bloqueado.

No entanto tudo indica que a orla da banquisa está em decomposição, as ilhas de gelo desmoronam-se com detonações formidáveis, os gelos como que suam e deixam correr pequenos fios de água: é o degelo; a estação não está por conseguinte ainda bastante adiantada e Fanning tem razão de dizer que se não deve chegar a estas paragens antes do mês de fevereiro.

D'Urville decide-se então a seguir caminho para o norte, para tentar chegar às ilhas New-South-Orkney, cujo mapa estava incompleto e mal determinado. O comandante desejava proceder ao levantamento deste arquipélago, e demorar-se

ali alguns dias, antes de voltar de novo para o sul, a fim de estar nessas regiões na mesma época do ano em que estivera Weddell.

Durante três dias, D'Urville seguiu ao longo da faixa setentrional desse arquipélago sem poder aportar a nenhuma das ilhas, depois seguiu de novo na direção do sul até ao dia 4 de fevereiro, e achou-se novamente à vista da banquisa, a 62° 20' de latitude sul e 39° 28' de longitude este.

Alguns minutos antes do meio-dia descobriu-se uma espécie de aberta e entrou-se por ela um pouco ao acaso.

Esta manobra audaciosa teve bom êxito para os dois navios, que puderam penetrar, apesar de uma neve intensa, numa espécie de pequena bacia, que tinha apenas a largura de duas milhas, mas era cercada por todos os lados por altas muralhas de gelo.

Foi necessário amarrar-se o navio aos pedaços de gelo. Quando se deu ordem para fundear, um moço noviço da *Zelosa* exclamou ingenuamente:

— Há algum porto aqui perto? Não supunha que houvesse habitantes entre os gelos!

Também nesse momento não havia a bordo dos dois navios quem não estivesse alegre e entusiasmado. Moços oficiais da *Zelosa* tinham vindo beber um ponche com os seus camaradas do *Astrolábio.* O comandante podia ouvir da cama as ruidosas expressões do seu contentamento, mas ele é que não encarava a situação debaixo de um ponto de vista tão favorável. Considerava a sua manobra como imprudentíssima. Fechado numa espécie de beco sem saída, não tinha para se escapar outro canal senão o que lhe servira para entrar, e era impossível aproveitá-lo, a não ter vento muito de feição.

Efetivamente, às onze horas, D'Urville foi acordado por choques violentos e um estrondo de madeira partida, como se a corveta houvesse tocado em rochedos.

O comandante levantou-se e viu que o *Astrolábio,* tendo descaído, caíra sobre os gelos, onde estava exposto aos ataques dos que a corrente arrastava com uma velocidade superior à sua.

Ao romper do dia, viu-se que se estava rodeado de pedaços de gelo. Só para o lado do norte um fio de água de um azul-escuro parecia indicar mar livre. Tomou-se imediatamente essa direção, mas uma bruma espessa envolveu quase logo as duas corvetas. Quando ela se dissipou, encontraram-se em presença de uma barreira de gelos compactos, para além dos quais se estendia, a perder de vista, água inteiramente livre.

D'Urville resolveu imediatamente abrir caminho, e, tomando campo, arrojou, com a maior rapidez que lhe foi possível, o *Astrolábio* contra o obstáculo. A corveta entrara no gelo numa extensão equivalente a duas ou três vezes o seu comprimento; depois ficou imóvel. Então os homens da tripulação saltaram para o gelo; armados de serras, machados, tenazes e picaretas, trabalharam alegremente em abrir caminho para o navio.

Já tinham quase atravessado esse fragmento de banquisa quando o vento mudou, a vaga do mar alto fez-se sentir, e foi necessário voltar, segundo o parecer de todos os oficiais, para o interior dos gelos, porque havia todos os motivos para recear, se o vento refrescasse, que o navio fosse atirado para cima da banquisa e demolido pelas vagas e pelos escolhos flutuantes.

A corveta percorrera doze ou quinze milhas inutilmente, quando um oficial, trepado aos ovéns, avistou uma passagem a és-nordeste. Dirigiram-se imediatamente para este lado, mas de novo foi impossível abrir caminho, e, quando caiu a noite, foi indispensável amarrar o navio a um grande pedaço de gelo. Os horrorosos estalos que tinham acordado o comandante, na noite precedente, recomeçaram com tal violência que parecia que a corveta não poderia resistir até ao romper do dia.

Contudo, depois de uma entrevista com o comandante da *Zelosa*, D'Urville seguiu caminho para o norte, mas passou-se o dia ainda sem produzir mudança alguma na posição do navio; no dia seguinte, no meio de uma chuva de neve derretida, a vaga adquiriu força bastante para levantar toda a planície gelada em que os dois navios estiveram presos.

Foi necessário vigiar com mais cuidado do que nunca os pedaços de gelo,

que essas ondulações faziam saltar ao longe, e foi necessário fechar o leme numa espécie de cabana de madeira, que o protegia contra os embates dos gelos.

A não serem algumas oftalmias produzidas pela reverberação continuada da neve, a saúde das tripulações era satisfatória, e não era isso pequena satisfação para os comandantes, obrigados a estar constantemente alerta. Foi só a 9 de fevereiro que as corvetas, favorecidas por uma forte brisa, puderam soltar-se e encontrar-se de novo, enfim, num mar inteiramente livre. Seguira-se ao longo da banquisa, numa extensão de duzentas e vinte e cinco léguas.

Por uma felicidade inesperada, os navios não tinham avaria alguma, a não ser a perda de alguns pedaços de madeira e de uma boa parte do forro de cobre; mas não metiam mais água do que antes.

Apareceu o Sol no dia seguinte e permitiu alcançar observações que deram a posição a 62° 9’ de latitude sul e 39° 22’ de longitude oeste.

A neve não cessou de cair, o frio foi vivo e o vento violento durante os três dias imediatos. Esta persistência do mau tempo, assim como a duração mais prolongada das noites, avisaram D’Urville da necessidade de renunciar a essa navegação. Por isso, apenas se encontrou a 62° sul e 33° 11’ no caminho que Weddell pudera percorrer livremente em 1823 e onde ele não encontrou senão gelos impenetráveis, seguiu caminho para as New-South Orkney.

Demais, um mês inteiro passado no meio dos gelos e das brumas do oceano Antártico abalara a saúde dos tripulantes, e era sem proveito para a ciência continuar por mais tempo esse cruzeiro.

Foi a 20 que se reconheceu o arquipélago; D’Urville foi mais uma vez forçado pelos gelos a seguir ao longo da sua costa setentrional, mas pôde destacar dois escaleres, que, na ilha Weddell, colheram uma ampla coleção geológica, algumas amostras de líquenes e uns vinte pinguins e *chionis.*

A 25 de fevereiro avistou-se a ilha Clarence, que forma a extremidade oriental do arquipélago New-South-Shetland, terra extremamente alta, escarpada, coberta de neve, a não ser à beira-mar; depois dirigiram-se para a ilha Elefante, completamente semelhante à primeira, mas semeada de píncaros, que

fazem um negro destaque das planícies de neve e de gelo. As ilhotas Narrow, Biggs, O’Brien e Aspland são sucessivamente reconhecidas, mas, cobertas de neve, não oferecem nem um só lugar onde o homem possa pôr os pés. Depois avistou-se o pequeno vulcão Bridgeman, onde dois escaleres debalde tentaram desembarcar os naturalistas.

«A cor geral do solo», diz a relação, «é avermelhada, como a do tijolo queimado, com umas nódoas pardas, que parecem anunciar pedra-pomes ou cinza endurecida. Ã beira-mar, aqui e além, veem-se blocos de uma cor escura, que devem ser lavas. Demais, esta ilhota não tem verdadeira cratera, mas deixa sair densas fumaradas, que brotam quase todas da sua base na banda ocidental; na do norte veem-se também fumaradas a dez ou doze metros acima do nível da água. Parece que não existem na banda oriental, nem na do sul, nem no píncaro, que é uniforme e arredondado. A sua massa parece ter recentemente sofrido alguma grande modificação, e por força que assim foi, para ter agora tão poucas parecenças com a descrição feita por Powell em 1822.»

D’Urvile tornou a seguir em breve para o sul e a 27 de fevereiro reconheceu uma faixa considerável de teira a sudeste, que a bruma e os frocos de neve finíssima impediram de se aproximar. Achava-se então no paralelo da ilha Hop, a 62° 57’ de latitude. Chegou-se-lhe o mais possível e reconheceu primeiro uma terra baixa, a que deu o nome de Terra de Joinville; mais adiante, para sudoeste, uma grande terra montanhosa, a que chamou Terra de Luís Filipe, e entre elas, no meio de uma espécie de canal, atulhado pelos gelos, uma ilha, a que deu o nome de Rosamel.

«Então», diz D’Urville, «o horizonte bem iluminado permite-nos seguir com os olhos todo o acidentado da Terra de Luís Filipe. Neste momento estende-se, desde o monte Bransfield ao norte 72° este até ao sussudoeste, onde a vista a segue até aos limites do horizonte. Desde o monte Bransfield até ao sul é uma terra alta, bastante uniforme, e formando uma imensa geleira sem acidentações notáveis. Mas ao sul levanta-se a terra debaixo da forma de um belo píncaro (monte Jacquinot), que parece igualar e até exceder Bransfield, depois, daí para

diante, estende-se debaixo da forma de uma serrania que termina no sudoeste por um píncaro mais elevado ainda do que todos os outros. Demais, os efeitos da neve e do gelo, assim como a ausência de qualquer objeto de comparação, contribuem para exagerar singularmente a altura de todas estas protuberâncias. Efetivamente achámos, pelas medidas que foram tomadas pelo Sr. Dumoulin, que todas essas montanhas, que nos pareciam então agigantadas e pelo menos comparáveis com os Alpes e com os Pirenéus, tinham alturas muito medíocres. Assim, o monte Bransfield tinha apenas 632 metros, o monte Jacquinot 648 metros, e enfim este último, o mais elevado de todos, o monte d'Urville, 931 metros. À exceção das ilhotas que estavam na frente da terra grande e de algumas pontas desembaraçadas de neve, o resto é apenas uma série de gelos compactos; nesse estado não é possível traçar a verdadeira direção da terra, mas só a das suas crostas de gelo.

No dia 1 de março, uma sondagem acusa apenas cento e oitenta braças; o fundo é de rocha e de pedra solta.

A temperatura é de I°,9 à superfície e de 0°,2 no fundo do mar. A 2 de março reconhece-se, à distância da Terra de Luís Filipe, uma ilha que recebe o nome de ilha do Astrolábio. No dia seguinte faz-se o levantamento de uma grande baía, ou, antes, de um canal, a que se dá o nome de canal de Orleans, entre a Terra de Luís Filipe e uma banda alta e pedregosa, que devia ser, no entender de D'Urville, o começo das terras da Trindade, traçadas até então incorrectissimamente.

Assim, pois, desde 26 de fevereiro até 5 de março, D'Urville conservou-se à vista da costa, seguindo-a a pouca distância, mas não sendo contudo senhor das suas manobras, por causa das brumas e das chuvas, que se seguiam umas às outras sem parar. Tudo anunciava um degelo acentuado; ao meio-dia a temperatura elevava-se até 5 graus acima de zero; por toda a parte corriam fios de água dos gelos, flocos inteiros soltavam-se e caíam ao mar com formidável estrondo, enfim, um vento de oeste não cessava de soprar com fúria forte.

Foi até essa a razão que impediu D’Urville de levar mais adiante a sua exploração. O mar estava muito duro, a chuva era frequente e a bruma continuada. Teve portanto de se afastar dessa costa perigosa e de subir para o norte, onde no dia seguinte avistava as ilhas mais ocidentais da Nova Shetland.

D’Urville tomou então o caminho da Conceição. Mas essa travessia foi muito penosa, tendo o escorbuto atacado, apesar de todas as precauções que se tomavam, as tripulações das duas corvetas, e sobretudo a da *Zelosa,* com a máxima violência. Foi também nesse momento que D’Urville mediu alturas de vaga, que respondiam às acusações de exageração fabulosa que se lhe tinham feito quando ele atribuíra cem pés de elevação às vagas que o haviam fustigado no parcel das Agulhas.

Com auxílio dos seus oficiais, a fim de que se não pudessem pôr em dúvida os resultados das suas observações, D’Urville mediu vagas cuja altura vertical era de onze metros e meio e que não tinham menos de sessenta metros do cimo ao ponto inferior, o que fazia cento e vinte metros de comprimento total para uma só vaga.

Essas medidas respondiam às afirmações irónicas de Arago, que, muito bem refastelado no seu gabinete, não consentia que uma vaga se elevasse a mais de cinco ou seis metros. Não se deve hesitar nem um só instante em admitir contra aquele ilustre, mas apaixonado físico, as medidas dos navegadores, que tinham feito as suas observações exatas no próprio local onde se produziam os fenómenos apontados.

A 7 de abril de 1838 fundeou a divisão na baía de Talcahuano. Devia encontrar ali um descanso de que os quarenta escorbúticos da *Zelosa* tinham a maior necessidade. Dali dirigiu-se D’Urville para Valparaiso, depois, atravessando a Oceânia toda, fundeou a 1 de janeiro de 1839 em Guaham, meteu-se depois na Malásia, chegou em outubro a Batávia, e dali passou para Hobart-Town, onde a 1 de janeiro de 1840 se fez de vela para uma nova excursão através das regiões antárticas.

Nessa época D’Urville não conhecia nem a viagem de Balleny, nem a

descoberta da Terra Sabrina. Tinha tenção apenas de fazer urna pequena excursão para o sul da Tasmânia, a fim de verificar em que paralelo encontraria os gelos. O espaço compreendido entre 120° e 160° de longitude oriental não fora ainda explorado, pensava ele. Havia, por conseguinte, por ali algumas descobertas a tentar.

Ao princípio, a navegação apresentou-se debaixo dos mais tristes auspícios. A vaga era muito forte, as correntes seguiam para leste, o estado sanitário estava longe de ser satisfatório, e, contudo, ainda se não passara do 58° de latitude, quando tudo anunciava a proximidade da banquisa.

O frio não tardou a ser vivíssimo; os ventos começaram a soprar de oeste para noroeste, e serenando o mar, indício quase certo da vizinhança da terra ou da banquisa. Inclinaram-se todos antes para a primeira dessas hipóteses, porque as ilhas de gelo que se encontravam eram tamanhas que não podiam ter-se formado no mar alto. A 18 de janeiro chegou-se ao 64.º grau de latitude, e não se tardou a encontrar enormes blocos de gelo, cortados a prumo, cuja altura variava entre trinta e quarenta metros, e cuja largura excedia mil metros.

No dia seguinte, 19 de janeiro de 1840, avistou-se uma nova terra, que recebeu o nome de Terra Adélia. O sol estava brilhante e todos os gelos pareciam em decomposição. Formavam-se numerosos riachos nos seus píncaros e desciam em cascata até ao mar. O aspeto da terra era informe; coberta de neve corria de leste para oeste e parecia inclinar-se em ladeira suave até à praia. A 21, o vento permitiu aos dois navios aproximarem-se. Não se tardou a descobrir profundas quebradas, cavadas pelas águas provenientes do derretimento das neves.

À medida que se caminhava para diante, a navegação tornava-se cada vez mais perigosa. As ilhas de gelo eram tão numerosas que mal ficava entre elas um canal de largura bastante para consentir às corvetas que manobrassem.

«As muralhas, direitas, excediam muito na altura a nossa mastreação», diz D’Urville; «dominavam os nossos navios, cujas dimensões pareciam ridiculamente diminutas comparativamente com essas massas enormes. O espetáculo que se oferecia às nossas vistas era a um tempo grandioso e

assustador. Podíamo-nos imaginar nas ruas estreitas de uma cidade gigante.»

Daí a pouco entraram as corvetas numa vasta enseada, formada pela costa e pelas ilhas de gelo que acabavam de dobrar. A terra estendia-se a perder de vista para o sueste e para o noroeste. Podia ter mil a mil e duzentos metros de altura, mas não apresentava em parte alguma píncaros salientes. Enfim, no meio desta imensa planície de neve, apareceram alguns rochedos. Os dois capitães expediram imediatamente embarcações com a missão de colher provas palpáveis da sua descoberta.

Eis o que diz um dos oficiais, Du Bouzet, encarregado desse importante reconhecimento:

«Eram perto de nove horas quando, com grande júbilo nosso, desembarcámos na parte oeste da ilhota mais ocidental e mais elevada. O escaler do *Astrolábio* chegara antes de nós; já os homens que o tripulavam tinham trepado aos flancos escarpados desse rochedo. Atiravam para baixo os pinguins, muito espantados de se verem desapossados brutalmente da ilha de que eram os únicos habitantes. Mandei logo um dos nossos marinheiros desfraldar a bandeira tricolor nesta terra, que nenhuma criatura humana vira ou pisara antes de nós. Seguindo o antigo costume que os Ingleses têm conservado piedosamente, tomámos posse desta terra em nome da França, assim como da costa vizinha, aonde não podíamos ir por causa do gelo... O reino animal era ali apenas representado pelos pinguins. Apesar de todas as nossas buscas, não encontrámos ali nem uma concha. A rocha era completamente escalvada e não oferecia nem o vestígio mais leve de líquenes.

Foi necessário voltarmos as nossas atenções para o reino mineral. Cada um de nós pegou no seu martelo e pôs-se a cortar na rocha; mas esta, de uma natureza granítica, era tão dura que não pudemos soltar senão pedaços pequeníssimos. Felizmente, percorrendo o píncaro mais alto da ilha, descobriram os marinheiros largos fragmentos de rochedos destacados pelo gelo e meteram-nos a bordo dos escaleres. Examinando-os de perto, reconheci uma parecença perfeita entre essas rochas e pequenos fragmentos de gneisse que tínhamos

encontrado no estômago de um pinguim morto na véspera.

A pequena ilhota em que desembarcámos faz parte de um grupo de oito ou dez pequenas ilhas, arredondadas no cimo, e tendo todas pouco mais ou menos a mesma forma. Estas ilhas estão separadas da terra mais próxima uns quinhentos ou seiscentos metros. Avistávamos ainda na praia muitos píncaros inteiramente descobertos e um cabo cuja base estava também despojada de neve. Todas essas ilhotas, muito próximas umas das outras, pareciam formar uma linha continuada paralela à costa e que se estendia de leste para oeste.»

A 22 e a 23 continuou-se o reconhecimento deste litoral, mas neste último dia, uma banquisa, soldada à costa, veio obrigar os navios a voltar para o norte; ao mesmo tempo uma rajada de neve, tão súbita como terrível, assaltou os navios e ia-os pondo em risco de soçobrar. A *Zelosa* teve fortes avarias no velame; no dia seguinte, porém, já navegava de conserva com o *Astrolábio.*

Entretanto não se perdera terra de vista, por assim dizer. A 29, todavia, diante da persistência singular dos ventos de leste, D’Urville teve de abandonar o reconhecimento da Terra Adélia. Foi nesse dia que se avistou um dos navios do tenente Wilkes. D’Urville queixa-se das intenções malévolas que este lhe atribui no seu relatório e assegura que a sua manobra, que tinha por fim entrar em comunicações, foi mal interpretada pelos americanos.

«Não estamos já», diz ele, «no tempo em que os navegadores, levados pelo interesse do comércio, se julgavam obrigados a esconder cuidadosamente o seu caminho e as suas descobertas, para evitar a concorrência das nações rivais. Folgaria, pelo contrário, de indicar aos nossos émulos o resultado das nossas pesquisas, na esperança de que essa comunicação lhes pudesse ser útil e ampliar o círculo dos nossos conhecimentos geográficos.»

A 30 de janeiro avistou-se uma enorme muralha de gelos, acerca da qual houve diversas opiniões. Uns entendiam que era uma massa de gelo compacta e independente de qualquer terra; outros, e entre eles D’Urville, pensavam que essas altas montanhas tinham uma base sólida, ou de terra ou de rochas, ou mesmo de recifes espalhados em torno de uma grande terra. Deu-se-lhe o nome

de costa Clarie, por 128° de longitude.

Os oficiais tinham colhido nessas paragens documentos suficientes para determinarem a posição do pólo magnético, mas os seus resultados não concordaram com os trabalhos de Duperrey, de Wilkes e de James Ross.

A 17 de fevereiro, as duas corvetas fundeavam de novo diante de Hobart-Town.

A 25, faziam-se de novo ao mar, dirigiam-se para a Nova Zelândia, onde completavam trabalhos geográficos da *Urânia*, depois passavam para a Nova Guiné, reconheciam que esta terra não estava separada da Luisíada por estreito algum, exploravam com o maior cuidado, no meio das correntes e dos recifes de coral e à custa de avarias bastante graves, o estreito de Torres, chegavam a 20 a Timor e entravam em Toulon a 6 de novembro, depois de terem feito escala por Bourbon e Santa Helena.

Sabendo que os Estados Unidos tinham organizado em tão larga escala uma expedição de descobertas, a Inglaterra sobressaltara-se e, debaixo da pressão das sociedades eruditas, resolvera enviar uma expedição às regiões onde, depois de Cook, só se tinham aventurado os capitães Weddell e Biscoë.

O capitão James Clark Ross, que recebeu o comando dessa expedição, era sobrinho do famoso James Ross, explorador da baía de Baffin. Tendo nascido em 1800, James Ross navegava desde a idade de doze anos. Acompanhara seu tio em 1818, na sua primeira exploração das terras árticas; de 1819 a 1827, tomara parte, debaixo das ordens de Parry, em quatro expedições às mesmas paragens, e de 1819 a 1833 fora sempre fiel companheiro de seu tio. Encarregado das observações científicas, descobrira o pólo magnético do norte; enfim, fizera longas excursões a pé e de trenó pelos gelos. Era por conseguinte um dos oficiais da marinha britânica mais habituados às navegações polares.

Confiaram-se-lhe dois navios, o *Erebus* e o *Terror,* e o seu imediato foi um excelente marinheiro, o capitão Francis Rowdond Crozier, companheiro de Parry em 1824, de James Ross em 1835 na baía de Baffin, o mesmo que tinha de acompanhar, com o navio *Terror,* o célebre Franklin na procura da passagem do

Noroeste. Não se podia escolher mais intrépido coração, mais experimentado marinheiro.

As instruções, que foram dadas a James Ross pelo Almirantado, diferiam essencialmente das que tinham sido dadas a Wilkes e a Dumont d'Urville. Para estes a exploração das regiões antárticas era apenas um incidente da sua viagem à roda do mundo; constituía, pelo contrário, o fundo essencial da viagem de James Ross. Devia passar a maior parte dos três anos em que se conservaria longe da Europa nas regiões antárticas e não deixar os gelos senão para reparar as suas avarias e reconstituir as suas tripulações fatigadas ou doentes.

Por isso também os seus navios tinham sido escolhidos expressamente para esse fim; mais fortes que os navios de D'Urville, estavam mais em estado de resistir aos assaltos dos gelos, e as suas aguerridas tripulações tinham sido recrutadas entre os marinheiros familiarizados com as navegações polares.

O *Erebus* e o *Terror,* debaixo do comando de Ross e de Crozier, deixaram a Inglaterra a 29 de setembro de 1859, e tocaram sucessivamente na Madeira, nas ilhas de Cabo Verde, em Santa Helena e no cabo da Boa Esperança, onde se fizeram numerosas observações magnéticas.

A 12 de abril chegava Ross à ilha de Kerguélen e desembarcava logo ali os seus instrumentos. A colheita científica foi abundante; extraíram-se da lava, de que é formada esta ilha, árvores fósseis, e encontraram-se na ilha ricos jazigos de carvão, que esperam hoje ainda quem possa explorá-los. O dia 29 era um dia marcado para explorações simultâneas em diversos pontos do Globo.

Por um acaso singular e feliz, houve nesse dia uma destas tempestades magnéticas que já tinham sido notadas na Europa. Os instrumentos registaram em Kerguélen os mesmos fenómenos que em Toronto, no Canadá, prova da imensa extensão desses meteoros e da incrível rapidez com que se propagam.

À sua chegada a Hobart-Town, onde ele encontrou, como governador, o seu velho amigo John Franklin, Ross soube da descoberta da Terra Adélia e da costa Clarie pelos franceses e do reconhecimento simultâneo das mesmas terras pela expedição americana de Wilkes. Este último até lhe deixara um esboço dos

seus levantamentos da costa.

Mas Ross resolveu-se a entrar nas regiões antárticas pelo 170.º grau este, porque nessa direção Balleny encontrara em 1839 o mar livre de gelos até o 69.º grau de latitude. Dirigiu-se pois para as ilhas Auckland, depois para as Campbell, e depois de ter, como os seus predecessores, bordejado imenso no meio de um mar semeado de ilhas de gelo, chegou, para além dos 62 graus, à extremidade da banquisa, e atravessou ali o círculo polar a 1 de janeiro de 1841.

Quanto aos gelos errantes, não se pareciam de modo algum com os gelos do Pólo Norte, como James Ross pôde facilmente perceber. São blocos imensos, de paredes regulares e verticais. Quanto aos *icefields,* menos lisos do que no norte, têm umas formas elásticas, e estes pedaços, vinte vezes rotos e tomados a ligar, tomam, segundo uma expressão pitoresca de Wilkes, a aparência de uma terra lavrada.

A banquisa não pareceu a James Ross tão formidável como os franceses e os americanos a tinham apresentado. Todavia não pôde arriscar-se a aproximar-se dela e foi obrigado pelo furacão a conservar-se ao largo. Só a 5 é que lhe pôde dar um novo assalto, por 66° 45’ de latitude sul e 174° 16’ de longitude oeste. Desta vez as circunstâncias eram o mais favoráveis possível, visto que o mar e o vento, carregando para cima dela, contribuíam para a deslocar. Graças à força dos seus navios. Ross pôde abrir caminho. Demais, à medida que se internava para o sul, o nevoeiro tornava-se cada vez mais espesso, e quedas continuadas de neve contribuíam para tornar esse caminho extremamente perigoso. Todavia, o que determinava os exploradores a continuar os seus esforços era o ver no céu o reflexo de um mar livre, aparência pouco luminosa, porque a 9, depois de ter percorrido mais de duzentas milhas através da banquisa, entrava definitivamente num «mar desembaraçado.

A 11 de janeiro avistou-se terra a cem milhas pela proa, em 70° 47’ de latitude sul e a 172° 36’ de longitude oeste. Nunca se vira uma terra tão meridional. Eram uns picos de nove mil a doze mil pés de altura, se essas alturas não são exageradas, como poderiam fazê-lo acreditar as observações de

D’Urville na Terra de Graham, picos inteiramente cobertos de neve, e cujas geleiras molham ao longe os pés no mar.

Aqui e acolá negros rochedos rasgavam a neve, mas a costa estava tão eriçada de gelos que foi impossível desembarcar. Esta singular fileira de picos monstruosos recebeu o nome de cordilheira do Almirante, e a própria terra o nome de Vitória.

Ao sueste apareciam algumas pequenas ilhas; dirigiram-se os navios para esse lado, e, a 12 de janeiro, os dois capitães, com alguns dos seus oficiais, desembarcaram numa dessas ilhotas vulcânicas e tomaram posse dela em nome da Inglaterra. Não se mostrou ali nem o menor vestígio de vegetação.

Ross não tardou a reconhecer que a costa oriental da terra grande se inclinava para o sul, enquanto a do norte se desenhava para noroeste.

Seguiu pois ao longo do litoral de leste, procurando fazer todos os esforços para penetrar pelo sul até além do pólo magnético, que fixava no 70.º grau, para voltar depois por oeste e concluir a circum-navegação dessa terra, que considerava como uma grande ilha. A cordilheira continuava ao longo da costa. Ross deu aos píncaros mais notáveis os nomes de Herschell, Wehwell, Wheatstone, Murchison e Melburne; mas, alargando-se cada vez mais os gelos presos à praia, perdeu de vista os pormenores da costa. A 21 de janeiro passava para diante do 74.º grau, a latitude mais austral que até então se atingira.

Algum tempo foram os navios impedidos de caminhar, por nevoeiros, ventanias e violentas rajadas de neve. Continuaram contudo a seguir ao longo da costa. A 27 de janeiro, os marinheiros ingleses desembarcaram numa pequena ilha vulcânica, a que deram o nome de Franklin, situada a 76° 8’ de latitude sul e a 168° 12’ de longitude este.

No dia seguinte avistou-se uma enorme montanha, que se elevava em encostas regulares até doze mil pés de altura acima de uma terra extensíssima. O cume da montanha, regular e inteiramente coberto de neve, envolvia-se, de hora a hora, numa espessa fumarada, cuja largura não tinha menos de trezentos pés de diâmetro, e que media, debaixo da forma de um cone invertido, o dobro na sua

maior altura. Quando ela se dissipava, distinguia-se uma cratera escalvada, iluminada por fogos de uma viva cor vermelha, cujo esplendor se via mesmo em pleno meio-dia. A neve subia até à cratera e foi impossível distinguir o mais leve córrego de lava.

Se a vista de um vulcão é sempre um espetáculo grandioso, o aspeto deste gigante, que excede em altura o Etna e o pico de Tenerife, a sua prodigiosa atividade, a sua situação no meio dos gelos do pólo, não podiam deixar de impressionar vivamente o espírito dos exploradores.

Recebeu o nome de Erebus, e deu-se o nome de Terror, nome do outro navio, a outra cratera extinta, situada a leste da primeira, nomes bem escolhidos, e que são realmente outras tantas imagens.

Os dois navios continuaram a seguir ao longo da terra para o sul, até que uma banquisa, cujos píncaros excediam cento e cinquenta pés os mastros do navio, lhes veio embargar o caminho. Por trás continuava a avistar uma serrania, os montes Parry, que se internavam a perder de vista para su-sueste. Ross seguiu ao longo dessa barreira do lado de leste até 2 de fevereiro, dia em que chegou aos 78° 4’ de latitude, a mais austral desta expedição. Seguira, durante mais de trezentas milhas, a terra que descobrira, quando a largou nos 191° 23’ de longitude este.

Segundo todas as probabilidades, os dois navios não teriam saído da formidável banquisa através da qual, à custa de inauditas fadigas e de perigos sem cessar renascentes, tinham conseguido abrir passagem, se não fossem as fortes brisas que os vieram auxiliar.

A 15 de fevereiro, fez Ross uma nova tentativa, na altura de 76° de latitude sul, para ver se atinava com o pólo magnético. Mas a terra não deixou caminhar os navios, aos 76° 12’, e 164° de longitude este, sessenta e cinco léguas vulgares do sítio onde Ross colocava esse pólo, que o estado ameaçador do mar, o aspeto desolado do país, lhes não consentiam procurar por terra.

Depois de ter ido reconhecer as ilhas descobertas em 1839 por Balleny, Ross achava-se a 5 de março no centro das montanhas indicadas pelo tenente

Wilkes.

«Mas», diz a relação, «longe de se encontrarem montanhas, nem fundo se encontrou a seiscentas braças. Depois de terem corrido em todas as direções e num círculo de cerca de oitenta milhas de diâmetro, em torno desse centro imaginário, com um tempo puríssimo, que deixava ver tudo a grande distância, os ingleses tiveram de reconhecer que, pelo menos, *essa posição de um suposto continente antártico, com as tais duzentos milhas de costas indicadas,* não tem existência real.

O tenente Wilkes foi sem dúvida iludido por nuvens, por enormes bancos de nevoeiro, que nestas regiões enganam facilmente os olhos inexperientes.»

A expedição voltou para a Tasmânia sem ter nem um só doente a bordo, sem ter experimentado nem a mínima avaria. Refez-se ali de forças, regulou os seus instrumentos, e partiu para segunda campanha. Sydney e a baía das Ilhas na Nova Zelândia, a ilha Chatham, foram as primeiras estações onde Ross parou para fazer observações magnéticas.

A 18 de dezembro, por 62° 40’ de latitude sul e 146° de longitude este, encontrou-se a banquisa. Estava mais trezentas milhas a norte do que no ano anterior. Os navios chegavam cedo de mais. Ross nem por isso deixou de ver se rompia esse terrível cinto. Penetrou nele por espaço de trezentas milhas, «mas foi impedido de caminhar por massas de tal modo compactas que lhe tornaram impossível ir mais adiante. Foi só no dia 1 de janeiro de 1842 que atravessaram o círculo polar. A 19 do mesmo mês os dois navios foram assaltados por uma tempestade de uma violência inaudita, no momento em que estavam a entrar no mar livre; o *Erebus* e o *Terror* perderam os lemes, receberam o embate de cachopos flutuantes e durante vinte e seis horas viram-se em risco de ser engolidos pelas vagas.

A prisão da expedição na banquisa não durou menos de quarenta e seis dias. Enfim, a 22, Ross chegou à grande barreira dos gelos fixos, que se abaixara sensivelmente desde o monte Erebus, que não tinha menos de duzentos pés. No sítio onde Ross a encontrava neste ano, tinha apenas cento e sete. Reconheceu-se

essa barreira cento e cinquenta milhas mais para leste do que se reconhecera no ano precedente. Foi esse o único resultado geográfico desta penosa expedição de cento e trinta e seis dias, muito mais dramática do que a primeira.

Os navios dirigiram-se então para o cabo Horn e subiram até ao Rio de Janeiro, onde encontraram tudo aquilo de que precisavam.

Logo que receberam o seu complemento de víveres, tornaram a fazer-se ao mar, e chegaram às Maloínas, de onde partiram, a 17 de dezembro de 1842, para a sua terceira campanha.

Os primeiros gelos foram encontrados nas paragens da ilha Clarence, e a 25 de dezembro achava-se Ross impedido de caminhar pela banquisa. Seguiu então para as Novas Shetland, completou o estudo das terras de Luís Filipe e Joinville, descobertas por Dumont d'Urville, chamou aos montes Addington e Penny, reconheceu que a Terra de Luís Filipe é apenas uma grande ilha e visitou o estreito de Bransfield, que a separa das Shetland.

Tais foram os maravilhosos resultados obtidos por James Ross nas suas três campanhas.

Agora, para se avaliar a parte que cabe a cada um desses três exploradores das regiões antárticas, pode-se dizer que D'Urville foi o primeiro a reconhecer o continente antártico, que Wilkes lhe seguiu as costas durante mais longo espaço, porque se não pode desconhecer a semelhança que oferece o seu traçado com o do navegador francês, enfim, que James Ross visitou a sua parte mais meridional e mais interessante.

Mas esse continente existe na realidade? D'Urville não acredita e Ross ainda menos. Devemos, pois, dar a palavra aos exploradores que hão de caminhar proximamente nas pisadas dos valentes marinheiros cujas viagens e cujas descobertas acabámos de narrar.

II — O Pólo Norte

Tem-se falado por várias vezes no grande movimento geográfico inaugurado por Pedro I. Um dos resultados mais rapidamente alcançados foi a descoberta por Behring do estreito que separa a Ásia da América. O mais importante que se seguiu, a uns trinta anos de distância, foi o reconhecimento no mar polar do arquipélago Liakow ou da Nova Sibéria.

Em 1770, um mercador chamado Liakow viu chegar do norte pelo gelo um grande rebanho de renas. Disse consigo que esses animais não podiam vir senão de algum país onde houvesse pastagens bastante abundantes para os alimentar. Daí a um mês partia de trenó, e, depois de uma viagem de cinquenta milhas, descobriu, entre as embocaduras do Lena e do Indighirka, três grandes ilhas, cujos imensos jazigos de marfim fóssil se tornaram célebres no mundo inteiro.

Em 1809, Hedenstoem fora encarregado de levantar o mapa desta região. Por muitas vezes tinha tentado algumas excursões de trenó pelo mar gelado, e vira-se todas as vezes impedido de caminhar pelos gelos em fusão que não podiam com ele.

Tinha concluído daí que existia um mar livre ao largo, e baseava esta opinião no imenso volume de água quente a dez graus, que os grandes rios da Ásia deitam no mar polar.

Em março de 1821, o tenente (depois almirante) Anjou avançou por meio do gelo até quarenta e duas milhas ao norte da ilha Kotelnoï, e viu a 76° 38’ um vapor que o levou a acreditar na existência de um mar livre. Em outra expedição este mar foi avistado por ele com os seus gelos à toa, e voltou com a convicção de que era impossível avançar para longe por causa da pouca espessura do gelo e da existência desse mar livre.

Enquanto Anjou se entregava a essas expedições, outro oficial de marinha, o tenente Wrangell, colhia lendas e informações preciosas acerca da existência

de uma terra situada pelo través do cabo Yakan.

Do chefe de uma tribo tchouktchi soube, ao que parece, que, perto da costa e de certos recifes colocados na embocadura de um rio, se podem, por um bonito tempo de verão, descobrir a grandíssima distância, para o norte, montanhas cobertas de neve; mas no inverno é impossível vê-las.

Outrora vinham rebanhos de renas desta terra, quando o mar estava preso. O próprio chefe vira uma vez um rebanho de renas voltando para o norte por esse caminho, e seguira-o num trenó, durante um dia inteiro, até que o estado do gelo o obrigou a abandonar a sua empresa.

Seu pai contara-lhe também que um tchouktchi ali fora uma vez com alguns companheiros numa barca de peles, mas não sabia nem o que eles lá tinham encontrado nem o que fora feito deles. Sustentava ele que este país devia ser habitado, e contava a propósito disso que uma baleia morta viera dar à costa na ilha de Aratane, atravessada por lanças de pontas de ardósia, armas de que os Tchouktchis não se servem nunca.

Estas informações eram muito curiosas e aumentaram o desejo de Wrangell de penetrar até esses países desconhecidos; mas tais informações só nos nossos dias tinham de ser verificadas.

De 1820 a 1824, Wrangell, estabelecido na embocadura do Colyma, fez quatro viagens de trenó por meio dos gelos. Primeiro explorou a costa, desde a embocadura do Colyma até ao lago de Tchelagskoi, e teve de sofrer durante essa excursão até 37° de frio.

No segundo ano quis ver a que pontos poderia chegar por meio do gelo, e chegou a 140 milhas da terra.

No terceiro ano, em 1822, Wrangell partiu no mês de maio, a fim de verificar as informações de um indígena, que lhe afirmava a existência de uma terra ao largo. Chegou assim a um campo de gelo, por meio do qual pôde caminhar sem obstáculo. Mais adiante o *icefield,* parecia menos resistente. Sendo então o gelo muito pouco sólido e não podendo carregar com o peso de uma caravana, teve de meter em dois pequenos trenós um bote, umas tábuas e

algumas ferramentas e depois atravessar um gelo quase em fusão, que estalava debaixo dos pés.

«Foi-me necessário», diz Wrangell, «andar primeiro sete *verstas* através de uma camada salina; mais adiante aparece uma superfície sulcada por largas fendas, que não conseguimos atravessar senão com o auxílio das nossas tábuas. Notei nesse sítio pequenos morros de um gelo por tal forma deliquescente que o mais leve contacto bastava para o quebrar, e transformava o morro numa abertura circular. O gelo por cima do qual viajávamos não tinha consistência, tinha apenas um pé de espessura, e o pior é que estava crivado de buracos. Não posso comparar o aspeto do mar nesse momento senão com um imenso pântano, e efetivamente a água lamacenta, que se elevava desses milhares de fendas, que se encontravam em todos os sentidos, e a neve deliquescente, misturada com terra e com areia, esses morros de onde se escapavam numerosos riachos, tudo concorria para tornar a ilusão completa.»

Wrangell afastara-se da costa uns duzentos e vinte e oito quilómetros, e foi nas margens do mar livre da Sibéria que ele tocou, nas margens dessa imensa *polynia*, nome que ele dá a vastas extensões de água livre — já divisada por Leontiew em 1746 e por Hedenstroem em 1810.

Na quarta viagem, Wrangell partiu do cabo Yakan, que é o ponto mais próximo das costas setentrionais.

A sua pequena companha, depois de ter passado para diante do cabo Tchelagskoi, seguiu caminho para o norte, mas uma violenta procela despedaçou o gelo, que tinha apenas três pés de espessura, e pôs os exploradores no maior perigo. Uma vez arrastados em cima de algumas grandes chapas que ainda não estavam rotas, outras vezes meio submergidos num tabuado móvel, que oscilava ou desaparecia completamente, ou então amarrados a algum bloco de gelo, que lhes servia de barca de passagem, enquanto os cães puxavam e nadavam, conseguiram enfim chegar a terra, no meio de pedaços de gelo, que o mar fazia bater uns de encontro aos outros. Não deveram a sua salvação senão à rapidez e ao vigor dos seus cães.

Assim terminaram as tentativas feitas para chegar às terras do norte da Sibéria. O pólo era ao mesmo tempo atacado, por outro lado, com a mesma energia, mas com mais continuidade.

Lembram-se todos do entusiasmo e da perseverança com que tinha sido procurada a famosa passagem do Noroeste. Apenas os tratados de 1815 tornaram necessário o desarmamento de numerosos navios ingleses e a passagem para a inatividade dos seus oficiais, logo o Alimirantado, não querendo interromper a carreira de tantos marinheiros estimáveis, fez todo o possível para lhes dar emprego. Foi nestas circunstâncias que se tornou a procurar a passagem do Noroeste.

O *Alexandre*, de 252 toneladas, e a Isabel, de 385, debaixo do comando de John Ross, oficial experiente, e do tenente William Parry, foram expedidos pelo Governo para explorar a baía de Baffin. Muitos oficiais, James Ross, Back, Belcker, que devia ainda ilustrar-se nas expedições polares, faziam parte das equipagens. Esses navios fizeram-se de vela a 18 de abril, traçaram escala pelas ilhas Shetland, procuraram debalde a terra submergida de Bass, que colocavam a 57° 28’ norte, e logo a 26 de maio tiveram conhecimento dos primeiros gelos. A 2 de junho divisou-se a costa da Gronelândia. Na parte ocidental, pessimamente indicada nos mapas, encontrou-se uma grande quantidade de gelos, e o governador do estabelecimento dinamarquês de Whale-Island assegurou aos ingleses que o rigor dos invernos aumentara sensivelmente nos onze anos que ele já levava de residência nessa terra.

Até então supusera-se que para além de 75° o país era desabitado. Por isso os viajantes ficaram espantados de ver aparecer pelo gelo uma tribo inteira de esquimós. Esses selvagens ignoravam que existisse um povo diferente do seu. Olhavam para os ingleses, sem se atreverem a tocar-lhes, e um deles, dirigindo-se aos navios com voz grave e solene, dizia-lhes:

«Quem sois? Donde vindes? Do Sol ou da Lua?»

Apesar de esta tribo estar em certas coisas muito abaixo dos esquimós, que o longo trato com europeus tem começado a civilizar, conhecia contudo o uso do

ferro, com que alguns dos seus membros tinham conseguido fazer facas. Provinha, ao que se podia perceber, de uma massa de montanhas de onde eles o tiravam; era provavelmente ferro meteórico.

Durante esta viagem toda, e logo que se conheceram os seus resultados na Inglaterra, a opinião pública não se iludiu. Ross, ao lado de predicados náuticos de primeira ordem, dera provas de uma indiferença e de uma leviandade singular. Parece que ligou pouca importância ao encontro da solução dos problemas geográficos que tinham inspirado o armamento da expedição.

Sem as examinar, passou por diante das baías Wolstenholme e das Baleias, assim como diante do estreito de Smith, que se abre ao fundo da baía de Baffin, e a tamanha distância que o não reconheceu.

Mais ainda, quando principiou a descer a costa ocidental da baía de Baffin, um magnífico braço de mar profundamente apertado, cuja largura não era inferior a cinquenta milhas, se ofereceu aos olhares ansiosos dos exploradores. Os dois navios entraram ali a 29 de agosto, mas não tinham caminhado ainda três milhas quando Ross deu ordem para se virar de bordo, com o pretexto de que vira distintamente uma cordilheira de altas montanhas, a que deu o nome de montes Croker, tapar-lhe a extremidade. Esta opinião não foi partilhada pelos seus oficiais, que não tinham avistado nem a mais insignificante colina, pela excelente razão de que o braço de mar em que se acabava de entrar era simplesmente o estreito de Lancaster, assim chamado por Baffin, e que comunica com o mar na direção de oeste.

Sucedeu pouco mais ou menos a mesma coisa a todas as denticulações desta costa, tão profundamente recortada, e a maior parte das vezes ficava-se a tal distância que era impossível verificar a mais ligeira particularidade. Foi assim que, tendo chegado, no dia 1 de outubro, diante da entrada de Cumberland, a expedição não procurou reconhecer um ponto tão importante, e Ross tornou para a Inglaterra, virando as costas à glória que o esperava.

Acusado de leviandade e de negligência, Ross respondia com uma seriedade magnífica:

«Ouso lisonjear-me de ter preenchido, em tudo que era importante, o fim da minha viagem, porque provei a existência de uma baía, que se estende desde Disco até ao estreito de Cumberland, e terminei para sempre a questão relativa a uma passagem ao noroeste, nesta direção.»

Era difícil enganar-se mais completamente. Contudo o malogro desta tentativa nem por sombras desanimou os investigadores. Uns encontraram nela a confirmação brilhante das descobertas do velho Baffin, os outros quiseram ver nessas inumeráveis entradas, onde o mar era tão profundo e a corrente tão forte, como diferentes baías. Para eles eram simplesmente estreitos e não estava perdida ainda toda a esperança de se descobrir a passagem.

O Almirantado, impressionado por estas razões, armou logo dois pequenos navios, a bombarda *Hecla* e o bergantim *Griper.* A 5 de maio de 1819, saíram do Tamisa debaixo do comando do tenente William Parry, que se não mostrara da mesma opinião que o seu chefe acerca da existência da passagem do Noroeste. Os navios, sem incidente extraordinário de navegação, penetraram até ao estreito de Sir James Lancaster; em seguida, depois de terem estado presos sete dias no meio dos gelos acumulados numa extensão de oitenta milhas, entraram nessa baía que devia ser, na opinião de John Ross, fechada por uma cordilheira.

Não só essas montanhas existiam apenas na imaginação do navegador, mas todos os indícios que se encontravam anunciavam, de um modo que não permitia engano, que era um estreito. A trezentas e dez braças não se encontrava fundo, principiava-se a sentir o movimento da vaga; a temperatura da água subira uns seis graus, e num só dia não se encontraram menos de oitenta baleias, todas muito grandes.

Tendo desembarcado a 31 de julho na baía Possession, que haviam visitado no ano precedente, os exploradores lá encontraram ainda impresso o vestígio dos seus passos, o que indicava a pequena quantidade de neve e de geada que caíra durante o inverno.

No momento em que, soltas todas as velas a um vento de feição, os dois navios penetraram no estreito de Lancaster, todos os corações pulsaram com

mais força.

«É mais fácil», diz Parry, «imaginar do que descrever a ansiedade pintada nesse momento em todas as fisionomias, enquanto caminhávamos pelo estreito com uma rapidez sempre crescente, graças à brisa cada vez mais forte; os cestos das gáveas estiveram cobertos toda a tarde de oficiais e de marinheiros, e um observador desinteressado, se em semelhante cena o pudesse haver, ter-se-ia divertido com o ardor com que se recebiam as notícias transmitidas pelos vigias; até então eram todas favoráveis às nossas mais ambiciosas esperanças.»

Efetivamente, as duas praias continuavam paralelamente uma à outra, até onde a vista as podia seguir a mais de cinquenta milhas. A altura das vagas, a ausência do gelo, tudo fazia persuadir os ingleses de que tinham chegado ao mar livre e à passagem tão procurada quando uma ilha, de encontro à qual se amontoara uma massa enorme de gelos, lhes intercetou a passagem.

Contudo, abria-se para o sul um braço de mar, de umas dez léguas de largura. Esperava-se encontrar por ali uma via de comunicação, mas atulhada de gelos. Coisa singular, enquanto se caminhara para oeste pelo estreito de Lancaster, os movimentos da bússola tinham aumentado; agora, que se descia para o sul, o instrumento parecia que perdera toda a ação, e viu-se, «por um curioso fenómeno», o poder dirigente da agulha magnética enfraquecer a ponto que não podia resistir à atração de cada navio, de forma que marcava, a dizer a verdade, o pólo norte do *Hecla* ou do *Griper.*

O braço de mar alargava-se à medida que os navios caminhavam para oeste, e a praia curvava-se sensivelmente para sudoeste; mas, depois de ter andado nessa direção cento e vinte milhas, acharam-se impedidos por uma barreira que os não deixava ir mais adiante. Voltaram por conseguinte ao estreito de Barrow, de que o de Lancaster é apenas o limiar, e tornaram a encontrar livre de gelos esse mar que tinham deixado atulhado deles dias antes.

A 92° 4’ de latitude reconheceu-se uma entrada, o canal Wellington, de cerca de oito léguas de largura, inteiramente desembaraçado de gelos; parecia que não o fechava terra alguma. Todos esses estreitos persuadiram os

exploradores de que navegavam no meio de um imenso arquipélago, e a sua confiança recebeu por isso novo aumento.

Entretanto, a navegação tornara-se difícil por entre as brumas; o número das ilhotas e dos recifes aumentava, os gelos acumulavam-se, mas nada havia que pudesse desanimar Parry na sua marcha para oeste. Numa ilha grande, a que se deu o nome de Bathurst, acharam os marinheiros os restos de algumas habitações de esquimós, assim como pegadas de renas. Fizeram-se nesse sítio observações magnéticas, que levaram à conclusão de que se passara ao norte do pólo magnético.

Não tardou a avistar-se outra ilha grande, Melville, e, apesar dos obstáculos que os progressos da expedição encontravam nas brumas e nos gelos, os navios conseguiram passar para além da ilha para oeste, ganhando assim a recompensa de cem mil libras esterlinas prometidas pelo Parlamento.

Um promontório, situado pouco mais ou menos neste sítio, recebeu o nome de cabo da Munificência, chamou-se a uma enseada, nas proximidades da baía, do Hecla e do Griper. No fundo dessa baía, no Winter-Harbour, passaram os dois navios o inverno. Desarmados, rodeados de chumaços fortes, estavam fechados num invólucro de neve, enquanto no interior haviam disposto fogões e caloríferos. A caça não deu outro resultado que não fosse o de causar a congelação de alguns membros dos caçadores, porque todos os animais, menos os lobos e as raposas, desamparavam a ilha Melville no fim de outubro.

Como se havia de passar essa longa noite de inverno sem enfado?

Foi então que os oficiais tiveram a ideia de montar um teatro, em que se deu a primeira representação em 6 de novembro, exatamente no dia em que o Sol desaparecia para não voltar senão daí a três meses. Em seguida, e depois de terem composto uma peça por ocasião do Natal, em que se aludia à situação dos dois navios, fundaram uma gazeta hebdomadária, a que deram o nome de *Gazeta da Geórgia do Norte e Crónica de inverno (The North Georgia gazette and winter chronicle)*. Esse jornal, cujo redator principal era Sabine, teve vinte e um números e recebeu, à volta, as honras da impressão.

No mês de janeiro apareceu o escorbuto, e a violência da doença inspirou primeiro vivíssimos sustos; mas o uso bem entendido dos antiescorbúticos e a distribuição quotidiana da mostarda branca e dos agriões que Parry conseguira fazer vegetar numa caixa à roda do fogão, cortaram logo o mal pela raiz.

A 7 de fevereiro reapareceu o Sol, e, apesar de terem de passar ainda uns poucos de meses antes de se poder deixar a ilha Melville, principiaram-se os preparativos de partida. A 30 de abril, subiu o termómetro até zero, e os marinheiros, tomando essa temperatura tão baixa por uma temperatura de verão, queriam já largar o fato de inverno. A 12 de maio apareceu o primeiro *ptermigan* e, no dia seguinte, viu-se a pista das renas e das cabras de almíscar, que principiavam a encaminhar-se para o norte. Mas o que causou aos marinheiros uma alegria e uma surpresa completamente extraordinárias foi a chuva que caiu a 24 de maio.

«Estávamos tão desacostumados», diz Parry, «de ver a água no seu estado natural e sobretudo de a ver cair do céu, que esta circunstância tão simples se tornou um verdadeiro objeto de curiosidade. Não houve ninguém a bordo, creio eu pelo menos, que se não apressasse a ir à tolda para observar um fenómeno tão interessante e tão novo.»

Na primeira quinzena de julho, Parry, seguido por alguns dos seus oficiais, fez uma excursão à ilha Melville e chegou à sua extremidade setentrional. Quando voltou, a vegetação aparecia por toda a parte, o gelo principiava a desagregar-se, tudo anunciava que a partida se poderia efetuar proximamente. Efetuou-se no dia 1.° de agosto; mas ao largo ainda os gelos se não tinham derretido, e os navios não puderam ir para leste senão até à extremidade da ilha Melville. O ponto mais extremo a que chegou Parry nessa direção está situado a 74° 26’ 25” de latitude norte e a 113° 46’ 43” de longitude. Operou-se a volta sem incidente, e, no meado de novembro, estavam os navios em Inglaterra.

Os resultados desta viagem eram importantes; não só se reconhecera uma imensa extensão das regiões árticas, mas haviam-se feito observações de física e de magnetismo, e tinham-se colhido, acerca dos fenómenos do frio, do clima

ártico, da vida animal e vegetal dessas regiões, documentos completamente novos. Numa só viagem, Parry acabava de obter mais resultados do que haviam de alcançar em trinta anos todos os que lhe iam seguir as pisadas.

O Almirantado, satisfeito com os resultados tão importantes obtidos por Parry, confiou-lhe em 1821 o comando de dois navios, o *Hecla* e o *Fury*, este último construído pelo modelo do *Hecla.*

Desta vez o navegador explorou as praias da baía de Hudson e visitou com o maior cuidado as costas da península Melville, que é bom que se não confunda com a ilha do mesmo nome. Invernou-se na ilha Winter, na costa ocidental dessa península, e recorreu-se aos mesmos divertimentos que tinham dado bons resultados na viagem precedente. Mas a diversão maior que houve para a monotonia do inverno foi a visita de um destacamento de esquimós, que apareceu no dia 1 de fevereiro, através dos gelos. As suas choças, que se não tinham avistado, estavam assentes na praia; foram-se visitar e dezoito meses de relações mais constantes com a tripulação contribuíram para dar desses povos, do seu modo de viver, do seu caráter, uma ideia muito diferente da que se formava até então.

Mas o reconhecimento dos estreitos do Fury e do Hecla, que separam a península Melville da Terra de Cockburn, obrigou os viajantes a passar segundo inverno nas regiões árticas. Se se arranjou tudo com mais conchego, passou contudo o tempo com menos alegria, por causa da deceção profunda que os oficiais e marinheiros tinham tido por se verem obrigados a parar, quando tencionavam seguir o seu caminho pelo estreito de Béringue.

A 12 de agosto entreabriram-se os gelos. Parry queria mandar os seus navios para a Europa e continuar por terra a exploração da região que descobrira, mas teve de ceder às representações do capitão Lyon, que lhe mostrou a temeridade desse plano desesperado. Os dois navios voltaram por conseguinte para a Inglaterra depois de uma ausência de vinte e sete meses, tendo perdido apenas cinco homens de cento e dezoito, apesar de terem passado dois Invernos consecutivos nas regiões hiperbóreas.

Sem dúvida os resultados desta segunda viagem não eram tão valiosos como os da primeira; não deixavam contudo de ter o seu preço. Ficara-se sabendo que a costa da América não se estende para além do 70.° grau, que o Atlântico comunica com o mar polar por uma infinidade de estreitos e canais, a maior parte tapados, como os do Fury, do Hecla e de Fox, por barreiras de gelo que as correntes acumulam.

Se os gelos encontrados na extremidade sueste da península pareciam permanentes, não parecia suceder o mesmo com os gelos da entrada do Príncipe Regente. Havia por conseguinte probabilidades de se poder penetrar por ali na bacia polar. O *Fury* e o *Hecla* foram por conseguinte mais uma vez armados e confiados a Parry.

Essa viagem foj a menos feliz de todas as que empreendeu esse hábil marinheiro, não porque se mostrasse inferior a si mesmo, mas foi vítima de acasos infelizes e de circunstâncias desfavoráveis. Assaltado, por exemplo, na baía de Baffin, por uma abundância desusada de gelos, teve o maior trabalho para chegar ao estreito do Príncipe Regente. Talvez se a estação lhe houvesse permitido chegar três semanas mais cedo, pudesse ter conseguido a costa da América, mas assim não pôde senão tomar as disposições necessárias para a invernagem.

Já não era uma eventualidade temível para esse oficial experimentado o ter de passar um inverno no círculo polar. Conhecia as precauções que havia a tomar para conservar a saúde da sua tripulação, para lhe criar até um certo bem-estar, para lhe arranjar essas ocupações e essas distrações que tão poderosamente contribuíam para diminuir o comprimento de uma noite de três meses.

Cursos regidos por alguns oficiais, mascaradas e representações teatrais, um calor constante de 50° Fahrenheit, mantiveram os homens em tão perfeita saúde que, quando, a 20 de janeiro de 1825, o degelo permitiu a Parry continuar as suas operações, não tinha a bordo nem um só doente.

Pôs-se a seguir ao longo da costa oriental do Príncipe Regente, mas os gelos flutuantes aproximaram-se e fizeram recuar o navio para a praia. O *Fury*

ficou tão avariado que, apesar de quatro bombas sempre em movimento, mal se podia conservar a nado.

Parry tentou repará-lo depois de o içar para cima de um enorme banco de gelo; sobreveio uma tempestade, quebrou o abrigo temporário do navio, e arrojou-o para a praia, onde foi indispensável abandoná-lo definitivamente. A sua tripulação passou para bordo do *Hecla,* que depois dessa catástrofe teve de voltar para Inglaterra.

A alma de tão rija têmpera de Parry ficou ainda insensível a este último desastre. Se era quase impossível chegar ao mar polar por este caminho, não haveria outro? O vasto espaço do mar que se estende entre a Gronelândia e o Spitzberg não ofereceria um caminho menos perigoso, eriçado com esses enormes icebergues que só nas costas se formam?

As mais antigas expedições nestas paragens, de que haja narrativa, são as de Scoresby, que frequentou por muito tempo esses mares à procura da baleia. Em 1806 chegou ao norte a uma grande altura, até à qual ainda se não chegara por esse caminho e em navio. Achava-se, efetivamente, a 24 de maio, a 91° 30’ de latitude e 16° de longitude este de Paris, quer dizer, quase ao norte do Spitzberg. O gelo estendia-se para és-nordeste. Entre esta direção e a de sueste, o mar estava completamente livre numa extensão de trinta milhas e não havia terra à distância de cem milhas.

É para lastimar que o baleeiro não julgasse dever aproveitar esse estado tão notável do mar para avançar para o norte. Não é duvidoso que haveria feito alguma descoberta importante, se não tivesse chegado ao próprio pólo.

O que as exigências da sua profissão tinham impedido Scoresby de executar resolvera Parry tentá-lo.

Partiu de Londres a bordo do *Hecla* a 27 de março de 1827, chegou à Lapónia norueguesa, embarcou em Hammerfest cães, renas e escaleres, e continuou o seu caminho para o Spitzberg.

O porto de Smeeremburg, onde ele queria entrar, estava ainda atulhado de gelos, e o *Hecla* continuou a lutar com eles até 27 de maio.

Parry, abandonando então o seu navio no estreito de Hinlopen, avançou para o norte em dois escaleres, que levavam, com Ross e Crozier, cada um deles doze homens e setenta e um dias de víveres. Depois de ter estabelecido um depósito de víveres nas Sete Ilhas, pôs em trenós, que tinham sido feitos de um modo especial, as suas embarcações e as suas provisões. Esperava poder assim atravessar a barreira dos gelos sólidos, e encontrar mais para além um mar, se não completamente livre, pelo menos navegável.

Mas a banquisa não formava, como Parry imaginava, um todo homogéneo. Umas vezes tinham de se atravessar uns largos charcos, outras vezes os trenós tinham de trepar a umas colinas abruptas. Por isso não se percorreram em quatro dias senão 14 quilómetros para o norte.

A 2 de julho, por um espesso nevoeiro, marcava o termómetro 1° 7’ acima de zero à sombra e 8° 3’ ao sol.

A marcha nesta superfície escabrosa, cortada a cada instante por braços de mar, era excessivamente penosa, e a vista dos viajantes cansava-se com a esplendente reverberação de luz.

Apesar desses numerosos obstáculos, Parry e os seus companheiros avançavam sempre com intrepidez, quando perceberam a 20 de julho que tinham chegado apenas a 92° 37’, quer dizer, a nove quilómetros apenas mais ao norte do que três dias antes. A banquisa nesse caso fora decerto arrastada para o sul por uma forte corrente, porque tinham a certeza de ter andado nesses três dias pelo menos vinte e dois quilómetros no gelo.

Parry escondeu primeiro esse resultado desanimador à tripulação, mas não tardou a ser evidente para todos que se não subia para o norte senão a diferença de duas velocidades opostas, a que os viajantes empregavam para atravessar todos os obstáculos acumulados debaixo dos seus pés, e a que arrastava o *icefield* em sentido contrário.

A expedição chegou contudo a um sítio onde a banquisa, meio rota, não podia já nem com os homens nem com os trenós. Era uma acumulação prodigiosa de gelos, que, levantados pelas ondas, embatiam uns nos outros com

uma bulha assustadora. Os víveres estavam gastos, os marinheiros desanimados; Ross estava ferido, Parry padecia cruelmente com uma inflamação dos olhos, enfim, o vento, que estava sendo contrário, impelira os ingleses para o sul. Não houve remédio senão voltar para trás.

Essa excursão audaciosa, durante a qual o termómetro não desceu para baixo de 2° 2', poderia ter tido êxito se houvesse sido empreendida quando a estação estivesse menos adiantada. Os viajantes, se houvessem partido mais cedo, teriam podido subir para além de 92° 4', não teriam encontrado sem dúvida o obstáculo da chuva, da neve e da humidade, sintomas evidentes do degelo estival.

Quando Parry voltou para bordo do *Hecla*, soube que este navio correra os maiores perigos. Impelidos por um vento violentíssimo, os pedaços de gelo tinham partido as amarras, e atirado à costa o navio, que encalhara. Levantando-se depois, fora conduzido à entrada do estreito de Waygat.

Parry seguiu com felicidade o seu caminho até às Órcades, desembarcou nestas ilhas e regressou a Londres a 30 de setembro.

Enquanto Parry procurava uma passagem pela baía de Baffin ou de Hudson, a fim de chegar ao Pacífico, muitas expedições haviam sido organizadas para completar as descobertas de Mackenzie e determinar a direção da costa setentrional da América.

Parecia que estas viagens não deviam apresentar grandíssimas dificuldades, ao passo que os resultados podiam ser consideráveis para os geógrafos e muito vantajosos para os marinheiros. O comando de uma expedição foi confiado a um oficial de merecimento, Franklin, cujo nome se tornou justamente célebre. O Dr. Richardson e Jorge Back, então *midshipman* da marinha, o acompanhavam com mais dois marinheiros.

Chegando a 30 de agosto de 1819 à feitoria de Iorque, nas margens da baía de Hudson, depois de terem colhido dos caçadores de peles todos os esclarecimentos que lhes podiam ser úteis, os exploradores partiram a 9 de setembro e entraram a 22 de outubro em Cumberland-House, situada a 690

milhas. A estação estava quase a acabar. Franklin dirigiu-se, contudo, com Jorge Back, ao forte Chippewayan, na extremidade ocidental do lago Atabasca, a fim de vigiar os preparativos da expedição, que se devia fazer no verão imediato. Esta viagem de 857 milhas foi feita no coração do inverno, com temperaturas de 40 a 50 graus abaixo de zero.

No princípio da primavera, o Dr. Richardson uniu-se no forre Chippewayan com o resto da expedição, que partiu, a 18 de julho de 1820, na esperança de chegar, antes da má estação, a um ponto confortável de hibernação, na embocadura do Coppermine. Mas era necessário contar. mais do que fizera Franklin e os seus companheiros, com as dificuldades do caminho, assim como com os obstáculos produzidos pelo rigor da estação.

As quedas de água, os recifes dos rios e dos lagos, a raridade da caça, demoraram tanto os viajantes que a 20 de agosto, quando os lagos principiavam a cobrir-se de gelo, os guias canadianos começaram a queixar-se e, quando principiaram a ver fugir para o sul os bandos de patos bravos, recusaram-se a ir mais adiante. Franklin, apesar do despeito que lhe causou tanta má vontade, teve de renunciar aos seus projetos, e construir no sítio em que estava, quer dizer, a 550 milhas do forte Chippewayan, nas margens do rio Winter, uma casa de madeira, que recebeu o nome de forte Entreprise. Estava situada a 64° 28’ de latitude e 118° 6’ de longitude.

Logo que ali se estabeleceram, trataram os viajantes de reunir o maior número de provisões que lhes foi possível, e com a carne da rena fabricaram esse manjar que é conhecido em toda a América do Norte com o nome de *pemmican.* Ao princípio foi considerável o número de renas que apareceu; não se contavam menos de duas mil num dia, mas isso o que provava era que esses animais emigravam para regiões mais clementes. Por isso, apesar de se haver preparado a carne de cento e oitenta desses quadrúpedes, apesar de se encontrar um suplemento de alimentação nos produtos do rio próximo, essas provisões, embora consideráveis, foram insuficientes.

Tribos inteiras de índios, ao saberem da chegada dos brancos àquele sítio,

tinham vindo estabelecer-se às portas do forte, e passavam a vida a mendigar e a explorar os recém-chegados. Por isso os pacotes de cobertores, de tabaco e de outros objetos de troca pouco tardaram a esgotar-se.

Franklin, inquieto por não ver aparecer a expedição que o devia reabastecer, resolveu expedir, a 18 de outubro, Jorge Back, com uma escolta de canadianos, para o forte Chippewayan.

Semelhante viagem, a pé, no meio do inverno, exigia uma dedicação maravilhosa, de que podem dar alguma ideia as linhas seguintes:

«Tive», diz Back ao voltar, «o prazer de encontrar os meus amigos todos de saúde, depois de uma ausência de cerca de cinco meses, durante os quais eu percorrera mil cento e quatro milhas com sapatos para neve e sem outro abrigo à noite nos bosques a não ser um cobertor de uma pele de gamo, quando o termómetro descia muitas vezes a 40, e uma vez a 57 graus abaixo de zero. Sucedia-me às vezes passar dois ou três dias sem tomar o mínimo alimento.»

Os que tinham ficado no forte padeceram igualmente um frio intensíssimo, inferior ainda a 3 graus ao que Parry sofrera na ilha Melville, apesar de estar esta situada a 9 graus mais perto do pólo. Os efeitos desta temperatura rigorosa não se faziam sentir unicamente nos homens. As árvores ficaram geladas até ao coração do lenho, a ponto de os machados se partirem, sem poderem abrir um corte só que fosse.

Dois intérpretes da baía Hudson haviam acompanhado Back ao forte Entreprise. Um deles tinha uma filha, que passava por ser a mais formosa criatura daquelas paragens; por isso, apesar de ter apenas dezasseis anos, já tivera dois maridos. Um dos oficiais ingleses tirou-lhe o retrato, com grande desespero da mãe, que tinha medo de que o rei de Inglaterra, ao contemplar essa fria imagem, se apaixonasse pelo original.

A 14 de julho de 1821, o Coppermine apareceu desgelado o bastante para ser navegável Os expedicionários embarcaram imediatamente, apesar de terem os víveres quase completamente acabados. Felizmente havia caça numerosa nas margens verdejantes do rio, e mataram-se bois almiscarados em quantidade

suficiente para alimentar a expedição toda e os índios.

Chegou-se à foz do Coppermine a 18 de julho. Os índios, com medo de encontrar os esquimós, seus inimigos, voltaram logo para o forte Entreprise, ao passo que os canadianos mal se atreviam a arrojar as suas frágeis embarcações a este mar furioso.

Franklin resolveu-os contudo a arriscarem-se, mas não pôde ir para além da ponta do Regresso, por 68° 30’ de latitude, promontório que formava a abertura de um golfo profundo, semeado de ilhas numerosas, a que Franklin deu o nome de golfo da Coroação de Jorge IV.

Franklin principiara a subir o rio Hood quando o fez parar uma cascata de 250 pés; teve de seguir o resto do caminho por terra, no meio de neve que tinha mais de dois pés de espessura, num país estéril e completamente desconhecido.

É mais fácil imaginar do que descrever as fadigas e os padecimentos dessa viagem de regresso. Franklin entrou de novo no forte Entreprise a 11 de outubro, num estado de completa prostração, porque havia cinco dias que não comera coisa alguma. O forte estava abandonado. Sem provisões, doente, parecia que era inevitável a morte de Franklin. No dia seguinte, contudo, pôs-se à busca dos índios e daqueles seus companheiros que ele precedera, mas era tão espessa a neve que não teve remédio senão regressar ao forte.

Durante dezoito dias viveu sustentando-se apenas com uma espécie de massa feita com os ossos e as peles da caça que fora morta no ano precedente. A 29 de outubro, o Dr. Richardson aparecia enfim com John Hepburn, mas sem os outros membros da expedição. Ao tornarem a encontrar-se, ficaram dolorosamente impressionados com a sua magreza, a alteração da sua voz e a sua fraqueza, que parecia menos duvidoso sinal de um próximo fim.

«O Sr. Dr. Richardson», diz Cooley, «trazia bem desagradáveis notícias. Durante os dois primeiros dias que se tinham seguido à separação em três partes da coluna, o seu destacamento nada encontrara que se pudesse comer. No terceiro dia, Miguel aparecera com uma lebre e uma perdiz, que tinham repartido uns com os outros. O dia imediato passou-se ainda numa fome absoluta. A 11,

Miguel ofereceu aos seus companheiros um quarto de carne, que ele lhes disse que fora cortada de um lobo, mas adquiriram eles depois a convicção de que era a carne de um dos desgraçados que abandonaram o capitão Franklin para vir ter com o Dr. Richardson. Miguel cada dia se tornava mais insolente e mais frio. Desconfiou-se fortemente de que ele tinha nalgum sítio um depósito de alimentos que reservava para si só. Hepburn, estando entretido a cortar lenha, ouviu a detonação de um tiro de espingarda, e, olhando para o sítio de onde vinha o barulho, viu Miguel correr para a tenda. Logo depois encontraram o Sr. Hood morto. Tinha uma bala na nuca, e ninguém pôde duvidar de que fora Miguel o seu assassino. Desse momento em diante, mostrou-se mais desconfiado, mais impudente do que nunca, e como tinha mais força do que os ingleses que haviam sobrevivido, como demais a mais estava bem armado, viram que não havia outra salvação para eles senão a morte dele. Resolvi-me, diz Richarason, logo que me convenci de que esse ato horrível era necessário, a assumir toda a responsabilidade dele, e, quando Miguel voltava a ter connosco, acabei-lhe os seus dias, fazendo-lhe saltar os miolos.»

Muitos dos índios que haviam acompanhado Franklin e Richardson tinham morrido de fome, e os dois chefes iam segui-los, a poucos intervalos, ao túmulo, quando enfim, a 7 de novembro, três índios, enviados por Back, trouxeram os primeiros socorros. Logo que se sentiram mais vigorosos, os dois ingleses partiram para o estabelecimento da Companhia, onde encontraram Jorge Back, a quem, por duas vezes, na mesma expedição, deviam a vida.

Os resultados desta viagem, que abrange cinco mil e quinhentas milhas, eram da mais alta importância para a geografia; as experiências de magnetismo, os estudos de meteorologia, e a costa da América, numa imensa extensão, fora seguida até ao cabo Turn-Again.

Apesar de tantas fadigas e de tantos padecimentos, suportados com tamanha intrepidez, os exploradores estavam prontos a recomeçar a sua viagem e a tentar chegar uma vez ainda às praias do mar polar.

No fim de 1823, Franklin recebeu ordem de reconhecer a costa a oeste do

rio Franklin. Todos os agentes da Companhia tiveram de preparar provisões, canoas e guias e de se pôr à disposição dos exploradores, eles e os seus recursos.

Recebido com benevolência em Nova Iorque, Franklin chegou a Albany, indo pelo rio Hudson, subiu o Niágara desde Livingstone até à famosa queda de água, chegou ao forte de S. Jorge à beira do Ontário, atravessou o lago, desembarcou em Iorque, capital do Alto Canadá, depois, passando pelos lagos Simsoe, Huron e Superior, onde vinte e quatro canadianos se lhe uniram, encontrou, a 27 de junho de 1825, as embarcações no rio Methyse.

Enquanto o Dr. Richardson fazia o levantamento da costa oriental do lago do Grande Urso, e enquanto Back vigiava os preparativos da hibernação, Franklin chegou à embocadura do Mackenzie. A navegação foi facílima e o viajante não encontrou obstáculo algum, a não ser no delta do rio. O oceano estava desembaraçado de gelos, baleias negras e brancas e focas brincavam à superfície das vagas. Franklin desembarcou na ilha Garry, cuja posição foi determinada a 69° *2’* de latitude e 135° 41’ cie longitude, observação preciosa que provava o grau de confiança que se devia conceder aos levantamentos de Mackenzie.

Efetuou-se o regresso sem dificuldade alguma, e a 7 de setembro os viajantes entraram no forte a que o Dr. Richardson dera o nome de forte Franklin. Passou-se o inverno em divertimentos, folganças e bailes, em que tomavam parte canadianos, ingleses, escoceses, esquimós e índios de quatro tribos diferentes.

A 22 de junho partiu-se, e a 4 de julho chegou-se à bifurcação onde se separam os braços do Mackenzie. Ali a expedição separou-se em dois destacamentos, que foram a leste e a oeste explorar as plagas polares. Apenas Franklin saiu do rio, logo, numa grande baía, encontrou um bando imenso de esquimós. Estes, ao princípio, mostraram uma alegria exuberante, mas não tardaram a tornar-se ruidosos e procuraram apoderar-se das embarcações. Os ingleses deram, nestas circunstâncias, provas de extrema paciência e conseguiram evitar efusão de sangue.

Franklin reconheceu e denominou Clarence o rio que separa as possessões da Rússia das possessões da Inglaterra. Um pouco mais adiante recebeu um novo rio o nome de Canning. A 16 de agosto, não se encontrando aí senão a meio caminho do cabo Gelado, e caminhando o inverno rapidamente, Franklin voltou atrás e penetrou no magnífico rio Peei, que tomou pelo Mackenzie. Só reconheceu o seu engano vendo a leste uma cordilheira. A 21 de setembro voltava ao forte, depois de ter, em três meses, percorrido duas mil e quarenta e oito milhas e feito o levantamento de trezentas e setenta e quatro milhas da costa americana.

Quanto a Richardson, esse avançara por um mar profundo, menos atulhado de gelos e no meio de esquimós brandos e hospitaleiros. Reconheceu as baías Liverpool e Franklin, descobriu defronte da embocadura do Coppermine uma boca que não está separada do continente senão por um canal de umas vinte milhas de largura, a que deu o nome de Wollaston. A 7 de agosto, as embarcações, tendo chegado ao golfo da Cerração, já explorado numa excursão precedente, voltaram atrás, e tornaram no dia 1 de setembro ao forte Franklin, sem terem sofrido nem o mais leve desastre.

Arrastados pela exposição das viagens de Parry, tivemos de deixar por um momento de parte as que fazia na mesma época John Ross, que, depois da sua estranha exploração da baía de Baffin, ficara sendo muito mal visto pelo Almirantado.

John Ross desejava vivamente reabilitar a sua reputação de intrepidez e de habilidade. Se o Governo já não tinha confiança nele, encontrou pelo menos em Félix Booth um rico armador, que não hesitou em confiar-lhe o comando do navio a vapor *Vitória*, em que partiu, a 25 de Majo de 1829, para a baía de Baffin.

Quatro anos se esteve sem notícias desse corajoso navegador, e, quando ele voltou, soube-se que a colheita das suas descobertas era tão opulenta como a que fizera Parry na sua primeira expedição.

Entretanto, pelos estreitos de Barrow, de Lancaster e do Príncipe Regente,

John Ross foi ter ao sítio onde, quatro anos antes, o *Fury* fora abandonado.

Continuando o seu caminho para o sul, John Ross invernou na angra Félix — assim chamada em honra do promotor da expedição — e ali soube que as terras que acabava de reconhecer formavam uma imensa península, ligada pelo sul com a América.

No mês de abril de 1830, James Ross, sobrinho do chefe da expedição, partiu num escaler para reconhecer essas costas, assim como as da Terra do Rei Guilherme.

Em novembro não houve remédio senão invernar de novo, porque não tinham podido fazer subir o navio senão algumas milhas para o norte, e estabeleceram-se na angra Sheriff. O frio foi excessivo e, de todos os Invernos que os marinheiros da *Vitória* passaram entre os gelos, foi o mais rigoroso.

O verão de 1831 foi consagrado a diversos reconhecimentos, que demonstraram a ausência de comunicação entre os dois mares. Ainda desta vez somente se conseguiu fazer avançar o navio algumas milhas para o norte, até à angra da Descoberta. Mas, depois de um novo inverno muito frio, não houve remédio senão renunciar a tirá-lo da sua prisão gelada.

Muito contentes por terem encontrado as provisões do *Fury*, o que lhes evitou morrerem de fome, os ingleses esperaram, no meio de um abatimento cada dia maior, de privações, de padecimentos incríveis, a volta do novo estio. No mês de julho de 1833, os quartéis de inverno foram definitivamente abandonados, partiu-se por terra para o estreito do Príncipe Regente, para o de Barrow, e desembocava-se nas praias do mar de Baffin, quando apareceu um navio. Era a *Isabel*, que o próprio Ross comandara outrora, e que recebeu os náufragos da *Vitória*.

Entretanto, a Inglaterra não abandonara os seus filhos, e todos os anos enviava uma expedição à sua procura. Em 1833, foi Jorge Back, o companheiro de Franklin. Partindo do forte Revolução, nas margens do lago do Escravo, avança para o norte, e, depois de ter descoberto o rio Thloni-Tcho-Déseth, toma os seus quartéis de inverno e dispõe-se a ir no ano seguinte para o mar polar,

onde se imagina Ross preso, quando tem conhecimento da inacreditável volta deste oficial.

No ano imediato, o mesmo explorador reconhece a fundo o belo rio dos Peixes, que descobrira no ano precedente, e avista as montanhas da Rainha Adelaide, assim como as pontas Broth e James Ross.

Em 1836 está à frente de uma nova expedição, que, desta vez, se faz por mar, e tenta debalde ligar entre si as descobertas de Ross e de Franklin. Esta tarefa estava reservada a três oficiais da Companhia da Baía de Hudson, os Srs. Peter William, Dease e Tomás Simpson.

Partiram a 1 de junho de 1837, do forte de Chippewayan, e, descendo o Mackenzie, chegaram a 9 de julho à borda do mar, pelo qual puderam avançar, por 71° 3’ de latitude e 156° 46’ de longitude, até um cabo que recebeu o nome de Jorge Simpson, governador da Companhia.

Tomás Simpson continuou a caminhar para oeste por terra com cinco homens até à ponta de Barrow, que um dos oficiais de Beechey já vira, vindo do estreito de Béringue.

O reconhecimento da costa americana, desde o cabo Turn-Again até ao estreito de Béringue, estava portanto completo.

Não restava por conseguinte desconhecido senão o espaço compreendido entre a ponta Ogle e o cabo Turn-Again: foi esta a tarefa de que se incumbiram os exploradores na campanha seguinte.

Partiram em 1838 do Coppermine, seguiram a costa para leste e chegaram a 9 de agosto ao cabo Turn-Again; mas, como os gelos não permitiam aos escaleres o dobrá-lo, Tomás Simpson invernou, descobriu a Terra Vitória, e a 12 de agosto de 1839, chegando ao rio de Back, prosseguiu até ao fim do mês na exploração de Boothia.

A linha das costas estava por conseguinte definitivamente determinada, à custa de quantos esforços, de quantas fadigas, de quantos sacrifícios e de quanta dedicação! Mas quão pouco vale a vida humana quando se compara com os progressos da ciência! Quanto desinteresse e quanta paixão precisam de ter esses

sábios, esses marinheiros, esses exploradores, que abandonam tudo quanto constitui a ventura da existência para o progresso dos conhecimentos humanos e para o desenvolvimento científico e moral da humanidade!

***

Com a narrativa destas últimas viagens, com que se conclui a descoberta da Terra, termina esta obra, que principiou com a história das tentativas dos primeiros exploradores.

A configuração do Globo está agora conhecida, a tarefa dos exploradores está concluída. A terra, que o homem habita, já lhe é agora familiar; só lhe resta utilizar os imensos recursos das regiões cujo acesso se lhe tornou fácil ou de que soube apoderar-se.

Como é fértil em ensinamentos de todo o género esta história de vinte séculos de descobertas! Lancemos uma vista de olhos para trás e resumamos a largos traços os progressos efetuados durante esta longa série de anos.

Se tomamos o mapa-múndi de Hecatéa, que vivia quinhentos anos antes da era cristã, o que vemos?

O mundo conhecido abrange apenas a bacia do Mediterrâneo. A terra, tão profundamente desfigurada nos seus contornos, é representada apenas por uma parte mínima da Europa meridional, da Ásia interior e da África setentrional. Em torno destas terras volteia um rio sem princípio nem fim, que tem o nome de Oceano.

Coloquemos agora ao lado deste mapa, venerável monumento de ciência antiga, um planisfério que nos representa o mundo em 1840. Na imensidade do Globo, o que Hecatéa conhecia, e ainda assim muito imperfeitamente, constitui agora apenas uma nódoa quase impercetível.

Com estes pontos de partida e de chegada, podemos avaliar a imensidade dos descobrimentos.

Imaginai agora quantas informações de todo o género pressupõe o

conhecimento de todo o Globo e ficareis ainda maravilhados diante do resultado dos esforços de tantos exploradores e de tantos mártires, abrangereis a utilidade destas descobertas e as relações íntimas que unem a geografia a todas as outras ciências. Tal é o ponto de vista em que as deveis colocar, para compreenderdes todo o alcance filosófico de uma obra a que se dedicaram corajosamente tantas gerações.

Seguramente são motivos de ordem bem diferente que atuaram em todos estes descobridores.

Primeiro a curiosidade natural do proprietário, que deseja conhecer em toda a sua extensão o domínio que possui, medir-lhe as porções habitáveis, delimitar-lhe os mares; depois são as exigências de um comércio ainda na infância, que permitiram contudo transportar até à Noruega os produtos da indústria asiática.

Com Heródoto, o fim levanta-se e é já o desejo de conhecer a história, os costumes, a religião dos povos estrangeiros.

Depois, com as cruzadas, cujo resultado mais certo foi o de vulgarizar o estudo do Oriente, é para um pequeno número o desejo de arrancar aos infiéis o teatro da paixão de um Deus; para a maior parte é a sede de rapina e o atrativo do desconhecido.

Se Colombo, procurando um novo caminho para ir ao país das especiarias, encontra a América no seu caminho, os seus sucessores já não vão animados senão pelo desejo de enriquecer rapidamente. Quanto eles diferem desses nobres portugueses, que sacrificam os seus interesses particulares à glória e à prosperidade colonial da sua pátria, e morrem mais pobres do que eram no momento em que foram investidos de funções que eles deviam honrar!

No século XVI o desejo de escapar à perseguição religiosa e à guerra civil arroja ao Novo Mundo esses huguenotes e sobretudo esses quacres que, assentando as bases da prosperidade colonial da Inglaterra, deviam transformar a América.

O século imediato é colonizador por excelência. Na América os Franceses,

nas Índias os Ingleses, na Oceânia os Holandeses estabelecem feitorias, enquanto os missionários se esforçam por conquistar para a fé de Cristo e para as ideias modernas o imutável Império do Meio.

O século XVIII, preparando o caminho à nova época, retifica os erros acreditados, levanta minuciosamente a planta dos continentes e dos arquipélagos e aperfeiçoa, numa palavra, as descobertas dos seus predecessores. À mesma tarefa se dedicam os exploradores modernos, que desejam não deixar escapar aos seus levantamentos o menor canto de terra nem a mais pequena ilhota. A esta preocupação é que obedecem também esses intrépidos navegadores, que vão explorar as gélidas solidões dos dois pólos e rasgam o último pedaço do véu que por tanto tempo escondera o Globo às nossas vistas.

Assim, pois, tudo está conhecido, classificado e catalogado com o seu competente rótulo.

Mas será enterrado o resultado de tantos trabalhos nalgum atlas cuidadosamente levantado, aonde só o irão buscar os sábios de profissão?

Não! Esse globo, conquistado por nossos pais à custa de tantas fadigas e de tantos perigos, pertence-nos a nós utilizá-lo, dar-lhe valor. A herança é tão bela que não podemos deixar de a aproveitar! A nós, por todos os meios que o progresso das ciências põe à nossa disposição, compete estudar, arrotear, explorar!

Acabem os terrenos baldios, acabem os desertos que não podem atravessar-se, acabem os rios inúteis, os mares insondáveis e as montanhas inacessíveis!

Os obstáculos, que a natureza nos opõe, suprimamo-los. Os istmos de Suez e de Panamá incomodam-nos? Cortemo-los. O Sara impede-nos de ligarmos a Argélia com o Senegal? Arrojemos-lhes um *railway.* Separa-nos o oceano da América? Liguemo-nos com ele por um cabo elétrico. O Passo de Calais impede dois povos, que nasceram para viver ambos em harmonia, de trocarem um cordial aperto de mão? Abriremos no fundo do estreito um prodigioso caminho de ferro.

Eis a nossa tarefa, a tarefa dos nossos contemporâneos. Será por acaso menos bela que as dos nossos antecessores, porque não a tentou ainda escritor algum de renome?

Quanto a nós, esse assunto, apesar de ser muito atraente, sairia do quadro que tínhamos traçado a nós próprios. Quisemos escrever a história da descoberta da Terra, escrevemo-la. Está por conseguinte terminada a nossa obra.